JORNALISMO EM TRANSFORMAÇÃO

No único texto assinado por Irineu Marinho na primeira edição do GLOBO, em 29 de julho de 1925, ele citava os "instrumentos modernos de trabalho" da empresa, dava garantias sobre a "independência com que vamos agir", destacava as "responsabilidades decorrentes da atitude que assumimos" e encerrava confiante em sua contribuição para "o futuro esplêndido a que a nossa pátria tem direito". Esses princípios — inovação, isenção, qualidade e crença no Brasil — acompanham O GLOBO neste século em que o jornal fundado por Irineu se transformou no maior do país. Ao longo de cadernos especiais, a trajetória centenária do GLOBO é celebrada em uma série de textos e imagens sobre nossa própria história, que se misturam com reportagens que pensam o futuro do Brasil, do mundo e da imprensa. É um trabalho de profunda reflexão sobre o papel do jornal na sociedade e de renovação do nosso compromisso com o leitor.

JORNALISMO EM TRANSFORMAÇÃO

ARTIGO

JOÃO ROBERTO MARINHO, JOSÉ ROBERTO MARINHO E ROBERTO IRINEU MARINHO

Um século de compromisso com o leitor e o futuro

Centenários costumam nos convidar a olhar para trás, a revisitar memórias, a celebrar conquistas. É legítimo e necessário. Mas hoje, ao marcarmos os cem anos do GLOBO, queremos ir além e usar este momento para projetar o futuro. Porque um período tão longo não representa apenas longevidade — significa renovação contínua, adaptação e, sobretudo, capacidade de permanecer relevante em um mundo em constante transformação.

É uma postura que vem de longe. Em 29 de julho de 1925, nosso avô Irineu Marinho dava início a uma jornada que transcenderia sua própria vida: a criação do GLOBO. Ela nasceu da coragem de recomeçar, de olhar para a frente mais do que para o passado. Após perder o controle de seu projeto anterior, o jornal A Noite, Irineu reuniu antigos companheiros e, munido de convicção e experiência, lançou um novo vespertino.

O destino reservaria a ele pouquíssimo tempo para testemunhar o início de sua criação. Menos de um mês depois de lançar o jornal, aos 49 anos, nosso avô partiu, deixando um legado ainda em construção. Coube a nosso pai, Roberto Marinho, primeiro como um jovem aprendiz e depois como líder visionário, transformar aquele jornal não apenas em um veículo de comunicação, mas em um dos pilares da história brasileira. Sob sua liderança, O GLOBO transcendeu as fronteiras do papel e se tornou a semente de um grupo de comunicação que cresceria junto com o Brasil: rádio, editora, televisão, internet, streaming.

Hoje, ao marcarmos os cem anos do GLOBO, queremos ir além e usar este momento para projetar o futuro

Costumamos dizer que, diante de todas essas revoluções tecnológicas, a nossa tradição foi sempre acolher o novo com otimismo e com a atitude de dar os passos com a urgência que a situação requer, mas com a responsabilidade que o desejo de progredir exige. É por isso que repetimos mais uma vez que não sabemos exatamente como será o futuro do setor, mas sabemos que estaremos nele. Esta convicção nos orienta em tempos de incerteza e transformação.

Hoje, com alegria, nos damos conta de que cada um de nós participou ativamente da vida do Grupo Globo em mais da metade dos seus 100 anos. Antes de vivenciarmos as outras empresas do grupo, e de liderá-las, foi na Redação do jornal que demos os primeiros passos, ainda adolescentes. Como iniciantes, observamos o ritmo frenético dos fechamentos, o comprometimento dos repórteres, o cuidado dos editores, a precisão dos revisores. Aprendemos na prática, no dia a dia, os valores que sustentariam não apenas nossas carreiras como homens de imprensa e empresários, mas nossa visão de mundo.

Em todo esse período, participamos de transformações profundas também no jornalismo. Acompanhamos a transição das linotipos para o offset; das máquinas de escrever para os computadores; da edição solitária do jornal impresso para atualizações minuto a minuto em tablets e no celular; das fotografias reveladas em laboratório para as imagens digitais instantâneas. Em cada um desses desafios, O GLOBO soube se reinventar sem jamais perder sua essência. Porque entendemos, desde sempre, que a tecnologia não é um fim em si mesmo, mas uma ferramenta a serviço da informação.





Três tempos. A sede atual, inaugurada em 2017 na Rua Marquês de Pombal, a anterior (acima, na Rua Irineu Marinho 35), e o primeiro endereço (no alto, à direita), que ficava no Largo da Carioca

CUSTODIO COIMBRA

O GLOBO foi o primeiro jornal brasileiro a publicar uma telefoto, em 1936; o primeiro a ter radiofoto colorida, em 1959; um dos primeiros grandes veículos a se informatizar; e, em 1996, um dos precursores na internet. Cada avanço tecnológico não era adotado por modismo, mas como forma de aprimorar aquilo que é nossa razão de existir: a capacidade de informar com qualidade, rapidez e precisão.

O que significa isso? Significa entender que o jornalismo não é apenas uma atividade profissional, mas uma metodologia de conhecimento. Assim como a história, o jornalismo é uma maneira específica de captar, organizar e compreender o mundo. Com seus métodos próprios, suas técnicas de apuração, sua ética e seus critérios, o jornalismo produz um primeiro conhecimento sobre os fatos e as pessoas. Um conhecimento que, por definição, é ainda imperfeito e provisório — um rascunho da história, como já se disse — mas que, justamente por sua proximidade com o tempo presente, é fundamental para a vida em democracia.

No mundo atual, marcado pela proliferação da desinformação nas redes sociais, essa função torna-se ainda mais crucial. As plataformas digitais criaram um ecossistema onde qualquer pessoa pode se tornar emissora de conteúdo — o que é, em si, uma conquista democrática. Mas também gerou uma cacofonia onde fatos e opiniões se confundem, onde informações falsas circulam com a mesma velocidade das verdadeiras, onde a emoção frequentemente se sobrepõe à razão.

Nesse cenário, o jornalismo profissional representa um porto seguro. Não porque seja infalível — erramos, como qualquer atividade humana —, mas porque opera com métodos transparentes, com compromisso ético e com disposição para corrigir seus próprios equívocos. Enquanto as redes sociais se baseiam em algoritmos que privilegiam o engajamento a qualquer custo, o jornalismo profissional se guia por critérios de relevância, precisão e interesse público.

Ao longo de cem anos, o Grupo Globo foi construído sobre esses alicerces. Como empresa familiar, temos a vantagem de pensar no longo prazo, sem nos deixarmos guiar pelas pressões imediatistas do mercado. Nosso compromisso é com a continuidade de valores que atravessam gerações. Empresas familiares bem conduzidas, como acreditamos ser o caso do Grupo Globo, têm esta virtude distintiva: a capacidade de manter princípios que não se medem em trimestres, mas em décadas.

Essa perspectiva de longo prazo nos permitiu criar um ambiente onde o jornalismo pode florescer em sua melhor forma: independente, plural, vigilante. Nosso pai sempre defendeu a diversidade nas redações, sabendo que o melhor antídoto contra o subjetivismo é o confronto respeitoso de ideias diferentes. Os jornalistas do GLOBO não pensam todos da mesma forma — e isso é uma força, não uma fraqueza. A resultante dessa pluralidade interna é um jornalismo mais equilibrado, mais nuançado, mais próximo da complexidade do real.

Se hoje podemos celebrar um século de existência, é porque essa fórmula funcionou, ainda que de maneira imperfeita. Ao longo dessa jornada, O GLOBO atravessou regimes políticos distintos, crises econômicas, transformações sociais profundas. Nessa trajetória, como qualquer instituição, acertamos e erramos. Houve momentos em que fallhamos, decisões que, vistas em retrospectiva, tomaríamos de forma diferente. Reconhecer esses erros, como já fizemos explicitamente, é parte do nosso compromisso com a transparência. Mas é justamente essa capacidade de autocrítica e correção de rumo que nos permitiu seguir em frente, sempre guiados pelas mesmas bússolas: o compromisso com os fatos, o respeito ao leitor, a defesa da democracia e a crença no Brasil.

Hoje, essa tradição centenária é continuada por uma nova geração. Nossos filhos, entre eles Paulo Daudt Marinho e Roberto Marinho Neto, que ocupam posições de liderança no grupo, e outros tantos que, como nós no passado, estão se aperfeiçoando no Grupo Globo, trazem o olhar renovado e a energia necessária para enfrentar os desafios contemporâneos. Como seus antecessores, eles entendem que o patrimônio de uma empresa de comunicação não são apenas seus ativos financeiros ou tecnológicos, mas também sua credibilidade — conquistada dia a dia, notícia a notícia, em uma relação de confiança com o público.

Em 2003, após o falecimento de nosso pai, publicamos um editorial que expressa um princípio fundamental: "A obra de Roberto Marinho partiu de um ideal dele, mas só pôde ser concretizada porque foi o resultado de uma aliança entre jornalistas, artistas, escritores, profissionais da cultura e o povo brasileiro". Esta aliança, construída ao longo de décadas, é o que nos trouxe até aqui. E é ela que nos impulsionará pelos próximos cem anos.

ARQUIVO O GLOBO





Liderança. Irineu Marinho, fundador do jornal (no alto), foi sucedido no comando da redação por seu filho mais velho, Roberto Marinho (acima)

Quando olhamos para trás, vemos uma história construída por muitas mãos. Impossível não pensarmos em nossos tios, Ricardo e Rogério Marinho, e nos nossos primos, Ana Luiza Marinho e Luiz Eduardo Vasconcelos, que, ao nosso lado e do nosso pai, viveram intensamente, por dentro, a história do GLOBO. Impossível não pensarmos nos diretores de todas as áreas da empresa ao longo dos anos, nos diretores de redação, nos editores, repórteres, gráficos, fotógrafos, motoristas, atendentes, técnicos, designers, programadores, leitores — todos contribuíram para fazer do GLOBO um veículo respeitado, relevante e, sobretudo, comprometido com o Brasil. E quando olhamos para frente, vemos desafios imensos, mas também oportunidades extraordinárias de reinvenção e crescimento.

O jornalismo que fazemos hoje não é o mesmo de 1925, nem poderia ser. O mundo mudou, o Brasil mudou, os leitores mudaram. Mas os valores essenciais permanecem: a busca incessante pela verdade, o compromisso com a pluralidade, a coragem de dizer o que precisa ser dito.



O mundo mudou, o Brasil mudou, os leitores mudaram. Mas os valores essenciais permanecem

Em um tempo em que as certezas se fragmentam e as referências comuns se diluem, o papel do jornalismo se torna ainda mais vital. Não como portador de verdades absolutas, mas como espaço de construção coletiva de sentido. Um espaço onde fatos são distinguidos de opiniões, onde complexidades não são reduzidas a simplificações, onde o diálogo prevalece sobre o sectarismo.

Olhar para o futuro, neste momento centenário, significa reconhecer que o jornalismo de amanhã terá ferramentas, formatos e desafios que ainda mal conseguimos vislumbrar. A inteligência artificial e as novas formas de interação digital, embora já em uso por nossos veículos, estão apenas começando a mostrar seu potencial. Mas também significa reafirmar que, seja qual for a tecnologia, seja qual for a plataforma, nossa missão permanecerá a mesma: oferecer ao público informação confiável e análise profunda.

Este é o compromisso que renovamos hoje, ao celebrar o centenário do GLOBO. Um compromisso com o Brasil, com a democracia, com o jornalismo em sua expressão mais nobre. Um compromisso que honra o passado e abraça o futuro, com a mesma paixão pela comunicação que animou os primeiros dias deste jornal.

O GLOBO faz cem anos hoje. A história continua amanhã.



JORNALISMO EM TRANSFORMAÇÃO

NOSSA HISTÓRIA

ACERVO



Início da carreira. Na primeira sede do GLOBO, no Largo da Carioca, Roberto Marinho (ao centro) se reúne com os colaboradores Henrique Gigante (à esquerda) e Herbert Moses

ANDRÉ MIRANDA
andre.miranda@oglobo.com.br

'Os olhos da comunicação devem estar sempre voltados para o futuro'

Roberto Marinho herdou O GLOBO de seu pai aos 20 anos, transformou o jornal num dos maiores grupos de mídia do mundo e é reconhecido como uma das figuras mais relevantes do Brasil no século XX

Em cem anos, o jornalista mais presente na história do GLOBO foi Roberto Marinho — durante seis anos como repórter e outras funções na Redação e mais 72 como diretor daquele que se tornou o maior jornal do país. É uma longevidade que não diz respeito apenas ao jornal fundado por seu pai, mas que se confunde e ajudou a moldar a imprensa brasileira.

Roberto Marinho nasceu em 3 de dezembro de 1904, em uma casa no Estácio, Rio de Janeiro, quando o Brasil ainda vivia sob os ecos da recém-proclamada República. Mais velho dos seis filhos do jornalista Irineu Marinho e de Francisca Pisani Marinho, ele cresceu vendo o pai se tornar um dos mais respeitados jornalistas e empresários da então capital federal. Seu maior empreendimento havia sido o vespertino A Noite, fundado em 1911, mas cuja propriedade foi perdida para os sócios, no início de 1925, ao final de uma viagem que Irineu fizera com a família para a Europa, a fim de tratar da saúde. Quatro meses depois, ele fundou O GLOBO em 29 de julho, e foi ali que Roberto iniciou sua carreira, aos 20 anos. Irineu, no entanto, morreu logo, em 21 de agosto, vítima de um ataque cardíaco.

Ainda jovem e sem experiência suficiente, Roberto Marinho não assumiu imediatamente a direção do jornal, tarefa que ficou com Eurycles de Mattos até 1931. Foi então que, com apenas 26 anos, assumiu definitivamente o comando da redação e da empresa, num momento conturbado da história brasileira, com a ascensão de Getúlio Vargas que culminaria na ditadura do Estado Novo em 1937.

Ao longo das décadas seguintes, Roberto Marinho se notabilizou por conhecer profundamente todas as etapas da produção do GLOBO. Durante décadas, ele manteve o hábito de ir cedo para o jornal, mesmo após o crescimento dos negócios e a fundação das demais empresas do Grupo Globo, como a Rádio Globo em 1944, a Rio Gráfica e Editora em 1952 (rebatizada de Editora Globo em 1986), a TV Globo em 1965, a gravadora Som Livre em 1969 (vendida para a Sony Music em 2021) e a Globosat em 1991 (incorporada pela Globo em 2019).

— O que caracterizava o Dr. Roberto era a postura, o modo de trabalhar e a forma como lidava com os funcionários. Eu nunca o vi levantando a voz, ele deixava todos muito à vontade. Muito da influência dele vinha do modo como ouvia as pessoas — lembra o editor José Mario Pereira, amigo de Marinho.

Essa influência ultrapassou os limites do jornalismo e do entretenimento. Roberto Marinho era figura ativa na vida cultural e política brasileira, dialogando com artistas, intelectuais e líderes das mais diversas correntes, mas deixando claro ser um homem com visões liberais e empenhado em defender os interesses de suas empresas.

Por consequência, seu posicionamento gerou ruídos políticos com adversários. Carlos Lacerda (governador da Guanabara entre 1960 e 1965) e Leonel Brizola (governador do Rio de Janeiro entre 1983 e 1987 e entre 1991 e 1994) foram alguns dos antagonistas famosos, que repetidamente discordavam e atacavam Roberto Marinho publicamente. No entanto, na ocasião de sua morte, em 2003, Brizola esteve presente ao velório e afirmou: "Embora existissem grandes diferenças entre nós, ele nunca me negou espaço".

Certamente nenhuma crítica é mais frequente do que a direcionada a Marinho pelo apoio ao golpe de 1964 e por sinais favoráveis ao regime nos 20 anos de ditadura militar — um erro inegável e que foi assumido pelo GLOBO em editorial em 2013.

Esse apoio, contudo, não foi incondicional. Roberto Marinho sempre deixou claro seu descontentamento com a censura e a perseguição, protegendo seus jornalistas das ameaças do regime. Num episódio famoso, chegou a enviar a folha salarial completa do jornal aos militares que solicitaram a "lista de comunistas" da empresa. Ao ser questionado pelo governo ditatorial, ele respondeu: "Ué, mas quem tem que descobrir os comunistas são vocês". É nessa época que ele teria falado a célebre frase "dos meus comunistas cuido eu".

— O noticiário do GLOBO na ditadura é marcado por ambivalência, o que é comum em jornais em períodos de repressão — afirma Leonencio Nossa, autor de "O poder está no ar" e "A Globo na ditadura", os dois primeiros volumes já lançados de uma trilogia sobre Roberto Marinho. — Ele em diversos momentos apareceu ao lado de ditadores para evitar que seu negócio sofresse represálias. Mas também abrigou uma geração muito talentosa de profissionais que fez um trabalho fenomenal em expor o regime militar.

Ao lado de talentos que atraía para suas empresas, Marinho transformou a TV Globo em uma potência nacional, apostando no crescimento do mercado publicitário e nos avanços tecnológicos. As novelas da Globo se misturaram com a cultura dos brasileiros e suas transmissões esportivas se tornaram rotina, da mesma forma como o jornalismo dos veículos de Marinho se firmaram como fundamentais para a difusão de informação no país.

Por seus feitos, ele foi eleito para Academia Brasileira de Letras em 1993, e recebeu outras dúzias de prêmios e honrarias ao redor do mundo, como dois Emmys e dois prêmios Maria Moors Cabot, esse último um dos principais do mundo no jornalismo, oferecidos pela Universidade de Columbia.

Em paralelo, Marinho manteve uma vida pessoal tão dinâmica quanto sua carreira profissional. Famoso pela boemia na juventude, praticava caça submarina e hipismo, esportes que manteve até uma idade avançada.

Casou-se pela primeira vez aos 42 anos, com Stella Goulart, com quem teve quatro filhos: Roberto Irineu, Paulo Roberto (morto num acidente de carro em 1970), João Roberto e José Roberto Marinho. A vida familiar extensa incluiu ainda outros dois casamentos (com Ruth Albuquerque em 1979, e Lily de Carvalho em 1991), muitos netos e bisnetos.

No fim da vida, seguiu com o hábito de ler jornais e acompanhar os demais negócios de seus veículos, mas passou a dedicar mais tempo à Fundação Roberto Marinho, criada em 1977 para desenvolver projetos de educação e preservação de patrimônio.

Roberto Marinho morreu em 6 de agosto de 2003, aos 98 anos. Seu velório, na famosa casa do Cosme Velho que hoje abriga um centro cultural com seu nome, reuniu dúzias de amigos, políticos, jornalistas e colaboradores que reconheceram sua relevância para a sociedade brasileira.

Sua trajetória é lembrada como um reflexo não apenas do crescimento do GLOBO, mas da própria evolução da imprensa no Brasil. Jornalista por ofício e paixão, Roberto Marinho sintetizou a essência de um século de jornalismo brasileiro, com todas as suas contradições, desafios e glórias.

Em 1980, foi tema de um programa na TV francesa, para o qual foi entrevistado. Na ocasião, disse: "Hoje, tenho a serena certeza de que, em um país em desenvolvimento, os olhos da comunicação devem estar sempre voltados para o futuro".



ANDRÉ MIRANDA
é editor executivo do GLOBO

Coordenação: André Miranda. **Editora:** Mànya Millen. **Editores assistentes:** Gustavo Alves e Pedro Tinoco. **Redatores**: Aydano André Motta, Bernardo Araujo, Carolina Morand, Lucila de Beaurepaire e Lucila Soares.
Direção de arte: Alvim. **Projeto gráfico:** Alvim e Télio Navega. **Diagramação:** Ana Scott, Gustavo Amaral e Télio Navega. **Coordenação fotográfica:** Paulo Moreira.
Infografia e arte: Renata Amoedo, Renato Carvalho, Vinicius Machado e William Mur. **Pesquisa:** Luciana Barbio Medeiros e Paulo Luiz Carneiro.



O Rio mudou. Cresceu. Evoluiu. Mudaram os bairros, o Carnaval, o jeito de torcer. Viramos a primeira cidade da América Latina a sediar uma Olimpíadas, um destino que o mundo todo quer visitar, sede de novas startups, casa do Museu do Amanhã, do Porto Maravilha, final de duas Copas do Mundo, centro de investimentos em tecnologia de dados, cidade de parques e da maior floresta urbana do mundo. E a Prefeitura do Rio continua trabalhando para que mais notícias como estas sejam a principal manchete nos próximos anos.

PREFEITURA RIO
A SERVIÇO DE TODO CARIOCA

JORNALISMO EM TRANSFORMAÇÃO



Estratégia. Novo autoritarismo enxerga a imprensa como alvo

ARTE DE GUSTAVO AMARAL COM FOTOS DE AGÊNCIA OGLOBO E AFP

JORNALISMO EM TEMPOS EXTREMOS

Analistas enfatizam, como princípio básico da democracia, o direito do leitor de se manter bem informado. Revolução digital é debate obrigatório no mundo

EDUARDO GRAÇA
eduardo.graca@oglobo.com.br
SÃO PAULO

O direito de se manter bem informado é um princípio essencial da democracia. A premissa, defendida por especialistas e profissionais da imprensa ouvidos pelo GLOBO, reforça o papel central do jornalismo na sociedade contemporânea, especialmente em um contexto de transformações tecnológicas e ameaças aos regimes democráticos.

— E apenas a imprensa profissional é capaz de cumprir essa missão com responsabilidade — afirma Martin Baron, ex-editor do Washington Post e hoje conselheiro da Carnegie Corporation of New York.

Referência global no tema, o jornalista americano lembra ainda que garantir o acesso à informação relevante, a partir de critérios éticos e objetivos, é fundamental para fortalecer as bases democráticas.

Outro ponto urgente, aponta o professor da USP Eugênio Bucci, é se debruçar sobre a importância da produção, do consumo e da monetização da notícia a partir de uma régua ética inegociável. Bucci destaca a necessidade de se pautar pela objetividade na identificação e na transmissão da informação relevante, mantendo clareza na oposição incessante às vozes antidemocráticas.

— O papel do jornalista do século XXI é, portanto, não só o de guardião, mas o de ator central da democracia — sintetiza Bucci, também ex-presidente da Radiobrás.

E a urgência destacada por Bucci se dá em meio a um novo capítulo da revolução digital iniciada há pouco mais de três décadas: a entrada da inteligência artificial, acrescenta Rosental Calmon Alves, fundador e diretor do Knight Center for Journalism in the Americas. Com seus enormes riscos e oportunidades, a IA se converte em debate obrigatório também no ambiente jornalístico, cuja argamassa segue sendo o fato, o real, o autêntico.

ALVO PRIORITÁRIO

Para Calmon Alves, esse protagonismo singular é a razão pela qual regimes autoritários, tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil, veem o jornalismo como alvo prioritário. O professor da Universidade do Texas ilustra a constatação com os bastidores de uma das primeiras entrevistas de fôlego de Donald Trump já em sua encarnação política, em 2016, pouco após a Convenção Nacional do Partido Republicano, que o homologou candidato à Presidência dos EUA para enfrentar a ex-senadora Hillary Clinton, do Partido Democrata.

Com a câmera ainda desligada, a renomada repórter Lesley Stahl, da rede CBS, perguntou ao entrevistado o motivo de Trump ter escolhido a imprensa como uma das vilãs de sua campanha. Mais tarde, ela revelaria que o futuro presidente dos EUA foi direto: "Eu o faço com o objetivo de desacreditar vocês, de diminuir vocês no conceito dos americanos. Assim, quando surgirem as inevitáveis histórias negativas sobre mim, ninguém acreditará na imprensa".

A aparente falta de sofisticação da argumentação do republicano revela, no entanto, a compreensão do *entertainer* de que o que estava em disputa no ambiente da comunicação era o que a população compreende como verdade. Trump optou por se aproveitar politicamente da cacofonia de vozes em busca de atenção nas múltiplas esferas do universo digital, notadamente as redes sociais. O fez como poucos e, como lembra Calmon Alves, foi devidamente imitado por populistas de direita mundo afora.

> "Devemos nos debruçar sobre esse novo ecossistema midiático em formação e tentar nos adaptar a ele"
> **Rosental Calmon Alves, fundador do Knight Center for Journalism in the Americas**

A observação é endossada por Eugênio Bucci. Ele destaca como a relevância do jornalismo profissional só cresceu no momento histórico atual, que desmente a percepção de regimes democráticos como garantia no mundo ocidental contemporâneo.

Nesse contexto, marcos simbólicos — como o centenário de grandes instituições jornalísticas, a exemplo do celebrado neste ano pelo GLOBO — oferecem oportunidade de reflexão tanto sobre os fundamentos que sustentam a liberdade de imprensa quanto o papel da informação na construção de uma sociedade livre.

O ecossistema midiático contemporâneo, destaca Calmon Alves, empoderou todas as pessoas, inclusive políticos, partidos e movimentos extremistas que antes dependiam da intermediação da imprensa para chegar aos cidadãos e eleitores:

— O paradoxo é que isso, no entanto, não nos faz menos necessários para a sociedade. Ao contrário. É verdade que O GLOBO chega aos 100 anos em cenário mais complicado do que nunca para o jornalismo profissional, posto que ele é exercido a partir de processos, métodos e princípios éticos limitadores de nossa atuação em relação a outras dessas vozes. E que não queremos que ele se transforme na mesma retórica de quem nos ataca, mas buscamos o tempo todo novas formas de nos comunicar com a audiência. E a melhor resposta ainda é, creio, fazer mais jornalismo de qualidade, como, aliás, prega Martin Baron. É o que ele repetia no primeiro governo Trump: "we are not at war, we are at work" (*"não estamos em guerra, estamos fazendo nosso trabalho", em tradução livre*).

Trabalho que, afirma Bucci, permanece singular até mesmo no arcabouço necessário para o funcionamento e a manutenção da democracia. A rotina de informar criticamente a sociedade, com independência, só a imprensa profissional pode fazer. Nem o Ministério Público, nem a ciência, nem a academia, cumprem esse papel, frisa. Daí importância crucial do jornalismo para o exercício da democracia:

— Os últimos anos provam que preservar a democracia é um trabalho árduo, caro, e fadado ao fracasso sem a imprensa profissional — diz Bucci. — Não estamos a salvo de novas tentativas autoritárias. A sociedade deve entender que, sem jornalismo, não há nem referências para o exercício dos direitos dos cidadãos, nem a fundamental fiscalização do poder. E precisamos compreender que nós, jornalistas, somos também construtores dessa democracia. Que não pode jamais haver ponto de equilíbrio, para nós, entre ela e a ditadura. Não há equidistância entre o discurso defensor da democracia e o que a ataca. Nesse caso, o jornalismo tem um lado claro. E profissionais e veículos não podem brincar em serviço.

Bucci lembra que o centenário de um jornal com alcance nacional permite aos leitores algo cada vez mais raro em tempos de consumo imediatista de produção de histórias nas redes sociais: observar o que nos rodeia em perspectiva.

— Vivemos um tempo em que passado e futuro ficam confinados enquanto há uma concentração do tempo presente, algo próprio da era do espetáculo e do entretenimento. Diminuem-se radicalmente as oportunidades de ver as coisas em perspectiva. O jornal se tornou, hoje, um elemento insubstituível, mais necessário do que nunca, para essa visão de perspectiva. Você olha o passado do GLOBO e entende o Brasil, vê como ele se comportou em certas circunstâncias, e isso precisa necessariamente fazer parte dessas comemorações. Elas são, para o pensamento, uma função essencial. Daí, inclusive, a necessidade de se destacar a importância do trabalho que o jornal tem feito com seu próprio acervo — afirma o professor da USP.

As edições impressas do GLOBO desde 1925, pontua, documentam "o rascunho da História do Brasil, com a precisão da época:

— E isso tem enorme importância, ao oferecer um manancial de informação para se analisar aquele instante, agora com o olhar de hoje. Isso é a definição de perspectiva, de profundidade de campo na História. É um trabalho hercúleo fazer o que o jornal se propõe. Neste sentido, ele é um documento único de perspectiva histórica. Embora seja um entusiasta e consumidor dos avanços tecnológicos, torço para que o impresso siga, justamente por isso.

O GLOBO celebra os 100 anos no momento em que a inteligência artificial generativa já transforma o ecossistema midiático — e, como aponta Calmon Alves, "de uma forma ainda mais profunda do que a revolução digital dos últimos 30 anos". Mas a inevitável entrada do não-humano no ambiente das ideias e das notícias, argumentaram os três pensadores ouvidos pelo GLOBO, também acena com a capacidade de oferecer oportunidades únicas a serem bem aproveitadas nas próximas décadas.

— Há um valor importante a ser reforçado neste centenário de um jornal que, desde o início, viu, ano a ano, máquinas substituírem o trabalho humano nas mais diversas funções e, ainda assim, sempre contou, como diferencial e razão de ser, com o artesanal, a assinatura, o autoral. Cada vez mais, no jornalismo também, o "Rolex" se diferenciará do "relógio produzido aos borbotões", mesmo se for uma ótima imitação. Já é possível, por exemplo, pedir que a IA produza uma coluna com o estilo da Ruth de Aquino para o Segundo Caderno. O resultado pode até ficar parecido, mas não será a Ruth jamais — afirma Alves.

Eugênio Bucci, por sua vez, afirma que o caminho será tortuoso, ainda que fascinante, para que os jornalistas profissionais se mantenham relevantes no próximo século e adiante.

— Para a imprensa, a questão agora é que esse tipo de ferramenta traz embutido um concentrado de preconceitos e valores subjetivos que, nas outras revoluções tecnológicas por que ela passou, não existiam. Uma Redação que se valerá da IA também será de alguma maneira tomada pela inteligência artificial. Ao se buscar informações por meio dela, também se fornece informação para a a IA — diz.

VALORES ÉTICOS

Rosental Calmon Alves lembra ser preciso procurar entender a revolução tecnológica sem medo de adotar o que for necessário, mas mantendo os valores éticos que caracterizam o ofício e o papel da imprensa profissional na sociedade:

— Devemos compreender bem tudo o que vivemos nestes 30 anos de jornalismo digital para nos debruçar sobre esse novo ecossistema midiático em formação e tentar nos adaptar a ele. Há 25 anos, eu dizia que iríamos passar da era dos meios de massa para a da massa de meios. Que as pessoas seriam empoderadas com características comunicacionais que, antes, eram privilégio dos meios de comunicação profissional, e isso, de fato, aconteceu. Quando me apontavam como um ciberentusiasta, eu até concordava, mas respondia que não era, definitivamente, um ciberutópico. Sabia que poderia acontecer essa cacofonia que vivemos agora, após anos de redes sociais. Não sejamos tímidos nem hesitantes. Podemos examinar os erros cometidos na adaptação ao digital e nos preparar para o que vem aí, abraçando a IA de forma crítica, criativa, ética.

Bucci também vê na emergência da IA exemplo exato para se estabelecer um paralelo entre a defesa, pelo jornalismo profissional, da democracia e da regulação das big techs. O estado democrático, afinal, vive da regulação para a convivência entre as pessoas e as forças econômicas. E, ao contrário de outras inovações tecnológicas que perpassaram a imprensa desde sua fundação, a IA não é apenas mais uma ferramenta, como mostram pesquisas que investigam o preconceito e a parcialidade dos cérebros eletrônicos.

— Lidamos, agora, com uma força descomunal e fora do alcance de qualquer esforço regulatório. Defender a regulação das big techs é tão importante para o jornalismo quanto defender a democracia — afirma Bucci.

O especialista sublinha que os métodos da imprensa são transparentes, enquanto os das big techs, não:

— Uma vez mais, neste caso, temos lado. Não podemos, nos próximos cem anos, nos tornar simples acessórios de uma engrenagem maior e alheia ao processo democrático. Esse debate é obrigatório, tão difícil quanto fascinante. O bom é que ainda podemos pautar a discussão, e uma de nossas prioridades, daqui para a frente, será olhar criticamente para o tema, exatamente como fizemos, com sucesso, em relação às forças autoritárias que ameaçam a sociedade.



ALLISON ROBBERT/AFP/30-5-2025

ENTREVISTA

Martin Baron/ JORNALISTA

Ex-diretor do Washington Post (2012-2021) e do Boston Globe (2001-2012)

EDUARDO GRAÇA eduardo.graca@oglobo.com.br

IMPRENSA PODE FAZER DIFERENÇA NA ERA DA FRAGMENTAÇÃO

Martin Baron, 70 anos, se tornou editor-chefe do Boston Globe em 2001, após passar por Miami Herald, Los Angeles Times e The New York Times. Um ano depois, sob seu comando, o diário mais importante da Nova Inglaterra revelou os seguidos abusos sexuais de menores de idade cometidos por membros da Igreja Católica, no estado de Massachusetts. As reportagens renderam o prêmio Pulitzer, além de "Spotlight: Segredos revelados" — vencedor do Oscar de melhor filme em 2016 — e, não menos relevante, incentivaram outras vítimas a contarem suas histórias e forçaram o Vaticano a encarar, de forma mais incisiva, crimes desgraçadamente repetidos em paróquias não apenas nos Estados Unidos, mas mundo afora.

Uma década depois, já no comando da redação do Washington Post, Baron se viu no centro da aquisição, pelo fundador da Amazon, o bilionário Jeff Bezos, de uma das joias da coroa do jornalismo americano. E justamente no momento em que a indústria se debatia sobre como seguir relevante após a entrada das grandes corporações de tecnologia no já complexo xadrez das notícias. Em seu livro "*Collision of power: Trump, Bezos and the Washington Post*" ("Choque de Poderes: Trump, Bezos e o Washington Post", em tradução livre), ele reflete sobre os embates e transformações da prática jornalística após a entrada em cena de personagens atípicos neste meio, entre eles políticos autoritários com retórica anti-imprensa. Abaixo, os principais trechos da entrevista:

Uma das argamassas da república americana é a ideia de que a democracia moderna não sobrevive sem a imprensa livre. Mas o oposto também é verdadeiro, não?
A imprensa profissional livre é fundamental para uma sociedade de fato democrática, assim como não há uma sociedade autoritária sequer com registro de imprensa independente. É importante lembrarmos o leitor de que é muito difícil reconquistar a democracia após ela ser retirada. E que os princípios centrais do jornalismo incluem o policiamento e a denúncia de todos os indivíduos, especialmente os políticos.

A maneira como se cobriu a primeira campanha presidencial de Donald Trump, há dez anos, foi apontada como uma das causas para seu rápido crescimento nas pesquisas. A imprensa deveria ter feito um mea culpa?
Se houve erro, o cometemos antes de Trump aparecer nas escadarias da Trump Tower em 2015 (quando anunciou a candidatura).

Qual foi?
O de termos sido incapazes de antecipar um candidato como ele. De não ter medido adequadamente a temperatura da opinião pública, a dimensão da raiva e do ressentimento contra as ditas elites, em que a imprensa estava incluída.



Exemplo. Martin Baron, na redação do Washington Post, em 2017: sob sua gestão, o jornalismo investigativo foi peça essencial para o modelo de negócio do jornal

JUSTIN T. GELLERSON / NYT / 18-5-2017

A cobertura jornalística se afastou dos interesses do cidadão comum?
Estabeleceu-se a percepção de que não entendemos quem eles são, não compreendemos seus valores. E há legitimidade para essa argumentação. Nos EUA, um terço dos eleitores se informa majoritariamente por amigos e famílias, outra porção o faz nas redes sociais e apenas o terço final tem a imprensa tradicional como fonte principal.

Trump é dono de sua própria rede social. Seu ex-braço direito no governo, Elon Musk, também. Isso complica o entendimento do que é notícia?
Vivemos a era da fragmentação da mídia, com disseminadores de informação que o fazem sem checagem, sem compromisso com a imparcialidade, a veracidade e a justiça. Trump percebeu que poderia tirar proveito do cenário, falando diretamente com seus seguidores, algo inédito para um presidente. Mas ainda é mais significativo ele contar com a Fox News. Musk transformou o antigo Twitter em campo aberto para as mais perigosas teorias de conspiração. Ele é, hoje, com seus 200 milhões de seguidores, o segundo maior disseminador de desinformação do planeta, atrás apenas de Trump. Mas é balela afirmar que a mídia tradicional se tornou irrelevante.

Por quê?
As histórias da imprensa tradicional continuam conduzindo a narrativa nas redes sociais. Quando Trump completou 100 dias de governo, deu as principais entrevistas para os grandes títulos, que, em público, classifica como desimportantes. O mesmo com Musk, quando deixou o governo atirando.

Em que a imprensa deve prestar atenção para seguir relevante?
É preciso investir na cobertura de temas nacionais, mas também em questões locais. Precisamos refletir o tempo todo se estamos, de fato, considerando as preocupações de quem nos lê, escuta e vê. E não é mais suficiente apenas relatar os fatos. É preciso, didaticamente, mostrar de que modo o fazemos. Precisamos ser 100% transparentes com quem consome nosso trabalho. Apresentar como identificamos os fatos e sua graduação de importância. Todas as ferramentas devem ajudar. O modo como as pessoas consomem notícias continua mudando radicalmente. O que fazíamos já não chega mais a uma parcela significativa da população, especialmente os mais jovens. Muitos não percebem diferenças significativas entre instituições jornalísticas centenárias, como O GLOBO, e influencers, podcasters, youtubers. Precisamos encontrar maneiras mais informais de noticiar. Um bom exercício é, ao apurar, escrever e editar, pensar que estamos conversando com nossos amigos e família.

> "As histórias da imprensa tradicional continuam conduzindo a narrativa nas redes sociais"

> "Precisamos refletir o tempo todo se estamos considerando as preocupações de quem nos lê, escuta e vê. E não é mais suficiente apenas relatar os fatos. É preciso mostrar de que modo o fazemos"

As big techs, como a Amazon, cujo fundador é também, desde 2013, dono do Washington Post, deveriam pagar pelo uso de conteúdos criados pela imprensa profissional para alimentar seus sistemas de inteligência artificial?
Nós, jornalistas, produzimos e oferecemos a matéria-prima, e a lógica é similar à de qualquer outro setor da economia. Elas não estão usando o que produzimos ocasionalmente, mas de forma consistente. Muitos deles desdenham do que fazemos, mas, ironicamente, não nos acham desimportantes quando usam o que produzimos com destreza para alimentar o que monetizam.

Está otimista com o futuro do jornalismo?
Sim. Quando me tornei jornalista, em 1976, o fiz atraído pela impressão de que essa seria uma carreira que não desbotaria, ao longo do tempo, as cores do encantamento, do valor e da urgência. Cinco décadas depois, penso igual. Ficou mais complexo exercê-la, mas hoje podemos fazer tudo o que as outras mídias oferecem — áudio, vídeo, gráficos interativos, comentários online. Se trabalharmos duro e usarmos de forma inteligente as estratégias corretas, podemos fazer a diferença. Há um declínio global no apoio à democracia, entre outros motivos pela ilusão de que o autoritarismo melhorará as vidas dos cidadãos e as tornará mais seguras, e essa perda de confiança sempre deve ser traduzida como um declínio no apoio também ao jornalismo profissional. Seguiremos, desde que cientes de nossas missões, se as cumprirmos com esmero, e se assegurarmos o apoio de quem mais importa, os cidadãos. Todo momento histórico apresenta dificuldades, e às vezes esquecemos o que nossos antecessores tiveram de superar.


80 ANOS PELO BRASIL E POR VOCÊ
ESSA É A CNC,
80 ANOS PELO BRASIL E POR VOCÊ
Crédito: Cristiano Costa/Fecomércio-DF
O FUTURO QUE NÓS ESTAMOS CONSTRUINDO FORTALECE VOCÊ.
CONECTA
SICOMÉRCIO
Um ambiente de crescimento não se constrói sozinho, nem do dia para a noite. Exige integração, inovação e estratégia. Foi com esse propósito que a CNC realizou o Conecta e o Sicomércio, dois grandes encontros que promoveram o compartilhamento de boas práticas e a solução de desafios em todo o Sistema Comércio.
Reunimos palestrantes, autoridades, representantes de Federações, Sindicatos Empresariais, Sesc e Senac de todo o Brasil e juntos trabalhamos para tornar os setores do comércio de bens, serviços e turismo ainda mais fortes.
JOSÉ ROBERTO TADROS (PRESIDENTE DO SISTEMA CNC-SESC-SENAC)
GERALDO ALCKMIN (VICE-PRESIDENTE DA REPÚBLICA)
FERNANDO FERNANDES (ATLETA PARALÍMPICO)
WALTER LONGO (ESPECIALISTA EM INOVAÇÃO)
CNC · Federações · Sindicatos Empresariais · Sesc · Senac
Sistema Comércio
80 ANOS CNC

JORNALISMO EM TRANSFORMAÇÃO

OS DESAFIOS DA IMPRENSA NO SÉCULO XXI

Com firmeza de propósito e otimismo, editores de todos os cantos do planeta refletem sobre o futuro do jornalismo

EDUARDO SALGADO
esalgado@edglobo.com.br
SÃO PAULO

Por um mês e meio, O GLOBO procurou diretores de algumas das maiores e mais prestigiosas publicações do mundo. A todos fez o mesmo pedido: uma reflexão breve sobre o futuro do jornalismo. Da Ásia à África, da América à Europa, as respostam se complementam. O cenário para a imprensa tradicional é inegavelmente desafiador. Mas a mesma revolução tecnológica que abalou o modelo de negócios das editoras também está abrindo novas possibilidades de engajamento com as gerações nativas digitais. Essa é a opinião de José Del Rio, diretor do La Nación, da Argentina. Não se trata de teoria ou sonho. Giovanni di Lorenzo, à frente do alemão Die Zeit, fala de vídeos no TikTok e em números recordes de circulação. Louis Dreyfus, CEO do Grupo Le Monde, é outro que desafia a narrativa derrotista. Como diz Tangeni Amupadhi, diretor do The Namibian, com tanta desinformação nas redes, o jornalismo de qualidade nunca foi tão necessário. Esse é também o ponto central destacado por Joseph Kahn, que lidera a redação do The New York Times. Para continuar relevante, editores de Brasil, México, Espanha e Índia concordam que a imprensa precisa se manter fiel à busca incessante pela verdade. Essa missão é um dos pilares de toda democracia.

O ESPÍRITO JORNALÍSTICO

Joseph Kahn
diretor de redação do The New York Times (Estados Unidos)



Juntos, vivemos mudanças tecnológicas sísmicas e cenários geopolíticos em constante transformação, que criam desafios contínuos para as redações focadas em reportagens originais. É esse tipo de reportagem que revela os fatos que os cidadãos precisam para tomar decisões informadas. Esse é o espírito jornalístico que nos conecta em todo o mundo e por gerações. Em meio a tanta incerteza, o trabalho que fazem os jornalistas se torna mais importante do que nunca.

SEM RENÚNCIA DE VALORES

Jan Martínez Ahrens
diretor de redação do El País (Espanha)



O principal desafio para o jornalismo é continuar a fazê-lo. O modelo de imprensa tradicional ainda não encontrou um substituto econômico válido. A digitalização, que revolucionou as redações e multiplicou suas audiências, não trouxe consigo uma força financeira formidável. Uma fragilidade que os inimigos do jornalismo, especialmente os poderes políticos e econômicos, exploram para promover a desinformação e a mentira. Promover a sustentabilidade sem renunciar aos valores do jornalismo faz parte de nossas tarefas presentes e futuras.

DESAFIO AO DERROTISMO

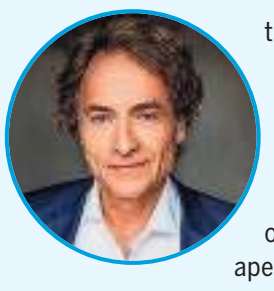
Louis Dreyfus
CEO do grupo Le Monde (França)



A crescente atenção dada ao longo dos anos aos leitores — suas vidas, interesses e hábitos — levou os editores a adotar plataformas digitais, e agora, a revolução da IA. Essas plataformas serão uma parte importante do nosso futuro. Acredito que o momento recente do Le Monde desafia a narrativa derrotista que há muito cerca a imprensa escrita. Longe de estarem condenados ao declínio, os editores de qualidade podem prosperar quando se esforçam para fortalecer sua redação, inovar e defender o jornalismo livre.

UM CAMINHO PARA O FUTURO

Giovanni di Lorenzo
editor-chefe do Die Zeit (Alemanha)



O Die Zeit está registrando a maior circulação de sua história, bem como sua maior receita e lucro. Mais de 630 mil exemplares vendidos por semana. Não se trata de ostentação, mas de um sinal de esperança em tempos em que veículos de comunicação enfrentam dificuldades. O que isso exige? Editores que invistam em qualidade, que não instrumentalizem suas equipes para ganhos políticos e cujo objetivo não seja apenas o lucro. Equipes que mantenham seus padrões de qualidade, mas dispostas a se reinventar.

VOLTAR ÀS FONTES PARA PROJETAR O FUTURO

José Del Rio
diretor de conteúdos do La Nación (Argentina)



Novas tecnologias e a chegada da inteligência artificial nos dão a oportunidade de humanizar mais as investigações e entrevistas, identificar e contar as melhores histórias, mas de uma forma única e com o viés inerente ao sermos pessoas físicas. As novas narrativas digitais nos dão a possibilidade de dar vida ao texto com imagens, vídeos, estatísticas e dados interativos. A possibilidade de desafiar o poder, cruzar notícias falsas com dados, checar fatos e nos tornarmos uma fonte confiável na era da pós-verdade faz do caminho à frente ainda mais emocionante.

SEMPRE COM PORTAS E JANELAS ABERTAS

David Aponte Hurtazo
diretor editorial do El Universal (México)



Jornalismo, mais jornalismo e melhor jornalismo é o maior desafio de nossas editoras centenárias. Nosso trabalho essencial em um mundo assolado por notícias falsas em plataformas digitais e redes sociais. Nossas redações devem atuar com responsabilidade e gerar conteúdo equilibrado, diverso e com rigor. Jornalismo com portas e janelas abertas a todas as vozes, em tempos de tentações autoritárias, de concentração de poder e de autocracias digitais, em que as autoridades buscam silenciar, censurar e processar jornalistas.

VAMOS AO JARDIM DE INFÂNCIA

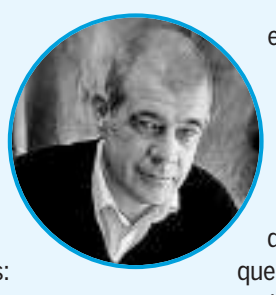
Raj KamalJha
Editor-chefe do The Indian Express e escritor (Índia)



O jornalismo enfrenta um milhão de desafios, mas há apenas alguns que jornalistas têm condições de abordar. 1. Em reuniões na redação, vamos incentivar colegas com preferências políticas diversas a se manifestar. 2. Jornalismo é o que nossos leitores esperam de nós: contexto, explicação, investigação. 3. Precisamos apresentar a razão pela qual o jornalismo é importante. 4. Vamos enviar editores ao jardim de infância para explicar a crianças o que é a verdade, por que a sua busca é fundamental — e divertida.

A VERDADE AOS JOVENS

David Pontes
diretor de redação do Público (Portugal)



"A juventude não precisa de piedade, mas de verdade", escreveu o poeta Eugénio de Andrade. Sobram desafios para o jornalismo, que, nos últimos 30 anos, tem vivido de uma reinvenção constante. Aquele que me parece ser o maior desafio de todos: assegurar que as novas gerações reconhecem o valor do jornalismo enquanto elemento essencial da nossa vida em sociedade, pilar fundamental da democracia. É para quem nasceu depois da internet que temos de guiar as nossas redações, de forma a garantir que o futuro terá ainda o jornalismo da verdade.

O PARADOXO MODERNO

Tangeni Amupadhi
diretor de redação do The Namibian (Namíbia)



Jornalistas se deparam com paradoxos. O jornalismo, como ciência e arte da verificação, é cada vez mais necessário em meio ao fácil acesso a todos os tipos de informação, especialmente notícias falsas. Sem a aplicação do rigoroso processo de checagem de fatos, sociedades podem se perder e se deixar levar por tomadas de decisões baseadas em informações erradas. É um dilema complexo que, em um momento em que o jornalismo genuíno é necessário, muitas pessoas dependam das mídias sociais e de fontes com interesses escusos.

CERTIFICADOR DE REALIDADE

Marcelo Rech
presidente-executivo da ANJ



De uns tempos para cá, e ainda mais no futuro, o bem mais primordial para as sociedades será a confiança. Na era das desinformações, dos golpes digitais e das realidades paralelas construídas com IA, a crença em que algo é real e verdadeiro se converteu em patrimônio inestimável. Por isso o jornalismo, que faz da busca da verdade sua razão de existência, terá nas próximas décadas papel central nas atividades humanas. Além de relatar fatos com fidelidade e abrir-se para visões plurais, o jornalismo será o grande certificador da realidade. E nisso não haverá nada que o substitua.

NÃO HÁ DEMOCRACIA SEM IMPRENSA FORTE

Eurípedes Alcântara
diretor de jornalismo do Estadão



Sem jornalismo profissional não há democracia. A desinformação, os algoritmos e as plataformas não têm compromisso com a busca da verdade. Por sua quase inexpugnável posição de mercado podem enfraquecer a cidadania e ignorar as instituições. Só o jornalismo profissional, independente, plural, comprometido com a busca dos fatos é capaz de enfrentar esse estado de coisas. O jornalismo fiscaliza o poder, desmonta versões falsas, oferece contexto e esclarece o que propagadores de versões interessadas tentam ocultar.

ATUAÇÃO PROFISSIONAL COMO ANTÍDOTO PARA ALUCINAÇÕES DA ERA DA IA

Sérgio Dávila
diretor de redação da Folha de S.Paulo

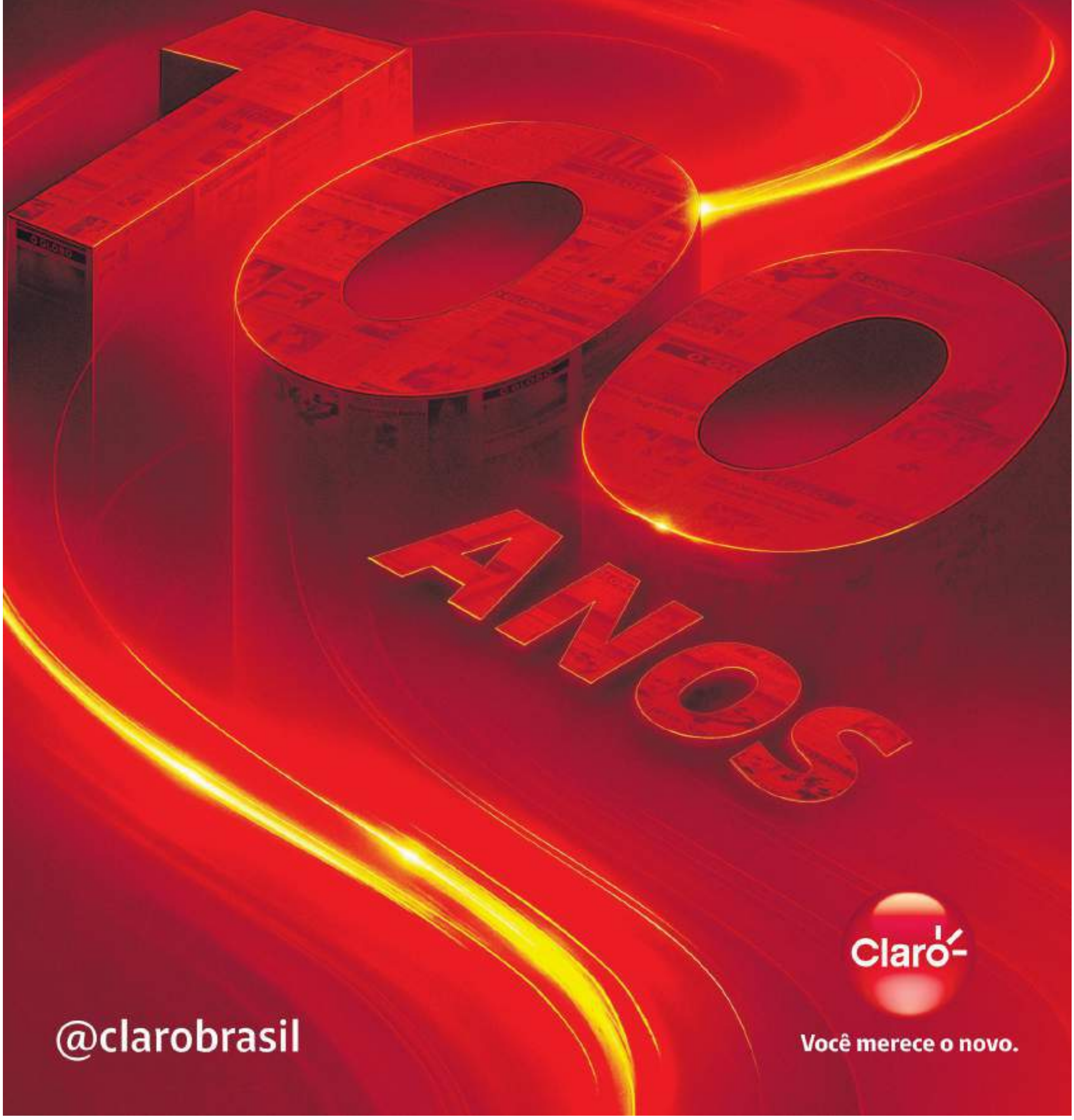


A internet aumentou o alcance das notícias e as redes sociais massificaram a interação, tornando a opinião uma commodity ao alcance de todos, para o bem e para o mal. Causaram uma ruptura importante no modelo de negócios. A ironia é que os predadores de ontem sofrem hoje a ruptura da inteligência artificial. Meu palpite: enquanto a inteligência estiver na IA, ali também estará o jornalismo profissional, um poderoso antídoto para as alucinações.

O GLOBO 100

O que o Brasil faz,
O Globo mostra.
O que O Globo
mostra, o Brasil lê.

A Claro parabeniza O GLOBO pelos 100 anos
construindo o novo com informação.



@clarobrasil

Claro

Você merece o novo.

Domingo 27.7.2025 | JORNALISMO EM TRANSFORMAÇÃO

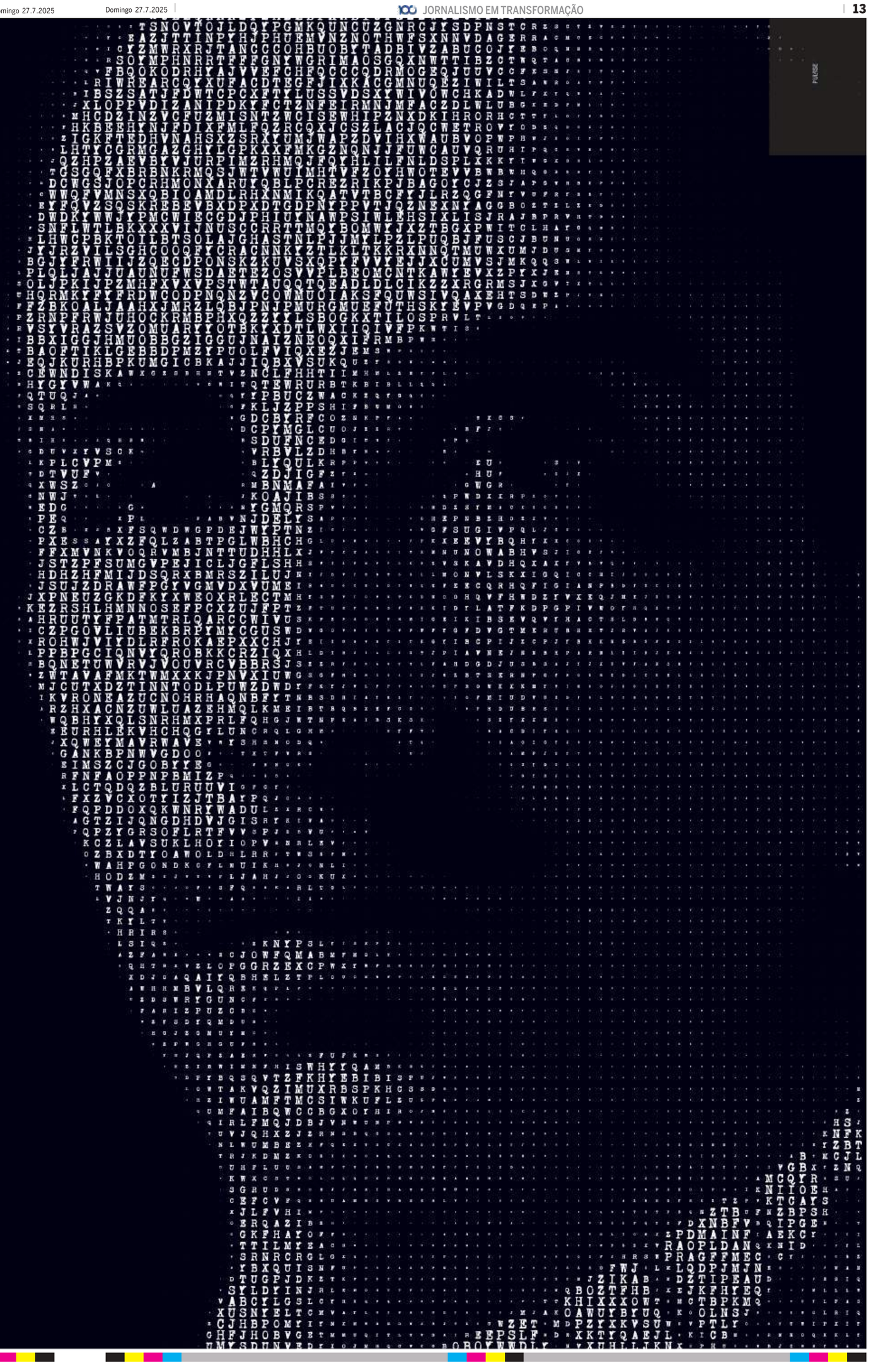
O tempo imprime palavras.
Mas é a coragem que imprime o legado.

Durante um século, O Globo esteve presente nos momentos mais decisivos do país. A CAOA tem orgulho de ser parte dessa trajetória, marcada por credibilidade, informação e respeito.

Celebramos não só um século de história, mas uma parceria que inspira e continua movendo o Brasil.

CAOA

Nossa homenagem ao homem que imprimiu os primeiros traços desse legado.



JORNALISMO EM TRANSFORMAÇÃO

A imagem do fim de uma era

REPRODUÇÃO/24-10-1930



Num dos primeiros furos do GLOBO, em 24 de outubro de 1930, o presidente Washington Luís deixa o Palácio Guanabara ao ser deposto, no fim da República Velha. A imagem foi obtida com ajuda do jovem repórter Roberto Marinho, então com 25 anos, que jogou galhos de árvores no caminho do automóvel para permitir o flagrante.

GUSTAVO MIRANDA/5-7-1992



A peça que faltava no escândalo

A revelação, pelo repórter Jorge Bastos Moreno, de que o Fiat Elba usado pelo presidente Fernando Collor fora pago com dinheiro do esquema de corrupção de PC Farias foi a prova material definitiva da ligação de Collor com o escândalo, e decisiva para seu impeachment.

NO CORAÇÃO DA NOTÍCIA

Razão de ser de um jornal, o furo de reportagem combina a revelação de um fato com seu impacto na sociedade. Da corrupção ao autoritarismo, da economia ao esporte, do registro histórico à antecipação dos acontecimentos, uma pequena coletânea para lembrar que ler O GLOBO, há cem anos, é estar bem informado — e primeiro

FREDERICO ROZÁRIO / 7-7-1996



Conhecer o passado

Um dos episódios mais violentos da ditadura, a repressão à Guerrilha do Araguaia ganhou luz com uma série de reportagens em 1996, com a revelação de documentos, imagens e informações que ajudaram a esclarecer o desaparecimento de militantes e a encontrar um cemitério clandestino. O trabalho premiado com o Esso foi assinado por Adriana Barsotti, Amauri Ribeiro Jr., Aziz Filho, Cid Benjamin e Consuelo Dieguez.

A qualquer dia e hora

O entendimento de que as notícias acontecem a qualquer data e momento baseou a decisão do jornal de publicar edições nos dias de Natal e réveillon, uma inovação na imprensa brasileira. A primeira edição de um 1º de janeiro, em 1989, mostrou o acerto da decisão, e o GLOBO foi o único a noticiar a tragédia com o Bateau Mouche na noite de Ano-Novo.


O GLOBO
Naufrágio do 'Bateau Mouche' mata 38 pessoas no réveillon

'Parem as máquinas'

Foi um caso clássico de furo que surge quando o jornal já está rodando na gráfica. A edição de 13 de janeiro de 1999 foi alterada para levar à manchete a informação do repórter Jorge Bastos Moreno sobre a queda do presidente do BC, Gustavo Franco, em meio à crise de desvalorização do real, momento crucial do 2º mandato de FH.


O GLOBO
Gustavo Franco cai e Francisco Lopes é o novo presidente do BC

Novo crime revelado

Em março de 2005, a reportagem de Vera Araújo não só informava sobre práticas de extorsão e violência contra moradores de favelas, mas diagnosticava um novo modelo criminoso, que só cresceu desde então. Policiais e ex-policiais expulsavam traficantes para exercer, eles sim, o estado paralelo. Foi esta matéria que cunhou o termo "milícias".


Milícias de PMs expulsam tráfico

JORGE WILLIAM/3-9-1989



O clique que revelou a farsa

A foto de Jorge William mostra que o rojão atirado da arquibancada não atingiu o goleiro chileno Rojas, que deixou o campo do Maracanã, naquele 3 de setembro de 1989, com o rosto banhado de sangue a partir de um corte feito por ele mesmo. A imagem do GLOBO desmontou a farsa, foi decisiva para o julgamento que puniu a seleção do Chile e recebeu o Prêmio Esso daquele ano.

ARQUIVO O GLOBO



Notícia na própria pele

Um jornalista não deixa de sê-lo mesmo se não está a trabalho: José Leal levou a máxima ao ápice. Em 1956, o repórter publicou reportagens aliando história pessoal e interesse público. Por seis meses, ficou internado num sanatório público do Rio na luta contra o alcoolismo. Sob o título "180 dias na fronteira da loucura", deu comovente relato sobre seus dias, e os de dezenas de outros internos. Foi a 1ª vez que o jornal venceu o Prêmio Esso.

O Citi parabeniza *O Globo* por um século de jornalismo que inspira, educa e transforma.

Informar é transformar. Investir também.

Desde 1925, O Globo participa das grandes transformações do Brasil e do mundo.

Desde 1915, o Citi apoia ideias, viabiliza projetos e ajuda a construir caminhos para o desenvolvimento sustentável das empresas presentes no país.

Duas histórias que se encontram na mesma visão: **um Brasil mais forte, moderno e preparado para os desafios dos próximos 100 anos.**

Parabéns, O Globo, por informar com consistência, entreter com inteligência e estimular o debate e a reflexão sobre os temas que movem a sociedade.



O GLOBO 100

citi

110 Anos de Brasil

JORNALISMO EM TRANSFORMAÇÃO

DE OLHO EM TODOS OS PODERES

O jornalismo investigativo foi marca da história do GLOBO. Revelações bombásticas que implicaram autoridades e levantamentos que desnudaram o enriquecimento de autoridades públicas ilustram a função de fiscalização da imprensa

NO EXECUTIVO

Uma gravação estrondosa

A revelação de que um dos maiores empresários do país gravou o presidente da República anuindo com a compra do silêncio de um ex-deputado preso foi uma bomba no governo Temer em 2017. O furo de Lauro Jardim foi publicano site do GLOBO, às 19h30 de uma quarta-feira. "Foram três semanas de muita apuração e ansiedade, entre eu ter a primeira informação sobre a delação e a publicação da matéria. E temor de que uma notícia tão bombástica pudesse vazar", lembra o colunista.

REPRODUÇÕES


EXCLUSIVO

DONO DA JBS GRAVA TEMER DANDO AVAL PARA COMPRAR SILÊNCIO DE CUNHA

PF FILMA INDICADO POR TEMER RECEBENDO PROPINA

NO LEGISLATIVO

O boom dos homens de bens

Em 2004, a série "Homens de Bens da Alerj" expôs o incrível salto patrimonial dos deputados do Rio, sendo premiada com o Esso e o Rey de España. "Foi um trabalho de formiguinha, analisando por quatro meses milhares de folhas. A reportagem virou referência na cobertura política, e a Justiça tornou o acesso às informações mais fácil", lembra o repórter Luiz Ernesto Magalhães, autor das reportagens ao lado de Flávio Pessoa, Maiá Menezes, Alan Gripp, Dimmi Amora e Carla Rocha, sob coordenação de Angelina Nunes.

FABIO ROSSI/15-12-2004


49º Prêmio ESSO de

Prêmio ESSO Especial de Tel

NO JUDICIÁRIO

Sentenças sob encomenda

Se escândalos de corrupção no Executivo e no Legislativo são sucessivos ao longo da democracia brasileira, é mais raro que as apurações cheguem ao Judiciário. A série de Chico Otavio, Bernardo de La Peña, Renato Garcia e Rodrigo Rangel, em 2002, revelou um balcão de sentenças no Tribunal Regional Federal do Rio. No esquema, que incluía juízes, advogados e servidores, causas milionárias eram encerradas de formas duvidosas e causavam grande prejuízo aos cofres públicos. Uma decisão fez títulos da época do Império passarem a valer R$ 1,3 bilhão. Em outra, foram incluídos 2.500 novos autores, de forma indevida, numa ação de liberação do FGTS.


O PAÍS

Balcão de negócios na Justiça

NO PODER MILITAR

O desvio dos quartéis

Se o domínio territorial do tráfico formou o que se convencionou chamar de "Estado paralelo", muitas vezes ele é alimentado pelas próprias forças oficiais. Série de reportagens de Antonio Werneck, em fevereiro de 2003, mostrou um esquema que desviou mais de dez mil armas de quarteis das Forças Armadas e da Polícia Militar nos sete anos anteriores, a maioria indo parar com facções criminosas. O levantamento teve dimensão ainda maior: na segunda metade do século XX, foram cerca de 35 mil armas de guerra desviadas.


O GLOBO

Tráfico desviou de quarté

dez mil armas em sete ar

BRICK

Há 100 anos,
O Globo chega à
casa do carioca.


O GLOBO 100

Planeta celebra o Dia V e nova era de prosperidade

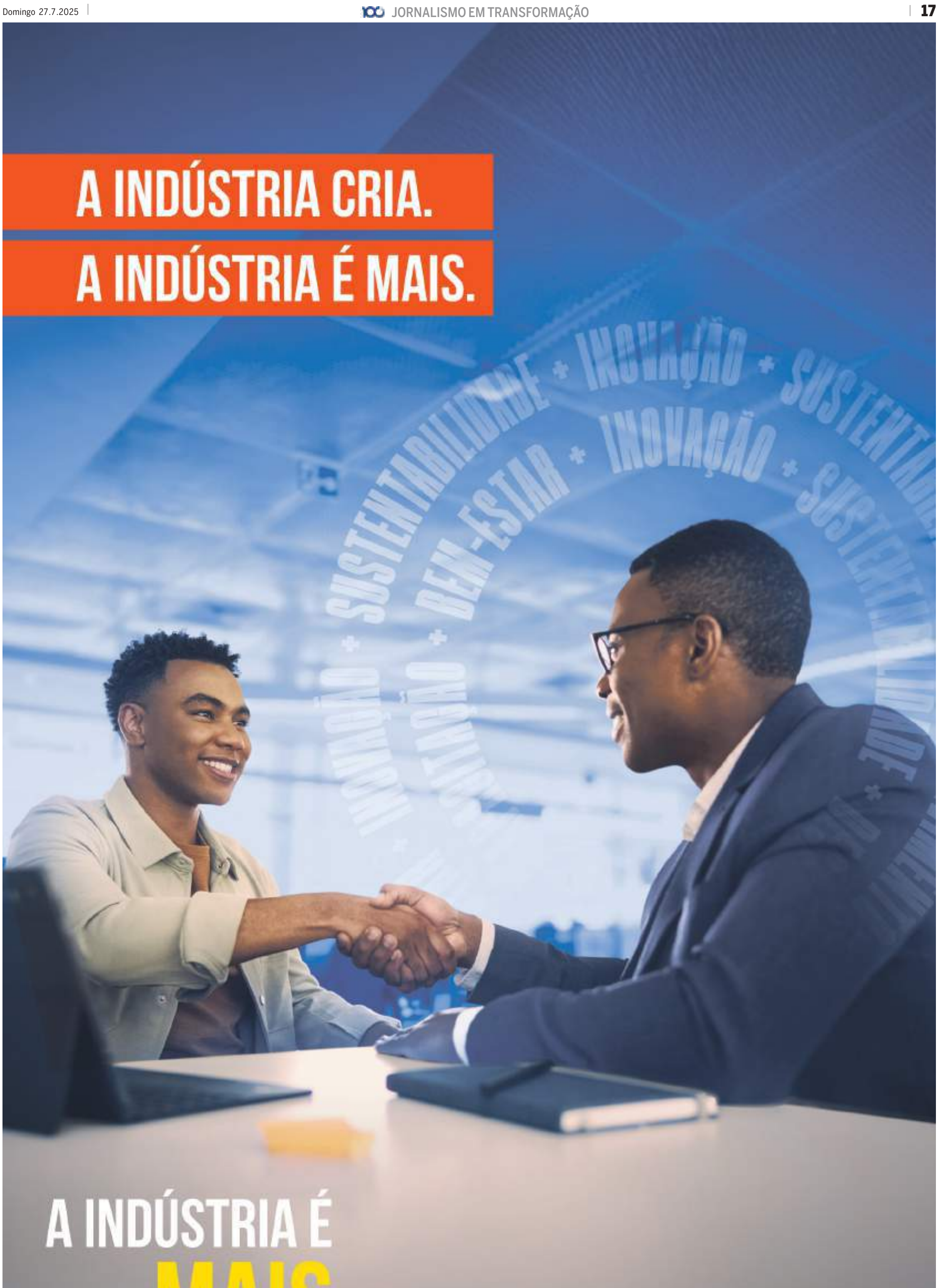
CASA SHOPPING

Único. Há 40 anos.

Há 40 anos, chega a
casas muito mais bonitas.

Parabéns, Jornal O Globo.

A INDÚSTRIA CRIA.
A INDÚSTRIA É MAIS.



A INDÚSTRIA É MAIS OPORTUNIDADE

A cada oportunidade que a indústria cria, temos mais desenvolvimento para o Brasil. Nossa força está em cada trabalhador. Quanto mais forte, mais oportunidades criamos em todos os cantos do país. Dos primeiros passos ao topo da carreira, abrimos caminhos para o crescimento de todos. Unindo a potência dos trabalhadores e da indústria, transformamos desafios em conquistas diárias.

Saiba mais em **aindustriacria.com.br**

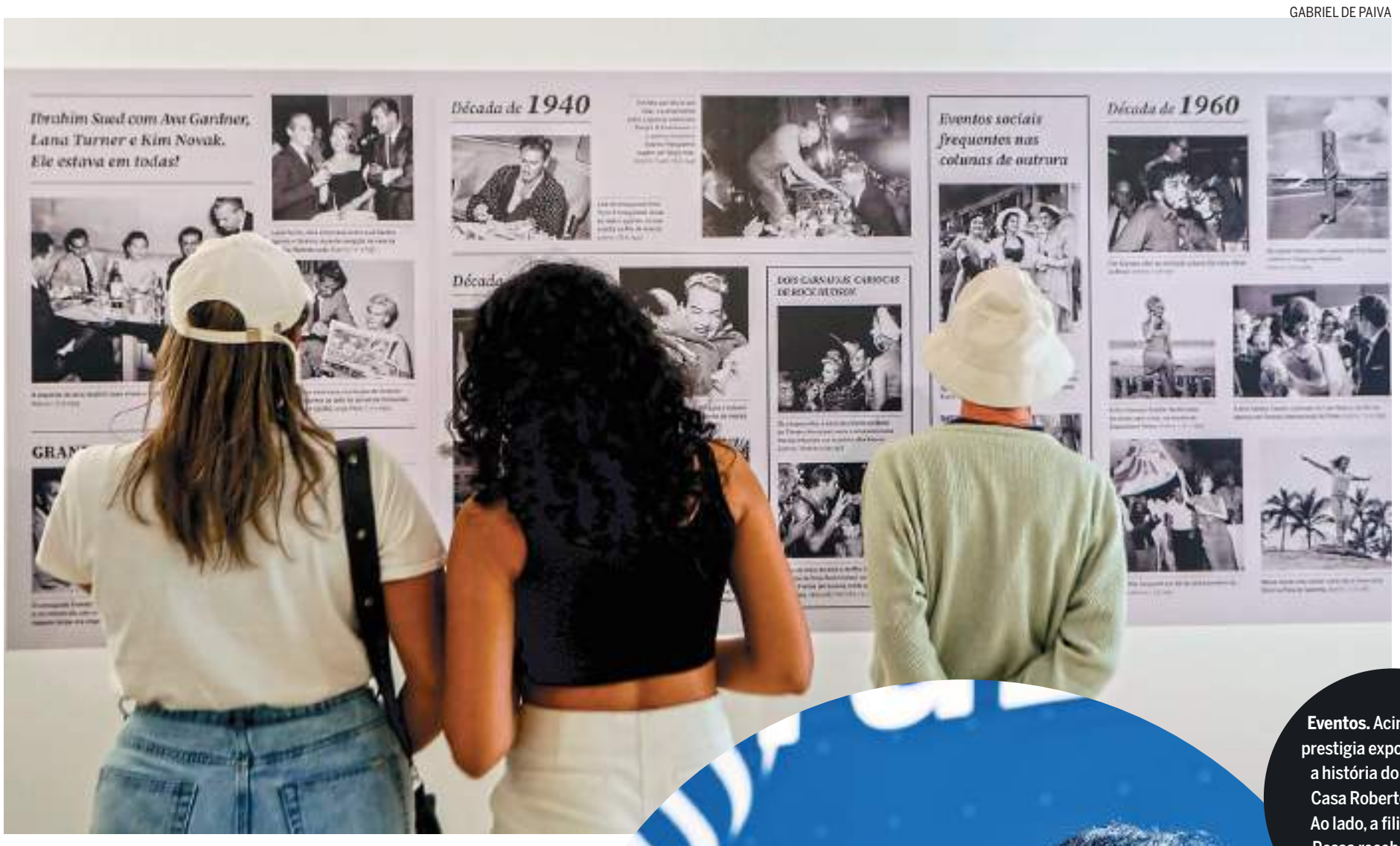
Sistema INDÚSTRIA
CNI | SESI | SENAI | IEL

JORNALISMO EM TRANSFORMAÇÃO

CELEBRAÇÃO COM HISTÓRIA E NOVIDADES

Série documental, exposição, dois livros, novos colunistas, newsletters, podcast, curso gratuito de jornalismo e edições especiais do projeto Aquarius e do prêmio Faz Diferença fazem parte das comemorações do centenário

GABRIEL DE PAIVA





GUITO MORETO/8-7-2025

Eventos. Acima, público prestigia exposição sobre a história do GLOBO na Casa Roberto Marinho. Ao lado, a filipina Maria Ressa recebe o prêmio Faz Diferença

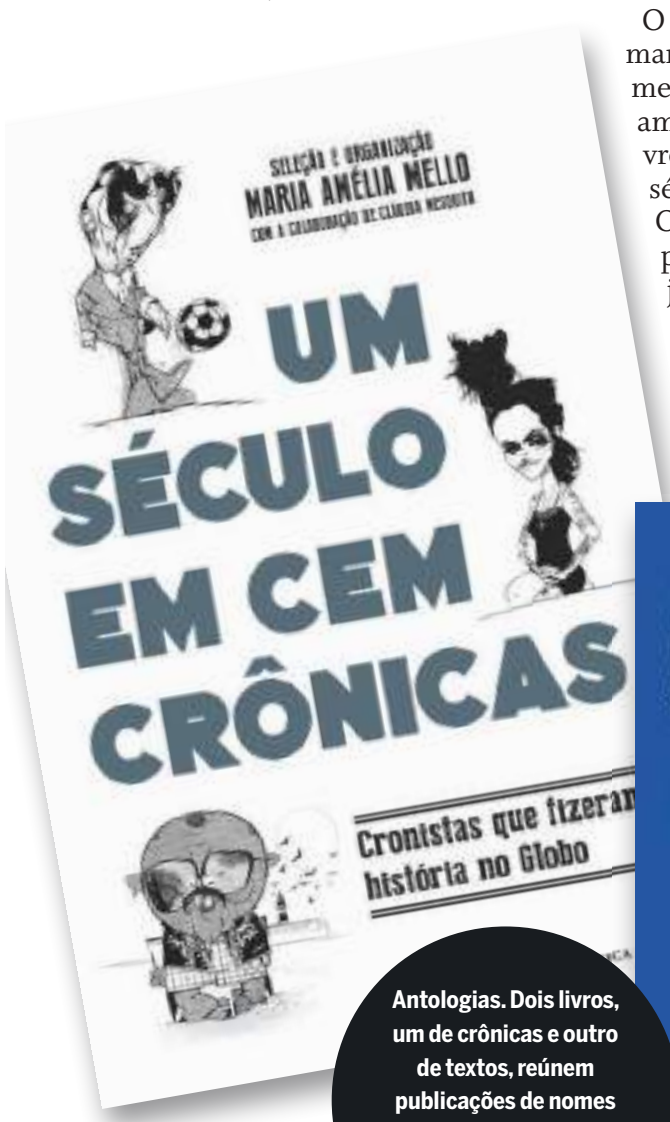
O ano em que O GLOBO completa 100 anos de fundação está sendo marcado por diversas iniciativas, que resgatam o papel desempenhado pelo jornal na cobertura de momentos cruciais da História brasileira, além de apontar para novos formatos, de olho no futuro. As novidades incluem uma série documental, uma exposição, dois livros, novos colunistas, newsletters, um podcast e reportagens especiais, além de uma edição turbinada do projeto Aquarius.

No dia 8 de julho, dando o pontapé inicial na programação do aniversário — a ser completado dia 29 —, estreou a série "O século do GLOBO". Criada por Pedro Bial e produzida pelos Estúdios Globo, a obra está dividida em quatro episódios — exibidos na TV Globo e disponíveis no Globoplay —, mesclando entrevistas inéditas, elementos históricos e passagens ficcionais que recriam momentos e personagens marcantes.

O caráter inovador do GLOBO recebe destaque na exposição "Um século de histórias", em cartaz na Casa Roberto Marinho, no Rio. A mostra, que seguirá até o dia 10 de agosto, é composta por fotografias, vídeos e objetos que lembram iniciativas importantes do jornal.

Essa história também será contada a partir de 21 de agosto no Salão Negro do Senado, em Brasília, na exposição que vai comemorar os 100 anos do Grupo Globo.

O mês do centenário marcou ainda o lançamento de duas obras, ambas pela Globo Livros. O primeiro, "Um século de histórias — O Brasil e o mundo pelos olhos do maior jornal do país", reúne 11 textos de autores que fizeram e fazem parte da história do jornal, com curadoria da jornalista e colunista Míriam Leitão. O segundo, "Um século em cem crônicas — Cronistas que fizeram história no GLOBO", traz textos assinados por 32 nomes importantes da cultura nacional que passaram pelo jornal, como Guimarães Rosa, Nelson Rodrigues, Antonio Callado, Otto Lara Resende, Fernando Sabino, Mauro Rasi, Fernanda Young e Cacá Diegues. A antologia é organizada por Maria Amélia Mello com colaboração de Cláudia Mesquita.



REPRODUÇÃO



Antologias. Dois livros, um de crônicas e outro de textos, reúnem publicações de nomes importantes que passaram ou ainda fazem parte da história do jornal.

Além do resgate do passado, a comemoração do centenário do GLOBO também representa uma abertura para novos formatos e produtos que buscam ampliar a capacidade de contar boas histórias. Nessa toada, o jornal prepara o lançamento do podcast "Caso Zero", em que a colunista Bela Megale e o jornalista André Borges investigam uma acusação de tráfico de órgãos, que já dura 25 anos e levou a prisões.

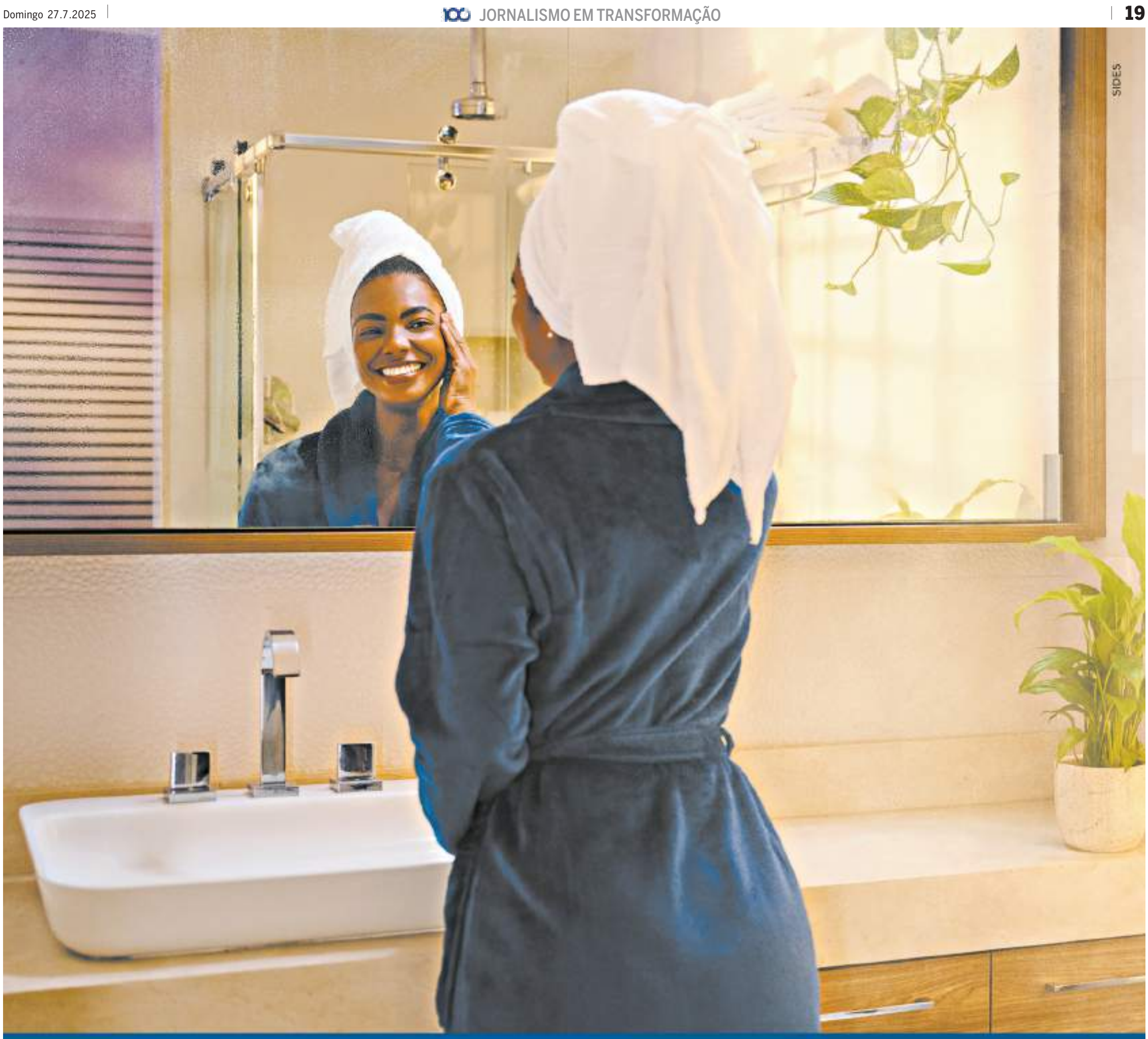
O GLOBO também vem ampliando o leque de vozes com as estreias de novos colunistas. Em julho, a editoria de Saúde passou a publicar, com frequência quinzenal, as colunas do psiquiatra Arthur Guerra e do preparador físico Chico Salgado. Na Rio, o jornalista e historiador Thiago Gomide, criador do canal "Tá na História", escreve sobre passagens históricas importantes e curiosas que se desenrolaram em terras fluminenses.

Outra novidade é um novo cardápio de newsletters, agrupadas em sete eixos temáticos. Entre as opções, estão "Jogo Político"; "IAí?" — que aproxima a inteligência artificial do cotidiano —, e a seção "Ver, ouvir e curtir" com newsletters como a "Play + Kogut", com conteúdo sobre TV. A "Rio, de Janeiro a Janeiro" traz os melhores programas cariocas, e a "Clube O GLOBO" tem ofertas e benefícios para assinantes.

De olho nas novas gerações de jornalistas, em 25 de agosto, o jornal lança seu primeiro curso de jornalismo, totalmente gratuito, com duração de quatro semanas. Batizada de "Jornalismo do Futuro", a iniciativa receberá 20 jovens recém-formados, para discutir os caminhos da imprensa com jornalistas, colunistas e profissionais renomados. Na conclusão, eles apresentarão um projeto final sobre jornalismo digital.

Realizado desde 2003, o prêmio Faz Diferença é outra ação que embarcou nas comemorações. A edição deste ano trouxe ao Brasil a jornalista filipina Maria Ressa, vencedora do Nobel da Paz em 2021, para uma homenagem especial. Já o prêmio principal desta edição foi entregue a Walter Salles e Fernanda Torres, diretor e protagonista de "Ainda estou aqui", filme que rendeu ao Brasil seu primeiro Oscar.

Os festejos seguiram com a apresentação do Projeto Aquarius, no último dia 19. Nesta edição, a Orquestra Sinfônica Brasileira fez um passeio pela história do jornal, com as participações de Martinho da Vila, Iza, Chico César e Roberta Miranda.



Com a Naturgy, a Marina deixa uma marca de conforto na sua rotina.

Gás natural é mais conforto e segurança para a casa dela.

Assim, é possível manter o bem-estar, proteger a família e passar adiante os valores que mais importam.

Naturgy, há mais de 170 anos transformando o futuro.

Naturgy

Agenersa ouvidoria@agenersa.rj.gov.br | ouvidoria.agenersa@gmail.com | 0800 024 9040 | (21) 2332-6457

JORNALISMO EM TRANSFORMAÇÃO

COM O POVO E PARA O POVO: O BATISMO POPULAR DO GLOBO

Atento à cidade, Irineu Marinho promoveu estreia do jornal com concurso para escolha do nome pelos moradores, carro alegórico e futebol, além de tapar buraco que oferecia perigo

RODRIGO LINARES
Especial para O GLOBO

A criação de um novo jornal era para ontem. Afastado em março do vespertino A Noite, Irineu Marinho contou com a sua vasta experiência no jornalismo, além da lealdade de talentosos companheiros, para concretizar o que seria a sua última dança. E assim, apenas cinco meses depois, em 29 de julho, nasceria O GLOBO.

O registro contábil no primeiro livro-caixa do jornal — entre outros que integram a Coleção Irineu Marinho, do Acervo Roberto Marinho — inicia em 25 de abril, com a compra de um automóvel sem capota, "para serviço do jornal", e documenta todas as ações pensadas pelo jornalista para divulgar aquele momento histórico."e documenta todas as ações pensadas por Irineu para divulgar aquele momento histórico.

BOLETINS DIÁRIOS

A montagem da primeira redação, bem como da rotativa, arrendada por três anos, só ficariam prontas no final de junho, a um mês do lançamento. Em 28 de maio, Irineu iniciou uma inovadora campanha de divulgação. Começou pela imprensa, anunciando em dez dos cerca de 20 diários em circulação no Rio. Tivera a boa ideia de convidar os próprios leitores a escolherem o nome do seu jornal.

O concurso valia um mês grátis do novo vespertino. O resultado saiu quatro dias depois: dos 309 nomes sugeridos em mais de 26 mil votos, Correio da Noite era o preferido, com 3.382. O título, porém, já havia sido registrado por terceiros, e a vitória coube então ao segundo colocado, com 3.081 votos.

Com seu nome escolhido pelos cariocas, O GLOBO reforçou a campanha de lançamento e anunciou também no cinema e no rádio — então uma novidade. Em parceria com a Rádio Clube e a Rádio Sociedade, que transmitiam boletins diários sobre os preparativos do novo jornal, patrocinou também um concerto de música brasileira. E o livro-caixa registra um pagamento pelo serviço de "propaganda [no] circo".

A música era fundamental na divulgação. Grande incentivador da cultura, Irineu encomendou uma canção inédita para o lançamento. E, em 10 de julho, pagou pela impressão da partitura, gravação e instrumentação do foxtrote "O GLOBO", com arranjos "para banda, jazz-band e orchestra".

Como apresentar a nova composição em grande estilo? O jornal encomendou um carro alegórico ao artesão Francisco Fonseca, fornecedor de ranchos carnavalescos como A Flor do Andaraí — mais tarde, Unidos da Tijuca. E contratou uma banda de música, com pagamento dos clarins feito à parte, para desfilar com o carro do GLOBO pelas ruas do Centro do Rio. O sucesso da ação promocional do foxtrote, e a distribuição grátis da sua partitura, levou à encomenda, no dia 17, de mais 10 mil exemplares da peça.

REGISTRO NO GUARDANAPO

Antes do primeiro número, O GLOBO produziu e distribuiu, também gratuitamente, as primeiras publicações com o seu cabeçalho: dois informativos avulsos. O de 14 de julho, além de notícias sobre a preparação do jornal, dava destaque ao assunto daquela terça-feira, o embate nas Laranjeiras entre duas potências do futebol: o Fluminense, então tricampeão carioca, perdera para o Paulistano, do craque Friedenreich, por 1 a 0 — gol de Araken. Atento ao crescimento do esporte no país, o jornal investiu em espaços publicitários no antigo campo do Flamengo, na Rua Paysandu, e do América.

Um novo boletim saiu no sábado, 25 de julho, informando sobre o batismo das oficinas do jornal realizado naquela manhã. Para destacar a agilidade do vespertino, incluía notícias internacionais fornecidas mais cedo pela agência UPI.

A camaradagem entre a equipe de Irineu Marinho está guardada em um registro especial da época: um guardanapo, do lote "para reclame" encomendado em 22 de julho, no qual foram colhidas as assinaturas dos pioneiros. Datado no dia 28, véspera de lançamento do GLOBO, tem impresso um de seus primeiros slogans: "Grande jornal da noite".

No dia 29, a edição de estreia trazia a notícia de um "pequeno serviço prestado ao público": um buraco gigantesco que causava acidentes foi tapado provisoriamente pelo jornal, evidenciando o cuidado com a cidade e seus cidadãos que marca toda a história do GLOBO.

RODRIGO LINARES
é consultor do Acervo Roberto Marinho


EDIÇÃO DAS 18 HORAS

O GLOBO

Voltam-se as vistas para a nossa borracha!

A QUÉDA DO IMPERIO BRASILEIRO

Desvendam-se os mysterios de um archivo secreto

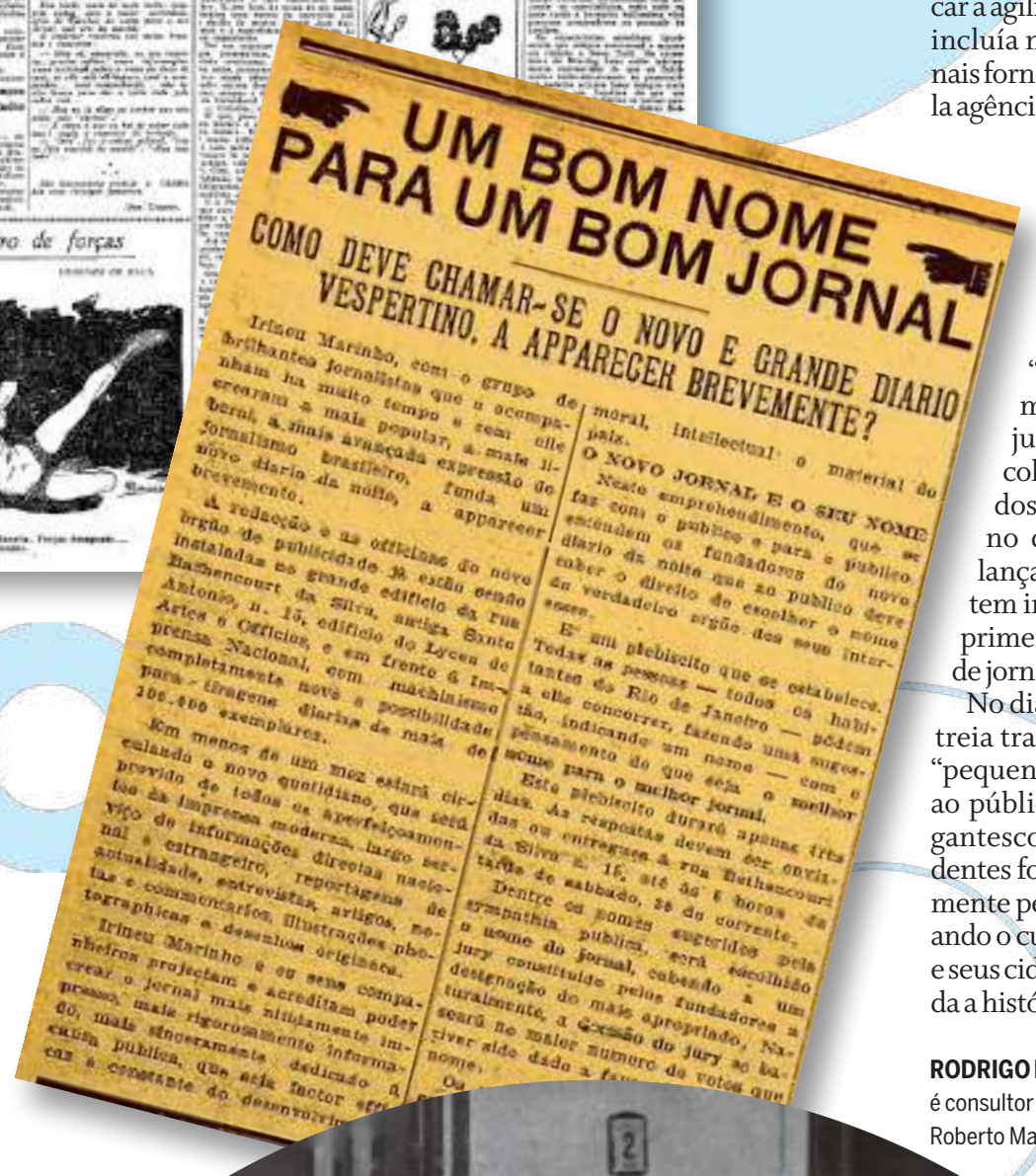
UM CASO

Os inimigos natos

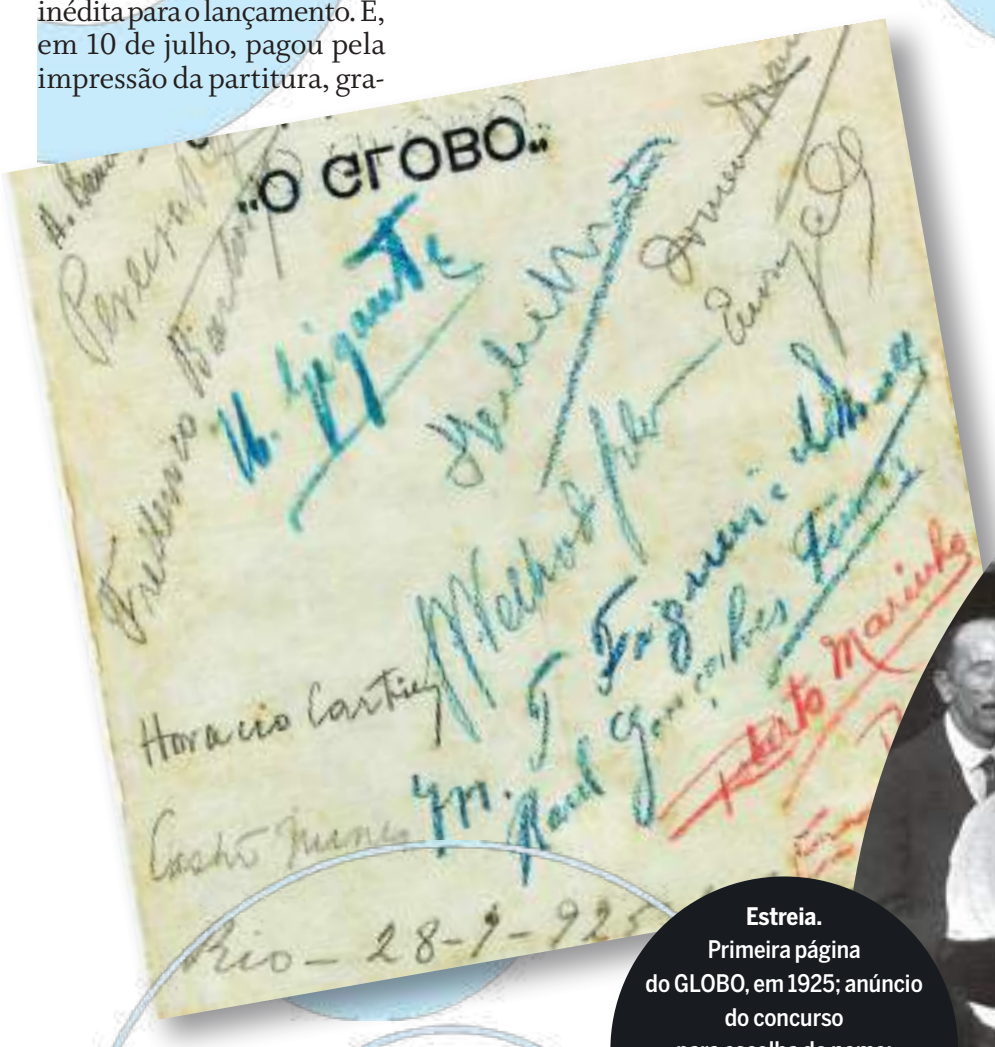
A CIDADE ESBURACADA

S. M. o rei dos Buracos foi tapado provisoriamente

Encontro de forças


UM BOM NOME PARA UM BOM JORNAL

COMO DEVE CHAMAR-SE O NOVO E GRANDE DIARIO VESPERTINO, A APPARECER BREVEMENTE?


"O GLOBO"

Horacio Cartier

Rio – 28-7-925


ACERVO ROBERTO MARINHO

Estreia. Primeira página do GLOBO, em 1925; anúncio do concurso para escolha do nome; guardanapo assinado pela equipe inaugural, ao lado em almoço com Irineu

Há 100 anos trazendo as melhores notícias para o Brasil.

Parabéns, O Globo, por escrever a história do país. Inclusive a nossa.

americanas

Capa Publicitária

Rio de Janeiro, sexta-feira, 6 de setembro de 2024

Apresentado por americanas 95 anos

O GLOBO

FUNDAÇÃO EM [illegible] MARINHO

6 SEXTA-FEIRA

Americanas inicia operações no Brasil em 1929

Fundado por quatro empresários americanos, negócio apresentou uma nova forma de venda, sem balcões

A bordo de um navio rumo a Buenos Aires, há 95 anos, quatro empresários americanos planejavam criar na capital argentina uma empresa nos moldes da rede Woolworth, famosa por sua política de *five and ten cents stores* (lojas de produtos que custavam entre cinco e dez centavos). O ano era 1929 e entrou para a História como marco da mais grave crise econômica do século XX. O colapso viria em outubro, com a quebra da Bolsa de Nova York. Mas John Lee, Glen Matson, James Marshall e Batson Borger acreditavam que a crise era uma grande oportunidade. Os empresários só não imaginavam que seu plano resultaria na Lojas Americanas S.A., uma das maiores empresas de varejo do Brasil.



Lojas Americanas cria slogan "Nada além de dois mil réis", com extensa variedade de produtos, uma grande novidade para os consumidores brasileiros

A troca de Buenos Aires pela cidade de Niterói começou com um encontro em que o brasileiro Aquino Sales e o austríaco Max Landesman apresentaram o Brasil como um país interessante para o negócio. Ao desembarcar no que seria inicialmente apenas uma escala, os empresários perceberam que havia um público considerável com renda estável, mas insuficiente para consumir os produtos vendidos nas lojas elegantes e no estilo francês que existiam no comércio carioca.

Em maio de 1929, a marca Lojas Americanas foi registrada. A primeira loja foi inaugurada em Niterói pouco tempo depois com o slogan "Nada além de dois mil réis". O modelo era totalmente diferente do que o consumidor conhecia, com um sortimento que reunia, em uma única loja, tudo para o lar, em uma jornada sem balcões separando os produtos do público e com o pagamento em dinheiro direto no caixa. O sucesso se baseava ainda na escala de compras e na rede de fornecedores exclusivos dos mercados americano, europeu e brasileiro.

Em 1940, a companhia abriu capital e iniciou um plano de expansão ambicioso, que levou ao lançamento da Americanas.com em 1999. Em 2021, a empresa fundiu vendas físicas e virtuais, criando a gigante Americanas S.A., que reúne mais de 1.600 lojas, 30 milhões de clientes ativos e mais de 32 mil associados.

JORNALISMO EM TRANSFORMAÇÃO

GENTE DO GLOBO

Histórias de alguns dos milhares de profissionais que fazem parte da trajetória centenária do jornal



Eurycles de Mattos
Jornalista, crítico de arte e ex-diretor (1884-1972)

Autor de um livro de versos aos 18 anos e dono de conhecimento artístico sólido, Eurycles começou a carreira em A Bahia como revisor, mas mudou-se para o Rio para trabalhar em publicações da capital, como Correio da Manhã e A Tribuna. Em A Noite, conheceu Irineu Marinho, que o convidou para O GLOBO antes mesmo de sua criação. Foi o responsável por uma página sobre literatura na estreia do novo periódico. Com o falecimento precoce do fundador, Roberto Marinho, filho e sucessor natural de Irineu, considerou que ainda não estava preparado para a missão, e delegou a Eurycles o comando da publicação. O baiano foi peça-chave na consolidação do jornal entre os periódicos cariocas, e chefiou a redação até sua morte, seis anos depois de assumir a direção.



Marco Cesar Simão (Peninha)
Analista de sistemas

"Fui muito feliz por 43 anos no GLOBO, participando da implantação de vários projetos gráficos. Todos os dias eram como o primeiro. Comecei na área gráfica, no setor de fotocomposição, onde fazia a montagem do jornal, quando era tudo artesanal. Nós, montadores, cortávamos as matérias com régua e estilete para colar na página. Daí tudo seguia para a fotomecânica, que gerava os fotolitos para enviar às rotativas. O melhor era o calor do fechamento. Os repórteres ligavam de orelhões para a redação, e as matérias internacionais vinham por fax. Passei por muitos desafios, como as edições nas guerras das Malvinas e do Golfo, mas o maior deles foi a doença de Tancredo Neves: ficamos de plantão por praticamente 45 dias, acompanhando a agonia dele."



Márcia Foletto
Repórter fotográfica

"Cheguei ao Rio em 1991, fiz um portfólio e bati na porta do GLOBO. Desde então estou aqui. Aqui amadureci e me tornei profissional da fotografia, até chegar à fase atual, de passar aos mais novos o que aprendi. O GLOBO é uma grande escola; entrei no maternal e estou na graduação. Hoje faço matérias especiais e participo de grandes coberturas. Meu modo de fotografia é muito intenso, de cobrança e busca incessante por uma boa imagem e qualidade para levar informação. É difícil escolher um trabalho em tanto tempo, mas a imagem da chacina de Vigário Geral é uma foto emblemática. Outra é a das crianças revistadas no Morro Santa Marta por soldados. Embora transite em outras áreas, faço muito o dia a dia da cidade, que mistura beleza e violência."



Antonio Roberto Arruda
Repórter e coordenador de Esportes (1947-2023)

O mineiro suave e bem-humorado materializou algo raro: inspirar um personagem das crônicas de Nelson Rodrigues, que o conheceu jovem. O "Homem Fatal de Bicas", como o dramaturgo e colunista o apelidou, permaneceu na cobertura esportiva do GLOBO do início da década de 1970 até 2010. Seu jeito ao mesmo tempo cativante e inquieto garantiu diversos furos e a aproximação de personagens como Pelé. Em inúmeras situações, da alegria mais desatada às crises agudas, o Rei do Futebol atendeu Arruda para entrevistas exclusivas, numa convivência de décadas. Além de repórter, trabalhou na coordenação da Editoria de Esportes. Torcedor do Flamengo, era previsivelmente apaixonado por Zico, mas permitia-se amar craques de outros clubes, como o alvinegro Didi.



José Bezerra
Coordenador de tratamento de imagens

"Comecei a estagiar em 1979 numa empresa de revelação que, no ano seguinte, implantou um laboratório de tratamento mecânico das fotografias anexo à redação, já no ano seguinte, trazendo o trabalho, antes feito externamente, aqui para dentro. Nos anos 1990, houve a digitalização, processo inicialmente muito inseguro. Participei de coberturas desafiadoras, como a tragédia do Bateau Mouche e a morte de Ayrton Senna, com a redação toda chorando. Na morte do PC Farias, o fotógrafo contratado em Alagoas não enviou a imagem em alta resolução, necessária para a impressão. Tentamos insistentemente contato com ele para reenviá-la,mas só conseguimos para as edições que rodavam mais tarde. Tempos estressantes."



Jaqueline Dutra da Silva
Analista de conhecimento do cliente

"Minha história com O GLOBO começou na infância. Quando a professora do ensino fundamental nos pedia pesquisas sobre diversos assuntos, eu adorava folhear as páginas impressas. Com o tempo, meu espírito de investigação dos fatos se cruzou com a paixão por dados e matemática, o que me levou a cursar Estatística. É com isso que trabalho aqui. Certo dia, em minhas atividades, li o comentário de uma pessoa que dizia ser assinante há 48 anos. Ela expressava seu apreço pelo jornal impresso, pois gostava de guardar recortes das reportagens importantes. Fiquei arrepiada ao saber o quanto aquela leitora e outros consumidores do jornal o valorizam. Constatei haver ali uma verdadeira relação de companheirismo, que dura por décadas, uma vida inteira."



Luis Fernando Verissimo
Colunista e escritor

Um dos maiores escritores brasileiros, Verissimo estreou nas páginas do GLOBO em fevereiro de 1999, com a brilhante conjugação de ironia e reflexão que construiu uma legião de fãs das mais variadas idades. Personagens famosos como a Velhinha de Taubaté e a socialite Dora Avante desfilaram entre crônicas sobre todos os aspectos do cotidiano brasileiro. Filho do escritor Erico Verissimo, torcedor apaixonado do Internacional, o colunista (humorista, desenhista, saxofonista, entre outros predicados) escreveu mais de 80 livros, muitos deles best-sellers. Verissimo integrou a equipe do GLOBO na cobertura de duas Copas do Mundo, de 2002 (Coreia e Japão) e 2006 (Alemanha), cativando os colegas com encantadora simplicidade — traço maior do que a famosa timidez.



Jason Vogel
Jornalista, editor do CarroEtc

"Foram 26 anos, 4 meses e 14 dias de trabalho no GLOBO, primeiro como repórter e, em seguida, como editor do caderno CarroEtc. O jornal foi pioneiro absoluto na área, ao trazer, em 1959, os primeiros testes de automóveis da imprensa brasileira, idealizados e escritos por Mauro Salles e seus sucessores, José Lago e Fernando Mariano. O CarroEtc foi publicado entre 1992 e 2020, sempre misturando precisão técnica com leveza nos textos. Tive o privilégio de trabalhar com colegas maravilhosos, guiar do caminhão Fenemê ao Fórmula 1 e viajar do Círculo Polar Ártico ao Saara para contar histórias sobre rodas. E, o que é mais raro no setor, sem restrições para escrever sobre o que bem entendesse em um caderno de automóveis."



Luísa Marzullo
Repórter (sucursal de Brasília)

"Cresci lendo as páginas do GLOBO aos domingos, em casa, ao lado do meu avô. Ele lia em voz alta o caderno de política — e, mesmo sem entender tudo, eu prestava atenção em cada palavra. Antes dos 10 anos, minha escolha parecia clara: queria ser repórter de política, e no jornal que minha família sempre assinou. Em 2022, entrei na redação do Rio como estagiária. Cobri a campanha presidencial, aprendi com colegas que sempre admirei... e consegui ser efetivada. Em junho de 2025, fui transferida para Brasília. Aqui, realizo o sonho de cobrir o poder de perto, com o mesmo entusiasmo de quem lia o jornal no sofá da sala. O GLOBO faz parte da minha vida desde a infância e se tornou o lugar onde alcancei minhas maiores conquistas. Vamos, por mais cem anos!"



Jorge Bastos Moreno
Repórter (1954-2017)

Ícone da reportagem política brasileira, o cuiabano Jorge Bastos Moreno colecionou inúmeros furos, como a entrevista do general Figueiredo, em 1978, revelando que seria o sucessor de Ernesto Geisel na Presidência. No GLOBO, somou 35 anos de notícias exclusivas. É dele a descoberta do pagamento do carro de Fernando Collor pelo esquema de PC Farias e a revelação da demissão de Gustavo Franco da presidência do Banco Central. Nesta última, como recebeu a informação tarde, Moreno conseguiu parar as rotativas do jornal para incluir a reportagem na edição daquele dia. Em 1996, passou a assinar a coluna Nhenhenhém, onde tratava com humor e leveza dos bastidores da política. "A vida toda eu fui repórter, só repórter. Eu sempre quis ser repórter", repetia.

FOTOS DE

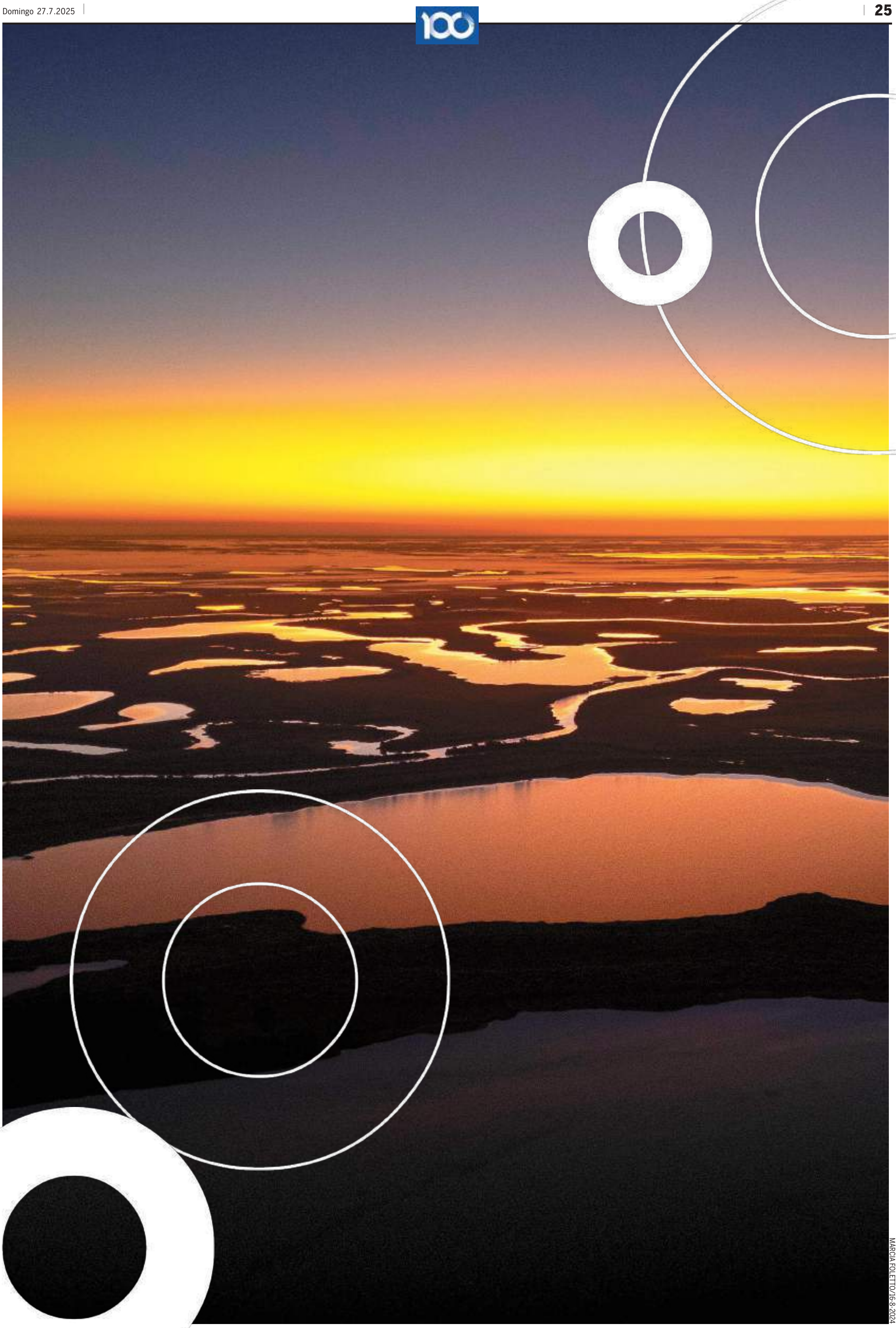

SE FAZ BEM PRO RIO, A CÂMARA APROVA.
A CÂMARA CRIA, ELABORA E APROVA LEIS QUE MELHORAM A VIDA DE TODOS. VEJA O QUE FIZEMOS POR VOCÊ NOS ÚLTIMOS SEIS MESES.
SEGURANÇA PÚBLICA
Agora, a Guarda Municipal vai poder atuar armada, reforçando o policiamento preventivo e garantindo mais proteção pro carioca, incluindo uma nova divisão de elite implementada pela Prefeitura.
ECONOMIA
A aprovação do Parque do Legado Olímpico vai permitir a implantação de um novo complexo de entretenimento, com R$ 274 bilhões injetados na economia do Rio e 143 mil empregos gerados ao longo de 30 anos.
MOBILIDADE URBANA
Graças à atuação da Câmara do Rio, foi criado um novo fundo para a Prefeitura investir cerca de R$ 100 milhões em obras viárias na Barra e em Jacarepaguá.
SUSTENTABILIDADE
Com a compra de energia no mercado livre, a Câmara do Rio será o primeiro legislativo da América Latina a ter 100% de energia renovável. Isso significa uma economia de cerca de R$ 1 milhão por ano.
CIDADANIA ATIVA
Sua voz muda a cidade, e a Câmara do Rio quer ouvir os cariocas. No portal camara.rio, os cidadãos podem entrar em contato com os vereadores, as comissões e até apresentar uma sugestão de projeto de lei.
CÂMARA MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO
Siga as nossas redes sociais
tvcamararario
@camararario
@camara.rio
Saiba mais em camara.rio

Quantos momentos cabem em um século?

O Globo 100 anos.
Milhões de momentos
para colecionar.



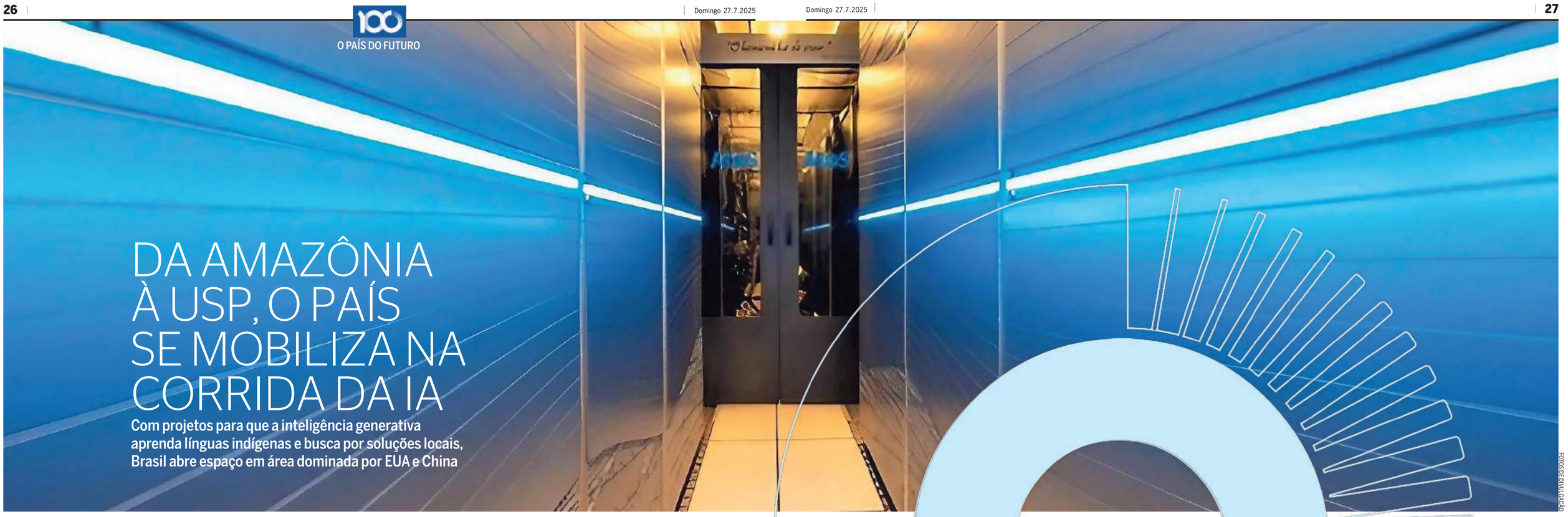
Colecione momentos
Cartões do BB.
Peça e Use



MÁRCIA FOLETTO/16-8-2024

O PAÍS DO **FUTURO**

Há um século os desafios brasileiros são refletidos e debatidos pelo jornalismo do GLOBO. Hoje, os temas mais presentes são a inteligência artificial, que impõe mudanças aceleradas a empresas e instituições, e o extremo climático, que impacta decisões de governos e hábitos da sociedade.



FOTOS DE DIVULGAÇÃO

DA AMAZÔNIA À USP, O PAÍS SE MOBILIZA NA CORRIDA DA IA

Com projetos para que a inteligência generativa aprenda línguas indígenas e busca por soluções locais, Brasil abre espaço em área dominada por EUA e China

JULIANA CAUSIN
juliana.causin@sp.oglobo.com.br
SÃO PAULO

Depois da máquina a vapor, da eletricidade e da internet, há quem aposte que a inteligência artificial será responsável pelo próximo grande salto tecnológico da Humanidade. Os efeitos passam pela transformação na forma como o humano organiza e lida com as informações que existem no mundo. E os impactos são transversais: vão desde a aceleração na descoberta de novas moléculas na medicina até ferramentas que derrubam barreiras linguísticas.

Pesquisada desde o século passado, a inteligência artificial já operava por trás de sites e aplicativos de bancos, redes sociais ou e-commerce. Também em plataformas industriais, digitais e robóticas. O impulso recente veio com a vertente da IA do tipo generativa, capaz de processar e gerar linguagem humana em texto, voz e imagem. Um avanço que a tirou dos bastidores e a colocou para falar (e criar) diretamente com as pessoas.

Enquanto todas as indústrias se adaptam a esse salto, o jornalismo tem um desafio dobrado. Além de explorar a IA em novas frentes para a apuração e criar ferramentas úteis para o leitor, como faz O GLOBO com o Projeto Irineu, também precisa traduzir o que significam as transformações desta nova era — e traçar a linha entre o que é real e o que é sintético.

Essa é também uma corrida estratégica para o futuro do país. Enquanto Estados Unidos e China disputam a dianteira da inteligência artificial, com bilhões em investimentos e poder computacional únicos, o Brasil busca um caminho próprio para essa corrida, adaptando soluções à realidade nacional, com a exploração de nichos e aplicações próprias da IA.

Em uma área da Amazônia a cerca de 70 quilômetros de Manaus, o alerta da presença de motosserras e de tratores na floresta é captado por pequenas caixas fixadas em troncos de árvores. Equipados com sensores e um modelo de inteligência artificial embarcado, os dispositivos emitem um aviso quando detectam ruídos que indicam invasores na mata.

Chamado de Curupira — o mesmo personagem folclórico escolhido para ser o símbolo da COP30 em Belém — o sistema foi projetado pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA), que testa a tecnologia em uma área protegida. Os sons são identificados pela IA.

— Na floresta não tem tomada nem wi-fi. Trabalhamos com um modelo ajustado para exigir baixíssimo processamento e com transmissão por satélite — diz Raimundo Cláudio, professor da Escola Superior de Tecnologia da UEA e um dos criadores do Curupira.

O sistema é um exemplo de como funciona a IA aplicada a dispositivos físicos — no futuro, a perspectiva é de que cada vez mais objetos e ambientes estejam integrados à sistemas como esses, inclusive os generativos. O projeto traz também o vislumbre de uma alternativa concreta a um dilema global: como garantir autonomia nacional em uma área que tem os principais avanços dominados por poucos países.

A virada recente, e talvez a mais decisiva da IA, veio há três anos com o lançamento do ChatGPT, que reposicionou o foco da indústria. Por trás dele e de outras ferramentas que conversam e criam, estão os grandes modelos de linguagem (LLMs) treinados com bilhões de textos, áudios e imagens responsáveis pelo salto técnico dessa nova era da inteligência artificial.

Esse avanço, porém, também concentrou o poder tecnológico global. Os EUA reúnem mais da metade do investimento privado mundial em IA. Em 2024, empregaram US$ 50,5 bilhões na área, 45 vezes mais do que o Brasil. Todas as gigantes que lideram essa corrida, como OpenAI, Microsoft, Google e Anthropic, são americanas. A China, com forte apoio estatal e plano de longo prazo, é a principal rival.

Para se posicionar, o país lançou o Plano Brasileiro de Inteligência Artificial (PBIA), que direciona R$ 23 bilhões para a área até 2028. Também prevê bolsas para pesquisadores, formação de 40 mil profissionais para IA e o reforço a centros como o Laboratório Nacional de Computação Científica (LNCC), no Rio, que abriga o supercomputador Santos Dumont.

— Não vamos liderar em tudo, mas podemos construir soluções com base local que façam sentido para o Brasil — argumenta Henrique Miguel, secretário de Ciência e Tecnologia para a Transformação Digital do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação. — A ambição não é competir diretamente com os gigantes globais, mas também não é ficar refém. Precisamos garantir que o Brasil tenha autonomia.

O governo também aposta na aplicação dessas ferramentas para automatizar processos e gerar eficiência na própria estrutura. Ao menos 40 órgãos federais têm projetos voltados para a tecnologia, incluindo assistentes internos e ferramentas de automação. A meta do Ministério da Gestão é formar 115 mil servidores para uso de IA até 2028.

Grandes bases de dados e um mercado que adota rapidamente as novas tecnologias estão entre os trunfos do país. O Brasil é um dos maiores usuários de plataformas digitais, com 227 milhões de smartphones — número superior ao da população — e quase 90% dos lares conectados à internet. Para o fundador de uma das maiores multinacionais brasileiras de tecnologia, Marco Stefanini, o mercado interno e a capacidade de aplicar IA em problemas reais torna o país um terreno promissor, mesmo sem seguir as rotas de China e EUA.

— O LLM é um jogo de bilhões de dólares em que a gente não vai entrar para ganhar. Mas podemos aplicar a IA em áreas que façam sentido para empresas e para a sociedade — diz o presidente e fundador do Grupo Stefanini, empresa com 34 mil funcionários, atuação em 40 países e 250 projetos de inteligência artificial.

Entre as grandes empresas americanas que lideram a área no mundo, o Brasil também é visto como promissor. Além de oferecerem serviços para os usuários, big techs como Google, Microsoft e OpenAI avançam com soluções corporativas. Uma das principais promessas é alavancar a produtividade, com recursos que automatizam tarefas, melhoram o desempenho de sistemas internos e criam de relatórios com grandes bases de dados a campanhas de marketing personalizadas.

Fora do circuito das big techs, centros de inovação criam soluções comerciais próprias. Com 1,9 mil patentes de softwares, o CPQD, no interior de São Paulo, desenvolve sistemas de voz, reconhecimento biométrico e atendimento com IA usados por bancos e operadoras. A pesquisa evoluiu para criação de vozes artificiais com sotaque regional e de sistemas que detectam emoções ao telefone.

Outro exemplo positivo é o Porto Digital, no Recife, um dos principais distritos de inovação da América Latina, que reúne mais de 21 mil profissionais e 475 empresas de tecnologia, incluindo startups de IA que atuam na área financeira e de recursos humanos.

— Como país, temos condições de colocar uma agenda em IA para o mundo — aposta o presidente do Porto Digital, Pierre Lucena, que afirma que empresas e governo podem se beneficiar da inteligência artificial aplicada, mas alerta que o país precisa formar mão de obra especializada. — Sem gente disponível, ficamos fora do jogo.

Antes do salto atual da inteligência artificial, o Brasil figurava entre os países mais bem posicionados em produção científica na área, ressalta Fábio Gozman, coordenador do Centro de Inteligência Artificial e Aprendizado de Máquina da USP. Hoje, está na 20ª posição:

— Com investimento certo, poderíamos retomar posições mais altas, como já ocupamos no passado — diz o coordenador do centro, que abriga projetos em áreas como saúde, cidades inteligentes e indústria.

Os pesquisadores defendem que o país aproveite o momento atual para desenvolver soluções próprias a partir de grandes modelos de IA abertos, que podem ser customizados e adaptados. Um deles é o recém-lançado Gaia, de código aberto e voltado ao português, desenvolvido com apoio do Google e parceiros locais, como a Universidade Federal de Goiás (UFG), a primeira do país a oferecer uma graduação em inteligência artificial.

— A ideia do Gaia é ser um modelo feito no Brasil, com sotaque brasileiro, para resolver problemas brasileiros — diz Marcellus Amadeus, cofundador da startup Amadeus.AI, que também participou do desenvolvimento do modelo.

Cláudio Pinhanez, pesquisador da IBM Research Brasil, compara o entusiasmo atual com a tecnologia com o fim do milênio passado, quando o mundo especulava o impacto da internet. Para ele, a IA generativa vive hoje o mesmo momento de euforia.

Em parceria com a USP e a partir de modelos de código aberto, o pesquisador lidera projeto que adapta sistemas de IA para falar línguas indígenas. Na primeira etapa, o grupo criou uma ferramenta de tradução e correção na língua Guarani Mbya, para o povo de Tenondé Porã, no sul de São Paulo. Na próxima etapa, a ferramenta será adaptada ao Nheengatu, língua derivada do tupi e falada na Amazônia.

— Assim como a internet, a IA não vai resolver todos os problemas do mundo. Mas vai exigir que o mundo mude — afirma Pinhanez.

Caminhos próprios. Supercomputador Santos Dumont (foto maior, no alto), no Rio ,e o Curupira, criado pela Universidade do Estado do Amazonas para detectar a devastação da floresta pelo som das motosserras: inteligência artificial adaptada à realidade nacional

FOTOS DE DIVULGAÇÃO



COMO O GLOBO VIU


INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL
o longo caminho a vencer
Uma explicação para os Mascon lunares
NOVA ANTENA PARA REPELIR RAIOS

Era o início da década de 1970. Com seu embrião recentemente desenvolvido em uma rede de transmissão de dados do Departamento de Defesa dos Estados Unidos, a Arpanet, a internet era um experimento restrito a centros de pesquisa. Os computadores ainda levariam alguns anos para virarem um bem de consumo massificado. Mas O GLOBO já levantava uma das perguntas que, meio século depois, seriam uma das grandes inquietações do nosso tempo: a inteligência artificial poderá superar a humana?

Com a chamada "Inteligência artificial, o longo caminho a vencer", a reportagem da página 11 da edição de 21 de janeiro de 1970 avisava que, para criar uma verdadeira IA, seria preciso algo mais do que os sistemas "ingênuos" da época. Eram necessários modelos capazes de aprender com o mundo ao redor e que soubessem lidar com ambiguidades da linguagem. Como já sabemos hoje, mas que até então parecia distante.

Entre exemplos mais avançados da época, estavam os primeiros robôs que podiam circular em ambientes e desviar de objetos por meio de sensores. O texto concluía que ainda precisaria surgir alguém "bastante arguto" para criar uma máquina que imitasse os sutis processos do cérebro humano, que seguia, até então, "como o mais inteligente sistema em operação".

Doze anos depois, em 1982, O GLOBO anunciava outro salto, dessa vez da robótica. "Aí vêm os robôs" dizia o título de reportagem de página inteira que detalhava a nova geração de máquinas em fábricas de automóveis, metais e eletrônicos — eram 14 mil no mundo, segundo a estimativa da época. Com olhos de câmera e braços hidráulicos, os robôs soldavam, pintavam e manuseavam prensas. A previsão era de que 1 milhão estariam instalados em fábricas americanas nos anos 2000.

O texto de 1982 ainda trazia previsões para o século XXI. A robotização abriria espaço para novas profissões e mudanças sociais mais amplas, como jornadas mais curtas de trabalho. Seria um futuro também de fim do dinheiro físico e de um cotidiano em que ninguém mais precisaria sair de casa para fazer compras. "Nenhum de nós será o mesmo na virada do século", cravava a reportagem.

Quando o século efetivamente virou, os primeiros ares do que viria nas duas décadas e meia seguintes apareciam estampados na manchete do domingo de 11 de junho de 2000, com um dos protagonistas da indústria de tecnologia nos anos que viriam depois: "Novos serviços vão revolucionar celular", dizia o título, antes do complemento: "com acesso à Internet, telefone vira computador de bolso". A reportagem previa o que hoje é realidade: conexões móveis, aplicativos e a vida digital na palma da mão por meio de corriqueiros smartphones e tablets. Dali para o "fim" do dinheiro físico e as compras a um clique na tela era uma questão de tempo. (*Juliana Causin*)

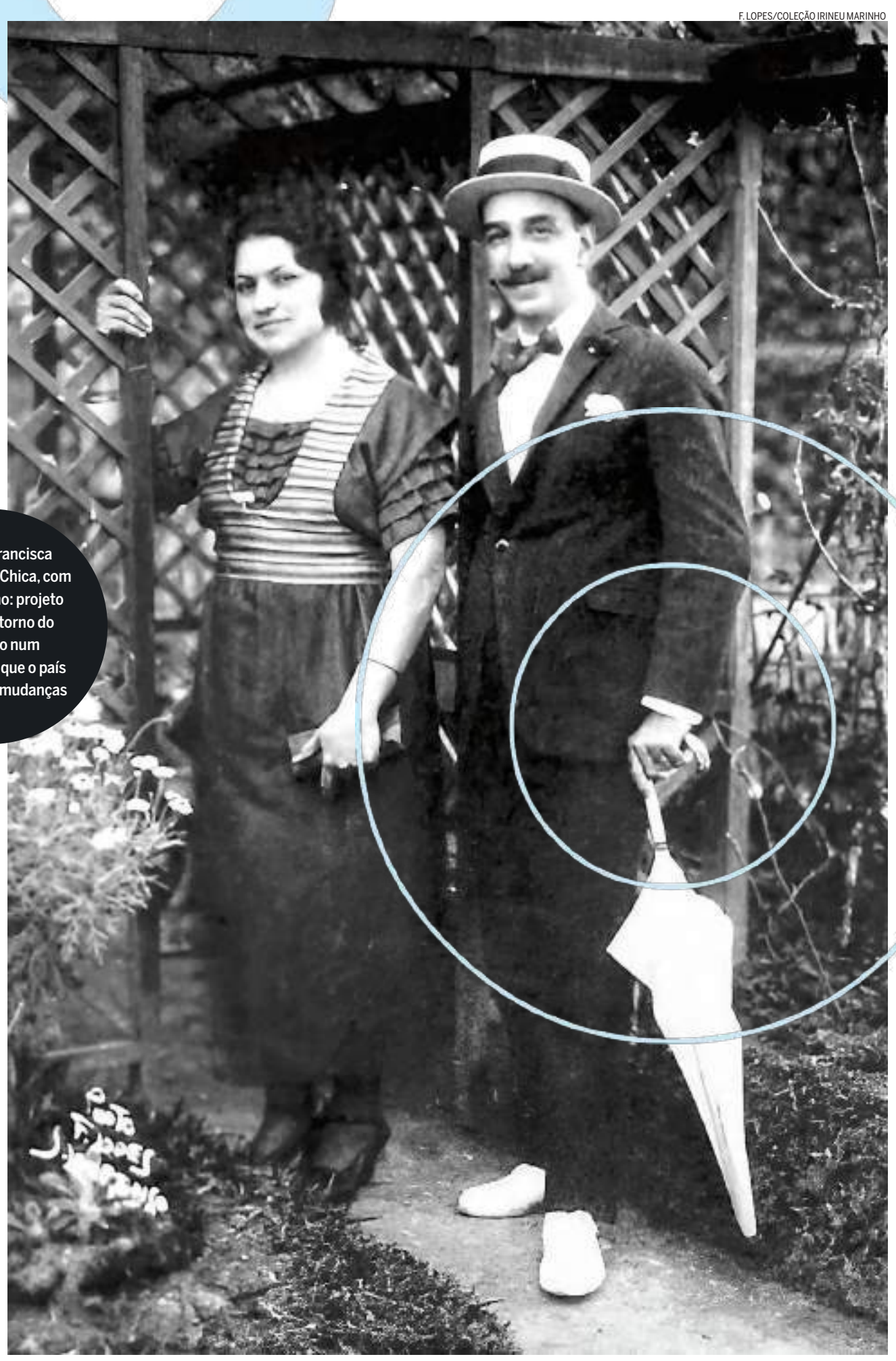
NOSSA HISTÓRIA

A Noite, O GLOBO e mais duas ou três notas sobre Irineu Marinho

Carreira de jornalista começou aos 15 anos, na República recém-proclamada, quando a imprensa passou a mirar jornais americanos e europeus, que democratizaram sua linguagem em busca de leitores em massa

MARIA ALICE REZENDE DE CARVALHO
Especial para O GLOBO

F. LOPES/COLEÇÃO IRINEU MARINHO



Parceria. Francisca Pisani, a Dona Chica, com Irineu Marinho: projeto comum em torno do jornalismo num momento em que o país vivia grandes mudanças

Irineu Marinho nasceu em 1876, fundou o jornal A Noite em 1911 e morreu em 1925, menos de um mês após ter fundado o jornal O GLOBO. Esta poderia ser a biografia resumida de um jornalista que não criava apenas notícias, criava jornais.

Mas a vida de um grande personagem não se mede apenas pelo que ele fez. Mede-se também pela capacidade de plantar seus sonhos em qualquer terreno. Por isso é comum que realizações notáveis se deem em períodos de mudança, quando os sonhos não encontram fortes resistências do passado.

Em 1891, quando Irineu Marinho ingressou no mundo da imprensa, o país e o jornalismo viviam grandes mudanças. A República recém-proclamada não alterou muita coisa no sistema de poder, mas, tendo sido os cafeicultores paulistas os artífices da nova forma de governo, a indústria, a urbanização, e o trabalho de imigrantes europeus passaram a ser miragens da nova sociedade em marcha.

Nossa imprensa, por sua vez, vinha sendo redefinida desde as campanhas abolicionista e republicana, quando se viu sacudida pelo ambiente de debates públicos e passou a mirar jornais dos EUA e de países da Europa ocidental que democratizaram sua linguagem em busca de leitores em massa. Irineu Marinho tinha 15 anos de idade quando a cidade e a imprensa se tornaram para ele fatores da equação moderna, afetando o seu padrão dominante de comportamento e de sentimento. Essa é a primeira coisa a se ter em mente quando se pretende conhecer Irineu Marinho.

NA PORTA DA REDAÇÃO

Mas o sonho não se realizou de imediato; e talvez nem estivesse completamente definido. Por aquela época, Irineu Marinho era apenas mais um dos rapazinhos que, após as aulas, se dirigiam à porta da redação do Diário de Notícias, aguardando que o chefe dos revisores lhes concedesse algum trabalho. Ali se deu a sua iniciação profissional, que consistiu no aprendizado prático junto a veteranos da imprensa. Em geral, era dessa fricção entre velhos jornalistas e jovens aprendizes que nasciam fortes lealdades, afeto genuíno e estratégias de inscrição, conformando as chamadas "panelas". E foi uma delas que propiciou a entrada de Irineu Marinho na Gazeta de Notícias, comandada pelo experiente Manoel de Oliveira Rocha, o Rochinha, última estação de onde partiria para fundar o seu próprio jornal: A Noite. O sonho, afinal, se definira.

Contudo, um jornal, além de profissionais competentes, precisa conhecer o público a que se destina. E esse é o segundo elemento capaz de explicar o sucesso de Irineu Marinho em uma conjuntura tão imprevisível como a dos anos iniciais da república: ele "lia" corretamente a cidade do Rio de Janeiro e se identificava com a potência transformadora presente na vida popular.

SENSO DE EQUIPE

A Noite foi, portanto, um formato de jornal e uma forma de jornalismo adequados ao público da capital federal. E para que se viabilizasse, foram necessárias novas práticas no ambiente cultural do jornalismo e na própria vida familiar de Marinho e D. Chica — apelido de Francisca Pisani, a esposa com quem Irineu Marinho selou uma parceria colaborativa e amorosa.

O termo "parceria colaborativa" surgiu no ambiente artístico do século XX, quando Braque e Picasso, por exemplo, trabalharam juntos no desenvolvimento do cubismo. No jornalismo, a colaboração enfatiza a natureza relacional do ofício, isto é, os efeitos que as pessoas envolvidas naquela atividade exercem umas sobre as outras. Sobretudo em A Noite, cujas maiores reportagens exigiam a produção de um "contexto" em que os leitores se vissem envolvidos — o que impunha a mobilização conjunta de redatores, fotógrafos e editores munidos de um forte sentimento de equipe.

D. Chica desempenhou um papel estratégico naquele cenário, organizando almoços semanais para o grupo de Irineu Marinho. As "domingueiras" eram momentos dedicados a sedimentar amizades, mas também a regular práticas em curso, agenciar favores e negócios... enfim, eram ocasiões em que as dimensões pública e privada diminuíam suas fronteiras. E se, em relações conjugais, as parcerias mais frequentes são as que um dos cônjuges se dedica a apoiar o sonho do outro, entre Marinho e Chica parece ter prevalecido um pacto mais ou menos consciente de colaboração num projeto comum. Afinal, é conhecida a atenção que ela dedicava aos jornais da família e às notícias publicadas, como atesta a carta que endereçou em 1932 a seu primogênito Roberto, à frente do GLOBO após a morte de Irineu Marinho, em que o adverte quanto a mudanças não desejáveis no alinhamento político do jornal.

Por fim, um terceiro aspecto que se pode considerar representativo da novidade introduzida por Irineu Marinho foi a antevisão de uma economia regional suportada por atividades eminentemente urbanas, como a indústria da informação e do entretenimento, em que repórteres e artistas teriam um lugar privilegiado. Também aí — e principalmente nesse caso — Irineu Marinho ultrapassou os limites do que a sua geração concebia como modo exclusivo de inscrição e sucesso em um país agrário exportador.



"Domingueira". Almoço na casa da família Marinho,, na década de 1910. Roberto Marinho é a criança de pé, ao centro. Irineu e Dona Chica estão próximos, sentados no canto à esquerda

ACERVO ROBERTO MARINHO

MARIA ALICE REZENDE DE CARVALHO
é socióloga (PUC-Rio)
e autora do livro "Irineu Marinho — Imprensa e cidade" (Globo Livros)

Rio de Janeiro ★ 2025

O GOVERNO DO RJ GARANTE BOAS NOTÍCIAS NESTA EDIÇÃO DE 100 ANOS.



O ESTADO DO RIO DE JANEIRO VIVE UM MOMENTO DE GRANDES CONQUISTAS PARA QUEM VIVE AQUI.

Para onde você olhar, encontrará investimentos e realizações acontecendo em nosso estado. Fruto de um Governo dedicado, que trabalha firme para transformar a vida da população. Avançamos e superamos desafios e podemos muito mais. Esse é um compromisso que se reafirma todos os dias.

SEGURANÇA

- Investimento histórico: + de R$ 4,5 bilhões.
- 13 mil câmeras corporais. 5,8 mil novas viaturas.
- Segurança Presente dobrou de tamanho desde 2021.
- Defesa Civil e bombeiros: + de R$ 1 bilhão investidos.
- Lançamento do Aplicativo Celular Seguro RJ.

SAÚDE

- Rio Imagem Baixada: 1,7 milhão de exames.
- Novas unidades especializadas em oncologia: Nova Friburgo e Baixada.
- SAMU 100% RJ: 249 ambulâncias com UTIs.

ECONOMIA

- PIB do estado supera R$ 1 trilhão.
- R$ 118 bilhões em novos negócios.
- 708 mil novos empregos formais.
- Recorde absoluto: 330 mil novas empresas abertas.

DESENVOLVIMENTO SOCIAL

- Mais de 41 milhões de refeições servidas.
- 13 unidades do Restaurante do Povo.
- RJ Alimenta e Café do Trabalhador: 9,7 milhões de refeições servidas.
- Hotel Acolhedor: 270 mil pernoites desde 2021.



Saiba mais em **rj.gov.br**

RICARDO PINHEIRO
ricardo.pinheiro@edglobo.com.br



Inteligência artificial. O GLOBO sempre foi pioneiro na incorporação de novas tecnologias à rotina do jornal. Projeto Irineu oferece produtos que utilizam IA

TECNOLOGIA A SERVIÇO DO LEITOR E DA REDAÇÃO

Projeto Irineu usa IA para enriquecer experiência de leitura e incrementar produção de conteúdo a partir de informações proprietárias do GLOBO

Quantas inovações cabem em 100 anos de história? Entre outras, O GLOBO foi o primeiro veículo brasileiro a publicar uma telefoto (em 1936), uma radiofoto colorida (em 1959) e a ter um caderno de Informática (o Informática Etc., lançado em 1991). No caso da inteligência artificial generativa (IA), aquela capaz de criar conteúdos a partir de comandos humanos, o jornal também foi pioneiro. Ainda no primeiro semestre de 2023, poucos meses depois de o ChatGPT se tornar público (em novembro de 2022), O GLOBO iniciou testes para explorar como a tecnologia poderia ser incorporada às suas rotinas e ao desenvolvimento de produtos. Há pouco mais de um ano, em junho de 2024, nasceu o Projeto Irineu.

Batizado em homenagem ao jornalista Irineu Marinho (1876-1925), fundador do GLOBO, o projeto tem dois objetivos que fazem parte do DNA do jornal: de um lado, incrementar a produção de conteúdo da redação; de outro, enriquecer a experiência dos leitores e assinantes.

"Resumo", o primeiro recurso lançado, aparece como um botão nas matérias do site do jornal e fornece aos leitores — como sugere o próprio nome — uma versão concisa de cada conteúdo. A ideia é tornar a leitura mais dinâmica, dando ao leitor elementos para decidir se quer (ou não) se aprofundar naquele conteúdo.

O editor executivo André Miranda lembra que antes de qualquer jornal no mundo lançar produtos com IA O GLOBO já fazia testes.

— Fomos muito pioneiros. O GLOBO nunca teve medo da tecnologia — destaca Miranda, dando como exemplo o curso oferecido para a redação, antes do lançamento do projeto. — Não era sobre como usar o GPT, mas sim para discutir as possibilidades da IA no jornalismo e como encarar esse desafio como oportunidade, não risco.

Tão logo o Irineu veio ao mundo, o Grupo Globo incorporou a seus Princípios Editoriais uma série de recomendações para o uso da IA no jornalismo (a íntegra do documento está disponível online).

Para garantir que os conteúdos mantenham o padrão de qualidade, uma das diretrizes prevê que o uso de IA seja supervisionado por um profissional de carne e osso. Além disso, todos os produtos desenvolvidos dentro do Irineu só utilizam informações proprietárias do GLOBO, o que garante a integridade delas.

Ainda em 2024, o projeto ganhou mais dois produtos: a série "Com a palavra", que decifrou os 600 mil discursos deste século no Congresso Nacional — revelando como as mudanças na sociedade pautaram a retórica de deputados e senadores —, e a ferramenta de tradução de notícias para inglês e espanhol, durante a cobertura do G20 no Brasil — momento no qual os olhos do mundo estavam sobre o país. E daqui para a frente? Enquanto os jornais de todo o planeta enfrentam a possibilidade de queda de audiência por conta da IA, que entrega a informação "mastigada" via buscadores online, o trunfo do GLOBO para o futuro está justamente no seu centenário. O jornal trabalha para que a IA otimize o uso de seu acervo.

Miranda informa que há uma ferramenta semelhante ao GPT com respostas retiradas do acervo do jornal que já está sendo usada internamente e, num futuro próximo, será disponibilizado para os leitores.

— Quantos veículos têm um acervo centenário como O GLOBO, com qualidade de texto e checagem? — pergunta Miranda. — O mar da internet não oferece isso. Existem peixes bons e podres. Nós garantimos que a informação é de qualidade, do jeito que o leitor quer.

O GLOBO:
HÁ 100 ANOS
CONECTANDO
O BRASIL ATRAVÉS
DA INFORMAÇÃO.

Uma homenagem da Vivo
ao centenário de um dos mais
importantes jornais do país.

vivo | O GLOBO 100

Telefônica

A TRANSIÇÃO ENERGÉTICA DA PETROBRAS É JUSTA.

Justa para você.

A Petrobras é líder na transição energética justa, sempre comprometida com o desenvolvimento sustentável do Brasil. Justa porque reduz as emissões de gases de efeito estufa e amplia os investimentos em energias renováveis, sempre atenta ao meio ambiente e sem deixar ninguém pra trás. A Petrobras é líder na transição energética justa para um Brasil que é dos brasileiros.

PETROBRAS.
LÍDER NA TRANSIÇÃO ENERGÉTICA JUSTA.

PETROBRAS
O BRASIL É A NOSSA ENERGIA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

PABLO JACOB/16-7-2021

DESAFIOS DO BRASIL COMO 'CELEIRO DO MUNDO'

Mais tecnologia, melhorias genéticas e investimento em educação são primordiais para a expansão do agronegócio, que alimenta um bilhão de pessoas por dia



DIVULGAÇÃO/20-12-2017

Internet das coisas. Tecnologia implantou sensores com chips para coletar informações e dar autonomia a equipamentos. Drones controlam a irrigação e defensivos



Agronegócio. Revolução no interior incorpora tecnologias e garante segurança alimentar no mundo

PAULO RENATO NEPOMUCENO
paulo.renato@oglobo.com.br

Um time de 28,6 milhões de trabalhadores produziu o equivalente a R$ 2,72 trilhões nas lavouras do país em 2024. Foram quase 300 milhões de toneladas de grãos, 599 milhões de toneladas de cana-de-açúcar e 41,5 milhões de toneladas de café. O agronegócio brasileiro respondeu por quase 25 centavos de cada real que circulou na economia do país no ano passado. Na pecuária, foram produzidas mais 32,4 milhões de toneladas de carne bovina, suína e de frango. Apesar da sequência de safras recordes, da melhoria genética de plantas e de uma população mundial que aumenta seu consumo com melhores condições de renda, o país ainda enfrenta desafios para destravar um potencial ainda maior de produção e manter o título de "celeiro do mundo".

MUNDO DEPENDE DO BRASIL

Segundo analistas, os produtos do agro brasileiro abastecem diariamente um bilhão de pessoas. Para o ex-ministro da Agricultura Roberto Rodrigues, professor emérito da FGV, o futuro do mundo depende da produção do Brasil:

— Segurança alimentar é a única condição para estabilidade política das nações — resume. — Segundo a OCDE, o Brasil precisa aumentar sua produtividade em 40% para garantir a segurança alimentar mundial.

Os especialistas destacam que o principal problema é o desmatamento ilegal, que traz prejuízos à imagem do país no exterior e à própria produção local, uma vez que a Amazônia é o principal regulador das chuvas e do clima propício ao agronegócio.

— Se temos chuva regular e bem distribuída ao longo dos ciclos de até três colheitas, algo único no mundo, é pela vegetação nativa — aponta o diretor executivo do Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (Ipam), André Guimarães. — É necessário achar um modo inteligente de compatibilidade para que uma proteja a outra, tendo simbiose, e não competição por espaço. A vacina para proteger os impactos ambientais é a floresta. Sem a Amazônia, não há irrigação e não tem comida para um bilhão de pessoas.

Para o ex-presidente da Embrapa Celso Moretti, a ampliação da fronteira agrícola já não é necessária.

— O Brasil não precisa mais desmatar. É só incorporar o que já está degradado à matriz produtiva — recomenda, afirmando que há cerca de 40 milhões de hectares em condições recuperáveis no país. — Precisamos seguir o caminho mais verde de sustentabilidade, senão perderemos mercado. Oriente Médio, Europa e Sudeste Asiático não aceitam mais comprar produtos de áreas desmatadas.

> **"Precisamos seguir o caminho mais verde de sustentabilidade, senão perderemos mercado"**
> **Celso Moretti,** ex-presidente da Embrapa

TERRAS DOMESTICADAS

O melhor aproveitamento do solo já começa a estar presente, segundo Marcello Brito, diretor do braço agroambiental da Fundação Dom Cabral:

— Domesticamos terras que não serviam para produção agrícola. E agora começamos a transição da nova ciência e tecnologia para a agricultura regenerativa.

A transição energética também traz ao país a possibilidade de continuar na dianteira global do agronegócio. A produção de etanol de milho e de biodiesel e a crescente demanda pelo combustível sustentável de aviação (SAF), que por aqui pode ser produzido com o óleo de carnaúba e canola, vão renovar a atenção do mundo sobre o Brasil, agora como fornecedor para a aviação e navegação, relevantes nas emissões de gases do efeito estufa, mas essenciais ao comércio global, afirma Moretti:

— O mundo tropical nos copia, e temos a capacidade de liderar a produção agropecuária de forma sustentável.

Um trunfo que auxiliará o futuro da agropecuária é o uso cada vez mais intensivo da tecnologia. O avanço da inteligência artificial e da internet no campo, o uso cada vez mais cotidiano de drones e a adaptação genética de plantas são ferramentas que podem contribuir para aumentar a produtividade, reforçando o país na liderança no mercado global de agropecuária.

— Das seis milhões de propriedades rurais no país, apenas 30% estão conectadas à internet. Com a conexão, é possível utilizar sensores de previsão do tempo mais afiados, drones autônomos para irrigação e aplicação de defensivos, internet das coisas (IoT) para autonomia de aparelhos. E, com a IA, você consegue identificar o início de infestações de pragas e ervas daninhas. Ela permite melhorar a performance de leitura de dados e melhoramento genético, monitorar o uso da terra e ajuda no controle de pragas, leitura de risco climático. É uma avenida enorme pela frente — pontua Moretti.

A edição genômica é outra ferramenta que promete revolucionar. Com o uso de uma "tesoura" biotecnológica, será possível acordar ou silenciar genes que têm papel importante em cada planta, aposta o ex-presidente da Embrapa, lembrando que já há canas no mercado com maior teor de açúcar justamente para produzir mais etanol sem necessidade de usar mais bagaço.

— A ciência genômica poderá também ser uma carta na manga diante das mudanças climáticas — diz Moretti.

Mas, para que isso ocorra, é necessário instrução da mão de obra. Segundo Marcello Brito, que já presidiu a Associação Brasileira do Agronegócio (ABA), a precariedade no ensino técnico voltado para o setor cria uma falha de aproveitamento de capital humano gigantesca no campo, um ponto que merece atenção.

— As grandes empresas relatam extrema dificuldade para conseguir mão de obra qualificada. Há um contingente disponibilizado, mas o processo educacional é horrível e falho. É necessário um pacto pela educação técnica — ele destaca, acrescentando que os pequenos e médios produtores possuem um maior gasto relativo para preparar a força de trabalho.

INSUMOS MAIS CAROS

Outro gargalo, diz Moretti, é a dependência externa de fertilizantes. A guerra na Ucrânia e o recente conflito entre Israel e Irã elevaram o preço dos insumos.

— Cerca de 85% dos nutrientes dependem de importação. Quando estourou a guerra da Ucrânia, todos disseram "o Brasil vai ficar sem adubo!". Essa previsão não se confirmou, conseguimos superar esse gargalo e esquecemos a pauta. É um erro estratégico — diz o ex-presidente da Embrapa.

Brito, da Dom Cabral, aponta problemas de infraestrutura como mais um fator a impedir que o país aproveite todo o seu potencial para aumentar a produtividade. Ele comenta que, nos últimos 20 anos, a cada período de safra há necessidade de um plano emergencial de logística. As estradas não dão vazão, nem os portos, e não se investe em ferrovias. A malha ferroviária está menor do que em 1950, e não se utiliza o potencial de hidrovias e cabotagem.

— O Brasil é um país que quer crescer, mas não quer as tarefas que os outros países cumpriram. Não há como transportar por disco voador — afirma.

29 JULHO

GRANADO
RIO DE JANEIRO
&
O GLOBO

29 JULHO

HÁ MAIS DE UM SÉCULO ESCREVENDO A HISTÓRIA DO BRASIL



FELIZ 100 ANOS, O GLOBO!

É uma honra celebrar essa parceria entre duas marcas cariocas
que levam tradição, qualidade e orgulho para o Brasil!



Brics. Cúpula de chefes de estado e de governo reunida no Rio: Brasil tem agenda baseada em causas globais, como combate à pobreza e proteção do meio ambiente

PABLO PORCIUNCULA/AFP

'SOFT POWER' PODE LEVAR BRASIL A PAPEL DE DESTAQUE GLOBAL

JANAÍNA FIGUEIREDO
janaina.figueiredo@oglobo.com.br

Diplomatas e especialistas acreditam que, sem poder militar e econômico, país deve apostar em sua capacidade de sedução e persuasão

Num mundo que vive a transição entre a ordem construída após o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945, e a construção de uma nova ordem que ainda não mostra seus contornos, o Brasil enfrenta o desafio de encontrar espaços de destaque e, num cenário otimista, de liderança. Em momentos que muitos definem como de desordem global, com duas guerras apavorando o mundo, ataques ao sistema multilateral e uma ofensiva comercial do presidente americano Donald Trump contra diversos países, entre eles o Brasil, o país organizou, antes e depois da chegada do republicano ao poder, cúpulas de chefes de Estado e de governo do G20 e do Brics, e em novembro será sede da COP30, em Belém. Numa ordem global que está se desestabilizando, o Brasil busca construir pontes, consensos e, no caso dos conflitos bélicos, encontrar caminhos que possam levar à paz.

BUSCA POR CONSENSO

O Brasil não tem poder militar, nem é uma grande potência econômica. Para alguns analistas, uma potência intermediária; para diplomatas brasileiros como Mauricio Lyrio, secretário de Clima, Energia e Meio Ambiente do Ministério das Relações Exteriores e sherpa (representante do presidente) do Brasil no Brics e no G20, o país é "uma potência considerável, apesar de não ter elementos tradicionais de poder".

— Não temos bomba atômica ou capacidade militar, mas acho que é subestimada a capacidade de dialogar e ter credibilidade com todos — aponta Lyrio, principal negociador das declarações presidenciais das duas cúpulas realizadas no Rio, em novembro de 2024 e julho de 2025.

G20 no Rio. O presidente Lula se une a líderes mundiais na conferência realizada na cidade em novembro de 2024: país conseguiu bons resultados nos eventos que sediou

RICARDO STUCKERT/PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA



Pisando em ovos, o Brasil conseguiu alcançar consensos, atendendo aos interesses e demandas de todos envolvidos nas negociações. Na cúpula do G-20, em meio a bombardeios intensos da Rússia sobre a Ucrânia e com governos europeus pedindo para abrir uma declaração já fechada, os negociadores liderados por Lyrio encontraram caminhos possíveis mudando apenas palavras do texto finalmente assinado pelos presidentes. Na diplomacia, muitas vezes, uma palavra resolve. E o Brasil tem expertise em matéria de negociações diplomáticas.

Entrou em campo o *soft power* brasileiro, visto por diplomatas estrangeiros como Thomas Shannon, ex-embaixador dos Estados Unidos no Brasil e ex-subsecretário do Departamento de Estado, como uma de suas principais ferramentas de política externa. O mundo, afirma Shannon, "vai se cansar da disputa entre EUA e China, e verá como perigosas demais as guerras que afetam a paz e a prosperidade. Para controlar os danos, é preciso que um grupo de países atue. O Brasil pode estar entre eles":

— São os chamados "buffer states" (estados "tampão" ou "de amortecimento", em tradução livre), que falam com todos.

Para ele, não há dúvidas que o Brasil terá um papel muito importante no trabalho de dar forma ao século XXI, pois "o país domina a geografia da América do Sul, a economia, tem grandes recursos como água, minerais, energia, alimentos".

— Geograficamente, o Brasil está bem posicionado e não precisa se preocupar com ataques de vizinhos ou forças externas. Tem uma democracia sólida e instituições que se posicionaram de maneira impressionante nos últimos anos. Existe compromisso com a democracia, e isso é importante — frisa o americano.

O Brasil, ele acrescenta, tem tudo para ser um *player* importante em grandes temas como alimentos, energia, e na reformulação do multilateralismo.

Em sua análise, Andrés Malamud, pesquisador do Instituto de Ciência Sociais da Universidade de Lisboa, traz da ciência política clássica três dimensões do poder: porrete, cenoura e a palavra. O porrete, diz ele, é a capacidade de liderar na alta política, e para chegar a isso é preciso ter poder econômico e militar. É o que Trump está tentando fazer desde que assumiu seu segundo mandato. A cenoura, explica ele, é contar com recursos que possam interessar ao mundo. Finalmente, a palavra, o poder de sedução e persuasão. Mais uma vez, a diplomacia e seu *soft power*. Como fez Nelson Mandela quando foi presidente da África do Sul, diz Malamud, Lula faz com o Brasil, tornando o país num foco de atração e impulsionando uma agenda baseada em causas globais como a fome, a pobreza, proteção do meio ambiente. "O Brasil pode atrair, mas não usar a força", frisa o pesquisador da Universidade de Lisboa.

— O Brasil atua por presença. Já foi líder regional, em países como a Venezuela. Isso se perdeu, mas o país tem a expectativa de mediar no mundo — afirma Malamud.

O Brasil conduziu bem seu papel como presidente do G-20, do Brics e, no segundo semestre de 2025, está à frente do Mercosul. Neste último caso, seu grande desafio é conseguir que o acordo com a União Europeia (UE) seja assinado. A guerra comercial lançada por Trump contra o resto do mundo deveria ser um elemento que impulsione os europeus a resolverem suas diferenças internas, mas, mesmo com um cenário amplamente favorável, o Brasil terá que dobrar os europeus que boicotam o entendimento, pressionados por setores internos de seus países. Se conseguir a assinatura do acordo em sua presidência do Mercosul, o Brasil voltará a mostrar capacidade de liderança regional e global.

Na opinião de Guilherme Casarões, cientista político e professor da Escola de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas de São Paulo, "o *soft power* brasileiro pode permitir ao país estar numa posição de liderança no combate às mudanças climáticas, defesa da democracia, direitos humanos, produção de alimentos e energia. Mas não é tão simples como há 15 anos":

— Num contexto de insegurança global, o Brasil pode tentar ter um papel, mas precisa mostrar sua capacidade de exercer algum tipo de mediação. Há 15 anos, éramos amigos de todo mundo. Hoje não vejo tão fácil criar pontes, por exemplo, entre Rússia e Ucrânia.

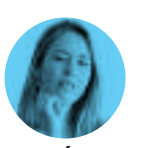
Ele acrescenta:

— Diante de um mundo mais difícil, os recursos diplomáticos que fizeram do Brasil uma voz relevante se limitam. Não é menos confiança em Lula, mas as circunstâncias são diferentes.

GRANDE TESTE

A COP30 será o último grande teste. Há otimismo no Itamaraty, mas também a consciência de que depois de uma COP29 que deixou muito a desejar no Azerbaijão, conseguir resultados em Belém será difícil. Alcançar consensos sobre temas como fome e pobreza, a exemplo do que foi feito no G20, é bem mais simples do que convencer países desenvolvidos a financiarem o combate às mudanças climáticas em países em desenvolvimento.

— Apostamos numa diplomacia propositiva. Com todos os conflitos que o mundo está enfrentando, o Brasil conseguiu bons resultados em todos os eventos que organizou até agora — conclui Lyrio, que comandará as negociações em Belém.



JANAÍNA FIGUEIREDO
É repórter especial e colunista do GLOBO



Quem espera mais de um Banco merece o BTG Pactual.

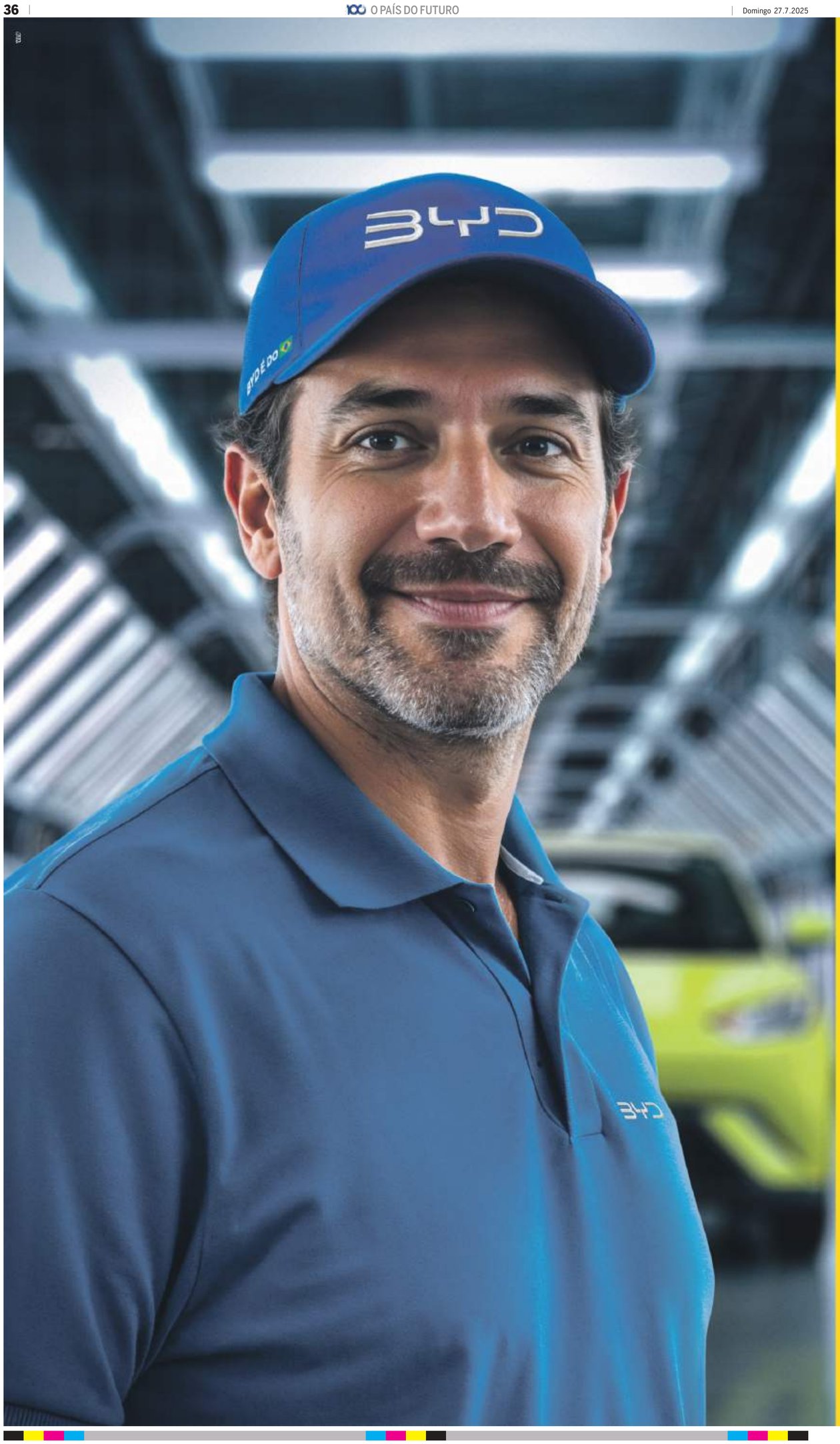
Sabia que o BTG Pactual é um Banco completo? Aqui você conta com atendimento 24x7, cartão de crédito com acesso a mais de mil salas VIP, terminal exclusivo e cashback do IOF em suas viagens. Tudo isso na Melhor Plataforma de Investimentos, eleita pela FGV.

Abra sua conta.

btg pactual

*O BTG Pactual foi vencedor da categoria Plataformas (Varejo e Alta Renda) no ranking Melhor Banco e Plataforma para Investir (MBPI) da FGV em 2023.

Domingo 27.7.2025



BYD

O GLOBO. 100 ANOS DE ESTRADA E AINDA DESCOBRINDO NOVOS CAMINHOS.

Há 100 anos, o Globo inspira reflexões e caminhos que transformam o Brasil em direção a um futuro melhor. Mais que comemorar, a BYD tem orgulho de compartilhar essa história de inovação.



BUILD YOUR DREAMS

Dessacelere. Seu bem maior é a vida.

FOTOS DE DIVULGAÇÃO

INSETOS E CARNE DE REATOR NO MENU

Ciência desenvolve alternativas para alimentar uma população cada vez maior sem piorar impactos ambientais



Cardápio renovado. Carne cultivada em laboratório e projeto de consumo de insetos: busca da produção sustentável de comida

BERNARDO YONESHIGUE
bernardo.yoneshigue@oglobo.com.br
SÃO PAULO

Cozinhar carne cultivada em laboratório e comer barrinhas de proteínas à base de inseto compõem o cenário da alimentação no futuro. O motivo é a exigência de produção sustentável de comida para um planeta que deve ultrapassar 10 bilhões de habitantes até o fim do século e enfrenta eventos extremos provocados por mudanças climáticas. De acordo com a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO, na sigla em inglês), as emissões globais dos sistemas agroalimentares representam em torno de 30% de toda a emissão de gases do efeito estufa no mundo. No Brasil, chegam a cerca de 70%, segundo o Observatório do Clima.

— Para alimentar todo mundo com proteína animal, seria necessário um aumento extremamente elevado na produção — explica Ana Paula Bastos, pesquisadora da Embrapa Suínos e Aves.

RECURSOS POUPADO

As proteínas alternativas dispensam a criação em larga escala de animais para abate. Há quatro categorias em expansão. A mais difundida inclusive do Brasil, é a dos alimentos *plant-based*, com proteína vegetal. Outra é a dos produtos à base de fermentação a partir de biomassa. A terceira são os insetos, já consumidos em muitos países, especialmente asiáticos. O quarto grupo, considerado o mais inovador, é o da carne cultivada em laboratório.

— Você coleta as células do animal e as armazena num banco. Na hora que quiser utilizá-las, retira uma parte e faz a proliferação até chegar a uma densidade suficiente para colocá-las num biorreator. Nele, você insere outros ingredientes, como um meio de cultura com fatores de crescimento, vitaminas, água, sais. Esse biorreator mimetiza o corpo do animal para a célula se desenvolver e proliferar — explica Kamila Habowski, cientista de alimentos e pesquisadora do Laboratório de Microbiologia Quantitativa de Alimentos da Unicamp.

A carne cultivada evita o abate e poupa recursos para ser produzida, acrescenta Carla Molento, pesquisadora do Laboratório de Zootecnia Celular da Universidade Federal do Paraná, coordenadora do Napi Proteínas Alternativas e presidente da Associação Brasileira de Agricultura Celular:

— Os sistemas nos livram de outros problemas, como o gasto de água, uso de terra e risco de doenças contagiosas emergentes. Mas o cultivo celular ainda está na fase de desenvolvimento na maior parte do mundo.

Em quatro países, a carne cultivada já pode ser vendida. O primeiro a autorizar foi Cingapura, em 2020, com nuggets de frango cultivados. Em 2023, os Estados Unidos aprovaram o filé de frango. Em seguida, em 2024, Israel deu o aval para a carne bovina, e Hong Kong aprovou um patê de codorna, também liberado em Cingapura. China, Holanda, Austrália e Coreia do Sul investem na alternativa, mas ainda sem ter produtos liberados. No Brasil, os produtos ainda estão longe de chegar ao público. As especialistas acreditam que dentro de até 15 anos os alimentos de laboratório devem avançar e chegar ao cardápio dos brasileiros.

Um desafio é a produção da carne cultivada em nível industrial. Hoje, os ingredientes e biorreatores usados ainda vêm da área de pesquisa. Habowski, da Unicamp, conta que isso é um entrave para definir o quão sustentável é esse tipo de alimento:

— Ainda não temos uma indústria grande para confirmar que os biorreatores não vão gastar muita água, gerar gases de efeito estufa.

Outro entrave é o acesso a banco de células para dar início ao cultivo, algo que vem sendo trabalhado na Embrapa, conta Ana Paula. O teor nutricional deste tipo de carne varia, segundo a pesquisadora:

— Você faz a carne dentro de um ambiente controlado e consegue ter uma concentração maior ou menor de proteína numa porção. O peito de frango normal, por exemplo, tem 30 gramas de proteína em uma porção de 100 g.

Outra proteína que deve ser mais consumida no futuro é a derivada dos insetos.



A FAO estima que 2 bilhões de pessoas em todo o mundo já são adeptas da entomofagia, a alimentação à base de insetos.

— A parte comestível de um inseto é de cerca de 80%, enquanto no frango é de 55% e, numa vaca, de 40%. E um quilo de inseto precisa de 18 metros quadrados para criação, enquanto um um quilo de vaca precisa de 198 metros. De água, precisamos de 23 litros para produzir 1 grama de proteína de inseto e de 112 litros para produzir um 1 grama de proteína de vaca. E o inseto se cria mais rápido — compara Elaine Soares, doutora em Entomologia e professora da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (Unila).

Há mais de 2 mil espécies já registradas como uso culinário em 140 países. Alguns têm 77% de teor de proteína. Fabíola Dorneles Inácio, bióloga e professora do Instituto Federal do Paraná (IFPR), onde coordena um projeto de criação de insetos para alimentação, lembra que a tanajura já é consumida no Nordeste, no Norte, no Centro-Oeste e em partes de Minas Gerais.

— Espécies como *tenebrio molitor*, que é a larva do besouro, a barata cinérea e a mosca soldado-negro são campeãs na quantidade de proteínas. E são ricos em gorduras boas, insaturadas, ácidos graxos completos, importantes para a nossa saúde. Também têm todos os aminoácidos essenciais, além de vitaminas, fibras e minerais — defende.

A bióloga explica que, devido à resistência cultural, muitas iniciativas buscam usar esses animais de forma mascarada, como em farinhas para pães, bolos e sorvetes. Mas, para ela, com o tempo é possível que as pessoas fiquem mais abertas a experimentar:

— Há algumas décadas, não era comum comer peixe cru no Brasil, enquanto na Ásia era muito comum. Hoje, muitos brasileiros comem sushi. Tudo é uma questão cultural. Claro que comer barata é algo difícil. Mas sabemos que a população mais jovem está mais disposta a experimentar coisas novas.

ULTRAPROCESSADOS

Para a historiadora Ana Carolina de Viotti, professora da Unesp e responsável pelo projeto "Comer História", o mercado de proteínas alternativas está ligado à redução do hábito de cozinharem casa e a um crescimento da indústria alimentícia no futuro. Mas, para ela, persistirá um dos principais desafios de hoje: a expansão dos ultraprocessados, como salgadinhos, refrigerantes e macarrão instantâneo:

— A industrialização massiva transformou os modos de produzir, conservar a comida, consumir e entender a comida — diz a historiadora, ressalvando que crescem movimentos de revalorização da comida como prática cultural e afetiva, a exemplo de cozinhas populares, hortas urbanas e saberes tradicionais. — Nas próximas décadas viveremos essa tensão entre uma alimentação cada vez mais mediada por tecnologias e outra que insiste em manter vivos os vínculos comunitários que alimentam, também, a vida social.

COMO O GLOBO VIU

Os desafios das mudanças climáticas e da superpopulação do planeta não são novidade nas páginas do GLOBO. Já em 1954, antes mesmo de o termo "aquecimento global" se popularizar, o jornal trazia o alerta: "O mundo está ficando mais quente".

Em 1973, a matéria "Ano 2000: comida feita na fábrica" projetava um futuro em que "comida instantânea de astronautas" e "máquinas-cozinha" seriam soluções para alimentar um planeta com 3,7 bilhões de habitantes em crescimento acelerado.

Em 2011, O GLOBO passou a noticiar que o aquecimento da Terra já afetava a produção de alimentos — e que mudanças na dieta, com novas fontes de proteína além da carne animal, ganhavam espaço como solução.

Dois anos depois, em 2013, o jornal anunciou a produção do primeiro hambúrguer cultivado em laboratório. O veredito dos críticos? Faltou sal e pimenta. Mas o paladar era de carne.


ELE SEMPRE É LEGAL COM VOCÊ. AGORA É A SUA VEZ.
Ano 2000: comida feita na fábrica
3
- Da construção à decoração o KEI se encarrega de tudo

Solução. Em texto de 1973, o futuro em 2000 com comida instantânea de astronautas

REPRODUÇÃO

A GENTE CUIDA DO HOJE PARA O AMANHÃ FLORESCER. PORQUE É DA NOSSA NATUREZA FAZER ACONTECER.

A CAIXA e o Governo Federal acreditam na construção, hoje, de um futuro justo, inclusivo e regenerativo.

Por isso, apoiamos diversos projetos e temos soluções que unem inovação, impacto social e meio ambiente, incentivando a transição para uma economia de baixo carbono, sem deixar ninguém para trás.

Do saneamento básico à mobilidade limpa.
Da moradia digna ao apoio à cultura criativa.
Da inclusão social à autonomia financeira.

IMPACTO • SUSTENTABILIDADE • CIDADANIA

CAIXA
É POR VOCÊ. É POR TODO O BRASIL.

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO



DIVULGAÇÃO



Inovação. Cidade esponja em Pequim, na China (à esquerda), e telhados verdes em Melboune, na Austrália (à direita), são exemplos de soluções para reduzir o calor

SOLUÇÃO LOCAL PARA O CALOR GLOBAL

Cidades ao redor do mundo buscam ferramentas adaptadas às realidades regionais e novas tecnologias verdes para enfrentar o aquecimento extremo do planeta

ANA LUCIA AZEVEDO
ala@oglobo.com.br

Nagpur fica bem no meio da Índia. Mas poderia ser no meio do inferno. Está no epicentro das ondas de calor que fazem do país um dos mais afetados pelo aquecimento do planeta. Desde 2015, no verão, o termômetro raramente desce abaixo dos 40°C e chega aos 45°C sem esforço. Porém, vem de Nagpur um exemplo de adaptação às mudanças climáticas e investimento em sustentabilidade. A cidade reduziu em 2,7°C a temperatura média no verão, segundo um estudo publicado este mês na revista Nature Communications.

Um alívio para os 2,4 milhões de habitantes de Nagpur. E um alento para as cidades mundo afora, num momento de crise climática sob um cenário político mundial conturbado em que planejar os próximos anos se tornou ainda mais desafiador.

De todos os extremos, os de calor, como em Nagpur, têm sido os mais frequentes e danosos, com impactos diretos na economia, na saúde e na qualidade de vida, destaca Denise Duarte, professora titular da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Universidade de São Paulo (FAU/USP), coordenadora do projeto "Adaptação das cidades à mudança do clima na microescala" e membro do IPCC, o painel científico da ONU para mudanças climáticas.

— O calor é o maior inimigo. Um assassino silencioso. É preciso que nossas cidades deixem de ser fornalhas, frigideiras — diz Duarte.

Embora não sejam a mesma coisa, adaptação e sustentabilidade caminham juntas porque a primeira precisa da segunda para existir.

Nagpur ainda terá que fazer mais para ganhar resiliência, mas saiu da inércia e mostrou que é possível. Em seu caso, fez a diferença o uso de ferramentas de Zona Climática Local (ZCL). Basicamente, trata-se de combinar dados climáticos, planejamento urbano e economia. Esse tipo de instrumento ajuda a priorizar intervenções (indicar onde, por exemplo, uma área verde terá maior impacto térmico) e a evitar soluções genéricas, já que o efeito de uma determinada medida variará de acordo com a configuração urbana.

A história da transformação de Nagpur em fornalha é a de muitas cidades do Sul Global. E envolve crescimento desordenado, com explosão e adensamento populacional e industrial sem planejamento, poucas áreas verdes e impermeabilização do solo.

Já para se refrescar, a cidade criou áreas verdes (parques, telhados, ruas) e incentivou o uso de materiais reflexivos em telhados e pavimentação. Nas áreas industriais, estimulou a abertura de corredores de vento para ajudar a escoar o calor.

Outra que buscou no planejamento baseado nas zonas climáticas locais uma solução para seus tormentos foi Dalian, na China. A cidade de 7,4 milhões de habitantes tem clima temperado, mas sofre com o efeito da ilha de calor urbana. Ela aumentou as áreas verdes em bairros residenciais e mudou seu código de obras para incentivar o uso de materiais reflexivos e telhados verdes.

O estudo na Nature Communications, chamado "Mainstreaming the local climate zone framework for climate-resilient cities" ("Inserção das Zonas Climáticas Locais no planejamento de cidades resilientes", em tradução livre), foi liderado por Jun Yang (Universidade do Nordeste da China, em Shenyang).

O trabalho ressalta que é preciso aumentar o estudo de Zona Climática Local (ZCL) em cidades da América Latina, incentivar políticas públicas de adaptação e aperfeiçoar as bases de dados existentes. Um exemplo dessas bases é a World Urban Database and Access Portal Tools, uma iniciativa global de ferramentas para criar mapas de zonas climáticas locais.

São Paulo está entre poucas cidades da América do Sul a contar com estudos de ZCL e eles já mostraram que as áreas centrais da cidade são até 5°C mais quentes do que as próximas à Serra da Cantareira.

Exemplos assim comprovam que não são necessárias soluções mirabolantes ou caras para tornar as cidades mais sustentáveis. É consenso que infraestrutura verde (arborização, parques, telhados verdes etc.) e azul (drenagem, renaturalização de rios dentre outras) têm protagonismo na adaptação urbana.

As chamadas soluções inspiradas na natureza são uma tendência urbana que deve conquistar cada vez mais espaço, enfatiza Denise Duarte. Ela acrescenta que outros elementos são fundamentais, como mobilidade, fontes e distribuição de energia e saneamento.

— A infraestrutura verde é o futuro. É um erro investir somente em infraestrutura cinza, de concreto e asfalto. O futuro das cidades está no equilíbrio, nos sistemas mistos, planejados para essa nova realidade climática — afirma.

Ela observa que cidades europeias, como Paris e Barcelona, têm dado bons exemplos de adaptação em mobilidade ao tirar o espaço de carros e devolvê-los para os pedestres.

Mas Denise frisa, ainda, que cidades brasileiras, como São Paulo, que faz planejamento em adaptação, têm ido na contramão ao construir prédios que acumulam calor em vez de dispersá-lo.

— Vemos edifícios novos, de pé direito baixo, sem janelas e com portas em varandas, que são fechadas com vidro, como se fossem uma extensão da sala. Isso é tudo o que não se deve fazer para viver num mundo mais quente. Todo mundo deveria ter direito a uma varanda aberta — diz.

Para os especialistas, Curitiba, pioneira em sustentabilidade, segue sendo o exemplo de capital mais bem-sucedida em medidas de adaptação.

Municípios menores, porém, de renda mais elevada, do Sudeste e do Sul, se destacam no Índice de Desenvolvimento Sustentável das Cidades - Brasil, que visa a estimular o progresso dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e o cumprimento da Agenda 2030 da ONU.

Em primeiro e segundo lugar estão as paulistas Alfredo Marcondes e Uru. O estado de São Paulo tem oito entre as 10 cidades mais bem colocadas. As exceções: São Jorge do Ivaí, no Paraná, em terceiro; e a mineira Varginha, em décimo.

No mundo, Amsterdã, na Holanda, chegou ao primeiro lugar no Arcadis Sustainable Cities Index 2024, elaborado por uma empresa global de design e consultoria, que avalia e classifica 100 cidades do mundo com base em sua busca por sustentabilidade.

Amsterdã conquistou o primeiro lugar graças à combinação de aumento do uso de fontes de energia renováveis, mobilidade urbana e inovação tecnológica. A também holandesa Roterdã ficou em segundo lugar, com receita semelhante. Em seguida, vem Copenhague, na Dinamarca. As dez primeiras são todas europeias. Mas a capital sul-coreana Seul aparece em 11º lugar. Em entre as 20 primeiras estão as chinesas Pequim e Shangai, que apostaram em tecnologias e arquitetura verdes.

A Austrália, com Perth, chega em 25º. A cidade das Américas mais bem colocada é a norte-americana São Francisco, em 35º. Santiago, em 81º, é a melhor da América do Sul.

O Brasil só chega em 84º lugar com São Paulo e depois em 89º com o Rio de Janeiro.

O fato é que as cidades precisam se adaptar às mudanças climáticas em curso, o que equivale a trocar o pneu com o carro andando. Não à toa climatologistas de renome, como Carlos Nobre, não se cansam de repetir que se trata de uma questão de sobrevivência e de que cidade alguma do planeta está realmente adaptada. As causas são várias, de vontade políticas à falta de recursos ou interesse. Mas há um denominador comum:

— Adaptação é algo muito mais complexo do que mitigação porque é um fenômeno de causa global e efeito local, cada cidade precisa de sua própria receita. O mais grave é que muita gente não se deu conta e isso inclui grandes empresas, governos e parte da sociedade, embora todos sejam afetados. Mas as soluções existem — afirma Roberto Kishinami, especialista sênior em adaptação e resiliência urbanas do Instituto Clima e Sociedade (ICS).

A poucos meses de sediar a 30ª Conferência da ONU para Mudanças Climáticas (COP 30), o Brasil acendeu um alerta na comunidade internacional ao aprovar um projeto de lei que flexibiliza as regras de licenciamento ambiental. O texto aprovado pela Câmara é considerado um enorme retrocesso por ambientalistas, que o apelidaram de "PL da Devastação" e esperam vetos do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Kishinami diz que a adaptação nunca foi prioridade nas COPs nem fora delas. Da COP30, em novembro, em Belém, segundo ele, se espera duas entregas: a primeira, uma lista de dez critérios essenciais para adaptação; a segunda, a discussão das Metas Globais de Adaptação, mais conhecidas pela sigla em inglês GGA. Na conferência preparatória da COP30, realizada em junho, em Bonn, na Alemanha, se chegou a 490, número que se espera reduzir a 100 até Belém.

OSWALDO FORTE/FOTOARENA



Saneamento. Palafitas às margens do Rio Tucunduba em Belém, no Pará (acima). Quase metade da população brasileira não conta com coleta de esgoto. Abaixo, ativistas durante a Rio-92

JORGE WILLIAM/8-6-1992



Um dos gargalos do Brasil é o saneamento, ainda precário em boa parte do país. A 17ª edição do Ranking do Saneamento, do Instituto Trata Brasil, revelou que só 12 municípios, dentre os mais populosos, investem acima da média necessária para a universalização dos serviços. Campinas e Limeira, ambas em São Paulo, estão em primeiro e segundo lugares, seguidas por Niterói.

Nada menos que 16,9% dos brasileiros não têm acesso a água potável e quase a metade da população (44,8%) não conta com coleta de esgoto.

A pior situação, por ironia, está na Região Norte, onde fica a maior bacia hidrográfica da Terra, a Amazônica. A Amazônia Legal concentra metade das cidades com os piores índices.

Exemplo disso é Belém, a anfitriã da COP30, onde só 19,8% da população dispõem de coleta de esgoto, e irrisórios 2,4% deste passam por tratamento, segundo o Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento (SNIS).

O futuro das cidades depende mais da iniciativa da sociedade como um todo do que metas estabelecidas por conferências climáticas, observa Roberto Waack, experiente conhecedor de COPs, presidente do conselho do Instituto Arapyaú e cofundador da Coalizão Brasil, Clima, Florestas e Agricultura.

As cidades precisam de soluções locais, mas nem sempre estão estruturadas para isso. Por isso é necessário um federalismo climático, diz Walter De Simoni, gerente de Política Climática, Instituições e Direito do ICS.

— Precisamos de um planejamento territorial mais sofisticado, baseado em ciência e que chegue até os municípios. Planejamento na escala federal por si só não adianta. É preciso alcançar os municípios, darlhes condição de se adaptar, e isso só pode ser feito com uma repactuação entre os diferentes níveis de poder. São mudanças profundas — diz De Simoni.

Para ele, é fundamental que todo investimento já tenha a resiliência embutida.

— Não se trata de ter um recurso específico para adaptação e sustentabilidade e sim que elas já façam parte do próprio investimento em si — acrescenta ele.

Outro ponto são mudanças nos planos diretores e nos códigos de obras:

— A associação do plano diretor com o código de obras é o equivalente ao Código Florestal das cidades.

O fato de existirem soluções conhecidas não implica que não se precisa buscar também inovação. A ciência tem sido pródiga em oferecer possibilidades.

Kishinami diz que soluções tecnológicas estão em avaliação no Brasil. O Ministério da Ciência e Tecnologia, por exemplo, avalia com o ICS e outras instituições as possibilidades de uso das chamadas técnicas de SRM (sigla em inglês para *Solar Radiation Management*). Basicamente, trata-se de refletir a radiação do Sol de volta para o espaço. São métodos relativamente baratos, o que não significa dizer que sejam simples e que seus resultados sejam de fácil aferição.

Um método é espalhar uma colossal quantidade de gotículas de água na estratosfera (a camada mais elevada da atmosfera).

— Pode levar a algum resfriamento, tanto para áreas urbanas quanto agrícolas — diz Kishinami.

Por enquanto, as SRMs habitam o mundo das possibilidades, e seus possíveis efeitos colaterais sobre o clima estão povoados de incertezas.

Os EUA avaliam o custo do SRM no Meio Oeste do país em US$ 98 bilhões por ano/safra. Para eles, dado os efeitos de ondas de calor dos últimos anos, pode ser um valor factível. Para cidades não há estimativas, mas já existem empresas buscando potenciais clientes.

Kishinami lembra que há uma necessidade de regulação e governança. Afinal, a quem pertence a atmosfera?

Muitos países, como a Índia, que tem sofrido com algumas das piores ondas de calor do mundo, começam a tomar medidas drásticas. A demanda por energia para resfriamento se tornou tão grande que o governo indiano negocia com fabricantes de ar-condicionado mudanças nos aparelhos que impeçam os usuários de colocar o termostato abaixo de 20°C.

Cidades adaptadas e sustentáveis são possíveis, concordam os especialistas. O desafio é, sobretudo, político e social. Há um descompasso entre entendimento e ação, afirma Fábio Scarano, curador do Museu do Amanhã, professor titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro e autor do livro "Regenerative Dialogues for Sustainable Futures" (Ed. Springer Nature). E isso, segundo ele, tem a ver com a capacidade de perceber os riscos e as necessidades. A Unesco chama isso de alfabetização para o futuro.

— Vivemos uma crise climática. Mas também uma de imaginação, de pensar futuros diferentes do presente. Antecipar o futuro é adaptação. O futuro que queremos existe, é questão de vontade política, mas também da sociedade — frisa Scarano.

ARTIGO

Imprensa é essencial para explicar a ameaça climática

CLAUDIA SARMENTO
Especial para O GLOBO

Em 9 de junho de 1992, o GLOBO relatava como ONGs internacionais estavam monitorando as negociações da Rio-92. A Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento foi um divisor de águas para a diplomacia ambiental, oficializando o conceito de desenvolvimento sustentável. O texto do GLOBO contava como os ativistas eram pejorativamente chamados pelos representantes governamentais: "eco-chatos, fiscais da natureza ou eco-patrulheiros".

A Rio-92 inaugurou o regime multilateral para enfrentar o aquecimento global, criando a Conferência das Partes (COP), que este ano será realizada no Brasil. O contexto geopolítico mundial é desfavorável a avanços na redução da emissão de gases do efeito estufa — pessimismo potencializado pelo desprezo do presidente americano Donald Trump aos alertas da ciência. Mesmo assim, a diferença entre a histórica conferência do Rio e a que será realizada em Belém é gigante. Hoje está cientificamente provado que os ambientalistas, criticados por sua suposta "chatice", estavam certos. O planeta está mais quente e os efeitos dessa mudança não são uma ameaça futura. Eles estão diante de nós.



Desastre. Petroleiro Exxon Valdez encalhou e derramou milhões de litros de óleo no mar do Alasca (EUA), em 1989

CHRIS WILKINS/AFP/24-3-1989

Quando este artigo estava sendo escrito, ondas de calor varriam a Europa, antes do auge do verão. "É como trabalhar dentro de um vulcão", descreveu ao jornal The Guardian o chef de um restaurante na Sicília, onde o deserto avança.

O ano passado, que viu o Rio Grande do Sul inundado, foi o mais quente da História, e 2025 começou com a Califórnia queimando. Neste mês de julho o Texas está submerso. A ciência é clara: temperaturas recordes, chuvas intensas, secas e incêndios florestais cada vez mais frequentes não são tragédias pontuais, e sim uma consequência do aquecimento. A crise climática se impõe como a maior encruzilhada coletiva do século, representando também um desafio para o jornalismo.

O papel dos jornalistas é fundamental para informar, contextualizar e mobilizar a sociedade, facilitando o entendimento de uma realidade complexa que ameaça a Humanidade. "A imprensa molda não apenas o que as pessoas sabem, mas também como se sentem e, indiretamente, como agem em relação às mudanças climáticas", define o Instituto Reuters para Estudo do Jornalismo.

A preparação para a COP 30 — no coração da Amazônia — oferece uma oportunidade para refletir sobre as transformações na cobertura de questões ambientais ao longo dos anos.

Trata-se de uma especialização relativamente nova se comparada a outros campos. Pesquisadores sustentam que o interesse do público pelo tema começou a crescer nos anos 1960. Um livro em particular é apontado como um impulsionador dessa atenção. Lançado em 1962, "Primavera silenciosa", da bióloga americana Rachel Carson, relatou a contaminação da biosfera por DDT, um pesticida sintético amplamente usado para matar insetos. A denúncia ajudou a moldar a consciência ecológica dos americanos, questionando a ideia do progresso a qualquer custo e da primazia do homem sobre a natureza.

Em 1969, o New York Times contratou seu primeiro "correspondente ambiental". As primeiras editorias especializadas surgiram também nessa época.

Nas duas décadas seguintes, uma série de desastres pautou os debates sobre o desrespeito à natureza e à vida, como o vazamento de gases tóxicos de uma fábrica de pesticidas da Union Carbide, em Bopal, o acidente nuclear de Chernobyl, e o derramamento de óleo do petroleiro Exxon Valdez, no Alasca. Em 1988, a revista Time, em vez de nomear a personalidade do ano, escolheu a Terra como "o planeta do ano" numa tentativa de chamar a atenção para o crescimento das emissões de CO2 na atmosfera — pauta central dos nossos tempos. Os jornais britânicos também tiveram que buscar mais profundidade na discussão sobre os danos causados pela queima de combustíveis fósseis, pressionados pelo fortalecimento do movimento ecológico.

COBERTURA NO BRASIL

No Brasil, essa cobertura nasceu atrelada ao jornalismo científico. A especialização na área de ciência foi a porta de entrada para vários jornalistas que hoje reportam a emergência climática.

A Rio-92 foi um marco, exigindo maior especialização para traduzir a linguagem técnica dos estudos climáticos e impulsionando a criação de editorias específicas. Isso também mudou. O reconhecimento da urgência do tema, com suas intrincadas dimensões científicas, econômicas, sociais e políticas, é um processo lento, mas já não cabe a visão de que defender o uso racional dos recursos naturais é assunto de nicho, sem impacto no cotidiano das pessoas. A crise climática e suas consequentes catástrofes exigem uma abordagem abrangente, que atravessa questões como desigualdades estruturais, extrativismo predatório e ausência de políticas públicas.

A batalha contra o tempo se acirrou. Para complicar ainda mais essa equação comunicacional, se de um lado as redes sociais ajudam a ampliar o debate sobre os riscos e soluções ambientais, por outro alimentam a desinformação. A ciência está entre os principais alvos da falta de compromisso com os fatos regida por algoritmos. Mas aí não é só uma onda que desafia o jornalismo socioambiental, e sim a democracia.

CLAUDIA SARMENTO
é jornalista e pesquisadora, com pós-doutorado em andamento sobre jornalismo ambiental pelo King's College London em parceria com a PUC-Rio, e foi editora de Mundo e correspondente do GLOBO

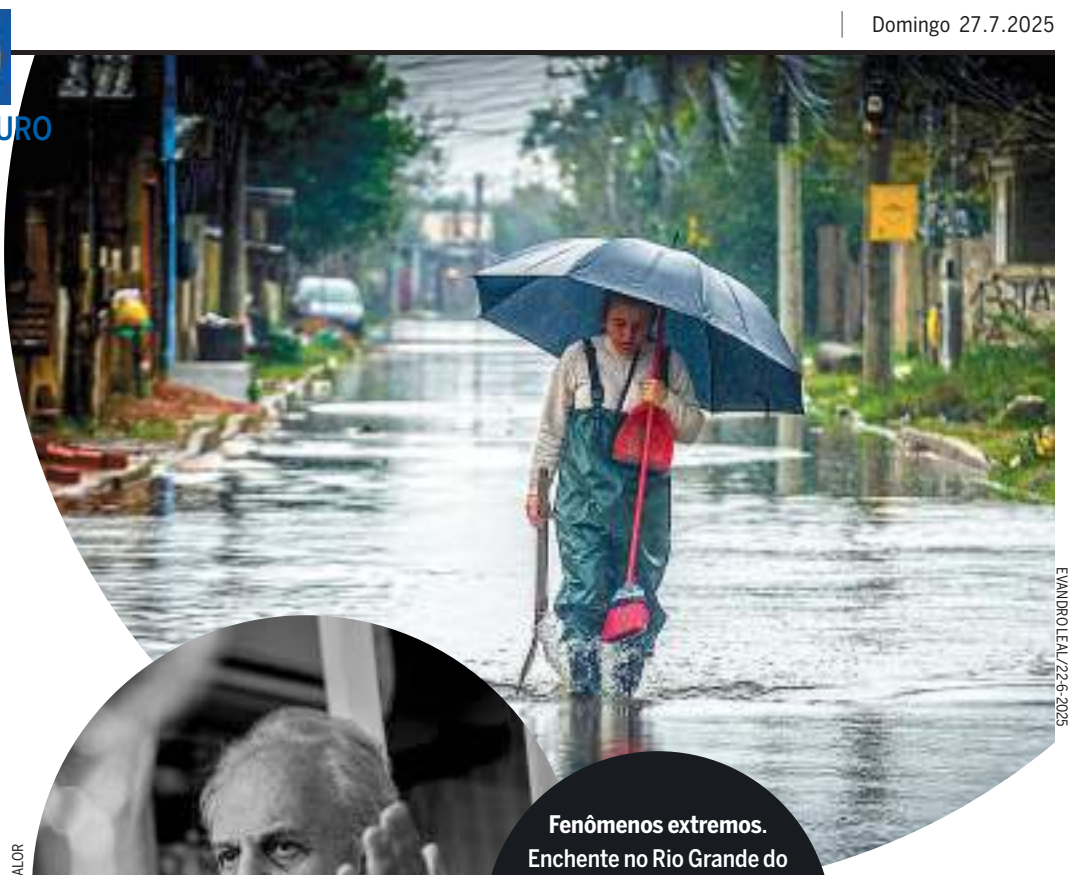
ENTREVISTA

Carlos Nobre/*cientista*

Amazônia está se aproximando do ponto de não retorno. Incentivo à bioeconomia pode ser caminho para salvar a região e o mundo

ANDRÉ DUCHIADE *Especial para O GLOBO*

HUMANIDADE VIVE O MAIOR DESAFIO DE SUA HISTÓRIA



EVANDRO LEAL/22-6-2025



GABRIEL REIS/VALOR

Fenômenos extremos. Enchente no Rio Grande do Sul e seca prolongada na Amazônia demonstram a necessidade de correr contra o tempo para conter o aquecimento global

Um dos mais respeitados cientistas climáticos do mundo, Carlos Nobre dedica-se há décadas ao estudo da Amazônia e das mudanças climáticas. Pesquisador sênior do Instituto de Estudos Avançados da USP e copresidente do Painel Científico para a Amazônia, ele foi o primeiro a alertar para o risco de a Floresta Amazônica se tornar uma savana. Nesta entrevista, Nobre alerta que a humanidade vive uma corrida contra o tempo: com a temperatura global já tendo ultrapassado 1,5°C acima dos níveis pré-industriais por quase dois anos, o cientista traça cenários sombrios — e aponta a bioeconomia como um caminho que pode salvar a Amazônia e o planeta.

De que se constitui o desafio ambiental hoje?

Nós corremos o maior risco que o planeta já enfrentou desde que existimos como civilização. Por quase dois anos, a temperatura passou de 1,5°C acima do período pré-industrial. Tivemos seis extinções em massa de espécies. Todas foram fenômenos naturais. Essa seria a primeira extinção em massa causada por uma espécie — a nossa. É o Antropoceno.

Por que esse aumento é tão perigoso?

O máximo que reduziremos até 2030 nas emissões de gases do efeito estufa será 3%. Se fizermos isso e só zerarmos as emissões em 2050, vamos passar de 2°. Nesse nível, fenômenos extremos, como as enchentes que destruíram parte do Rio Grande do Sul e ondas de calor, acontecerão com mais frequência. O resultado é que, vivendo hoje de 85 a 90 anos num país tropical, vou experimentar de 15 a 20 ondas de calor. Um bebê que nasce agora vai experimentar de 60 a 80 ondas de calor, se viver 90 anos.

Estamos próximos do ponto de não retorno da Amazônia?

Muito próximos. Em 40 a 45 anos, a estação seca já se prolongou em quatro a cinco semanas. Se continuar assim, em duas ou três décadas, teremos seis meses de estação seca. Não se mantém floresta nessas condições. Na década de 1990, a Amazônia removia até 1,5 bilhão de toneladas de gás carbônico por ano. Agora está na faixa de 200 a 300 milhões de toneladas. Antes, tínhamos uma seca severa a cada 20 anos. Agora tivemos quatro secas super severas: 2005, 2010, 2015-2016 e a maior seca da história da Amazônia em 2023-2024. No ano passado tivemos recorde de fogo na floresta. Dados do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) mostraram que mais de 85% dos incêndios foram causados por humanos. Como o desmatamento caiu muito, o crime organizado está usando o fogo para desmatar.

Quais são oportunidades do Brasil nesse cenário?

O Brasil tem a maior biodiversidade do mundo. De 18% a 20% de todas as espécies conhecidas estão nos biomas brasileiros. Mas só 0,4% do PIB brasileiro vem de produtos da biodiversidade amazônica. A grande oportunidade do Brasil é uma nova bioeconomia da sociobiodiversidade. Valorizar nossa biodiversidade, manter nossos biomas, usar modernas tecnologias. Temos condição de restaurar a Amazônia, o Cerrado.

Não basta manter o que temos, precisa restaurar?

Sim, é absolutamente necessário restaurar! O governo brasileiro lançou na COP28 o Arco da Restauração: restaurar 240 mil km² de todo o sul da Amazônia. Doações para comunidades indígenas, quilombolas, ribeirinhas. Empréstimo de 1% de juros ao ano para o setor privado fazer grande restauração. Hoje, restaurando a floresta, você ganha muito mais que pecuária ou soja, pelo valor do mercado de carbono.

Por que é tão difícil aplicar essas questões na prática?

O setor mais negacionista sobre mudança climática em todo o mundo é o agronegócio. Não admite que, se continuar assim, até ele vai ser o prejudicado. O Brasil vai deixar de ser um grande produtor agrícola. Mais de 50% do Cerrado vai virar Caatinga, metade da Caatinga vai virar semideserto e, da Amazônia, vai restar uma savana superdegradada.

O que esperar da COP30?

Que a COP30 seja onde se fale: vamos zerar as emissões em 2040, em vez de 2050. O embaixador André Corrêa do Lago está trazendo o desafio de conseguir o Fundo Verde Clima de US$ 1,3 trilhão. É um desafio global. E é preciso convencer a China, que é o maior emissor hoje, a liderar essa busca. China, Brasil, Índia, Rússia e países europeus têm que acelerar.

ANDRÉ DUCHIADE
foi repórter da editoria Mundo do GLOBO



TIM
Imagine as possibilidades

PODE
INFORMAR.

PODE
TRANSFORMAR.

PODE
CELEBRAR UM
SÉCULO.

BETC HAVAS

PARABÉNS, O GLOBO.
HÁ 100 ANOS MOSTRANDO QUE
O JORNALISMO COM PROPÓSITO
SEMPRE FAZ A DIFERENÇA.

COM A LÍDER EM 5G



VOCÊ PODE TUDO

"Líder em 5G" refere-se à liderança da TIM em "disponibilidade de cobertura do 5G", "experiência de vídeo 5G" e "experiência de vídeo ao vivo 5G", conforme fonte Opensignal em jan./25, e "municípios cobertos com tecnologia 5G no Brasil", conforme fonte Teleco em mar./25. Consulte o mapa de cobertura e mais informações em https://tim.com.br/para-voce/rede-tim.

DANIELA CANEDO
Especial para O GLOBO

MARIA MAGDALENA ARRELLAGA/BLOOMBERG



Energia limpa. Turbinas em Morro do Chapéu, na Bahia: o Brasil tem uma vocação natural para gerar alternativas aos combustíveis fósseis

BRASIL PODE SER LÍDER EM ENERGIAS RENOVÁVEIS

Condições naturais do território e investimentos geram formas de evitar os combustíveis fósseis e as emissões de carbono

As energias renováveis respondem por 90% da matriz elétrica e por 50% da matriz energética no Brasil, muito acima da média global, o que torna o país líder em energia limpa entre as grandes economias. Para avançar na transição energética, no entanto, é preciso reduzir a dependência de combustíveis fósseis, escalar novas tecnologias de descarbonização e combater o desmatamento.

— A redução da dependência de combustíveis fósseis passa por diferentes possibilidades, desde o uso de outras fontes de energia, como biocombustíveis, no caso dos transportes marítimo e aéreo, onde a eletrificação ainda não é uma opção viável, até a busca por maior eficiência nos processos produtivos, no caso do setor industrial — diz a diretora da Coppe/UFRJ, Suzana Kahn. — Mudar nosso padrão de consumo também é essencial. Sem promover a busca de soluções para esta parte da equação, o mundo continuará dependendo de petróleo e gás.

A redução das emissões de gases de efeito estufa por transportes como a aviação, o marítimo e o rodoviário pesado é difícil. Esses modais demandam muita energia, em condições que, hoje, só os combustíveis fósseis fornecem com a densidade energética e o custo adequados. Para descarbonizar estes setores, estuda-se o desenvolvimento de novas soluções, como o combustível sustentável de aviação (SAF), o hidrogênio verde (H2V), o biometano (CH4) e o diesel verde (HVO), além de tecnologias de captura, uso e armazenamento de carbono (CCUS). Suzana Kahn lembra que, segundo a Agência Internacional de Energia (AIEA), mais da metade das soluções para descarbonizar o setor de energia ainda não alcança escala comercial.

— Portanto, seria fundamental que uma política de inovação aproximasse o setor acadêmico de ciência e tecnologia do setor privado, em busca de soluções comerciais competitivas — sugere.

Com energia limpa abundante e a custos competitivos, o Brasil possui condições naturais favoráveis para viabilizar, por exemplo, o hidrogênio verde, produzido a partir de eletricidade renovável. Projetos-piloto já foram anunciados e há acordos de cooperação internacional firmados neste sentido. Com negociações avançadas, o Ceará investe na criação de um hub de hidrogênio verde no Complexo Industrial e Portuário de Pecém (CIPP) para produzir e exportar o combustível.

Em junho, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), maior financiador de energia renovável do mundo, a Petrobras e a Finep lançaram um edital para estruturar um fundo FIP de até R$ 500 milhões destinado a investir em micro, pequenas e médias empresas de base tecnológica com soluções inovadoras em energias renováveis e baixo carbono. Estima-se que o processo seja concluído em outubro e que as operações se iniciem no primeiro semestre de 2026.

APOSTA NO BIOMETANO

De acordo com a diretora de Infraestrutura, Transição Energética e Mudança Climática do BNDES, Luciana Costa, uma das grandes apostas para descarbonizar processos industriais e transporte pesado é o biometano, cuja molécula principal é a mesma do gás natural (CH4). A diferença é a origem. Enquanto o gás natural é de origem fóssil, o biometano é um biocombustível renovável, obtido pela purificação do biogás.

— Estamos começando a escalar o biometano, que pode ser produzido da vinhaça, uma sobra do processo de produção de açúcar e álcool, e a partir do feedstock da pecuária, da suinocultura. Podemos ser um dos cinco maiores produtores de biometano do mundo. Ele é essencial na descarbonização porque substitui o gás natural no transporte de longa distância e na indústria — explica Luciana, cuja diretoria, a de Mudança Climática, já financiou cinco projetos de biometano, num total de R$ 535 milhões.

A UVA NÃO PODERIA DEIXAR DE HOMENAGEAR QUEM CHEGA AOS 100 ANOS ASSIM: COM TANTA SAÚDE.

UMA HOMENAGEM DA MEDICINA UVA AOS 100 ANOS DO JORNAL O GLOBO.

No curso de Medicina UVA em Botafogo, você encontra excelência de ensino, a melhor estrutura e a melhor localização.

ÚLTIMOS DIAS DE INSCRIÇÃO VIA ENEM, VESTIBULAR, TRANSFERÊNCIA EXTERNA E PORTADOR DE DIPLOMA.
UVA.BR/MEDICINA

APROVADO COM NOTA MÁXIMA NO MEC



UVA
SEU MUNDO É O NOSSO.

INFORMAR, INSPIRAR, TRANSFORMAR.

O Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável (CEBDS) parabeniza *O Globo* pelos 100 anos de contribuição inestimável ao país, com informação de qualidade, profundidade e compromisso com os temas que moldam o presente e o futuro.

Nossa história se entrelaça há 28 anos, quando o Grupo Globo foi um dos fundadores do CEBDS. Desde então, seguimos juntos, somando vozes em favor do desenvolvimento sustentável e da responsabilidade empresarial.

Que venha mais um século de jornalismo que move, informa e transforma o Brasil.

cebds

Parabéns, O Globo, pela longa estrada até aqui. Que venham os novos caminhos rumo aos próximos 100 anos.

Essa estrada centenária guiou a sociedade durante gerações em direção à informação de qualidade. E, assim como o jornal é o caminho mais claro para a notícia, a Riocard trabalha há mais de 20 anos para levar cada pessoa ao seu destino de forma segura e cada vez mais conectada, com agilidade e transparência. Ao longo desse percurso, recebemos sinalizações de que estamos na direção certa:

- 6 vezes indicada ao Prêmio ReclameAQUI na categoria Transporte Bilhetagem Eletrônica
- Única empresa brasileira finalista no Transport Ticketing Awards 2024
- Prêmio Colunistas: como Melhor Peça de Rádio em 2024 com "Ainda Bem que Tem" e Prata em 2025 com "Riocard salva seu Carnaval"
- Vencedora do Prêmio Smart Customer 2025 na categoria Inteligência Artificial em CX em parceria com a Next
- Entre as 100 empresas mais influentes em mobilidade pela plataforma Connected Smart Cities
- Menção no Prêmio Lucio Costa de Mobilidade, Saneamento e Habitação em 2015 pelo Bilhete Único Intermunicipal
- Certificado de Reconhecimento no Programa de Melhores Práticas de Mobilidade Urbana pela UITP em 2021
- Mais de 9 milhões de downloads e mais de 3,5 milhões de recargas realizados por mês
- Prêmio V8.Tech Gestão Digital Avançada 2023
- Oracle Cloud World Offload Mainframe Case Mundial 2025
- Destaque de Marketing Lançamento do Riocard 2004

Essas são conquistas que validam nosso caminho, e não vamos parar por aqui.
Seguimos para novos desafios, levando você cada vez mais longe.



GENTE DO GLOBO

Histórias de alguns dos milhares de profissionais que fazem parte da trajetória centenária do jornal



Tatiana da Costa Barroca de Jesus Santos
Analista de canais digitais

"O contato com os clientes e assinantes me permitiu exercitar a empatia e proporcionou experiências marcantes. Meu irmão de 42 anos é pessoa autista e, como eu, apaixonado pelo jornal. Aprendeu a ler sozinho pelas páginas do GLOBO. Certa vez, atendi uma mãe cujo filho tinha as mesmas condições do meu irmão, e o jornal impresso estava com problemas na entrega. Ela estava de fato nervosa, devido ao apego do filho em ler o jornal sempre no mesmo horário. Acompanhei a entrega por longo tempo para me certificar de que estava tudo funcionando. Depois, a atendi em lágrimas de agradecimento por compreender aquela angústia. É a importância de cuidar dos clientes. Desses 100 anos, tenho quase 17 de amor e dedicação."



Arnaldo Jabor
Colunista, escritor e cineasta (1940-2022)

Expoente do Cinema Novo, lançou em 1967 "A opinião pública", documentário que expunha a ignorância política da classe média carioca após o golpe de 1964. Apesar dos muitos filmes premiados — Fernanda Torres, aos 20 anos, ganhou a Palma de Ouro em Cannes por "Eu sei que vou te amar", de 1986 —, buscou substituir o cinema pelo jornalismo como fonte de renda. Nos anos 1990, começou a escrever crônicas para jornais e estreou como colunista do GLOBO em 1995. Abordava, de forma crítica e apimentada, os mais variados temas, como artes, sexualidade, política e economia e até amor. Procurava observar a sociedade brasileira, compreender suas contradições e criticar suas hipocrisias. Também fez sucesso no Jornal Nacional e no Jornal da Globo.



Mauro Salles
Publicitário, jornalista e fotógrafo (1932-2023)

Pernambucano, formado em Direito, começou no jornalismo em 1950, pela revista americana Life, que tinha sucursal no Rio. Depois de passar por outras publicações, aceitou convite de Roberto Marinho para trabalhar na Rio Gráfica Editora, onde criou o departamento de promoções e relações públicas. Durante a posse de Juscelino Kubitschek, conseguiu fotos exclusivas que mostravam um carregamento de caviar e lagostas importadas para o jantar da posse, causando uma crise à época, porque o Brasil produzia os crustáceos. Foi repórter por 11 anos, quando também dirigiu o departamento de jornalismo da Rede Globo, seguido do Sistema Globo de Rádio e da sucursal do GLOBO em São Paulo. Na TV, também foi vice-presidente.



Antônio Maria Alves
Jornalista, ex-secretário de redação

"Trabalhei no GLOBO de 1987 a 2018 e, na secretaria, era o profissional que dizia a sentença clássica: 'Parem as máquinas!' Significava paralisar a rodada dos jornais para inserir notícia de última hora. Começava a trabalhar às 20h e só saía quando todos os exemplares estavam prontos. Um dos casos mais importantes e trabalhosos foi o da morte da princesa Diana. Uma colega soube do acidente em Paris e me ligou. Era 0h23. Mandei parar as máquinas, correndo o risco de comprometer toda a distribuição. Mobilizamos pesquisa, repórteres, arte, e o jornal só voltou a rodar no início da manhã. O GLOBO saiu com um noticiário completo, numa agilidade fantástica. Cheguei em casa após 12 horas de trabalho, com pão fresquinho e a certeza do dever cumprido."



Henrique Caban
Jornalista e executivo (1940-2023)

Estagiário da Última Hora a partir de 1959, Caban ascendeu rapidamente no jornalismo. Passou pela Editora Abril e foi secretário de redação da Veja na estreia da revista. Em 1971, foi convidado para ser editor no GLOBO e no ano seguinte assumiu a diretoria da redação. Ao lado de Evandro Carlos de Andrade, desempenhou papel fundamental nas intensas transformações da empresa, que sofreu reorganizações e modernizações, como a troca das máquinas de escrever por computadores, e a posterior conexão à internet. Também foi responsável pela criação da Agência O Globo, em 1974, e pela reestruturação das sucursais. Em 1987, passou a administrar a redação como superintendente, cargo que ocupou até deixar o jornal, dez anos depois.



Newton 'Big Boy' Duarte
Professor, radialista, DJ, jornalista e apresentador (1943-1977)

Irreverência poderia ser seu segundo nome, mas foi o apelido que tornou conhecido aquele pacato professor de Geografia do Colégio de Aplicação da UFRJ. No fim dos anos 1960, ele revolucionou o rádio com uma locução eletrizante, além de inventar uma cultura de sons, bailes e comportamentos na periferia fluminense, traduzidos em grande parte também pela sua coluna Top Jovem, nas edições de sábado do GLOBO. Nela, Big Boy buscou apresentar aos leitores a cultura pop fora do mainstream, registrando as novidades das paradas internacionais e difundindo os estilos rock, soul, funk e disco music. Influenciador de uma geração de DJs, apresentou o Sábado Som, na TV Globo, e protagonizou quadros sobre música no Jornal Hoje. Faleceu cedo, aos 33 anos.



Angélica Mota
Gestora de recursos humanos

"Em agosto de 1975, entrei como recepcionista dos classificados selecionados do GLOBO, bem antes de me tornar gestora de benefícios de Recursos Humanos *(função que exerceu até deixar a empresa, em 2015)*. Quando fui admitida, a redação era equipada com mesas, cadeiras, máquinas de datilografia e telefones. As matérias eram apuradas presencialmente, no local do ocorrido, por repórteres e fotógrafos, com suporte de motoristas. O único meio de comunicação entre a redação e quem estava na rua era o telefone fixo. O GLOBO segue relevante por informar a população o que ocorre tanto na micro quanto na macrogeografia. Com atuação em diversas plataformas, alcança número expressivo de leitores, sempre trazendo transparência e verdade no mínimo intervalo de tempo — ou em tempo real."



Milton Calmon Filho
Jornalista

"Entrei no GLOBO como repórter freelancer dos Jornais de Bairros em 1986. A publicação voltada ao noticiário local abriu portas não só para o jornalismo de aproximação, mas também ao comércio de cada região. Foi uma baita invenção, porque havia demanda de pequenos anunciantes que não tinham verba para disputar espaço nos cadernos gerais, que exigiam outro patamar de investimento. E eles tiveram a porta aberta para os vizinhos verem seus anúncios. Passei ainda pelo Segundo Caderno e editoria de Sociedade, até assumir a edição do Bairros em 2015. Tenho orgulho pela formação de talentos, que seguem no GLOBO em outras editorias: Alexandre Rodrigues, Fernanda Freitas e Marina Gonçalves, editores adjuntos, estão entre os que começaram aqui."



Toninho Nascimento
Jornalista

"Quando cheguei ao GLOBO, em 1986, a editoria de Esportes tinha 25 pessoas, três delas eram exclusivas para o turfe! Praticamente não havia mulheres, muito pelo contexto da cobertura. No futebol, ainda não tinha sido inaugurada a praxe das entrevistas coletivas após os jogos. O técnico e os atletas falavam com a imprensa no vestiário. Se uma repórter entrasse, muitas vezes eles ficavam nus, como forma de agressão e constrangimento. Hoje, elas estarem na cobertura dos jogos e outros eventos é absolutamente normal! Também vi o início da revolução decorrente da internet. Fui a um congresso na Cidade do México em que se discutiu se a edição digital dos jornais deveria ser paga, e a maioria defendia que fosse gratuita. A indecisão levou muitos jornais à falência."

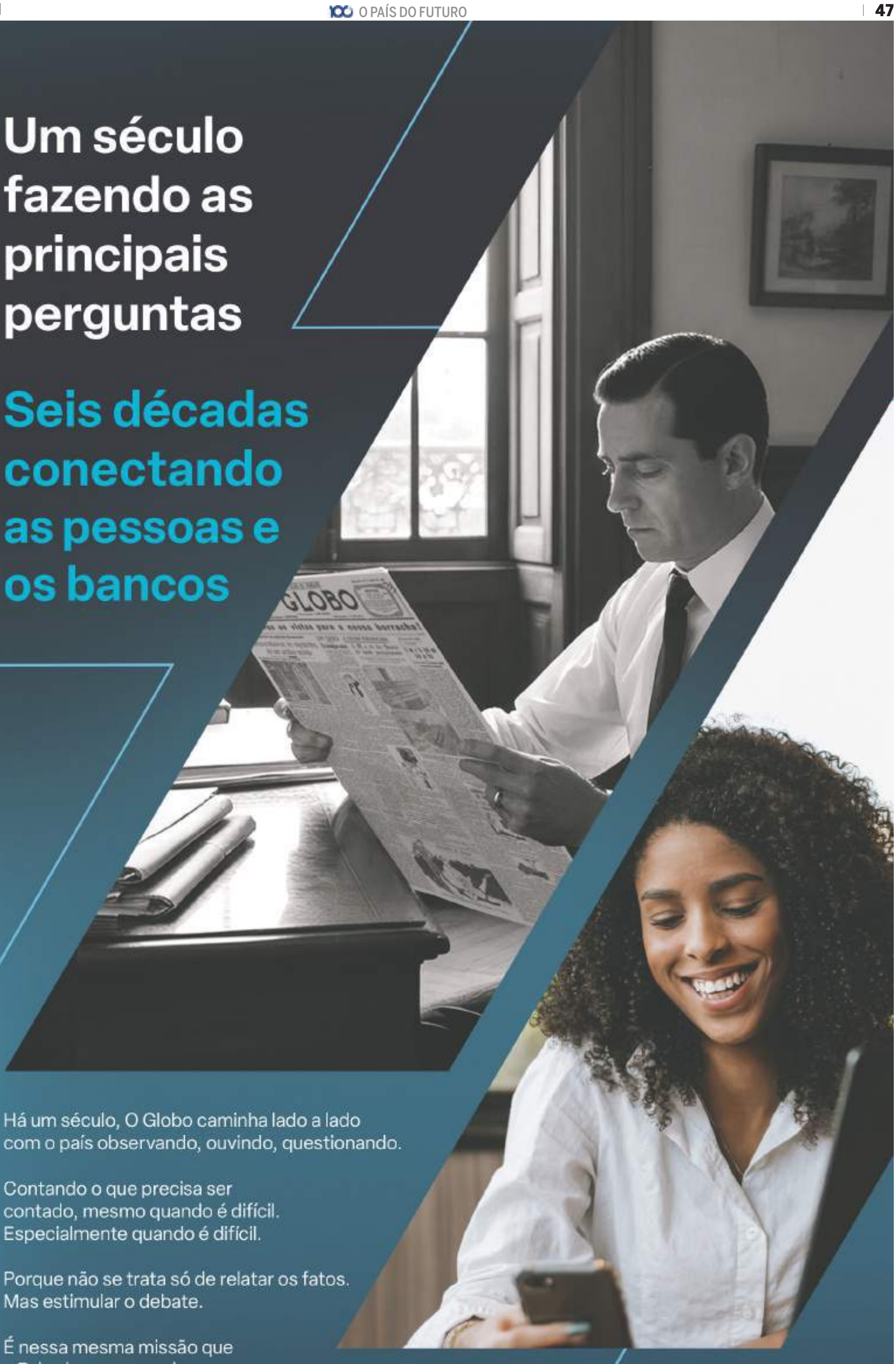


Edson Mauro Soares Júnior
Técnico de eletrônica - Serviços Impressos

"Em 2012, fui contratado como jovem aprendiz. Passei um ano estudando no Senai e, depois, retornei como estagiário no Parque Gráfico. Na época, tinha apenas 19 anos, mas agarrei cada chance com dedicação e perseverança. Cresci na minha vida pessoal e profissional, concluí meu curso técnico, minha faculdade e construí a minha família. Até me recordo que durante todos esses anos, passei por alguns momentos bem difíceis, mas aqui na empresa encontrei pessoas que me apoiaram e foram fundamentais para eu superar os obstáculos. Hoje, aos 32 anos, carrego comigo não só a experiência, mas também ótimas lembranças dessa jornada. Uma trajetória marcada por desafios e aprendizados."

Um século fazendo as principais perguntas

Seis décadas conectando as pessoas e os bancos



Há um século, O Globo caminha lado a lado
com o país observando, ouvindo, questionando.

Contando o que precisa ser
contado, mesmo quando é difícil.
Especialmente quando é difícil.

Porque não se trata só de relatar os fatos.
Mas estimular o debate.

É nessa mesma missão que
a Febraban se reconhece.

Todos os dias, por quase 60 anos, trabalhando por um sistema financeiro mais justo e acessível. Acreditando que o progresso se constrói com ética e, sobretudo, informação de qualidade.

Parabéns, O Globo.

Um século de jornalismo inquieto e necessário.
Seguimos juntos escrevendo a história.

FEBRABAN FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE BANCOS

PARCERIA DE QUEM ACREDITA NO RIO

ADEMI-RJ E SINDUSCON-RIO celebram
os 100 anos do GLOBO, construindo
a história da Cidade Maravilhosa.



O GLOBO | 100

SindusconRio

ADEMI RJ



REBECCA MARIA/24-11-2022

COMPROMISSO
COM O LEITOR

O GLOBO nasceu para servir quem o lê — e servir, no caso do jornalismo independente, não é só agradar. Em um século, o jornal cresceu buscando os melhores caminhos para entregar informação de qualidade sobre temas mais diversos, entre eles uma das grandes deficiências brasileiras: a educação.

COMPROMISSO COM O LEITOR

REVOLUÇÃO PEDAGÓGICA

Tecnologias como IA são bem-vindas, mas educadores defendem que ensino de qualidade ainda precisa da intervenção humana



FREEPIK

Na escola. Educadores tentam entender como recursos tecnológicos, como os óculos de realidade mista, podem ser usados para ganhar eficiência

ANTÔNIO GOIS
antonio.gois@jeduca.org.br

Em 1924, Sidney Pressey, pesquisador da Universidade Estadual de Ohio, inventou uma máquina capaz, em sua visão, de substituir os professores, entregando a baixo custo uma experiência pedagógica superior. O equipamento, chamado de *teaching machine*, dispunha de quatro botões. O aluno era apresentado a uma questão e, se acertasse a resposta, um dispositivo liberava um doce como recompensa. Apesar de todo o entusiasmo inicial, a revolução pedagógica prometida pela "máquina de ensinar" nunca ocorreu, e o equipamento hoje faz parte do acervo do Museu Nacional de História Americana, em Washington.

O fracasso da *teaching machine* soa anedótico, mas promessas não realizadas de tecnologias que revolucionariam a aprendizagem são muito mais regra do que exceção na história da educação. Ao longo do século XX, invenções como o rádio, a TV, os microcomputadores e a internet tiveram impacto na vida cotidiana, mas, apesar das tentativas de adaptá-las ao ambiente escolar, nenhuma alterou a experiência em sala de aula.

QUAL MODELO DESEJAMOS?

Agora é a vez da inteligência artificial generativa, e especula-se qual será seu impacto no ambiente educacional. Se, por um lado, o passado sugere cautela, por outro, é inegável que estamos diante de uma tecnologia com potencial disruptivo. No entanto, qualquer projeção sobre como será a sala de aula do futuro passa antes pela definição de qual modelo educacional desejamos.

Paulo Blikstein, professor da faculdade de Educação da Universidade de Columbia, destaca que um pressuposto comum em muitas das tecnologias ao longo da História é o de que combateriam uma suposta ineficiência do setor recorrendo a soluções capazes até mesmo de substituir os professores. Em algumas vezes, resultados iniciais são até promissores, mas, quando ganham escala, novos custos e dificuldades aparecem, e a revolução prometida não acontece:

— Educação de qualidade precisa da intervenção humana. A tecnologia pode até contribuir para a transmissão de conhecimento, mas, se esse for o único ou principal objetivo, todas as outras dimensões passam a ser secundárias. E as crianças não vão à escola apenas para ter acesso a conteúdos. Elas aprendem a conviver, a trabalhar em grupo, a entender a emoção dos outros e as suas, a ter empatia... E a tecnologia nunca será capaz de substituir esse componente de socialização.

A constatação de que novas tecnologias são incapazes de substituir por completo a experiência escolar não significa, porém, que o campo educacional deva estar blindado a qualquer inovação mediada pela tecnologia. Professor da USP e presidente da Sociedade Internacional de Inteligência Artificial na Educação, Seiji Isotani afirma que o grande desafio é distinguir onde usar as tecnologias:

— Do ponto de vista do aluno, há atividades que são braçais, mecânicas, que ele não necessariamente precisa explorar com profundidade. E há outros processos cognitivos, de pensamento crítico, de trabalhar a criatividade, de entender e definir bem um problema ou de fazer as perguntas certas. Essas são atividades que não devem ser automatizadas. O desafio é discernir onde devemos utilizar a IA para ganhar eficiência e onde não devemos utilizar, para manter processos cognitivos consistentes.

No caso brasileiro, marcado por profundas desigualdades, um desafio adicional que Isotani destaca é a adaptação de tecnologias a contextos de baixa conectividade, sem necessidade de grande investimento em equipamentos. Considerando a realidade de escolas em áreas mais pobres, pesquisadores do Núcleo de Excelência em Tecnologias Sociais, vinculado à Universidade Federal de Alagoas, desenvolveram plataformas gratuitas que utilizam IA para corrigir redações a partir de critérios do Enem, ou mesmo exercícios de matemática. Através de um aplicativo em seu celular, o professor tira uma foto de cada redação e o sistema fornece um feedback individualizado e de toda a turma.

O uso da IA para corrigir redações também faz parte da estratégia desenvolvida pela empresa Letrus, cuja implementação na rede estadual do Espírito Santo foi objeto de uma avaliação de impacto realizada por pesquisadores da FGV e do MIT. Os resultados do estudo mostraram que os alunos que utilizaram a tecnologia realizaram mais atividades de redação ao longo do ano e registraram melhor desempenho, também a partir de critérios do Enem.

DIÁLOGO COM A IA

No entanto, para Luís Junqueira, professor e um dos fundadores da Letrus, a abordagem de novas tecnologias na educação não pode se restringir ao uso de uma ferramenta para facilitar processos pedagógicos:

— O ChatGPT não funciona bem se você não souber fazer uma boa pergunta, se não souber dar um comando. Existem muitas possibilidades de dialogar com a IA, e nossas crianças deveriam estar aprendendo isso em sala de aula.

O debate sobre os limites e potenciais da tecnologia e seus impactos no campo educacional acontece em todo o mundo. No entanto, no contexto de um país ainda em desenvolvimento e marcado por desigualdades, como o Brasil, há uma camada ainda maior de complexidade a ser considerada: precisamos avançar no desenvolvimento de competências e habilidades modernas, como o pensamento crítico, computacional, e o trabalho colaborativo e interdisciplinar, mas tendo ainda que lidar com problemas históricos não resolvidos.



ARQUIVO

Computador. Ferramentas como o ChatGPT não funcionam se o aluno não souber perguntar bem, diz professor

ANTÔNIO GOIS
é colunista de Educação do GLOBO

EDUCAÇÃO COMO PRIORIDADE NO NOTICIÁRIO

Desde 'O GLOBO nas Academias', de 1925, o ensino sempre teve destaque na cobertura e nas ações do jornal, com cadernos especiais e campanhas em prol da escolarização

ANTÔNIO GOIS E
PAULO RENATO NEPOMUCENO
brasil@oglobo.com.br

A educação sempre esteve presente nas páginas do GLOBO. Em 1925, ano de seu lançamento, o jornal já reservava um espaço fixo para o tema, chamado "O GLOBO nas Academias", que mais tarde seria rebatizado como "O GLOBO Universitário". Na década de 1940, outra seção surgiu, chamada "O GLOBO nas Escolas", informando sobre concursos, eventos estudantis e resultados de exames.

O jornal, como não poderia deixar de ser, acompanhou as grandes transformações da educação brasileira, como a criação, em 1930, do Ministério da Educação, e a divulgação do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, de 1932, publicado na íntegra em suas páginas. O documento, redigido por Fernando de Azevedo, e assinado por 24 educadores e intelectuais, propunha um sistema escolar público, gratuito, obrigatório, misto e leigo para todos os brasileiros. Ainda que suas propostas tenham encontrado resistência em setores conservadores e nunca tenham sido completamente implementadas, é um dos documentos mais relevantes da história da educação.

Alguns dos debates registrados nas páginas do jornal se assemelham ao que vivenciamos hoje, quando se discute os caminhos para a educação brasileira. O GLOBO acompanhou, por exemplo, a longa tramitação (por 13 anos) do projeto que resultou, em 1961, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Em maio daquele ano, quando a lei estava para ser votada no Senado, O GLOBO lamentou, em editorial, a polarização do debate, marcado, na época, principalmente pela oposição entre defensores do sistema público, laico e gratuito, em contraponto aos defensores do setor privado e religioso.

MOBILIZAÇÃO

O lento processo de expansão da escolarização no Brasil também foi refletido nas páginas. Em 1972, por exemplo, surgiu o Caderno Vestibular, criado para apoiar candidatos no concorrido processo de disputa pelas poucas vagas existentes. O folhetim tinha, ainda, dicas para preparação do mercado de trabalho e simulados das provas. Passadas as provas, uma edição extra trazia a lista dos aprovados, uma das publicações mais esperadas pelos candidatos. Alguns, ansiosos, iam para a porta do jornal, no Centro do Rio, para conferir na primeira hora se seus nomes estavam na lista de aprovados.

Além de noticiar as grandes transformações da educação, o jornal ajudou a criar diversas campanhas em prol do ensino. Em 1961, por exemplo, foi lançada a "Ajude uma criança a estudar". Encabeçada pela primeira esposa (e mãe dos quatro filhos) de Roberto Marinho, dona Stella Marinho, a iniciativa mobilizou a sociedade para combater a alta evasão das salas de aula à época, reunindo, através de eventos, doações para o financiamento de alunos com famílias sem renda, e sensibilizando instituições particulares a concederem bolsas de estudo a quem não podia pagar.

Na edição de 7 de dezembro de 1962, uma notícia sobre um evento beneficente dessa campanha — um jantar realizado, na véspera, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro — estampou as páginas do jornal: "Leilão de arte levantou milhões para ajudar crianças a estudar".



FOTOS DO ACERVO O GLOBO



REPRODUÇÃO

O GLOBO 100 | Enem e Vestibular

Notas do Enem: Saiba como consultar se sua escola foi bem

Procure pelo nome do colégio ou pelo bairro para saber o desempenho na prova do Enem 2024

Por Bruno Alfano — Rio



Ensino. Stella Marinho (ao centro) encabeçou o 'Ajude uma criança a estudar'. Jornal divulgava lista do vestibular e hoje também cobre o Enem nas plataformas digitais

Em 1982, o departamento de promoções do GLOBO lançou o projeto "Quem lê jornal sabe mais", com o objetivo de estimular a leitura em sala de aula:

— Era um projeto que visava formar o leitor do amanhã e fazer com que o jornal fosse, de fato, uma ferramenta de conteúdo e ensino dentro das escolas, criando um hábito importante de leitura. Foi um projeto muito importante e vanguardista — relembra Sandra Sanches, ex-diretora-executiva do GLOBO.

Os projetos não se restringiam ao jornal impresso e, em 1977, foi criada a Fundação Roberto Marinho, que inovou, por exemplo, com o Telecurso 2º Grau, cujos conteúdos eram veiculados pela TV, voltados para a educação de jovens e adultos. Nos anos 2000, o jornal estreou a Megazine, revista que substituiu os suplementos Planeta GLOBO e Vestibular, mesclando noticiário de educação, cultura e comportamento.

NOVAS CONEXÕES

Na década de 2010, o GLOBO criou a plataforma Educação 360°, com objetivo de reunir importantes nomes do setor para debater o futuro do ensino no país, unindo lideranças nacionais da sociedade civil e atores internacionais relevantes.

A extensa cobertura anual do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) também é uma marca registrada do jornal que, todos os anos, produz diversos conteúdos de serviço e, após a prova, divulga uma correção extraoficial, com professores de cursos pré-vestibular.

Hoje, O GLOBO, com a Editora Globo, a TV Globo e a Fundação Roberto Marinho, promove o Festival LED – Luz na Educação. O evento tem oficinas, palestras, feira de startups, exposições e shows, reunindo figuras importantes do cenário e proporcionando o encontro de gente interessada em conhecimento, tecnologia e novas conexões.

COMPROMISSO COM O LEITOR

NOSSA HISTÓRIA

ANA BRANCO/15-7-2020



FREDERIC KACHAR

Os caminhos para os próximos 100 passam pela nossa essência

É difícil podermos prever exatamente como será daqui a um século, mas posso cravar que O GLOBO seguirá fiel aos seus ideais

Passados dois anos de muito planejamento, trabalho e expectativa, finalmente chegamos ao grande dia. O GLOBO completa 100 anos. Estamos todos muito orgulhosos não somente de como estamos celebrando e vivendo essa efeméride, mas também com o lugar que o jornal alcança no seu primeiro centenário. Líder absoluto em audiência no país em quaisquer métricas, entregando resultados robustos e relevantes para a sociedade brasileira no cumprimento da sua razão de existir — a defesa das grandes causas nacionais.

Em julho de 1925, Irineu Marinho, ícone da imprensa vespertina, lançou O GLOBO com uma proposta ousada para aquela época. O foco era na sociedade como um todo, nas comunidades, no serviço ao leitor. A concorrência — naquela altura havia mais de 20 jornais somente no Rio — era mais voltada à defesa de causas ou bandeiras restritas a alguns grupos.

OBSESSÃO PELA INOVAÇÃO

Nos 30 anos do GLOBO, Roberto Marinho já escrevia: "O longo olhar para o que se foi é tocado por uma renúncia e uma resignação que soam ilógicas quando se tem adiante, escancarado, o caminho do futuro". Dez anos depois, em 1965, completou: "Um jornal não chega aos 40 anos se não representar para o povo que o lê mais do que um simples veículo de informações."

É fato que o jornal mostrou sua vocação de ser muito além do que apenas um jornal desde os primórdios. Fosse organizando os primeiros desfiles de escolas de samba no Rio ou criando o conceito de gibi através das tiras do jornal. Sempre com uma obsessão pela inovação (o que houvesse de vanguarda na tecnologia era incorporado na primeira hora), essa cultura empreendedora, de entrar em todas as plataformas existentes, replicando a essência do GLOBO, culminou com a criação de um dos maiores grupos de comunicação do mundo.

Peço licença para dar um salto no tempo e ir para a segunda metade dos anos 1990, que é quando eu me junto à equipe do jornal, mais precisamente na área de planejamento financeiro. Encontrei uma empresa com ótima rentabilidade, liderança consolidada no Rio e vindo de tiragens recordes (superiores a 1 milhão). A despeito dessa posição muito confortável, a atitude era de total inquietude. Com boa antecedência, já havia um plano estratégico para o novo milênio que estava se aproximando.

Éramos uma empresa de um só produto e as mudanças tecnológicas e nos hábitos dos leitores indicavam que deveríamos diversificar. Novos segmentos e novas geografias. Nesse período surgiram o Extra, o Lance (com outros sócios), o Valor Econômico (em parceria com a Folha de São Paulo) e a compra do Diário Popular, em São Paulo.

A internet já tinha surgido no país e o Globo On-line já era o primeiro produto digital do grupo. Os classificados do jornal impresso eram a fonte de consulta obrigatória para quem quisesse um imóvel, um carro ou um emprego. Um baita negócio. Ainda assim, sempre de olho no futuro, a empresa investiu numa startup de classificados digitais (Planeta Imóvel, que mais tarde se tornaria o Zap) em sociedade com o Estadão, que anos mais tarde se tornaria líder absoluta no segmento.

Tive a sorte de entrar num momento em que essa essência de vanguarda, de se preparar para o futuro antecipando os movimentos do mercado e identificando oportunidades, era exercida com muita intensidade. E, em poucos anos, já conseguia absorver dos meus chefes esses valores que tinham trazido O GLOBO aos seus 70 anos numa posição tão bem-sucedida.

Além disso, me chamou a atenção nesses primeiros anos a qualidade das pessoas. A obsessão pela inovação se estendia também para a busca dos melhores talentos em todas as áreas. Para um sujeito curioso como eu, ter a oportunidade de conviver com gente apaixonada por jornalismo e de repertório profundo foi outro aprendizado precioso.

Na véspera dos anos 2000, o que mais se questionava era o tempo de vida do jornal impresso. O mais otimista previa 15 anos adiante.

Foram mais de 20 anos desde então. Nessa jornada, fui trabalhar em outras empresas do grupo, me tornei diretor geral da Editora Globo (quando publicava somente revistas) e depois acumulei a liderança de outros negócios.

Passamos por muitas evoluções tecnológicas e de hábitos da sociedade que foram nos exigindo diversificar e buscar novos modelos de monetização. E com cada ciclo ou paradigma ainda mais curto. Há menos de 15 anos estávamos nos transformando para lidar com a web 2.0. As atenções agora estão para a inteligência artificial e seus desdobramentos na sociedade e nos negócios.

Deixando claro que esse texto não tem apoio de qualquer ferramenta de IA (e sem querer menosprezar o impacto dessa que deve ser a maior evolução tecnológica dos últimos 100 anos), aprendi aqui no Grupo que devemos sempre nos preocupar com a precisão das perguntas que nos fazemos.

Nesse sentido, aquele questionamento do início do século sobre o futuro do impresso não é precisamente o que deve ser feito. O importante, nesse caso, é construir um negócio que independa de uma plataforma cujo futuro é incerto. Portanto, a pergunta que cabe é: "se o impresso acabasse amanhã, O GLOBO resistiria"?

A resposta é sim. Transformamos a empresa e diversificamos nossas receitas. E a inspiração para achar esses caminhos esteve sempre na nossa essência.

FOCO NAS PERGUNTAS CERTAS

Sobre o futuro do impresso, me parece que os futurólogos dos anos 2000 erraram por larga margem. Além de existir até hoje, dando ótimos resultados, celebramos esses 100 anos com a maior edição de todos os tempos. Mais de 500 páginas para comemorarmos com nossos leitores esse marco histórico. O sucesso dessa edição é fruto de uma força-tarefa de toda a empresa, com destaque, claro, para a Redação, mas precisa ser compartilhado com um parceiro de todas as horas, desde a primeira hora: o mercado publicitário, através dos anunciantes e agências. Faço um agradecimento especial a todos por acreditarem, hoje e nos próximos 100 anos, na nossa relevância e razão de existir. E pensar que no primeiro número do jornal faltou espaço para acomodar todos os anunciantes. Nesse sentido, alguma coisa mudou nesse século de história!

Nos últimos meses, em meio a tantas mensagens carinhosas que temos recebido, uma pergunta se tornou praticamente onipresente: "E o que serão os próximos 100?". Afinal, não se completam 100 anos no Brasil, com todas as suas volatilidades e imprevisibilidades, sem uma visão de futuro muito consistente conjugada com extraordinária capacidade adaptativa.

Não temos todas as respostas, mas estamos focados nas perguntas certas e, sempre, no exercício dos nossos ideais nos dias atuais e nos que estão por vir. Saberemos extrair das novas tecnologias benefícios para nossos colaboradores e clientes, sempre buscando nos antecipar às tendencias.

É difícil podermos prever exatamente como será daqui a 100 anos, mas posso cravar que O GLOBO seguirá fiel aos seus ideais na defesa da democracia, da livre iniciativa e do bem-estar da população. Estará presente com mais frequência no dia a dia dos seus leitores. Seguirá uma empresa inovadora, apaixonada por jornalismo, ética e que reúne os melhores talentos. Sempre na versão aderente ao seu tempo.

Ter a oportunidade de liderar a empresa nesse momento histórico é uma honra. Aqui é possível se realizar profissionalmente por completo, com a conjugação de resultados econômicos e impacto social de alta relevância. Agradeço aos acionistas pelo respaldo e orientações preciosas e reitero meu compromisso, com o mesmo ânimo do meu primeiro dia, de ser um guardião e disseminador dessa cultura vencedora junto a meus companheiros de empresa enquanto estiver por aqui, consciente de que talvez não alcance o segundo centenário.



FREDERIC KACHAR
é diretor-geral da Editora Globo
e do Sistema Globo de Rádio

Coordenação: André Miranda. **Editora:** Mànya Millen. **Editores assistentes:** Gustavo Alves e Pedro Tinoco. **Redatores**: Aydano André Motta, Bernardo Araujo, Carolina Morand, Lucila de Beaurepaire e Lucila Soares.
Direção de arte: Alvim. **Projeto gráfico:** Alvim e Télio Navega. **Diagramação:** Ana Scott, Gustavo Amaral e Télio Navega. **Coordenação fotográfica:** Paulo Moreira.
Infografia e arte: Renata Amoedo, Renato Carvalho, Vinicius Machado e William Mur. **Pesquisa:** Luciana Barbio Medeiros e Paulo Luiz Carneiro.

mercado livre

HÁ 100 ANOS VOCÊ ENTREGA NOTÍCIA COM CREDIBILIDADE. HOJE ENTREGAMOS PARABÉNS.



Parabéns, **O Globo**, pelos 100 anos fazendo o melhor da informação chegar sempre rápido a todos.

COMPROMISSO COM O LEITOR

EM BUSCA DA CRIATIVIDADE PERDIDA

Mal colocado em um ranking de 15 países do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes, o Brasil só tem a ganhar com a imaginação de crianças e artistas

JÚLIA DIAS CARNEIRO
Especial para O GLOBO

A avaliação mais importante de educação, o Pisa (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes), testou a criatividade em escolas e constatou que o Brasil está entre os 15 piores países, segundo a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). No topo ficam Cingapura, Coreia do Sul, Canadá e Austrália. Lá atrás, perto de Peru, Panamá e Arábia Saudita, fica o Brasil. Podemos cultivar a criatividade?

FUJA DA ROTINA

Para a neurocientista Claudia Feitosa-Santana, uma boa forma de fomentar essa competência é tomar caminhos diferentes para o que fazemos sempre, seja um trajeto do dia a dia ou uma receita de bolo. A criatividade é a capacidade de resolver problemas e gerar transformações. Existem dois tipos: a incremental, que usamos toda hora para resolver problemas com as ferramentas que temos; e a inovadora, que permite gerar transformações.

— Todos nascemos com uma espécie de hardware programado para ser criativo — diz Feitosa-Santana, autora de "Eu controlo como me sinto" (Planeta).

Para saltos inovadores, o Brasil precisa de mais investimento em educação de qualidade, ciência e tecnologia. E a demanda por produtividade pode criar vilões como a falta de sono e o sedentarismo. O cérebro precisa de sono de qualidade para resolver problemas, inovar e gerar transformações. O exercício também produz neurotransmissores que ajudam a restaurar o cérebro e a oxigenar as ideias.

Uma criança se divertindo é a imagem da criatividade em ebulição. A escritora Gabriela Romeu pesquisa formas de brincar no Brasil, documentadas em livros como "Lá no meu quintal" (Peirópolis). Para ela, o quintal, o play ou o espaço embaixo da mesa são o laboratório da criança.

— A criança nasce com um olhar investigador e com um desejo de inventar, misturar as coisas. Esse brincar livre é onde se aprende e se exerce a criatividade. Mas, à medida que vai crescendo, esse exercício vai diminuindo. As escolas vão castrando o tempo de exercitar essa liberdade — observa a autora.

A avaliação do Pisa sobre criatividade aplicou provas a alunos de 15 a 16 anos. Testou sua capacidade de se expressar (pela escrita ou por recursos visuais/midiáticos) e de resolver problemas (sociais ou científicos). Parece haver um abismo entre a infância, e toda essa liberdade de pensar fora da caixa, e a adolescência.

— Essa é justamente a fase da educação brasileira em que você é menos incentivado a ser criativo, e passa três anos da vida se preparando para um único momento, o vestibular, o Enem ou uma boa nota no Sisu. Não há criatividade que resista — analisa Fabio Campos, pesquisador associado do Laboratório de Aprendizagens Transformadoras com Tecnologias, da Universidade de Columbia. — Criatividade é tema da escola toda, não só da aula de artes. Enquanto não se entender isso, vamos continuar lá embaixo nas avaliações — acredita o pesquisador.

Em tempo real, a criatividade também flui nas batalhas de poesia. A poeta Gênesis, do grupo Slam das Minas RJ, deixa a dica: como não travar diante da pressão de uma batalha? Um dos segredos é (mais uma vez) ver tudo como brincadeira:

— Na porta do meu quarto tenho uma placa: 'Brincar é urgente.' Temos que retomar essa pureza diante da necessidade de resultados imediatos ou da vitória — provoca a slammer de Nova Iguaçu.

SEM 'MEDO DO ERRO'

Gênesis adotou como alcunha o livro bíblico da criação do mundo. Depois de perder a mãe na infância, criou uma personagem imaginária. Dobrava suas roupas fingindo ser a mãe, depois a elogiava: "Nossa mãe, que trabalho bonito você fez." Ela lembra que "era a criatividade desde cedo me salvando das faltas". A educação em Centros Integrados de Educação Pública (Cieps) expandiu seu universo. No horário integral, descobriu o teatro, as bibliotecas, a literatura:

— A precariedade pode matar a criatividade, mas no meu caso foi combustível para imaginar outros mundos. Sempre senti que não cabia naquela realidade, e que tinha capacidade de imaginar outras.

Nas oficinas de escrita criativa que desenvolve, Gênesis gosta de inventar jogos e desafios, e incentiva as pessoas a perderem o medo de errar.

— O medo do erro ofusca a criatividade, que se baseia nas tentativas inacabadas, nas nossas hipóteses malucas. Ela se alimenta de tudo que não é óbvio, e de evitar julgamentos sobre si — ensina.



Brincadeira de criança. Gabriela Romeu entre mascarados do Recôncavo Baiano

SAMUEL MACEDO



APRESENTADO POR Águas do Rio

Conectando séculos: avanço do saneamento ganha novos marcos

Desde 2021, Águas do Rio já investiu R$ 4,8 bilhões em obras para modernizar rede e expandir acesso a água e esgoto em 27 cidades do Rio

A história do saneamento básico no Rio de Janeiro é centenária, e ainda está sendo escrita. Dos reservatórios construídos no século XIX às válvulas inteligentes operadas por controle remoto, é possível acompanhar a própria evolução urbana do estado por meio das redes de água e esgoto. Essa infraestrutura invisível, que remonta aos tempos coloniais, ganhou um novo capítulo em 2021, com a chegada da Águas do Rio, concessionária da Aegea, responsável pelos serviços de água e esgoto em 27 municípios fluminenses, incluindo as zonas Norte, Sul e Central da capital.

Ao assumir a operação, a concessionária herdou um sistema complexo e histórico. Os Arcos da Lapa, por exemplo, foram projetados no século XVIII como a primeira "adutora" do Rio. Já no final do século seguinte, o sistema Acari e o Reservatório do Pedregulho, em Benfica, considerados marcos de engenharia, foram inaugurados pelo imperador Dom Pedro II. Somente nas décadas de 1940 e 1950, vieram os sistemas de Ribeirão das Lajes e do Guandu. Toda essa infraestrutura ainda hoje funciona e abastece quase toda a capital e a Baixada Fluminense.

— O sistema de saneamento do Rio de Janeiro foi construído em diferentes épocas e usando tecnologias diversas. Para manter tudo funcionando bem, é preciso investimento contínuo aliado a planejamento, manutenção e monitoramento constantes. Estamos conectando séculos de infraestrutura, recuperando o que deve ser mantido e modernizando o que precisa avançar — afirma Anselmo Leal, presidente da Águas do Rio.



MARC FERREZ, FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL

Dom Pedro II em visita ao Reservatório do Pedregulho, em Benfica, inaugurado no século XIX e até hoje em funcionamento



DIVULGAÇÃO

Obras da ETE Queimados, que vão beneficiar 270 mil moradores da Baixada Fluminense



O GLOBO

Edição de O GLOBO de 1925, ano de sua fundação, relata a demolição do chafariz da Carioca, usado como fonte de abastecimento de água desde o século XVIII



ARQUIVO/AGÊNCIA O GLOBO

Obras do interceptor oceânico da Zona Sul na década de 1970. Estrutura passou por limpeza completa nos últimos anos

Um bom exemplo do que significa "recuperar um sistema" foi a limpeza do Interceptor Oceânico da Zona Sul, feita pela concessionária. O túnel de 9 quilômetros que coleta esgoto e o leva ao Emissário Submarino de Ipanema passou por sua primeira manutenção completa 50 anos após sua inauguração, nos anos de 1970. Dele foram removidas três toneladas de resíduos. Com isso, praias como Flamengo e Glória voltaram a ser balneáveis, segundo dados do Instituto Estadual do Ambiente (Inea).

Desde que assumiu a operação, a Águas do Rio já investiu R$ 4,8 bilhões em obras de infraestrutura, modernização da rede e ampliação do acesso à água tratada e ao esgotamento sanitário.

AVANÇO DO SANEAMENTO NO ESTADO

— Na capital, o desafio é recuperar e modernizar estruturas centenárias. Já em municípios da Baixada Fluminense, estamos construindo sistemas de abastecimento e esgotamento praticamente do zero — explica Anselmo Leal.

A meta é alcançar 99% de cobertura com água potável e 90% de esgoto coletado e tratado até 2033, conforme prevê o novo Marco Legal do Saneamento.

— O objetivo é avançar com rapidez e deixar um legado, sobretudo para a população mais vulnerável, que historicamente ficou à margem desses serviços — destaca.

A Baixada Fluminense ganha novas redes de esgoto e uma estação de tratamento, em Queimados, que beneficiará diretamente 270 mil moradores, em um investimento de R$ 750 milhões. A entrega vai impactar toda a Bacia do Guandu, responsável por abastecer 80% da capital e da Baixada Fluminense.

Essa transformação vai além da infraestrutura. Está no cotidiano de quem, por décadas, viveu sem acesso à água encanada. Já são mais de 1.400 quilômetros de novas redes, abastecendo pela primeira vez com regularidade cerca de 621 mil pessoas.

Em Nova Iguaçu, Mônica Barros passou anos sem ter água tratada todos os dias. Antes das obras na região, a rotina era de espera e esforço. Hoje ela é uma das contempladas com a tarifa social, que permite às famílias de baixa renda pagarem menos pelos serviços.

— Hoje, tenho água com frequência e posso pagar um valor justo, que cabe no meu orçamento, além de ter um comprovante de residência. Isso traz alívio, dignidade e orgulho — diz Mônica.

Tecnologia de ponta que conecta a história

Com foco na eficiência, a concessionária instalou o Centro de Operações Integradas (COI), que monitora mais de 35 mil parâmetros em tempo real. De lá, é possível controlar a pressão da água em tubulações centenárias, abrir ou fechar válvulas remotamente, além de localizar por GPS a movimentação de equipes. A digitalização do sistema também permite prever falhas e responder rapidamente a qualquer intercorrência.



MARCO TERRUGI/G.LAB

CONTEÚDO PATROCINADO PRODUZIDO POR G.lab

COMPROMISSO COM O LEITOR



1925



1932



1945



1961



1971

OBSESSÃO POR INFORMAR, DE UM JEITO OU DE OUTRO

Em um século, O GLOBO passou da publicação de várias edições por dia à cobertura em tempo real na web, acompanhando transformações do jornalismo, mas sem abrir mão do seu compromisso fundador

WILLIAM HELAL FILHO
william@oglobo.com.br

O compromisso de entregar ao leitor a informação quente e bem apurada é, desde o início, uma obsessão. O que mais mudou em um século do GLOBO foi a forma. Nos anos 1930, por exemplo, a Redação mandava para a rua, num dia qualquer, de três a cinco edições com as últimas notícias. Durante a Intentona Comunista, em meio ao caos instalado pela tentativa de golpe contra Getúlio Vargas, foram oito edições apenas no dia 25 de novembro de 1935.

"Estalou um movimento de carácter communista no norte do paiz" *(sic)*, dizia a manchete da primeira tiragem, às 9h. "Dominado o movimento extremista do R. G. do Norte", destacava a oitava e última edição, às 18h.

No longo caminho de lá até as coberturas em tempo real no site do jornal, as análises de colunistas gravadas em vídeo para as redes, as reportagens contadas por meio de gráficos e os alertas de celular, tudo o que O GLOBO fez foi buscar a inovação de forma constante, acompanhando as mudanças tecnológicas de cada época na área da comunicação, mas movido por aquela mesma obsessão fundadora de 29 de julho de 1925.

Cem anos atrás, não era nada simples prover informação com agilidade. Numa época anterior à TV e com o rádio ainda se popularizando, os veículos impressos assumiam para si a responsabilidade de manter a população a par dos acontecimentos, apesar das muitas limitações tecnológicas e da falta de normas de conduta ou de um padrão de texto jornalístico. Para se ter uma ideia, não havia ainda faculdades de jornalismo, que não era sequer uma profissão regulamentada.

De acordo com a professora Dúnya Azevedo, doutora em Comunicação Social pela UFMG, especialista em design gráfico, o layout dos jornais estava totalmente a serviço do texto. Havia poucos recursos de imagem para suavizar o calhamaço de notícias em letras miúdas, sem uma biblioteca de fontes definidas. As publicações espremiam as matérias em cada página, no processo quase artesanal da composição em linotipo, máquina inventada na Alemanha em 1886. Era um trabalho cuidadoso e demorado, que mobilizava muita gente e recomeçava a cada nova edição.

— Eram muitas limitações de ordem técnica. E, em decorrência da necessidade de ajustar os elementos na composição da página, o layout tinha uma forma bastante rígida — explica Dúnya.

O texto dos diários também estava longe do que conhecemos hoje, com muitas marcas de oralidade, ainda influenciado pelo jornalismo literário do século XIX. Além disso, não havia padrão ortográfico para a língua portuguesa. Basta ver a reportagem da edição de 10 de agosto de 1925 intitulada "Attingido em cheio pelo bloco de pedra", sobre um trabalhador que morrera esmagado no Morro de Santo Antônio, no Centro do Rio. "Essa viuva e esses orphãosinhos de agora, hão de estar, a estas horas, as mãos erguidas para o céo, as lágrimas nos olhos, clamando justiça...", continuava o texto.

— A relação próxima entre literatura e jornalismo produzia uma linguagem mais complexa, menos objetiva, para narrar assuntos do cotidiano — explica o jornalista e pesquisador Fernando Resende, professor do curso de Estudos de Mídia da UFF. — Foi a partir dos anos 1940 e 1950, com a criação dos cursos de jornalismo, a popularização do rádio e a chegada da TV, entre vários outros fatores, que o texto jornalístico começou a ganhar a forma padronizada, mais objetiva, que vemos hoje.

Também as capas dos jornais passaram por uma modernização nessa época. Até então, não havia o padrão de primeira página, com chamadas para introduzir os principais assuntos, que seriam desenvolvidos no interior do periódico. Em alguns casos, matérias começavam e terminavam na capa. Em outros, textos eram abruptamente interrompidos e continuavam no miolo do diário. Além disso, havia edições com manchetes em letras garrafais, com pontos de exclamação, e outras sem um destaque evidente. E não era raro ver anúncios classificados na capa.

Em meio a uma imprensa ainda se organizando, O GLOBO dava seus passos à frente. Em 1936, publicou a primeira telefoto da imprensa brasileira, mostrando a nadadora Piedade Coutinho competindo na final dos 400 metros livres nas Olimpíadas de Berlim. Nos anos 1950, o jornal se mudou para um prédio erguido na Rua Irineu Marinho, na Cidade Nova, e adquiriu uma série de novos equipamentos gráficos, incluindo uma rotativa Hoe, a mais moderna da época, com 500 toneladas. Ainda em 1959, o jornal estampava na capa a primeira radiofoto em cores da América Latina. Era o registro da rainha Elizabeth II, da Inglaterra, durante uma solenidade no Canadá com o presidente americano Dwight Eisenhower.





Informação quente. No papel, no computador ou no celular, o que mais mudou nesses 100 anos foi a forma de apresentar as notícias e manter o leitor bem informado

A observação das edições do GLOBO ao longo das décadas permite perceber uma evolução presente em outros jornais. As páginas ficaram arejadas e melhor ilustradas, as fotos ganharam nitidez e cor. Os textos perderam a carga de subjetividade, obedecendo ao modelo jornalístico com estrutura rígida, que preconiza a soberania do que se chama nas redações de "lide" — ou seja, as primeiras linhas de uma matéria passaram a aglutinar as principais informações sobre um acontecimento, com mais destaque às declarações de fontes ouvidas durante a apuração e espaço cativo para o contraditório.

Os avanços técnicos garantiram agilidade e abriram caminhos. Em 1972, O GLOBO passou a publicar edições dominicais ("O dia que faltava", festejou Roberto Marinho em um editorial na primeira página). Em 1978, o jornal passou a rodar em impressão off-set. Em 1989, já com a redação toda informatizada, o diário circulou pela primeira vez no dia 1º de janeiro. O objetivo era publicar a cobertura das tradicionais festas de réveillon na cidade, mas o jornal acabou levando aos leitores, naquela manhã, a cobertura da tragédia do Bateau Mouche IV, que naufragou no dia 31 de dezembro, na entrada da Baía de Guanabara, deixando 55 mortos.

Entre todas as reformas visuais do GLOBO, a mais impactante foi a de 1995, com a implantação de um projeto criado pelos designers Milton Glaser e Walter Bernard, adotando-se tipologia moderna, logotipo adaptado às cores do Brasil e um novo conceito de redação.

— Foi um projeto gestado durante mais de dois anos, que trouxe ampla mudança gráfica e na forma de apresentar o conteúdo, com mais espaço para análise e ênfase em reportagens robustas — explica Alessandro Alvim, o editor-executivo visual do GLOBO. — Várias diretrizes continuam de pé até hoje, mesmo depois de outra grande reforma, em 2012, assinada pelo designer Chico Amaral.

A partir de meados dos anos 1990, o jornalismo seria sacudido pela popularização da internet, com mudanças profundas na produção e distribuição de conteúdo. Mas essa transformação não ocorreu da noite para o dia. Durante anos, os jornais se limitavam a exibir na web as mesmíssimas matérias feitas para as versões impressas, sem quebrar o antigo ciclo de 24 horas de produção e publicação.

De acordo com a professora Suzana Barbosa, coordenadora do Grupo de Pesquisa de Jornalismo On-Line da UFBA, nos anos 2000, com a chegada de grandes portais como a Globo.com e o UOL, as mudanças ganharam celeridade. Ela explica ainda que o atentado das Torres Gêmeas, em Nova York, colocou sobre as redações uma pressão para investir em coberturas ao vivo para a internet.

— No começo, as equipes de jornalistas não estavam formadas para o mundo digital e havia ainda muitas limitações tecnológicas. Os ataques de 2001 deixaram isso claro e criaram uma demanda interna por mais agilidade — analisa Suzana.

Desde então, houve uma explosão de ferramentas voltadas para publicação de conteúdo, e o jornalismo flertou com várias novidades digitais como se fossem "invenções da roda". Muita coisa não vingou, mas grandes sites passaram a entregar a notícia em uma série de formatos distintos.

No site do GLOBO, eventos como o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e as eleições são cobertos em tempo real, com gráficos e análises ao vivo. Além de entregar um jornal impresso moderno e aprofundado, a redação produz vídeos, reportagens em HQ, testes de conhecimento e ferramentas de consulta. Desde o ano passado, mesmo as matérias no bom e velho formato de texto e foto têm o botão do Projeto Irineu, que se vale de inteligência artificial generativa para oferecer um resumo da notícia.

— As ferramentas do jornalismo digital nos permitem explorar diferentes formas de contar uma história ou de oferecer serviços importantes para o leitor — diz Alessandro Alvim. — Estamos sempre buscando inovações pra melhorar a experiência digital do assinante do jornal.



WILLIAM HELAL FILHO
é editor de Acervo e Qualificação do GLOBO



1988



1995



2004



2008



2019

REPRODUÇÕES

FREDERICO ROZARIO/29-7-1996 E MÁRCIA FOLETTO/4-7-2025

COMPROMISSO COM O LEITOR

ENTREVISTA

Heloisa Starling/ HISTORIADORA

É preciso cruzar e contrapor várias versões, diz a autora de livros como 'A máquina do golpe — 1964: como foi desmontada a democracia no Brasil', ainda inédito

'JORNAL CONTA O QUE ACONTECEU E HISTORIADOR EXPLICA POR QUÊ'



MAURO VENTURA
Especial para O GLOBO

Os jornais são uma fonte preciosa para historiadores, diz Heloisa Starling, professora da Universidade Federal de Minas Gerais e autora de livros como "Ser republicano no Brasil Colônia", "Brasil: uma biografia" e "A bailarina da morte — A gripe espanhola no Brasil", os dois últimos escritos com Lilia Schwarcz. A seguir, ela explica como recorre à imprensa para escrever suas obras — a mais recente, "A máquina do golpe — 1964: como foi desmontada a democracia no Brasil", que está em produção.

Qual a importância dos jornais como fonte histórica?
O jornal é uma fonte histórica essencial. Mas tem que saber perguntar. Porque o jornal vai responder. Ele traz informações fundamentais para pensar a conjuntura da época, saber o que as pessoas estavam pensando, como era o cotidiano, que filmes viam, que livros liam.

Num capítulo de "A máquina do golpe", narro a assinatura do Ato Institucional Número 1, no dia 9 de abril de 1964. O jornal vai dar a você o contexto político. A descrição que O GLOBO faz da cena da leitura do AI-1 pelo comando supremo da revolução é preciosa, porque ele fala onde foi, como foi, quem eram as altas patentes militares que estavam ali.

Como diferem os olhares do historiador e do jornalista?
O historiador e o jornalista são muito próximos. Mas os procedimentos são diferentes. O jornalista conta o que aconteceu, e o historiador precisa tentar dizer por que aconteceu. E formam uma parceria. O AI-1, por exemplo, foi assinado pelo general Costa e Silva, pelo tenente-brigadeiro Francisco de Assis Correia de Melo e pelo vice-almirante Augusto Rademaker. Voltando no tempo, em 1930, os comandos do Exército e da Marinha resolvem dar um golpe de Estado. Eles depõem o presidente Washington Luís. Há uma cena em que ele sai preso do Palácio, em direção ao Forte de Copacabana. Só O GLOBO fez a foto. Ela mostra dois oficiais no estribo do carro, com o presidente dentro, deposto e preso. O historiador olha e fala: "Opa, quem são esses caras?". E um deles, de óculos, é o Costa e Silva, 34 anos antes de 1964. Ou seja, ele era golpista desde jovem. Essa informação, que estou usando no livro, quem trouxe foi a foto do GLOBO.

E que cuidados o historiador deve ter ao recorrer à imprensa?
Primeiro você tem que saber qual é a linha editorial daquele periódico. E não trabalhar com um jornal só, porque cada um tem seus interesses. O foco é diferente, a maneira como aborda a conjuntura varia, o modo como retrata o mesmo evento difere. E é preciso cruzar e contrapor as informações. Qual era a posição dos grandes jornais às vésperas do golpe de 64? Todos estavam contra o presidente João Goulart, exceto a Última Hora. Mas, no dia seguinte ao AI-1, todos, com exceção do GLOBO, estavam apavorados, como que dizendo: "Vai dar ditadura".

FERNANDO LEMOS / 30-8-2018

Os documentos históricos oficiais foram escritos em geral por homens. Como os jornais podem ajudar a contar histórias das mulheres?
Os jornais trazem informações sobre a vida, o cotidiano e o destino das mulheres. Permitem ao historiador identificar e compreender as formas de opressão praticadas em determinada época, bem como o percurso da luta delas por direitos. As mulheres têm uma longa história de como se organizam e se associam para chegar à cena pública, para atravessar a barreira mais proibida para a mulher que é falar com voz própria na política. E vão fazer uso dos jornais para se fazer ouvir. No fim da década de 1970, por exemplo, elas criaram periódicos como "Brasil Mulher", "Nós Mulheres" e "Mulherio", num momento de luta pela redemocratização. Eles abordavam temas como direitos, trabalho, equidade racial, violência doméstica, saúde, cultura.

É recente o uso dos jornais como fonte histórica?
Antes, era muito rechaçado. Era considerado duvidoso usá-los porque o jornalista está tratando do que acontece naquele momento, enquanto o historiador precisa pensar na conjuntura e, ao mesmo tempo, inseri-la no tempo mais largo ou mais longo da História. Gilberto Freyre foi um dos primeiros a fazer isso, por volta de 1963. Ele pega os jornais do século XIX e vê como os escravizados eram vistos a partir dos anúncios de compra e venda. A partir daí, o jornal passa a ser cada vez mais utilizado pelos historiadores como fonte. Mas a postura crítica é importante, não só diante da imprensa, mas com relação a todas as fontes, porque nenhuma delas é imparcial, objetiva, 100% verdadeira. Na fonte documental, como a ata, só vou achar o que os personagens quiseram descrever. Nos depoimentos e memórias, tenho que desconfiar porque só encontro o que o depoente quer falar e a maneira como quer ser visto.

Anúncios, editoriais, fotos, ilustrações, matérias, artigos, crônicas. Tudo pode ser usado?
Colunistas e cronistas são importantes para entender o que intelectuais, escritores estão pensando. Carlos Heitor Cony participou da redação do célebre editorial do "Correio da Manhã" contra Jango, aquele do dia 31 de março que tem a manchete "Basta!". Mas logo se dá conta do que aconteceu, faz o mea-culpa e escreve um texto sensacional chamado "A revolução dos caranguejos". Drummond, por sua vez, que era insuspeito de apoiar Jango, quando vê o AI-1 escreve uma coluna em que começa a entender que o país entrava numa ditadura.

Que outros exemplos de como a imprensa pode ajudar o historiador?
Com minha equipe de pesquisadores, fiz uma pesquisa para uma exposição que virou livro, "1964 — Imagens de um golpe de estado". Eles acharam fotos inacreditáveis, como a que mostra Brizola no Comício de Jango na Central, no dia 13 de março. Brizola estava de braço levantado, e o fotógrafo capturou no cinto a ponta de um revólver. A foto ajuda a entender o clima daquele momento. O ambiente estava tenso, havia medo de atentado, de surgir um franco-atirador para matar Jango, que estava jogando ali todas as fichas para garantir sua sobrevivência política.

O livro sobre a gripe espanhola também bebe muito na fonte da imprensa. Havia poucas informações oficiais, que em geral tratavam de um lugar específico, quando o que Lilia e eu queríamos era entender como o vírus andou pelo Brasil, como o país foi se contaminando e enfrentou a doença. Quem conta essa progressão são os jornais, especialmente os locais.

Historiadores, então, cada vez mais recorrem aos jornais.
Em "A máquina do golpe", cito o caso do jornalista Marcos Sá Correa, que revelou a operação secreta Brother Sam, que conta a vinda de uma esquadra americana para dar apoio aos golpistas no Brasil. Ela não entra em águas brasileiras, porque o golpe é vitorioso. Em 1976, Marcos soube dela por que havia sido liberada uma leva de documentos na biblioteca Lyndon Johnson, no Texas, Estados Unidos. Ele foi lá, pesquisou cerca de 450 documentos inéditos em oito caixas de papelão e mandou um telegrama para a redação do Jornal do Brasil: "Aqui tem mais ouro do que nas minas da África do Sul". Ele volta e faz uma série de reportagens e o livro "1964 — Visto e comentado pela Casa Branca", que são incríveis para o historiador. A obra nunca havia sido reeditada. No meu capítulo sobre a operação, pensei: "Gente, mas tudo que estou contando aqui devo a esse rapaz." Faço parte da comissão editorial da editora do Senado. E propus a reedição do livro, o que aconteceu no último dia 31 de março. Acho que contribuí para pagar a dívida do historiador com o jornalista que fez a proeza de dar o que talvez seja o maior furo da história do jornalismo brasileiro e contar para nós uma parte tão importante da história do Brasil.

O GLOBO:

100

ANOS ESCREVENDO A HISTÓRIA

Há um século, nascia um jornal que
não apenas noticiaria a história do Brasil
— mas ajudaria a escrevê-la.

O Globo registrou revoluções, reconstruções
e transformações profundas no país e no mundo.
Sempre com o olhar atento, a palavra firme
e o compromisso de informar.

Ao longo de 100 anos, construiu credibilidade,
formou gerações de jornalistas e leitores,
acompanhou os desafios e as conquistas
do Brasil e se reinventou com os tempos.

Neste centenário, celebramos não apenas
a trajetória de um dos maiores veículos
de comunicação do país, mas também
a força do jornalismo profissional,
plural e comprometido com o interesse público.

Parabéns, O Globo.
Que venham os próximos cem anos.

PREFEITURA DE
SÃO PAULO

COMPROMISSO COM O LEITOR

BÊ-A-BÁ DA CIDADANIA

Educação de Jovens e Adultos é estratégia para enfrentar o analfabetismo funcional de 30% dos brasileiros entre 15 e 64 anos



MONICA IMBUZEIRO/2-2-2005

VIVIANE NOGUEIRA
viviane.nogueira@edglobo.com.br

Apesar de avanços importantes na educação, o Brasil chega à segunda década do século XXI sem vencer um desafio básico: cerca de 30% da população entre 15 e 64 anos não conseguem compreender plenamente o que leem ou realizar operações matemáticas simples. O número, preocupante, é do Indicador de Alfabetismo Funcional (Inaf), que mostra ainda: o índice é o mesmo desde 2018, e a taxa de analfabetismo é maior entre pessoas com 40 anos ou mais, o que tem forte impacto em produtividade, cidadania e no exercício da democracia no país.

— Essa dimensão do indivíduo é bem importante. Cada uma dessas pessoas teve seu direito à educação negado de alguma maneira em sua história. Do ponto de vista dos direitos humanos, este talvez seja o marco zero. Do ponto de vista social, isso tem um impacto negativo sobre a renda e, consequentemente, sobre o acesso a saúde, moradia, a uma vida melhor, em resumo. São pessoas que estão sempre à margem do mercado de trabalho — analisa Roberto Catelli Jr., coordenador da área de educação da ONG Ação Educativa, responsável pelo Inaf.

O Inaf acompanha os índices de alfabetização no Brasil em uma série histórica que começou em 2001, e identifica cinco níveis de proficiência: analfabeto (7%), rudimentar (22%), elementar (34%), intermediário (25%) e proficiente (12%). Pela primeira vez, o instituto trouxe informações da vida digital.

— O que a gente viu é uma tendência de reprodução da desigualdade no universo digital, porque o analfabeto funcional tem muita limitação para dominar esse mundo — diz Catelli.

EJA COMO CAMINHO

Entre as estratégias para reverter este quadro, o especialista aponta o caminho da Educação de Jovens e Adultos (EJA), modalidade de ensino para pessoas a partir de 15 anos que não tiveram acesso à educação na idade considerada própria. Segundo a Constituição de 1998 e a Emenda Constitucional 59, de 2009, a educação básica deve ser cumprida, obrigatoriamente, dos 4 aos 17 anos de idade.

— Há uma parcela muito grande da população que não consegue retomar essa escolaridade ou avançar nela. E ainda tem um grupo grande de jovens que abandona a escola no fim da infância ou na adolescência. E onde isso poderia reverberar com força? No avanço da Educação de Jovens e Adultos, que vai responder por uma grande demanda desse público.

Catelli diz que o governo vem buscando uma aliança com essa finalidade. Mas aponta um problema complexo: como fazer esse sujeito que maneira abandonou a escola retomar os estudos com condição de vida pra isso?

A secretária de Educação Continuada, Alfabetização de Jovens e Adultos, Diversidade e Inclusão (Secadi) do Ministério da Educação (MEC), Zara Figueiredo, vem trabalhando muito pelo fortalecimento da EJA, que, segundo ela, não está no centro da política educacional.

— A EJA é uma modalidade, mas as redes têm compreendido de modo equivocado que ela não é uma oferta obrigatória. Os dados do último Censo mostram que temos 1.092 municípios sem nenhuma vaga de EJA, ou 20% dos municípios brasileiros.

Zara aponta esse problema como central e estruturante, porque leva a outros: ausência de formação, de políticas de incentivo para professores permanecerem na EJA e a "juvenilização": muitos estudantes de 15 anos com problemas de indisciplina são encaminhados para a modalidade.

Esses problemas se somam a um currículo defasado, que não envolve profissionalização, à falta de formação continuada para professores e à ausência de busca ativa por parte das redes.

— O público da EJA é composto por indivíduos muito empobrecidos, negros, de renda per capita baixíssima. A maioria está no Nordeste e sequer sabe que a EJA é um direito. Sem busca ativa, dificilmente esse indivíduo vai procurar a escola. E quando você fala com a rede que não tem EJA, a rede diz que não tem demanda, o que não é verdade — diz a secretária.

No ano passado, o MEC lançou o Pacto de Superação do Analfabetismo. A Secadi aposta ainda na formação de professores e na construção de uma rede de governança com 2.300 profissionais para ajudar na busca ativa, na articulação para montar turmas e também como uma ponte entre o MEC e as redes de ensino.

Zara Figueiredo enfatiza que é preciso um currículo mais flexível para atrair os jovens e reconhecer saberes.

— Todo saber informal que permitiu a essas pessoas viverem em uma sociedade letrada sem que fossem letradas precisa ser reconhecido. Eles não podem chegar à escola e ter a percepção de que são uma xícara vazia. Não são. Reconhecer e valorizar esses saberes como estratégia pedagógica para reduzir o currículo de formação tem impacto na autoestima e na permanência do aluno na escola — acredita a secretária.

GARGALO

A partir do diagnóstico do Inaf, o professor de matemática Vitor Fontes, pesquisador dos novos ambientes educativos e especialista de conteúdo e inovação na Casa Firjan, tem a percepção de que as articulações de órgãos e sociedade para tentar sanar as questões de educação são sempre muito institucionais, não vão para o cotidiano. Ele cita projetos como o Mais Educação (2007-2016), iniciativa do governo federal que integrava diferentes áreas do conhecimento, com o objetivo de ampliar a jornada escolar. Atualmente, ele cita como iniciativas positivas o programa Sesi Matemática, da Firjan, o data_labe e diversas outras ações que acontecem no Complexo da Maré, conjunto de favelas na Zona Norte do Rio.

— Se você olhar as iniciativas da Redes da Maré, parece que eles funcionam como uma secretaria de cultura, educação, atendimento à mulher, tamanha a potência — elogia. — Assim como fazem essa migração do Ensino Fundamental para o Médio, eles fazem preparatório para o 6º ano, que é uma fase crítica de evasão escolar. São projetos que criam frestas e possibilidades para os jovens daquele território.

NENHUM A MENOS

Um dos objetivos do eixo de educação da Redes da Maré, segundo Andreia Martins, integrante da direção da organização e técnica em assuntos educacionais da UFRJ, é contribuir para ampliar o tempo de escolarização dos moradores da região, tendo uma relação direta com o processo de alfabetização.

A Redes foi ampliando a atuação em educação. Começou com o Curso Pré-Vestibular no fim dos anos 1990. Depois vieram os cursos preparatórios para as escolas de excelência do Ensino Médio e para o 6º ano (que ainda era chamado de 5ª série). Por fim, em 2007, foi lançado o Nenhum a Menos, para crianças com histórico de escolarização irregular e muitas reprovações e evasões.

— Há seis anos começamos com alfabetização de mulheres e, este ano, temos turmas mistas, além da EJA em parceria com a Fundação Roberto Marinho — diz Andreia. — Ampliamos porque percebemos o que era importante trabalhar com aqueles estudantes que queriam passar em concursos, mas também da alfabetização e da EJA, uma modalidade sucateada que atende a um público que está fora da escola.



100 anos de informação que transforma

O centenário do jornal O Globo é um marco da história do Brasil. Da redação aos conteúdos digitais, 24h por dia, 7 dias por semana, contar um século da história da humanidade exigiu compromisso, inovação, resiliência e também energia.

Por trás de cada fato apurado, cada história contada, cada personagem retratado, lá também estava a energia!
Iluminando as redações.
Movendo prensas e impressoras.
Conectando vozes distantes.
Para levar a notícia cada vez mais longe, aos quatro cantos do país, a distribuição de energia foi a conexão entre a linha escrita e as pessoas.

A Abradee parabeniza O Globo por um século de jornalismo que informa, inspira e que ajuda a escrever o presente e prosperar o futuro.

Porque onde há comunicação, há energia.
E onde há comunicação e energia, há transformação.
Que mais histórias possam ser contadas pelas linhas da escrita e as da distribuição.

abradee 50 anos

A energia
da mudança
passa por aqui.

COMPROMISSO COM O LEITOR

COMO VEM VOCÊ, GERAÇÃO BETA?

Depois de X, Y, Millenials, Z e Alpha, cidadãos do futuro devem herdar mundo onde a complexidade e a inovação conviverão em ritmo acelerado

CARLOS ALBUQUERQUE
Especial para O Globo

A fila das gerações anda, embora os rótulos, marcas e conceitos, às vezes, se embolem. A escritora, poetisa e colecionadora de arte Gertrude Stein teria batizado uma das primeiras, a geração perdida, aquela nascida no fim do século retrasado, que viveu a Primeira Guerra Mundial. Depois, vieram os chamados *baby boomers*, nascidos (na Europa e nos EUA) entre 1946 e 1964 (no Brasil, seriam chamados de "geração reprimida", aquela que cresceu sob a ditadura militar). Em seguida, foi a vez da geração X (de 1965 a 1980), da geração Y ou Millennial (início dos 1980 até meados dos 90), da geração Z (que vai até o começo dos anos 2010) e da geração Alpha (até 2024). No paralelo, tivemos por aqui também, nas artes plásticas, a Geração 80 e, nas palavras de Renato Russo, a Geração Coca-Cola. Até chegarmos ao ponto de nos perguntarmos: como vem você, geração Beta?

Segunda a avançar no alfabeto grego, ela inclui todos aqueles (bebês) nascidos a partir de janeiro deste ano e além. Esses cidadãos do futuro devem herdar um mundo onde a complexidade e a inovação conviverão em ritmo acelerado. Recente artigo do Fórum Econômico Mundial indica que a geração Beta vai representar 18% da população mundial até 2050 e que seu crescimento, deslocamento e hábitos de consumo terão impacto significativo na economia global.

Será também, especula-se, uma geração ultraconectada, muitos cliques à frente dos imigrantes digitais (a geração X) e mesmo dos nativos digitais (da geração Y em diante), convivendo, desde as fraldas, com a inteligência artificial (IA) e com dispositivos inteligentes atuando como extensões naturais do seu próprio corpo. Aquele bebê que desde sempre interage com as telas, todo fofo, será somente o início da desenvoltura radicalmente digital.

— Acho que nem vai se falar mais a palavra conexão porque já vai ser uma coisa dada, essa geração não vai mais reconhecer a diferença entre estar on-line ou não. Vai ser sempre on — aposta Daniela Klaiman, futurista, especialista em comportamento do consumidor e CEO da FutureFuture. — Essa vai ser a geração nativa de IA, aquela que nem vai pensar na tecnologia para resolver suas questões. Isso vai estar embutido no que ela vai fazer no dia a dia. Não vai ser mais a opinião de uma pessoa, vai ser a opinião dela somada a uma tecnologia, como se fosse uma duplinha trabalhando junta, um ser que não é só humano.

INTEGRAÇÃO SEM CONFUSÃO

Essa conexão humano-máquina deve se tornar ainda mais "invisível", mais integrada às nossas rotinas, acredita Bruno Natal, jornalista e apresentador do podcast "Resumido", sobre o impacto da tecnologia em nossas vidas.

— A gente já vive com uma inteligência externa, nossos celulares são uma extensão do nosso raciocínio — constata ele. — Mas essa integração não vai significar necessariamente confusão. Acho que a diferença entre o que é digital e o que é real vai continuar existindo, mas de forma mais clara, mais consciente. A geração Beta talvez cresça entendendo melhor essa fronteira, justamente por já nascer com isso estabelecido — prevê.

O antídoto para a armadilha da IA está numa ferramenta de eterno valor: o pensamento crítico

A relação da geração Beta com a tecnologia, e em particular com a inteligência artificial, provavelmente será uma simbiose profunda. A IA não será apenas um instrumento, mas uma presença constante — de assistentes virtuais que sussurram dicas de aprendizado a sistemas inteligentes que poderão orquestrar lares e sistemas urbanos, e muito mais, que ainda não chegou ao público ou sequer foi inventado. Mas, em qualquer tempo, com qualquer geração, continuará não existindo almoço grátis: esse mix, porém, já traz efeitos colaterais, como as notícias falsas, cada vez mais aperfeiçoadas pela tecnologia, a ponto de se tornarem, a qualquer momento, indistinguíveis dos fatos. O antídoto para essa armadilha pode estar numa ferramenta de eterno valor: o pensamento crítico.

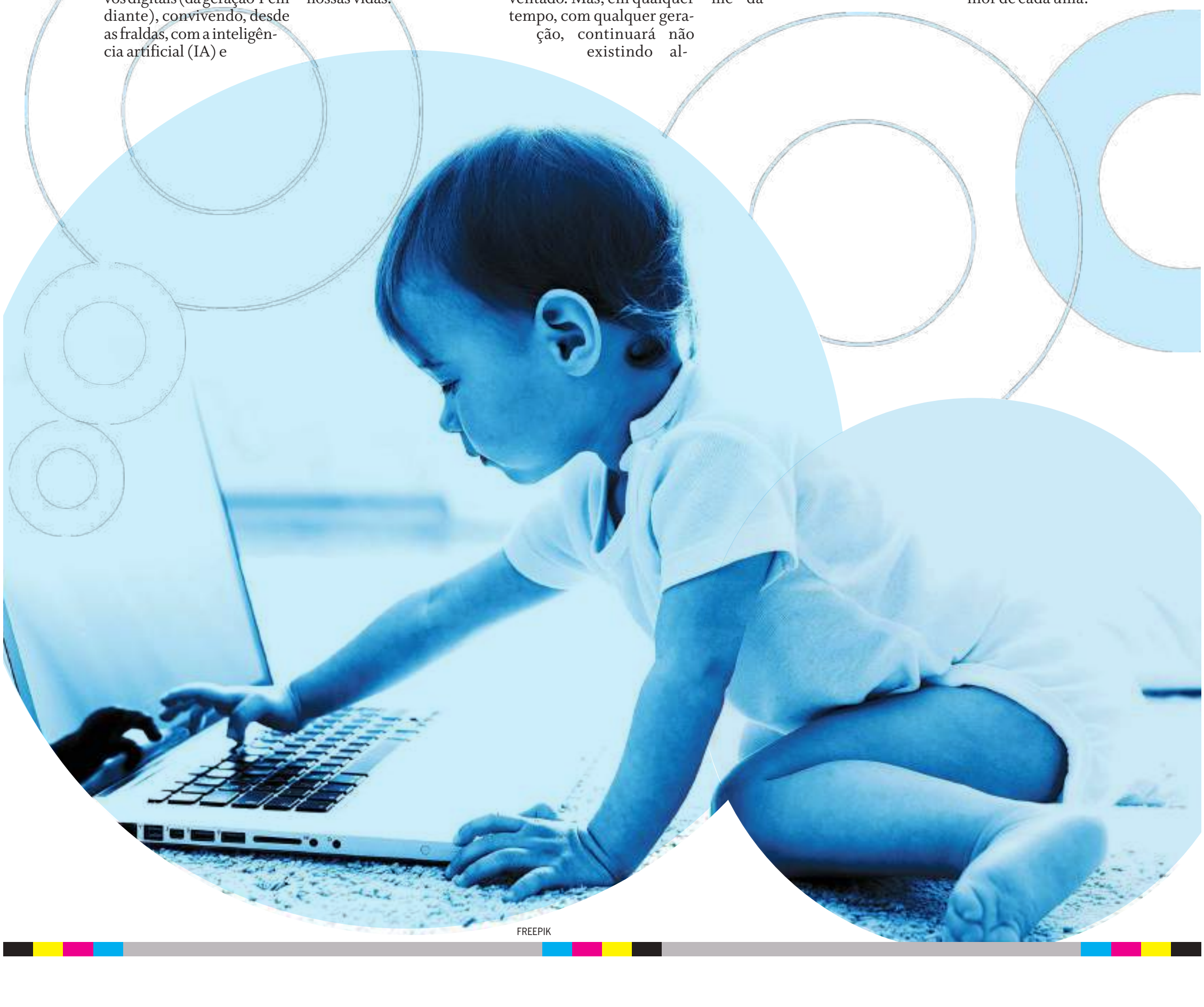
— Essa geração já chega num contexto que a gente pode chamar de pós-verdade, que é o uso de IA para emular realidades, tornando tecnicamente cada vez mais difícil distinguir o falso do real. E já não é nem uma questão de olhar tecnicamente para uma *deep fake* e ver se alguém tem seis dedos ou se o padrão da roupa está bagunçado — conta Paula Martini, jornalista, especializada em Futurismo e Novas Economias.

Ela alerta que a geração Beta precisará de muito letramento digital, sem abrir mão da mais antiga e eficaz das ferramentas: a educação.

— É pensar que se determinado conteúdo me faz sentir raivosa, me dá vontade de contar para mais gente, de me engajar, tem grandes chances de ele ter sido criado justamente com esse fim. E não ser verdade. Esse contato com a IA, por exemplo, terá que vir a partir de boas perguntas.

Se tudo isso — além de um planeta provavelmente alterado pelas mudanças climáticas — parece ser suficientemente desafiador e estressante demais, a solução pode ser pedir um chazinho à moda da casa.

— A integração da geração Beta com a tecnologia vai ser tão mais natural ou talvez tão menos controlada que as pessoas vão detectar que estão nervosas e aí, pelo *preset*, automaticamente, vai chegar um chá calmante na casa delas, ou seja, a tecnologia vai tomar muitas decisões de compras por elas, num consumo inconsciente que pode trazer um risco gigantesco — afirma Daniela, que pede, no fim das contas, um equilíbrio nessas previsões. — Talvez seja bom buscarmos olhares mais neutros, nem tão positivos, do tipo "a geração tal vai salvar o mundo", nem tão negativo, do tipo "a geração tal não fica no emprego". Temos que aprender com todas elas, tirando o melhor de cada uma.



FREEPIK

AZ é 1º lugar no Enem 2024 em Redação!

De nota 1.000 a gente entende.



Na Plataforma AZ, o 1.000 no Enem é mais do que uma meta, é um **resultado comprovado.**

Na última edição do exame, somente **12 estudantes** alcançaram a **nota 1.000** em Redação. Desses, **2 são AZ!**

Com nossa jornada de **aprendizagem personalizada**, conteúdos atualizados e suporte completo, cada aluno tem o caminho certo para atingir sua melhor versão.

Assim, as escolas alcançam um novo nível de excelência, e os estudantes conquistam as universidades mais disputadas do Brasil.

Você pode ser o próximo!
Acesse o QR code agora, conheça nossas escolas parceiras e descubra como podemos te ajudar a alcançar o topo!

plataformaaz.com.br

plataforma AZ

COMPROMISSO COM O LEITOR



Impresso ou digital. Marlene de Lima (à esquerda), Dirceu Natal e Fernanda Bessone: hábitos diferentes e a mesma fidelidade às páginas do GLOBO

DAS MANCHETES ÀS ENTRELINHAS

O hábito da leitura do jornal, em suas várias vertentes e plataformas, e sua relevância, nas palavras de quem realmente importa: o leitor

BERNARDO ARAUJO
Especial para O GLOBO

Quem lê sabe. E o GLOBO, na aurora de seus 100 anos, conta com um séquito de leitores fiéis e atentos, dos que fazem da leitura diária um ritual aos que passam links das reportagens aos filhos — como fizeram no passado seus pais, com recortes e jornais dobrados em locais estratégicos. Além, é claro, dos que literalmente ajudam a fazer o jornal, enviando opiniões, críticas e elogios, alguns com uma saudável frequência.

— Tenho mais de 400 cartas publicadas no GLOBO — gaba-se o engenheiro mecânico Abel Pires Rodrigues, nome frequente na página fixa dedicada à opinião dos leitores, abrigada no final da editoria Rio. — Gosto tanto de escrevê-las quanto de vê-las publicadas.

Entre atividades diversas, tem até profissional da escrita lendo e escrevendo para o jornal. A alagoana Marlene de Lima, autora de livros de contos e finalista do prêmio Jabuti de 2018 com "Por onde anda a gata?", volta e meia brinda os leitores com seu texto preciso e poético. Mas a moradora de Laranjeiras não escreve para o jornal por diversão.

— Tento defender os direitos das mulheres – diz ela, que também aprecia os textos de outros leitores missivistas e foi homenageada na cerimônia do prêmio Faz Diferença em 2025. — Trabalhei muitos anos na Justiça do Trabalho e me cansei de ver mulheres discriminadas. Muitas vezes insinuavam que uma reclamante tinha um caso com algum homem em seu emprego, uma acusação que jamais seria feita ao outro lado. Outro dia escrevi quando vi uma perseguição a uma deputada que, acho, não teria acontecido com um homem.

O CHEIRO DA TINTA

Marlene é assinante do jornal impresso, assim como a professora Clara Davidovich, fã confessa do "papel com cheiro de tinta", como define. Já Abel é fã da praticidade das edições digitais, preferência também da arquiteta Fernanda Bessone .

— Cresci lendo O GLOBO — conta ela. — Minha mãe incutiu o hábito nos filhos, recortando reportagens que achava que nos interessariam ou deixando o jornal dobrado nos lugares certos da casa. Deu certo: leio todo dia de manhã e mando links para minha filha, Carol, de 12 anos, por e-mail, para que ela também saiba das notícias.

Fernanda não costuma aparecer na página de opinião, mas, três décadas atrás, escreveu uma carta que jamais esqueceu.

— Fui fazer vestibular para Arquitetura, e duas das principais universidades, a UFRJ e a UFF, marcaram as provas de habilidade específica para o mesmo dia, de manhã na Ilha do Fundão e à tarde em Niterói — conta ela, hoje rindo da aflição da então adolescente. — Fiquei indignada e escrevi para o jornal, que me orgulhou muito publicando a minha carta. Não que tenha dado em nada: no dia da prova, eram filas de carros dos pais buscando os privilegiados estudantes no Fundão, com lanches a bordo, para correr para Niterói. E sem Waze.

Em tempos de internet e redes sociais, talvez as duas instituições de ensino recebessem uma pressão que levasse a um calendário mais racional. Mas o papo digital nem sempre ajuda, segundo Mauricio José Marchevksy, mais um arquiteto (além de artista plástico) e leitor do GLOBO há mais de 50 anos.

— Redes sociais e grupos de WhatsApp podem acabar com famílias — decreta ele, morador de São Conrado. — Eu estou fora disso, prefiro ler o jornal e debater civilizadamente. Se for o caso, dou a minha opinião na seção de cartas e não sou massacrado.

"ÀS VEZES, SOU CHATO"

Apesar dos assuntos "sérios" abordados pelos leitores, um deles, Dirceu Luiz Natal, confessa que se cansou da economia e agora pensa mais em música e artes em geral. Mauricio vê humor na seção.

— A pessoa que edita aquilo é genial — elogia (profissionais como os jornalistas José Figueiredo, Sérgio Garcia e Marcelo de Mello). — Os títulos para as cartas são muito bons, e os leitores também capricham na escrita, é muito legal de ler.

O engenheiro nuclear aposentado José Hadad, que costuma aparecer na página com assuntos graves como a estagnação da usina nuclear Angra 3, tampouco perde o humor.

— Sou um leitor ávido e, às vezes, chato — define ele, que também é fã de fotografia (de mestres como Custodio Coimbra, do GLOBO) e toca um pandeiro para se divertir. — É um absurdo que Angra 3 esteja encaixotada até hoje! Quando a usina foi planejada, a China não era nada na economia mundial, e agora eles constroem dezenas de usinas nucleares.

A política costuma estar entre os assuntos preferidos dos leitores, que também dão atenção aos assuntos internacionais, artes e esportes, além das notícias locais do Rio.

— Uma vez escrevi para elogiar uma foto do povo espremido no BRT — lembra Hadad.

Embora divirjam (e se divirtam) ao dividir o espaço na página dedicada a eles, os leitores são unânimes ao ressaltar a importância do jornal.

— Peço aos editores que ajudem o jornal a combater a insensata polarização que corrói a nossa brasilidade — diz Clara Davidovich. — O Brasil precisa da força da imprensa livre para vencer as mentiras fabricadas.

LOAS À IMPRENSA LIVRE

Abel Rodrigues faz coro e lembra como a tecnologia pode ser usada para o mal.

— Agora temos a inteligência artificial disponível a todos — preocupa-se ele. — Um jornal com incontestável credibilidade é fundamental. Podemos às vezes não concordar, mas sabemos que, se houver algo errado, sempre pode ser corrigido.

O professor Kleber Monteiro — mais um consumidor do impresso desde a adolescência, puxado pelo futebol — usa o GLOBO como ferramenta em sala de aula para alunos da rede estadual em escolas em Paquetá e no Complexo do Alemão.

— O jornal me propicia uma análise crítica, concorde eu ou não com o que está publicado — define o morador da Tijuca, que busca também as entrelinhas dos textos. — Procuro passar o hábito da leitura para os meus alunos, mostrando a eles o valor da informação. Muitas reportagens sintetizam o que falo em sala de aula. Nesse aspecto, um grande jornal é muito importante para o nosso processo de educação.



Educação e debate. O professor Kleber Monteiro (à esquerda) leva O GLOBO aos alunos; José Hadad (ao centro) e Mauricio Marchevsky louvam o bom debate

FOTOS DE FERNANDO LEMOS

TECHINT

Ternium

O Globo celebra seu centenário. A Escola Técnica Roberto Rocca dá seus primeiros passos em Santa Cruz.

A Escola Técnica Roberto Rocca, construída pela Ternium, nasce com o desafio de levar ensino técnico de excelência a jovens da Zona Oeste do Rio de Janeiro. Com 9 mil metros quadrados de estrutura, 18 laboratórios, equipamentos de última geração e uma proposta pedagógica que integra teoria e prática, o centro educacional foi criado para formar os profissionais do futuro da indústria.

A escola técnica faz parte de uma rede internacional de excelência desenvolvida pelo Grupo Techint, do qual a Ternium faz parte, e contou com um investimento de R$ 260 milhões para a construção. Hoje, 192 jovens de Santa Cruz, Paciência, Sepetiba e Itaguaí já estão tendo suas vidas transformadas por meio do conhecimento na primeira turma da escola. Até 2027, serão 576 alunos ao longo dos três anos do ensino médio integrado ao técnico.

São jovens que estão escrevendo novas histórias de conquistas e transformação. Histórias que, assim como as contadas pelo O Globo, merecem ser celebradas. Foi assim nesses 80 anos de atividade do Grupo Techint e será assim no futuro. Parabéns ao Globo pelo seu centenário e pela relevante contribuição ao desenvolvimento do nosso País, impulsionando debates fundamentais para o progresso industrial e social.



Escola Técnica Roberto Rocca

www.tecnicarobertorocca.com.br/santa-cruz



ARQUIVO/3-9-1959

Ontem e hoje. Laura Cesar Mies e Maria Olga Miranda diante do arquivo, em 1959, e, nos dias hoje, Mônica Lessa e Luciana Barbio, pesquisadoras do CDI



JÚLIA AGUIAR

ACERVO CENTENÁRIO PRESERVA MEMÓRIA DO PAÍS

Arquivos do GLOBO guardam registros das principais transformações do Brasil e são referência para livros, exposições, filmes e projetos especiais de marcas

SILVIA ROGAR
silvia.rogar@edglobo.com.br

Quando bem preservada, a memória — de um país, uma comunidade, um setor da economia ou uma empresa — serve de bússola. Além de refletir as grandes transformações do mundo, é uma ferramenta para orientar decisões, conectar gerações e ajudar a evitar repetições de erros do passado. No caso do GLOBO, são 100 anos ininterruptos de registros preciosos da História, que, juntos, formam um dos maiores e mais consistentes acervos do Brasil. Um tesouro que tem como guardiões a Agência O GLOBO e o Centro de Documentação e Informação (CDI), responsáveis por organizar, preservar e distribuir, interna e externamente, reportagens, colunas, imagens e textos produzidos desde 1925.

Criada em 1974 sob a direção de jornalismo de Evandro Carlos de Andrade, a Agência O GLOBO nasceu com a missão de gerar conteúdo próprio para licenciamento, que se somava ao noticiário diário do jornal. A partir dos anos 2000, com a ascensão do meio digital, a área passou a se dedicar à distribuição para clientes do crescente e robusto material produzido pela redação do GLOBO, acrescido das notícias do Extra, lançado em 1998. Além de atender a veículos de todo o país, a unidade da Editora Globo expandiu nos últimos anos a carteira internacional — entre os parceiros, estão a americana Dow Jones, referência global em economia e finanças, e o Grupo de Diários América (GDA), que reúne 12 jornais do continente.

TUDO NO CATÁLOGO

Cabe também à agência licenciar o riquíssimo conteúdo do acervo do GLOBO, catalogado desde a primeira edição do jornal, produzida na antiga sede do Largo da Carioca. Nos anos 1990, já na Rua Irineu Marinho, a união dos arquivos de texto e fotografia deu origem ao hoje chamado CDI. Assim como aconteceu com o veículo, o departamento acompanhou as mudanças do tempo: desde 2013, todas as páginas e matérias do acervo estão disponíveis para os assinantes do GLOBO em versão digital. Para encontrar reportagens específicas, é possível fazer buscas por palavras ou datas. Assim, o leitor pode navegar pelas edições do jornal, desde a sua fundação. Ao todo, 125 pessoas participaram do processo de criação do arquivo on-line, que tem suas curiosidades destacadas atualmente no Blog do Acervo.

— Disponibilizar esse gigantesco acervo jornalístico a clientes e leitores faz parte de um compromisso sólido com a informação precisa e confiável — diz Alessandra Jasbinschek, coordenadora da Agência O GLOBO, que, em 2016, também incorporou o Centro de Documentação (CEDOC) das revistas da Editora Globo.

Entre fotografias impressas e digitais dos jornais, há mais de 28 milhões de registros no arquivo. São imagens que percorrem grandes transformações do país, refletem questões sociais e eternizam momentos que marcaram época, das visitas de três Papas aos grandes shows do pop, passando pelos bastidores da política e por cenas emblemáticas do esporte — como a sequência de fotos captada no milésimo gol de Pelé.

Muitos desses flagrantes correram o mundo e ganharam prêmios. É o caso de "O grito do subúrbio", de Brenno Carvalho, que retrata a agonia de moradores do Rio a caminho do trabalho em transportes públicos lotados durante a pandemia da Covid-19, em 2021.

Com o selo de excelência do GLOBO, o acervo serve como fonte de informação e banco de imagens para pesquisadores, editoras de livros e produtoras de audiovisual. É também procurado por empresas e organizações em projetos especiais, como a publicação que marcou os 75 anos da Coca-Cola no Brasil, em 2017, e a exposição que celebrou os 25 anos do tetracampeonato da Seleção Brasileira, realizada em 2019 em parceria com a Confederação Brasileira de Futebol (CBF).

— Fotos, reportagens e páginas inteiras do jornal ajudam marcas a contar suas trajetórias em livros, exposições ou outros projetos de conteúdo. São histórias que ganham emoção e contexto, relacionadas aos principais fatos de cada época no Brasil e no mundo. Criam, assim, uma conexão não só com os clientes das empresas, mas também com o público em geral — explica Alessandra.

RARIDADES NO ACERVO

O historiador Paulo Luiz Carneiro trabalha no GLOBO há 36 anos e hoje coordena o Centro de Documentação e Informação (CDI). Um dos seus maiores prazeres é revelar ao público fotos e documentos que fazem parte da memória do país, mas ainda são pouco conhecidos pela audiência.

— Eu me lembro, de cabeça, de muitas relíquias, por trabalhar aqui há muito tempo. Por isso, pegar o que está escondido no acervo e disponibilizar para que todos tenham acesso, principalmente fotos, é o que eu mais gosto de fazer — resume.

SILVIA ROGAR
É gerente-executiva do G.Lab, estúdio de conteúdo para marcas da Editora Globo

Milhões de documentos que contam histórias

Desde a fundação do GLOBO, toda a produção de imagens, textos e artes do jornal é arquivada e preservada em categorias como esporte, política, turismo, moda, cotidiano e gastronomia.

+ de 28
milhões de imagens

+ de 15
mil infográficos

+ de 12
milhões de matérias jornalísticas

+ de 2
milhões de páginas

Pérolas do acervo. Coleções de periódicos integram a memória viva do Grupo Globo e dos últimos 100 anos de história



JÚLIA AGUIAR



11.01.1985 Rio de Janeiro

SONHOS SAEM DO PAPEL

HÁ 100 ANOS O GLOBO REINVENTA O PAPEL DO JORNAL

Sonhos podem ganhar diferentes formas. Crescem, viram ideias, vencem desafios. Há 100 anos, os cariocas foram convidados a escolher o nome do jornal que iria marcar a vida do Rio e do país. Era o sonho saindo do papel.

Há 40 anos, o festival que tem o Rio no nome e se renova a cada edição deixava de ser sonho e ganhava o mundo estampado nas páginas de O Globo.

Parabéns por 100 anos de compromisso com a verdade, por acreditar que sonhos acontecem e por fazer parte da história de todo um país.

O GLOBO 100 | RockWorld | Rock in Rio THE TOWN

COMPROMISSO COM O LEITOR

PRESENTES DO PASSADO PARA O FUTURO

Acervo Roberto Marinho reúne documentos do jornalista, de sua família e empresas, preservando e divulgando a história do Grupo Globo

ANA PAULA GOULART
Especial para O GLOBO

Roberto Marinho sempre valorizou a história da sua família. Tinha orgulho da trajetória do pai e consciência do papel de Irineu Marinho na imprensa do seu tempo. Sabia também do seu próprio protagonismo, como jornalista e empresário da comunicação. Em mais de uma ocasião, falou da necessidade de se zelar pelo passado, algo que entendia como fundamental para compreensão do presente e construção do futuro. "A renovação, longe de ser incompatível, é inseparável da tradição", afirmou.

Depois de sua morte, em agosto de 2003, descobriu-se que Marinho levava a sério o seu compromisso com a memória. Ele tinha, em seu escritório no GLOBO, um arquivo pessoal com milhares de objetos, fotografias e documentos. O mais antigo, o título de residência de estrangeiro de seu avô, o português João Marinho Coelho de Barros, datava de 1846.

TROCA DE CARTAS

Entre os documentos acumulados foram encontradas preciosidades históricas, como a correspondência de seu pai. As cartas — trocadas com colegas de profissão, familiares e amigos — retratavam sua trajetória pessoal e profissional, falavam da criação dos jornais A Noite e O GLOBO e traziam informações detalhadas sobre o cenário político e cultural do Brasil no início do século XX.

Esse rico material precisava ser organizado, preservado e estudado. Foi por isso que Roberto Irineu, João Roberto e José Roberto, filhos de Roberto Marinho, decidiram criar uma área dedicada a essa tarefa e convidaram a historiadora Silvia Fiuza, que já cuidava da memória das empresas do Grupo Globo. Nascia assim, há 20 anos, o Acervo Roberto Marinho.

O desafio era grande, porque, ao material guardado no GLOBO, se somou a documentação pessoal que Roberto Marinho tinha acumulado na TV Globo e a que guardava em sua casa, no Cosme Velho. Com o tempo o acervo cresceu ainda mais, com material de outros membros da família. Hoje, é formado por cerca de 200 mil documentos textuais, 25 mil fotografias, dois mil objetos como medalhas e troféus, além de livros e produtos audiovisuais.

Para cuidar dessa documentação de maneira a garantir sua preservação e acesso eficiente, o Acervo Roberto Marinho conta, desde 2005, com uma equipe especializada, formada por historiadores, museólogos e jornalistas. O trabalho contempla várias etapas, como a higienização e restauro dos documentos, sua identificação e organização, sua digitalização e descrição e, por fim, seu acondicionamento em condições técnicas adequadas.

Os profissionais do Acervo também são pesquisadores e produtores de conteúdo, com o compromisso de cuidar da trajetória de Marinho e de seus descendentes, além de trabalhar a história do Grupo Globo. Para isso, a equipe trabalha tanto a partir da documentação que está sob sua guarda quanto a partir de outras coleções.

O Acervo já publicou livros como "Roberto Marinho", escrito pelo jornalista Pedro Bial, e "Irineu Marinho: imprensa e cidade," da socióloga e historiadora Maria Alice Rezende de Carvalho, e organizou diversas exposições. Mas é especialmente por meio do seu portal na internet (https://historia.globo.com/) que ele divulga a história do Grupo Globo e dos seus fundadores. O portal é dividido em duas áreas, uma dedicada especificamente a Roberto Marinho e outra, às empresas. Ali, o leitor encontra uma grande quantidade de informação, disponibilizada na forma de perfis biográficos, cronologias, fotografias, vídeos, webdocs, artigos, notícias e exposições virtuais. Em dezembro passado, foi feito um especial sobre os 80 anos da Rádio Globo e, agora, está sendo lançado um sobre os 100 anos do GLOBO.

Há ainda no site a Biblioteca Virtual.

— É uma forma de tornar o acervo acessível a pesquisadores, estudiosos e o público em geral — diz Christiane Pacheco, supervisora executiva do Acervo.

O Acervo Roberto Marinho atende diretamente à família Marinho em assuntos ligados à sua história e à das empresas. Atende também profissionais do Grupo e pesquisadores externos. Já forneceu material para a elaboração de diversos produtos, como a biografia de Roberto Marinho feita pelo jornalista Leonencio Nossa, o livro sobre os 60 anos da Editora Globo e o documentário "Roberto Marinho, o senhor do seu tempo".

Silvia Fiuza lembra que, no centenário do Grupo Globo, o Acervo Roberto Marinho colaborou com a realização de várias ações comemorativas.

— O Acervo é essencial para compreender a história do Grupo Globo, de seus fundadores e das novas gerações que dirigem as empresas. Nos 100 anos do jornal O GLOBO e, consequentemente, do grupo, seus conteúdos ganharam muita visibilidade na série documental da Globoplay, na exposição do Instituto Casa Roberto Marinho, nas edições especiais do jornal e em tantas outras iniciativas. Que possamos continuar a contribuir para a construção dessa história nos próximos 100 anos — diz ela.

ANA PAULA GOULART
é professora da Escola de Comunicação da UFRJ e consultora do Acervo Roberto Marinho

Preciosidades. De Nelson Rodrigues na redação do GLOBO (abaixo) a Roberto Marinho nas rotativas do jornal, uma coleção que conta a história de um século







ACERVO



Mostra digital apresenta a trajetória centenária

No mês do 100º aniversário do GLOBO, o Acervo Roberto Marinho homenageia o jornal com uma mostra digital inédita, que acompanha sua trajetória e conta um pouco da história de profissionais que ajudaram a torná-lo um dos mais importantes órgãos de informação em língua portuguesa.

A mostra "O GLOBO — 100 anos" estreia com seis seções: "Marcos históricos", "Promoções", "Caricatura e ilustração", "Do colunismo social à coluna de notas", "Fotografia" e "Esporte". Em cada uma, além de texto, fotos e vídeos, há trechos de entrevistas com colaboradores do jornal.

"Marcos históricos" conta desde momentos que antecederam a criação do GLOBO até os períodos de modernização do jornal, as mudanças de sede e reformas editoriais, gráficas e de gestão. Dez webstories mostram momentos marcantes da história do Brasil e do mundo através de capas e primeiras páginas emblemáticas.

"Promoções" aborda o histórico departamento do jornal, com tem informações preciosas sobre algumas das iniciativas inovadoras e grande projetos, como o Aquarius, criado praticamente na redação, e o Rio Gastronomia.

A mostra traz um vasto conteúdo audiovisual sobre profissionais que fizeram história nas páginas do jornal, como Nelson Rodrigues, Nina Chaves e Ibrahim Sued. Estão representados também grandes nomes do jornalismo contemporâneo como Ancelmo Gois e Lauro Jardim.

Na parte visual, há desde os desenhos de mestres como Raul Pederneiras, Théo e Nássara a trabalhos de estrelas do moderno traço brasileiro, como Chico Caruso e Marcelo Monteiro, colaborador do GLOBO há mais tempo em atividade (desde 1962).

As saborosas histórias selecionadas pela equipe do Acervo Roberto Marinho são acompanhadas de imagens e documentos originais, abrangendo o período histórico desde o fim da República Velha. Com vasto conteúdo já disponível e acesso gratuito pelo portal História Grupo Globo, a mostra "O GLOBO – 100 Anos" terá atualizações, mês a mês, até o fim do ano.

A mostra é a oitava lançada no portal História Grupo Globo (http://historia.globo.com). No ano passado, o site publicou especiais com conteúdo inédito sobre a vida do fundador Irineu Marinho e sobre os 80 anos da Rádio Globo, em dezembro. As coberturas jornalísticas estão retratadas em mostras sobre a Amazônia e a educação brasileira. Há também especiais com reproduções de exemplares da coleção dos Cem Bibliófilos do Brasil . No início de julho, também em homenagem ao centenário do jornal, o site lançou o especial "Foxtrote O GLOBO", contando a história da música composta em 1925 especialmente para o lançamento do jornal. (*Rodrigo Linares, consultor do Acervo Rob erto Marinho*)

Confiança e credibilidade: ativos que não se constroem da noite pro dia e se valorizam com o tempo.

Tech & Soul

A B3 parabeniza O Globo pelos 100 anos. Em tempos de transformação, informação de qualidade é a base para uma sociedade que prospera.

[B]³

Muito mais que a bolsa do Brasil

COMPROMISSO COM O LEITOR

GENTE DO GLOBO

Histórias de alguns dos milhares de profissionais que fazem parte da trajetória centenária do jornal



Isa da Mata
Assistente-executiva (até 2022)

"Foram 49 anos e alguns meses, desde o Departamento Pessoal, que ainda não se chamava RH, até a Redação, onde fiquei até 2022. Resumidamente, fazia o meio de campo entre os jornalistas e o restante da empresa. Nesse trabalho, vivi dez Copas do Mundo no GLOBO. Em algumas delas, o jornal mandava mais de 20 pessoas, entre repórteres, editores, colunistas, fotógrafos e pessoal de suporte técnico. Antes das reservas on-line, era minha tarefa conseguir — por telefone — passagem e hospedagem para todo esse povo. Sempre me comovi com o amor dos jornalistas pelo seu ofício. Quando tudo era ao vivo, testemunhei inúmeras vezes os repórteres irem voluntariamente cobrir alguma ocorrência que acontecesse no caminho deles. É uma profissão muito bonita."



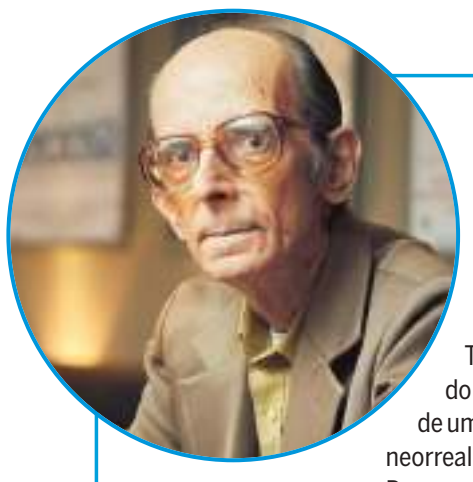
Flávio Lino
Jornalista, editor-adjunto de Mundo

"'Ih, o Flávio se ferrou!' A frase de uma conversa entre meus irmãos me tirou de um colchonete no meio da sala naquela manhã de 11 de fevereiro de 2013, segunda-feira de uma folga de carnaval. Desperto pela urgência do comentário, soube logo que todos os que cobriam o noticiário internacional tinham se ferrado: o Papa Bento XVI tinha renunciado. Corri para o jornal e mergulhei na minha segunda cobertura de sucessão papal, que resultou na eleição do argentino Jorge Bergoglio, o Francisco. Desde o estágio no GLOBO, são 32 anos de jornal: da editoria Rio para o Jornal de Bairros, do Segundo Caderno para o Bairros de novo, e finalmente em Mundo, meu privilegiado canto de observação da História dos nossos dias."



Marcos Roberto da Costa
Assistente de controle e fechamento

"No último dia 11 de julho, completei 30 anos de empresa, um orgulho por fazer parte, durante tanto tempo, da linda história do GLOBO. Viajando pelas memórias dessas décadas, constato que consegui quase tudo que sonhei na minha vida e por isso sou eternamente grato pelo que aprendi e vivi aqui dentro. Para responder à difícil pergunta do maior momento — foram tantos incríveis... —, vou escolher como marca principal a produção do maior jornal que já rodou em nossas máquinas, até esse do centenário. Foi em 2008. Só a parte editorial da cabeça teve 102 páginas, sem contar Classificados, suplementos e revistas. Um cliente comprou 50 páginas de anúncios, no GLOBO e no Extra. Orgulho absoluto. Obrigado, O GLOBO, pelos cem anos. E vamos para o ano 01 do futuro..."



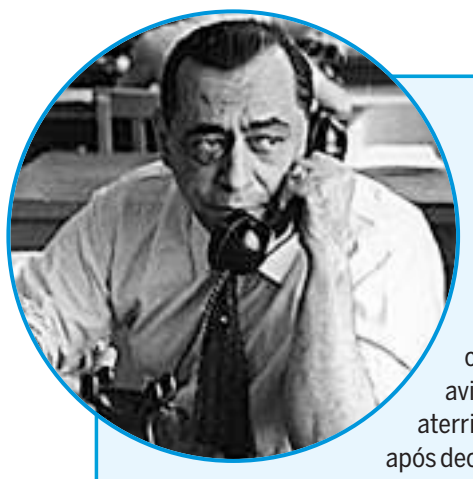
Ely Azeredo
Crítico (1930-2024)

Dono de percepção aguçada e rigor analítico único, Ely Azeredo começou no jornalismo em A Noite, em 1949, na coluna do crítico Oswaldo de Oliveira. Em 1953, estreou na Tribuna da Imprensa na cobertura da primeira Retrospectiva do Cinema Brasileiro. Nos anos 1960, percebeu o nascimento de um estilo cinematográfico no Brasil, inspirado no neorrealismo italiano, e batizou-o em sua coluna: Cinema Novo. Passou pela Gazeta de Notícias, o Correio da Manhã, O Fluminense e o Jornal do Brasil, mas viveu o auge da carreira como o crítico que mais tempo deu voz ao Bonequinho do GLOBO. De 1982 até 2019, avaliou filmes de todos os gêneros, transformando-se numa espécie de versão em carne e osso do personagem criado pelo jornal.



Chico Otavio
Repórter (até 2023)

"Circulava pelo jornalismo político, que às vezes passa pela Polícia Federal, mas as delegacias em si nunca estiveram muito no meu itinerário. No dia seguinte à morte da *(vereadora)* Marielle Franco, Vera Araújo me propôs que trabalhássemos em uma descida ao submundo do Rio, nas palavras dela. Deu no livro (assinado com a querida Vera) 'Mataram Marielle', com a investigação do crime. Foram muitas outras séries de reportagens e outro livro, 'Os porões da contravenção', esse com meu saudoso amigo Aloy Jupiara, sobre os bicheiros cariocas. Uma das melhores fontes nesse trabalho, e ao mesmo tempo um ser desprezível, foi Paulo Malhães, agente da ditadura que se associou ao crime organizado. Ele acabou assassinado em meio aos depoimentos que me deu."



Alves Pinheiro
Jornalista (1911-1980)

Chefe de reportagem longevo, o baiano Francisco Alves Pinheiro era um workaholic assumido. Foi considerado a alma do GLOBO por muito tempo. Sempre portando um charuto, tratava os repórteres de forma paternal. Em 1935, a aviadora neozelandesa Jean Batten cruzou o Atlântico e aterrissou em Natal, nos primórdios da aviação moderna. Logo após decolar, em direção ao Rio, perdeu contato e não chegou no tempo esperado. Pautado por Roberto Marinho para aquela investigação, Alves Pinheiro descobriu o paradeiro de Batten, numa vila de pescadores em Araruama, e revelou com exclusividade que ela precisou aterrissar. O furo teve tanta repercussão que redefiniu o status do jornal no mercado da época.



Oscar Ribeiro Barradas
Auxiliar administrativo

"Sou deficiente auditivo desde a infância, e nunca fui tão bem recebido em relação à minha condição como aqui no GLOBO. Hoje agradeço meu gerente, Marcio Felix, e toda a equipe por ser profissional respeitado e compreendido. Espero continuar por muitos anos aqui, especialmente para encarar novos desafios que certamente surgirão. Uma inspiração que sempre me acompanha é a história do sapo surdo, metáfora sobre uma competição. Os participantes precisam alcançar o topo de uma torre bem alta, ao longo do percurso, muitos desistem ao ouvirem palavras negativas como: 'você não vai conseguir', 'não vai dar certo', 'é impossível' etc. Um sapinho venceu, porque era surdo. Assim, estou no GLOBO há seis anos, vencendo minha corrida."



Zuenir Ventura
Colunista (até 2022) e escritor

"Na minha estreia como colunista do GLOBO, em 1999, escrevi sobre a insegurança que toda mudança traz. Vinha de uma relação estável de 14 anos com o Jornal do Brasil, e havia relutado em aceitar o convite para assinar uma coluna no Segundo Caderno. Mas foi a melhor decisão que podia ter tomado. Minha última coluna saiu em 8 de fevereiro de 2022, já na página de Opinião, intitulada 'A causa do cansaço'. Mais uma vez, criticava o então governo pela má condução na pandemia. Expliquei por que decidira parar: 'Escrevo sobre atualidade, e hoje está difícil fazer isso sem se repetir'. Durante 23 anos, tive o que um colunista mais precisa: liberdade de opinião. A maior emoção foi ganhar o Faz Diferença na categoria Livros, às vésperas de completar 91 anos."



Egydio Squeff
Correspondente de guerra (1914-1973)

No dia 7 de setembro de 1944, O GLOBO chegou ao teatro de operações na Itália, onde colunas da Força Expedicionária Brasileira (FEB) se juntavam aos esforços internacionais para derrotar o nazismo. Criado especialmente para ser distribuído no front aos pracinhas que lá combatiam, O GLOBO Expedicionário chegou aos soldados brasileiros até maio de 1945, já com Adolf Hitler e seu Reich destruídos. Quem ajudou a contar essa história foi Egydio Squeff, o correspondente enviado ao front, responsável por redigir as notícias sobre o andamento da frente brasileira e de contar os principais acontecimentos do campo de batalha. Foi dele o relato da vitória histórica da FEB na tomada de Monte Castelo, em 24 de janeiro de 1945.



Cesar Seabra
Editor (até 1997)

"Cheguei ao GLOBO num momento histórico: 1985. O ano da revolução das máquinas de escrever trocadas pelos computadores. Nos semblantes dos mais experientes, revolta e incredulidade. E eu ali, jovenzinho, no Jornal de Bairros. Inesquecível! Foram 12 anos na redação da Rua Irineu Marinho. Muitos desafios, alegrias, choros, longas e incansáveis coberturas em várias editorias, com muitos craques do jornalismo. Evandro, Caban, Merval, Sandras, Sônias, Giovanni, Denis, Erlanger, Marona, Amauri, Arruda, Agostinho, Argeu, Philot, Helenas, Laura, Reginas, Milton, Gustavo, Renan, Ramiro, Tadeu, Antônio Maria, Penido, Calmon, Luciene, Lédio, Múcio, Delfim e tantos e tantos amigos que estarão para sempre na minha cabeça, na minha alma e no meu coração."


TÃO IMPORTANTE
QUANTO SER PARTE
DA HISTÓRIA,
É CONTINUAR
FAZENDO HISTÓRIA.
1912
2025
Há mais de 112 anos, uma ideia visionária
deu início ao que hoje encanta milhões de pessoas.
Nesses mais de 100 anos de
Parque Bondinho Pão de Açúcar®, colecionamos
memórias e um legado de história de amor pelo Rio.
Bem-vindo ao clube dos centenários, Jornal O Globo!
PARQUE
BONDINHO
PÃO DE AÇÚCAR®
www.parquebondinho.com.br

TECHNOS

Desde 1924

AUTOMÁTICO. UM LEGADO
DE TRADIÇÃO & PRECISÃO

DAY-DATE
DAY-DATE

Um clássico de design sofisticado
e atemporal, inspirado nos modelos
lançados na década de 50.

DIVER
DIVER

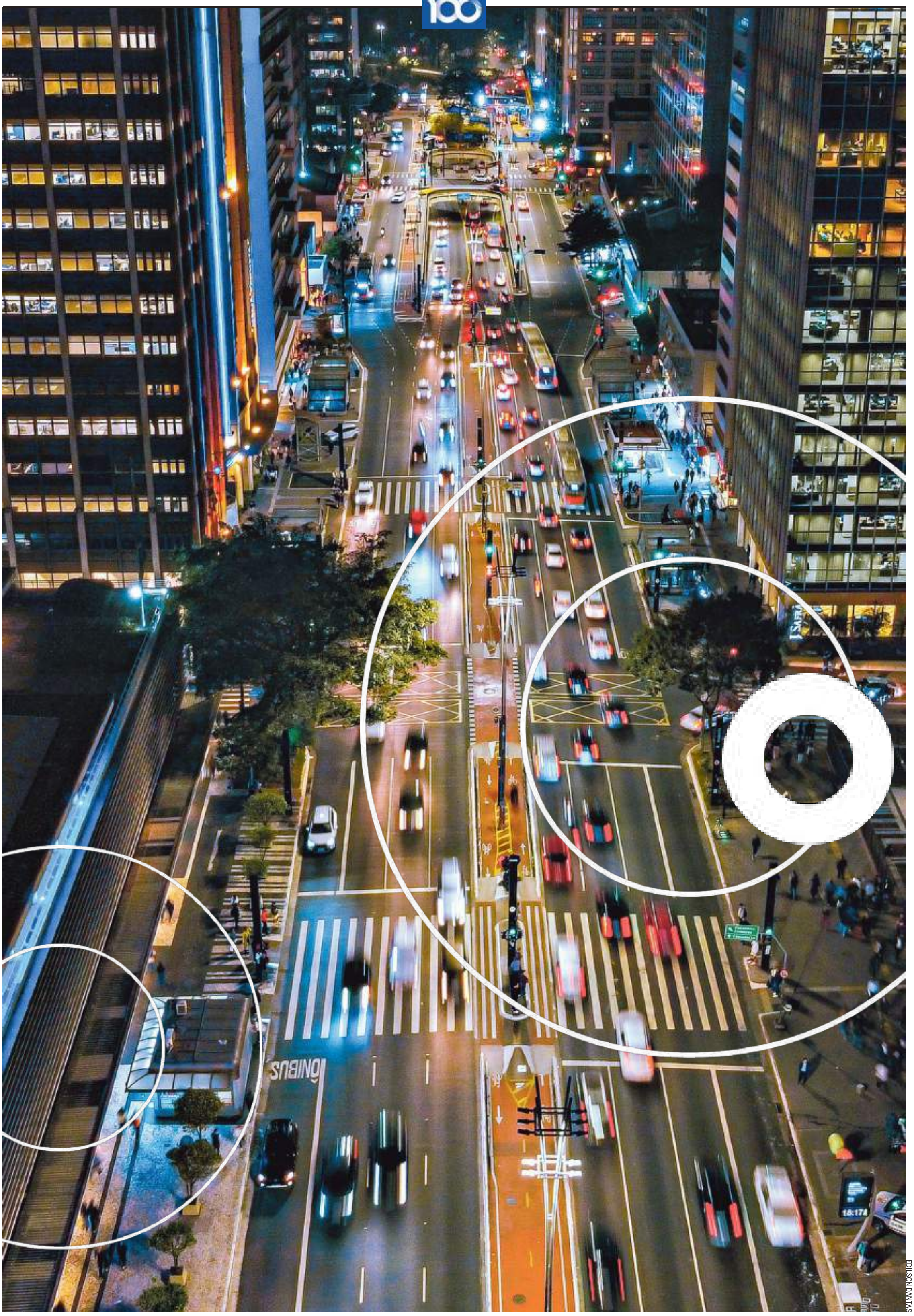
O tradicional design de mergulho,
inspirado nos modelos da década de 70,
com aro externo giratório unidirecional e
resistência à água de até 150 metros.

100 ANOS
TECHNOS

NESTE DIA DOS PAIS, DÊ UM TECHNOS
AUTOMÁTICO DE PRESENTE!

Todos os modelos acompanham um estojo especial
sofisticado, com interior revestido em camurça.

technos.com.br



EDILSON DANTAS

SOCIEDADE EM MOVIMENTO

A sociedade muda e, com ela, mudam valores, comportamentos, crenças e urgências. Ao abrir espaço para uma pluralidade de vozes, O GLOBO busca fazer de seu jornalismo um espelho — e também um motor — para transformações sociais. O desafio é maior em períodos de polarização política.



RENATO MARINS



ROSINEI COUTINHO/STF

Sem trégua à vista. Bolsonaro (foto maior), investigado por Alexandre Moraes (foto menor): clima de polarização não deve arrefecer no curto prazo

HÁ PONTES A CONSTRUIR EM MEIO À POLARIZAÇÃO?

Agendas avançam e consensos podem ser alcançados mesmo quando a sociedade parece rachada em lados opostos que jamais falarão a mesma língua

THIAGO PRADO
thiago.prado@oglobo.com.br

A página 11 do GLOBO de 23 de agosto de 1954 deu o tom do clima hostil da política brasileira naquela época. O jornalista Carlos Lacerda, a mais relevante voz de oposição ao presidente Getúlio Vargas, havia acabado de chegar ao Rio e o artigo destacava a pergunta que fez aos repórteres no aeroporto. "Como é, Getúlio já renunciou ou é preciso fazerem-no renunciar?", provocou Lacerda, um dia antes do suicídio do rival no Palácio do Catete.

— Se você entrevistasse alguém naqueles tempos, a pessoa diria que os conflitos iriam durar para sempre e nunca mais terminariam — afirma o cientista político Sérgio Abranches. — É o que parece vivermos hoje no Brasil. Olhando o passado podemos concluir, no entanto, que a polarização está longe de ser uma novidade no país. São apenas ciclos que coincidem com momentos de crise e insatisfação popular. Eles acabam passando com o tempo.

Quando fui convidado a escrever um texto sobre os difíceis tempos de polarização que vivemos atualmente no país, foi tentador cair em uma visão pessimista da história. Entra ano, sai ano, o brasileiro olha cada vez mais ressabiado para a política. Uma pesquisa realizada pelo Ipsos-Ipec desde 2009 sobre a confiança do cidadão nas instituições aponta que, em um placar de 0 a 100, a nota da Presidência da República despencou de 66 para 41 pontos em 17 anos. Ainda mais desacreditados estão o Congresso Nacional e os partidos políticos (marcam apenas 37 e 32 pontos).

Mas um texto para abordar os difíceis tempos de polarização também pode trazer uma visão otimista da história. Entra ano, sai ano, o brasileiro também está menos pobre e com muito mais acesso ao mercado de trabalho. A série histórica de um estudo conduzido pela FGV aponta que, entre 2023 e 2024, mais de 6 milhões de pessoas saíram da miséria, no menor patamar alcançado nos últimos 12 anos, segundo o IBGE.

A economia do país pode oscilar, a depender do governo de ocasião e da conjuntura internacional. Mas a melhora de vida do andar de baixo da pirâmide social é uma consistente conquista do país desde os anos 1990. Mesmo com a sensação de vivermos uma crise política por semana com Jair Bolsonaro, Lula, o Congresso e o Supremo Tribunal Federal, as agendas seguem avançando no Brasil.

— A grande conquista dos últimos anos foi a reforma tributária. Ela era uma demanda de praticamente todos os economistas brasileiros e fez com que o nosso sistema tributário finalmente se pareça com o de um país capitalista funcional — diz o cientista político Celso Rocha de Barros sobre a proposta de mudança no sistema de impostos brasileiro, sancionada em janeiro pelo governo e que passou décadas sem andar entre deputados e senadores.

O Brasil dos últimos 30 anos já foi governado por um sociólogo, um ex-torneiro mecânico, uma ex-guerrilheira, um advogado e um militar reformado. Não importa a coloração ideológica de quem ocupou o Palácio do Planalto, determinadas políticas públicas se consolidaram ainda que a polarização pareça sem espaço para uma trégua.

Direita e esquerda se engalfinham nas redes e nos plenários de Câmara e Senado. Mas não ousam mexer nas cotas para estudantes negros e de baixa renda nas universidades públicas; no Sistema Único de Saúde (SUS); e nos programas de renda mínima como o Bolsa Família. Este ano, os dois lados chegaram até a concordar que era preciso dar um basta no uso de celular por jovens nas escolas, e aprovaram juntos, no Congresso, a proibição do acesso ao aparelho nas salas de aula pelo país.

— É claro que podemos olhar apenas para a intolerância maior na sociedade, devido ao excesso de polarização afetiva. Mas por outro lado, há também uma população que está mais participativa. Que escreve posts na internet e participa de manifestações. Os setores também estão mais organizados ideologicamente. Há uma identidade política maior das pessoas, conceitos que não existiam antes de 2013 — analisa o professor de políticas públicas e colunista do GLOBO Pablo Ortellado.

O desafio que se coloca diante do maior interesse da população por política é o de qualificação do debate público quando estão em jogo temas menos consensuais como as cotas, o SUS, o Bolsa Família e o celular nas escolas. Para isso, é preciso que existam partidos políticos mais consolidados ideologicamente, movimento que começou a ganhar corpo com a instituição da cláusula de barreira e do financiamento público de campanhas eleitorais.

Com regras de distribuição de recursos públicos vinculadas ao desempenho eleitoral, o número de siglas no Congresso, que já chegou a 30, em 2019, pode ser de apenas 16 este ano, a depender das negociações sobre federações e fusões entre partidos.

— Saímos do bipartidarismo na ditadura para uma ultrafragmentação nos 40 anos de redemocratização. Agora, caminhamos para uma compactação. Deveremos ter seis, no máximo oito, legendas relevantes nos próximos anos — afirma o cientista político Jairo Nicolau. — O quadro mais enxuto de siglas é muito melhor. Tanto para o presidente da vez, que precisa negociar com menos partidos cargos e políticas públicas, quanto para o eleitor, que pode acompanhar e cobrar com mais clareza e transparência o trabalho dos políticos e das legendas no Parlamento.

Na metáfora do "copo meio cheio ou copo meio vazio" da política, é compreensível um certo desânimo quando analisamos em que estágio estamos no quesito transparência do trabalho dos políticos. Nos últimos anos, a operação Lava-Jato, que descobriu bilionários esquemas de corrupção, foi desmantelada nas cortes superiores, e o combate à corrupção, desacreditado no país. Paralelamente a isso, o Congresso aumentou a sua fatia de influência no destino dos gastos com as emendas, e impôs dificuldades a qualquer tentativa de fiscalização com o chamado orçamento secreto.

Vem da sociedade civil, contudo, uma reação ao desprezo no setor público pela *accountability*, conceito em inglês muito usado no mundo corporativo que trata da prestação de contas que empresas são obrigadas a fazer. É graças ao trabalho de entidades como a Transparência Internacional, a Transparência Brasil e a Associação Contas Abertas que a farra de desvios e desperdícios com as emendas está recebendo algum tipo de freio no STF. Desde o ano passado, uma série de audiências públicas e decisões do ministro Flávio Dino provocadas por ações das três organizações vem ajudando a colocar a lupa nas finanças federais em tempos de dificuldade de fechar as contas públicas.

— Há um pool de organizações da sociedade civil atuando pelo melhor uso dos recursos públicos. Não só do ponto de vista das emendas. Hoje estamos debatendo temas de que não falávamos em momentos de vacas gordas, como no boom das commodities. Estão na pauta os supersalários no serviço público e as isenções fiscais — diz o economista e colunista do Valor Bruno Carazza, que ainda consegue enxergar "o copo meio cheio" do antagonismo que domina a política.

— Generalizadamente falando, enquanto a esquerda leva o debate sobre o orçamento para o lado da desigualdade, a direita trata de desvios e desperdícios. No fim das contas, a polarização mobiliza os dois lados por um cuidado maior com o uso do dinheiro público. Assim, seguimos avançando e melhorando o debate público no dia a dia.



THIAGO PRADO
é editor de Política e Brasil do GLOBO



BRENNO CARVALHO/7-2-2024

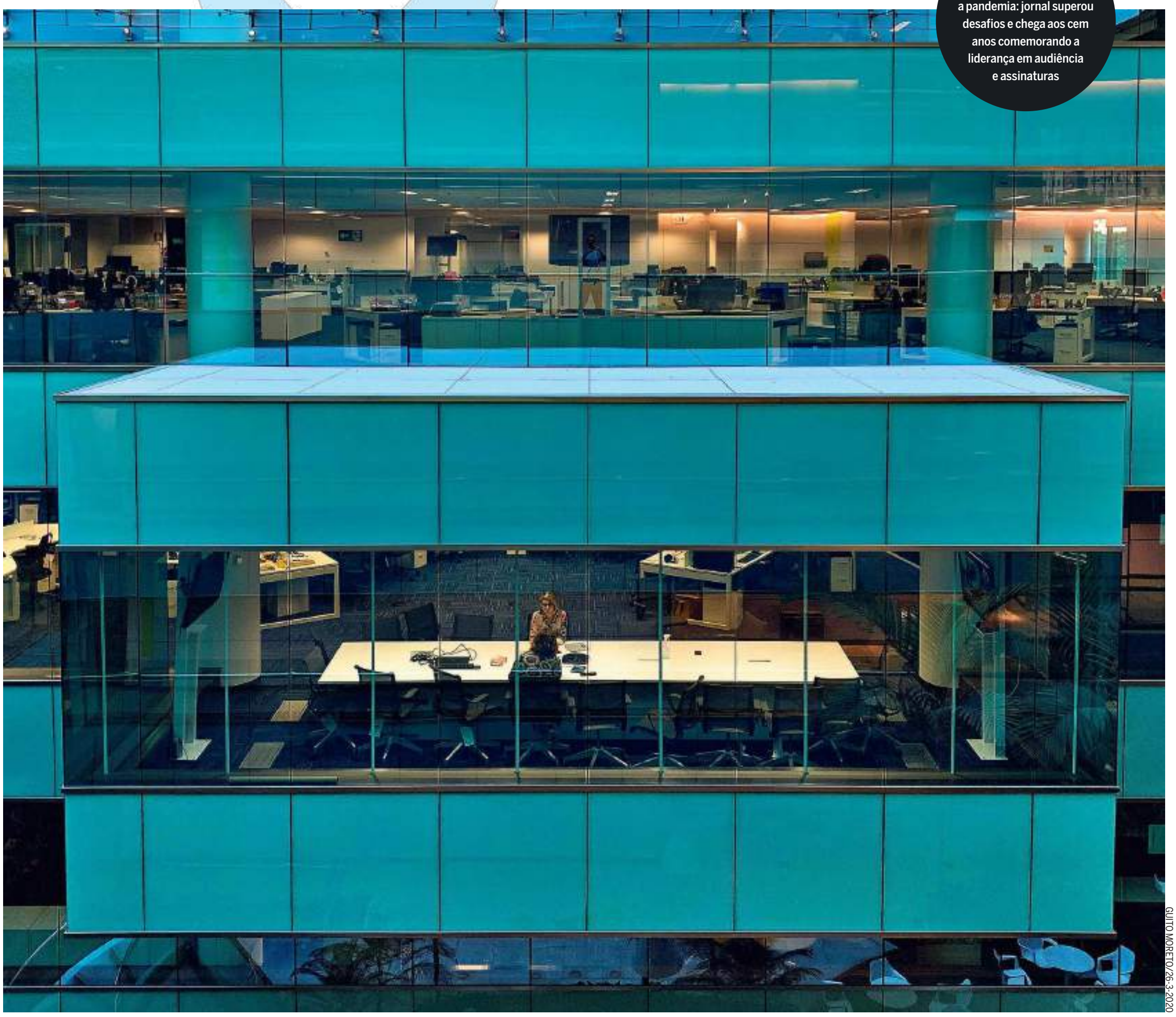
JORGE WILLIAM/2-2-2016

Rampas de acesso. Lula toma posse no Planalto: presidente teve de dialogar com Arthur Lira (foto maior, acima), cria do mesmo Centrão de Eduardo Cunha (ao centro), rival de Dilma



HERMES DE PAULA/1-1-2023

NOSSA HISTÓRIA



Obstáculos vencidos. Redação do GLOBO durante a pandemia: jornal superou desafios e chega aos cem anos comemorando a liderança em audiência e assinaturas

GUITO MORETO/26-3-2020

Prontos para mais 100 anos?

ALAN GRIPP
alan.gripp@oglobo.com.br

Não sabemos exatamente o que virá no futuro. Mas sabemos que estaremos lá

Na intensa — e merecida — maratona de comemorações pelo centenário do GLOBO, temos ouvido frequentemente de nossos leitores uma mesma pergunta, com pequenas variações: vocês estão prontos para mais cem anos?

Temos refletido intensamente sobre essa questão na Redação. Principalmente porque o mundo, e consequentemente o jornalismo, está à beira provavelmente de sua maior disrupção, provocada pela chegada avassaladora da inteligência artificial. E a resposta a ela é sim e não.

Sim, porque o mergulho profundo que fizemos na nossa história durante os preparativos para os 100 anos nos mostra que se adaptar a grandes transformações é uma das principais razões de estarmos aqui celebrando um século de vida.

E não, porque, embora possamos (e devamos) nos antecipar a qualquer cenário, é impossível ter certeza do que virá após o tsunami que sacudirá a política, a economia, a ciência, a medicina, as relações interpessoais e, é claro, a forma como nos comunicamos e como consumiremos informação.

Mas nesse caminho rumo ao desconhecido é que está a chave.

Em 1925, O GLOBO nasceu em um Brasil de incertezas, marcado por convulsões políticas, liberdades cerceadas e uma economia em um processo de gigantesca mudança, com o avanço industrial. Era o fim de uma era. O Rio de Janeiro, capital, tinha mais de 30 jornais, quase todos ligados a correntes políticas. Péssimo momento para fundar um jornal? Não para O GLOBO, que escolheu se conectar umbilicalmente aos leitores, e assim permanece até hoje.

O fim dos jornais, e do GLOBO, já foi decretado inúmeras vezes. Quando do surgimento da internet, as edições impressas iriam desaparecer e a publicidade, virar pó. O negócio estava condenado. Pois O GLOBO se reinventou, fundou sua versão digital e, de dez anos para cá, tem liderado no país um processo de transformação digital que não para de colher frutos.

Atravessamos mares revoltos. Na Redação, a mudança na forma de trabalhar foi radical, com nossos jornalistas deixando de dedicar a jornada de trabalho diária apenas para fechar a edição impressa do dia seguinte e passando a produzir conteúdo o tempo todo, e a entregá-lo onde quer que o leitor esteja.

Parece simples, mas essa mudança nos obrigou a mergulhar obsessivamente no conhecimento dos hábitos de leitura de nossos assinantes, em tempo real. A intuição deu lugar ao conhecimento, sem abrir mão da criatividade. Isso mudou não só a nossa rotina, mas sobretudo O GLOBO. Criamos novas seções, contratamos novos colunistas, desenvolvemos novos formatos, nos repaginamos por completo.

A tecnologia, de algoz, virou ferramenta indispensável. E é com orgulho que chegamos aos 100 anos comemorando, entre os jornais, a liderança em audiência, assinaturas e em muitas outras métricas. Mais: hoje publicamos uma das maiores edições impressas da história do jornalismo brasileiro. Irônico, e revigorante.

Na pandemia de 2020, sobravam previsões desastrosas, num mundo já combalido por um processo de radicalização política, em que cada indivíduo se converteu em um produtor de conteúdo via redes sociais. Assustou, é claro, mas o que vimos foi o oposto da catástrofe anunciada.

Registramos durante a Covid uma explosão de audiência e ganhamos novos leitores como há muito tempo não víamos. A imprensa, e particularmente O GLOBO, tornou-se um porto seguro em meio a tanta desinformação. Aqueles momentos difíceis também foram para nós um tempo de reafirmação da nossa crença no jornalismo profissional, feito com precisão, checagem rigorosa e admissão de erros.

Muitos outros momentos da História do país, e deste jornal, poderiam ilustrar esse artigo. O que importa para nós é que os desafios não são paralisantes, mas alimento para novas conquistas. Desde que façamos isso como sempre fizemos: ao lado dos nossos leitores.

Voltando à questão inicial, a resposta honesta é que não sabemos exatamente o que virá no futuro. Mas sabemos que estaremos lá. Prontos para mais cem anos.



ALAN GRIPP
é diretor de Redação do GLOBO

Coordenação: André Miranda. **Editora:** Mànya Millen. **Editores assistentes:** Gustavo Alves e Pedro Tinoco. **Redatores**: Aydano André Motta, Bernardo Araujo, Carolina Morand, Lucila de Beaurepaire e Lucila Soares.
Direção de arte: Alvim. **Projeto gráfico:** Alvim e Télio Navega. **Diagramação:** Ana Scott, Gustavo Amaral e Télio Navega. **Coordenação fotográfica:** Paulo Moreira.
Infografia e arte: Renata Amoedo, Renato Carvalho, Vinicius Machado e William Mur. **Pesquisa:** Luciana Barbio Medeiros e Paulo Luiz Carneiro.


Coca-Cola e jornal O Globo, feitos com todo o Brasil.
Há mais de 80 anos, a Coca-Cola desembarcou no país. E O Globo viu tudo. Parabéns por estar há 100 anos com os brasileiros.
O GLOBO 100
Coca-Cola vai investir R$ 7 bi no país
RECURSOS SERÃO DESTINADOS A 14 NOVAS LINHAS DE PRODUÇÃO NO BRASIL, PASSO PREPARADO PELA FORTE DEMANDA.
Coca-Cola
Brasil
Feita com todo o Brasil
Saiba mais em unidospelopais.com.br



Luta. Mirtes Renata Souza, mãe do menino Miguel, que caiu do nono andar após ser deixado sozinho por Sarí Corte Real, pede há cinco anos por Justiça: "Há muito racismo", diz ela

LEO CALDAS/30-9-2021

CIDADANIA PLENA FORA DO ALCANCE DE COBERTURA

País tem legislação poderosa, mas com pouca penetração nas populações vulneráveis; nem todos são iguais perante a lei, e acesso à dignidade precisa avançar

RENATA IZAAL
renata.izaal@oglobo.com.br

Dia 2 de junho de 2020. Miguel Otávio Santana da Silva, de 5 anos, cai do nono andar de um prédio em Recife, após ser deixado sozinho dentro do elevador por Sarí Corte Real, patroa de sua mãe e então primeira-dama do município pernambucano de Tamandaré. A mãe, Mirtes Renata Souza, empregada doméstica, levara o filho para o trabalho por não ter com quem deixá-lo — a pandemia de Covid-19 suspendera o ano letivo.

Hoje, Mirtes está a um semestre de se formar em Direito, decisão tomada para acompanhar o processo que condenou Sarí em segunda instância a sete anos de prisão. Ela recorre da sentença em liberdade, numa história que, como é praxe no Brasil, embaralha discriminações de gênero, raça e classe e deixa ao futuro a questão básica dos direitos fundamentais: o que o Brasil precisa fazer para que os avanços conquistados com a redemocratização alcancem todos os cidadãos?

— Tem muito racismo no caso do Miguel. Crianças têm prioridade no Judiciário, mas esse direito só é dado às crianças brancas — diz Mirtes. — Eu não pude viver meu luto. Em nenhum momento nesses cinco anos eu pude baixar a cabeça porque preciso cobrar justiça. Miguel tem mãe, é meu único filho, vou lutar por ele. Em Pernambuco, o caso se arrasta porque a família de Sarí é poderosa. Ela responde em liberdade, mudou o cabelo, cursa Medicina. Mas eu acredito que tudo vai se resolver quando chegar ao STJ. Tem que haver prisão.

RACISMO SISTÊMICO

A história de Mirtes e Miguel foi citada como exemplo de racismo sistêmico na pandemia em relatório do Grupo de Trabalho da ONU sobre Pessoas de Ascendência Africana. Foi ainda incluído por Djamila Ribeiro na edição em língua inglesa de "Lugar de Fala", lançada no ano passado.

— O caso da Mirtes explica as consequências do cruzamento das opressões vividas por mulheres negras. Ele ilustra tudo o que é reflexo de quase quatro séculos de colonização e de escravidão. As mulheres negras saíram do lugar de escravizadas para o de trabalhadoras domésticas, foram forçadas a servir à casa grande e seguem sem reconhecimento de sua humanidade. Esse é o ciclo no Brasil por falta de políticas de reparação num país racista, sexista e classista — explica Djamila.

Políticas de reparação são a chave para um futuro em que o "Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza" do artigo 5º da Constituição seja realidade. Leis não faltam. Nos últimos cem anos, o Brasil vem ampliando a proteção aos direitos civis, processo consolidado na Constituição de 1988 e acelerado no século XXI com dispositivos legais como a Lei Maria da Penha para casos de violência doméstica (2006), o reconhecimento pelo STF da união civil entre pessoas do mesmo sexo (2011), a Lei de Cotas (2012), a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (2015) e a equiparação, também pelo STF, dos crimes contra a dignidade das pessoas LGBTQIA+ ao racismo (2019) e da injúria racial ao racismo (2021).

— O Brasil tem um arcabouço legislativo superpoderoso, mas com pouca penetração nas populações vulneráveis. Avançamos nas políticas de controle da criminalidade, mas precisamos tratar do acesso à dignidade. Discutir, por exemplo, o posicionamento da mulher na sociedade. Mas como fazer isso se não há divisão de tarefas no país das mães solo? — questiona Silvia Chakian, promotora de Justiça no Ministério Público de São Paulo e autora de "A Construção dos Direitos das Mulheres". — Uma mulher ou pessoa LGBTQIA+ que sofra violência de um chefe de facção não pode ligar para o 180. Qual a política que temos para salvá-la?

PARA EVITAR TRAGÉDIAS

Leis e o reconhecimento do STF são políticas de reparação importantes. Mas é no acesso à dignidade apontado por Silvia Chakian que o Brasil precisa avançar. Se Mirtes tivesse um lugar para deixar o filho ou um trabalho regulamentado que a permitisse ficar em casa durante a pandemia como tantas mulheres com mais recursos puderam fazer, talvez Miguel estivesse vivo.

A criação de políticas públicas pensadas para a complexidade da realidade social brasileira é um passo fundamental. Casas de acolhimento para mulheres e pessoas LGBTQIA+ vítimas de violência, projetos de educação sexual e antirracista nas escolas, campanhas de valorização da maternidade e de incentivo à divisão de tarefas, cotas para mulheres nos conselhos de empresas e no parlamento, vagas para pessoas trans nas empresas e programas de reeducação de agressores são algumas delas.

Ricardo Sales, do conselho consultivo do Instituto Mais Diversidade, atua ao lado de governos e da iniciativa privada para construir políticas de reparação.

— Pessoas da população LGBTQIA+ ainda lutam por cidadania plena. O reconhecimento de direitos nos últimos 15 anos se deu via judiciário, e isso é frágil porque uma composição do STF diferente da atual pode rever sua interpretação. A sociedade tem a impressão de que tudo está pacificado porque um direito foi conquistado, mas é preciso garantir a efetivação desse direito.

Silvia Chakian cita a ministra Cármen Lúcia, única mulher na atual configuração do STF:

— É preciso "igualação", entendendo que as opressões foram totalmente diferentes. Precisamos "desigualar" para "igualar", ou seja, criar ações afirmativas que pensem em gênero, raça e classe.

Mirtes Renata acredita em reparação. Decidiu que vai atuar como advogada para ajudar outras trabalhadoras que tiveram seus direitos violados. Para ela, o Brasil terá dado um passo importante quando fizer justiça a Miguel. Na universidade, Mirtes encontra esperança.

— A educação transforma. Espero que mais mulheres negras possam estudar e lutar por seus direitos.



Evolução. Em sua história, O GLOBO acompanhou debates da sociedade, buscando cada vez mais complexidade nas coberturas

COMO O GLOBO VIU

"Morreu porque era filho da empregada. Se herdeiro da patroa, estaria vivo." Foi assim que Flávia Oliveira analisou a morte de Miguel em sua coluna de 7 de junho de 2020. Uma análise das relações sociais que até o século XXI foi rara em toda a imprensa.

Durante muito tempo, a sociedade brasileira, e com ela O GLOBO, olhou para as mulheres como uma categoria universal. Direito ao voto, uso da pílula, divórcio e mercado de trabalho sempre foram apresentados sob a perspectiva das brancas. "Mesmo os feminicídios que repercutiram, como o da Ângela Diniz, eram os das brancas. Ninguém falava das mulheres negras", explica a promotora Silvia Chakian.

Nas páginas do GLOBO Feminino, as donas de casa, as misses e a beleza vinda de Paris imperavam. No Caderno Ela, criado em 1964, o jornal passou a tratar da independência feminina. Mas foi a partir dos anos 2010, com a quarta onda feminista levantada nas ruas e nas redes pelo feminismo negro, que o racismo entrou para o debate dos direitos das mulheres no GLOBO.

Em 1975, imaginem, a feminista americana Betty Friedan foi assim descrita no Caderno Ela: "Parecia ter aterrissado de uma vassoura, mas começou logo a dizer coisas tão inteligentes que a maioria das pessoas concordou em esquecer sua feiúra." Quatro décadas depois, em 2019, o jornal estreou Celina, uma plataforma pioneira na imprensa brasileira, cujas reportagens eram baseadas em gênero, raça e classe. Um salto.

Em 2021, O GLOBO pintou sua primeira página com as cores do arco-íris e lançou um caderno especial no Dia do Orgulho LGBTQIA+, tema que o jornal acompanha desde os anos 1990.

A promulgação da Lei de Cotas por Dilma Rousseff foi publicada com discrição em 2012. Já a cobertura do caso Miguel foi iniciada em 2020 e segue em aberto. Mirtes Renata foi premiada pelo GLOBO com o Faz Diferença na categoria Diversidade. "Esse prêmio é do meu filho, Miguel Otávio, e dos movimentos negros e feministas que estão comigo", disse ela.

Sinal dos tempos.

RENATA IZAAL
é editora assistente do Segundo Caderno


Há 100 anos, O Globo
registra a história do Brasil.
Há 50 anos, nossos shoppings fazem
parte das histórias dos brasileiros.
Parabéns, O Globo, pelo compromisso
com a informação e com o país.
ALLOS. Momentos que encantam e transformam.
ALLOS
SAIBA MAIS

SOCIEDADE EM MOVIMENTO

ARQUIVO PESSOAL



Contemporâneos. O Luar Casal compartilha experiências com outros parceiros na internet, o que, segundo psicanalista, desmascara "a mentira da monogamia"

AMAR, VERBO INTRANSITIVO

Casamento aberto, trisal, bissexualidade e poliamor são algumas das palavras que definem as novas modalidades de afeto e sexo no século XXI

RONALD VILLARDO
Especial para O Globo

Nesta altura do século XXI, discutir a relação se tornou coisa do passado. O lance agora é discutir "as relações", no plural, já que os formatos de namoros, relacionamentos e até casamentos vêm adquirindo novos contornos.

Da bissexualidade admitida entre casais aos relacionamentos abertos, da dieta sexual modesta de parte dos jovens da geração Z (nascidos no final dos anos 1990) ao poliamor, o mundo contemporâneo oferece um cardápio com tantas oportunidades quanto desafios.

— As relações abertas e outros formatos ficarão cada vez mais comuns nos próximos anos — aposta a psicanalista e escritora Regina Navarro Lins, coapresentadora do reality show "Terceira metade", que tem como objetivo a formação de trisais, disponível no Globoplay.

Quem já conhece as dores e as delícias de um relacionamento aberto é o casal Luiz e Ary, conhecidos na internet como Luar Casal. Sucesso em plataformas de conteúdo adulto, Luiz e Ary (=Luar) furaram a chamada "bolha" dos vídeos pornográficos e são sucesso fora dela.

Aparentemente, o público do X e do Instagram não imaginava que um casal hétero branco, de beleza chamada "padrão", poderia produzir conteúdo bissexual, especialmente se o rapaz se permite prazeres sem limites com outros homens, sob o olhar atento da esposa (Ary é o nome da mulher).

Em 2019, numa tarde de sol em Apucarana-PR, Luiz chegou de moto à casa da prima de Ary. Então com 25 anos, ele era dono de uma pet shop e passava para recolher o cãozinho da moça para um banho e tosa. Ary curtiu, pediu o telefone dele para a prima e foi à luta. Ele relutou porque estava namorando outra moça. Dois meses depois, o relacionamento ruiu, e o amor aconteceu. Tudo ia bem até o dia em que pipocaram vídeos antigos de Luiz transando com homens.

— Fiquei louca — conta Ary. — Já cheguei gritando: "você é um gay?"

Luiz confirmou tudo. Disse que gostava de ter relações com homens e tinha até formado um trisal com dois rapazes. Não deu certo por um motivo, apenas:

— Eu sinto falta de mulher. Eu gosto de mulher, do cheiro de mulher, da pele da mulher.

Na mesma noite do confronto, Ary contou que também era bissexual. E os dois decidiram que procurariam casais, entrando, assim, para a turma dos "swingueiros", praticantes da troca de casais.

Tudo vai ao encontro do que Regina Navarro Lins descreve como "a grande mentira da monogamia".

— Existe a ideia de que um casal envolvido pelo tal "amor romântico" precisa se tornar "um só". Impossível. As pessoas precisam manter as suas individualidades — explica.

Logo os pombinhos — hoje casados de "papel passado" — Luiz e Ary já haviam começado a postar as travessuras no OnlyFans, mas disfarçados.

Para a surpresa de zero pessoas, foram reconhecidos por um morador de Apucarana, que enviou o vídeo para a cidade inteira. O casal perdeu clientes da pet shop, parceiros de negócios e, segundo eles, foram "olhados de maneira estranha" pelas ruas da cidade. O pior momento foi quando um grupo de homens abordou Ary de maneira ameaçadora. O casal resolveu se mudar.

— A minha família também fez um drama danado. Meu pai é policial, minha irmã é terraplanista, para você ter uma ideia — conta.

Luiz diz não ter sofrido tanto assim.

— Minha mãe deu uns berro (sic) e ficou por isso mesmo.

Luiz e Ary hoje têm 30 e 32 anos, respectivamente. São do fim da geração Y, os chamados "millenials". A geração que seguiu, chamada de "geração Z", nascidos a partir de 1997, tem sido objeto de estudo de especialistas no mundo todo.

Uma das pesquisas mais recentes, conduzida pela ONG Survey Center on American Life, diz que apenas 56% dos jovens tiveram namoros na adolescência, contra 76% das gerações anteriores.

A pesquisa aponta a vida moderna, a saúde mental e até o período da pandemia como algumas das causas. Segundo a antropóloga e escritora Mirian Goldenberg , outros motivos devem ser considerados.

— Sexo dá trabalho. O jovem brasileiro passa em média nove horas no celular por dia. Que tempo ele tem para flertar, seduzir e ficar com as pessoas? A facilidade dos aplicativos também banaliza as relações — explica a ela.

APOIO E INFORMAÇÃO

A web pode ser uma grande aliada para enfrentar os desafios contemporâneos. Além de aplicativos que conectam pessoas com interesses específicos, como o Ashley Madison, para casados que querem ter um *affair*, ou o Gleeden, exclusivo para mulheres, há um universo à disposição. Grupos de apoio como @agendanaomono e o pitanga.club organizam encontros em que os problemas destes novos formatos são o foco das discussões.

Enquanto a desconstrução total não vem — e Regina Navarro Lins garante que, aos poucos, ela chegará —, o Luar Casal estará por aí, nas redes, como um experimento pop que desperta a curiosidade de quem vive ou não uma relação aberta, um trisal, ou a boa e velha monogamia. Do jeito que for, que seja infinito enquanto dure.

APRESENTADO POR IGUÁ

Saneamento leva mais qualidade de vida a bairros da Zona Oeste e interior do estado

Dragagem da Iguá nas lagoas da Barra e de Jacarepaguá já mostra sinais de recuperação da biodiversidade. Em Miguel Pereira e Paty do Alferes, obras aumentam a disponibilidade de água durante o período de estiagem

Obras de saneamento básico em 19 bairros da Zona Oeste do Rio e nas cidades de Miguel Pereira e Paty do Alferes, no Centro-Sul do estado, estão no foco da Iguá Saneamento. Em apenas três anos, a concessionária já investiu cerca de R$ 900 milhões em melhorias nas regiões atendidas. Entre as ações realizadas, destaca-se a dragagem do Complexo Lagunar da Barra e de Jacarepaguá, na Zona Oeste do Rio de Janeiro.

A região já ganhou novos ares. Em abril de 2025, as intervenções nas lagoas completaram um ano, e o balanço aponta que, durante o período, foram retirados cerca de 500 mil m³ de sedimentos da Lagoa da Tijuca, o equivalente a 200 piscinas olímpicas. A remoção contribui para a melhoria da troca de água entre as lagoas e o mar, o que proporciona mais oxigenação da água, trazendo de volta a biodiversidade local — mais de cinco espécies diferentes de aves já foram avistadas na região desde o início da obra, que deve se estender por mais dois anos.

— A dragagem do Complexo Lagunar é um compromisso firmado no contrato de concessão da Iguá. A concessionária investirá R$ 250 milhões na atividade. O trabalho acontece na Lagoa da Tijuca e, até a sua conclusão, passará pelas lagoas de Jacarepaguá, do Camorim, Canal de Marapendi e Joatinga — explica Flávio Vaz, diretor-geral da Iguá Rio.

Outras entregas que melhoraram a vida dos moradores foram a construção de uma tubulação instalada na Ponte Lúcio Costa e a ampliação de redes de distribuição de água tratada na Avenida Olegário Maciel e na Praia dos Amores, na Barra da Tijuca — um investimento de R$ 8 milhões que beneficiou 220 mil moradores, resultando em maior regularidade no fornecimento e melhoria da pressão da água na região.



Obras na Serra. Investimento de R$ 55 milhões para ampliação do sistema de esgotamento sanitário em Miguel Pereira

TECNOLOGIA NO TRATAMENTO DE ESGOTO

No Centro-Sul fluminense, o município de Miguel Pereira também está ganhando obras de infraestrutura com a implementação de uma nova rede de saneamento na cidade. Em breve, o esgoto que é descartado de forma inadequada será tratado com tecnologia e responsabilidade ambiental.

Durante o primeiro ano de operação em Paty do Alferes, a Iguá implantou o Plano de Resposta à Estiagem. Historicamente, o município passa por um período de estiagem todos os anos, de julho a novembro. Para mitigar seus efeitos, a companhia investiu R$ 6 milhões em diversas ações, como a instalação de uma Estação de Tratamento de Água (ETA) Móvel. A medida ajudou a aumentar a produção e a disponibilidade de água na cidade desde então.

A Iguá instalou novos geradores nas estações de tratamento de água, o que diminuiu as interrupções de abastecimento por falta de energia. O uso de bombas dosadoras e o acompanhamento diário deram mais precisão ao tratamento e à qualidade da água, tornando a gestão mais eficiente.

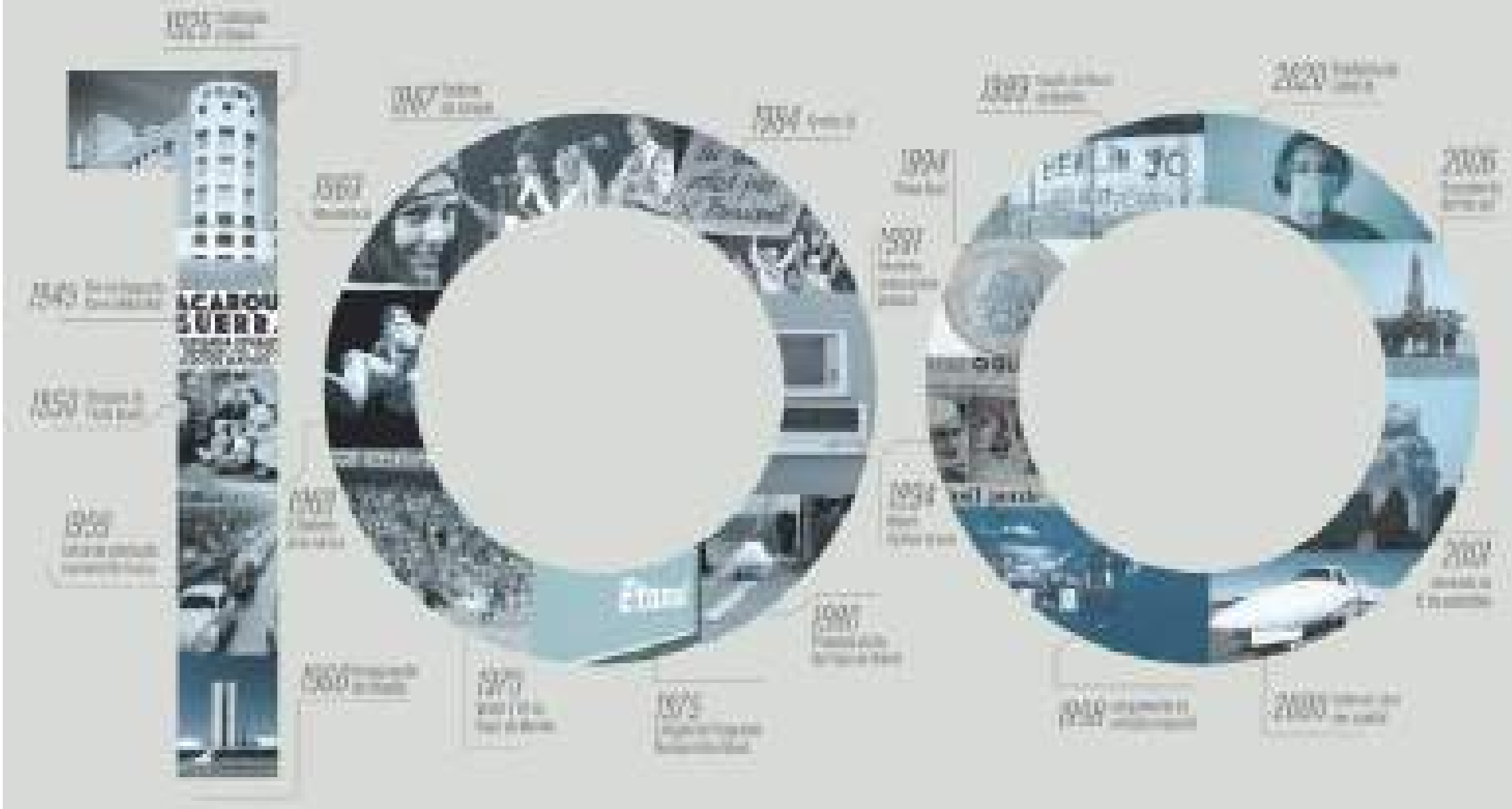
— A Iguá implementou soluções para combater a estiagem histórica, investindo na melhoria da distribuição de água, equilibrando pressões e fazendo novas extensões de rede — celebra Lucas Arrosti, Diretor de Operações da Iguá Rio.

A Iguá tem o compromisso de investir R$ 2,1 bilhões durante os 35 anos de concessão. Em apenas três anos, já conseguiu realizar quase 50% dos investimentos. As melhorias vão ter impacto direto na vida de 1,2 milhão de pessoas na Zona Oeste do Rio e no interior do estado.

Além das ações de infraestrutura, a empresa investe em ações de responsabilidade social. A empresa mantém 11 pontos de coleta — 7 deles na capital, 2 em Paty do Alferes e 2 em Miguel Pereira — para arrecadar óleo de cozinha usado e encaminhá-lo para reciclagem. Em um período de 1 ano, mais de 1.070 litros de óleo usado foram encaminhados ao descarte correto, evitando danificações nas tubulações internas de residências e na rede de esgoto e a poluição de corpos hídricos.

CONTEÚDO PATROCINADO PRODUZIDO POR G. lab

A IDADE É CONTADA EM NÚMEROS
A VIDA EM MEMÓRIAS
A NOTÍCIA EM FATOS



A FIESP sabe o quanto é desafiador manter uma empresa ativa, moderna e em constante renovação por um século. O Globo segue firme, praticando um jornalismo sério e confiável — que informa, analisa, questiona e contribui para o debate democrático no Brasil.
Nossa homenagem a todos que fazem parte dessa trajetória de compromisso com a notícia.

FIESP
Indústria Forte ⋙ País Forte

ARTIGO

Paixões e ódios no mundo da telenovela

Colunas de TV do GLOBO fazem parte de um enredo onde telespectadores torcem por personagens, brigam nas redes sociais e confrontam as notas 0 e 10

PATRÍCIA KOGUT
kogut@oglobo.com.br

O leitor pode imaginar o desafio que é fazer crítica de televisão para O GLOBO. Afinal, o jornal pertence à mesma empresa que controla a emissora aberta de maior audiência do país desde que foi criada. Até mesmo amigos sempre imaginam que há uma pressão interna forte para influenciar as avaliações, sejam elas positivas ou negativas. Mas não. Esse é meu trabalho no jornal há 27 anos e sempre fui absolutamente livre para fazer os textos.

As reações que recebi ao longo desse período nunca vieram de dentro. Atores, diretores, autores, cenógrafos, figurinistas e outros profissionais comportam-se como era esperado: diante de elogios, ficam satisfeitos, e as avaliações negativas causam irritação. Isso é natural e me acostumei, porque sou hoje crítica semanal de televisão e, até 2023, fazia as notas 10 e zero, atualmente a cargo de Anna Luiza Santiago, titular da coluna Play. Alguns romperam relações, houve abaixo-assinados em correntes de e-mails de personagens zangados — lembro especialmente de um, liderado por um ator de novelas muito famoso, que tomou grandes proporções mesmo em tempos pré-redes sociais.

É natural: ninguém se sente bem diante de um comentário ruim. Mas tanto as avaliações negativas quanto as positivas sempre expressaram a minha opinião sincera, levando em conta os critérios mais técnicos que pude encontrar. Essa postura, ao longo dos anos, acabou me trazendo a confiança do leitor fiel. E é ela que me faz conquistar o respeito de cada novo leitor. Tenho certeza de que isso também foi verdade em relação a todos aqueles que me antecederam nessa tarefa.

QUASE CINQUENTENÁRIA

A coluna começou em 1976, assinada por Hildegard Angel; em 1988, veio Tetê Nahaz, que ficou até 1990 e foi sucedida por Lúcia Leme, a criadora das notas 10 e zero. Quando ela saiu, em 1992, Patricia Andrade ocupou seu lugar. Ela fez dupla com Renata Reis, depois com Rosângela Honor e comigo, a partir de 1998. Amélia Gonzalez assinou por um período e, de 2000 a 2023, passei a titular daquela meia página do Segundo Caderno.

O jornal sempre cobriu bem televisão. O primeiro registro é de abril de 1965, quando a TV Globo foi inaugurada. É curioso conhecer, através do jornal, o que ia ao ar na época. O alto da página 9 do primeiro caderno veio ocupado, à esquerda, com a programação de todas as emissoras para o dia seguinte. Às 13h, por exemplo, a TV Excelsior exibiria um telejornal; às 17h, a Globo apresentaria "Capitão Furacão" e desenhos animados; havia novelas em vários canais: "Rua da Matriz" e "Ilusões perdidas" (na Globo) e "A indomável" (na Excelsior). Do lado direito, o leitor encontrava uma coluna dedicada ao rádio, intitulada "As várias faces do entretenimento". Logo abaixo, ficava a lista dos filmes em cartaz nos cinemas do Rio.

Naquele dia, por causa da inauguração da Globo, a página 13 veio com um parágrafo anunciando: "Uma emissora padrão de instalações primorosas, perfeitamente esquematizadas dentro das mínimas exigências e dotadas de todos os modernos recursos". Em seguida, vinha uma lista com os nomes de treze firmas patrocinadoras, entre elas uma olaria, uma fábrica de esquadrias, outra de tintas e de instalações elétricas. Nenhuma dessas empresas resistiu ao tempo, só a Globo.

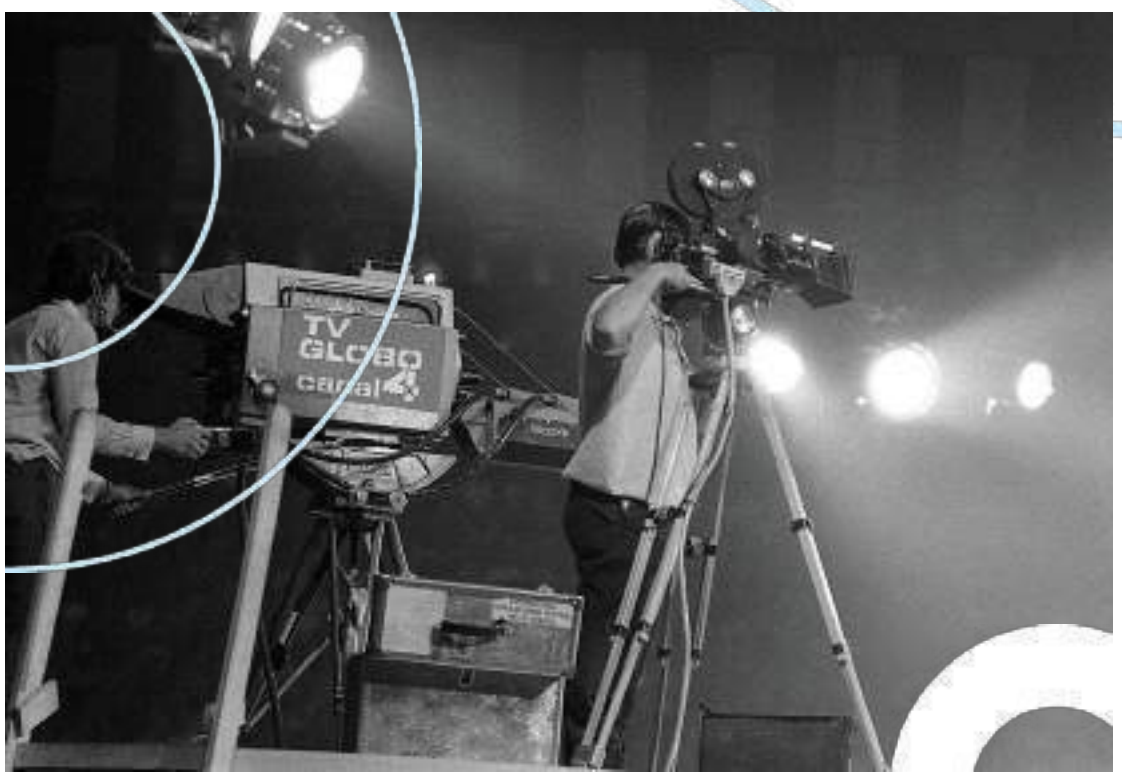
As duas páginas seguintes destacam a programação da TV Globo, abrindo as fotos. Quem sintonizasse o Canal 4 naquela semana, entre outras atrações, encontraria "Os Monstros", "A Família Buscapé", "A Feiticeira" e um faroeste, "As viagens de Jaime". Uma imagem de Humphrey Bogart franzindo a testa encabeçava a lista dos filmes — "nove por semana, dublados em português", como frisava a legenda. As sessões "Romance na Tela", "Sábado de Aventura" e "Cine Globo" atraíam os telespectadores, que iam migrando do rádio para a nova mídia. O jornal acompanhava esse movimento com atenção e refletia esse interesse. Queria atender a esse leitor ávido por serviço (a programação e os horários) e por conhecer os bastidores da televisão.

Assim, em 1971, surgiu a coluna Zoom, com notas. E, em novembro do ano seguinte, o primeiro suplemento dominical dedicado ao assunto, o Telesemana. No início, eram poucas páginas, mas já havia mais de uma coluna importante. A primeira delas era de Artur da Távola, pseudônimo de Paulo Alberto Monteiro de Barros. Sua presença entre as figuras que refletiam sobre televisão fazia toda a diferença. Ele parou de publicar na contracapa do Segundo Caderno apenas em 1987, e é lembrado até hoje por seus textos sempre inteligentes.

ACERVO



História. Coluna de TV do GLOBO estreou em 1976, e passou por diferentes publicações, como "Revista da TV", "Telesemana" e "Caderno da TV", um grande sucesso



Futuro. Com a consolidação da internet e das redes sociais, a cobertura de TV passou a ser digital, com a Coluna Play, comandada por Anna Luiza Santiago







Em 1979, enquanto a televisão enfrentava o desdém dos intelectuais, o escritor, jornalista (e político) combatia esse olhar. Em 1979, escreveu: "Telenovela é um gênero muito novo . Mas aos poucos vão se formando autores específicos, sobreviventes das elites culturais que, por preconceito, rejeitam esse caminho dramatúrgico, da mesma forma que rejeitam outros caminhos literários 'apenas' porque falam com o grande público. Misturado com o masoquismo, parece a certas elites culturais que bom é o que fala para poucos". Impressiona a atualidade do que ele escreveu há quase 50 anos.

CADERNO DA TV

Já Bastidores da TV levava a assinatura de Marisa Raja Gabaglia. Jornalista conhecida, ela também foi jurada em programas de auditório, como o de Flávio Cavalcanti. Era um nome respeitado, um sinal das intenções do GLOBO de investir nesse assunto.

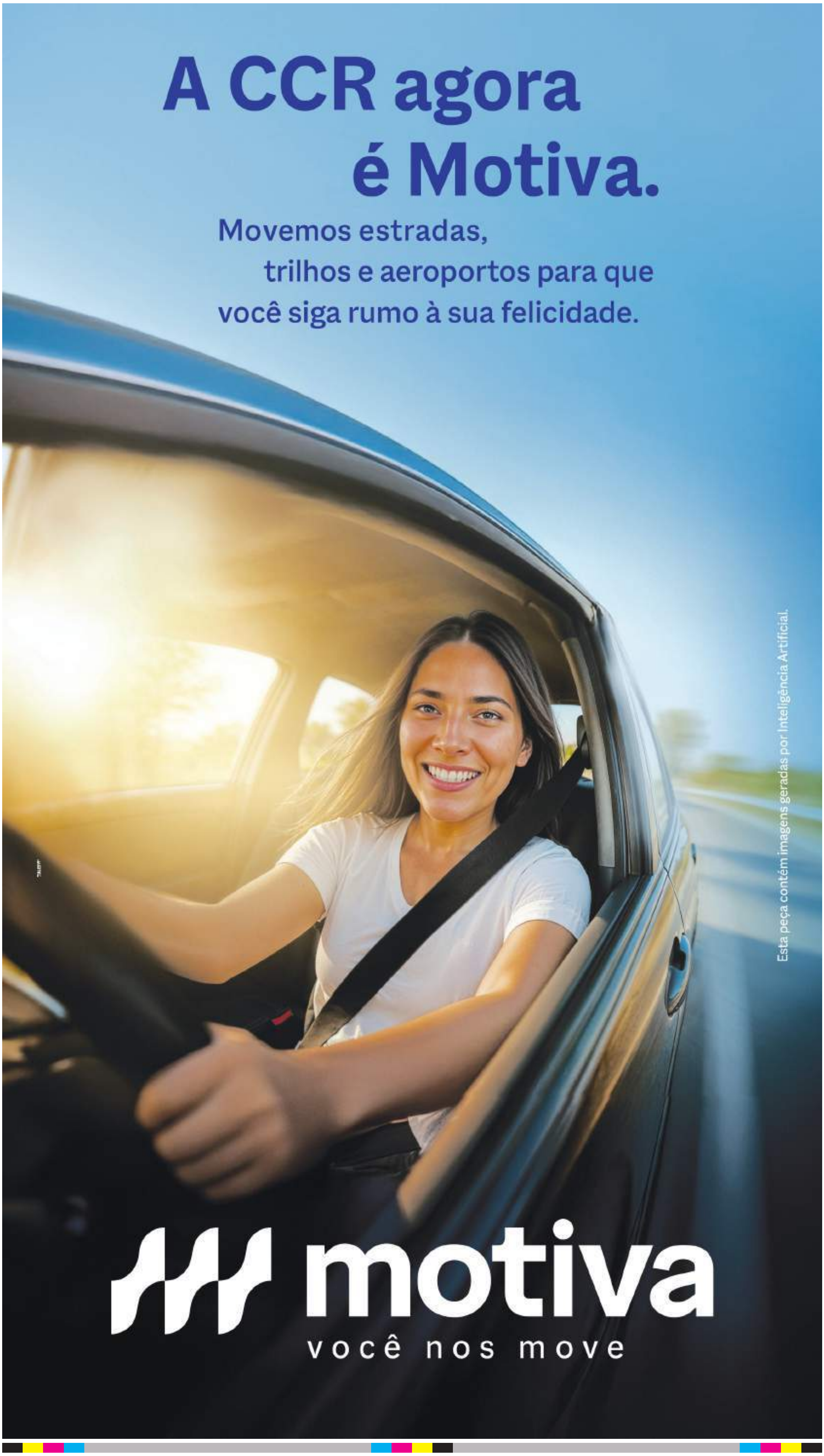
Em setembro de 1979, foi lançado um dos maiores sucessos do jornal: o Caderno de TV. Na capa, Tarcísio Meira, Dina Sfat e Francisco Cuoco. O trio estrelava a novela "Os gigantes", de Lauro César Muniz (alguns capítulos dela chegaram recentemente ao Globoplay). Em 1981, o suplemento, rebatizado de Revista da TV, trazia Tony Ramos na capa e uma chamada que era também uma enquete: "João Victor ou Quinzinho, os gêmeos de 'Baila comigo'. De quem você gosta mais?". O caderno saía aos domingos e publicava reportagens, resumos das novelas e adiantava o que aconteceria em capítulos futuros. No dia a dia, a cobertura de televisão ocupava a contracapa do Segundo Caderno.

Uma crítica recorrente é o espaço dedicado à TV Globo na cobertura de televisão. Não há como negar que ele, de fato, é maior e tem um aspecto intrinsecamente promocional. Mas também é impossível negar que isso reflete a absoluta dominância da emissora na audiência.

Com a chegada do digital, tudo foi migrando para a internet, e a Revista da TV em sua forma impressa deixou de fazer sentido (mas é muito lembrada por antigos leitores que, até hoje, escrevem falando dela). Na internet, a cobertura de televisão é intensa, e o interesse do público se traduz em números expressivos. A coluna de televisão continua publicada no Segundo Caderno, acompanhando a evolução da mídia e mantendo o compromisso com o olhar crítico. Afinal, ninguém pode negar: a televisão é aquilo que mais gera assunto em todas as telas.



PATRÍCIA KOGUT
é colunista do GLOBO


A CCR agora
é Motiva.
Movemos estradas,
trilhos e aeroportos para que
você siga rumo à sua felicidade.
Esta peça contém imagens geradas por Inteligência Artificial.
motiva
você nos move



ARQUIVO/1-4-1964

Correção histórica. Depois de, como outros veículos na época, apoiar o golpe de 1964, o jornal, em 2013, reconheceu ter cometido um erro: "A democracia é um valor absoluto. E, quando em risco, ela só pode ser salva por si mesma"

OPINIÃO EM EVOLUÇÃO

HELIO GUROVITZ
hgurovitz@edglobo.com.br

Independência e autonomia para tomar decisões editoriais com base em suas próprias convicções pavimentaram o caminho do GLOBO rumo ao centenário

Nenhum veículo jornalístico alcançaria a relevância, a influência e o prestígio do GLOBO sem estar atento às transformações da sociedade e a seus anseios. E nenhum veículo sobreviveria ao longo de cem anos sem autonomia para evoluir e tomar decisões editoriais com base em suas próprias convicções. Sem manter — numa palavra — independência, ingrediente que define O GLOBO desde o primeiro número. "Independência tão ampla quanto o permitam as possibilidades humanas e que nos autoriza desde já a proclamar que este jornal não tem afinidades com governos, não encerra interesses conjugados com os de qualquer empresa, não está ligado a grupos capitalistas ou a plutocratas isolados — não existirá senão como uma força posta incondicionalmente ao serviço dos interesses gerais", como vaticinava Irineu Marinho no primeiro editorial do jornal, publicado em 29 de julho de 1925.

É a independência que torna possível ao GLOBO manifestar sua opinião sem que, no noticiário, os fatos deixem de ser cobertos de modo isento. "Sempre considerei que o jornal, enfrentando quaisquer pressões, tem o dever de expressar com nitidez, em seus editoriais, sua opinião sobre fatos que sejam dignos de debate público", escreveu o jornalista Roberto Marinho em editorial de novembro de 1992. "E ao mesmo tempo cuidar que sua tomada de posição não se estenda às páginas de informação, cuja imparcialidade atende a um elementar direito dos leitores". Expressar opiniões, porém, não equivale a proferir sentenças gravadas em pedra. Assim como a sociedade brasileira, as opiniões e posições editoriais do jornal também evoluem com o tempo.

A política é sem dúvida o campo em que tal evolução fica mais nítida. O GLOBO manteve apoio e intensa cobertura da Coluna Prestes nos anos 1920, mas não se furtou a denunciar a adesão de Luís Carlos Prestes ao comunismo nos anos 1930 — e depois se opôs ferrenhamente à Intentona Comunista comandada por ele em 1935. Com a mesma energia, criticou o levante integralista de 1938. "São tão criminosos os integralistas que assaltaram o Guanabara como os comunistas", dizia a primeira página em maio de 1938. O jornal manifestava aversão a extremismos, viessem da esquerda ou da direita — "a ditadura vermelha e a verde", nas palavras de editorial da ocasião.

Na eleição de 1930, O GLOBO apoiou Getúlio Vargas, mas, à medida que a situação degringolou com a revolução, passou a cobrar uma Assembleia Constituinte. Durante a ditadura do Estado Novo, mesmo sob censura, defendeu princípios democráticos e chegou a criar um caderno especial para cobrir a Força Expedicionária Brasileira, em apoio aos Aliados na Segunda Guerra. Em 1943, assumiu posição explícita de apoio à oposição e à redemocratização, que viria com a Constituição de 1946. Apesar de crítico a Getúlio durante seu segundo governo, demonstrou independência ao se manifestar contra a tentativa de impeachment de 1954. A acusação de que conspirara para derrubá-lo era falsa, embora isso não tenha impedido que sofresse uma invasão violenta de getulistas inconformados com seu suicídio.

O GLOBO defendeu a posse de Juscelino Kubitschek quando houve tentativas de impedi-la, mas não deixou de combater a construção de Brasília e os gastos inflacionários em seu governo. Manifestou-se em favor da candidatura Jânio Quadros, mas depois criticou com firmeza diversas políticas dele, em especial a aproximação de Cuba e sua diplomacia. Quase 30 anos depois, já tendo manifestado simpatia pela candidatura de Mário Covas com seu choque de capitalismo, apoiou a eleição de Fernando Collor e a abertura econômica preconizada por ele, mas desempenhou papel decisivo na cobertura dos escândalos de corrupção, acabando por defender seu impeachment diante das denúncias que vieram à tona.

Se, em vários desses episódios, a evolução das opiniões pode ser creditada a circunstâncias externas, ela também resultou de reflexão interna sobre os fatos. Para isso, a independência foi essencial — sobretudo quando se tratou de reconhecer falhas. A de maior repercussão foi o apoio ao golpe de 1964. Em editorial de 1984, ao justificar sua adesão aos militares, Roberto Marinho deixou clara sua crença de que a intervenção fora imprescindível para manter a democracia e, depois, para conter a irrupção da guerrilha urbana. Foi a posição adotada por diversos outros veículos da imprensa na época, com base na mesma convicção. Em setembro de 2013, o jornal reconheceu, de modo explícito, ter cometido um erro: "O GLOBO não tem dúvidas de que o apoio a 1964 pareceu aos que dirigiam o jornal e viveram aquele momento a atitude certa, visando ao bem do país. À luz da História, contudo, não há por que não reconhecer, hoje, explicitamente, que o apoio foi um erro, assim como equivocadas foram outras decisões editoriais do período que decorreram desse desacerto original. A democracia é um valor absoluto. E, quando em risco, ela só pode ser salva por si mesma".

Embora correções dessa envergadura não sejam comuns, é frequente e intenso o debate no Conselho Editorial sobre as opiniões expressas pelo GLOBO em nome dos demais veículos do Grupo Globo. A capacidade institucional de revê-las quando adequado, estabelecida expressamente nos Princípios Editoriais adotados em 2011, é uma das forças que permitem a evolução do jornal diante das transformações da sociedade. Isso vale para opiniões, mas também para decisões editoriais de todo tipo.

Durante anos, o jornal evitava chamar pelo nome as quadrilhas do crime organizado — como Primeiro Comando da Capital (PCC) ou Comando Vermelho (CV). Era uma decisão sensata, pois a mera publicação em veículo da grande imprensa, ainda que em tom crítico, servia de propaganda, usada pelos criminosos para tentar justificar e ampliar seus poderes. Infelizmente, com o tempo esses poderes cresceram a ponto de tornar a medida inócua. Então a norma interna foi alterada. Primeiro, para permitir o uso do nome das quadrilhas desde que não houvesse destaque em títulos ou manchetes. Depois, a partir de dezembro de 2023, em qualquer situação.

O GLOBO também reviu sua postura editorial diante de sequestros. Antes, jamais os divulgava, por acreditar que qualquer informação pública dificultaria as negociações com os sequestradores e o trabalho de investigação da polícia e que a exposição no noticiário criaria dificuldades para as vítimas e seus familiares. A partir dos anos 1990, porém, várias pesquisas internacionais revelaram que a omissão completa ajudava os criminosos, por manter o público desinformado sobre os riscos. De lá para cá, a decisão de noticiar sempre leva em conta o perigo para as vítimas e jamais entra em detalhes sobre as condições financeiras do sequestrado e o andamento das investigações.

Na cobertura de massacres em escolas, O GLOBO tornou mais rígidas suas normas, de modo a evitar ser usado para disseminar a ideologia dos assassinos e a mitigar o efeito mimético. Estudos científicos comprovam que os criminosos ambicionam o destaque conferido pelas manchetes. Quando seus horrores reverberam, costuma haver uma onda de crimes similares, cometidos por imitação. Por isso a cobertura dessas tragédias tenta manter o foco nas vítimas. A partir de maio de 2021, as regras se tornaram ainda mais rigorosas, restringindo as informações publicadas ao mínimo necessário, de modo a jamais dar aos assassinos o destaque e a notoriedade que buscam por meio da imprensa.

Cotas raciais nas universidades foram outra questão em que o jornal reviu sua posição. Enquanto o tema estava em debate, O GLOBO foi favorável às cotas sociais, mas contrário às raciais, por acreditar que introduzir na lei um critério dessa natureza exacerbaria o racismo, ao tornar salientes as diferenças. Vinte anos depois, porém, o tempo do debate estava superado. Ficou claro que o país fez sua escolha por meio de instituições democráticas, convencido da relevância das cotas na luta contra o racismo. Diversas pesquisas comprovaram que elas ampliaram o acesso dos grupos contemplados ao ensino superior, contribuindo para reduzir uma injustiça histórica. Por isso, em julho de 2022, editorial do jornal apoiou a renovação da Lei de Cotas, com sua constante reavaliação por meio de estudos científicos.

A evolução da posição do jornal é perceptível noutras questões sensíveis, que costumam dividir a opinião pública. O caso da maconha é ilustrativo. Em novembro de 2001, O GLOBO lamentava em editorial a demissão da apresentadora Soninha, da TV Cultura, apenas pela confissão de ter fumado a droga. O texto constatava ser um equívoco tratar problemas sociais dessa natureza como casos de polícia. Um ano depois, em contraste, outro editorial enfatizava os malefícios da maconha para a saúde e assumia posição contrária à descriminalização, com base em "indícios de que a maconha não raro é um primeiro passo no caminho para drogas mais pesadas".

Com o tempo, porém, essa posição também evoluiu. As evidências deixaram claro o fracasso da guerra às drogas promovida pelo governo americano. Em 2006, a Lei Antidrogas acabou com a pena de prisão para os usuários. A partir daí, diversas vezes O GLOBO defendeu que, em vez de adotar políticas repressivas, as autoridades tratem as drogas como questão de saúde pública e que não haja retrocesso na legislação. Elogiou os exemplos de descriminalização dados pelo Uruguai e diversos estados americanos. Passou a destacar também o impacto nefasto do encarceramento dos usuários na segurança pública, pois, uma vez presos, eles se tornam recrutas fáceis para as facções criminosas. Por fim, pleiteou a regulação eficaz da maconha e seus derivados para uso medicinal.

O jornal sempre manifestou aversão a extremismos da esquerda ou da direita

Quanto ao aborto, O GLOBO sempre foi crítico às tentativas de restringir sua aplicação no Brasil. Defendeu que os hospitais públicos ofereçam o procedimento nos termos da lei que vigora desde 1940 e foi favorável à decisão do Supremo Tribunal Federal que o estendeu ao caso de fetos anencéfalos em 2012. Em 2018, editorial defendeu de modo explícito que a interrupção voluntária da gravidez não seja tratada como crime: "Num Estado laico, o aborto é, acima de tudo, questão de saúde pública. A criminalização nunca impediu a prática".

No âmbito familiar, à medida que a sociedade se tornou menos conservadora, a opinião do GLOBO também evoluiu. Assim que a emenda constitucional autorizando o divórcio foi aprovada, em abril de 1977, editorial apoiava a decisão, exortando a pacificação entre as duas alas antagônicas em que o país se dividira. "A Igreja se mobilizou em defesa de uma tese, e essa tese foi rejeitada pela maioria dos representantes do povo, após debate amplo e em processo rigorosamente democrático", dizia o texto.

Em relação a casais do mesmo sexo, o jornal não apenas apoiou a decisão do Supremo que garantiu direitos civis às relações homoafetivas e reconheceu a união estável em 2011, como foi enfático na defesa de leis criminalizando a homofobia, sem abrir exceções para grupos religiosos. "O reconhecimento legal da união gay estável é passo importante na guerra contra a homofobia. Mas boa parte desse esforço terá sido em vão se o Legislativo não aprovar a criminalização desta odiosa prática, que se manifesta não só na forma de indignas opiniões, mas em atos de violência contra homossexuais", afirmou editorial em maio de 2011. Quando o Congresso se preparava para adotar uma agenda impondo retrocesso nessa pauta, em 2015, novamente O GLOBO se opôs com veemência.

A abordagem de temas como aborto, cotas raciais e drogas reflete debates da sociedade

O uso da linguagem constitui um capítulo em si na história da evolução do jornal. A melhor ilustração é o tratamento dado aos palavrões. Em 13 novembro de 1982, o colunista social Ibrahim Sued se desculpou diante do público por ter grafado com todas as letras a palavra "merda" em sua coluna da véspera — e não "m…", como recomendavam as práticas pudicas daquele tempo. Pouco mais de dois anos depois, já nas páginas de economia, o colunista Roberto Campos repetia a palavra por extenso ao traduzir uma citação em alemão de Karl Marx. A prática se tornou inevitável quando, em 1986, o Brasil foi tomado por intenso debate em torno da música "Merda", de Caetano Veloso, vetada pela censura em programa da TV Globo, com apoio do então ministro da Justiça, Paulo Brossard.

Foi só nos anos 1990 que o uso de palavrões, desde que indispensável e justificado pelo contexto, passou a ser encarado como normal nas páginas do GLOBO. Em 1993, o então repórter Octavio Guedes, hoje comentarista da GloboNews, se sentiu à vontade para usar a palavra "porra" por extenso ao citar frases de um policial militar em reportagem sobre a chacina da Candelária. Em 1997, uma extensa coluna de Mauro Rasi ironizava o moralismo de que se reveste o policiamento do vocabulário. Rasi lembrava que mesmo conservadores, como o então deputado americano Newt Gingrich, usavam o termo "puta" — escrito assim, com todas as letras. Ele resumiu bem o critério que deve ser adotado em casos do tipo: "Falando sério: não uso palavrões. Tento, isso sim, usar bem as palavras. Todas, sem exceção. Não tenho medo delas".

O mesmo espírito aberto e inovador que marca a evolução do jornal no conteúdo se repete na forma. Basta comparar a primeira edição do jornal, oito páginas impressas publicadas em 29 de julho de 1925, aos produtos a que os leitores hoje têm acesso em diversas plataformas. As páginas em preto e branco do vespertino vendido por jornaleiros deram lugar não apenas ao jornal impresso em cores, com gráficos e fotografias de alta qualidade, mas também a sites, podcasts, vídeos e aplicativos com recursos interativos, notícias instantâneas — e, nos últimos tempos, até conteúdo gerado por inteligência artificial.

Evoluir, ensinam os biólogos, é a capacidade de adaptar-se às mudanças no ambiente. O princípio vale também para o jornalismo, afinal todo jornal é um organismo vivo. A evolução do GLOBO ao longo dos últimos cem anos reflete uma capacidade singular de se adaptar, na forma e no conteúdo, a um Brasil e a um mundo que jamais pararam de se transformar. Nas palavras de João Roberto Marinho, José Roberto Marinho e Roberto Irineu Marinho no artigo que assinam nesta edição: "O jornalismo que fazemos hoje não é o mesmo de 1925, nem poderia ser. O mundo mudou, o Brasil mudou, os leitores mudaram. Mas os valores essenciais permanecem: a busca incessante pela verdade, o compromisso com a pluralidade, a coragem de dizer o que precisa ser dito".



HELIO GUROVITZ
é editor de Opinião do GLOBO

ALBERTO PIZZOLI / AFP





REPRODUÇÃO/TV

Virou Meme. Irmãs Marizele e Marisa cantam e dançam durante entrevista. O poder da música e da dança para se conectar com jovens de centros de reabilitação

A FÉ QUE MOVE MONTANHAS E ALGORITMOS

Missas pelo Instagram, rituais de terreiro no TikTok e grupos de oração no WhatsApp reúnem milhões na rede

CLAUDIA LAMEGO
Especial para O GLOBO

"Padre, é pecado trocar os amigos pela namorada? Vish, isso é muito paia, não façam isso!" Mestre dos bordões, popular em sua paróquia e carismático com o público, o padre Josileudo Queiroz, radialista há mais de dez anos, aprendeu a usar a linguagem contemporânea das redes sociais para se comunicar melhor com seu 1,8 milhão de seguidores no Instagram. No post mais recente, reproduzido acima, ele lê a pergunta de um internauta e responde de forma bem-humorada. Mas, ressalta:

— Eu sou fresco, como se diz lá no Ceará de quem é engraçado, cômico. Mas, vale frisar que não respondo nada de acordo com a minha opinião, e sim com a palavra de Deus, com o que está escrito na Bíblia, só que de forma simplificada — se diverte Josileudo, que é da Arquidiocese do Ceará e concedeu entrevista antes de um encontro, em São Paulo, com outro líder religioso popular nas redes, o padre Júlio Lancellotti.

Rituais de terreiros no TikTok, missas transmitidas no Instagram, grupos de oração no WhatsApp, aplicativos de meditação e palestras no YouTube são ferramentas que líderes religiosos e influenciadores estão utilizando cada vez mais para se aproximar das pessoas e trazê-las para os seus rebanhos.

Segundo a escritora, podcaster e influencer cristã Fernanda Witwytzky, a fé pressupõe a missão de atrair novos discípulos para Cristo, desde sempre e muito antes de existirem as redes sociais. Arquiteta e urbanista de formação, Fernanda e o marido planejavam ser missionários na Espanha, para onde chegaram a se mudar e trabalhar informalmente para uma igreja Batista, quando um vídeo dela viralizou, em 2019.

— Nós estávamos fazendo tratamento para engravidar. Quando fiquei grávida de gêmeos, compartilhei um vídeo contando e comemorando a graça alcançada. A partir daí, várias pessoas passaram a me seguir, os bebês nasceram, veio a pandemia e não pudemos viajar mais e concretizar os planos na Espanha. Acabei escrevendo um ebook independente falando da experiência da maternidade e hoje tenho oito livros publicados, sempre com a temática cristã — conta Fernanda, que já tem mais de 700 mil seguidores no Instagram e publica seus livros na Thomas Nelson, editora presente no Brasil desde 2006 e especializada em títulos evangélicos, inclusive várias edições da Bíblia, o livro mais vendido no Brasil.



Aposta no coletivo. O padre Josileudo, a influenciadora cristã Fernanda e o babalorixá Vitor reúnem milhões de fiéis nas redes em busca de espiritualidade

Babalorixá de Ogun, publicitário e pai de santo em um terreiro em Belford Roxo, Vitor Cardozo começou a sua carreira nas redes sociais no antigo Twitter e num blog, onde compartilhava os conhecimentos adquiridos em sua graduação em História e pós-graduação em ciências da religião. Seu trabalho na TV Globo o ajudou em sua produção audiovisual para as redes e na maneira de se comunicar com um público maior, através de uma estética atraente, mas plena de significados filosóficos e ensinamentos espirituais:

— O candomblé faz parte da minha vida de forma orgânica, pois tenho avó e mãe iniciadas e fui criado dentro do terreiro. Entendi a importância de ir para a academia e transmitir para o povo preto a origem do racismo, a nossa história de escravização e desumanização.

Com dez mil seguidores no Instagram, ele diz que conta com o auxílio de jovens que frequentam o seu terreiro para produzir vídeos e publicá-los por lá. Utilizar as redes, para Vitor, é também combater o racismo religioso, mostrar a beleza dos ritos, desmistificar a religião de matriz africana para os leigos e ajudar a viabilizar seus projetos sociais.





REPRODUÇÃO / REDES SOCIAIS

FREIRAS VIRALIZAM

A presença no cotidiano das pessoas, com projetos, participação nas igrejas e o corpo a corpo com os fiéis ainda é o objetivo mais importante para esses líderes. Com quase 4 milhões de seguidores em suas redes, a Monja Coen diz, modestamente, que os números não são o mais importante e reforça o contato cotidiano em sua comunidade Zen do Brasil, onde forma discípulos na prática do zen budismo:

— De vez em quando os seguidores se materializam na rua, vêm me cumprimentar. Vão às palestras, aos lançamentos. Mas o dia a dia, a prática da espiritualidade, eu só posso comprovar no contato cotidiano.

Para o padre Josileudo, mestre e doutor em direito canônico pela Pontifícia Universidade Lateranense de Roma, é um objetivo declarado da Igreja Católica utilizar as redes sociais para se aproximar das pessoas e conquistar mais fiéis num mundo em que muitos estão perdendo a fé no coletivo e nas instituições:

— Desde o Concílio Vaticano II, a Igreja vem tentando se comunicar mais com o mundo secular. A presença nas redes sociais não é por acaso. Mas isso não deve levar a vaidades. Estou lá para levar a palavra do Evangelho. Veja o exemplo do Papa Francisco, que se aproximava das pessoas, abraçava, falava e agia também de forma simples e direta.

A criação de uma imagem falsa nas redes também é uma preocupação de Fernanda Witwytzky. A escritora diz que frequenta a sua igreja todos os domingos, participa das atividades, é ativa nos compromissos religiosos e afirma não querer ser exemplo para ninguém:

— Quando as pessoas me pedem conselhos, eu sempre encaminho para os líderes dos locais onde elas residem. A base da fé em Cristo não é a minha realidade individual. Não se deve cair no erro de usar o 'lifestyle' para trazer as pessoas para si e não para Cristo.

O deslumbramento com a fama nas redes não deve se sobrepor à prática da fé, todos concordam. Inclusive as freiras Marizele Isabel Cassiano Rego, de 44 anos, e Marisa Paula de Neves, de 41, integrantes da congregação Copiosa Redenção, que, há cerca de um mês, viralizaram na internet mostrando os seus talentos na dança e no canto. De um programa numa pequena TV católica de Goiânia, as duas foram parar no Fantástico, em jornais brasileiros e estrangeiros e viraram memes. Ao Fantástico, disseram saber que tudo isso é momentâneo. Elas esperam, no entanto, que através dessa fama as pessoas tenham uma experiência com Deus e a sua alegria.

A atriz Whoopi Goldberg, que protagonizou o clássico "Mudança de hábito", viu o vídeo das freiras e afirmou, em seu programa na rede ABC News, que elas são as estrelas do filme na vida real. Com a cobertura midiática, as religiosas atraíram a atenção do New York Times. Ao jornal, as irmãs reafirmaram o poder da música e de danças para se conectarem com as jovens dos centros de reabilitação de sua congregação, dedicada a dependentes químicos. Com certa ironia, a irmã Marizele afirmou: "Por que algo tão simples e espontâneo ganhou uma proporção tão grande? Porque o Espírito Santo quer tocar os corações das pessoas. Mas, além do Espírito Santo, também tem o algoritmo."

PagBank.
Solidez de banco tradicional e rentabilidade 30% acima.

Lista de Ratings em Escala Nacional
Instituições Financeiras da S&P Global Ratings

Instituições Financeiras	Escala Nacional (br)
PagBank	**AAA**
Bradesco	AAA
Santander	AAA
Itaú	AAA
Nubank	AA+
Banco Inter	AA+
Banco C6	A+
Banco Original	BBB



Abra sua conta grátis e invista já

PagBank

Sobre o Rating S&P Global, acesse https://blog.pagbank.uol.com.br/cdbs-rating-braaa/. Abertura de conta sujeita à análise cadastral do PagBank. O CDB (Certificado de Depósito Bancário) é uma aplicação de renda fixa com baixo risco, emitido pelo BancoSeguro S.A., com Garantia FGC (Fundo Garantidor de Créditos) de até R$ 250.000,00 por CPF ou CNPJ. Para mais informações, acesse o site do FGC: www.fgc.org.br. CDB PagBank 130% do CDI: exclusivamente para clientes PagBank, pessoa física ou jurídica, que nunca investiram ou que não investem há mais de 6 meses, limitado à primeira aplicação neste produto financeiro. Para investimento acima de R$ 2.000.000,00, consulte condições. Consulte condições em https://pagbank.com.br/conta-digital/investimentos/cdb.

ENTREVISTA

Monja Coen/ LÍDER BUDISTA

Religiosa diz que zen-budismo trabalha para tornar os seres humanos mais completos, sem discriminações e violências, para que não aceitem abuso nem abusem de ninguém. É isso que se chama despertar da consciência

'AS PESSOAS NÃO SE ESCUTAM MAIS'

CLÁUDIA LAMEGO
Especial para O GLOBO

Monja Coen sempre viveu inspirada pelas artes. Nascida em São Paulo, foi criada numa família progressista, que promovia saraus de piano e poesia, com uma mãe que estudava filosofia com ela no colo. Cláudia Dias Baptista de Souza, seu nome civil, tornou-se uma menina inconformada, questionadora e que saiu de casa muito cedo, em busca de algo que encontrou, anos depois, na prática zen-budista.

No Japão, foi a primeira monja a ocupar o cargo de *shusso* — líder das monjas em treinamento. Também formou-se professora de monjas e monges e se tornou abadessa de um templo budista na volta ao Brasil. Casou-se aos 14 anos, teve uma filha aos 21, mudou-se para Londres, voltou ao país e foi repórter no Jornal da Tarde, em São Paulo. Viveu algum tempo na Flórida, trabalhando em shows de rock, mudou-se novamente para Los Angeles, cidade onde encontrou o budismo e foi ordenada monja.

Com o voto monástico, cortou os laços familiares e se integrou à família de Buda. Hoje, no entanto, é próxima da filha e convive, ainda que pouco, com neta e bisnetas, que moram em Florianópolis. Autora de mais de 20 livros, Monja Coen tem mais de 3 milhões de seguidores nas redes sociais. Tem uma relação próxima com a Arquidiocese de São Paulo, visita terreiros de umbanda, quando é convidada, e diz que não distingue as pessoas pela tradição espiritual. Defende maior participação de mulheres no mundo religioso e afirma que, aos 78 anos recém-completados, continua aprendendo e estudando, principalmente em livros de filosofia.


MICHEL FILHO/3-4-2014

Você veio de uma família de artistas e trabalhou com música. Como essas relações se refletem em sua prática?

Minha mãe era poetisa, minha avó tocava piano clássico. Meu avô tocava violão. Os Mutantes eram meus primos. Continuo gostando muito de música, mas não vou mais a grandes shows, nem tenho muito tempo para ouvir música. Quando ouvia rock'n'roll, só fazia isso. Atualmente, ouço no carro. Quando faço exercícios, a orientadora põe Bruno Mars. Através dela, conheci e gostei da música dele.

E sua família?

O voto monástico implica cortar laços com a família, mas hoje eu almoço com a minha filha uma vez por semana. Sinto que ainda a estou conhecendo. Sou muito ocupada com a comunidade. Já ordenei mais de 30 pessoas monges e tem 300 laicos conectados a mim. Cada vez que se formam aqui, eu tenho que levá-los até o Japão e depois todos eles abrem seus próprios locais.

Como seu trabalho de jornalista lhe ajudou a divulgar o budismo?

Trabalhei com grandes jornalistas, no jornal A Tarde. Essa experiência me ensinou duas coisas: que eu precisava me comunicar, escrevendo ou falando, de forma simples e direta, e que a imprensa e a mídia em geral são importantes. Tenho um grande respeito pela mídia.

Como você lida com seus três milhões de seguidores?

Fiquei 20 anos no Japão. Na volta, pensei: será que alguém vai se interessar pelo que aprendi? A prática do zen, tocar os instrumentos, ficar em silêncio, fazer meditação. Comecei sem expectativa. Aqui no templo, temos umas 200 pessoas. Esses milhões de seguidores, onde estão? Muita gente diz que durante a pandemia passou por sofrimentos muito duros e que ouvir a minha voz as salvou. Eu digo que não sou eu, são os ensinamentos de Buda que aprendi a traduzir de forma simples.

As redes sociais são lugares de críticas e ódio também. Como você lida com isso?

Eu não acompanho. Não se deve dar poder a quem não pode ter. Quem agredir não será respondido. Estou mais preocupada em atender as pessoas, para que não aceitem abuso nem abusem de ninguém. Isso é o despertar da consciência humana.

Nesse ambiente de ódio, como perdoar?

A gente precisa tentar compreender, como dizia Francisco de Assis. No aniversário do 14º Dalai Lama, ele disse que o cerne da religião é o bem. É preciso compreender o outro, saber que ele tem direito de pensar diferente.

Sua mãe estudava, era poetisa. Como essa relação com ela moldou sua visão sobre as mulheres no mundo?

Minha mãe se formou em filosofia. Quando ela queria estudar, me punha no colo e eu lia para ela. Tinha coisas como comunidades de mulheres líderes na China e na África. Era o matriarcado. Passei a questionar o papel das mulheres. Na religião, por exemplo, não há paridade ainda entre homens e mulheres, estamos em transição. Em vários lugares, as mulheres não têm liberdade ainda de ir e vir, de estudar.

Como é sua relação com as outras denominações religiosas?

Participei de encontros inter-religiosos da Arquidiocese de São Paulo o e fiquei muito contente, pois encontrei meus pares das outras tradições. Era o pai de santo, a mãe de santo, o rabino, as freiras e os padres. Somos aqueles que vivem para orientar quem chega. Sempre aprendemos uns com os outros.

O que você acha que é o grande medo das pessoas hoje?

As pessoas não escutam mais a si mesmas. Querem ter distrações. O zen trabalha o contrário disso: tira a distração e descobre quem você é.

É possível chegar a esse estado de equilíbrio sem estar ligado a uma fé, a uma religião?

É sim, através da filosofia, por exemplo. Mas tem que pôr em prática o que você estuda. Religião é a mesma coisa, espiritualidade também. Sigo a budista, penso, faço e ajo de acordo com os ensinamentos de Buda. Posso falhar, posso desviar, espiar outras coisas, mas volto para esse eixo.



A ELIPSE PUBLICIDADE PARABENIZA "O GLOBO" PELOS SEUS 100 ANOS!



Há um século, O Globo é sinônimo de credibilidade, informação de qualidade e compromisso com o Brasil.
A Elipse Publicidade se orgulha em caminhar ao lado de veículos que fazem história e constroem o futuro da comunicação.

Parabenizamos O Globo pelos seus 100 anos de jornalismo sério, independente e transformador.

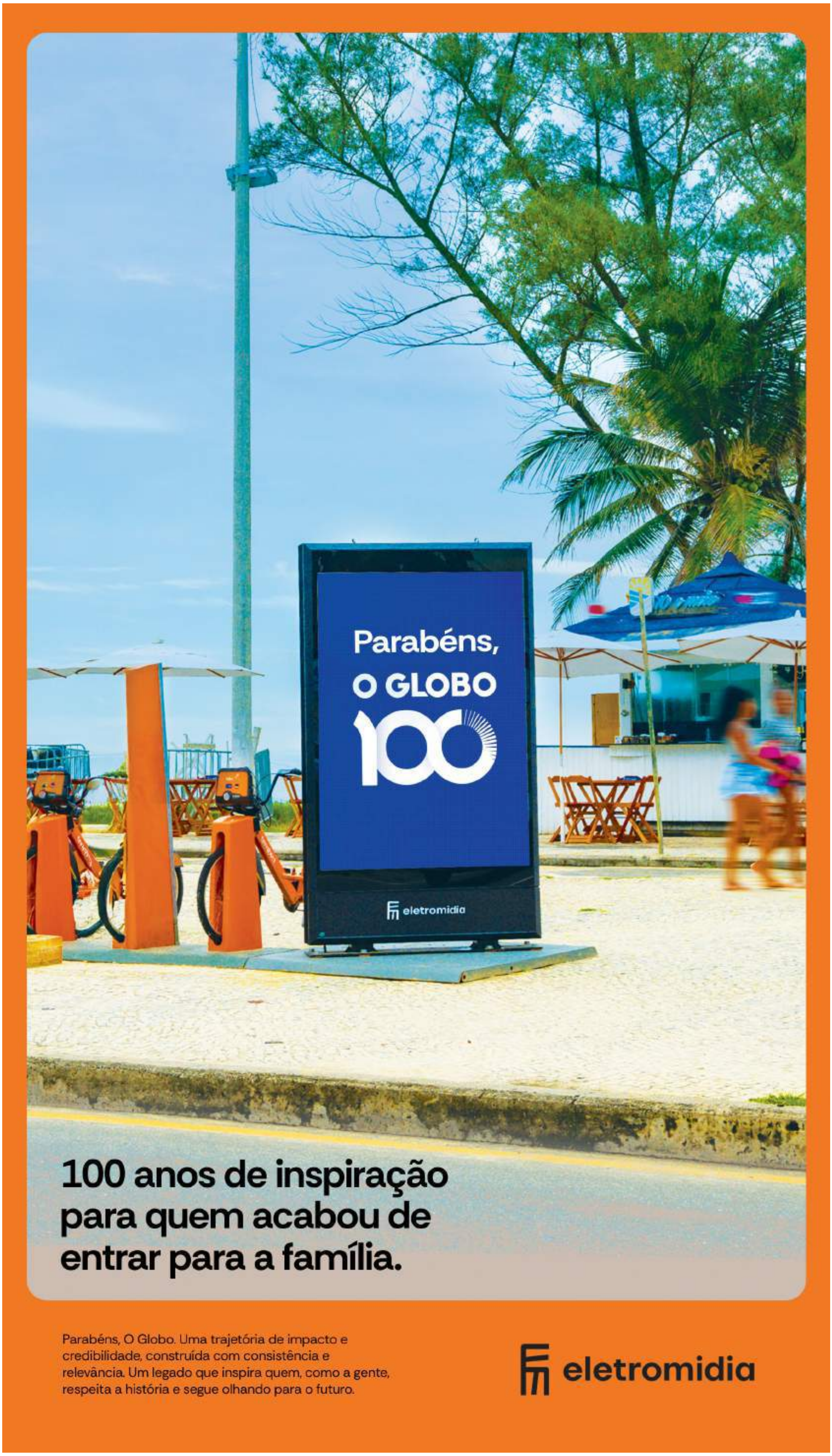
elipse publicidade

Especialistas em Comunicação Financeira e Legal

Conheça:

1ª Agência Certificada pelo Sistema de Qualidade ISO

PRÊMIO - Melhores Empresas em Satisfação do Cliente


Parabéns,
O GLOBO
100
eletromidia
100 anos de inspiração
para quem acabou de
entrar para a família.
Parabéns, O Globo. Uma trajetória de impacto e credibilidade, construída com consistência e relevância. Um legado que inspira quem, como a gente, respeita a história e segue olhando para o futuro.
eletromidia

PAOLO RUFFINI
Especial para O GLOBO

ARTIGO

'Que O GLOBO continue a cultivar a verdade'

Representante do Papa Leão XIV felicita o jornal pelo centenário e reflete sobre a imprensa nos tempos atuais

TIZIANA FABI/AFP/4-6-2025



"Não é uma tarefa fácil". Verdade, mesmo quando alcançada, só pode ser proposta, lembra prefeito do Dicastério para a Comunicação da Santa Sé, representante do papa

Caros amigos do GLOBO, caros jornalistas, caros leitores, os melhores votos pelo seu centenário.

Fazendo-me intérprete também dos sentimentos do Santo Padre Leão XIV, escrevo estas linhas para desejar-lhes estar sempre à altura dos tempos vindouros.

O que vocês celebram neste mês de julho é um marco importante. Poderíamos dizer que é um marco histórico em suas vidas: cem anos.

Eles contam a sua história e a nossa: a de nossos pais e avós. Contam a história de um grande país, sua cultura, a riqueza de sua diversidade. Assim como contam a maior história do mundo, este pequeno, grande globo de terra e água que nos acolhe a todos. E que também respira graças ao pulmão que o Brasil é para todos nós.

Se olharmos para a história do mundo, um século de jornalismo é muito mais do que o simples registro de fatos: é a construção cotidiana de pontes entre tempos, lugares e pessoas, por meio da busca da verdade e da promoção da dignidade humana.

Da mesma forma, pode ser, e também tem sido, uma forma de cavar valas e erguer muros, de teorizar a pós-verdade e de minar a liberdade que se alimenta do conhecimento.

Mas é aqui que se mede a direção de um caminho na História; aqui reside a linha divisória entre uma concepção de jornalismo orientada para o bem e uma que não considera a busca do bem e da verdade como critério do seu trabalho.

Obrigado, então, por quando, em nosso tempo, nesta era em transformação, vocês buscaram servir e compartilhar a verdade. Não é uma tarefa fácil. Porque a verdade — como disse São João Paulo II — mesmo quando alcançada, e isso sempre acontece de forma limitada e aperfeiçoável, nunca pode ser imposta. Só pode ser proposta. Não é uma tarefa fácil, mas essencial para não perdermos a nossa humanidade e a nossa liberdade.

A verdade deve ser buscada, com humildade, com responsabilidade com rigor. Com a coragem de admitir os próprios erros. Com confiança nas mulheres e nos homens de boa vontade. Com a certeza de que cada história pode ter uma perspectiva de bem.

Obrigado, portanto, pelo seu trabalho. E por quando — ao fazê-lo — vocês criaram, com responsabilidade, espaços de diálogo, discussão, encontro, reconhecimento e respeito mútuo para milhões de brasileiros.

Por quando, através do seu jornal, acompanharam o caminho da Igreja Católica em seu testemunho do Reino de Deus, marcado por aquele mistério do já e do ainda não que é a nossa vida.

Em um mundo marcado por divisões, ódio, injustiça e guerra, é importante (não só para nós, mas para todos) que a mídia conte e mantenha viva a substância da nossa fé. Que reside no amor: o amor de Deus por cada da um de nós. E de cada de nós por Deus e pelos outros. Amor que mudou o curso de História.

Aqui também reside a raiz do compromisso social dos católicos com a democracia, a justiça social, a sustentabilidade e o cuidado da nossa Casa Comum.

Estamos em um ponto de virada na História, e vocês são a voz importante de um país importante para o futuro do mundo. A responsabilidade de vocês é grande.

A informação, buscada honestamente e transmitida com responsabilidade, é a semente da justiça, um instrumento de defesa dos mais vulneráveis e um convite permanente à humanização da vida em sociedade.

A sua parte reside justamente nisso. Esta é a única parcialidade que não contradiz o dever de objetividade.

Enquanto a capacidade de olhar além, tendo em mente o caminho percorrido, os avanços e os erros, os fracassos e os altos e baixos, é a chave para interpretar o presente sem permanecermos presos ao passado.

Todos nós nos perguntamos todos os dias o que o futuro nos reserva. Mas as histórias, para sobreviverem ao tempo, precisam ser transmitidas, vistas, ouvidas, contadas.

Num mundo onde a comunicação parece sempre despreocupada em discernir o que é verdadeiro, o que é bom, o que é belo do que não é, onde as redes (como teias de aranha) muitas vezes servem para aprisionar em vez de libertar; é para isso que servem os jornais, como qualquer outro meio de comunicação social: para tecer teias de verdade, para buscar a verdade além das aparências. Para reconhecer a nossa própria história nas histórias dos outros. Passar de uma estrutura que sempre nos separa dos outros para a consciência do que nos une a nós e aos outros; da narrativa unidimensional que separa o corpo da alma para a redescoberta do que une corpo e alma no espírito; de uma perspectiva sem esperança onde o mal parece já ter vencido, para uma visão dinâmica da realidade que restaura o espaço para o bem como protagonista da História.

Ao longo destes cem anos, o seu jornal tornou-se a raiz de uma grande oferta multimídia. Um sinal de que souberam se adaptar aos tempos: rádio TV, web, mídias sociais.

Novos desafios aguardam vocês e nós no campo da comunicação e de sua ética; da renegociação dos algoritmos que regulam as plataformas de mídia social ao desenvolvimento da inteligência artificial, à *media literacy* e ao fact checking, da defesa da liberdade de informar e ser informado ao respeito pela dignidade humana na agenda *setting*; da construção de um jornalismo de paz à definição de novos modelos econômicos para tornar o bom jornalismo um empreendimento sustentável.

Paixão e compaixão são necessárias; amor pela História e pelas histórias; e capacidade de inovar e ser empreendedor.

Que O GLOBO, entrando em seu segundo século de vida, continue a cultivar a verdade como um serviço à construção de um mundo mais justo, sustentável e fraterno.

PAOLO RUFFINI
é Prefeito do Dicastério para a Comunicação da Santa Sé

Parabéns, O Globo.
100 anos de jornalismo que faz história.

Há um século, O Globo informa, investiga e inspira o Brasil.

O **Banco Bmg** celebra esse marco com respeito e admiração.

banco bmg

O GLOBO 100

anos de inovação não são para qualquer um. Em 2026, a gente chega lá.

O GRUPO PUBLICIS, COM SEUS 99 ANOS, PARABENIZA O GRUPO GLOBO PELOS 100 ANOS. E AGRADECE A PARCERIA NA BUSCA PELA INOVAÇÃO DURANTE TANTO TEMPO.

PUBLICIS GROUPE

DPZ Leo lePub Publicis Brasil TALENT arc BRMEDIA PXP

SOCIEDADE EM MOVIMENTO

O FUTURO DA MODA: VESTIR SEM DESPIR O PLANETA

Tingimento com fermentação de bactérias, tecnologia de rastreio da cadeia produtiva, departamentos de 'upcycling' e outras ferramentas da indústria fashion para sobreviver aos próximos 100 anos

MARINA CARUSO
mcaruso@oglobo.com.br



Noventa e dois milhões de toneladas de roupas são descartadas todos os anos no mundo — o equivalente a jogar fora um caminhão de tecidos por segundo. Vilã e vítima de uma engrenagem que produz mais do que o planeta consegue suportar, a moda se tornou não apenas a segunda indústria mais poluente, só perdendo para a do petróleo, mas também uma das mais descartáveis, efêmeras e insustentáveis. O que explica porque, muito mais do que o design futurista dos Jetsons, as vitrines dos próximos 100 anos devem exibir *shapes* responsáveis e sustentáveis.

Criadora do movimento Menos Um Lixo, a ativista e comunicadora ambiental Fê Cortez acredita que, para isso, será necessário repensarmos todo o modelo de negócios.

— Nem com o *upcycling* de toda a indústria daríamos conta de repor a energia, a água e outros recursos gastos com a produção de roupas. Mesmo para desfiar sobras de tecidos e refilá-las precisamos de energia e mão de obra — diz. — A pilha de descarte do Deserto do Atacama não vai diminuir enquanto continuarmos comprando fast-fashion.

Ou seja: quanto mais Zara, C&A, H&M e cia., menos planeta. O problema, segundo a ativista, não é apenas o que a moda produz, mas como e quanto usamos o que compramos.

— A gente veste só um terço do nosso guarda-roupa e usa cada peça, em média, oito vezes, quando poderiam ser 24 — calcula Fê.

Iza Dezon, especialista em comportamento de consumo, vai além:

— O fast-fashion criou um consumidor viciado em novidade e dopado por algoritmos. É urgente devolver às pessoas o senso de autoria, de estilo próprio e permanência. Do contrário, montanhas de tecidos rejeitados continuarão indo parar em aterros sanitários, lixões e incineradores, ainda com etiqueta. Atualmente, apenas 1% de todas as peças descartadas costuma ser reciclado. O restante transforma-se em passivo ambiental, ocupando espaço, contaminando o solo e os oceanos — e revelando o custo real de um guarda-roupa aparentemente "barato".

Mas, afinal, vamos vestir o planeta até que ele esteja "pelado" de recursos? Primeiro estilista brasileiro a integrar o line-up da Paris Fashion Week, o paulista Pedro Andrade acha que não: "Moda e lixo não podem mais andar juntos", declarou, após o desfile, em junho, na capital francesa.

Mais do que roupas, a passarela de sua P.Andrade exibiu uma aula de tecnologia e sustentabilidade, com malhas que permitem rastrear todo o ciclo de vida da peça, do cultivo do algodão ao descarte, e técnicas de tingimento que substituem a química da tinta pelo colorido gerado por bactérias.

"É como dar um CPF para a roupa. Você sabe de onde veio, quem produziu, como foi tingida e, principalmente, para onde vai quando deixa de ser usada", resumiu.

MAIS MODA, MENOS ROUPA

Embaixador da Unesco para Sustentabilidade, Oskar Metsavath, dono da Osklen, foi um dos precursores na utilização de materiais que seriam descartados quando desenvolveu o couro de peixe, em 2009.

— Transformamos a pele do pirarucu, que seria jogada fora, em bolsas, tênis e jaquetas. Além disso, criamos roupas feitas com plástico recolhido dos oceanos, unindo moda e responsabilidade ambiental — diz o empresário, à frente do Instituto-E e da galeria OM.art.

Rara em um setor que prefere esconder suas pegadas, a transparência também será a chave para a transformação da indústria. Se não repensarmos a cadeia fashion como um todo, estaremos apenas reproduzindo um modelo antigo, insustentável e cruel. André Carvalhal, autor de livros sobre moda consciente, destaca que a roupa é a ponta visível de uma cadeia que envolve exploração de trabalho, poluição de rios, uso intensivo de água e emissão de carbono:

— Todo mundo precisa conhecer essa engrenagem e se responsabilizar por ela, como já acontece na indústria de alimentos, por exemplo.

O futuro, acredita ele, depende muito da compreensão de que "mais moda é igual a menos roupa".

— Não estou falando só de comprarmos menos, mas de diversificarmos o consumo. Em vez de roupas, as grifes podem vender cafés, livros, arte — sugere, lembrando que a maior delas, a Chanel, acaba de criar seu braço de upcycling. — A *maison* não está fazendo isso porque é bacana, mas porque, na França, existem políticas públicas severas de responsabilidade social.

Já passa da hora de o Brasil fazer o mesmo.



MARINA CARUSO
é editora-chefe da revista ELA

ARMÁRIO DO FUTURO

SETE PASSOS PARA UM GUARDA-ROUPA COM MENOS IMPACTO PARA O PLANETA

1 Reflita antes de comprar: preciso mesmo disso? Combina com o que já tenho? Vou usar por quanto tempo?

2 Compre de marcas transparentes: prefira as que informem origem, materiais, condições de produção e impacto.

3 Reforme, reuse, recicle: ajustes simples, bordados e tingimentos dão nova vida a peças esquecidas.

4 Troque ou compartilhe com amigas: roupas paradas na sua casa podem ser novidade no guarda-roupa de outra pessoa.

5 Brechó é luxo: peças únicas, mais baratas e com impacto ambiental muito menor.

6 Alugue para ocasiões especiais: eventos pontuais não precisam de compras definitivas. Alugue e devolva.

7 Descarte com consciência: Doar é importante, mas também é essencial saber para onde vai o que você descarta.

Bitcoin:

1.650% do CDI em 2024.

Retorno do BTC em 2024 (179%) em relação ao CDI acumulado de 2024 (10,83%).

O que era aposta virou tese.

Virou o maior retorno da década.

Virou recomendação das maiores gestoras e bancos do mundo.

Virou acerto histórico.

Uma unidade já ultrapassou 120 mil dólares e vale 2,5x mais que todos os ativos do Ibovespa juntos.

Isso é apenas o começo.

Invista em bitcoin com a maior e mais segura plataforma do mercado

12 anos de história, entre as top globais, pioneira em Bitcoin no Brasil.

4,3 milhões de clientes e mais de R$ 5,6 bilhões em ganhos distribuídos.

Operação em português, com suporte local e atendimento especializado.

Ativos dos clientes separados do caixa da empresa e auditoria independente feita pela KPMG.

Maior rodada Série B já realizada na América Latina (USD 250 milhões), case de estudo em Harvard.

Investido por SoftBank, GP Investments, Mercado Livre, Genial, Parallax Ventures, 10T e Tribe Capital.

Conheça mais antes de investir:

mb.com.br/bitcoin

MB Mercado Bitcoin

SOCIEDADE EM MOVIMENTO

GENTE DO GLOBO

Histórias de alguns dos milhares de profissionais que fazem parte da trajetória centenária do jornal



Custodio Coimbra
Repórter fotográfico

"Fiz um curso de fotografia no subúrbio e comecei a vender fotos aos jornais como freelancer no fim dos anos 1970. Passei por redações alternativas e cheguei ao GLOBO em 1989, com quem me casei. Vivi, à época, o boom da fotografia. Marcou muito fazer as primeiras eleições diretas para presidente e logo depois fui para a Itália cobrir a Copa, em 1990. Vieram em seguida os caras-pintadas e o impeachment do Collor. Uma grande reportagem que fiz, já com 60 anos, foi na homenagem a Graciliano Ramos na Flip, em 2013. Eu e André Miranda, ainda repórter, fomos aos interiores de Alagoas e Pernambuco mostrar as cidades de 'Vidas secas', onde ele nasceu, viveu, foi prefeito. E tudo no meio da maior seca. Sigo com vontade de apertar o dedo, porque fotojornalismo não tem IA."



Paulo Thiago de Melo
Jornalista, escritor e antropólogo (1959-2023)

Um adorador da cidade, apóstolo da boa prosa e da boa mesa, colecionador de amizades e apaixonado por investigar os movimentos de identidade da metrópole. Entre seus livros autorais está o "Memória Afetiva de um Botequim Carioca", um perfil de 30 bares de todas as regiões do Rio e que contribuíram com a construção do imaginário carioca da boemia. Assinou também as seis primeiras edições do livro-guia "Rio Botequim". Passou pelas redações de O Dia e Jornal do Brasil, antes de começar no GLOBO, onde ficou por mais de 17 anos, em especial na editoria de Economia. Em todos os lugares, fez amigos à base de muita simpatia, sensibilidade e inteligência. Foi também pesquisador do Laboratório de Etnografia Metropolitana do Rio de Janeiro, da UFRJ.



Luiz Carlos Cascon
Chefe de reportagem (até 2015)

"Foram mais de 30 anos no GLOBO, em duas fases. Nos anos 1980, como repórter, e depois, de 1990 a 2015, na chefia de reportagem. Em 1984, a redação do jornal era raiz, com máquinas de escrever, laudas, papel carbono... Como repórter, tive a oportunidade de testemunhar e escrever histórias emocionantes. Numa ocasião, em 1988, fui refém de um bandido, experiência impossível de esquecer. Como chefe de reportagem, participei da coordenação de grandes acontecimentos — de tragédias a megaeventos passando pelas mais diversas áreas. O mundo mudou. Mas os grandes veículos de comunicação, impressos ou digitais, vão permanecer. O tratamento sério e profissional dos fatos é a garantia da sobrevivência do Estado democrático de Direito."



Arminda Mello de Oliveira Barone
Executiva de contas

"Minha relação com O GLOBO começou em 1991, antes de eu me tornar funcionária. Vinha praticamente todos os dias ao prédio antigo — e inesquecível — da Rua Marquês de Pombal, entregar os fotolitos para serem processados e publicados como anúncios na edição seguinte. Chegava geralmente no fim da tarde ou início da noite, sempre correndo antes de o tráfego fechar. Quando vim trabalhar aqui, passei a colecionar memórias preciosas, como as missas em agradecimento aos lançamentos de projetos importantes, entre eles a inauguração do Parque Gráfico e o novo prédio, no qual trabalhamos atualmente. Muito emoção em poder fazer parte dessa equipe e poder compartilhar todo esse universo."



Herbert Moses
Jornalista e administrador (1884-1972)

Parceiro de Irineu Marinho na fundação de A Noite e do GLOBO, foi figura fundamental no desenvolvimento do jornalismo no Brasil. Presidiu, entre 1931 e 1965, a Associação Brasileira de Imprensa, confirmando a dedicação inegociável à defesa da liberdade de expressão e ao enfrentamento a todo tipo de arbítrio. Moses esteve entre os signatários do manifesto contrário à extradição de vários jornalistas, como Júlio de Mesquita Filho e Austregésilo de Athayde, durante a ditadura de Getúlio Vargas (1930-1945). Diretor-tesoureiro do GLOBO, recebeu, em 1957, o prêmio Maria Moors Cabot, concedido pela Universidade de Colúmbia, dos EUA, a jornalistas latino-americanos que se destacam na luta em defesa da liberdade.



Sandra Cohen
Correspondente e editora de Mundo (até 2017)

"No meu primeiro dia como estagiária no GLOBO, recebi conselho de um veterano jornalista: 'Aqui ninguém se trata por senhor'. Era outubro de 1982, eu tinha 22 anos e fiquei por mais 35, repassando esse conselho e aprendendo muito naquele ambiente informal e barulhento, como repórter da editoria Rio, coordenadora de Educação, correspondente em Portugal e editora dos Jornais de Bairro e de Mundo. O imponderável se impunha embaralhando o que estava organizado, com a adrenalina como combustível para as grandes coberturas. E não esqueço certa manhã, quando me deparei, emocionada, com Xanana Gusmão — que havia acompanhado anos antes, de Lisboa, como guerrilheiro e preso político de Timor Leste — visitando a Redação como primeiro presidente eleito do país."



Hélio Chaves
Analista de suporte PI

"Minha trajetória no GLOBO tem início em 1983, como office-boy na sucursal de Brasília, então comandada por José Carlos de Andrade. Época das máquinas de escrever. Imaginem, jovens, a barulheira quando repórteres retornavam da rua para redigirem suas apurações em laudas, levadas por mim ao setor de telex, onde eram digitadas e enviadas ao Rio. Uma noite, perto de 20h, a barulheira foi interrompida por um silêncio ensurdecedor. Na porta, estavam Roberto Marinho, Evandro Carlos de Andrade e Henrique Caban. Após breve pausa,o patrão, já no meio da sala, quebrou o transe: 'Que Redação silenciosa é essa? Vamos trabalhar, que nosso jornal deve estar bem cedo nas bancas'. Em seguida, sorriu, deu boa noite e foi esperar no 'aquário' mais um dia terminar."



Ancelmo Gois
Colunista

"Comecei no jornalismo no Rio, como freelancer em revistas técnicas da Editora Abril. Passei por Exame, Veja e em 1986 comecei com minhas notas no Informe JB, no Jornal do Brasil. Voltei para a Veja seis anos depois e em 2001 me transferi para O GLOBO, com a missão de suceder Ricardo Boechat, que até ali fora o titular da principal coluna de notas do jornal. Acredite: é muito mais difícil contar uma história em três linhas do que em dez — por isso considero Zózimo o brasileiro que melhor conseguiu se expressar. Dei muitas notas importantes, como a da revelação que a Petrobras tinha achado petróleo na camada do pré-sal, mas sempre me emocionei com as histórias anônimas, de brasileiros simples que fazem coisas maravilhosas e inspiradoras."



Arthur Dapieve
Editor e colunista (até 2018)

"Minha ligação mais duradoura e enriquecedora com o jornal foi a coluna no Segundo Caderno, publicada primeiro aos sábados, depois às sextas. Na redação, editei o caderno RioShow, o próprio Segundo Caderno, os artigos de Opinião, a editoria de Política e o GLOBO 2000, retrospectiva do século XX em fascículos. Mas foi durante os 25 anos em que a coluna existiu — um quarto da história do jornal! — que pude, como gosto de dizer, "trocar figurinhas" com leitoras e leitores. Era como se eu dissesse: "Escutei este disco/ li este livro/ vi este filme/ pensei isto aqui, o que você tem para retribuir?" Uma dica rendia outra. No processo, acompanhei a cultura brasileira e internacional junto com pessoas formidáveis. Algumas são minhas amigas até hoje."



Claudio Prudente
Chefe da diagramação (até 2015)

"Vivi no GLOBO 23 dos mais desafiadores anos de minha vida. Cheguei em 1992 para participar da inovação de um novo projeto gráfico, instigante, disruptivo. Junto se deu a troca de sistema, radical, quando o jornal começou a finalizar suas páginas na própria Redação. As mudanças continuaram. Inovação tecnológica é uma marca da empresa. Pude ver e acompanhar, a cada primeira página que desenhei, as mais variadas emoções, seus impactos, com alegrias e tristezas. Sempre ao lado das melhores cabeças, suas finas piadas, críticas precisas. Guardo a melhor memória dos muitos dias que aqui participei. Jornais em papel podem um dia deixar de existir, mas cada vez é mais necessário termos quem apure as notícias e tenha credibilidade."

Heineken®
A cerveja mais amada do Rio de Janeiro*.

APRECIE COM MODERAÇÃO

*Segundo o Instituto Kantar, de janeiro de 2024 a dezembro de 2024.

Heineken®
For a Fresher World

ASSAÍ
ATACADISTA

Juntos, celebrando histórias.

Ao longo desses 50 anos de trajetória, valorizamos a prosperidade e o crescimento dos nossos clientes, colaboradores e parceiros.
Hoje, comemoramos junto ao **O Globo** os seus 100 anos de história! Que venham muito mais conquistas.

Assaí. A marca mais valiosa do varejo alimentar.

InfoMoney + TM20 | **Brand Finance** | **Interbrand**

Informações disponíveis em: www.assai.com.br/premios-e-reconhecimentos, atualizadas em 2025.





CUSTODIO COIMBRA/23-5-2019

UM SÉCULO DE HISTÓRIAS

São 100 anos contando o Brasil e o mundo. Em palavras, imagens, manchetes, capas memoráveis e histórias que resistem ao tempo. A trajetória do GLOBO é recheada de momentos marcantes, do cinema à música, do carnaval ao futebol, que ajudam a compreender o país.

UM SÉCULO DE HISTÓRIAS

UMA TABELINHA CENTENÁRIA ATÉ O GOL

Do Maracanã ao milésimo tento de Pelé, da máquina de escrever ao *scroll* do celular: como o futebol ajudou a contar a história de um jornal — e como o jornal ajudou a contá-la de volta, desde cinco anos antes da primeira Copa

THALES MACHADO
thales.machado@oglobo.com.br

Quando o Brasil ainda aprendia a chutar bola e a virar página, nasceu O GLOBO, em 1925. O futebol era um jogo de rapazes elegantes, jogado com chuteiras de couro cru, e o jornalismo era, como ele, uma promessa: um campo aberto onde a bola e a notícia ainda corriam soltas, sem sabermos muito bem para onde iam. Na redação do novo jornal, escolheram o nome numa enquete com os leitores — e foi "O GLOBO" que venceu, como se desde o início já pairasse no ar a ideia de algo redondo, giratório, em movimento constante. Como uma bola. Como o próprio mundo.

E o que é a História senão isso: uma bola que quica torta, muda de rumo, desafia a lógica dos comentaristas do futuro? Em 1925, ninguém imaginava que o futebol viraria religião nacional, nem que O GLOBO se tornaria o principal escriba dos seus momentos mais marcantes — aquele que, por décadas, acompanharia o vai e volta da bola, narrando não só os gols, mas as mudanças do esporte e do país. A bola e O GLOBO, desde então, foram se entrelaçando: uma rolando nos campos, outro girando nas rotativas. E o resultado disso é uma história de cem anos em que o futebol nunca esteve só na página de Esportes, mas espalhado por todo o jornal, como um bom drible que escapa da marcação e aparece onde menos se espera.

Feito um Garrincha que, por linhas ou pernas tortas, aparece na cara do gol, o futebol também deixou suas marcas nas páginas de política, urbanismo e até engenharia — e, muitas vezes, foi O GLOBO quem cruzou a bola. A construção do Maracanã, por exemplo, nasceu de uma campanha fervorosa comandada não por um engenheiro ou político, mas por um jornalista: Mário Filho, então editor de Esportes do jornal. Enquanto se discutia se o estádio deveria ser em Jacarepaguá, Mário matou no peito, escolheu o bairro do Maracanã e começou uma sequência de textos e manchetes que transformaram opinião em pressão. Mobilizou leitores, clubes, torcedores e colunistas como quem comanda uma torcida organizada de ideias. E venceu. O estádio foi erguido onde ele queria, e, décadas depois, seu nome batizou o próprio templo.

A cobertura da obra foi feita quase como a de uma final: o avanço das arquibancadas virava notícia, os operários eram tratados como craques, e cada novo anel de concreto parecia mais uma volta da bola no campo do imaginário nacional. Quando a Copa do Mundo de 1950 finalmente chegou, O GLOBO já narrava aquele estádio como um personagem, um colosso que respirava junto com a cidade. A derrota para o Uruguai na final foi um baque não só para a seleção brasileira, mas também para o jornal, que desde antes da inauguração havia apostado que ali se escreveriam as maiores epopeias do futebol nacional. E estavam certos, mesmo com o tropeço inaugural.

Mário Filho foi mais que arquiteto de estádios imaginários, foi o inventor de um certo jeito de escrever sobre futebol que ainda se lê nestas páginas. Criou estilo, ritmo, linguagem. Popularizou expressões que ninguém mais largou, como "Clássico das multidões" e, principalmente, "Fla-Flu", que primeiro apareceu no jornal como hipérbole bem-humorada e logo virou vocabulário informal da língua portuguesa. Era mais do que um jogo: era um verbete em construção. A maneira como O GLOBO falava de futebol transformou o que era só um placar em patrimônio cultural. E é por isso que, até hoje, há quem leia o jornal de trás pra frente, só para começar pela parte que "mais importa", ou que mais emociona, para não magoar os colegas de outras editorias. Como quem entra no estádio pela geral para depois encontrar seu lugar na arquibancada.

ACERVO



História. Mário Filho observa Domingos da Guia condecorado no Maracanã, em 1947: jornalista do GLOBO batiza o estádio (ao lado, na final da Copa de 2014)

REPRODUÇÃO


BNH muda já condições para novos contratos

O GLOBO

Frei põe Chile sob sítio devido ameaça de golpe

A LUA

O GOL

MORTE E DESTRUIÇÃO: SÃO PAULO É UM RIO

Cardeal Rossi visitou o Presidente

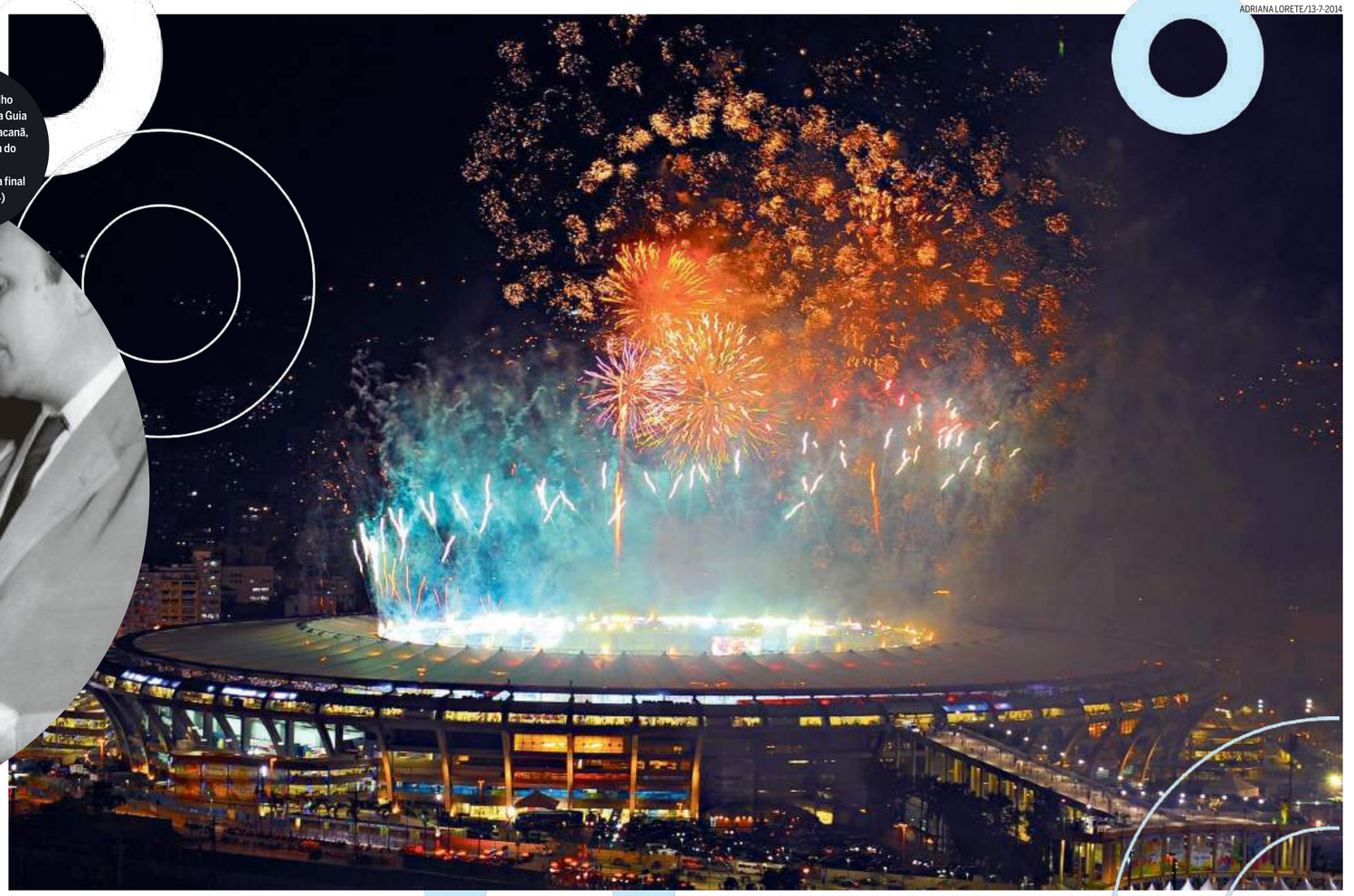
Vaticano terá loja em Londres

NESTOR LEITE/1949



Gigante. Operários trabalham na construção do Maracanã, em 1949: Mário Filho fez campanha pela localização próxima do Centro, e não na Zona Oeste, como se pensava

ADRIANA LORETE/13-7-2014



E foi da tribuna, muitas vezes sem enxergar bem o campo, como ele mesmo confessara, que Nelson Rodrigues, irmão de Mário Filho e vencedor da fervente disputa de mais icônico colunista de Esportes da história do GLOBO, escreveu algumas das mais belas páginas do futebol brasileiro. Em "A sombra das chuteiras imortais", título de romance e de sua coluna ao mesmo tempo, o futebol virava pretexto para falar da alma, da pátria, da tragédia e da comédia humanas, tudo com chuteiras, calções e suor. Ter Nelson como cronista esportivo era como escalar um Machado de Assis para comentar o Brasileirão: ele dava ao jogo uma solenidade mítica e, ao mesmo tempo, um olhar de esquina. Transformava o 2 a 1 numa catarse shakespeariana. Foi ele quem nos ensinou que, no futebol, não há apenas centroavantes e zagueiros. Há canalhas, virgens, profetas e traidores. E que, por trás de cada gol, havia sempre um capítulo da psicanálise nacional.

Se Nelson dava drama, Otélo Caçador equilibrava com o riso. Por mais de 30 anos, suas charges e notas pontuavam a cobertura esportiva com pitadas de sarcasmo e ternura — driblando a sisudez e ajudando a eternizar personagens que o texto, sozinho, não daria conta. O GLOBO foi também o único jornal do país, talvez do mundo, que teve como colunista um técnico da Seleção Brasileira em pleno cargo: João Saldanha, na campanha para a Copa de 1970, escrevia como se hoje Carlo Ancelotti publicasse todo domingo no caderno de Esportes. Mas em vez de mandar por e-mail, como Carlos Eduardo Mansur ou Marcelo Barreto, colunistas dos tempos digitais, fazem hoje, Saldanha batia ponto na redação, de cigarro em riste e verve afiada. Era o centroavante da notícia: escrevia enquanto todos esperavam, em volta, querendo saber se Pelé estava bem, se Tostão ia se operar, quem seria convocado. Só não escreveu durante a Copa porque foi demitido antes, por não aceitar interferência da ditadura na escalação do time.

E falando em Copa, se ela é o ponto mais alto da história do futebol, o jornal, agora centenário, pode se orgulhar de ter estado lá desde antes do apito inicial. O GLOBO nasceu cinco anos antes da primeira edição do torneio, realizada em 1930, e é o único carioca com relatos em suas páginas de todos os Mundiais, da poeira de Montevidéu à modernidade de Doha em 2022. Mais que espectador, foi cronista oficial do evento: desde 1950, quando o Mundial enfim aterrissou no Brasil, sempre teve pelo menos um repórter no olho do furacão, ou melhor, nos estádios. Da Suíça em 1954 ao Catar, passando por Copas heroicas, traumáticas, tropicais e geladas, o jornal levou ao estrangeiro equipes que variaram de três a mais de 20 profissionais. Cada grupo era uma espécie de seleção alternativa: repórteres, fotógrafos, editores e colunistas que, em vez de chuteiras, carregavam máquinas de escrever, blocos de anotações e lentes que enxergavam o detalhe antes do replay.

É que O GLOBO nunca se limitou a apenas narrar os grandes momentos. Muitas vezes, fez parte deles. Foi o caso do gol 1.000 de Pelé, em 1969, quando o jornal, pela figura de Ricardo Serran — outro histórico editor de Esportes e um dos maiores incentivadores da modernização da cobertura esportiva — se envolveu diretamente no gesto que selou a consagração. Foi Serran quem articulou, junto à Fifa e à Confederação Brasileira de Desportos (CBD), a entrega simbólica de um diploma ao Rei do Futebol no momento exato em que ele atingisse a marca histórica. O documento foi traduzido e adaptado pelo próprio editor, levado ao campo por um representante da entidade e entregue logo após a cobrança do pênalti que transformou Pelé em lenda. Tudo isso no Maracanã, o estádio que aquelas páginas ajudaram a construir. O jornal, nesse lance, não foi só manchete: foi assistência.

Se Pelé, que começou como mais um menino entre tantos, chegou ao seu milésimo gol, porque não imaginar que um jornal, que também fora um entre vários, mas acaba de completar seu centésimo ano, também possa ir além do que parece possível? Afinal, tantos jogadores não chegam nem aos cem. Pelé chegou. O GLOBO também. Talvez, daqui a muitos e muitos campeonatos, alguém abra uma cápsula de dados e encontre um relato sobre um Fla-Flu de 2472 no Mário Filho, ou o obituário do craque que finalmente quebrou o recorde de gols do Rei e foi diplomado por algum editor. Seja lá qual for o futuro, que ele continue girando como a bola — e que estejamos lá, em forma de jornal, pronto para contar onde, afinal, ela foi parar.



THALES MACHADO
é editor de Esportes do GLOBO

Uma cobertura além da bola

Apesar de o futebol ser a maior paixão esportiva do GLOBO, o jornal entendeu que o esporte brasileiro tem múltiplas pistas, piscinas e quadras. E cobriu todas elas com entusiasmo e bastante espaço nas páginas ao longo de cem anos. A estreia olímpica da cobertura do GLOBO foi em Amsterdã, em 1928. Em 1936, o jornal imprimiu um marco histórico: a imagem da nadadora Piedade Coutinho, na final dos 400m, foi enviada em telefoto e virou a primeira do tipo publicada por um jornal brasileiro. Poucas modalidades tiveram tanto espaço quanto o turfe. Por décadas, O GLOBO dedicou uma página às corridas no prado da Gávea. A paixão de Roberto Marinho pelo hipismo — o jornalista dá nome a um dos principais grandes prêmios do esporte no Brasil — também se refletiu na cobertura esportiva.

O jornal sempre buscou equilibrar o rigor da informação com a emoção na cobertura dos triunfos e tragédias que marcaram o esporte brasileiro ao longo de 100 anos. Como as conquistas olímpicas, de Adhemar Ferreira da Silva a Rebeca Andrade, e a morte de Ayrton Senna em 1994. O mesmo valeu para o destaque de esportes coletivos, como no caso do vôlei, e o brilho individual de personagens como Gustavo Kuerten. No tênis, aliás, o Rio Open é presença obrigatória no calendário esportivo do GLOBO. Na Rio-2016, a cobertura se multiplicou em reportagens multimídia e cadernos que ganharam prêmios de design.



ORLANDO BRITO / 17-4-1977



JULIO CESAR GUIMARÃES / 24-3-1991

Nas pistas. Hipismo com Roberto Marinho e Senna ergue primeira taça

NOSSA HISTÓRIA

Trabalho fraterno

Os irmãos Roberto, Ricardo e Rogério trabalharam lado a lado, ao longo de décadas, na condução do jornal fundado pelo pai

CHRISTIANE DE ASSIS PACHECO
Especial para O GLOBO

Quando Irineu Marinho morreu, em 21 de agosto de 1925, poucos dias após fundar o jornal O GLOBO, deixou mulher, Francisca Marinho, e cinco filhos. Roberto, então com 20 anos, já trabalhava com o pai desde os tempos do jornal A Noite. Ricardo, com 16, e Rogério, com 6, só mais tarde se uniriam ao irmão no desafio de levar adiante o jornal criado pelo pai. As filhas Heloísa, nascida em 1907, e Hilda, de 1914, seguiriam o roteiro imposto à maioria das mulheres da época e não participaram ativamente do empreendimento familiar.

Ambos formados em Direito, numa época em que não existiam faculdades de Jornalismo no país, Ricardo e Rogério trabalharam, durante toda a vida, na Redação do GLOBO, em estreita parceria com Roberto Marinho. Ricardo chegou ao jornal em 1933, aos 24 anos, dois após o irmão mais velho assumir o cargo de diretor-redator-chefe. Rogério ingressou na redação em 1938, aos 19.

Ricardo começou como repórter, responsável por cobrir a Câmara Federal e o Itamaraty. Após um período nos EUA, entre 1944 e 1945, para um curso de aperfeiçoamento em Jornalismo na Universidade do Missouri, trouxe na bagagem novas técnicas de redação. Aos poucos, implementaria no GLOBO a função do copidesque, que deu mais clareza, concisão e qualidade aos textos jornalísticos. Apaixonado pela literatura inglesa, com sólida formação cultural e amigo de intelectuais e escritores, Ricardo esteve à frente das pautas de cultura do GLOBO e logo assumiu o cargo de diretor-secretário. Morreu em 11 de fevereiro de 1991, aos 81 anos.

Rogério também começou como repórter, mas na seção de Esportes, ao lado de Mário Filho. Em 1938, participou da criação do Bonequinho, que ilustra as críticas de cinema. Foi a partir de uma ideia sua que o chargista Luís Sá desenhou a primeira versão do famoso personagem, atualizado na década de 1970 pelo ilustrador Marcelo Monteiro. A partir dos anos 1940, Rogério atuaria também como redator e copidesque.

Em 1944, durante a Segunda Guerra Mundial, Rogério idealizou e dirigiu, com o jornalista Pedro Motta Lima, o suplemento O GLOBO Expedicionário, que levava para os soldados brasileiros na Itália as notícias do país e de seus familiares e amigos. Em 1952, tornou-se diretor-substituto, passando mais tarde a vice-presidente, cargo que ocupou até morrer, aos 92 anos, em 25 de julho de 2011.

Rogério foi ainda um dos principais artífices da modernização da redação do jornal, em meados dos anos 1950. Numa época em que jornalismo não era considerado profissão, ele foi buscar na universidade os primeiros estagiários, recrutando estudantes principalmente nos cursos de Direito.

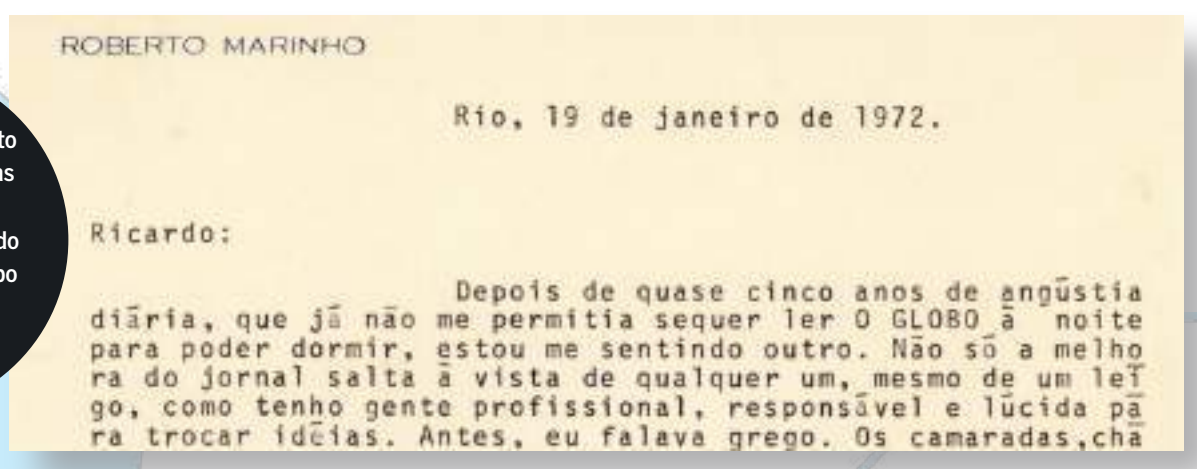
Ao longo de mais de sete décadas, Roberto Marinho — ao lado dos seus irmãos Ricardo e Rogério — decidiu sobre aspectos administrativos e editoriais do GLOBO, discutiu planos e problemas e confidenciou suas inquietações. Como mostra a correspondência entre os irmãos, hoje sob a guarda do Acervo Roberto Marinho, os três acompanhavam de perto o dia a dia do jornal. Nas cartas, trocadas com mais frequência quando algum deles estava em viagem, são recorrentes assuntos como os "furos" da concorrência, que nem sempre conseguiam evitar; o trabalho cotidiano dos jornalistas; as escolhas para a primeira página; o uso de fotografias; os números das tiragens; e os problemas com funcionários.

CHRISTIANE DE ASSIS PACHECO
é historiadora e supervisora executiva do Acervo Roberto Marinho



Parceria estreita. Ricardo, Rogério e Roberto Marinho na Redação do jornal O GLOBO em 1958: da reportagem à gestão, irmãos atuaram em todas as frentes do jornal

FOTOS DO ACERVO ROBERTO MARINHO



ROBERTO MARINHO

Rio, 19 de janeiro de 1972.

Ricardo:

Depois de quase cinco anos de angústia diária, que já não me permitia sequer ler O GLOBO à noite para poder dormir, estou me sentindo outro. Não só a melhora do jornal salta à vista de qualquer um, mesmo de um leigo, como tenho gente profissional, responsável e lúcida para trocar idéias. Antes, eu falava grego. Os camaradas,cha

Perfeccionismo. Roberto desabafa com Ricardo as preocupações com a qualidade do conteúdo do GLOBO, ao mesmo tempo em que reconhece as melhorias do jornal



EMPRESA JORNALISTICA BRASILEIRA S. A. 1955

O GLOBO

Tel.: 22-2000 End. Teleg.: GLOBOJORNAL C. P.: 1090

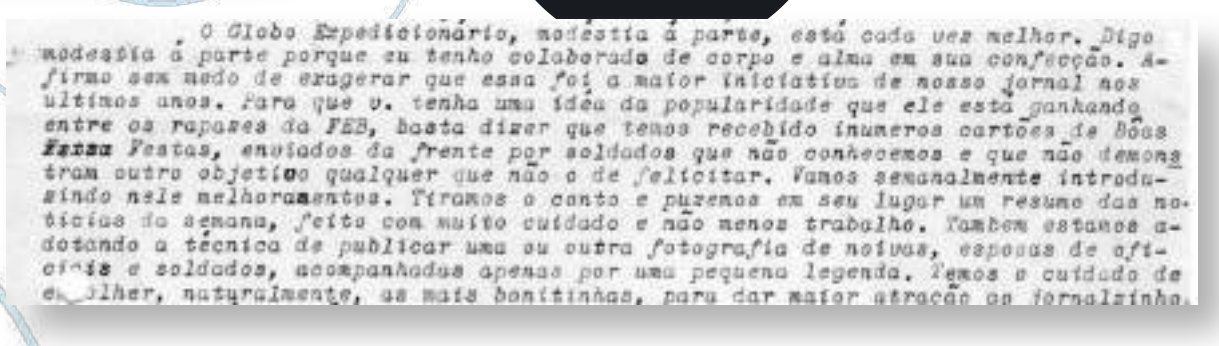
Caro Roberto:

Peço-lhe resposta telegrafica do que lhe vou perguntar. O assunto poderia ficar para seu regresso não fora eu ter sabido de intenções identicas da Ultima Hora. Ha tempos, tinhamos tido ideia de proporcionar a alunos da Escola de Jornalismo da Universidade Catolica estagios mensais - ou trimensais - em nossa redação. Sem disso darmos a entender, de inicio, poderiamos eventualmente proporcionar trabalho áqueles que se mostrassem excepcionais para o jornalismo. Seria maneira pratica e pouco onerosa de começarmos uma real renovação de valores. O estagio não nos custaria nada, e até poderiamos aproveitar a colaboração dos estagiarios. Alem do mais, isso seria de grande efeito de promoção do jornal e atitude simpatica nos meios universitarios.

Abraços do R

Rogerio

De olho na juventude. Carta de Rogério sugerindo a Roberto Marinho que a redação começasse a receber estudantes de Jornalismo



O Globo Expedicionário, modestia á parte, está cada vez melhor. Digo modestia á parte porque eu tenho colaborado de corpo e alma em sua confecção. Afirmo sem medo de exagerar que essa foi a maior iniciativa de nosso jornal nos ultimos anos. Para que v. tenha uma idéa da popularidade que ele está ganhando entre os rapazes da FEB, basta dizer que temos recebido inumeros cartões de Bôas Festas, enviados da frente por soldados que não conhecemos e que não demonstram outro objetivo qualquer que não o de felicitar. Vamos semanalmente introduzindo nele melhoramentos. Tiramos o canto e pusemos em seu lugar um resumo das noticias da semana, feito com muito cuidado e não menos trabalho. Tambem estamos adotando a técnica de publicar uma ou outra fotografia de noivas, esposas de oficiais e soldados, acompanhadas apenas por uma pequena legenda. Temos o cuidado de escolher, naturalmente, as mais bonitinhas, para dar maior atração ao jornalzinho.

"Cada vez melhor". Rogério conta do entusiasmo com O GLOBO Expedicionário, suplemento voltado para os pracinhas da FEB, que dirigiu na II Guerra

Coordenação: André Miranda. **Editora:** Mànya Millen. **Editores assistentes:** Gustavo Alves e Pedro Tinoco. **Redatores**: Aydano André Motta, Bernardo Araujo, Carolina Morand, Lucila de Beaurepaire e Lucila Soares.
Direção de arte: Alvim. **Projeto gráfico:** Alvim e Télio Navega. **Diagramação:** Ana Scott, Gustavo Amaral e Télio Navega. **Coordenação fotográfica:** Paulo Moreira.
Infografia e arte: Renata Amoedo, Renato Carvalho, Vinicius Machado e William Mur. **Pesquisa:** Luciana Barbio Medeiros e Paulo Luiz Carneiro.

O FUTURO ACONTECE COM O BNDES

**O BNDES valoriza o passado,
investe no presente e constrói o amanhã.**

Há 73 anos, o BNDES investe no desenvolvimento do Brasil
financiando obras e projetos que ajudam a transformar o país.
Nos últimos anos, intensificamos o apoio à inclusão social,
à transição energética e à conservação da biodiversidade.
Esse caminho tem feito o BNDES subir diversas posições no ranking
das marcas mais valiosas do Brasil, segundo a Brand Finance.
É crescimento que chega a todos, do grande ao pequeno,
do Norte ao Sul do país.

futuroacontece.bndes.gov.br

BNDES

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO



SOM LIVRE: AS TRILHAS SONORAS DE MUITAS VIDAS

Criada originalmente para lançar as músicas das novelas, gravadora de nomes como Djavan e Rita Lee é um capítulo vitorioso na história da MPB

BERNARDO ARAUJO
Especial para O GLOBO

Num mundo em que milhões de músicas estão disponíveis no streaming, ao alcance de um clique, pode ser difícil imaginar, mas houve um tempo em que lançar discos era caro, às vezes até financeiramente inviável — principalmente se envolvesse artistas estrangeiros. Até os anos 1980, as principais novidades da música internacional chegavam ao Brasil (se não fossem regravadas por artistas nacionais, muitas vezes "disfarçados" com nomes gringos) pelas trilhas sonoras de novelas.

Inaugurada em 1965 e tendo nos folhetins um de seus carros-chefe, a TV Globo logo percebeu que poderia abraçar o lado fonográfico: em 1969 era fundada a Som Livre, pilotada por João Araújo, que mais tarde seria mais conhecido como o pai do cantor Cazuza.

Aos 14 anos, em 1949, João começou a trabalhar como divulgador na Copacabana Discos, e aí nascia uma das mais lendárias carreiras da indústria fonográfica brasileira. Entre gravações e lançamentos, ele esteve no ramo até o fim da vida — só de Som Livre, foram 38 anos.

— Conheci Gilberto Gil quando ele trabalhava numa multinacional, a Gessy Lever, e vivia de terno com uma pastinha embaixo do braço — lembrou João em entrevista ao GLOBO.

Logo as trilhas de novelas como "Estúpido cupido" (1976) e "Sol de verão" (1982) começaram a entrar nas listas de discos mais vendidos do Brasil. Esse sucesso dava duas vantagens importantes à Som Livre: o convívio com artistas diversos, de gravadoras diferentes (os escritórios e estúdios da companhia, em Botafogo, eram frequentados por todos) e uma tranquilidade financeira que permitia investir no desenvolvimento artístico.

DIVULGAÇÃO



ALCYR CAVALCANTI/28-8-1984



Gravando! Estúdio da Som Livre em Botafogo e João Araújo, presidente da companhia: sucesso com as novelas e contratos estelares

—A maior história da construção de uma carreira na música brasileira é a do Djavan na Som Livre — diz Hugo Sukman, autor do livro "Som Livre: uma biografia do ouvido brasileiro", sobre a gravadora. —Depois de um ano no Rio, Djavan não tinha decolado como cantor e estava pensando em voltar para Maceió. João Araújo, que tinha ouvido e gostado dele, arrumou um emprego para o artista na Boate 706, do pianista Osmar Milito, e começou a usar suas voz nas trilhas de novelas.

Mais conhecido, o alagoano teve uma música inscrita no festival Abertura, da TV Globo, em 1975, e ficou em segundo lugar com "Fato consumado", que se tornaria um de seus clássicos.

— Depois de todo esse aprendizado, ele, que já tinha gravado composições de outros autores da MPB, estava pronto para estrear em disco — conta Sukman. — João Araújo chamou nomes consagrados para o trabalho, omo o produtor Aloysio de Oliveira e músicos da banda de Elis Regina como o baixista Luisão Maia e o guitarrista Hélio Delmiro.

O resultado é "A voz, o violão, a música de Djavan", de 1976, disco que reúne composições como "Flor de lis", "Muito obrigado", "Ventos do Norte" e outras, além de "Fato consumado".

Já a história do Barão Vermelho com a Som Livre é clássica: Cazuza, filho do presidente — e estagiário da casa, levado pelo pai em busca de um emprego para o menino "perdido" —, começou a cantar em uma promissora banda de rock. João, no entanto, vetou a contratação do quinteto, pois podia parecer ao público um favorecimento ao filhote. Coube a Guto Graça Mello, diretor artístico da companhia, bancar a banda, que lançou seus quatro primeiros discos (os três com Cazuza e mais "Declare guerra", de 1986) pela Som Livre, antes de se transferir para a Warner. Cazuza também estreou solo pela companhia, com "Exagerado", em 1985.

— A Som Livre, em sua primeira vida, representou uma ideia perfeita, nacional, de unir música ao poder do audiovisual brasileiro, de uma maneira potente, original e durante muitos anos imbatível — diz Marcelo Castello Branco, presidente da União Brasileira dos compositores (UBC) e veterano da indústria do disco no Brasil. — João Araújo, ao meu ver o maior pilar executivo desse mercado no Brasil, viabilizou uma parceria perfeita, que atomizou e customizou a música brasileira durante décadas de existência, antes de ser vendida ao Grupo Sony (*em 2022, por R$ 1,4 bilhão*).

LIBERDADE PARA RITA

Hugo Sukman se lembra ainda da passagem de Rita Lee pela Som Livre, nos anos 1970 e 80.

—Quando Rita foi "demitida" dos Mutantes , a gravadora anterior chamou um grupo de "sábios" para dizer como ela devia se vestir, se comportar, o que cantar… — lembra ele. — Roberto Menescal contou essa história pro João Araújo, que foi a São Paulo, convidou a Rita para jantar e a chamou para gravar na Som Livre prometendo autonomia e liberdade, com direito a um estúdio construído para ela em São Paulo.

Resultado: um casamento que rendeu dez discos e muitos sucessos.

Há 70 anos escrevendo
a história do Brasil.
E outros 30 digitando.

Parabéns pelos 100 anos, O GLOBO.

Quando sua história
se mistura à de um país:

não tem preço

JHSF
SURPREENDENTE



PARABÉNS, O GLOBO.

Um jornal que, assim como a gente,
inspira pela qualidade e excelência.

O GLOBO 100

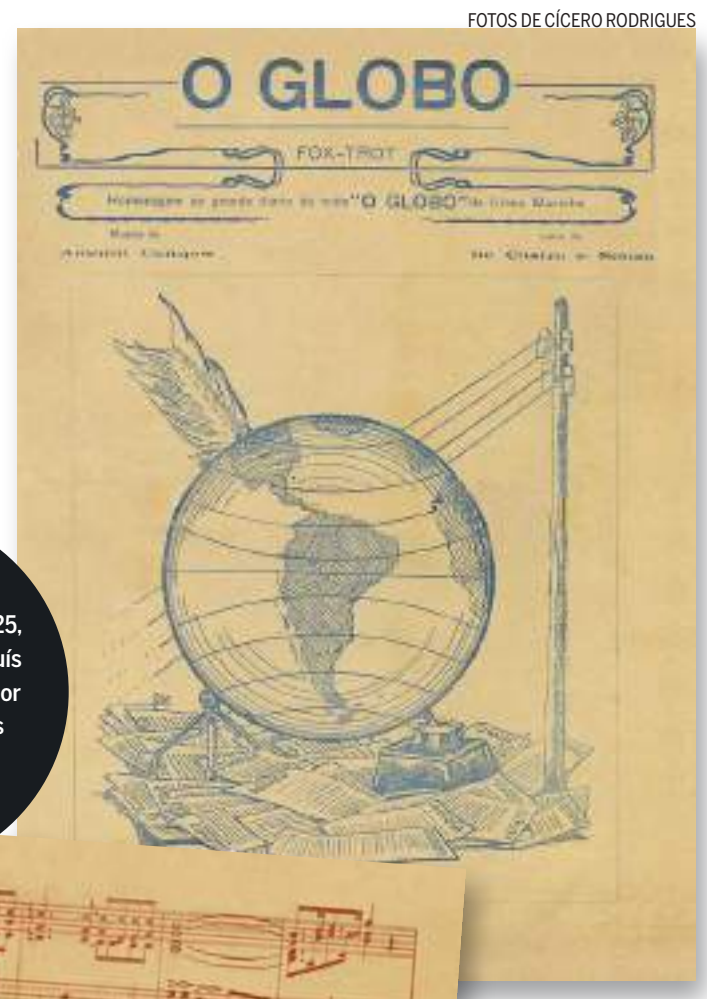
FOTOS DE CÍCERO RODRIGUES

O ANÚNCIO DO NOVO JORNAL NUM FOXTROTE

Jingle de lançamento em 1925, de Amaral Campos e De Castro e Souza, foi regravado especialmente para os 100 anos a partir da partitura original

SILVIO ESSINGER
silvio.essinger@oglobo.com.br





Pauta musical. As notas da canção de 1925, arranjada pelo maestro Luís Filipe de Lima e gravada por ele com o cantor Marcos Sacramento (nas fotos abaixo)



Mais do que um empreendimento qualquer — uma empresa de comunicação, para ser exato —, O GLOBO mal nasceu e já foi se utilizando de todos os meios disponíveis para avisar não só que estava chegando, mas que se dispunha a fazer parte do cotidiano de seus leitores e da movimentação da cidade que eles habitavam. E, no Rio de Janeiro de 1925, o que poderia haver de mais imediato do que um jornal para se anunciar as novidades? Sim, a canção popular. Numa época em que a tecnologia, na forma de rádio e disco, começava a acelerar sua expansão, ela reinava nos salões e festejos populares, espalhando danças, linguajares, ideias, desejos... e — por que não? — a notícia de um certo lançamento.

"O GLOBO vai surgir e sempre refulgir / como um jornal sutil a vir em honra do Brasil / tem voz para ser nosso defensor / por nós, proclamará o seu valor / e será vencedor por seu fulgor, por sua seleção." Os versos, com algumas palavras que caíram em desuso (e passagens que soariam exageradas em 2025, como "um missal de perfeição, a difundir a luz que orientação produz, como um vulcão em erupção") abrem o jingle composto por Amaral Campos e De Castro e Souza para a primeira campanha publicitária do vespertino de Irineu Marinho. Um século depois, esse foxtrote foi enfim gravado, a partir de sua partitura original (atualmente sob a guarda do Acervo Roberto Marinho), numa produção do Acervo em parceria com o produtor musical Luís Filipe de Lima.

TRABALHO "ARQUEOLÓGICO"

A ideia da adaptação e gravação do jingle surgiu no ano passado durante o planejamento da agenda comemorativa pelo centenário. O material integra a mostra especial sobre o jornal, que está no portal História do Grupo Globo e na exposição "O Globo 100 anos: um século de histórias", em cartaz na Casa Roberto Marinho até o próximo dia 10. Dos músicos e produtores mais respeitados do samba, Luís Filipe conta que seu trabalho com o foxtrote do jornal foi "meio como um jogo de xadrez", já que não havia gravações da composição e tampouco se encontrou registros dos arranjos para orquestras ou bandas: tudo o que havia era o exemplar de uma partitura para piano.

— Nela, como a melodia não estava transcrita sílaba por sílaba, foi quase um trabalho de arqueologia para chegar a uma forma que encaixasse na letra — explica ele, informando que naquele tempo as partituras de piano circulavam nas lojas de música, onde um pianista ficava tocando as novidades. — E aí o chefe da família, que estava passando pelo Centro da cidade, ouvia e, se gostava da música, comprava a partitura e levava para alguém em casa tocar. Geralmente, uma mulher, já que tocar piano era uma função feminina.

Segundo registros, o foxtrote do GLOBO obteve sucesso nas execuções da orquestra da Rádio Sociedade, da fanfarra da Brigada Policial e de outras bandas pela cidade. Na inauguração, o jornal anunciava que "um exemplar do novo foxtrote (para piano) será entregue gratuitamente a cada pessoa que se apresentar nos escritórios do GLOBO, a começar de amanhã".

Para a gravação do centenário, Luís Filipe teve a ideia de fazer "um foxtrote com um tanto de sotaque carioca". E convocou, para cantá-lo, alguém que tinha intimidade com o gênero norte-americano e a sua história em terras brasileiras: Marcos Sacramento.

— A letra é muito curiosa, datada, mas o fox, em si, é delicioso, e ganhou um frescor com o arranjo do Luís Filipe — diz Marcos. — Encarei como uma peça de divulgação, um jingle do lançamento do GLOBO, bem condizente com o que estava acontecendo. Foi uma oportunidade do tipo "vamos pegar um gênero que está na moda e fazer um jingle para esse jornal que está nascendo". Tanto o Orlando Silva quanto cantores da época gravaram inúmeros foxes, era uma febre no Brasil.

Nos agitados anos 1920 do Rio de Janeiro, muitas eram as novidades culturais que chegavam de fora do país. E, na música, iam logo sendo assimiladas, por nomes como Ary Barroso, Pixinguinha e Custódio Mesquita (que, segundo Sacramento, "usou e abusou do foxtrote, em músicas como 'Nada além', um dos foxtrotes mais conhecidos"). Para o cantor, hoje em dia o jingle de um jornal seria "talvez um trap, um rap ou algo parecido".

— Ou até mesmo um samba, um pagode, porque a gente está vivendo aí um momento muito interessante, de ressurgimento das rodas de samba com grande estardalhaço — diz ele, titular do Samba do Sacramento, popular roda no Rio.

EM 72, O CLASSIFONE

E a música da cidade continuaria a inspirar o GLOBO em suas campanhas publicitárias, sempre que houvesse uma novidade, uma inovação. Dez anos após a fundação do jornal, quando o samba havia se firmado no carnaval, no rádio e no disco, Noel Rosa e Vadico compuseram "Conversa de botequim", que se tornaria famoso pelos versos "telefone ao menos uma vez para 34-4333". Passaram-se algumas décadas, e, nos anos 1970, ele ressurgiria, ressignificado, no jingle do Classifone, serviço pelo qual o cliente poderia requisitar por telefone a publicação de anúncios classificados no jornal.

"Pode ligar que dá samba", dizia a peça publicitária, acompanhada do número a ser chamado: 234-4333. Depois de tanto tempo, a extensão da cobertura telefônica da cidade aumentara, obrigando a inclusão de um dígito a mais nos números. O que não chegou, no entanto, a afetar tanto assim a métrica da nova versão do samba, por intermédio da qual ele voltou a ser cantado pelo grande público na esteira do sucesso do jingle do Classifone.

O curioso é que, quando Noel e Vadico fizeram o "Conversa de botequim", o número de telefone 34-4333 não existia na cidade do Rio de Janeiro — ele só entrou na lista da antiga Telerj em 3 de setembro de 1955, num endereço em São Cristóvão. E só foi transferido para O GLOBO em 5 de setembro de 1972.

APONTE A CÂMERA DO SEU CELULAR PARA O QR CODE AO LADO PARA OUVIR O FOXTROTE





Noel e Donga. Lendas do samba tiveram suas composições intimamente ligadas aos jornais da família Marinho, incentivadora do gênero

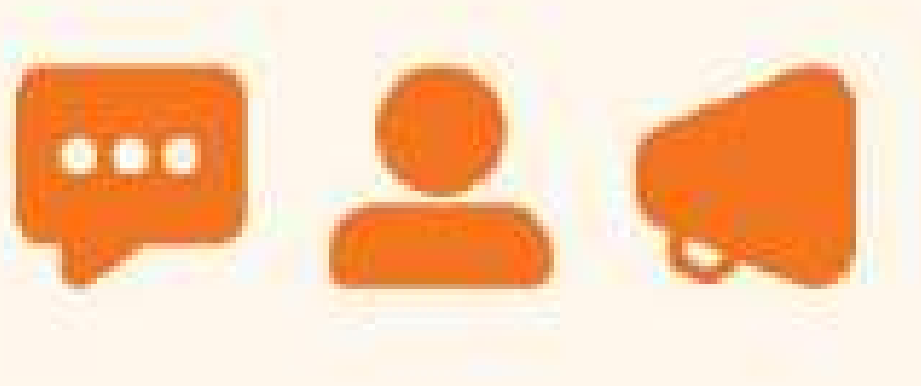
O chefe da polícia, a jogatina na Carioca e uma reportagem que daria em samba

Antes mesmo do foxtrote de O GLOBO (antes mesmo do GLOBO, na verdade), Irineu Marinho já fazia parte da história da música popular brasileira. Tudo começa em 1913, quando a equipe do seu jornal, A Noite, instalou uma roleta perto da redação, no Largo da Carioca. A ideia não era, claro, diversificar as atividades do jornal para o ramo da jogatina, mas criar as condições para a realização de uma reportagem que denunciava a negligência da polícia contra o jogo ilegal.

"Era chefe da polícia o dr. Aureliano Leal, e se jogava livremente em toda a cidade. Os repórteres Orestes Barbosa, Eustáquio Alves e Costa Soares ficaram encarregados da campanha. Um dia, em plena tarde, eles fingiram ser jogadores e banqueiros, diante de umas roletas de papelão que Irineu Marinho colocara perto da redação, no Largo da Carioca. Batida uma fotografia, o jornal fez escândalo: jogava-se em plena rua, sem que a polícia tomasse providências. O episódio foi muito comentado. Isto dá samba, pensei eu", recordou-se, em depoimento ao escritor Muniz Sodré, ninguém menos que Ernesto dos Santos, o Donga — cantor e (até prova em contrário) um dos compositores daquele que é considerado o primeiro samba gravado, "Pelo telefone" (1917).

A ligação de Irineu Marinho com o sambista, no entanto, foi bem mais estreita do que a da mera inspiração para música em forma de notícia de jornal. O jornalista foi um dos grandes incentivadores do conjunto Oito Batutas, liderado por Donga e Pixinguinha (Alfredo da Rocha Vianna Filho). A partir de 1921, A Noite se empenhou em uma cobertura quase diária da agenda do grupo, defendendo-o inclusive dos ataques motivados pelo preconceito racial que os negros sofriam sem trégua.

ARQUIVO



100 anos de O Globo.

Um século abrindo caminhos.

Há cem anos, O Globo informa, inova e se reinventa – sempre fiel ao compromisso com a notícia e a transformação constante.

O Inter parabeniza essa trajetória centenária, que inspira gerações ao registrar de forma pioneira e inovadora a história do nosso país.

Parabéns, O Globo.
Que venham os próximos 100.

inter
O Super App da sua vida financeira

UM SÉCULO DE HISTÓRIAS

DE BRAÇOS DADOS COM MOMO NO CARNAVAL CARIOCA





ACERVO

O GLOBO acompanha a folia desde seu início, equilibrando tradição e modernidade e criando prêmios como o Estandarte de Ouro, o mais importante do gênero







MARCELO DE MELLO
mmello@oglobo.com.br

REPRODUÇÃO



Olelê, olalá!
Primeira página do GLOBO no carnaval de 1929 conta um pouco da folia naquela época. Jornal acompanhou a transformação da festa com faro para destacar inovações

O GLOBO nasceu com o espírito do tempo do carnaval moderno. Na década de 1920, surgiram as duas escolas de samba mais emblemáticas do país, que desfilam até hoje: Portela (1923) e Mangueira (1928). Intelectuais se juntavam a gente do morro e do subúrbio para prestigiar a festa. No mesmo ano da fundação da Estação Primeira, Oswald de Andrade lançou o "Manifesto Antropofágico", dizendo que "Nunca fomos catequizados. Fizemos foi carnaval".

O jornal que agora comemora o centenário não só deu espaço a blocos, corsos, ranchos, desfiles de fantasias, bailes e grandes sociedades, mas ajudou a inventar o carnaval no formato que vemos hoje. Foi o único veículo a noticiar a primeira competição entre as escolas de samba, em 1932, iniciativa do jornalista Mário Filho para o jornal Mundo Sportivo, do qual era proprietário. Mário Filho era amigo de Roberto Marinho e editor de Esportes do GLOBO. No ano seguinte, O GLOBO organizou o desfile, com 35 agremiações, 25 inscritas e dez que se apresentaram extraoficialmente. A campeã foi a Mangueira, com o enredo "Uma segunda-feira do Bonfim, na Ribeira".

BAILE NA SERRA

O GLOBO caiu na folia antes mesmo de nascer. Seu fundador, Irineu Marinho (1876-1925), promovia bailes na propriedade da família em Corrêas. No carnaval de 1924, a festa foi animada pela orquestra dos Oito Batutas, liderada por Pixinguinha e Donga. A capa da segunda-feira de carnaval de 1926 foi dedicada exclusivamente à farra de Momo. Ao centro, estava o desenho do cartunista Raul Pederneiras: uma mulher de pernas e ombros de fora, braços abertos e uma taça de bebida na mão esquerda, com foliões ao redor. A manchete dizia "Evohé", e a chamada dava um recado aos pessimistas: "O Carnaval não morreu!"

Nos últimos cem anos, os blocos sofreram a concorrência de outras agremiações, mas contaram sempre com o GLOBO. Em janeiro de 1926, uma nota sobre os integrantes do Bola Preta dizia que "as festas que vão efetuar em homenagem ao Reinado de Momo deixarão decerto uma enorme saudade nos foliões". No regime militar (1964–1985), o carnaval de rua andou em baixa, mas jamais foi esquecido pelo jornal, que publicou na capa de 16 de fevereiro de 1972: "Os blocos semi-oficiais, como o Bafo da Onça, Cacique de Ramos e Boêmios de Irajá, deram, hors-concours, uma verdadeira lição de samba". Neste século, o jornal criou o Prêmio Serpentina de Ouro, chamado na primeira edição, em 2011, de Prêmio O GLOBO de Blocos. Em 2025, uma ferramenta de busca no site ajudou os foliões de Rio e São Paulo a escolher em que bloco sair.

O GLOBO acompanhou a transformação do carnaval com faro jornalístico para destacar novidades. Exemplo disso é a foto do minueto do Salgueiro na Avenida Presidente Vargas, na capa de 27 de fevereiro de 1963. A dança de estilo aristocrático era parte do enredo "Xica da Silva", de Arlindo Rodrigues, sobre a ex-escrava que passa a esbanjar luxo após a união com o poderoso João Fernandes de Oliveira. Puristas reclamaram, mas a vermelho e branco foi campeã sozinha pela primeira vez, e o destaque na imprensa incentivou a modernização.

Nove anos depois, surgia o Estandarte de Ouro. Inicialmente, o principal objetivo (mantido até hoje) do prêmio era valorizar o sambista individualmente. O elogio à renovação conviveu bem com a tradição desde a estreia do Estandarte, em 1972. A primeira vencedora na categoria Comunicação com o Público (não havia o troféu de Melhor Escola) foi o Império Serrano, que fugiu do estilo tradicional com o samba-enredo "Alô, alô, taí Carmen Miranda", de letra curta, com gírias da época: "Que grilo é esse / Vou embarcar nessa onda…". As alegorias surpreenderam pelo colorido, num tempo em que predominavam apenas as cores das escolas.

INOVAÇÕES PREMIADAS

Mestre André, da Mocidade, igualmente inovador com as paradinhas que hoje são regra na Sapucaí, foi tricampeão, ganhando nas categorias Melhor Bateria (1974 e 1976) e Destaque Masculino (1975).

Quando Joãosinho Trinta pôs destaques em cima dos carros, algo incomum em 1974, seu Salgueiro levou os prêmios de Melhor Escola e Enredo ("O rei de França na Ilha da Assombração", em parceria com Maria Augusta) e Fantasias. Sua maior ousadia viria na Beija-Flor, com "Ratos e urubus… larguem minha fantasia", em 1989. O carnavalesco virou pelo avesso o que ele próprio fazia: em vez de luxo, componentes maltrapilhos; em vez de Jesus sob manto de reverência, um Cristo Mendigo. O júri oficial tirou pontos da azul e branco de Nilópolis, que foi vice; o Estandarte de Ouro a consagrou com os troféus de Melhor Escola, Enredo, Mestre-Sala e Personalidade (Joãosinho).

Em 1985, o júri deu ao carnavalesco Fernando Pinto um prêmio extra pela criatividade em "Ziriguidum 2001", na Mocidade: fantasias e alegorias mostravam foliões em naves espaciais, brincando nos planetas do Sistema Solar. A inovação de Paulo Barros e seu carro do DNA, na Unidos da Tijuca, também foi premiada, em 2004, seis anos antes de o artista levar o título.

—Tradições e modernidades sempre dialogaram no Estandarte de Ouro, buscando um equilíbrio entre o que somos e o que seremos — afirma Felipe Ferreira, jurado desde 2007, professor do Programa de Pós-Graduação em História da Arte da Uerj, com pós-doutorado pela Universidade Sorbonne e autor, entre outros, do "Livro de ouro do carnaval brasileiro".



MARCELO DE MELLO
é editor-assistente de Opinião, presidente do júri do Estandarte de Ouro, mestre em comunicação pela UFF e autor dos livros "O enredo do meu samba" e "Por que perdeu?".

O GLOBO

RIO — 6ª-feira, 23 de janeiro de 1953

O GALEÃO COMEÇOU A PREPARAR-SE PARA OS AVIÕES A JACTO

Reforma da pista, abastecimento e pontes de desembarque — Um dos melhores aeroportos do mundo — Notas acerca da visita que a missão da ONU ali fez.

O GLOBO 100

RIO DE JANEIRO, SEGUNDA-FEIRA, 24 DE MARÇO DE 2025

Galeão tem o melhor início de ano da sua história para chegadas internacionais

Nos dois primeiros meses de 2025, o RIOgaleão registrou 2,9 milhões de passageiros, sendo 1,7 milhão de chegadas em voos domésticos, e 1,1 milhão na chegada internacional.

Parabéns O Globo pelos 100 anos.

Desde 1952, o Aeroporto Internacional Tom Jobim está presente nos bastidores das notícias desta cidade.

O RIOgaleão movimenta o Rio.

RIOgaleão
aeroporto internacional tom jobim

AMADO E TEMIDO, O BONEQUINHO FEZ HISTÓRIA

Aos 87 anos, ícone criado pelo caricaturista Luís Sá continua sendo referência para o público de cinema no Brasil



O Bonequinho. Variações da versão atual, criada nos anos 1970: ao longo do tempo, o personagem transbordou das páginas do jornal


QUE TAL O FILM?
No sentido de facilitar aos leitores do GLOBO uma opinião synthetica sobre as estréas cinematographicas, adoptamos, a partir de hoje, a cotação graphica, por assim dizer, pela qual os interessados poderão orientar-se sobre os films exhibidos, mesmo á ultima hora, e com uma simples olhadela ao boneco que acompanha a chronica. O "calunga" simplifica de certa maneira a tarefa do publico que, muitas vezes, deseja saber apenas que tal o film, dispensando todas as demais considerações de critica, explicava o jornal. Nos primeiros anos, só havia quatro reações possíveis: "péssimo" (com a figura levantando-se da cadeira e indo embora); "ruim" (com ele dormindo); "bom" (aplaudindo sentado); e "excelente" (aplaudindo de pé). Quatro meses depois a classificação ganharia uma quinta cotação, a de "regular", com o boneco sentado olhando para a tela.
Desde então o personagem vem conquistando corações, mas também provocando constrangimentos. Como naquela vez em que o crítico Octavio Bonfim deu o Bonequinho dormindo para "Rio, 40 graus" (1955), de Nelson Pereira dos Santos, até hoje considerado um clássico do Cinema Novo.
—Imagino que seja uma figura polêmica, mas acho o Bonequinho sensacional, sem dúvida alguma. É muito melhor do que a classificação de filmes por estrelas, por exemplo. A ideia de alguém ali vendo e reagindo... que coisa boa, essa! — entusiasma-se a diretora Sandra Kogut, por trás de filmes como "Mutum" (2007) e "Três verões" (2018). — Eu sempre gosto de olhar a reação do Bonequinho. Às vezes discordo, às vezes concordo, mas não importa, sempre me dá a sensação de que tem alguém ali.
O diretor Karim Aïnouz fala da tensão "gigante" que é esperar pela crítica do Bonequinho ("ele vai estar sentado, dormindo, aplaudindo? A gente nunca sabe", diz) e confessa alimentar sentimentos de amor e ódio pelo magrelinho.
— Amor porque é uma maneira bem-humorada de celebrar um filme, de dar vontade ao público de ver o filme mesmo sem ter lido a crítica. Ao mesmo tempo é ódio porque parece que tudo se resume àquela imagem, que, muitas vezes, pode comprometer a vida de um filme, ferir a existência de um trabalho que se faz por anos — diz o diretor de "A vida invisível" (2019) e "Motel Destino" (2024).
Aïnouz lembra, entretanto, que as figuras do Bonequinho são similares às estrelas que padronizam as cotações internacionais (e vão de uma a cinco). E confessa:
— No fundo no fundo preferia que ele não existisse, mas é quase impossível viver sem ele.
Ao longo das décadas, a popularidade do Bonequinho cresceu tanto que transbordou das páginas do suplemento de cultura: em 1996, O GLOBO criou a Mostra O Bonequinho Viu, com sessões de cinema ao ar livre na Praia de Copacabana. Em seus dez anos de existência, o evento, realizado paralelamente ao Rio Cine Festival (hoje conhecido como Festival do Rio), reuniu mais de 300 mil pessoas diante dos telões montados nas areias. Em 2006, a versão do boneco indo embora na capa do Caderno de Esportes sobre a eliminação do Brasil na Copa da Alemanha, concebida pelo editor Toninho Nascimento, com os ilustradores Marcelo Monteiro e Alessandro Alvim e o designer Télio Navega, levou o Prêmio Esso de Criação Gráfica.



Primeira versão. O Bonequinho de 1938, feito pelo caricaturista Luís Sá: apresentação de honra no editorial do GLOBO



A fama, boa ou má, sempre ficou com o Bonequinho, mas ele é um reflexo do pensamento e do espírito de um crítico por trás da marca. Edmundo Lys foi o único a incorporá-lo por quase 20 anos, antes que a figura assumisse a visão e a personalidade de dezenas de profissionais da crítica. Por trás de um grande Bonequinho — ou Bonequinha, como surpreendeu a edição do Rio Show de 29 de outubro de 2004, que apresentou a versão feminina da figura para a crítica do drama romântico "Antes do pôr do sol", de Richard Linklater — existe um crítico empenhado.
Nomes como Ely Azeredo, José Carlos Monteiro, Fernando Ferreira, Miguel Pereira, Rogerio Durst e Eros Ramos de Almeida, por exemplo, foram Bonequinhos que deixaram suas marcas nas páginas do jornal e na memória afetiva de muitas gerações de cinéfilos.
— O Bonequinho é de cinema — sentencia o veterano diretor Sérgio Rezende, autor de filmes como "Guerra de Canudos" (1997) e "Zuzu Angel" (2006).
— Ele é como os personagens de um filme, que não existem, mas em quem todos, ou quase todos, acreditam. Os atores mudam, o personagem fica. Em meus muitos anos de cinema, poucas vezes fui avaliado pelo mesmo "ator". Os críticos mudam, o personagem é sempre o mesmo, impávido. Como se diz, "uma imagem vale mais que mil palavras".



Avaliações. A opinião do jornal (e do Bonequinho) sobre o sucesso nacional "Central do Brasil" e a trilogia "Star Wars"



CARLOS HELÍ DE ALMEIDA
Especial para O GLOBO

Ele nasceu muito magro, meio calvo, e só usava roupa — um chapéu e uma vetusta capa de chuva — quando se levantava para ir embora. Ao longo dos anos, ganhou um pouco de peso, ficou careca e perdeu completamente o pudor — além das únicas peças de vestimenta que se dispunha a usar. Até hoje, em seus 87 anos de existência, o Bonequinho é referência na crítica de cinema brasileira (para o bem e para o mal) e figura indissociável da identidade visual do GLOBO. Poucos ainda são capazes de ficar indiferentes ao seu veredito, capaz de impactar a carreira de um filme no circuito comercial.
— Acho um tanto redutor utilizar uma imagem para qualificar ou desqualificar um filme. Mas não dá pra negar que o Bonequinho se tornou um ícone. Sim, a relação com ele é de amor e ódio, e eu não vou negar que simpatizei mais com ele nas vezes em que ele aplaudiu meus filmes — confessa o diretor Sérgio Machado, autor de filmes como o drama "Cidade Baixa" (2005) e a animação "A arca de Noé" (2024).
Amado por uns e condenado por outros, o Bonequinho começou a tomar forma nos anos 1930 por iniciativa de Rogério Marinho, então vice-presidente do GLOBO, e do crítico Edmundo Lys, um dos heterônimos do poeta mineiro Antônio Barros. A ideia que o jornal criasse uma representação gráfica para as críticas de cinema foi apresentada ao chargista Luís Sá, criador dos personagens Reco-Reco, Bolão e Azeitona, da revista O Tico-Tico, que concebeu a figura esquálida de chapéu e capa de chuva, posteriormente modernizada pelo ilustrador Marcelo Monteiro, nos anos 1970.
"Que tal o film?", perguntava o título do texto na capa da edição do dia 21 de junho de 1938, que apresentava o Bonequinho aos leitores. "O 'calunga' simplifica de certa maneira a tarefa do público que, muitas vezes, deseja saber apenas que tal o film, dispensando todas as demais considerações de crítica", explicava o jornal. Nos primeiros anos, só havia quatro reações possíveis: "péssimo" (com a figura levantando-se da cadeira e indo embora); "ruim" (com ele dormindo); "bom" (aplaudindo sentado); e "excelente" (aplaudindo de pé). Quatro meses depois a classificação ganharia uma quinta cotação, a de "regular", com o boneco sentado olhando para a tela.

Desde então o personagem vem conquistando corações, mas também provocando constrangimentos. Como naquela vez em que o crítico Octavio Bonfim deu o Bonequinho dormindo para "Rio, 40 graus" (1955), de Nelson Pereira dos Santos, até hoje considerado um clássico do Cinema Novo.
—Imagino que seja uma figura polêmica, mas acho o Bonequinho sensacional, sem dúvida alguma. É muito melhor do que a classificação de filmes por estrelas, por exemplo. A ideia de alguém ali vendo e reagindo... que coisa boa, essa! — entusiasma-se a diretora Sandra Kogut, por trás de filmes como "Mutum" (2007) e "Três verões" (2018). — Eu sempre gosto de olhar a reação do Bonequinho. Às vezes discordo, às vezes concordo, mas não importa, sempre me dá a sensação de que tem alguém ali.
O diretor Karim Aïnouz fala da tensão "gigante" que é esperar pela crítica do Bonequinho ("ele vai estar sentado, dormindo, aplaudindo? A gente nunca sabe", diz) e confessa alimentar sentimentos de amor e ódio pelo magrelinho.
— Amor porque é uma maneira bem-humorada de celebrar um filme, de dar vontade ao público de ver o filme mesmo sem ter lido a crítica. Ao mesmo tempo é ódio porque parece que tudo se resume àquela imagem, que, muitas vezes, pode comprometer a vida de um filme, ferir a existência de um trabalho que se faz por anos — diz o diretor de "A vida invisível" (2019) e "Motel Destino" (2024).
Aïnouz lembra, entretanto, que as figuras do Bonequinho são similares às estrelas que padronizam as cotações internacionais (e vão de uma a cinco). E confessa:
— No fundo no fundo preferia que ele não existisse, mas é quase impossível viver sem ele.
Ao longo das décadas, a popularidade do Bonequinho cresceu tanto que transbordou das páginas do suplemento de cultura: em 1996, O GLOBO criou a Mostra O Bonequinho Viu, com sessões de cinema ao ar livre na Praia de Copacabana. Em seus dez anos de existência, o evento, realizado paralelamente ao Rio Cine Festival (hoje conhecido como Festival do Rio), reuniu mais de 300 mil pessoas diante dos telões montados nas areias. Em 2006, a versão do boneco indo embora na capa do Caderno de Esportes sobre a eliminação do Brasil na Copa da Alemanha, concebida pelo editor Toninho Nascimento, com os ilustradores Marcelo Monteiro e Alessandro Alvim e o designer Télio Navega, levou o Prêmio Esso de Criação Gráfica.

A fama, boa ou má, sempre ficou com o Bonequinho, mas ele é um reflexo do pensamento e do espírito de um crítico por trás da marca. Edmundo Lys foi o único a incorporá-lo por quase 20 anos, antes que a figura assumisse a visão e a personalidade de dezenas de profissionais da crítica. Por trás de um grande Bonequinho — ou Bonequinha, como surpreendeu a edição do Rio Show de 29 de outubro de 2004, que apresentou a versão feminina da figura para a crítica do drama romântico "Antes do pôr do sol", de Richard Linklater — existe um crítico empenhado.
Nomes como Ely Azeredo, José Carlos Monteiro, Fernando Ferreira, Miguel Pereira, Rogerio Durst e Eros Ramos de Almeida, por exemplo, foram Bonequinhos que deixaram suas marcas nas páginas do jornal e na memória afetiva de muitas gerações de cinéfilos.
— O Bonequinho é de cinema — sentencia o veterano diretor Sérgio Rezende, autor de filmes como "Guerra de Canudos" (1997) e "Zuzu Angel" (2006).
— Ele é como os personagens de um filme, que não existem, mas em quem todos, ou quase todos, acreditam. Os atores mudam, o personagem fica. Em meus muitos anos de cinema, poucas vezes fui avaliado pelo mesmo "ator". Os críticos mudam, o personagem é sempre o mesmo, impávido. Como se diz, "uma imagem vale mais que mil palavras".

CARLOS HELÍ DE ALMEIDA
Foi repórter do Segundo Caderno entre 1995 e 2000, e é crítico de cinema do GLOBO desde 1995

Três clássicos nas páginas. O Bonequinho aplaude as estreias de "O pagador de promessas", "Branca de Neve" e "...E o vento levou"



UM SÉCULO DE HISTÓRIAS

REPRODUÇÕES


OURO NEGRO NO BRASIL!
Confirmada, finalmente, a existencia de petroleo nos terrenos de marinha da região de Lobato
ULTIMA EDIÇÃO 17 HORAS
Vae á cidade do Salvador o geologo Glycon de Paiva-As providencias do ministro da Agricultura – Falo ao GLOBO o general Horta Barbosa, presidente do Conselho N. do Petroleo
O GLOBO
NOVOS RUMOS PARA A ECONOMIA BRASILEIRA!
A millionaria accusa!
Sensacionaes declarações de Dolores Tejera ao GLOBO
BEBE DESDE QUE FOI CONTEMPLADO PELA SORTE!
TRANSFERIDA A PARADA DE ELEGANCIA
Restabelecido o trafego


EDIÇÃO EXTRA
EDITORIAL "HORROR À VIOLÊNCIA NÃO TEM FRONTEIRAS" • PÁGINAS 6 E 7
O GLOBO
Terror sem limites
Atentados suicidas deixam milhares de mortos nos EUA
Aviões destroem World Trade Center
Presidente Bush promete reação
Mercados param no mundo inteiro

Celebração e terror. Em 1939, O GLOBO noticiava a descoberta de reservas de petróleo na Bahia. Em 2011, ataque às Torres Gêmeas propiciou uma edição extra, a última vespertina

RENOVAÇÃO DIÁRIA DA CARA DO GLOBO

Ao apresentar e hierarquizar os principais fatos de cada dia, a Primeira Página desenha e reforça a identidade de um jornal


PAULINHO DO BRASIL
O NOVO VOO DO 14-BIS
UM SHOW DE CURIOS
O GLOBO
RIO2016
MAS QUE BELEZA!
Mobilidade e segurança funcionam, mas acesso ao estádio é demorado
Para especialistas, Brasil aproveitou a oportunidade
Festa impecável faz o mundo dançar com o Maracanã
Destaque para as origens do país e respeito às minorias


O GLOBO
Vingança teria motivado massacre de 21 favelados em Vigário Geral
PMs são acusados de nova chacina
A tragédia da Polícia Militar
Matança de índios foi menor e não ocorreu no Brasil
Itamar decide romper diálogo com Fleury
IPMF se torna fonte de lucros para os bancos
Pulinha e Evair jogarão contra a Venezuela


BRASÍLIA E GUANABARA EMOCIONAM O PAÍS
Repicam os Sinos de Guanabara!
O GLOBO
Mensagem Aos Cariocas
BRASÍLIA INAUGURADA
A Despedida do Caixão
DO PAPA JOÃO XXIII AOS BRASILEIROS
Saudação do Governador ao Povo de Guanabara

Históricas. Primeiras Capas do GLOBO noticiaram o assassinato de John Kennedy, o naufrágio do Bateau Mouche, o confisco das poupanças e a inauguração de Brasília

MIGUEL CABALLERO
miguel.caballero@oglobo.com.br

Nas bancas, recebida na porta de casa, no computador ou no celular, a Primeira Página é, todos os dias, o primeiro contato do jornal com os seus leitores e, frequentemente, dos leitores com o mundo lá fora.

Por ser uma apresentação da edição, funciona como sumário do que de mais importante aconteceu. Por hierarquizar as notícias, é a forma com que o jornal diz ao leitor, no acordo tácito de confiança que baseia a relação, o que ele considera ser o mais importante entre todas as notícias.

É também um termômetro da evolução do jornalismo impresso. Do padrão com muito texto e pouca imagem, predominante na maior parte do século XX, ao maior espaço para inovações e ousadias gráficas das últimas décadas.

A escolha, pelos editores, de qual será a manchete do dia é, contudo, um dos processos jornalísticos que menos se transformaram neste século de jornalismo em constante mutação. Na Redação do GLOBO, a definição do título principal da edição de hoje foi a 33.592ª vez em que esse debate ocorreu.

Nesta e na próxima página, uma curtíssima seleção de capas históricas que, ao registrar o mundo, contam também a história do GLOBO.

O 1º REGISTRO DOS NOSSOS TEMPOS, NA PÁGINA 16

100 anos de compromisso
com a informação e com o Brasil.
Parabéns, O Globo.
O futuro já começou.

O GLOBO

tvglobo | 100 ANOS DE GLOBO

UM SÉCULO DE HISTÓRIAS

O PRIMEIRO REGISTRO DOS NOSSOS TEMPOS

REPRODUÇÕES


O GLOBO

10 MIL HISTÓRIAS

EVENTO MAIS LETAL NO BRASIL EM 102 ANOS, PANDEMIA DE COVID-19 CHEGOU ONTEM OFICIALMENTE A 10.627 MORTES. PARA QUE A DIMENSÃO HUMANA DA TRAGÉDIA NÃO SE PERCA NA FRIEZA DAS ESTATÍSTICAS, O GLOBO HOMENAGEIA AS VIDAS REUNIDAS EM UM MEMORIAL VIRTUAL


O GLOBO

PAZ

Seqüestradores assassinaram executivo

RIO


O GLOBO

COPA 2014

'MINEIRATZEN'

VERGONHA VEXAME HUMILHAÇÃO

Em menos de meia hora Alemanha faz 5 gols e massacra Brasil com placar final de 7 x 1; seleção sofre em casa a maior derrota da história

Sentimento coletivo. A homenagem aos mortos na pandemia, a página em branco por desabafo contra a violência e o icônico 7 a 1. Subversão do padrão da Primeira traz impacto

Numa época em que o consumo de informações é ininterrupto ao longo do dia, surpreender o leitor é cada vez mais difícil. Eventos históricos, como uma eleição presidencial ou a morte de um ídolo nacional tornam, por si só, uma capa um item de colecionador, mas o impacto é maior quando o jornal foge ao padrão e consegue se conectar a um sentimento coletivo. A página, sem imagens, que contou minibiografias dos mortos pela Covid-19, em maio de 2020, é um exemplo mais recente.

Uma característica que O GLOBO construiu é tentar tratar com alguma leveza, e até humor, mesmo assuntos mais duros ou dias de noticiário mais áspero. Nesse quesito, as charges são tradição longeva, sustentada por uma seleção de artistas ao longo das décadas. O traço de Chico Caruso, com 40 anos completos na casa, demarca um estilo que virou a cara do GLOBO.



MIGUEL CABALLERO
é editor da Primeira Página do GLOBO

A VINCI COMPASS PARABENIZA O GLOBO PELOS SEUS 100 ANOS.

Parabéns a todos os profissionais que escreveram e continuarão a escrever essa história.

Agora e pelos próximos 100 anos.

VINCI COMPASS

O GLOBO 100

SEU BBQ
NUNCA MAIS
SERÁ O MESMO
UMA TRANSFORMAÇÃO NA
EXPERIÊNCIA DO SEU CHURRASCO

SÓ A GRANFINO SABE O SEGREDO DE UMA BOA FAROFA.

GRANFINO
Combina com você

ACERVO



O gênio. Garrincha, o craque das pernas tortas no Botafogo, deixa no chão o goleiro vascaíno Hélio para marcar um dos gols que garantiram ao alvinegro o campeonato carioca de 1957, na partida que terminou em 2 a 2

ANIBAL PHILOT/30-4-1981



Atentado. Peritos examinam o Puma destruído pela bomba que matou o sargento Guilherme Pereira do Rosário, no Riocentro

MÁRCIA FOLETTO/13-5-2015



Invisíveis. Em Japeri, na Baixa Fluminense, Fabiane Ferreira tomava conta de um sítio, em troca de teto e cesta básica em 2015. Essa foi uma das oito fotos de Márcia Foletto da série "Os miseráveis", que recebeu um dos mais importantes prêmios internacionais de jornalismo, o Rei de Espanha, em janeiro de 2016

ANDRÉ SARMENTO
asarmento@oglobo.com.br

AS MUITAS MÃOS NA CONSTRUÇÃO DA IMAGEM

O talento do fotojornalista é essencial, mas é preciso uma ampla rede de apoio na redação para que seu trabalho chegue ao maior número possível de pessoas

Se o talento do profissional atrás das lentes é essencial para capturar momentos e torná-los inesquecíveis, também se faz necessário ter uma ampla rede de apoio para que esta imagem seja vista pelo maior número possível de pessoas, que é o principal objetivo da profissão.

De que serviriam imagens poderosas como a de um veículo destruído por uma bomba no Riocentro, de crianças sendo revistadas por policiais, com as mãos no muro como se fossem suspeitas de algum crime, ou de um nevoeiro que parece que vai engolir a cidade, se ninguém as visse?

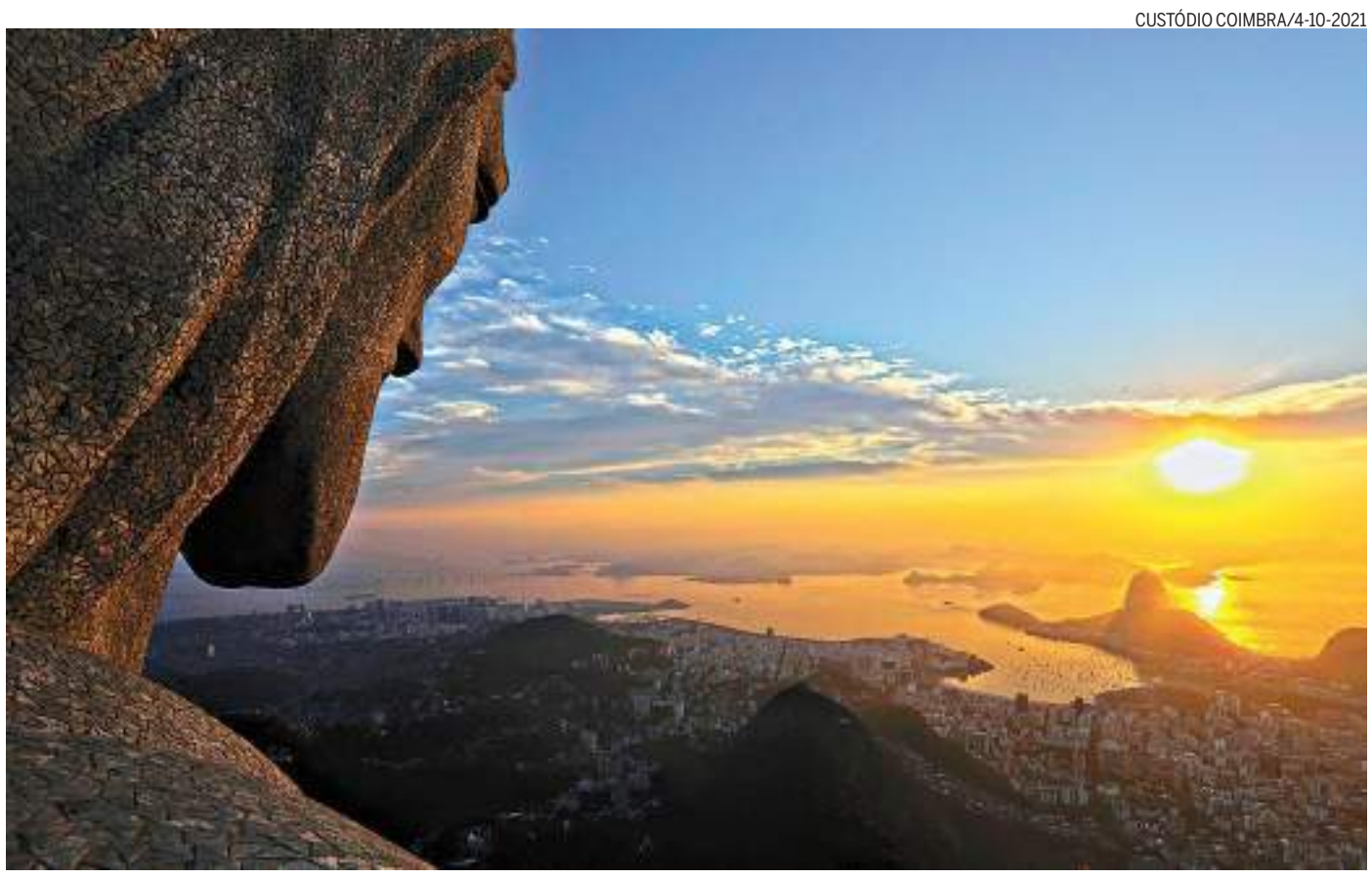
Para que isto aconteça, é necessário um repórter de texto que construa a reportagem com o fotógrafo, um editor de imagem para escolher as melhores fotos, um editor de texto para dar forma à apuração e um designer para dar forma às páginas impressas e digitais, por exemplo.

Mas talvez o mais importante nessa rede seja ter uma empresa que entenda a importância de produzir e distribuir essas histórias.

Nos 100 anos do GLOBO, este apoio e a valorização da imagem sempre estiveram presentes.

MAIS IMAGENS HISTÓRICAS NA PÁGINA 116

CUSTÓDIO COIMBRA/4-10-2021



Olhar sobre a cidade. Além da devoção, o Cristo também movimenta a economia do Rio, como atração turística e símbolo carioca

LEO MARTINS/20-7-2016



Olhos fechados e sorriso aberto. As mãos cobrindo a vista reforçam a expressividade dos outros traços do rosto de Martinho da Vila, no registro de Leo Martins

ANDRÉ COELHO/4-11-2015



Miséria. "A vida no lixão do Planalto" fez André Coelho ganhar o prêmio MPT de Jornalismo, na categoria fotojornalismo na região Centro-Oeste

HOMENAGEM DA **FGV** AO **O GLOBO** PELOS 100 ANOS.

SA BRASIL



A FGV segue ao seu lado, preparando as próximas gerações para os desafios que virão.

FGV

UM SÉCULO DE HISTÓRIAS

MARCOS TRISTÃO/5-3-2007



Perda. Edna Ezequiel depois da morte da filha Alana, em um tiroteio de traficantes com a PM. O irmão de Edna, Ezequiel, foi morto 43 dias depois, em um confronto de facções

DOMINGOS PEIXOTO/6-2-2014



Prova. O cinegrafista Santiago Andrade é atingido e morto por um foguete de black blocs. A imagem deu ao GLOBO o Prêmio Esso em 2014

GUITO MORETO/17-6-2012



Imagem e ação. Seguranças do BNDES correm de flecha indígena

REGISTRO HISTÓRICO E VISUAL

O GLOBO nasce já com uma fotografia na sua edição de estreia — a de um buraco gigantesco em uma rua do Rio, que o jornal decidiu cobrir, como um serviço prestado aos cariocas. Da primeira telefoto da imprensa brasileira, em 1936, até as máquinas digitais utilizadas hoje, o jornal sempre reconheceu a fotografia como um documento histórico de fundamental importância para se construir um jornalismo com credibilidade.

Nesta pequena seleção de imagens, podemos ver como a parceria duradoura eternizou momentos ao longo desse século de vida.

O GLOBO sempre soube olhar para todos os aspectos da sociedade e traduzi-los com rigor ético e estético, como convém ao maior jornal do país.



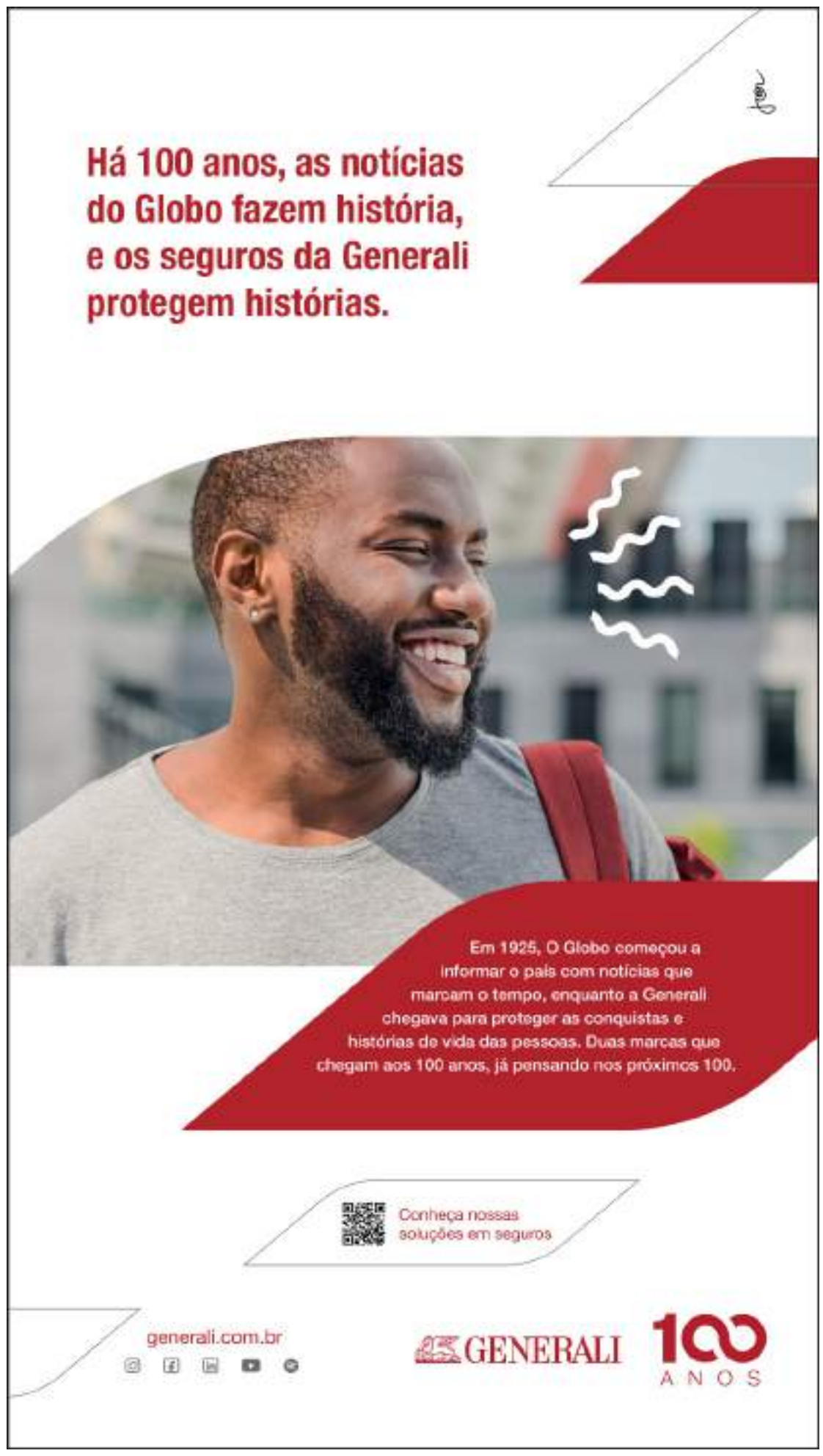
ANDRÉ SARMENTO
é editor de fotografia e vídeo do GLOBO

LEONARDO AVERSA/12-3-1994



Divinas tetas. Gal Costa cantou "Brasil" no show "O sorriso do gato de Alice" com os seios à mostra, e se tornou mais uma imagem inesquecível de Leonardo Aversa, fotojornalista e colunista do GLOBO





O GLOBO 100 ANOS O GLOBO 100 ANOS

ANIVERSÁRIO DE 100 ANOS DO JORNAL O GLOBO. A BOA NOTÍCIA É QUE, SE FALTAR VELINHA, TODO MUNDO SABE ONDE ENCONTRAR.

HOMENAGEM DO MUNDIAL AO JORNAL QUE, HÁ UM SÉCULO, NÃO ECONOMIZA PALAVRAS PARA MANTER O BRASIL BEM-INFORMADO.

MUNDIAL
O menor preço total



UM SÉCULO DE HISTÓRIAS

GENTE DO GLOBO

Histórias de alguns dos milhares de profissionais que fazem parte da trajetória centenária do jornal



Ali Kamel
Jornalista, diretor de redação (até 2001)

"Quando entrei no GLOBO, em 1989, me senti numa nave espacial: computadores por todas as editorias, cenário de ficção científica. Mas jornalismo de verdade. Como diretor em Brasília, cobri a CPI do PC Farias e o impeachment de Fernando Collor. Foi quando o repórter Jorge Bastos Moreno revelou que um cheque-fantasma pagara o Fiat Elba do presidente, a prova definitiva de que PC financiava os gastos pessoais de Collor. Houve outros furos naquela Redação cheia de talentos. Destaco um de Cassia Maria Rodrigues, que obteve a conta de telefone da empresa de PC. Numa tarde, ela e todos na Redação ligaram para centenas de números. PC telefonava para os órgãos públicos, inclusive o gabinete de Collor. Estava provado: ele era o facilitador oficial da República."



Ramona Ordoñez
Repórter (até 2020)

"Dos 100 anos do GLOBO, participei de 35, com orgulho. Sempre trabalhando em busca da notícia correta, em primeira mão, do furo. 'Lugar de repórter é na rua!', eu repetia, sempre que saía para alguma entrevista. Vi passar a história da energia do país. Uma cobertura difícil foi o racionamento de energia elétrica, entre 2001 e 2002. Quando foi anunciado, produzimos um caderno especial — no mesmo dia! Marcantes também foram as coberturas das grandes descobertas de petróleo pela Petrobras, a partir dos anos 1980 e 90, e, depois, o fim do monopólio, em 1997. Outra lembrança: a cobertura da privatização das telecomunicações, em 1998. Um empresário, no dia seguinte, me disse que logo eu veria lojas vendendo celulares. Naquela hora foi difícil imaginar isso..."



Gabriel Mathias da Silva Bastos
Auxiliar administrativo

"O jornal participou de vários momentos da minha vida. Primeiramente, na construção da minha leitura, quando ainda estava aprendendo as primeiras palavras. Continuou até mais ou menos na adolescência, mas começou a tomar forma na faculdade de Jornalismo. Nesses momentos, percebo que aprendi algo muito precioso: o valor da democracia. E que devemos cuidar da cidadania e disseminá-la. Eu, um garoto na época com deficiência, aprendi esses princípios tão fundamentais lendo o jornal. Então, muitas vezes, pode parecer bobo, mas, se não fosse o instrumento do jornal, talvez eu não estivesse aqui. Vocês ajudaram a construir um jornalista. Muito obrigado, O GLOBO, e parabéns! Que venham mais 300 anos pela frente!"



Andrei Bastos
Jornalista, escritor, diagramador
(1952-2018)

Cearense que adotou o Rio como lugar no mundo, em 1972, começou a trabalhar como diagramador no jornal Correio da Manhã. Mudou-se para O GLOBO, onde fechava as edições impressas, até se aposentar, em 2003. Depois de amputar uma perna devido a um câncer, tornou-se um combativo lutador dos direitos das pessoas com deficiência, escrevendo sobre as agruras da causa. Teve sua própria editora, a ASB, que comandou por 15 anos. Na primeira década do século, revelou a precariedade do acesso ao transporte coletivo carioca e também denunciou irregularidades ocorridas nos Jogos Parapan-Americanos. Colaborou para ONGs dedicadas ao tema e integrou a comissão de Direitos Humanos e da Pessoa com Deficiência da OAB-RJ.



Luiz Paulo Horta
Jornalista, crítico e integrante da ABL
(1943-2013)

Jornalismo, música e religião eram paixões do intelectual carioca que, no início dos anos 1960, começou a colaborar no Correio da Manhã com críticas sobre música. Passou pelo Jornal do Brasil e em 1990 chegou ao GLOBO como editorialista, sem abandonar a crítica musical. Seus artigos, sempre com erudição e clareza, também tratavam de outras artes, política e religião. Autor de diversos livros, defendia que "escrever é um ato de amor". Também foi responsável pelo programa de estágio do jornal, moldando novos talentos. Na Jornada Mundial da Juventude, analisou, em coluna diária, a Igreja sob Francisco, por quem tinha grande apreço. Pregou a vida toda que a imprensa crítica, que incomoda os poderosos, é instituição fundamental.



Deborah Berlinck
Correspondente (até 2015)

"Sou 'cria' do GLOBO. Foi na sede da Rua Irineu Marinho que fiz o primeiro estágio e consegui o primeiro emprego como jornalista. A Redação dos anos 1980, aos olhos de hoje, parecia um museu vivo: máquinas de escrever batendo sem parar, telex cuspindo notícias e repórteres correndo entre pilhas de papel. O ritmo era outro, mas a paixão pelo furo era a mesma. Fui das poucas mulheres a cobrir guerras (Bósnia, Palestina, Líbia) e acompanhei eventos históricos no mundo todo, da morte de um Papa a uma tentativa de golpe em Moscou. O jornalismo foi minha maior escola de vida. Hoje, num mar de vozes e ruídos, jornais seguem essenciais — não só para informar, mas para lembrar que a busca da verdade é um trabalho diário."



Joel Santos Guimarães
Jornalista (1951-2025)

De gosto literário, musical e cinematográfico aguçado, Joel Santos Guimarães guardava o jornalismo na prateleira dos maiores amores. Com humor peculiar e permanente entusiasmo pela reportagem de rua, começou no Paraná, passando pelas redações do Diário do Comércio e do Jornal de Londrina. Já em São Paulo, foi repórter do Jornal da Tarde até migrar para O GLOBO, onde ficou por mais de 20 anos, e chegou a chefe da sucursal de São Paulo. Jamais prescindiu do entusiasmo de iniciante pelo ofício de informar. Para ele, os profissionais da comunicação deveriam sempre estar do lado dos mais vulneráveis e oprimidos. Fundou a Agência de Notícias Brasil Árabe em 2003 e , dois anos depois, a agência de comunicação Hipermeios.



André Schwartz
Gerente do Parque Gráfico

"Entrei em 1994 na gráfica antiga, no Centro do Rio, ainda estagiário. E fui flechado pelo cupido. A partir de 1996, participei do processo de escolha das rotativas do novo Parque, em Duque de Caxias. Pude fazer todos os testes nos equipamentos, acompanhando os técnicos alemães e a transição para a gráfica recém-construída, a partir de 1998. Passei por diversos cargos até me tornar gerente. De 2010 a 2013 tive grande desafio como canal entre a Redação e o Parque, e pude criar mais admiração pelo trabalho da notícia. Fiz a interlocução com os colaboradores para explicar que a notícia, às vezes, demanda um atraso. E precisamos entender, pois somos a ponta do processo, mantendo o possível para ser ágil e cumprir o objetivo maior: botar o jornal na rua."



Antonio Werneck
Repórter (até 2020)

"Dos 100 anos do GLOBO, estive em um terço. Comecei no início da adolescência, entre 1976 e 1979, de Globinho, como eram chamados os meninos que entregavam jornais de bicicleta. Já adulto, me tornei repórter da Editoria Rio, e fiquei até 2020. Foram inúmeras reportagens, prêmios e histórias para contar. Estive na África para cobrir o acordo de paz da ONU que encerrou a guerra civil em Moçambique; escrevi sobre enchentes na Baixada; refiz a caminhada do "Grande sertão: veredas", de Guimarães Rosa. Mas o que vou levar para sempre não saiu no jornal: os dias em que minha filha, prematura, ficou numa UTI. No meu infinito desespero, contei com muita ajuda da turma do RH, Angélica Mota à frente. Minha filha cresceu saudável e se formou engenheira ambiental!"



Aloy Jupiara
Jornalista, escritor e crítico (1964-2021)

Com faro investigativo único e enorme dedicação ao trabalho, era de perfil discreto, mas também generoso e divertido. Teve mais de 20 anos de atuação no GLOBO, onde começou como repórter em 1987, passando a coordenador e subeditor da editoria Rio, editor e coordenador de Política. Foi pioneiro no jornalismo online no GLOBO, na criação dos sites GloboNews.com e Extra Online. Foi jurado e, posteriormente, coordenador do Prêmio Estandarte de Ouro. Também inaugurou a cobertura online dos blocos de rua do carnaval do Rio. Escreveu, com Chico Otávio, a biografia não autorizada de Eduardo Cunha e "Os porões da contravenção", que abordou a ligação do bicho com a ditadura. Faleceu de Covid-19 aos 56 anos, em 2021.

brb.com.br

BANCO BRB.

AINDA MAIS SEU.



BRB DUX VISA:
Experiências exclusivas para você.



- **5 vezes eleito o melhor cartão do país**
- Concierge 24/7 com atendimento personalizado
- Acesso ilimitado a salas VIPs em aeroportos
- 7 pontos a cada U$1 em transações internacionais
- 5 pontos a cada U$1 (dólar americano) em transações feitas no Brasil
- Seguros gratuitos para viagens internacionais

Exclusividade é ter confiança para conquistar mais 100 anos de histórias.

Parabéns, Jornal O Globo.

Abra sua conta.

banco BRB

SUPERMERCADOS GUANABARA
Tudo por você!

O GLOBO 100 ANOS.

ESTAMOS FELIZES POR ESTA CONQUISTA
E ANSIOSOS PELAS PRÓXIMAS PÁGINAS
DESTA GRANDE HISTÓRIA.

PARABÉNS, O GLOBO,
PELA MARCA HISTÓRICA DE 100 ANOS!

QUE POSSAMOS SEGUIR JUNTOS,
FORTALECENDO NOSSA PARCERIA
E ESCREVENDO UM FUTURO DE
GRANDES AVANÇOS E INOVAÇÕES.





CUSTODIO COIMBRA

AS CIDADES **NÃO PARAM**

Do bonde ao BRT, da velha cidade partida à modernidade do *coliving*, O GLOBO segue de perto o crescimento das metrópoles brasileiras. Em suas páginas e sites, é uma tradição do jornal discutir os modelos de cidades do futuro, inclusive as soluções para seus problemas, como a segurança pública.

RAFAEL GALDO
rafael.galdo@oglobo.com.br

TECNOLOGIA ORIENTA RUMOS DA MOBILIDADE URBANA

Dos aplicativos ao 'robotáxi', serviços de transporte buscam soluções para dar conta do crescimento das cidades, reduzindo a poluição e otimizando trajetos

Noel Rosa já cantou que o bonde parecia uma carroça: "coisa nossa, muito nossa", atestou o bamba, em 1932. Meio século depois, a escola de samba Em Cima da Hora viajaria pelos trilhos do subúrbio carioca com o trabalhador que, de "peito amargurado", batucava na marmita para esquecer a tristeza quando o trem quebrava. Na década seguinte, Gabriel o Pensador alertou: "É um assalto, malandro!" E se choveu, pronto, "tudo alagado". Era a rotina, convertida em rap, de quem sacolejava nos ônibus da antiga linha 175 (Barra da Tijuca-Central).

O ir e vir de milhões de brasileiros nos transportes costuma inspirar a música popular. As agruras cantadas no passado resistem, como evidencia a vida em metrópoles como Rio de Janeiro e São Paulo. Mas, se os artistas continuarão refletindo esse cotidiano, outros cenários devem aparecer em suas obras.

A mobilidade urbana do futuro já está em construção. Dos veículos autônomos à inteligência artificial (IA) a serviço da gestão do tráfego, tendências ganham as ruas mundo afora. Mudanças climáticas impõem a urgência de soluções mais sustentáveis, como a eletrificação das frotas de ônibus. E o desenvolvimento de novas tecnologias acelera a expectativa de tornar as cidades mais disponíveis a todos.

— Será uma mobilidade descarbonizada, com a extinção gradativa do uso dos combustíveis fósseis, autônoma e conectada, com mais veículos guiados por IA. Vai ser também compartilhada, sob demanda, reduzindo a propriedade de veículos individuais, e altamente planejada e orientada por dados — prevê Gladyston Ribeiro, professor do programa de Engenharia de Transportes da Coppe/UFRJ. — Vejo as cidades interagindo com os veículos, e os veículos interagindo com as cidades, que devem ser mais humanas e equitativas, nas quais o transporte não será só um meio, mas um direito que estrutura o acesso a elas.

No pé no chão da realidade nacional, diz Ribeiro, alcançar esse amanhã não é utopia, porém é preciso agir. Estudos com comparações globais põem em perspectiva os desafios brasileiros. Enquanto os serviços de alta capacidade, como trem e metrô, são recomendados para as áreas mais populosas, um relatório recente da Associação Internacional de Transporte Público (UITP, na sigla em inglês) mostra que, com base em dados de 2022, a Região Metropolitana do Rio tinha quatro quilômetros de linhas de metrô para cada um milhão de habitantes, e a de São Paulo, mais numerosa, cinco. Na mesma proporção, Londres contava com 46 quilômetros, Madri, com 44, e Santiago do Chile, 20.

IMPACTO NA SAÚDE

Outro levantamento sobre transporte público, do aplicativo Moovit, indica que, no ano passado, o Rio registrou o maior tempo médio entre dez capitais do país no deslocamento casa-trabalho: 58 minutos, o oitavo pior resultado entre 50 regiões do mundo.

— No final do dia, olhamos para as pessoas e vemos indignação, cansaço. É sofrimento que impacta na saúde física e mental delas — lamenta Marcus Quintella, diretor da FGV Transportes, centro de estudos que produz o Índice de Qualidade da Mobilidade Urbana. — Em entrevistas em São Paulo, Rio e Belo Horizonte, a população deu notas de zero a 10 aos transportes. Nenhuma das capitais chegou à média ideal. A do Rio foi a pior: 4,6 (contra 4,8 em Belo Horizonte e 5,4 em São Paulo) — afirma ele sobre a edição de abril da pesquisa.

TARIFAS PESADAS

O diagnóstico, segundo Quintella, passa por integração ineficiente entre os modais e passagens que pesam no bolso. No Rio, onde a tarifa única segue como promessa, um dos desencontros mais recentes envolve a bilhetagem eletrônica. Prefeitura e estado não chegam a um acordo e, a partir do mês que vem, muitos usuários terão que usar dois cartões (Jaé e Riocard) se embarcarem, por exemplo, numa linha de ônibus municipal e, depois, num trem.

— Costumo dizer: de nada adianta uma cidade inteligente, com tecnologia, se não há o básico — lamenta Quintella.

Na contramão do que se preconiza, cresceu no pós-pandemia da Covid-19 o uso do transporte motorizado individual, e mais gente migrou para carros e motos por aplicativo. Mas há luz no fim do túnel, afirmam especialistas: atalhos na busca de soluções.

Alguns foram testados e adotados. Entre eles, a construção de terminais multimodais, como o carioca Gentileza — que integra ônibus, BRTs e VLT — e a instauração de autoridades metropolitanas para articular decisões conjuntas entre cidades, como faz a Grande Vitória. O transporte sobre trilhos se impõe. E seguem na agenda faixas exclusivas para ônibus, BRT e soluções hidroviárias, como as barcas no Rio e o projeto de transporte aquático pelos rios de São Paulo.

Outros caminhos se apoiam nas transformações tecnológicas. Não são os carros voadores que, embora em testes, podem demorar a se tornar viáveis em larga escala. Trata-se de apostas mais factíveis e aplicáveis nos grandes centros urbanos.

Nesse rumo, Estocolmo, na Suécia, e Helsinque, na Finlândia, estão na vanguarda no modelo de MaaS (mobilidade como serviço). A Confederação Nacional dos Transportes define que o conceito se baseia "na integração entre os modos de transporte disponíveis em um determinado território, sejam eles públicos ou privados, individuais ou coletivos". Glaydston Ribeiro explica que isso pode ocorrer por meio de uma plataforma digital ou aplicativo para celular em que a pessoa consegue encontrar as informações sobre os trajetos que deseja, planejar seu itinerário da forma mais rápida e confortável, reservar e pagar as tarifas de forma única (por viagem, mensalidade ou até anuidade). Tudo à mão.

Quanto à IA e à internet das coisas (IoT), sensores instalados em veículos, sinais e vias públicas passaram a ser empregados em diversas cidades para otimizar a gestão do tráfego, regular padrões de semáforos, prever congestionamentos e recomendar rotas alternativas, além de identificar as áreas de estacionamento livre. Desde o começo deste ano, o Rio é uma das capitais que testam sua IA, chamada de Cora, no Centro de Operações e Resiliência (COR). O objetivo é estabelecer protocolos para agilizar respostas a engarrafamentos e intempéries.

Planeta afora, essa nova revolução digital permite que veículos autônomos convivam com convencionais, seja no transporte de passageiros, como os "robotáxis" de São Francisco, nos Estados Unidos, ou na entrega de mercadorias, como acontece em Vilnius, capital da Lituânia. É questão de tempo esbarrar com uma dessas novidades na Avenida Paulista, no carioca Túnel Rebouças ou no Eixo Monumental de Brasília.

MOBILIDADE SUSTENTÁVEL

Já o Estudo Nacional de Mobilidade Urbana, do Ministério das Cidades e do BNDES, cita Londres como referência. Na capital inglesa, está em curso uma estratégia de redução da dependência dos carros, ampliação para 80% da proporção de viagens a pé, de bicicleta ou por transporte público coletivo até 2041, redução drástica das mortes no trânsito e promoção de mobilidade sustentável. Uma ações já é famosa: a Zona de Emissão Ultra Baixa (Ulez), onde motoristas de veículos mais poluentes pagam taxa para entrar.

No Brasil, é impositivo levar a mobilidade para o centro do debate sobre a crise climática, diz Nabil Bonduki, professor de Planejamento Urbano da USP e vereador em São Paulo.

— Vêm da mobilidade urbana 60% a 65% dos gases de efeito estufa nas cidades. Uma pessoa em um carro emite aproximadamente 75% mais que um passageiro de ônibus. Por isso, é inevitável a transição do modal individual para o coletivo — diz ele, que aposta na eletrificação da frota como parte das medidas para um futuro sustentável. — Devemos acelerar a eletrificação dos ônibus e dos carros.

Na América Latina, apesar de cerca de três vezes mais caros, ônibus elétricos integram a paisagem de capitais como Santiago (Chile) e Bogotá (Colômbia). No Brasil, se espalham aos poucos. A plataforma E-bus Radar, que monitora a transição, indica que, dos 1.059 ônibus elétricos em circulação no país em abril passado, 789 (74,5%) estavam na cidade de São Paulo. No programa federal Novo PAC foram incluídos investimentos para a compra, nos setores público e privado, de cerca de 2.300 desses veículos. No Rio, a prefeitura promete que, na licitação dos ônibus municipais prevista para ocorrer em etapas até o fim de 2028, a nova frota terá motor Euro 6 (movido a diesel, porém, menos poluente) e, em menor parcela, bateria elétrica.

A eletricidade também move bicicletas, patinetes e motonetas que tomam áreas da Zona Sul do Rio ou a região da Faria Lima, em São Paulo. São recursos da chamada mobilidade ativa ou micromobilidade, que inclui deslocamentos a pé e com bicicletas comuns. Por todos os cantos, o país produz cenas que mostram a adesão das pessoas a esse movimento. As mudanças de comportamento, no entanto, parecem ocorrer mais rapidamente do que a capacidade de adaptação das cidades.

— Há morosidade tanto na criação de infraestrutura para a mobilidade ativa quanto na regulamentação do uso dos veículos elétricos, que podem desenvolver velocidades acima dos 20km/h — diz Clarisse Linke, diretora-executiva do Instituto de Políticas de Transporte e Desenvolvimento (ITDP). — Hoje, pedestres e ciclistas, que já dividem espaço com os carros, também disputam com bicicletas elétricas, motonetas... — completa ela, ao defender que as cidades encarem a redução do espaço para carros.

Ela faz coro com urbanistas que propõem vias dedicadas à mobilidade ativa, a criação de zonas de baixa velocidade na malha viária ou a construção de bicicletários amplos e seguros perto das estações de transporte de média e alta capacidade, para estimular que a micromobilidade seja um alimentador de modais como BRTs, metrô e trens.

— Precisamos ter bacias cicloviárias e de pedestres nos bairros, além de uma ambiência melhor para esses deslocamentos. Mas é necessário também haver integração com o transporte público — ressalta Clarisse.

Alcançada essa conjuntura, os benefícios, mais uma vez, são para os cidadãos e para o planeta. O estudo "Cenário de cidades compactas eletrificadas", do ITDP, demonstra o impacto da eletrificação da frota e da substituição dos modais pela mobilidade ativa, frente às mudanças climáticas. Nas próximas três décadas, calculam os pesquisadores, a combinação desses dois cenários reduziria as emissões de dióxido de carbono oriundas do transporte em cerca de 87%.

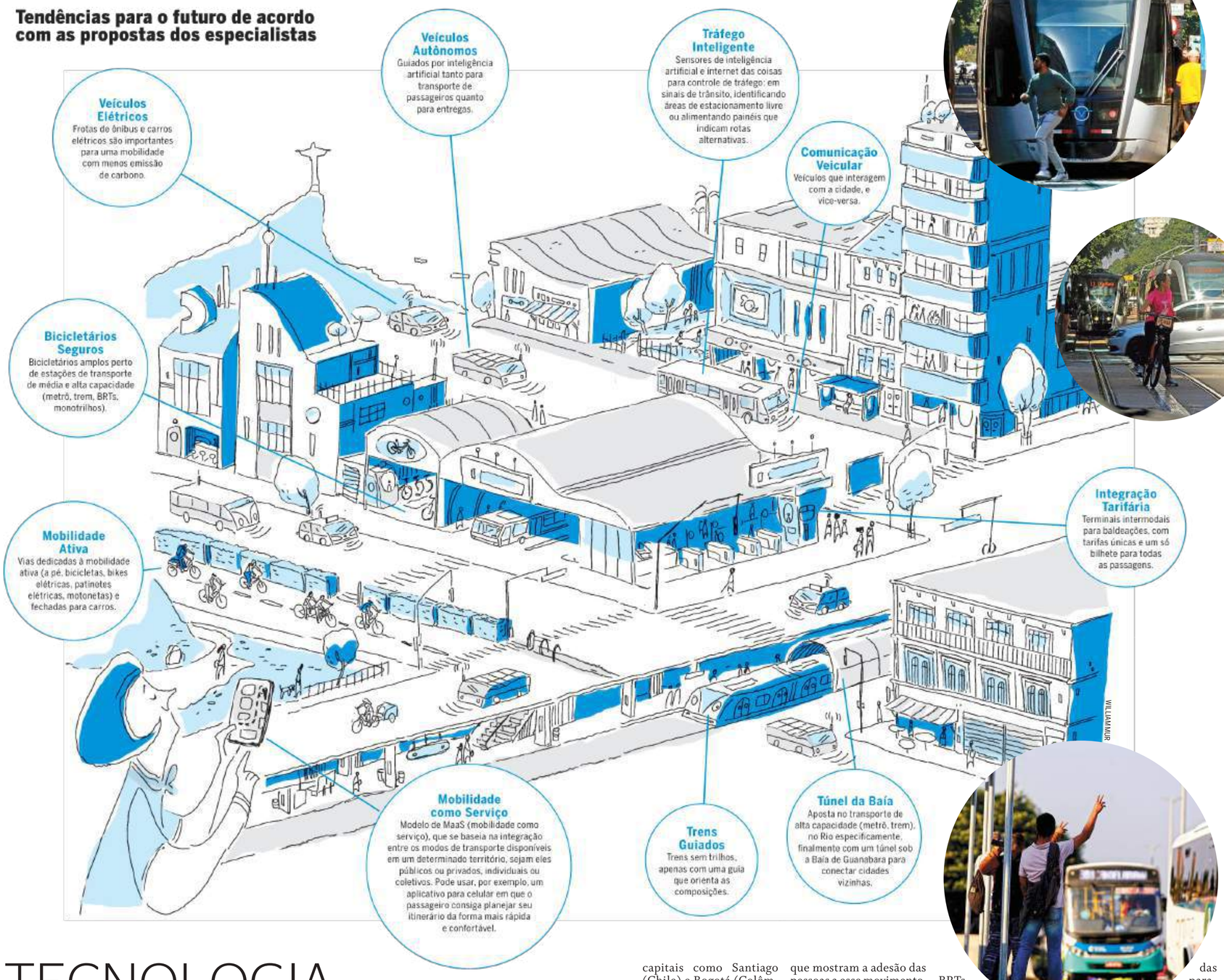
SOLUÇÕES LOCAIS

Diante das muitas vias possíveis para o futuro, o professor Glaydston Ribeiro destaca que se deve investir no desenvolvimento de tecnologias locais com o intuito de se encontrar saídas para desafios particulares do Brasil.

— Isso colocaria o país numa posição estratégica, porque nossas soluções seriam 'tropicalizadas' — afirma ele, ao ressaltar a expertise da Coppe/UFRJ na modelagem de sistemas complexos de transportes e em eletromobilidade. — Estamos falando de respostas para a nossa realidade. Não se pode só replicar uma solução de Copenhague, na Dinamarca, no Rio. Nossa região é diferente, do clima às demandas sociais. É preciso tropicalizar as soluções e replicar, aí sim, em cidades com características parecidas.

Na recente Cúpula da UITP, em Hamburgo, na Alemanha, em junho, esse mesmo debate ecoou. Ao comparar a Europa com a América Latina, o secretário-geral da associação, Mohamed Mezghani, frisou: aplicar modelos de mobilidade não é uma tarefa simples de copiar e colar. É preciso levar em conta, como já cantava Noel, que há "coisa nossa, muito nossa".

Tendências para o futuro de acordo com as propostas dos especialistas



WILLIAM MUR

MARCELO THEOBALD/15-7-2025 / CUSTODIO COIMBRA/17-7-2025







DESAFIOS QUE O SETOR PRECISA ENFRENTAR

Na semana em que o metrô do Rio fez seu primeiro aniversário, a edição do GLOBO de domingo, em 9 de março de 1980, estampou: "Rápido, barato e confortável. Os passageiros, claro, disseram sim". Trinta e seis anos mais tarde, em 31 de julho de 2016, a primeira página do jornal anunciava: "Sorria, o metrô chegou à Barra" — era o dia seguinte à abertura da Linha 4. Desde então, prestes a completar uma década daquela inauguração, a cidade não ganhou um único quilômetro a mais do modal. As obras da estação Gávea, que tinham ficado para trás, só recentemente foram retomadas. Inércia que, na capital fluminense e em outras cidades brasileiras, tem origem quase sempre nos mesmos obstáculos, que, para especialistas, precisam ser tirados do caminho para destravar o desenvolvimento dos transportes urbanos.

DÉFICIT

A demanda de investimentos é superlativa: R$ 670 bilhões, se considerados apenas 403 projetos de sistemas de transporte público de média e alta capacidades já existentes em 21 regiões metropolitanas do país com população conurbada superior a um milhão de habitantes. O mapeamento é do BNDES com o Ministério das Cidades para o Estudo Nacional de Mobilidade Urbana, em andamento para construir uma estratégia nacional para reduzir o déficit de investimentos no setor. Do total, o estudo propõe a realização de 194 projetos de metrô, trens urbanos, BRTs, VLTs, monotrilhos e corredores de ônibus.

O plano é aumentar em 122% a rede atual implantada, passando dos 2.007 quilômetros de sistemas de transporte público de média e alta capacidades para 4.453 quilômetros. Seriam 2.446 quilômetros de ampliações, sobretudo, nas regiões metropolitanas de São Paulo (563 quilômetros), Brasília (295), Belo Horizonte (230) e Rio (195). Numa próxima etapa do estudo, serão calculados os investimentos requeridos até 2054.

FINANCIAMENTO

Encontrar formas de financiar obras do setor é um desafio central. Parcerias público-privadas (PPPs) se tornaram uma das saídas. Já Clarisse Linke, do Instituto de Políticas de Transporte e Desenvolvimento (ITDP), defende reposicionar o transporte público como serviço essencial para cidades mais resilientes e adaptadas às mudanças climáticas. Reside aí, afirma, a oportunidade de aproveitar a onda de financiamentos globais ligados a esse cenário:

— Argumento pelo transporte público limpo, que promova a redução do efeito estufa e dos gases poluentes locais. Os projetos também precisam incluir elementos de infraestrutura verde e levar em consideração o aumento da temperatura, as ondas de calor, enchentes e as variações na precipitação.

SUBSÍDIOS

Onde já há serviços de transportes, a busca é por subsídios à operação, com redução da tarifa para o usuário. A pergunta é: de onde vêm os recursos quando os cofres públicos estão combalidos? No mundo, há alternativas como pedágios urbanos para carros que ajudam a financiar o transporte coletivo. Nabil Bonduki, arquiteto e urbanista da USP, defende a criação de um fundo nacional que poderia ser abastecido pela Contribuição de Intervenção no Domínio Econômico (Cide) sobre os combustíveis. Em Brasília, discute-se a criação de um Sistema Único de Mobilidade Urbana Sustentável (SUM), com gestão e custo do transporte público divididos entre os governos federal, estadual e municipal.

FOCO NOS TRILHOS

Quando o assunto é planejamento, muitas cidades sequer têm planos de mobilidade urbana elaborados. Nos trajetos onde há mais de 30 mil passageiros/hora/sentido, Ana Patrizia Gonçalves Lira, diretora executiva da Associação Nacional dos Transportadores de Passageiros sobre Trilhos (ANPTrilhos), não tem dúvidas de que se deve priorizar os modais de alta capacidade, como metrô e trem:

— Hoje, as cidades não fazem isso. São 1.100 km de trilhos, com 2,6 bilhões de passageiros transportados por ano no país. O potencial de crescimento é enorme. Sobre trilhos, há menos acidentes e poluição.

EXPANSÃO

Em São Paulo, apesar de haver empecilhos, há expansão gradativa do metrô. Em Salvador, foi assinada recente autorização para publicação de edital de ampliação da malha metroviária. No Rio, são antigos os planos para extensão da Linha 2, até a Praça Quinze, e para levar a Linha 4 ao Recreio dos Bandeirantes. Com relação à Linha 3 — ligando a capital a Niterói, São Gonçalo e Itaboraí, e na mesa dos políticos desde 1968 — o governo do estado contratou este ano a Coppe/UFRJ para a realização de um estudo técnico.

Mesmo diante de compreensível ceticismo, o professor Glaydston Ribeiro, que trabalhou no estudo, garante que é uma expansão factível, inclusive, com um túnel sob a Baía de Guanabara.

— Estamos falando de 2 milhões de pessoas afetadas diretamente pela Linha 3. É imperativo que aconteça — diz ele, citando exemplos de túneis subaquáticos pelo mundo, do Eurotúnel, entre a Inglaterra e a França, em operação desde 1994, ao Fehmarnbelt, entre a Dinamarca e a Alemanha, com previsão de conclusão em 2029.



RAFAEL GALDO
é editor de Rio do GLOBO

AS CIDADES NÃO PARAM

NOSSA HISTÓRIA

Parceria a serviço de ouvintes e leitores

PEDRO DIAS LEITE
pedro.leite@cbn.com.br

Assim como O GLOBO não devia se chamar O GLOBO, a CBN também não era para ser chamada CBN. Quem acompanhou a comemoração dos 100 anos sabe que o primeiro lugar no concurso para dar nome ao novo jornal foi "Correio da Noite"; como esse já estava registrado, foi escolhido O GLOBO, o segundo colocado. No caso da CBN, estava tudo certo para que a rádio, lançada em 1º de outubro de 1991, fosse a "Rádio Notícia". Mas uma campanha de uma concorrente, justamente com esse slogan, levou a uma mudança de última hora, e quem entrou no ar foi a CBN, a Central Brasileira de Notícias.

Claro que muito mais que essa coincidência de nomes une O GLOBO e a CBN. A rádio, assim como o jornal, já nasceu com a vocação de prestar serviço aos seus ouvintes. Na política, na economia, no dia a dia das cidades (e a CBN chega a mais de mil delas em todo o Brasil, todos os dias, 24 horas por dia), o foco é sempre traduzir, explicar, esclarecer a notícia. E sempre com agilidade e precisão.

Se a primeira página da edição de lançamento do GLOBO, em 1925, já trazia um serviço aos seus leitores, tapando "Sua Majestade, o Rei dos Buracos", ao longo dos anos a CBN também ajudou milhões de brasileiros. Esteve ao lado dos ouvintes para tapar pequenos buracos ou resolver grandes problemas. A cobertura que a rádio fez do grande apagão de 1997, levando informação a quem estava perdido na escuridão, lembra a atuação histórica de outra coirmã, a TV Globo, nas enchentes do Rio em 1966.

As transformações tecnológicas das últimas décadas aproximaram ainda mais a CBN e O GLOBO. No passado, a rádio trazia, ao longo do dia, no calor do momento, a notícia "quente", que tinha ficado velha no jornal de papel de logo cedo. Agora, com sites em tempo real e alertas de celular, o jornal disputa a atenção de ouvintes e leitores o tempo todo. Em vez de se afastar por causa disso, os dois se aproximaram. O colunista do GLOBO que acabou de publicar uma notícia exclusiva entra, logo depois, no ar na CBN, e amplia o alcance daquele furo para os ouvintes da rádio — e eles podem ir depois ao aplicativo ou site do jornal para saber mais; a entrevista bombástica com uma autoridade da República feita ao vivo pela CBN será repercutida, em instantes, em todos os canais do GLOBO.

A relação histórica entre O GLOBO e o rádio vem de muito antes da criação da CBN. Em dezembro do ano passado, o Sistema Globo de Rádio (SGR), que abriga a CBN, completou 80 anos desde a fundação da Rádio Globo, em 1944, com programação baseada no clássico slogan "música, esporte e notícia".

O fundador, Roberto Marinho, queria que a emissora fosse uma extensão do GLOBO. Criou, por exemplo, "O Globo no ar" e "Seu Redator-chefe", que apresentavam conteúdo do jornal. Desde aquela época, o que era falado na rádio repercutia no jornal, assim como o que era publicado no papel reverberava no ar.

Os tempos mudaram, mas a missão da CBN e do GLOBO continua a mesma: estar junto de seus ouvintes e leitores com a informação mais atualizada, precisa, contextualizada e relevante, o tempo todo, onde eles quiserem.

No papel, no rádio, no site, no app, no podcast e aonde mais a notícia chegar.



PEDRO DIAS LEITE
É diretor da CBN e foi editor-executivo e editor de País do GLOBO entre 2017 e 2020



MARCELO THEOBALD/19-4-2018

Sinergia. Novo estúdio da CBN, no Rio, funciona ao lado da Redação do GLOBO. O mesmo acontece na sucursal de São Paulo



LEO MARTINS

Popular. O jornal Extra foi lançado em 1998, como o veículo popular do Grupo Globo

De irmão para irmão

HUMBERTO TZIOLAS
humberto.tziolas@extra.inf.br

Meu querido irmão mais velho, que alegria enorme ver você chegar aos 100 anos! Mando meus parabéns por escrito, já que o texto sempre foi a nossa especialidade, não é mesmo? Quando eu nasci, em 1998, você já tinha seus 72 anos. Com toda essa experiência, foi a minha inspiração, aquele que me apontou os caminhos para uma vida de correção e credibilidade.

Lembro diariamente do orgulho que você sente por eu ser o mais "povão" da nossa família. Como sempre me disse, eu nasci com a habilidade de explicar de forma fácil o que é mais complicado.

Nossa afinidade vem de longe! Lembra que nós dois tivemos nossos nomes escolhidos pelo povo? Bacana demais! Outra coincidência: lá em 1925, quando você fundou nossa família, conseguiu fazer as autoridades taparem o "rei dos buracos", no Engenho Novo, para alívio dos moradores da região. Como foi muito bem definido na época, um "serviço prestado ao público". Quase uma profecia sua, já que essa frase, muitas décadas depois, poderia explicar a minha principal função.

E não para por aí. A gente tem muita história!

Quando eu conheci meu amigo João Buracão, aquele que fiscalizava junto comigo a buraqueira da cidade, ele fez questão de voltar ao Engenho Novo, mais de 80 anos depois, para verificar se o piso ainda estava lisinho. O seu carinho pela população sempre me inspirou. Desde muito novo, aprendi a admirar as pessoas e suas histórias. Comprar a briga de quem mais precisa é uma prioridade na minha vida. Orgulho máximo quando uma vez me chamaram de "trincheira de luta pela cidadania".

Por falar em trincheira, quantas vezes me emocionei ao ler sobre o que você fez na época da Segunda Guerra. Que coisa linda enviar a nossos soldados na Itália uma edição feita especialmente para eles. Foi a minha inspiração para, muitos anos depois, fazer algo parecido com os policiais que ocupariam o Complexo do Alemão.

INSPIRAÇÃO

Sempre procurei agir com a irreverência e a criatividade que herdei de você. Não me esqueço da sua alegria quando ganhei meus primeiros prêmios. E também das vezes em que as histórias que contei surpreenderam e emocionaram. Coisa de irmão mais velho! Dona Vitória foi incrível, né? Virou livro, filme e ainda ganhou o seu prêmio "Faz Diferença"! E aquela primeira página "Do tronco ao poste", que revelou um lado ruim da nossa sociedade? Triste demais, mas necessária. Assim como a capa sobre a fome, no dificílimo período da pandemia.

Já estou me alongando, mas a data pede todas as homenagens a você. Não posso encerrar sem lembrar de como desbravamos juntos o mundo digital. Quando eu nasci, você já fazia sucesso nos computadores e, mais tarde um pouco, nos celulares. Todos aqueles valores que você construiu através do papel estavam também nas telas, à distância de um toque do dedo. E eu não perdi tempo. Também aproveitei esse exemplo para seguir minha jornada.

Termino por aqui com votos de mais sucesso e uma vida de muitas realizações a você, O GLOBO.

Um beijo no coração!

É o que deseja o seu irmão Extra.



HUMBERTO TZIOLAS
É diretor de Redação do Extra

Coordenação: André Miranda. **Editora:** Mànya Millen. **Editores assistentes:** Gustavo Alves e Pedro Tinoco. **Redatores**: Aydano André Motta, Bernardo Araujo, Carolina Morand, Lucila de Beaurepaire e Lucila Soares.
Direção de arte: Alvim. **Projeto gráfico:** Alvim e Télio Navega. **Diagramação:** Ana Scott, Gustavo Amaral e Télio Navega. **Coordenação fotográfica:** Paulo Moreira.
Infografia e arte: Renata Amoedo, Renato Carvalho, Vinicius Machado e William Mur. **Pesquisa:** Luciana Barbio Medeiros e Paulo Luiz Carneiro.



É shopping. E também é conexão.

A gente sabe: quando você vê o trevo da Multiplan, pensa logo em shopping. Mas é só olhar ao redor para perceber que tem muito mais. Nossos empreendimentos valorizam as regiões onde estão. Melhoram a infraestrutura, atraem novos serviços, geram novos empregos e movimentam a economia. Somos aquele vizinho que é ótimo ter por perto. Na próxima vez que visitar um empreendimento Multiplan, observe.

Para fazer sua vida melhor, a gente faz cada dia mais.

Multiplan

Faz sua vida melhor.

informações: (21) 3031-5404 e (11) 4573-1700



ALEXANDRE CASSIANO/4-3-2024

CAMINHOS PARA PARTILHAR UMA CIDADE

Moradias sociais e 'coliving' são alguns dos meios de evitar a gentrificação, fenômeno que marca a recuperação de áreas urbanas

ROBERTA ARAÚJO
Especial para O GLOBO

A visão funcional da casa como uma "máquina de morar" de Le Corbusier cedeu espaço para a constatação poética de Ferreira Gullar de que "O homem está na cidade/ como uma coisa está em outra/ e a cidade está no homem/ que está em outra cidade". A noção de que a forma como as pessoas se relacionam com a cidade onde moram também está relacionada à sua memória e bem-estar emocional se fortaleceu no século XXI, quando o desafio de ordenar as cidades que preocupa urbanistas desde o início da Revolução Industrial teve de lidar com um novo fenômenos: a gentrificação, que remove moradores de áreas degradadas à medida que elas vão se recuperando e valorizando os preços dos imóveis.

Tornar as cidades mais gentis para seus habitantes, na realidade das metrópoles brasileiras, soa quase como utopia. Mas na Europa, prefeituras como as de Viena e Paris apostaram há muito tempo em soluções que mudam a lógica especulativa dos espaços urbanos, priorizando a moradia de qualidade, com preços realistas e acesso aos serviços públicos como transporte, saúde, educação e lazer.

PARADIGMA AUSTRÍACO

Com 2 milhões de moradores, Viena é considerada um paradigma de habitação social. Metade das unidades residenciais é de gestão do governo local, que as subsidia e cobra aluguéis com valores bem abaixo do mercado. O modelo é financiado por um imposto e tem raiz centenária — dona dos terrenos, a cidade constrói moradias sociais desde os anos 1920, na esteira do fim da I Guerra Mundial.

Com isso, enquanto outras grandes cidades europeias vivem uma intrincada crise habitacional, agravada pelos sites de aluguel de temporada e a especulação imobiliária, a capital austríaca se mantém mais acessível. Em vez de afastar moradores para áreas periféricas, a administração municipal suaviza as desigualdades entre os bairros e os processos de gentrificação.

As habitações sociais foram adotadas também em países como a Alemanha, a França e a Inglaterra. Em Paris, uma das cidades mais caras do mundo para se viver, cerca de um quarto da população mora em habitações populares. A prefeitura compra imóveis ociosos e cobra aluguéis a valores controlados para a população de classe média e baixa, o que inclui trabalhadores de pouca escolaridade, professores e estudantes universitários.



PREFEITURA DE CUBATÃO

Estas moradias são espalhadas pela cidade e se estendem inclusive a pontos nobres, com vista até para a torre Eiffel. A ideia é evitar que o coração da Cidade-Luz seja exclusividade dos super-ricos. Ficou célebre a frase dita pela prefeita Anne Hidalgo durante o U20, evento paralelo ao encontro do G20, no Rio, no ano passado, para defender o urbanismo inclusivo: "O pobre também tem direito ao belo".

No Brasil, para que as disparidades sejam atenuadas, os planos de desenvolvimento urbano precisam contemplar os instrumentos do Estatuto da Cidade, afirma o engenheiro Francisco Comaru, professor associado da Universidade Federal do ABC e coordenador do Laboratório Justiça Territorial. Válido desde 2001, o estatuto traz regras para a elaboração dos planos diretores, obrigatórios para o planejamento urbano de municípios com mais de 20 mil habitantes, como determina a Constituição.

— Precisamos financiar o acesso a moradias. Os municípios e estados têm investido muito pouco em política habitacional para a população de baixa renda e também no controle dos preços dos imóveis. Em Berlim, a prefeitura tem adotado política de controle de valores de aluguéis — cita Comaru, como exemplo. — Se deixamos (os preços) livres, ao sabor de proprietários, investidores e construtoras, o céu é o limite.



ALEX CRETEY-SYSTERMAN/NYT

Propostas de habitações populares no Rio (alto), Cubatão, Paris e Viena. Para especialistas, é preciso combater a ociosidade imobiliária e impulsionar o retrofit social

Na busca pela criação de mais moradias, ferramentas de combate à ociosidade imobiliária e de impulsionamento do retrofit social são promissoras. No entanto, é preciso superar entraves burocráticos, como eventuais desapropriações. Anunciado como o primeiro prédio do Brasil a passar por um retrofit completo para virar habitação popular, o Edifício Castro, "elefante branco" no centro de Cubatão (SP), vai ser ocupado por 81 famílias quando ficar pronto (a previsão é de dois anos de obras). O prédio foi construído em 1973 e abrigava escritórios e lojas. Agora, estão sendo investidos R$ 17 milhões — o financiamento vai ser pelo Minha Casa, Minha Vida.

Mas não faz sentido tentar atacar problemas históricos com projetos pontuais, alertam especialistas. A percepção é de que, em geral, os governos ignoram a função social da propriedade, também prevista na Constituição de 1988.

— O déficit habitacional no país é fruto da desigualdade estrutural que acompanha a história da nossa urbanização. Resulta de um padrão em que a terra é tratada primeiramente como ativo financeiro, usada para especulação financeira, e não como uma necessidade humana para uma vida digna. Tornar as cidades mais gentis exige colocar as pessoas, e não o mercado, no centro do planejamento urbano — defende Thiago Canettieri de Mello e Sá, professor do Departamento de urbanismo da UFMG.

A escassez de bairros com boa qualidade de equipamentos urbanos contribui para os altos preços dos imóveis e a fragmentação das cidades, sinaliza Vanessa Nadalin, pesquisadora do Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada (Ipea).

— Opções economicamente mais acessíveis garantiriam maior heterogeneidade social. Em vários lugares do mundo existe o zoneamento inclusivo, como temos as Zeis (Zonas Especiais de Interesse Social), limitando a ocupação do espaço por famílias de baixa renda — lembra Nadalin.

Vanessa cita o caso de Medellín, na Colômbia, como um bom exemplo de requalificação de áreas centrais com vistas também à melhoria da moradia. No Rio, o projeto de recuperação urbanística Reviver Centro, que visa a atrair novos moradores, ainda carece de estímulo à habitação social.

— Qualquer solução habitacional, de qualquer nível de governo, precisa de uma articulação com os movimentos de moradia, que acumularam muita experiência com esse tipo de projeto, e têm viabilizado as experiências mais ousadas e inovadoras de produção de moradia nas áreas centrais — reforça Laisa Eleonora Stroher, professora da UFRJ e pesquisadora do Observatório das Metrópoles.

NOVAS REPÚBLICAS

Ainda pouco usada no Brasil, alternativas inovadoras que driblam o alto custo de vida das metrópoles e miram o bem-viver são o *coliving* e o *cohousing* — versões de regras mais consolidadas do que já se chamou de "república". Mais comum em países do Hemisfério Norte, como a Dinamarca, os Estados Unidos e o Canadá, este tipo de habitação colaborativa prevê a divisão de gastos entre moradores que compartilham áreas comuns, como cozinha, lavanderia e espaços de lazer. Entre os adeptos dessas novas formas de convívio nas cidades, costumam estar dois extremos: jovens e idosos, inclinados a se juntar a seus pares em comunidades.



C. STADLER

UMA HISTÓRIA SE CONSTRÓI DE MUITAS FORMAS.

A cidade em que vivemos hoje passou pelas páginas deste jornal: cada notícia, cada personagem e toda a transformação, ao longo de 100 anos.

MTG * MIND THE GAP



GLÓRIA
RESIDENCIAL · RIO DE JANEIRO

Saiba mais:
gloriaresidencial.com.br



Green Park Barra

Saiba mais:
greenparkbarra.com.br



ARETÊ
BÚZIOS

Saiba mais:
aretebuzios.com.br



Be.in.Rio
COLEÇÃO

Saiba mais:
be-in-rio.com.br

Nós olhamos para essa mesma história com orgulho, por fazermos parte dela, à nossa maneira. Resgatando um símbolo centenário, como o Hotel Glória. Criando novos centros para o viver, como o Aretê, em Búzios, e o Green Park Barra. Ou ainda celebrando o que faz desta cidade um lugar desejado, com a Coleção Be.in.Rio. Projetos que buscaram transformar ruas, bairros e fazer a diferença na vida de muitas pessoas.

Parabéns pelos 100 anos de história, O Globo.

WWW.OPPORTUNITYIMOBILIARIO.COM.BR

OPPORTUNITY FUNDO DE INVESTIMENTO IMOBILIÁRIO

AS CIDADES NÃO PARAM

DANIELA CANEDO
Especial para O GLOBO

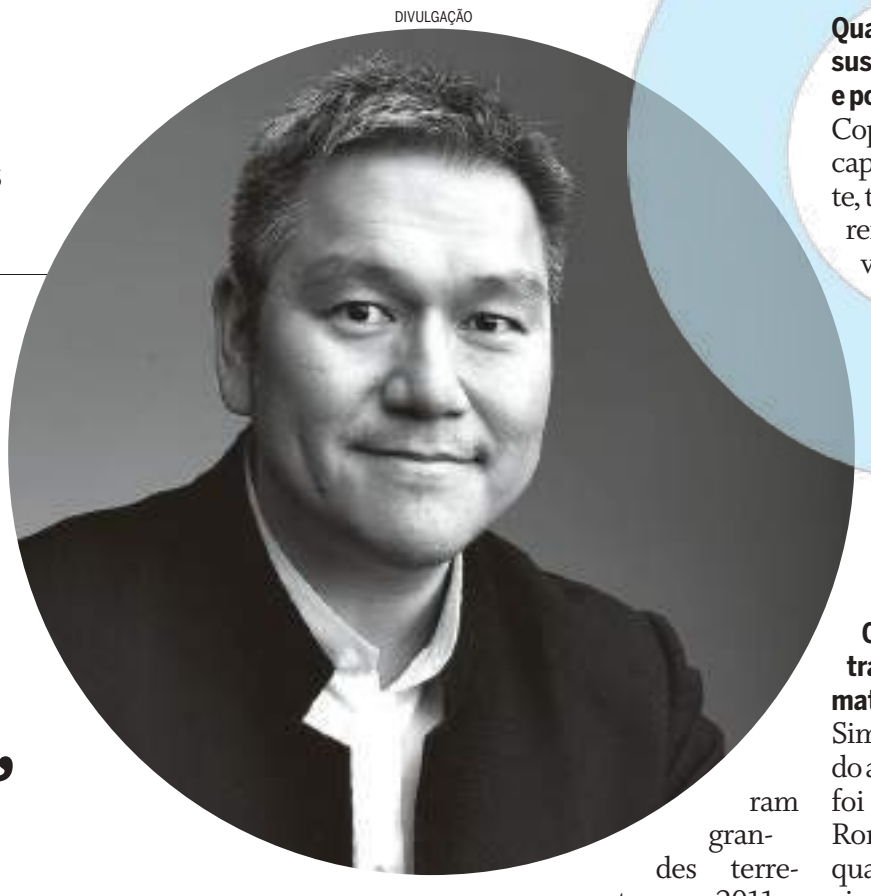
ENTREVISTA

E. Sung Yi / ARQUITETO

Sócio de premiado escritório, que busca soluções sustentáveis para reconstruir espaços urbanos, defende respeito à herança cultural

‘É PRECISO ENTENDER O LEGADO E A EMOÇÃO DAS PESSOAS’

DIVULGAÇÃO



Mestre pela Universidade de Harvard, o arquiteto, urbanista e pesquisador sul-coreano E. Sung Yi é sócio do premiado Thom Mayne no escritório Morphosis e diretor do Instituto NOW, dedicado a aprimorar e reconstruir espaços urbanos com soluções sustentáveis. Em seu portfólio, destacam-se desde as reconstruções de Nova Orleans e do Haiti após desastres naturais até o megaprojeto da cidade futurista The Line, em construção na Arábia Saudita. Yi também é professor na Universidade do Sul da Califórnia, em Los Angeles. Além de projetar prédios sofisticados, ele se importa com a dinâmica e o futuro das cidades, que considera organismos vivos, e acredita que a solução para muitos problemas urbanos está na cultura local. Sung Yi vem ao Brasil em setembro, para participar do Rio Construção Summit 2025, no Píer Mauá.

Como funciona o Instituto NOW, centro de pesquisa do Morphosis?

Começamos a especular sobre a união de pesquisadores universitários avançados com agências governamentais, que talvez não tivessem pessoas, recursos e tempo suficientes para refletir sobre os problemas e o futuro das cidades. Em 2001, lançamos o instituto. Olhamos o urbanismo, a cidade, como um organismo vivo. Você vai criando algumas regras, tentando mantê-lo saudável, feliz.

Onde o instituto já atuou?

Começamos por Los Angeles, pensando em como a cidade poderia potencialmente crescer. Depois, quando o furacão Katrina inundou Nova Orleans, fomos para lá. Dissemos “é preciso mudar todas as pessoas para um lugar mais alto, onde não há mais inundação.” Mas os moradores disseram “Não, você não pode fazer isso”. E foi aí que começamos a lidar com sustentabilidade como uma cultura. Sustentabilidade cultural é compreender a herança, o legado e a emoção das pessoas. Em Nova Orleans, fizemos uma série de casas que iriam ficar inundadas, como uma pequena arca de Noé e, numa próxima inundação, as pessoas poderiam continuar morando lá por três semanas. É assim que reagimos a diferentes problemas urbanos. Trabalhamos nos arredores de Madri e depois voltamos a Los Angeles, por causa da previsão de aumento da população para mais de 1,5 milhão de habitantes em 2050. Decidimos que não iríamos colocar casas em toda a cidade, mas concentrá-las na famosa Avenida Wilshire, deixando o restante da cidade como se vê nos filmes. Esse estudo nos levou a ganhar o Plano Regional de Neom, na Arábia Saudita. Lá, parte da nossa estratégia foi preservar 95% do território como um parque natural e criar uma cidade muito linear, que conectasse o mar com o deserto. Foi provavelmente um dos momentos de maior definição do que o Instituto NOW estava fazendo.

Por quê?

Estávamos lidando com situações extremas. Em 2010, aconteceu um grande terremoto no Haiti. Fomos enviados para recuperar o país com a Unesco. No começo, pensei: “Meu Deus, é impossível”. Eles precisam de casa, comida, toalhas. Mas isso se tornou interessante porque, por oito anos, com base num rico legado, história e cultura, trabalhamos para criar uma nova imagem para o Haiti.

Qual é o projeto do momento?

Nos últimos seis meses, tenho trabalhado com o governo japonês em Wajima. Eles tiveram grandes terremotos em 2011 e 2024, e me chamaram para examinar como reconstruir a cidade. Não apenas reconstruindo casas, isso é muito fácil. Como plantar algo que é culturalmente muito mais sustentável? Eles são muito famosos pela carne. Isso é um começo. Também desenvolvem um tipo de louça laqueada vermelha e preta, então usamos isso como uma forma de recriar o renascimento da cidade.

Há planos para desenvolver projetos na América do Sul, quem sabe no Brasil?

Com certeza. Acho que a América do Sul, especialmente o Rio e o Brasil, tem uma série fenomenal de problemas com os quais gostaríamos de trabalhar, em parceria com grupos locais.

Qual é a cidade mais sustentável do mundo e por quê?

Copenhague. Em parte, pela capacidade de, culturalmente, todos se unirem e entenderem o estilo de vida sustentável como parte do estilo de vida pessoal.

Há novos materiais em desenvolvimento, como o bioconcreto, feito com bactérias que, em contato com a água, corrigem fissuras no asfalto. E o bioconcreto com algas que captam CO2 da atmosfera. Você trabalharia com estes materiais?

Sim. Todo mundo está voltando a pesquisar o concreto, que foi inventado pelo Império Romano. Há uma razão pela qual muitas ruínas romanas ainda são fortes: elas têm capacidade de se reparar lentamente com o tempo. No momento, estou falando com quatro grupos que têm diferentes formulações para concretos.

Os projetos sustentáveis são mais caros. Como produzir em escala maior para que se tornem mais acessíveis ?

Metade da sustentabilidade trata de novas tecnologias. Mas a outra metade é o que chamo de estratégias passivas. É aproveitar a iluminação externa, diminuir o calor, gerenciar o fluxo de vento. Muitas estratégias já foram inventadas pelos nossos antepassados. Estamos fazendo vários novos projetos em que as coisas estão se tornando menos caras e mais sustentáveis.



PATRIMAR

SAIBA MAIS

CONSTRUIR
LEVA TEMPO.
INFORMAR
COM EXCELÊNCIA,
UM SÉCULO.

Parabéns, O GLOBO,
pelos 100 anos!

Enquanto O Globo conta histórias,
a Patrimar constrói belos cenários para elas
com o mesmo padrão de qualidade.



Todas as ilustrações e os desenhos desta peça têm caráter exclusivamente ilustrativo e artístico, para divulgação do empreendimento, por se tratar de um bem ainda a ser construído. Os materiais e as cores representados poderão sofrer alterações ao longo da execução do projeto de construção em função da disponibilidade no mercado. Atlântico Golf: Memorial de Incorporação registrado no Cartório do 9º Ofício de Registro de Imóveis do Rio de Janeiro sob o n. R-11 da matrícula n. 455.886. Oceana Golf: Memorial de Incorporação registrado sob o R-11 da matrícula n. 455.887 do Cartório do 9º Ofício de Registro de Imóveis do Rio de Janeiro em 1º/10/2021. Icon Golf: Memorial de Incorporação registrado sob o R-05 da matrícula n. 454.635, no Cartório do 9º Ofício de Registro de Imóveis do Rio de Janeiro, em 1º/4/2024. Epic: Memorial de Incorporação registrado sob o R-05 da matrícula n. 454.636, no Cartório do 9º Ofício de Registro de Imóveis do Rio de Janeiro, em 11/2/2025. A incorporação está submetida ao REGIME DE AFETAÇÃO conforme averbação AV-8 da matrícula n. 454.636 - PATRIMÔNIO DE AFETAÇÃO. Grand Quartier: Memorial de Incorporação dos blocos 1.000, 2.000, 3.000 e 4.000 registrado sob o R-4 da matrícula n. 476.836, no Cartório do 9º Ofício de Registro de Imóveis do RJ, em 20/9/2023. * As unidades com 2 suítes são a partir de 73,59 m².
Arquiteto responsável: Francisco Alexandre Feu Rosa – CAU: A7977-4. Engenheiro responsável: Rodrigo Schnorr de Arruda – CREA-RJ: 2005107678. CRECI Patrimar: RJ-008264/O.

AS CIDADES NÃO PARAM



Amsterdã. Na cidade dos ciclistas, bicicletas têm prioridade sobre os demais meios de transporte

BRUNO ROSA

A PÉ OU DE BIKE, O CIDADÃO QUER CIRCULAR EM PAZ

ROBERTA ARAÚJO
Especial para O GLOBO

Cidades ao redor do mundo mostram que vale a pena investir no bem-estar e na segurança de pedestres e ciclistas

Lançado em 1961, o livro "Morte e vida das grandes cidades", da escritora e ativista norte-americana Jane Jacobs, defende a interação humana como um elemento central para manter as cidades dinâmicas e interessantes. A publicação, que se tornou um clássico para urbanistas de todo o mundo, descreve os espaços urbanos como o lugar da diversidade, que deve prezar pela mistura de funções das ruas e não ceder à fragmentação derivada da setorização por bairros.

Seis décadas depois, as ideias de Jacobs ainda inspiram profissionais e gestores que acreditam na vida a pé e no convívio com as diferenças como caminhos para o bem-estar dos cidadãos nas vias das cidades. Fundamentadas na mobilidade ativa, ou seja, no uso de meios de deslocamento não motorizados, múltiplas experiências, de Medellín a Barcelona, da Cidade do México a Copenhage, de Buenos Aires a Seul, vêm mostrando a eficácia dos investimentos na requalificação de áreas urbanas para tornar mais prazeroso o dia a dia de todos os seus usuários — em especial, de pedestres e ciclistas.

Disseminadas por Amsterdã e pela chinesa Hangzhou, entre outras grandes cidades, as bicicletas compõem cartões-postais e reduzem a dependência dos carros e de outros veículos poluentes e causadores de acidentes.

Com apoio popular, Paris vem ampliando a malha cicloviária, fechando centenas de ruas a automóveis e elevando as cobranças por estacionamento. As zonas de pedestres na capital do *flâneur* se multiplicam. A prefeitura quer tornar Paris uma "cidade dos 15 minutos", o que pressupõe que neste curto intervalo de tempo seja possível andar ou pedalar para o trabalho, lazer ou outros afazeres.

MEDELLÍN É EXEMPLO

Na vizinha Espanha, as famosas superquadras de Barcelona, que completam sua primeira década no ano que vem, ensinam que é possível quebrar a hegemonia das quatro rodas e priorizar o pedestre. A estratégia tem sido liberar as vias internas de quadras grandes, legando aos carros só as externas. Até 2030, a meta é que a cidade catalã, que ainda tem a maior densidade de carros da União Europeia, conte com 500 dessas "ilhas" destinadas ao caminhar.

Quando se trata de planejamento urbano humanizado, o destaque na América Latina é Medellín. Graças a um ambicioso conjunto de intervenções que começou nos anos 2000 e resultou em belos parques, passeios públicos, bibliotecas e espaços para esportes, a cidade colombiana deixou de ser uma das mais violentas do mundo e se converteu em polo de inovação urbanística e social.

> "As cidades brasileiras não são pensadas na escala humana"
> **Ciro Biderman,** diretor do FGV Cidades

No Brasil, não temos nada equiparável em andamento, diz Paula Santos, gerente de mobilidade urbana da ONG World Resources Institute no país:

— Estamos muito atrasados. Já existem conceitos consolidados, como ruas completas, que integram mobilidade, segurança, saúde e bem-estar. Algumas cidades brasileiras estão avançando, mas ainda falta escala e vontade política contínua. Enquanto isso, não só a Colômbia, mas Argentina e México já deram passos importantes, mesmo enfrentando desafios econômicos e culturais parecidos.

Os protestos ligados à segurança no trânsito começaram no Brasil nos anos 1980. Foi quando o cicloativismo se consolidou como movimento organizado, reivindicando infraestrutura adaptada e participação nas políticas públicas. Já em 2001, veio o Estatuto da Cidade, e, em 2012, a Política Nacional de Mobilidade Urbana, que passou a tratar mais amplamente da mobilidade, não só do transporte. No entanto, ainda vigora um modelo centrado no fluxo motorizado.

Entre nossas metrópoles, o cenário mais hostil é o de São Paulo, considera Ciro Biderman, diretor do FGV Cidades:

— Em geral, as cidades brasileiras não são pensadas na escala humana, e isso só piorou ao longo das últimas décadas. No Brasil, São Paulo talvez seja o pior caso, por privilegiar brutalmente o "carrocentrismo".

Os discursos em prol da sustentabilidade, por um lado, e da inclusão, por outro, ganharam fôlego nas últimas décadas. No entanto, em pleno século XXI, ainda prevalece o olhar rodoviarista, diz Denise Duarte, engenheira civil e professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP.

— A gente discute esses temas da mobilidade desde os anos 1960. Mas, ao longo do tempo, o foco foi indo para o transporte individual. No Brasil, tivemos avanços, como corredores de ônibus e investimentos em metrô e ciclovia. Tem gente em São Paulo que já nem tem carteira de motorista. Mas isso ainda não é para a maioria.

EDILSON DANTAS/ 26-7-2023



Fechado ao trânsito. O Vale do Anhangabaú é uma exceção na capital paulista, onde vigora o "carrocentrismo"

MARIA CONTRERAS/THE NEW YORK TIMES /21-7-2023



Superquadra em Barcelona. Na capital da Catalunha, na Espanha, ruas internas são exclusivas para pedestres

Oportunidade rara como essa, só de 100 em 100 anos.

O raro existe. E ele ganha forma no Ilha Pura.

Em um mundo de excessos, raro não é o que custa mais.
É o que tem valor: o espaço que acolhe, a natureza vibrante, o tempo desacelerado.
É a experiência de viver em um bairro que nasceu planejado, completo, verde e inteligente.
É o privilégio de ter o design de móveis by Ornare, uma marca premiada internacionalmente, com presença em Milão, Miami e Dubai.

Design de móveis by
ORNARE

Os maiores 3 e 4 suítes em lançamento na Barra,
a partir de **R$ 1.573.200***

171 m² a 227 m² • Coberturas de até **461 m²** • Entrega em **18 meses**

Em breve, no Ilha Pura. Um bairro pronto para viver com tudo.

72 mil m² de lazer • Segurança 24h • Paisagismo por Burle Marx
Colégio pH, em 2026, e mercado, em breve.

Um empreendimento: btg pactual
Desenvolvimento urbano: CARVALHO HOSKEN S/A

Ilha Pura

Saiba mais em
lancamento.ilhapura.com.br

Av. Salvador Allende, 3.200 – Barra da Tijuca

*Projeção de valor referente à unidade Bloco 2: 102 – 202 – 302 – 103 – 203 – 303. As condições poderão ser alteradas sem aviso prévio e estão sujeitas a análise de crédito, aprovação comercial e disponibilidade. A previsão de entrega do empreendimento é estimada e poderá sofrer alterações conforme cronograma de obras e exigências legais aplicáveis. O Parque Ilha Pura é área pública do município do Rio de Janeiro com adoção vigente pela Associação dos Proprietários do Ilha Pura e qualquer alteração estrutural está sujeita à aprovação dos órgãos competentes. Incorporadora responsável: Ilha Pura 01 Empreendimento Imobiliário S.A.: Rua da Assembleia, nº 85, loja A, Centro, CEP 20.011-001, Rio de Janeiro/RJ.

MISSÃO DADA A UM PAÍS RECORDISTA EM BRUTALIDADE

Em 2021, o Brasil concentrou 10% das mortes violentas no mundo; soluções passam por política de armas, combate à impunidade e melhorias nas polícias

RAFAEL SOARES
rafael.soares@extra.inf.br

Ao mesmo tempo em que a preocupação com a violência ocupa cada vez mais espaço em propagandas políticas e decide eleições, o Brasil ostenta posições nada honrosas no campo da segurança pública. Em 2023, um levantamento da Organização das Nações Unidas (ONU) colocou o Brasil no topo do ranking mundial de mortes violentas: mesmo com apenas 2,7% da população global, o país concentrou mais de 10% das mortes violentas de todo o planeta em 2021.

Os superlotados presídios brasileiros abrigam hoje 674 mil detentos em um ambiente profícuo para o fortalecimento e a proliferação de facções do tráfico de drogas. A quantidade de armas nas ruas também chegou a seu ápice: atualmente, quase 5 milhões de pistolas, revólveres, carabinas e fuzis — e as autoridades não fazem ideia de quantas já foram desviadas e estão nas mãos do crime organizado.

Uma pesquisa Genial/Quaest divulgada em abril passado mostrou que "violência" foi o tema mais citado pelos entrevistados quando perguntados sobre o principal problema do país. Ao todo, 26% escolheram a resposta segurança pública, que pela primeira vez ultrapassou "economia", tema com 21% das menções.

Especialistas, no entanto, são unânimes ao apontar um caminho: o das políticas de enfrentamento à violência baseadas em evidências científicas, iniciativas que ainda têm implementação tímida no país.

Já a política de flexibilização das armas adotada pelo ex-presidente Jair Bolsonaro teve como consequência um aumento de quase 300% no arsenal espalhado pelo país. Dados da Polícia Federal e do Exército mostram que, de 2018 a 2023, a quantidade de armas em acervos particulares saltou de 1,3 milhão para quase 5 milhões — e, como já foi comprovado em investigações policiais, parte desse armamento foi parar nas mãos de criminosos.

— Enquanto o país não entender que o controle de armas é uma política de segurança e não de direito de defesa, a gente não vai avançar — afirma Carolina Ricardo, diretora-executiva do Instituto Sou da Paz.

O governo Lula tomou medidas para restringir a circulação, mas ainda é pouco, segundo a ativista.

— É fundamental o Estado tirar a arma do crime — diz ela.

Abaixo, O GLOBO aponta outros desafios no campo da segurança pública e medidas indicadas por especialistas que já funcionam para mitigar os problemas.



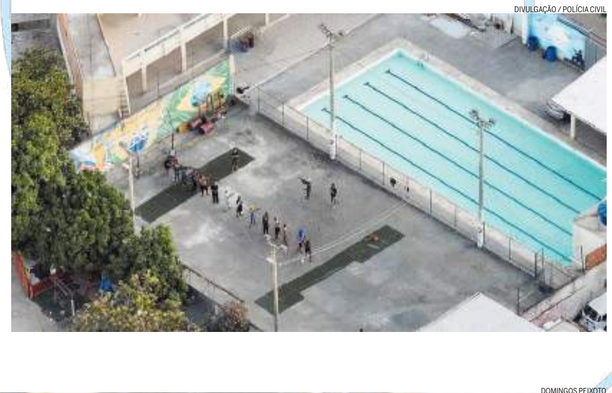
MARCIA FOLETTO / AGÊNCIA O GLOBO



Rotina
Operação policial na Ladeira dos Tabajaras, em Copacabana, criminosos armados treinando na Maré e armas apreendidas pela polícia



DOMINGOS PEIXOTO



DIVULGAÇÃO / POLÍCIA CIVIL

CRIME ORGANIZADO

Em 2020, a ONG chilena Latinobarômetro perguntou a 20 mil habitantes de 18 países da América Latina se eles conviviam com grupos criminosos armados no bairro onde moravam. Ao todo, 70,8% dos entrevistados brasileiros responderam "sim" à pergunta — com folga, a maior taxa entre todos os países. Em comparação, só 36% dos colombianos e 34% dos mexicanos, que convivem com conflitos entre cartéis do tráfico e grupos paramilitares, afirmaram sentir a presença do crime em seu bairro.

O resultado escancara a mudança de escala da atuação do crime organizado do Brasil nas últimas décadas: as duas maiores facções do tráfico do país, o Primeiro Comando da Capital (PCC) e o Comando Vermelho (CV), se nacionalizaram, disputam territórios e rotas à bala em vários estados e se tornaram presentes no tráfico internacional, controlando portos e expandindo seus mercados para países africanos e europeus.

— Hoje, nosso maior desafio é lidar com esses grupos como holdings criminais, e não só como facções do narcotráfico. Elas atuam no controle de territórios, mas também no sistema financeiro do país — afirma Renato Sérgio de Lima, presidente do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP).

Segundo Lima, para fazer frente a essa realidade, uma nova forma de investigar, com foco na descapitalização dos grupos, se impõe. Dados do Conselho de Controle de Atividades Financeiras (Coaf), compilados pelo Instituto Esfera em parceria com o FBSP, mostram como o país avançou nesse sentido na última década: de 2015 a 2024, o número de Relatórios de Inteligência Financeira (RIFs) elaborados pelo órgão a pedido de polícias de todo o país para investigar facções do tráfico aumentou 20 vezes, de 508 para mais de 10 mil.

— Outro ponto em que avançamos é a integração, com a expansão das Forças Integradas de Combate ao Crime Organizado (Ficco) para todos os estados. Como as facções são nacionais, precisamos de forças federais e estaduais trabalhando juntas — acrescenta Lima.

IMPUNIDADE

A cada dez assassinatos registrados no Brasil, seis não têm solução. Dos 38 mil crimes do tipo que aconteceram em 2022, somente 39% foram solucionados até o final de 2024, como mostra a pesquisa "Onde Mora a Impunidade?", feita pelo Instituto Sou da Paz. O país está abaixo das médias de elucidação global (63%) e das Américas (43%), continente com o pior índice de esclarecimento de homicídios do mundo.

Tão grave quanto as estatísticas é a inexistência de um indicador oficial da taxa. Foi o vácuo do governo federal na produção e gestão de dados sobre elucidação de mortes violentas que levou o Sou da Paz a começar a pedir essas informações para cada estado e compilá-las. Para Carolina Ricardo, diretora-executiva do Sou da Paz, uma política de priorização de investigação de homicídios deveria começar a partir de um diagnóstico oficial e público do problema.

— O foco da política de segurança pública brasileira é no policiamento ostensivo, que é mais visível, mas é nitidamente insuficiente. A polícia investigativa é mais silenciosa, mas é muito mais eficiente e vai na raiz do problema. Precisamos mudar a prioridade da política, criar indicadores, fortalecer a perícia e investir na unificação de bancos de dados — afirma Ricardo.

Um exemplo de avanço no campo é a criação e consolidação de bancos nacionais de evidências, como o de perfis balísticos — que, desde 2021, estabelece relações entre provas periciais coletadas em todos os estados do país e já tem 30 mil cartuchos apreendidos cadastrados — e o de perfis genéticos, que alcançou a marca de mais de 200 mil DNAs cadastrados. No ano passado, um homem preso por roubo em São Paulo teve o material genético coletado e, a partir do banco de dados, a PF concluiu que ele também havia participado do mega-assalto à transportadora de valores Prosegur, em Cidade do Leste, no Paraguai, em 2017. Hoje, ele responde na Justiça pelo crime.

POLÍTICA DE ARMAS

A política de flexibilização sem precedentes adotada pelo ex-presidente Jair Bolsonaro teve como consequência um aumento de quase 300% no arsenal em circulação no país: dados da Polícia Federal e do Exército mostram que, de 2018 a 2023, a quantidade de armas em acervos particulares (ou seja, em nomes de CACs, militares, policiais e civis com autorização para posse ou porte) no país saltou de 1,3 milhão para quase 5 milhões — e, como já comprovaram diversas investigações policiais pelo Brasil, parte desse armamento foi parar nas mãos de criminosos.

— Enquanto o país não entender que o controle de armas é uma política de segurança e não uma política sobre direito de defesa, a gente não vai avançar. Infelizmente, essa agenda foi sequestrada. Estamos falando sobre o direito coletivo à segurança pública, o direito individual à defesa precisa ser visto como residual — afirma Carolina Ricardo.

Logo em seu primeiro dia de mandato, Lula congelou o registro de novas armas. Sete meses depois, publicou um decreto que restabeleceu diversas restrições, como a proibição da venda de fuzis e pistolas .40 e 9mm aos CACs. No último dia 1º, a Polícia Federal assumiu oficialmente a responsabilidade pela fiscalização dos CACs. Até então, essa competência cabia ao Exército, que acumulava falhas na emissão de certificados e no controle de acervos. Especialistas veem as medidas como avanços, mas alertam que elas não deram destino às armas que foram despejadas no mercado nos últimos anos.

— É fundamental fortalecer a capacidade do Estado de tirar a arma do crime. Um exemplo positivo dessa atuação é o estímulo à criação de delegacias especializadas em armas, as Desarmes. Atualmente, apenas seis estados têm unidades deste tipo. O Rio foi pioneiro, mas ainda são poucas — completa Ricardo.

CONTROLE DAS POLÍCIAS

Na última década, o número de mortes em ações das polícias brasileiras quase triplicou — passou de 2.202 em 2013 para 6.393 em 2023. A explosão de mortes não foi acompanhada de um reforço dos órgãos de controle externo, nem de políticas concretas para frear a letalidade policial no país. Pelo contrário: no período, as polícias ganharam poder e autonomia, e ainda conseguiram expandir sua bancada de representantes na Câmara dos Deputados, de apenas quatro agentes eleitos em 2010 para 57 nas últimas eleições.

No entanto, apesar da manutenção de políticas baseadas em confrontos na maioria dos estados, especialistas veem alguns avanços no Brasil para controlar a força policial ao longo da última década. A Lei Orgânica das Polícias Militares, aprovada em dezembro de 2023, por exemplo, obriga os estados a tornar públicas informações sobre mortes pela polícia — dados que sempre foram cercados de sigilo.

— Isso é um avanço enorme. É uma lei federal que dá transparência a dados de letalidade policial. O Fórum Brasileiro de Segurança Pública publica esses dados desde 2013, mas como os estados não eram obrigados a fornecê-los, sempre recebemos negativas. A partir de agora, é lei, esse dado tem que ser publicado. Isso é fundamental para o planejamento de políticas públicas — conta Renato Sérgio de Lima.

O avanço na implementação de câmeras corporais nas fardas e a maior autonomia do Ministério Público para investigar, de forma independente, homicídios cometidos por policiais também são encarados de forma positiva. Atualmente, pelo menos nove estados já adotaram câmeras. Já investigações independentes do MP foram canceladas pela votação da Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) 635, a ADPF das Favelas, em abril passado, no STF. Após a decisão, o MP do Rio abriu um procedimento independente para apurar a operação do Batalhão de Operações Policiais Especiais (Bope) durante uma festa junina na favela Santo Amaro, no Catete, que terminou com o assassinato do jovem Herus Guimarães Mendes.

— A câmera é uma ferramenta para aumentar a adesão dos policiais aos protocolos, para profissionalizar a atuação policial. Não é para prejudicá-lo. Fazer bom uso da força é parte fundamental de qualquer política de segurança — afirma Carolina Ricardo.

COMO O GLOBO VIU

CHACINA EM VIGÁRIO GERAL
A imagem de 20 corpos expostos à luz do dia publicada no alto da primeira página do GLOBO de 31 de agosto de 1993 escancarou a brutalidade da polícia do Rio. A foto de Márcia Foletto denunciou ao mundo a chacina de Vigário Geral — massacre de inocentes perpetrado por um grupo de extermínio formado por PMs que queriam se vingar pelo assassinato, dias antes, de colegas de farda por traficantes.

MILÍCIAS
Uma reportagem do GLOBO publicada na edição de 20 de março de 2005 foi responsável por batizar os grupos paramilitares que se espalhavam pela Zona Oeste do Rio de "milícias". No texto "Milícias de PMs expulsam tráfico", a repórter Vera Araújo revelou que grupos chefiados por policiais que se apresentavam como "segurança privada" expulsaram traficantes e tomaram o controle de 42 favelas na Zona Oeste.

TRIBUNAL DO TRÁFICO
Em 30 de março de 2008, O GLOBO mostrou, de forma inédita, como funciona um tribunal do tráfico em uma favela do Rio de Janeiro. O repórter Mauro Ventura testemunhou o "julgamento", convocado momentos antes para tentar evitar a morte de um adolescente de 15 anos acusado de roubos dentro da comunidade. Ao fim do julgamento, a pena de morte foi convertida em exílio da favela.


O GLOBO
O tribunal do tráfico em ação

MARCIA FOLETTO



Banalidade do mal. Chacina de Vigário Geral, promovida por policiais militares, teve enorme repercussão

AS CIDADES NÃO PARAM

ENTREVISTA

Hugo Acero / SOCIÓLOGO

A partir de experiência no combate ao crime em Bogotá, especialista recomenda trabalho coordenado entre países e autoridades no enfrentamento das facções criminosas

‘SEGURANÇA NÃO É DE DIREITA NEM DE ESQUERDA: É UM DIREITO’

SERGIO GARCIA
sgarcia@edglobo.com.br

Autoridade em segurança pública na Colômbia, após encabeçar iniciativas que resultaram na queda de índices de violência, o sociólogo Hugo Acero Velásquez preconiza o trabalho conjunto de países afetados pelo tráfico de drogas e suas ramificações, como o garimpo ilegal na Amazônia. Ex-subsecretário de segurança de Bogotá, Acero lembra que as organizações criminosas já selam alianças para expandir seus tentáculos. E reforça que a segurança não deve ser pauta de direita ou de esquerda, mas um direito básico de todos.

O tráfico invadiu a Amazônia, com novas rotas para escoar drogas. Como reagir?

No início do século, os traficantes colombianos, impossibilitados de transportar cocaína diretamente para os EUA devido ao sucesso dos bloqueios aéreo e marítimo do Plano Colômbia, buscaram exportar seu produto pelos países vizinhos, incluindo o Brasil, onde contavam com o apoio de organizações criminosas, especialmente o PCC. O mercado consumidor no Brasil se tornou outro atrativo. É necessário um esforço conjunto e contínuo das Forças Armadas e das instituições de Justiça dos dois países.



EL TIEMPO

Há um aumento do uso de armamentos pesados, pelos criminosos brasileiros. A ênfase deve ser dada na compra ou no recolhimento das armas?

É necessária uma política de Estado, ter alianças estratégicas com outros países, especialmente com os produtores, que devem controlar as vendas ilegais e monitorar as armas que jogam no mercado legal. Países que fabricam armas têm obrigação de controlar a venda e a distribuição desses produtos.

Como retomar territórios dominados pelo tráfico e ao mesmo tempo proteger moradores?

Para combater facções ligadas ao tráfico de drogas em qualquer território são necessárias ações prévias de inteligência e investigação, para determinar os alvos do uso legítimo da força. Nenhum territórios pode ser invadidos com uso generalizado da força.

Que exemplos Medellín, na Colômbia, pode dar ao Brasil no combate ao narcotráfico?

Além de Medellín, podemos nos basear na experiência das autoridades de segurança e Justiça colombianas. Primeiro, decisão do Estado de enfrentar o narcotráfico em toda a sua cadeia produtiva. Segundo, trabalho de todos os níveis de autoridade. Terceiro, cooperação e informação financeira com países da região, EUA e nações europeias. Colaboração com agências internacionais de inteligência. Quarto, recursos técnicos, científicos e humanos para as forças de segurança e Justiça. Quinto, buscar o apoio da sociedade. Sexto, prestação de contas pública de ações e resultados.



DADO GALDIERI/THE NEW YORK TIMES

O perigo se expande. Patrulhamento na Amazônia: região passou a ser usada por traficantes colombianos com o bloqueio de rotas diretas para os EUA

No governo anterior do Brasil, houve uma flexibilização no porte de armas. Qual a sua posição sobre essa questão?

As armas devem estar nas mãos apenas de autoridades de segurança legitimamente constituídas.

A milícia, que combatia o tráfico com apoio de políticos, hoje está associada a ele. Como combater essa “joint venture”?

Na Colômbia, na década de 1980, grupos paramilitares surgiram para ajudar a combater a guerrilha. O que era visto como apoio às autoridades degenerou-se em violência indiscriminada. Um Estado democrático não deve deixar que nenhuma organização privada à margem da lei exerça autoridade.

No Brasil, vimos o aumento de poderio das duas maiores facções: Comando Vermelho e Primeiro Comando da Capital. Qual o papel das autoridades no enfrentamento ao crime?

O principal é reconhecer que segurança não é de direita nem de esquerda: é um direito que o Estado deve garantir, respeitando os direitos humanos. A dificuldade é que as autoridades não se coordenam e as facções trabalham em equipe.

No Rio, com centenas de áreas dominadas pelo crime, como ter esperanças?

Devemos buscar o apoio dos cidadãos, e isso se consegue com resultados. Em 1995, assumimos Bogotá, com 8 milhões de habitantes, uma taxa de homicídios de 80 por 100 mil habitantes. Após nove anos, entregamos a cidade com uma taxa de 23 por 100 mil habitantes por ano. Hoje, é de 14.

Legalizar as drogas faz parte das soluções?

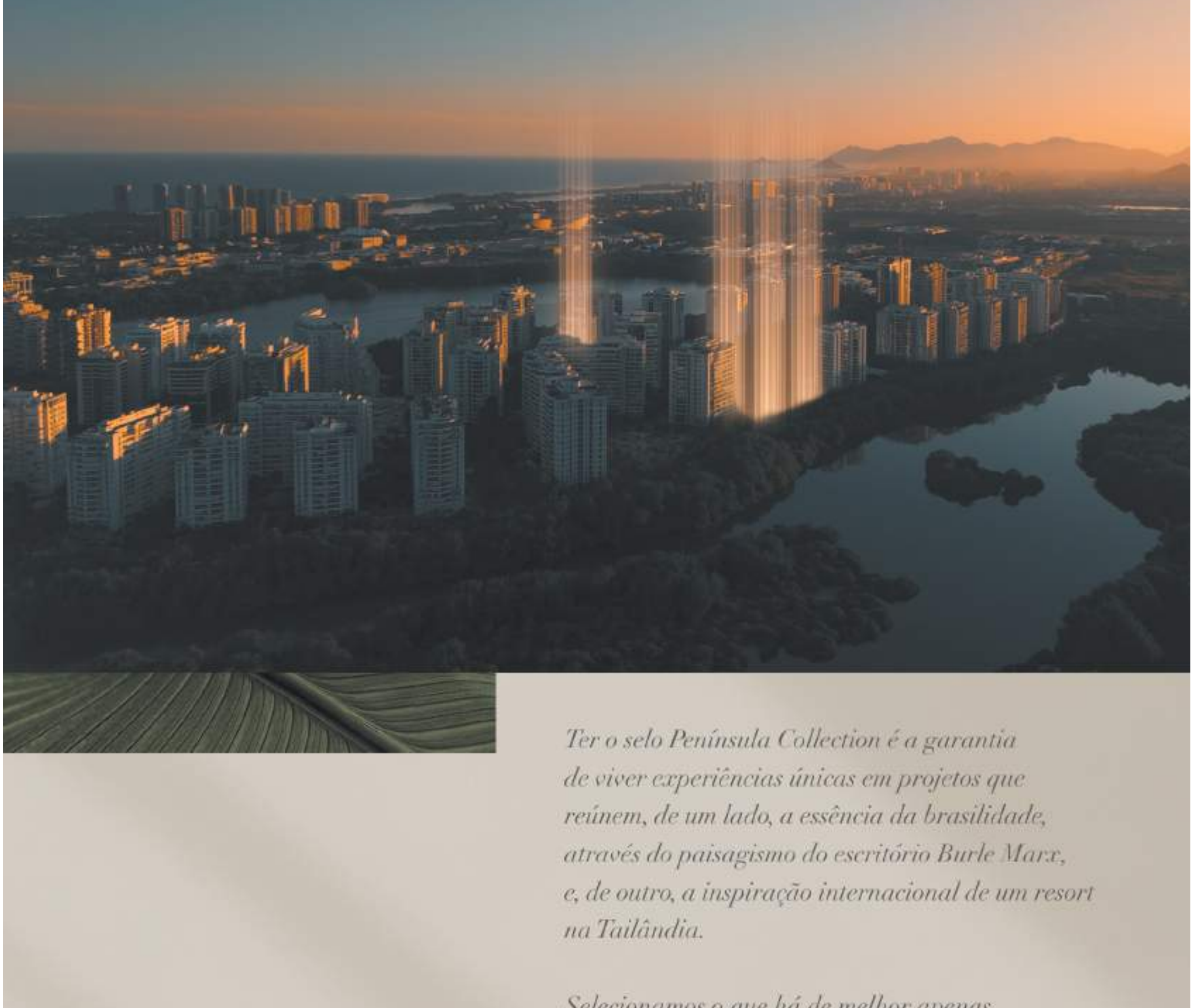
Precisaremos legalizar várias drogas. A maconha já começou a ser legalizada em estados dos EUA, no Canadá, no Uruguai, em breve deverá ser legalizada na Colômbia. No caso da cocaína, levará anos para que a comunidade internacional aceite a legalização.



COLECIONAR MOMENTOS INESQUECÍVEIS
E CONSTRUIR UM FUTURO MEMORÁVEL.
UMA HOMENAGEM DA TEGRA AOS 100 ANOS
DO O GLOBO.

E POR FALAR EM CONSTRUIR HISTÓRIAS, CONHEÇA O:

PENÍNSULA *Collection* BY TEGRA



Ter o selo Península Collection é a garantia de viver experiências únicas em projetos que reúnem, de um lado, a essência da brasilidade, através do paisagismo do escritório Burle Marx, e, de outro, a inspiração internacional de um resort na Tailândia.

Selecionamos o que há de melhor apenas para quem sabe reconhecer a oportunidade rara de morar bem no coração da Península.

SAIBA MAIS
PENINSULACOLLECTION.COM.BR

100 ANOS DE GLOBO

SCANEIE E SAIBA MAIS

TEGRA CARVALHO HOSKEN S/A

BREVE LANÇAMENTO. Incorporadora responsável: TGRJ-23 EMPREENDIMENTOS IMOBILIÁRIOS LTDA, inscrita no CNPJ/MF sob o nº 32.552.080/0001-44. A comercialização das unidades autônomas será realizada somente após os registros dos memoriais de incorporação no 9o. Cartório de Registro de Imóveis da Rio de Janeiro/RJ. As informações constantes no Memorial de Incorporação e nos futuros instrumentos de compra e venda prevalecerão sobre as divulgadas neste material. Todas as imagens e perspectivas aqui contidas são meramente ilustrativas; demais informações estarão à disposição no futuro plantão de vendas. Este material é preliminar e está sujeito a alteração sem aviso prévio.

DE CIDADE PARTIDA A CIDADE INCLUSIVA

Protagonismo comunitário das favelas, continuidade dos projetos e novo pacto urbano são caminhos para reduzir as desigualdades

MAURO VENTURA
Especial para O GLOBO





Problemas. Favelas como Cantagalo e Pavão-Pavãozinho, na Zona Sul, ainda enfrentam falta de serviços básicos, adensamento populacional, verticalização e presença do crime organizado

Das remoções em massa nas décadas de 1960 e 1970 aos projetos de urbanização, a favela já foi alvo de toda sorte de intervenções no Rio de Janeiro. Exemplos não faltam, como Favela-Bairro, Morar Carioca, PAC das Favelas, Mutirão Remunerado, Mutirão pela Paz, Cada Família Um Lote, Célula Urbana, UPP. O problema é que as iniciativas trouxeram melhorias pontuais, mas não operaram uma transformação efetiva, capaz de reduzir desigualdades da cidade partida.

— Nos últimos 40 anos, estive muito próximo ou envolvido diretamente em alguns marcos que pareciam dizer que a gente ia dar a virada e conseguir botar a favela como um elemento indissociado da cidade — diz Itamar Silva, morador da Santa Marta e ativista do movimento de favela do Rio.

Não foi o que aconteceu. Uma das razões é a falta de continuidade. É o que Preto Zezé, presidente da Cufa (Central Única das Favelas) RJ, chama de "política de vitrine":

— Muitas ações foram feitas mais para render foto de inauguração e prêmio internacional do que para transformar estruturalmente a vida das pessoas. A cada governo, surge uma nova solução mágica, que desconsidera o que foi feito antes. Programas como PAC e Favela-Bairro começaram a romper com a lógica da remoção. Mas, sem continuidade, até o acerto, vira fracasso.

Outro obstáculo é a falta de participação popular.

— Os projetos são pensados por gabinetes, executados por empreiteiras e avaliados por quem nunca pisou no beco. Nenhum projeto vinga sem escutar e construir com quem está lá dentro — afirma Preto Zezé.

Especialistas apontam que é preciso descartar a lógica das ações paliativas e feitas de fora para dentro para avançar na direção de uma cidade mais inclusiva.

O economista urbano Pedro Abramo, professor do Prourb, o programa de pós-graduação em Urbanismo da UFRJ, lembra que os exemplos bem-sucedidos de urbanização de favelas na América Latina levam em conta o "autodiagnóstico comunitário", como foi o caso da quebrada (o equivalente a favela) Juan Bobo, em Medellín, na Colômbia. Os moradores participaram não só do diagnóstico dos problemas como da elaboração do projeto e da execução das obras.

— As políticas públicas tradicionais não dão mais conta, já que a favela do século XXI mudou muito. Existe uma informalidade clássica, típica do século XX, e existe uma nova informalidade urbana — aponta Abramo.

Segundo o arquiteto Manoel Ribeiro, autor de seis projetos do Favela-Bairro, é importante estabelecer um diálogo de saberes: o saber popular e o saber técnico, formado pelos profissionais dos planos de intervenção urbanística. A escuta interna e o protagonismo comunitário são fundamentais para se estabelecer um novo olhar.

E como fazer um diagnóstico dos novos problemas, se são mais de 800 favelas só na cidade do Rio? Ribeiro explica que, apesar da grande heterogeneidade, é possível dividi-las por categorias. Ele visitou 84 favelas e 18 loteamentos clandestinos e os separou em quatro grandes grupos, entre favelas de encosta ou planície, com ou sem acesso viário, afetadas ou não por enchentes e, por fim, com ou sem a presença de tráfico ou milícia.

VIOLÊNCIA NÃO É DESCULPA

São muitas as mudanças, como a relativa ao crescimento das favelas. Essa expansão, que costumava ser horizontal, hoje é vertical, por várias razões. Uma delas é que, de 25 anos para cá, o mercado informal de compra e venda e de aluguel de imóveis se consolidou. Os moradores vão construindo novos pisos nas lajes, gerando renda para a família. Isso quando não são traficantes e milicianos que erguem prédios irregulares.

— Há um processo de verticalização e densificação que impacta, por exemplo, a saúde pública. Os problemas do século XX eram vinculados à carência extrema de saneamento básico. Já os problemas mais frequentes do século XXI são broncorrespiratórios, por conta da falta de ventilação e isolamento — explica Abramo.

Uma questão incontornável é a segurança pública. Para Itamar, a presença de um poder paralelo não pode servir de desculpa para oferecer serviços públicos ou privados de baixa qualidade:

— Senão você alimenta uma lógica de desresponsabilização desses agentes. É você declarar sua incompetência.

O novo Plano Diretor do município do Rio, publicado em 2024, incluiu, pela primeira vez, as favelas, que devem receber intervenções que garantam acesso aos direitos básicos.

— Mas todo esse potencial depende de regulamentação, pressão comunitária e acompanhamento para que os dispositivos não fiquem apenas no papel — ressalva Preto Zezé.

Ele aponta uma série de iniciativas importantes, a começar pelo fomento à economia local, com microcrédito acessível, formação técnica, digitalização dos negócios e apoio a pequenos empreendedores, artistas, coletivos, veículos de mídia e festivais.

Abramo defende que é preciso um novo pacto urbano, que passa pela redistribuição de recursos:

— A elite tem que entender que o seu bem-estar passa pelo bem-estar dos pobres. E, para melhorar as condições da favela, os bairros ricos e de classe média alta têm que abrir mão de certos privilégios.

Eliana Sousa Silva, diretora da ONG Redes da Maré, reforça que incluir as favelas de forma concreta no planejamento da cidade é uma agenda coletiva, que deve mobilizar a todos na cobrança para a construção de uma vida digna nos territórios populares.

Como diz Preto Zezé:

— A elite tem que entender que a desigualdade não é sustentável nem para ela mesma.

MAURO VENTURA
É organizador, com Elisa Ventura e Isabella Rosado Nunes, do livro "Cidade Partida — 30 anos depois — Reflexões sobre a obra de Zuenir Ventura", Editora Pallas/ Blooks Projetos/MINA. Trabalhou no GLOBO como repórter especial (de 2001 a 2013) e assinou a coluna Dois Cafés e a Conta (de 2007 a 2018).

ANTONIO SCORZA /30-1-2019





100 ANOS DE O GLOBO:
um século do jornalismo que acompanha a trajetória do Brasil.

Ao longo dos anos, O Globo testemunhou a realidade, os desafios e as transformações do Brasil, construindo uma história marcada pela informação de qualidade.



Em nome da SIMPAR,
parabenizamos O Globo pelos seus 100 anos de história!

É uma honra celebrar o centenário de quem, assim como todo o Grupo SIMPAR, acredita na prestação de serviços com qualidade e transparência e na criação de relações de longo prazo.

SIMPAR

JSL | movida | Grupo VAMOS | CSBRASIL | AUTOMOB | BBC | CSInfra | ciclus

AS CIDADES NÃO PARAM

GERALDO RIBEIRO
geraldo.ribeiro@extra.inf.br

CHEIA DE ENCANTOS MIL

Iniciativas do GLOBO ajudaram a elevar o astral do carioca no momento em que o Rio perdia status de capital federal e virava cidade-estado

CUSTODIO COIMBRA/30-11-2018



Nos anos 1960, o Rio perdeu o posto de capital da República para Brasília, provocando em parte da população um sentimento de orfandade, devido a expectativas de diminuição da sua importância com a mudança de status. Naquele momento, demonstrando mais uma vez sua relação de compromisso e afetividade com a cidade, O GLOBO lançou a campanha "O Rio será sempre o Rio".

O que se pretendia era mostrar que o Rio seria sempre o Rio de Janeiro, com seus sambas, suas glórias e tradições. A ideia era levantar o astral da população celebrando a mudança em clima festivo e ao mesmo tempo num tom de esperança.

— O GLOBO acertou em cheio. O Rio vai ser sempre o Rio, ou seja, será sempre o Brasil — defende Marly Silva da Motta, historiadora e pesquisadora da Fundação Getúlio Vargas (FGV), que defende o conceito de capitalidade, segundo o qual a formação da identidade nacional de um país passa necessariamente por sua capital.

A autora de "Rio de Janeiro: de cidade-capital a Estado da Guanabara" vai além:

— O conceito de capital é fundamental na construção de estados nacionais modernos centralizados. Quando você olha para Paris, é como se estivesse vendo quais são os elementos fundamentais do que é ser francês. É como se a capital decretasse moda, gostos e padrões de comportamento. Nesse aspecto, a identidade do Brasil foi construída a partir do Rio — diz.



ACERVO



REPRODUÇÕES

Olá, Guanabara! Em 1960, O GLOBO fazia uma campanha pela autoestima dos cariocas, "órfãos" do status de capital federal com a inauguração de Brasília

A campanha de elevação da autoestima do Rio começou a ser elaborada bem antes da transferência da capital. As ruas ganharam faixas com dizeres: "O GLOBO lembra aos cariocas: O Rio será sempre o Rio". O jornalista Péricles de Barros, autor do slogan, contou em depoimento ao "Memória Globo" ter se inspirado numa crônica de Machado de Assis. A ideia era mostrar que a cidade tinha uma história gloriosa e que permaneceria a mesma, apesar das mudanças que estavam por vir.

À meia-noite do dia 20 de abril, véspera da mudança, numa promoção do jornal, os cariocas participaram de uma grande festa na Avenida Rio Branco, marcando a inauguração do Estado da Guanabara, com direito a badalar dos sinos das igrejas e dos apitos dos guardas noturnos, convocando a população para as ruas. Nos bairros, moradores eram acordados ao som de "Cidade Maravilhosa" executada por bandas militares.

SAMBA EM ABRIL

Para completar, nada melhor do que reunir as escolas de samba para um grande carnaval fora de hora, em pleno mês de abril, num cortejo que percorreu a mesma Rio Branco, em direção à Cinelândia. Aos edifícios da cidade foi sugerido que permanecessem iluminados até a meia-noite de 21 de abril, ou até mais tarde.

O mesmo apelo foi feito às residências. O comércio também foi convidado a participar, conservando suas fachadas acesas e com decoração em suas vitrines que fizessem alusão ao novo estado. O que se pretendia com isso era inserir a população num salutar clima de comemoração, num momento que se abriam as cortinas de um novo horizonte na história do Rio.

Também partiu do jornal a sugestão para que a marcha "Cidade Maravilhosa", composta por André Filho, virasse o hino oficial da cidade, o que só aconteceu de fato 40 anos depois, através da Lei 3.611 de 12 de agosto de 2003.

DE EMPRESA BRASILEIRA PARA EMPRESA BRASILEIRA: FELIZ 100 ANOS, GLOBO.

O GLOBO 100

ifood

ONI

ARARAS

A EXCLUSIVIDADE ELEVADA ÀS ALTURAS

*O PRIMEIRO CONDOMÍNIO DO BRASIL COM HELICÓPTERO**



Perspectiva ilustrada do empreendimento

No Oni Araras, seu bem-estar é parte essencial do projeto. A estrutura de lazer premium inclui um SPA exclusivo assinado pela Saison e uma academia com o selo da Cia Athletica, marcas que elevam o cuidado com o corpo e a mente a um novo padrão.

Descubra o novo cenário dos seus melhores dias.

TERRENOS DE 2.000 m² A 5.000 m²

- *RIVER CLUB*
- *CAMPO DE GOLFE ASSINADO*
- *QUADRAS DE TÊNIS*
- *EXPERIÊNCIAS GASTRONÔMICAS*

AGENDE SUA VISITA

(24) 99213-5108

Estrada Bernardo Coutinho, 3.575 | Araras-Petrópolis/RJ

Realização

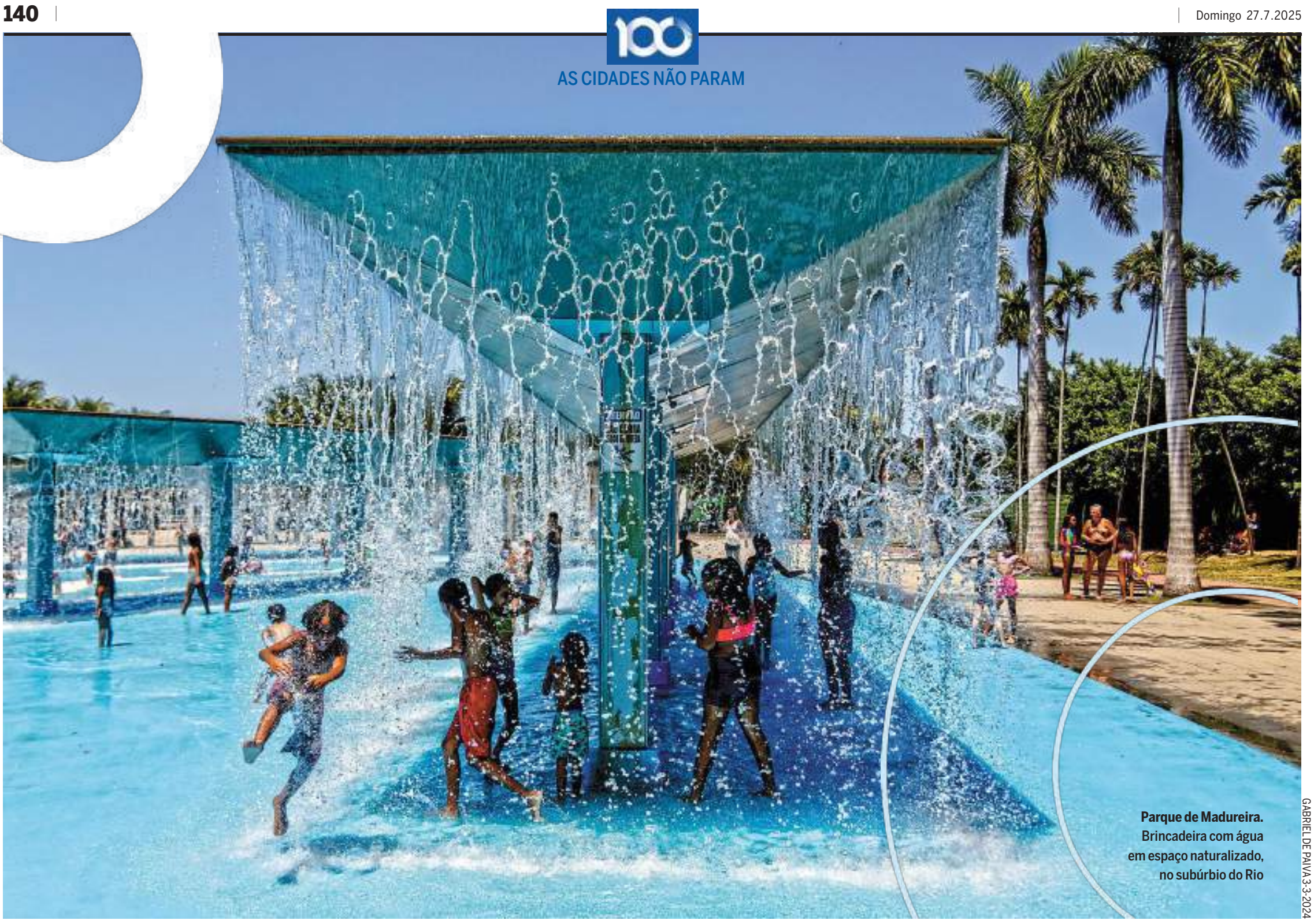
RIO2PAR INCORPORAÇÕES

CONSTRUTORA ENTRE OS RIOS

WL Engenharia, Planejamento Ltda.

Coordenação de vendas

CIA



Parque de Madureira. Brincadeira com água em espaço naturalizado, no subúrbio do Rio

GABRIEL DE PAIVA 3-3-2024

ESPAÇOS PARA BRINCAR COMO NOS QUINTAIS

Parques que valorizam os elementos da natureza e oferecem brinquedos feitos com material orgânico são aposta de grandes cidades para incentivar a convivência

ROBERTA ARAÚJO
Especial para O GLOBO

O toco de madeira é cortado em pedaços com alturas diferentes, que, afixados à terra, formam um caminho divertido e instigante para crianças. Mais adiante, um curso d'água que refresca nos dias quentes também é usado nas brincadeiras. Pequenos galhos de árvores, sementes, folhas, terra, bambu, pedrinhas, tudo é lúdico e convida à interação. Que família não gostaria de ter uma praça ou parque assim na esquina de casa?

De baixo custo de implantação, os parques naturalizados se valem dos elementos já existentes em áreas públicas das cidades e incentivam novas formas de se relacionar com a paisagem. Os brinquedos são de materiais orgânicos e podem ser usados de diferentes maneiras. É assim na Praça Honório Sabino, no bairro de Pinheiros, em São Paulo, e no Monte Bom Jesus, no centro de Caruaru.

— Os parques naturalizados são uma frente grande de inovação. Incentivam não só o brincar livre, mas a convivência, o vínculo com o espaço público e o prazer de estar a céu aberto. Adoro a frase que diz que podemos tentar construir o brinquedo mais criativo e estimulante do mundo, mas nada superará subir numa árvore. Esses espaços ainda contribuem para a regeneração das áreas verdes — define Maria Isabel de Barros, especialista em infância e natureza do Instituto Alana.

Fortaleza é uma referência. A cidade desenvolve há cinco anos o projeto dos microparques urbanos em áreas degradadas, como terrenos baldios em bairros precarizados e sem alternativas para o lazer infantil, que já foi premiado internacionalmente. A capital cearense tem 13 destes espaços verdes "não domesticados", hoje refúgios para cerca de 140 mil moradores, segundo a prefeitura. A população participa do planejamento, da implantação e da conservação das áreas.



Liberdade. Criança em microparque de Fortaleza (ao lado) e parque em homenagem à princesa Diana, em Londres

No exterior, parques e praças com equipamentos e paisagismos diferentes viram pontos turísticos. Na Inglaterra, uma tendência é a valorização do viés histórico. Visitado por mais de um milhão de pessoas por ano, e incluído na lista dos melhores do mundo da National Geographic, o parque infantil Diana Memorial Playground, que homenageia a princesa Diana, tem como elemento central um navio pirata de madeira. Com inspiração na história de Peter Pan, conta ainda com uma trilha sensorial, tendas e esculturas lúdicas.

Em Jerusalém, o Sacher Park se destaca pela amplitude e pelos brinquedões de texturas diversas. Em São Paulo, o Sesc Interlagos tem entre seus destaques o Jardim das Brincadeiras, antigo pomar que passou por reforma. Madeiras de poda, cipós, palha, bambus e folhagens atraem os olhares dos frequentadores.

Em cidades altamente urbanizadas, a qualidade e a democratização dos espaços verdes é fundamental, aponta Adriana Sansão, professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ:

— Uma métrica interessante é a regra do 3-30-300, do educador holandês Cecil Konijnendijk: todos precisamos ver três árvores de nossas casas, ter 30% de cobertura arbórea por bairro e estar a uma proximidade de até 300 metros de um espaço verde — explica.

PPPS PODEM AJUDAR

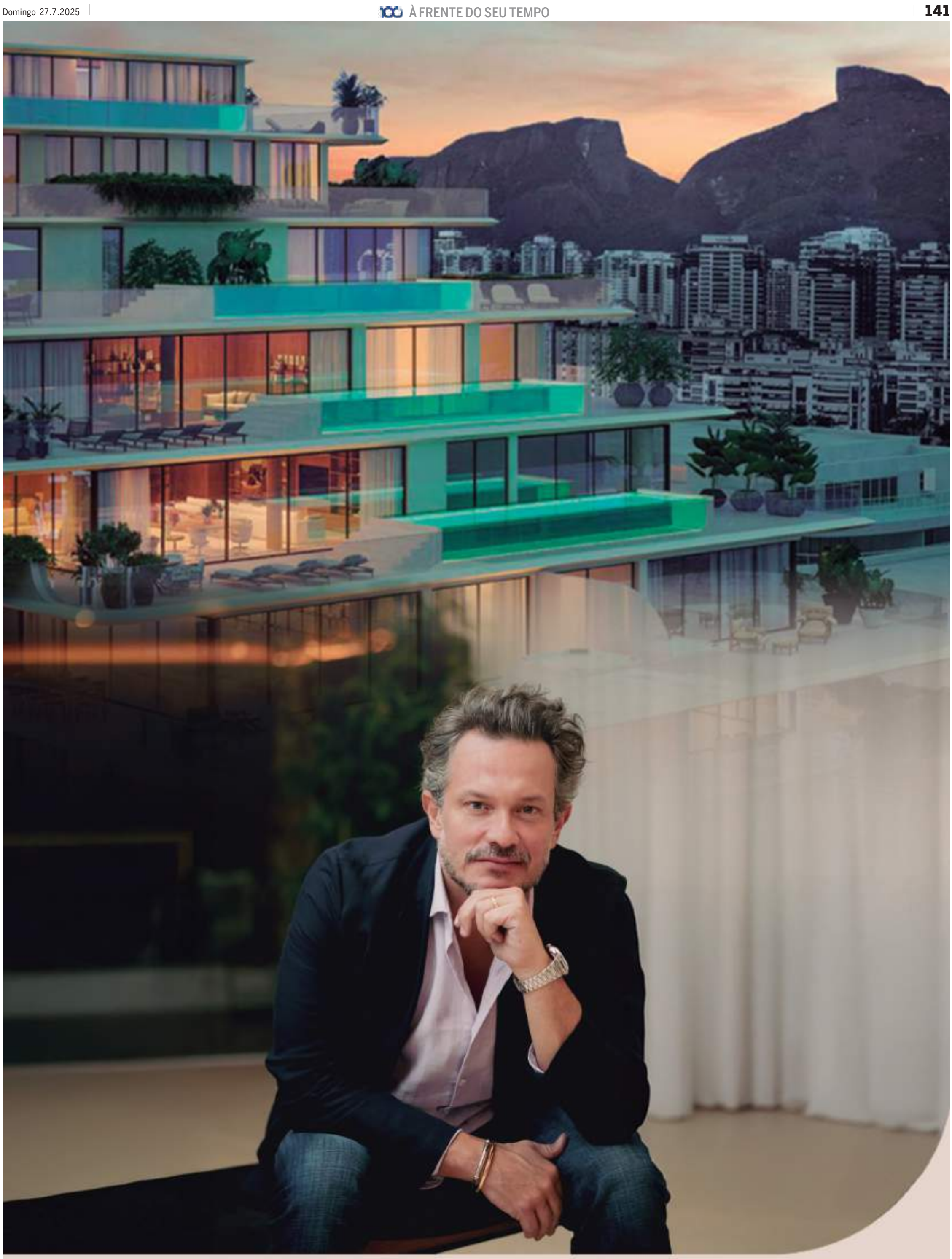
O Parque Bicentenario de la Infancia, em Santiago, e os parques cariocas de Madureira e Realengo são bons exemplos, destaca a pesquisadora. Aberto em 2012, o de Madureira é considerado um dos projetos urbanísticos mais bem-sucedidos deste século no Rio, e se transformou em referência para lazer e cultura. O de Realengo acaba de fazer um ano e também é ponto de encontro.

Áreas arborizadas e bem cuidadas valorizam os bairros. Portanto, devem estar espalhadas, ressalta o arquiteto e urbanista Klaus Chaves Alberto, professor da Universidade Federal de Juiz de Fora. Klaus ressalta que as parcerias público-privadas (PPPs), adotadas frequentemente para a conservação de espaços públicos urbanos, não devem se concentrar em áreas mais ricas da cidade, restringir o acesso ou priorizar atividades apenas com retorno financeiro.

— As diretrizes que orientam as PPPs são decisivas — alerta.

Da calçada à área infantil, os projetos têm que ser norteados pelos princípios da acessibilidade. Klaus sublinha que, por lei, no mínimo, 5% dos equipamentos de lazer em espaços públicos e privados devem ser acessíveis, mas a meta ainda está distante de ser alcançada. Brinquedos como balanços com encosto e cinto de segurança e carrosséis adaptados nem sempre são vistos nos parques e praças.

FOTOS DE DIVULGAÇÃO



> O Rio pulsa em cada esquina, e O Globo registrou esse ritmo por um século. Como carioca e empreendedor, me inspiro todos os dias nessa energia para desenhar novos horizontes para a cidade que amo.

HENRIQUE **BLECHER**

CEO & Founder · Nivi Capital
Investidor visionário do mercado imobiliário carioca. Idealizador do ATTO design by Pininfarina, marcando a estreia do renomado estúdio italiano na cidade.

AS CIDADES NÃO PARAM

GENTE DO GLOBO

Histórias de alguns dos milhares de profissionais que fazem parte da trajetória centenária do jornal



Sandra Sanches
Jornalista, diretora e consultora (até 2018)

"Passei uma vida profissional inteira no GLOBO, onde cheguei novinha e cumpri várias funções. Lembro com muita admiração do slogan 'Muito além do papel de um jornal'. Genial, por transmitir que o jornal não existe só no papel, em sua versão impressa, tradicional, mas também que ele vai muito além de sua missão conceitual, a de informar, pelas reflexões que provoca, causas que abraça, serviços que presta e eventos que sempre promoveu, como o Aquarius. Tenho muito carinho e orgulho por tudo o que o jornal faz, da adaptação às novas tecnologias a essa relação com os leitores e o Rio de Janeiro. O GLOBO é um veículo que reverbera internacionalmente, mas jamais, em seus 100 anos, se esqueceu de onde vem."



Celso Itiberê
Editor e correspondente na Fórmula 1 (até 2018)

"Pensei o pior. Senti que o acidente era gravíssimo e desci as escadas correndo, tentando ver o que acontecera. (...) A pressão subiu. O coração bateu mais forte, não consegui conter as lágrimas. Ayrton Senna estava no chão, imóvel, a maca cercada pelos médicos desesperados. Um jato de sangue jorrava de sua cabeça, na altura dos olhos. (...) Ao voltar para a sala de imprensa, liguei para o editor de Esportes, Cesar Seabra, e avisei: 'Vou abandonar Ímola e partir para o hospital, em Bologna. Por favor, façam a corrida pela televisão'. (...) Depois de quase duas horas de incertezas, veio um comunicado curto e preciso: 'Senhores, Senna está morto.'" *(Extraído do livro "Um século de histórias", da Globo Livros)*



Anibal Philot
Repórter fotográfico e editor (1950-1996)

Começou a carreira de fotógrafo aos 16 anos e colaborou com O Jornal e o Diário da Noite, antes de ingressar no GLOBO, para desenvolver trabalho longevo e de excelência, que lhe rendeu diversos prêmios. Foi editor de fotografia do jornal durante dez anos, tendo sido responsável direto pela modernização do setor. Criativo e dedicado, consolidou-se como mestre em seu ofício, ajudando a formar algumas gerações de fotojornalistas. Integrou equipes de várias coberturas importantes e, entre os trabalhos mais aclamados, está a cobertura do atentado no Riocentro, no show do Dia do Trabalhador, em 1981. Marcou época pela versatilidade, conseguindo documentar imagens de impacto nos mais variados temas do noticiário. Morreu vítima de um latrocínio, aos 46 anos.



André Mello
Ilustrador

"Meu pai, Orlando Mello, foi contratado por acaso, porque um vizinho não quis a vaga de operador de impressão. Ele começou a operar as rotativas do GLOBO em 1971 e levava para casa o jornal impresso e folhas em branco. Ali eu desenhava. Ele ficou até 1993, um ano antes de eu entrar, como contínuo — anos depois, achei uma carta da minha mãe para o Roberto Marinho, pedindo emprego para mim. Não gostava do uniforme, fiz um novo desenho e aprovaram. Também fazia caricaturas dos colegas e uma delas chegou ao Ali Kamel. O Marcelinho estava para se aposentar em 1996 e comecei testes, sendo efetivado em 1997. Uma capa que me marcou foi na pandemia, em 8 de agosto de 2020: o rosto da primeira vítima formado com pequenas fotos das vítimas seguintes".



Luiz Noronha
Editor-executivo (até 2000)

"Entrei no GLOBO em 1991, como repórter freelancer do Segundo Caderno, e saí em 2000, como editor-executivo. Neste período, além de repórter e crítico, fui editor do Segundo Caderno, de Economia e de Suplementos. A geração da qual fiz parte editou o Plano Real, o tetracampeonato da seleção brasileira e as mortes de Ayrton Senna e dos Mamonas Assassinas, além de inúmeras eleições, réveillons e carnavais. Jornadas longas e inesquecíveis. Foi também a época das tiragens de 1 milhão de exemplares aos domingos e de muitas transformações estruturais. Uma etapa fundamental na minha formação pessoal e profissional. O jornal foi uma das grandes escolas da minha vida."



Tereza Cruvinel
Colunista (até 2007)

"Trabalhei no GLOBO por 24 anos (de 1983 a 2007), 22 deles escrevendo a coluna Panorama Político, na página 2. Foram anos de aprendizado, crescimento e convivência calorosa, que me permitiram viver profissionalmente os fatos mais importantes da transição e da afirmação de nossa democracia. Levo-os todos na memória, e, mais vividamente, a campanha das Diretas e da Constituinte de 1988. Neste centenário, lembro as celebrações dos 60 anos, no marco zero da democracia, 1985. O mundo mudou muito, e um jornal como O GLOBO se tornou ainda mais necessário. Se aquele período forjou a jornalista que sou, creio ter contribuído para a fisionomia que o jornal adquiriu, ao angariar credibilidade e ressonância para aquela coluna de notícias e análise política".



Márcio Moreira Alves
Jornalista, político e colunista (1936-2009)

Começou no jornalismo aos 17 anos como repórter no Correio da Manhã, onde ganhou o Prêmio Esso em 1958 ao ser ferido por um tiro durante a cobertura do impeachment do governador Muniz Falcão, em Alagoas. Mesmo baleado, enviou a matéria ao jornal carioca. Famoso pela revelação de torturas a oposicionistas, elegeu-se deputado em 1966, como ferrenho crítico do regime militar. Um de seus discursos serviu como justificativa para o AI-5. Depois do exílio, voltou ao Brasil em 1979, trabalhou como assessor, até se tornar colunista no GLOBO, no Jornal do Brasil e no Estado de S.Paulo, em 1990. Sua visão analítica e acesso a fontes importantes deram prestígio à coluna, que nunca prescindiu dos comentários ácidos sobre os poderosos.



Regina Oliveira
Assistente-executiva (até 2023)

"Comecei no GLOBO em 1986, e fiquei por 37 anos. Foi a minha primeira e única empresa, com várias experiências. Comecei como operadora de telemarketing e fui promovida ao cadastramento de assinantes, onde trabalhei por 22 anos. Aí, tive a oportunidade de ser secretária no Extra e me tornei assistente-executiva da direção em 2016, primeiro com Octavio Guedes, depois com Humberto Tziolas. Atuei muito nos bastidores, cuidando do orçamento, planejamento de viagens e hospedagens para reportagens fora do Rio, transporte de convidados. Sempre amei trabalhar na Redação, o ambiente era familiar, alegre e divertido. Um dos grandes momentos foi dar suporte aos repórteres que trabalharam na redação de vidro na Praça XV, em 2013, nos 15 anos do Extra".



Antonio Hernandez
Crítico (1927-1997)

O colombiano radicado no Brasil atravessou a vida na paixão pela música, traduzida nas colunas no GLOBO de 1966 até sua morte. O vínculo veio de berço — os pais eram pianistas — e cresceu em meio aos ensaios dos dois. Quando chegou ao Brasil, frequentou a Escola Nacional de Música. Em 1959, trocou as teclas pela máquina de escrever no Jornal do Commercio, assinando uma página para unificar as informações de música no país. Em 1966, passou ao GLOBO, acompanhando os grandes momentos da música na cidade. Às segundas-feiras, publicava no Segundo Caderno comentários sobre a agenda de concertos. Produziu, também, o programa Clássicos em FM, a partir da década de 1970, na JBFM.



Alexandre Vitório
Supervisor do mercado de audiência

"Entrei no GLOBO em novembro de 1988, muito jovem e cheio de vontade de trabalhar em uma das empresas que sempre admirei e que já fazia parte da minha vida de tantas maneiras. Foi meu primeiro emprego e, até hoje, continuo com a mesma felicidade e entusiasmo daqueles primeiros anos. Aqui, tudo é vivo, dinâmico, em constante transformação. E isso me encanta. Tive a sorte de conviver com pessoas incríveis, que se tornaram amigos para a vida toda. Ao longo do tempo, vi a empresa mudar, evoluir, se reinventar — e me transformei junto. Ao celebrar os 100 anos do jornal, olho para trás com orgulho e gratidão. É uma alegria imensa fazer parte de um pedacinho dessa história."

O futuro também se constrói com informação de qualidade.



O Globo, há 100 anos na vida dos brasileiros.

Nessa história de um século, a MRV participou de muitas páginas.

Há 24 anos, fazemos parte da vida do carioca que um dia sonhou em ler o jornal em seu próprio lar e buscou informação para mudar de vida.

Parabéns, O Globo.
Há 100 anos contribuindo para grandes transformações.

47.998 unidades vendidas



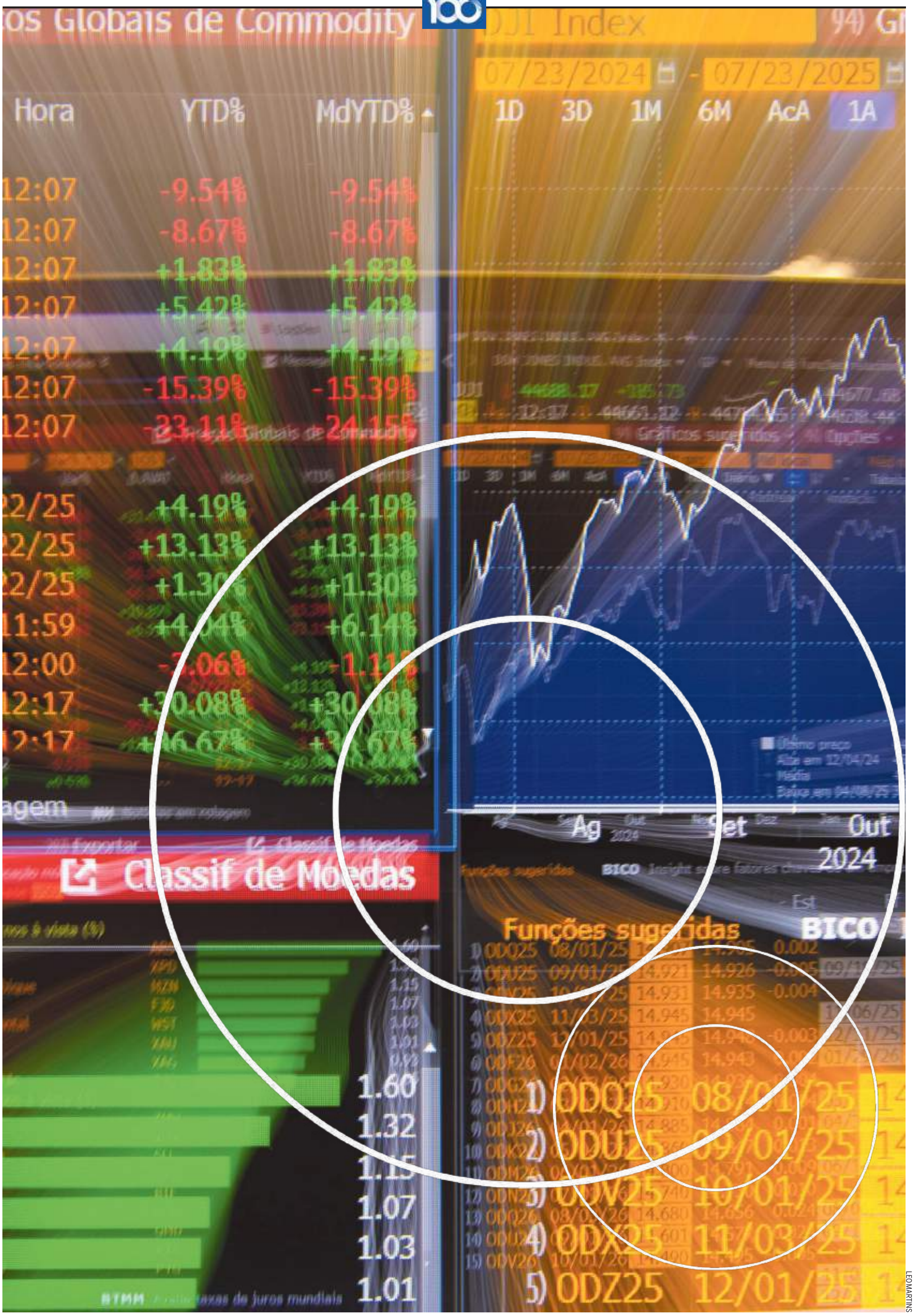
43.922 chaves entregues



1 a cada 128 cariocas mora em um MRV

MRV


CURY
EPICENTR
PATEO NAZARETH
MIRANTE DA CUANABARA
ORLA
BAÍA
RIO ENERGY
ARCOS DO PORTO
CIATA
RIO WONDER
RESIDENCIAL PIXINGUINHA
Reitor dos Pinheiros
NOSSO LEGADO NO RIO SE FORTALECE
AO LADO DE QUEM CONSTRÓI HISTÓRIAS DURADOURAS.
JUNTOS, TRANSFORMAMOS O PRESENTE
E CONSTRUÍMOS O FUTURO.
PARABÉNS, GLOBO,
PELOS 100 ANOS DE TRAJETÓRIA.
CURY.NET



LEO MARTINS

À FRENTE DO SEU TEMPO

O tempo é um bem cada vez mais precioso, que afeta a produtividade, impõe dilemas à economia contemporânea e pauta O GLOBO há um século. É de olho no futuro que o jornal sempre buscou inovar em suas decisões empresariais sem perder a clareza do valor que o tempo tem.

100
À FRENTE DO SEU TEMPO

TEMPO É DINHEIRO: AMBOS INVISÍVEIS

Transações sem contato, com sorrisos ou acenos de rosto, já são realidade. Logo, robôs programados por inteligência artificial farão suas compras

LUCIANA RODRIGUES
luciana.rodrigues@oglobo.com.br

O dinheiro, da maneira como usamos hoje, surgiu na civilização ocidental há três séculos. E agora, essa inovação da Humanidade está em vias de avançar alguns passos na conveniência e no imediatismo. Num futuro não muito distante, os pagamentos não mais serão feitos por objetos, como dinheiro, cartões ou celulares. Será através do seu corpo, com sorrisos, olhares, leituras de mão ou pela voz. Ou até mesmo sem a sua presença, por agentes autônomos programados por inteligência artificial que, com a devida checagem, farão pagamentos em seu nome.

Moedas existem desde a Antiguidade. No princípio, eram em si uma substância. Um dracma da Grécia Antiga continha 4,3 gramas de prata. O dinheiro de papel, ou seja, a representação fiduciária de um valor, e não o valor em si, surgiu na Europa no século XVIII. Cédulas deram lugar a cheques, boletos, cartões, o Pix no celular, o código de barra, o QR code. Agora, a tecnologia fará com que até mesmo a representação do dinheiro se torne invisível.

FUTURO SEM SENHAS

O futuro reserva inovações que avançam alguns passos na comodidade que, no Brasil, teve como aperitivo o Pix. Pesquisa da consultoria Juniper Research estima que, este ano, US$ 3 trilhões serão transacionados em pagamentos por meios biométricos no mundo inteiro. Sem qualquer objeto, nem mesmo um celular, exercendo a função de representar o dinheiro.

A PopID, empresa de tecnologia de autentificação facial, afirma que a modalidade permite realizar pagamentos em três segundos, fazendo o prazo padrão de 20 segundos (quando a internet funciona) do QR Code parecer uma eternidade. O Amazon One, usado em lojas físicas dos EUA, faz o pagamento só com a aproximação das mãos, sem contato. Há ainda soluções via reconhecimento por voz ou íris.

A Mastercard começou pelo Brasil, há três anos, o teste do serviço Smile to Pay (numa tradução livre, "Sorria, você está pagando") em supermercados e, no fim do ano passado, lançou um sistema que usa tokenização para dispensar senhas e realizar transações apenas por biometria.

— É uma experiência de pagamento mais fluida, segura e sem fricção — diz Leonardo Linares, vice-presidente sênior de Soluções para os Clientes da Mastercard Brasil, acrescentando que o objetivo é eliminar por completo o uso de senhas até 2030.

Na China, vários desses modelos de pagamentos biométricos já são corriqueiros, e tentar usar dinheiro — ou seja, notas, cédulas e moedas — é motivo de piada. A boa notícia é que o Brasil também tem a vocação de um pioneiro, como destaca o economista Gustavo Franco, ex-presidente do Banco Central. Ele lembra que Brasil e China são casos de sucesso na adoção do pagamento instantâneo. Por aqui, o Banco Central desenvolveu a tecnologia, criando o Pix. Na China, o modelo é operado por duas grandes empresas, numa espécie de duopólio privado.

— O tamanho do mercado e a necessidade facilitaram a implantação desses sistemas aqui e na China. Mas, no nosso caso, o "legado" dos anos de hiperinflação ajudou, nos equipou a vivenciar situações complexas e aceitar bem as inovações. Fomos treinados a lidar com o dinheiro de um jeito que não existe em outros países.

Franco acredita que a digitalização fará pela economia global o que a abertura comercial proporcionou, em termos de crescimento e bem-estar, nos últimos 50 anos. E, neste quesito, o Brasil aparece bem.

— A economia do futuro vai ser muito mais dos serviços, muito mais internacional e digital. Com tantos pagamentos ágeis, a gente começa na frente, abertos a esses ventos.

Não por acaso, o Pix entrou recentemente na mira do presidente americano Donald Trump. Após ameaçar tarifar os produtos importados do Brasil, o governo dos EUA abriu uma investigação contra supostas práticas desleais de comércio citando "serviços de pagamento eletrônico desenvolvidos pelo governo", numa referência ao Pix.

Na semana passada, o prêmio Nobel de Economia Paul Krugman, um crítico do governo americano, afirmou em artigo que o Brasil pode ter inventado "o futuro do dinheiro" com o Pix e que o país se mostrou um líder em inovação financeira com um sistema muito mais eficiente do que as criptomoedas, que Trump sempre promoveu. "O Pix está, de fato, alcançando o que os entusiastas das criptomoedas alegavam — falsamente — que seria possível oferecer por meio da blockchain: baixos custos de transação e inclusão financeira. Compare os 93% dos brasileiros que usam o Pix com os 2% — isso mesmo, 2% — dos americanos que usaram criptomoedas para comprar algo ou fazer um pagamento em 2024", escreveu.

A próxima fronteira do dinheiro do futuro virá da inteligência artificial (IA). Os pagamentos serão feitos por IA, ou melhor, por agentes, espécies de robôs virtuais, programados para fazer a sua compra do mês ou reservar os hotéis das suas próximas férias.

Mastercard e Visa, os gigantes globais de cartões de crédito e débito, lançaram há três meses, quase simultaneamente, suas soluções para autenticar pagamentos feitos por agentes de IA.

— Estima-se que hoje, dos acessos à internet, 50% já sejam automáticos. Com a entrada dos agentes de IA, isso vai aumentar. O site vai ter que identificar se este acesso é de um agente, de uma pessoa ou de um bot. Antes, muitos barravam o acesso automático. Mas, agora, os agentes genuínos podem ser fontes de receita, podem ser um cliente que está chegando para comprar — afirma João de Valle, CEO do Ebanx (fintech brasileira com atuação global que processa no Brasil pagamentos para gigantes como Shein, Uber, e Spotify),

Valle acredita que, para os pequenos usos, essa é uma realidade que vai ocorrer muito rapidamente:

— Para coisas corriqueiras, tipo "pede aquela pizza que eu gosto", daqui a seis ou 12 meses, a IA já vai fazer por você. E vai pagar por você.

'VOCÊ É VOCÊ' NO BOT DE IA

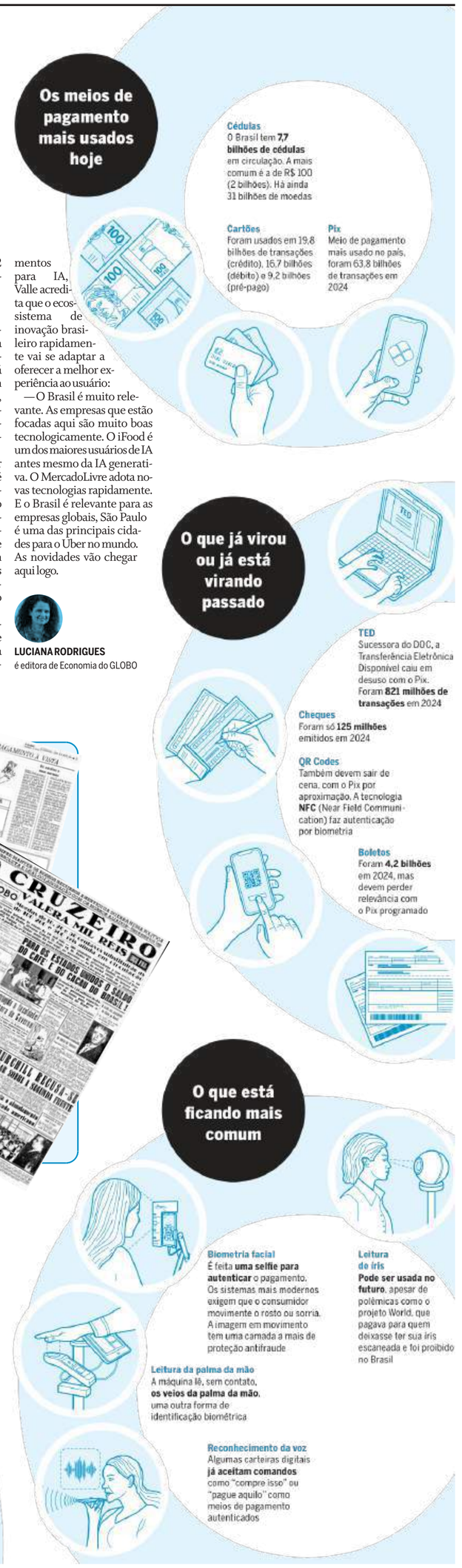
Leonardo Linares, da Mastercard Brasil, acrescenta que o Agent Pay, ou seja, o pagamento por agentes, será uma ferramenta útil também para pequenas empresas, que poderão usar agentes para negociar com fornecedores e realizar até mesmo pagamentos internacionais.

A tecnologia terá que dar conta de provar que "você é você", ou seja, que o bot é legítimo e tem a procuração para executar aquela transação. Poderão ser criados mecanismos como definir que o agente de IA é como um dependente — nos mesmos moldes em que hoje um filho usa um cartão de crédito vinculado à conta do pai.

Se as grandes bandeiras internacionais de cartão de crédito saíram na frente na busca por soluções de pagamentos para IA, Valle acredita que o ecossistema de inovação brasileiro rapidamente vai se adaptar a oferecer a melhor experiência ao usuário:

— O Brasil é muito relevante. As empresas que estão focadas aqui são muito boas tecnologicamente. O iFood é um dos maiores usuários de IA antes mesmo da IA generativa. O MercadoLivre adota novas tecnologias rapidamente. E o Brasil é relevante para as empresas globais, São Paulo é uma das principais cidades para o Uber no mundo. As novidades vão chegar aqui logo.

LUCIANA RODRIGUES
é editora de Economia do GLOBO



COMO O GLOBO VIU



"O cruzeiro valerá mil réis". Foi a manchete de 6 de outubro de 1942, anunciando que o real, usado desde o Brasil Colônia, deixaria de circular em novembro daquele ano. Até 1994, foram sete moedas — cruzeiro, cruzeiro novo, cruzeiro, cruzado novo, cruzeiro, cruzeiro real e, finalmente, o real.

Cheque em xeque: Em 13 de abril de 1975, o caderno Jornal da Família trazia a reportagem "Comércio acha prático, mas prefere o dinheiro vivo", sobre a desconfiança com o cheque. Também no Jornal da Família, de 12 de dezembro do mesmo ano, o tema foi "Neste Natal, o cartão também pode ser de crédito", numa alusão aos ainda tradicionais cartões de Natal trocados entre as famílias.

Lucros e queixas. Reportagem de 5 de novembro de 1993 relatava como os caixas eletrônicos facilitavam o dia a dia, mas sob queixas. A empresa responsável pelo Banco 24Horas lucrou US$ 6,5 milhões naquele ano. Mas máquinas engoliam os cartões ou davam erro. O texto citava uma cliente que deu um "jeitinho": usou papel carbono sobre a tarja magnética do cartão para fazer saques.

Há 5 anos: Em 17 de novembro de 2020, primeiro dia de funcionamento do pagamento instantâneo no Brasil, o GLOBO noticiou "A batalha da chave PIX", com a disputa dos bancos pelo cadastro dos clientes, com direito a sorteios e promoções.

ENTREVISTA
Gustavo Franco, ECONOMISTA E EX-PRESIDENTE DO BANCO CENTRAL

'CRIPTO É USADO PARA SER UM ANÔNIMO DIGITAL COM DINHEIRO'

LUCIANA RODRIGUES luciana.rodrigues@oglobo.com.br

LUCAS TAVARES



Um dos criadores do Plano Real, o economista Gustavo Franco vê um futuro em que os pagamentos digitais ganharão cada vez mais espaço, inclusive na chamada economia subterrânea — neste caso, com as criptomoedas. Autor de um livro sobre a história do dinheiro no Brasil ("A Moeda e a Lei: uma história monetária brasileira, 1933-2013"), Franco destaca como a moeda é, em última instância, uma relação de confiança.

Os pagamentos hoje são cada vez mais digitais, sem muita materialidade. Muda a relação das pessoas com o dinheiro?

Não muda absolutamente nada. Era possível falar que o dinheiro tinha substância numa economia primitiva, de troca. Lá pelo século XVIII o dinheiro passa a ser representação: um pedaço de papel conversível em metal precioso, ou um certificado de depósito. Isso é descrito nos livros de História como moeda fiduciária. É uma das maiores inovações e consiste numa intersubjetividade: é preciso ter confiança de que aquele papel tem valor, ter confiança no Estado. Há uma escola de pensamento que acha que o dinheiro surgiu da necessidade da troca, que foi uma criação espontânea do mercado. E tem outra escola que diz que é uma criatura da lei, quando o Estado Nacional impõe que o dinheiro tem que ser aceito. São duas metades da mesma verdade. Quando chegou o digital, já havia a moeda fiduciária. É interessante ver os ditos sem dinheiro brasileiro. No início, vinha assim: "o Tesouro Nacional promete pagar ao portador deste valor". Esses dizeres sumiram após a crise global de 1929. No Plano Cruzado, em 1986, Sarney (*o presidente José Sarney, que fez o primeiro plano para tentar controlar a hiperinflação herdada da ditadura militar*), manda escrever nas cédulas "Deus seja louvado". Em vez de "o Tesouro promete pagar", agora o dinheiro apela ao criador para ver se tem algum valor, né? (*risos*).

O Bitcoin surgiu na esteira da crise de 2008 e se apresentou como antissistema. Como vê essas conexões?

Foi uma conjunção muito singular. Existiam os adeptos, ou os sacerdotes do Bitcoin, que gostam deste aspecto libertário, de ter sido criado para ser um dinheiro desligado dos Estados nacionais, mas acabou virando outra coisa: uma fórmula digital para fazer coisas que você não consegue fazer no setor financeiro regular. É uma anonimidade digital com dinheiro. A economia subterrânea é gigante no mundo inteiro. Esse tipo de moeda serve principalmente para essa esfera econômica que é incompatível com o sistema financeiro regular e com qualquer dispositivo de identificação dos seus participantes. Por isso existe tanta demanda. É como o dinheiro em espécie.

As stablecoins, com lastro em ativos reais, podem mudar essa dinâmica?

Dependerá muito da regulação. No mundo financeiro, apenas instituições financeiras recebem depósitos do público e as autoridades exigem que essas instituições tenham patrimônio, identificação, endereço, essas coisas, para serem responsáveis se abusarem de seus clientes. Querem que a stablecoin seja uma coisa desregulada, ou seja, qualquer pessoa pode estabelecer uma empresa de fundo de quintal que recebe um depósito e emite um dinheiro eletrônico. Obviamente vai dar confusão. Se não for regulada, será uma cripto igual às outras.

O dinheiro poderá deixar de existir no futuro?

Muita gente dizia que papel-moeda estava sobrevivendo por causa da esfera subterrânea. Há um livro famoso do economista Kenneth Rogoff, "A maldição do dinheiro". Ele fez uma conta: pelos dados do dinheiro em circulação nos EUA, cada americano em média teria que carregar US$ 3 mil em notas de 100. É um número absurdo. E onde está este dinheiro? Na economia subterrânea. As cédulas de maior denominação estão aí. Fora disso, o dinheiro de papel é troco, é o pãozinho na padaria. No meio do caminho, o dinheiro oficial foi sumindo por uma questão de tecnologia. No caso do dinheiro subterrâneo, surgiram métodos de pagamento que preservam a anonimidade, essencial para o pessoal da bandidagem.

ENTREVISTA
Henrique Meirelles, EX-MINISTRO DA FAZENDA

'O BRASIL É INOVADOR E EXERCE LIDERANÇA NO SETOR FINANCEIRO'

JULIA NOIA Especial para O GLOBO

SILVIA COSTANTI / VALOR



O Brasil é uma potência inovadora do sistema financeiro — e o Pix representa um "cartão de visitas" da nossa capacidade competitiva no cenário global, diz o ex-ministro da Fazenda e ex-presidente do Banco Central Henrique Meirelles, refletindo uma opinião compartilhada pelo economista Paul Krugman. Meirelles destaca que a regulamentação e a segurança dos usuários serão centrais na incorporação de inteligência artificial e das big techs na rotina de pagamentos, mas a tecnologia e a democratização colocam o Brasil à frente dessas transformações.

O que tornou o Pix tão popular em cinco anos de existência?

O Pix é uma revolução que permitiu isso: tornar o cadastro financeiro dos clientes uma propriedade do indivíduo, e não dos bancos. Isso garante o crescimento da bancarização entre aqueles que apenas faziam transações financeiras em dinheiro.

O economista e ganhador do Nobel Paul Krugman avalia que, com o Pix, o Brasil teria inventado o futuro do dinheiro. Qual a sua avaliação?

Mostra o caráter inovador do Brasil, e já se reflete no nosso PIB. Nos últimos três anos, o crescimento brasileiro vem surpreendendo economistas, e muito disso se deve às revoluções financeiras no país. Elas geram empregos e impulsionam o crescimento da economia. Já somos uma potência no desenvolvimento de transações eletrônicas e de fintechs. Para nós, parece algo normal. Mas é um ponto que nos destaca no cenário internacional.

Modelos como o Pix são estruturados em mais de 70 países. Já é possível pensar em um Pix global?

Pelo aspecto técnico, não há dúvidas de que será possível. Agora, não necessariamente será global, por questões políticas e de soberania nacional. Pode haver países que não queiram abrir as informações de seu sistema financeiro.

Big techs e startups já desenvolvem sistemas de pagamento próprios. Elas vão substituir o sistema bancário?

Vão continuar provendo o sistema de pagamento, mas quem vai acessar a conta do cidadão ainda é um banco. Isso não apaga a crescente relevância dessas companhias. No entanto, se empresas como a Meta fizerem esse movimento, esse serviço deve ser regulado por um Banco Central, para proteger o cidadão e o sistema financeiro.

A incorporação da inteligência artificial nos pagamentos é vista com cautela. O que podemos esperar?

É inegável que a inteligência artificial vai começar a operar a sua vida financeira, automatizando pagamentos e a busca por investimentos, pelo perfil de cada investidor. A IA vai operar como um consultor financeiro. Mas qualquer inovação envolvendo inteligência artificial deve ser muito bem regulada para não violar a privacidade das pessoas, para não permitir mau uso e não permitir fraude ou uso por organizações criminosas. Quando foram criados os depósitos bancários, já havia todo um sistema de proteção de dados do cidadão. Isso é importante com a inteligência artificial. A atuação dos bancos centrais será cada vez mais central para regulamentar serviços com essa tecnologia.

Com a digitalização do sistema financeiro, cédulas e moedas podem se tornar itens de colecionador?

Já estamos chegando nisso, cada vez mais rápido. A transação da moeda já vem minguando. Começou com o cartão de crédito. Eu mesmo não uso dinheiro há muito tempo.

O dinheiro como conhecemos vai perder sentido?

O formato será diferente, mas o dinheiro como recurso sempre vai existir. Se a pessoa trabalha, ela será remunerada. O que vai mudar é o modo de pagamento.

À FRENTE DO SEU TEMPO

NOSSA HISTÓRIA

Trajetória centenária a serviço da prosperidade

MARIA FERNANDA DELMAS
fernanda.delmas@valor.com.br

No Valor Econômico, costumamos dizer aos jovens jornalistas: no fim das contas, tudo é sobre economia. Pode citar qualquer tema e não será difícil puxar o fio. Qual seu filme preferido? Ele é parte de uma indústria criativa e cultural que emprega não somente artistas, mas pessoal de produção, de distribuição e de serviços. Seu médico receitou um remédio? Isso começou com um investimento milionário em pesquisa e desenvolvimento de medicamentos e passou por uma longa cadeia produtiva até a venda no varejo. Preocupação sobre os índices de segurança no seu bairro, na sua cidade ou no seu estado? O mapa da violência fala não apenas de medo, mas também afeta dinâmicas como os preços de venda e aluguéis de imóveis, o florescimento ou o esvaziamento do comércio de rua e a decisão de investir (ou não) em determinada região.

Um jornal com cem anos de história como O GLOBO, nosso companheiro de Grupo Globo, com sua ampla cobertura da vida brasileira e dos grandes temas mundiais, tem um papel fundamental na economia do país. Primeiro, pela pura economia em si, que passa por suas páginas até chegar ao leitor. Desde a primeira manchete, "Voltam-se as vistas para a nossa borracha!", passando pela criação do Dia dos Pais, em 1953 — data que passou a ter grande valor tanto afetivo quanto comercial para os brasileiros —, e por toda a cobertura de políticas públicas, negócios e finanças, O GLOBO tem longa tradição de ajudar o leitor a entender os estágios de desenvolvimento do Brasil.

E se, no fim, tudo é economia, esse acervo centenário ganha dimensão maior. Cada cobertura que não entra na editoria de Economia, seja de torneio esportivo, de buraco de rua, de articulação política, de extremo climático, de estreia de peça teatral, de novo tratamento de saúde ou de relações diplomáticas, também embute causas e desdobramentos econômicos dos fatos e revela as escolhas que o país fez para crescer.

ECONOMIA E DEMOCRACIA

Tudo é economia, e a prosperidade do país tem correlação muito forte com a democracia. Oferta de educação e saúde de qualidade, bons níveis de emprego e capacidade de investir de forma sustentável, por exemplo, fazem o país ter cidadãos mais produtivos, mais informados e mais engajados.

A imprensa livre e profissional é parte fundamental nessa equação. E é essencial dizer que O GLOBO, em particular, não apenas vem testemunhando e refletindo a construção do Brasil. O jornal tem desde sempre a convicção de que precisa ser parte dela. Ao descobrir histórias, fazer denúncias, fomentar o debate de ideias, prestar serviços de esclarecimento à comunidade ou movimentar a vida cultural com iniciativas e eventos, O GLOBO cumpre seu propósito de ajudar o país a ser mais pujante e menos desigual. O Valor, que acabou de completar 25 anos, tem uma campanha que diz que o jornal não tem interesses, tem valores. O fruto não cai longe da árvore. É reflexo da tradição de um grupo que nasceu há cem anos, a partir do GLOBO e de seus princípios.



MARIA FERNANDA DELMAS
é diretora de Redação do Valor Econômico e das marcas segmentadas de economia e negócios da Editora Globo. Foi repórter, editora assistente, editora e editora-executiva do GLOBO



SILVIA COSTANTI/5-10-2017

Debate em alto nível. Em 2017, meses depois de deixar a presidência dos Estados Unidos, Barack Obama participou de evento do Valor em São Paulo



GABRIEL PAIVA/11-02-2024

Sinergia. Camarote Quem O GLOBO, na Marquês de Sapucaí, é resultado da união de esforços entre a revista e o jornal, na cobertura do carnaval carioca

Revistas parceiras

DANIELA TÓFOLI
dtofoli@edglobo.com.br

Há 100 anos, O GLOBO chegava às bancas e, há 88 anos, Roberto Marinho lançava a primeira publicação do grupo, O GLOBO Juvenil, um suplemento de quadrinhos, que dava início ao sonho de se criar uma editora de revistas que alcançasse públicos variados em todo o Brasil. O sonho se tornou realidade em 1952, quando a Rio Gráfica e Editora foi inaugurada, no Rio de Janeiro, e, por décadas, lançou títulos diversos como Querida, uma das revistas mais populares entre as garotas de 15 a 25 anos, nos anos 1960. Em 1986, Roberto Marinho comprou a Editora Globo, empresa gaúcha que tinha grandes nomes da literatura nacional e internacional no seu catálogo, e assim, a Rio Gráfica passou a se chamar Editora Globo, que mudou sua sede para São Paulo.

TÍTULOS CONSOLIDADOS

No início dos anos 1990, a editora consolidou títulos importantes, como a Globo Rural, e lançou publicações como a Globo Ciência (renomeada para Galileu), Crescer e Marie Claire, sempre com o objetivo de atingir um público interessado em se aprofundar em assuntos específicos, levando informação, serviço e apontando tendências.

Nos anos 2000, a editora não só digitalizou seus títulos e começou a ter ampla atuação em todas as plataformas online, como passou a ter marcas 100% digitais, entre elas, o TechTudo, que completa 15 anos em dezembro. Publicações como a Galileu, a Crescer e a Quem, que faz 25 anos em setembro, deixaram de oferecer seus formatos impressos. Hoje têm importante atuação com os leitores no ambiente virtual e nos eventos presenciais, vários deles feitos em parceria com O GLOBO. O maior, sem dúvida, é o Camarote Quem O GLOBO, que oferece a melhor experiência na Sapucaí, faz a maior cobertura com as celebridades e ainda abriga o Estandarte de Ouro (prêmio para os destaques dos desfiles do Grupo Especial das escolas de samba do Rio, concedido por um júri do jornal). O trabalho conjunto da Quem e do GLOBO entrega o mais completo conteúdo do carnaval carioca para os leitores e para os clientes, unindo a força e a relevância das marcas.

Outras parcerias de sucesso entre os produtos segmentados da editora e O GLOBO também ganharam relevância no mercado, como a Semana Design Rio, realizada pelo jornal e por Casa e Jardim. Ou trataram de causas essenciais para a sociedade, como o Elas por Elas, evento que reuniu as marcas femininas da editora com O GLOBO para debater sobre a igualdade de gênero no País. Com a Crescer, o jornal realizou dois importantes movimentos: um sobre o futuro das crianças, no debate Empresas pela Primeira Infância, e outro com a criação da plataforma Vacina é Saúde, um hub de conteúdo sobre os desafios e as conquistas da imunização no mundo, que contou também com a participação de Marie Claire, Época Negócios, Extra, Valor e rádio CBN.

Neste ano, Galileu se junta a O GLOBO, Valor e CBN no projeto COP30 Amazônia, que produz conteúdos especiais sobre a agenda climática e a conferência mundial, que acontece pela primeira vez no Brasil, em novembro. Todas essas ações conjuntas conectam os valores e a essência dos títulos segmentados ao GLOBO para que, assim, mais leitores sejam impactados, bem-informados e inspirados.



DANIELA TÓFOLI
é Diretora Editorial do Grupo Quem, Marie Claire, Crescer, TechTudo, Galileu, Monet e Casa e Jardim, da Editora Globo

Coordenação: André Miranda. **Editora:** Mànya Millen. **Editores assistentes:** Gustavo Alves e Pedro Tinoco. **Redatores**: Aydano André Motta, Bernardo Araujo, Carolina Morand, Lucila de Beaurepaire e Lucila Soares.
Direção de arte: Alvim. **Projeto gráfico:** Alvim e Télio Navega. **Diagramação:** Ana Scott, Gustavo Amaral e Télio Navega. **Coordenação fotográfica:** Paulo Moreira.
Infografia e arte: Renata Amoedo, Renato Carvalho, Vinicius Machado e William Mur. **Pesquisa:** Luciana Barbio Medeiros e Paulo Luiz Carneiro.

Quantas conquistas cabem em 100 anos?

Quantas pautas dá pra cobrir em um século de notícias?

Para o jornal O Globo, essa resposta foi entregue edição a edição, formando um legado. E a Shell pode falar de legado com experiência, porque conta com 112 anos de presença no Brasil, construindo uma história de pioneirismo e inovação. Por isso celebramos hoje os 100 anos do jornal O Globo, que a cada edição traz as notícias do dia com credibilidade e profissionalismo.

Parabéns pelo centenário!



Energia que vem da gente

Busque por Shell e saiba mais.

À FRENTE DO SEU TEMPO

DA BOCA DO CAIXA À CIÊNCIA DE DADOS

Avanço recente da inteligência artificial refina e multiplica possibilidades da oferta de produtos, aprimorando a relação entre o cliente e o banco

PAULO RENATO NEPOMUCENO
paulo.renato@oglobo.com.br

EDILSON DANTAS



Verificação de identidade para acesso à conta, confirmação de transações bancárias e até recomendação de investimentos de acordo com o perfil do cliente. No celular, no caixa eletrônico ou em atendimento presencial, essas são operações cotidianas robustecidas por ferramentas de inteligência artificial generativa para evitar golpes e aumentar a confiança no processo. Os primeiros passos da IA no mercado financeiro começaram há uma década, mas, segundo Rodrigo Mulinari, diretor adjunto do Comitê de Inovação e Tecnologia da Febraban (Federação Brasileira de Bancos), a caminhada se acelerou nos últimos três anos:

— Estamos na vanguarda da IA no segmento bancário mundial. O brasileiro, que usa muito o celular, é propulsor dessa inovação — afirma ele.

INVESTIMENTOS EM ALTA

Só no ano passado, os bancos brasileiros destinaram R$ 42,3 bilhões do orçamento para tecnologia, número que deve crescer 13% em 2025. Cerca de 30% desse montante vai para investimentos em inovação, e grande parte é dedicada à inteligência artificial. Alguns comandos bancários, como os de pedidos de transferência, já podem ser realizados através de mensagens e áudios enviados pelo WhatsApp graças ao avanço recente da IA.

— Uma das formas de inteligência artificial presentes é o chat, em que o cliente pode entrar e conversar a qualquer momento. Com ele, é possível otimizar a carteira (de aplicações) e ter sugestão de investimentos mais afins com o perfil. Mas lançamos recentemente produtos para empreendedores, para gestão do dia a dia do fluxo de caixa, de pagamentos e recebimentos — lembra Carlos Eduardo Mazzei, diretor de tecnologia do Itaú, banco que conta com um time direto de 400 cientistas de dados dedicados a novos produtos.

A FUNÇÃO DOS 'AGENTES'

A IA também interfere na forma de confecção dos produtos bancários antes mesmo de sua chegada ao mercado. Rafael Cavalcanti, diretor de inteligência de dados do Bradesco, observa que a adoção dos chamados agentes, capazes de entender e melhorar o que se quer de um produto, agiliza o trabalho.

— Eles conseguem algo estratégico para o desenvolvimento do software. Há ferramentas que aceleram a produção de códigos, criam cenários e ajudam a criar aqueles não pensados para testes. Há um ganho de 30% em produtividade e redução de 35% no tempo para entrega de produtos — afirma Cavalcanti.

Para Sérgio Biagini, sócio-líder do setor de serviços financeiros da Deloitte, os agentes vão redefinir o que hoje entendemos por aplicativos bancários:

— Olhando para o futuro, daqui a cinco anos ou mais, nos aplicativos que conhecemos, onde você entra no app e tem uma série de menus, você passará a interagir diretamente com uma IA. Ela vai fazer o atendimento por texto ou voz, e você vai interagir.



Mais que um número, são 400 mil famílias com a vida transformada.

Onde tem agro, tem Assistência Técnica e Gerencial do Senar fazendo o futuro prosperar. Com eficiência na produção de alimentos e respeito ao meio ambiente, o resultado é o aumento na renda das famílias e da comunidade rural.

Foi assim que alcançamos a marca histórica de 400 mil propriedades atendidas em todo o Brasil!

CNA SENAR

senar.org.br

100

À FRENTE DO SEU TEMPO

ADAPTAÇÃO IMPULSIONA EMPRESAS CENTENÁRIAS

Num país onde apenas 0,02% das companhias chegam a um século, não existe receita pronta para o sucesso. Transição para a inteligência artificial deve evitar a desumanização do processo decisório

JOÃO SORIMA NETO
joao.sorima@sp.oglobo.com.br

FERNANDO LEMOS/29-3-2016



As companhias que completaram um século de vida integram um clube muito seleto em um país onde seis a cada dez empresas fecham as portas antes de completar cinco anos, segundo o IBGE. Dizem os especialistas que os fatores comuns a todas são a permanente capacidade de adaptação às mudanças do mercado. Afinal, estamos falando de uma nação pródiga em sobressaltos e obstáculos, impostos por seguidos planos econômicos, trocas de moeda, inflação, juros altos e oscilações do câmbio. Pesam ainda os obstáculos para construir a infraestrutura necessária a um país de dimensões continentais, como deficiência de estradas, de energia e de telecomunicações. Definitivamente, um caminho que de suave não tem nada.

Um cálculo do IBGE avalia que apenas 0,02% das empresas nacionais chegam aos cem anos. Isso significa pouco mais de duas centenas de companhias centenárias operando no país, embora não exista um levantamento oficial sobre o número exato.

Entre elas, há negócios bem sucedidos no varejo, no setor de alimentos, vestuário e calçados, na siderurgia, na indústria de papel e celulose e no mundo das finanças, o que revela que a longevidade não depende apenas de um segmento de atuação, mas de fatores como qualidade da gestão, capacidade de inovação, foco e sintonia com a evolução da sociedade. Algumas delas ultrapassaram as fronteiras do país e se tornaram corporações de classe mundial.

Ouvidos pelo GLOBO, CEOs de algumas dessas empresas e especialistas que se dedicam a estudar essa longevidade afirmam que não existe uma receita única. Mas, segundo eles, tiveram em comum a capacidade de transformar adversidades em ativo, buscando sempre uma agenda construtiva para avançar.

— São empreendedores que procuraram uma agenda construtiva, sobre como é possível avançar sempre. Enxergaram as adversidades do país como um ativo, seja durante as grandes guerras, seja na transição da era agrícola para a industrial. São os mesmos sofrimentos, não sabendo o que será o amanhã diante de conflitos geopolíticos, pandemias e novas tecnologias — explica o professor de economia Jacques Marcovitch, ex-reitor da Universidade de São Paulo (USP), à frente do programa Pioneiros & Empreendedores, que analisa a trajetória e a contribuição de empresários que semearam as bases do capitalismo corporativo no país e foram importantes para a economia brasileira.

Na galeria de 24 perfis destacados por Marcovitch, estão nomes como Leon Feffer, fundador da Suzano e responsável por uma das raras inovações industriais, ao ser pioneiro na fabricação de papel a partir do eucalipto. Outro nome é João Gerdau, que comprou, nos anos 1900, uma fábrica de pregos que estava à beira da falência e a partir dela ergueu uma das maiores siderúrgicas do mundo. Na lista, figura também o Roberto Marinho, que dirigiu O GLOBO após a morte precoce do pai, Irineu Marinho, e, aos 61 anos, fundou a TV Globo, que se transformou na maior emissora do país.

— São pessoas que pensaram e buscaram ter um legado duradouro. Alguns deles deixaram cartas testamento. Não no sentido da distribuição do patrimônio, mas dizendo o que as gerações seguintes deveriam levar em conta para perpetuar seus negócios, através de valores, princípios, ações. Essas pessoas tiveram uma visão que transcendeu a sua existência física. São elas que fazem a diferença no mundo corporativo — diz Marcovitch, que observa que a família tem no DNA a preocupação de zelar por essa cultura e memória, mas que a profissionalização das companhias é incontornável para que sigam vivas.

O PESO DA ESTABILIDADE

Autor do livro "Empresas brasileiras centenárias – A história de sucesso de empresas familiares", em parceria com a jornalista Chris Martinez, o consultor Renato Bernhoeft especializou-se na transição de gerações e sucessão familiar nos negócios. Ele lembra que muitas dessas companhias brasileiras foram criadas por imigrantes ou seus filhos. E o desafio foi transformar esses herdeiros em sócios.

— Essas empresas têm em comum o fato de terem iniciado sua atuação através da estrutura familiar. E, no Brasil, 70% das empresas familiares que desapareceram ou foram vendidas tiveram como causa principal um conflito na família. Hoje, as empresas estão mais atentas a esse tema, e criam a governança societária e a governança familiar. Quem cuida da gestão é o conselho de administração. Mas os possíveis conflitos são resolvidos pelo conselho de família — destaca Bernhoeft

O especialista destaca que é importante contornar os dissabores da economia, fatores externos ao negócio, para se perpetuar ao longo do tempo. Mas é preciso também construir internamente uma cultura, um conjunto de valores que guiem essa corporação ao longo dos anos. Não se trata apenas de uma questão patrimonial, mas de criar uma filosofia da empresa.

Empresas longevas refletem a estabilidade econômica e a visão de longo prazo dos seus países. O fato de o Brasil ter apenas duas centenas de corporações centenárias, enquanto o Japão tem mais de 20 mil empresas com um século e os Estados Unidos, mais de 10 mil, ilustra bem esse ponto, diz Diego Marconatto, professor e pesquisador do tema empreendedorismo na Fundação Dom Cabral.

— A visão de longo prazo e a ligação com suas comunidades fazem com que as empresas longevas sejam fonte de empregos mais estáveis e de relações mais equilibradas entre o capital e o trabalho, fruto de um espírito de família que costuma faltar a muitos negócios de grande porte. Corporações não familiares tendem a ter visões de mais curto prazo — revela Marconatto.

Se elas conseguiram superar obstáculos do passado, os novos desafios continuam surgindo, aponta Marconatto. Entre eles, a escassez de mão de obra qualificada, que afeta a competitividade nesses tempos de digitalização e avanço de inteligência artificial. Mas fatores como capacidade de gestão, resiliência e flexibilidade continuam sendo fundamentais para garantir o seu crescimento contínuo.

Jacques Marcovitch destaca que as companhias centenárias que já estão preparando seus quadros para a transição da inteligência artificial, "para algo que ainda não sabemos até onde vai nos levar", devem tomar o cuidado de evitar a desumanização do processo decisório. Com isso, serão capazes de sair na frente nessa virada digital para se perpetuar. As novas tecnologias, diz, vão ajudar a atravessar as turbulências de hoje, mas os valores que trouxeram devem prevalecer.

— É preciso responsabilidade, um empenho coletivo, não apenas para construir patrimônio, mas para assegurar a perenidade com valores, cumprindo um papel de desenvolvimento não só para a empresa, mas para o entorno onde ela está inserida. Uma empresa sobrevive também do bem-estar e da qualidade do consumidor dos seus serviços ou dos seus produtos. E a terceira dimensão é a memória. É preciso respeitar e reverenciar aqueles que trouxeram a empresa até os dias até hoje — conclui Marcovitch.

CEOS DAS CENTENÁRIAS FALAM SOBRE O FUTURO, NA PÁGINA 154

DIVULGAÇÃO



Resiliência. Casa Granado (no alto), fábrica da GM (à esquerda), entrada da Bovespa e fábrica da Suzano: em comum, a capacidade de adaptação a novos tempos

NELSON ALMEIDA/AFP 17-12-2024



DIVULGAÇÃO



O Globo 100 Anos.
Potência para informar e inovar.

Grandes histórias são movidas por inovação, coragem e compromisso com o Brasil.
O Globo 100 anos e Grupo Energisa 120 anos.
Duas potências que seguem transformando o país com energia e informação.

O futuro nos Energisa.



GRUPO energisa120

Conheça a nossa história

À FRENTE DO SEU TEMPO

O FUTURO VISTO PELOS CENTENÁRIOS

Santiago Chamorro / GENERAL MOTORS

DIGITALIZAÇÃO E IA ESTÃO MUDANDO A FORMA COMO TRABALHAMOS



Para Santiago Chamorro, presidente da General Motors América do Sul, a eletrificação dos carros é a maior transformação do setor automotivo desde sua criação, no fim do século XIX. A montadora completou 100 anos de atuação no Brasil em janeiro preparando-se para esse novo futuro.

A companhia anunciou investimentos de R$ 7 bilhões até 2028 e pretende lançar dez modelos eletrificados no país. A segunda fase do ciclo de investimentos deve ser anunciada até dezembro. Este ano, a GM já lança no Brasil o Spark EUV, veículo elétrico fabricado na China. A companhia também se lança em novos negócios, como gestão de portos e industrialização de baixo volume.

— A digitalização e a inteligência artificial estão remodelando a forma como trabalhamos, produzimos e nos conectamos — diz.

Fundada em Michigan por William Crapo Durant, em 1908, a GM criou o sistema corporativo multimarcas, com diferentes linhas de carros, como Buick, Oldsmobile, Cadillac e Chevrolet. Essa estratégia estabeleceu a empresa como uma das principais fabricantes de automóveis nos Estados Unidos, desafiando a hegemonia da Ford.

A montadora chegou ao Brasil quando vivia uma fase de expansão mundial. Um século depois, o Brasil transformou-se no terceiro maior mercado. A primeira linha de montagem ficava no bairro do Ipiranga, em São Paulo, em galpões originalmente usados para armazenar algodão. Todas as peças vinham dos EUA. De lá até agora, foram produzidos 20 milhões de veículos no Brasil, entre eles modelos icônicos como Opala, Chevette, Corsa, Celta, S10 e Onix.

Santiago Chamorro destaca que os próximos cem anos exigirão das empresas uma capacidade ainda maior de adaptação.

— O Brasil é um país dinâmico, com ciclos econômicos conturbados, mudanças regulatórias e um consumidor exigente.

No Brasil, diz Chamorro, ainda é preciso lidar com barreiras estruturais, como a complexidade e a assimetria tributária no setor automotivo, que impacta a competitividade do país. O momento mais delicado de seus 30 anos na GM foi a pandemia de Covid, avalia.

— O maior aprendizado foi entender que, em situações como essa, o tempo se torna o recurso mais escasso. É preciso decidir rápido, mesmo sem ter todas as respostas — recorda.

Cinco marcos da GM no Brasil

1925. Chegada ao país.

1930. Inauguração da fábrica em São Caetano do Sul.

1957. Primeiro modelo com peças locais, o caminhão Chevrolet Brasil.

1968. Opala, o primeiro carro de passeio da marca produzido no Brasil.

Anos 80. Lançamento do Chevette e do Monza.

Anos 2000. Fabricação de modelos como o Celta e o Corsa.

Christopher Freeman / CASA GRANADO

INVESTIR, INOVAR E CRIAR, O CAMINHO PARA ALCANÇAR OS 200 ANOS



Em 1994, dias antes do lançamento do real, o empresário Christopher Freeman comprou por US$ 8 milhões a marca Granado, fundada havia 155 anos, no Rio, pelo português José Antonio Coxito Granado. A família ficou três gerações à frente do negócio e tinha encarregado Freeman de vendê-lo.

— Era a época da hiperinflação. Mas vi que, apesar dos problemas da economia, os produtos da empresa continuavam vendendo. Fiz a proposta: foram 50% à vista e 50% financiados — conta Freeman, CEO da Granado, que no ano passado faturou R$ 1,6 bilhão (alta de 24%), com 101 lojas próprias no país, outras dez no exterior, e-commerce e presença em 2,5 mil pontos de atacado.

Dos tradicionais talco de polvilho antisséptico, sabonetes de glicerina e de enxofre, feitos a partir de plantas, ervas e flores, a aposta da Granado se estendeu a produtos para bebês, cosméticos, higiene e beleza e, mais recentemente, perfumes. Sua única aquisição havia sido a Phebo, empresa nacional de cosméticos, em 2004. Em dezembro, no entanto, a companhia anunciou a compra da Care Natural Beauty, marca brasileira de produtos sustentáveis. Este é o grande desafio para o futuro: buscar produtos cada vez mais sustentáveis.

— Hoje as pessoas querem produtos naturais — resume o CEO.

Freeman decidiu fazer uma nova fábrica e a Granado levantou R$ 150 milhões no mercado para concretizar o investimento. Mas, em 2016, a taxa de juros subiu para 14,5% ao ano, asfixiando o caixa da empresa. Como muitas companhias brasileiras, ela buscou um sócio internacional, o grupo espanhol Puig, dono de marcas como Carolina Herrera e Jean Paul Gaultier. A Puig adquiriu 35% da empresa por R$ 500 milhões.

— Mantivemos o controle, pagamos a dívida e a fábrica de Japeri, no Rio, tem atualmente mil funcionários e produz 1 milhão de unidades por dia — conta Freeman.

A fórmula para chegar aos 200 anos, diz o empresário, é a mesma dos últimos 155: continuar investindo, inovando e criando mais produtos. E, agora, aproveitar as redes digitais. Freeman conta que o sabonete de enxofre, criado há 50 anos para tratar de peles com acne, vendia cerca de 100 mil unidades por mês.

— No ano passado, alguém no TikTok falou que funciona super bem e é barato. No mês passado, vendemos 1,5 milhão de unidades.

Cinco marcos da Granado

1870/1880. Fundação e declaração por D. Pedro II da Granado como Pharmácia Oficial da Família Imperial Brasileira.

1903. Criação do polvilho antisséptico, com registro aprovado por Oswaldo Cruz.

2004. Compra da Phebo.

2016. Depois de abertura de loja em Paris, grupo espanhol Puig, de moda e beleza, adquire 35% da empresa

2024. Compra da brasileira Care Natural Beauty, de cosméticos sustentáveis.

João Alberto Fernandez de Abreu / SUZANO

DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL POR TRÁS DA ESTRATÉGIA DE LONGO PRAZO



Cem anos depois de o imigrante Leon Feffer ter sido pioneiro na fabricação de papel e celulose de fibra curta a partir de eucalipto, a companhia Suzano inaugurou, no ano passado, a maior linha única de produção de celulose do mundo, no Mato Grosso do Sul, num investimento de R$ 22,2 bilhões. Foi um dos pontos mais importantes na história da empresa, que se auto intitula "uma startup de 100 anos" pela agilidade na tomada de decisões e inovação.

Feffer já trabalhava com venda de papel, que comprava em bobinas e vendia em formatos menores. Com a Segunda Guerra Mundial, avaliou que as importações de papel iriam rarear. Decidiu ele mesmo fabricar o produto, com a ajuda do filho Max, depois de vender todos os seus bens, incluindo a casa da família. Hoje, a companhia vende para mais de 110 países.

— A Suzano chegou aos 100 anos graças à visão de que era necessário se transformar e evoluir permanentemente. A empresa fez escolhas alinhadas à visão de longo prazo da família Feffer — conta o CEO da Suzano, João Alberto Fernandez de Abreu (mais conhecido como Beto Abreu), que ressalta o papel dos funcionários para integrar a sustentabilidade ao negócio, além da existência de uma cultura própria e do foco no impacto que a Suzano quer gerar para a sociedade.

Para os próximos cem anos, a Suzano terá como estratégia o comprometimento com o desenvolvimento sustentável, a disciplina na alocação de capital e a ambição de contribuir com soluções para os desafios da sociedade com produtos de origem renovável. Embora a digitalização avance, o papel é substituto natural do plástico num mundo que busca ser mais sustentável.

A companhia tem investido 90% da geração operacional de caixa. Aos 101 anos, consolidou seu processo de internacionalização: vai pagar US$ 1,734 bilhão por 51% de uma joint-venture com a americana Kimberly-Clark para produtos como papel higiênico, guardanapo, toalhas de papel e lenços. A nova empresa terá sede na Holanda e 22 fábricas em todo o mundo.

Para Abreu, o Brasil é estratégico na transição global para uma economia de baixo carbono:

— Anunciamos, no centenário da Suzano, um investimento de até US$ 100 milhões, tendo como parceiros universidades e ONGs, em iniciativas para impulsionar os esforços globais para proteger e restaurar a natureza.

Cinco marcos da Suzano

1924. Leon Feffer funda a Leon Feffer & Cia. em São Paulo.

Década de 1950. O eucalipto se torna matéria-prima da celulose. O papel brasileiro passa a ser exportado.

1987. Joint venture com a Vale forma a Bahia Sul Celulose, que seria assumida totalmente pela Suzano em 2001.

2018. Suzano anuncia fusão com a Fibria, sua maior concorrente.

2025. Joint venture global com a Kimberly-Clark.

Gilson Finkelstain / B3

INVESTIMENTO EM INFRAESTRUTURA PODE DESENVOLVER O MERCADO



O pregão viva-voz da Bolsa de Valores foi substituído pelo sistema eletrônico de negociação ainda nos anos 2000. Além das ações, a B3 passou a distribuir di produtos como fundos imobiliários, letras financeiras e títulos do Tesouro Direto. De um tíquete inicial de R$ 5 mil, atualmente é possível entrar na Bolsa com R$ 150, R$ 200, o que mudou a máxima de que o pregão era "investimento para ricos".

— Nossa reinvenção veio com entrega dos serviços com tecnologia. — conta o presidente da B3, a Bolsa de Valores de São Paulo, Gilson Finkelsztain, lembrando que o fator educação financeira também ajudou a tornar a B3 mais popular.

A instituição tem suas origens na Bolsa de Fundos Públicos de São Paulo, fundada em 1895, que fazia a negociação de títulos e a captação de recursos para o governo. Com o tempo, se integrou a outras bolsas, formando a Bovespa e, posteriormente, a B3, que engloba a Bolsa de Mercadorias e Futuros e a Central de Custódia e de Liquidação Financeira de Títulos Privados (Cetip).

O novo desafio é atrair a atenção de investidores de fora do país, brasileiros ou estrangeiros. Já é testada uma parceria com uma corretora global para que pessoas que moram no exterior abram uma conta de forma simplificada e invistam. O cenário macro (juros de 15%) não favorece o investimento em ações, mas há outros produtos atrativos, diz Finkelsztain.

O clima de incerteza global, trazido pelos fatos geopolíticos, não ajuda o mercado de capitais, já que o investidor sempre procura um pouco mais de estabilidade e previsibilidade. Mas a B3 — e o todo mercado financeiro brasileiro — já passou por obstáculos como inflação, mudança de moeda, de impostos, planos econômicos e aprendeu a lidar com essa volatilidade, diz Finkelsztain.

Ele vê o país muito melhor do que antes e vislumbra muitas oportunidades. Menos de 10% da riqueza no Brasil está em renda variável, enquanto no mundo inteiro o percentual é de 50%. O país tem 450 empresas com ações na Bolsa, mas seu potencial é ter 4 mil.

— Há uma necessidade de investimento em infraestrutura com grande potencial para destravar levantamento de capital. Há dinheiro no Brasil ou no exterior querendo financiar um país dinâmico e grande. Para onde olho, vejo oportunidade de crescimento do mercado de capitais — afirma.

Cinco marcos da Bolsa de Valores

1895. É criada a Bolsa de Fundos Públicos de São Paulo.

1967. A bolsa passa a se chamar Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa).

2008. A Bovespa se funde com a Bolsa de Mercadorias e Futuros.

2009/2010. Com o fim do pregão viva-voz, a negociação passa a ser pelo sistema eletrônico.

2017. A BM&FBovespa se uniu à CETIP, criando a B3 (Brasil, Bolsa, Balcão).

Há 100 anos o Brasil sabe onde se abastecer de notícias.

Homenagem da Vibra
ao centenário do jornal O Globo.

VIBRA



À FRENTE DO SEU TEMPO

O GLOBO E SUA ÉPOCA


Irineu Marinho


Les demoiselles d'Avignon


Theatro Municipal



Primeiro número de A Noite


Charles Chaplin


Vladimir Ilyich Lênin

1876
No dia 19 de julho, nasce em Niterói Irineu Marinho Coelho de Barros, filho de João Marinho Coelho de Barros e Edwiges de Souza Barros

1904
No dia 3 de dezembro, nasce Roberto Marinho, filho de Francisca Pisani Marinho e do jornalista Irineu Marinho

Eclode a Revolta da Vacina no Rio de Janeiro, que passava pela grande reforma de Pereira Passos

1907
Nasce Heloísa Marinho, irmã de Roberto Marinho, em 21 de outubro

Pablo Picasso pinta "Les demoiselles d'Avignon", marco do cubismo e da arte moderna

1909
Em 8 de abril, nasce Ricardo Marinho, irmão de Roberto Marinho

É inaugurado o Theatro Municipal, marco da arquitetura Art Nouveau no Rio

1911
Irineu Marinho funda A Noite, jornal que se torna um dos mais populares da capital

Roberto Marinho faz o curso primário no Colégio Paula Freitas. Fará o secundário nos colégios Anglo Brasileiro e Aldridge

1912
A Noite é suspenso e Irineu Marinho se refugia na Legação Argentina. Seu romance de cabeceira no período de reclusão, "As Aventuras do Sr. Pickwick", de Charles Dickens, torna-se mais tarde o livro preferido de Roberto Marinho

1914
Nasce Hilda, segunda irmã de Roberto Marinho, em 7 de setembro

Começa a I Guerra Mundial

Carlitos, de Charles Chaplin, faz sua primeira aparição no cinema

1915
Irineu Marinho lança a editora Empresa de Romances Populares, que publica Lima Barreto, entre outros autores

1917
Irineu Marinho funda a produtora Veritas Film. Roberto Marinho, aos 12 anos, atua como figurante do filme "A quadrilha do esqueleto", que lança o ator Procópio Ferreira

Revolução Russa, comandada por Lênin e Trotski

1919
Em 15 de maio, nasce Rogério Marinho, segundo irmão de Roberto Marinho

A devastadora pandemia da Gripe espanhola faz mais vítimas do que os 15 milhões de mortos durante a I Guerra


Agildo Barata preso



O GLOBO Juvenil


Primeira versão do Bonequinho do GLOBO



Capa do Globinho



O GLOBO Expedicionário



A final da Copa de 1950 na capa do GLOBO


Adhemar Ferreira da Silva

1936
Após publicar entrevista com o líder comunista Agildo Barata, preso depois da Intentona Comunista de 1935, O GLOBO é invadido e a edição, apreendida, em 11 de setembro

1937
Roberto Marinho lança O GLOBO Juvenil, publicação de histórias em quadrinhos que teve colaboração de Nelson Rodrigues, então com 25 anos

Vargas institui o Estado Novo, regime autoritário de inspiração fascista

1938
Seção O Bonequinho Viu estreia em 21 de junho. Em 17 de novembro, começa a circular o suplemento O Globinho

Rogério Marinho começa a trabalhar no GLOBO, onde ficou até morrer, em 2011, aos 92 anos

1939
Invasão da Polônia pela Alemanha, em 1º de setembro, deflagra a II Guerra Mundial

Roberto Marinho lança a revista em quadrinhos Gibi, nome que se torna sinônimo deste tipo de publicação

1944
Em 7 de setembro, O GLOBO Expedicionário começa a ser distribuído para os soldados brasileiros que lutavam no front italiano durante a II Guerra Mundial. Egydio Squieff é enviado pelo GLOBO para cobrir a campanha na Itália

1944
Roberto Marinho compra a revista Rio, com colaboradores como Cecília Meireles, Manuel Bandeira e Vinicius de Moraes, e projeto gráfico arrojado

Em 2 de dezembro, Roberto Marinho inaugura a Rádio Globo, 1180 AM, no Rio

1945
Explosões atômicas em Hiroshima e Nagasaki põem fim à II Guerra Mundial

Rádio Globo lança "O GLOBO no ar", com informes diários em intervalos de 60 minutos

1947
Em 13 de outubro, nasce Roberto Irineu Marinho, primeiro dos quatro filhos do casal Roberto e Stella Marinho

1950
Uruguai vence a Copa do Mundo do Brasil

Em 5 de março, nasce Paulo Roberto Marinho, segundo filho de Roberto e Stella Marinho

Início da TV Tupi marca chegada da televisão ao Brasil

1952
Fundação da Rio Gráfica e Editora (RGE), futura Editora Globo. A empresa publica revistas, livros e quadrinhos

Adhemar Ferreira da Silva quebra o recorde mundial do salto triplo nas Olimpíadas de Helsinque


Novela "Ilusões perdidas"


Milton Nascimento no Festival Internacional da Canção


Passeata dos 100 mil


Silvio Santos



Jornal Nacional


Brasil campeão da Copa do Mundo de 1970


O GLOBO lança o Estandarte de Ouro


Novela "O bem-amado"

1965
A TV Globo entra no ar em 26 de abril e exibe sua primeira novela, "Ilusões Perdidas", de Enia Petri, com Leila Diniz e Reginaldo Faria

Roberto Marinho recebe o Maria Moors Cabot, um dos prêmios jornalísticos mais importantes do mundo

1967
A TV Globo promove o segundo Festival Internacional da Canção, em que Milton Nascimento apresenta "Travessia"

Estreia na TV Globo "A Hora da Buzina", com Chacrinha

1968
Protestos de estudantes paralisam Paris e se espalham por outras capitais do mundo. Ditadura reage à passeata dos 100 mil no Rio com o decreto do AI-5

1969
Programa Silvio Santos passa a ser transmitido na grade nacional da TV Globo

Estreia do Jornal Nacional, primeiro telejornal de rede no país, em 1º de setembro

Criada a gravadora Som Livre

1970
A sede da Rádio Globo do Rio é transferida da rua Irineu Marinho para a Rua do Russel, na Glória

Brasil se torna tricampeão na Copa do Mundo no México.

1971
Inauguração da TV Globo em Brasília.

Incêndio destrói auditório da Globo no Rio

Evandro Carlos de Andrade assume a direção de redação de O GLOBO.

1972
O GLOBO passa a ser matutino e a circular aos domingos. É feita uma reforma gráfica e editorial. Lançado O Globinho.

Emerson Fittipaldi conquista seu primeiro campeonato mundial de Fórmula 1.

1972
O GLOBO lança o Projeto Aquarius, com espetáculos de dança e de música clássica para o grande público.

O GLOBO cria o Estandarte de Ouro, para premiar os melhores dos desfiles das escolas de samba.

1973
Estreia "O bem-amado", de Dias Gomes, a primeira novela em cores

Inauguração da Globo FM.

Estreia do Fantástico nas noites de domingo na TV

1974
É criada a Agência O GLOBO

Começa a entrega de O GLOBO a assinantes

Richard Nixon renuncia à presidência dos EUA na esteira do caso Watergate


Celso Freitas na Globosat


Massacre em Carandiru


Roberto Marinho toma posse na ABL


Nelson Mandela


Ayrton Senna


Inauguração do Projac


Gustavo Kuerten


FH e Roberto Marinho na inauguração do parque gráfico

1991
Inauguração da CBN, rádio exclusiva de jornalismo

Lançamento da Globosat, primeira programadora de TV por assinatura brasileira

Morre Ricardo Marinho, aos 81 anos

1992
Renúncia e impeachment de Fernando Collor: o vice Itamar Franco assume

Massacre do presídio do Carandiru, com 111 mortos

1993
Roberto Marinho é eleito para a Academia Brasileira de Letras

Lançado o Plano Real, que consegue debelar a inflação crescente herdada da ditadura

1994
Nelson Mandela torna-se o primeiro presidente negro da África do Sul

Ayrton Senna morre em um acidente no Grande Prêmio de Ímola

Surgem os primeiros blogs

1995
Reforma gráfica do GLOBO feita por Milton Glaser e Walter Bernard

Inauguração do Projac, maior complexo de produção audiovisual da América Latina

1996
Estreia da GloboNews, primeiro canal de TV por assinatura com jornalismo 24h

Lançamento do site O GLOBO On, posteriormente batizado como O GLOBO Online

1997
Fundação Roberto Marinho cria o Futura, primeiro canal de televisão educativa mantido pela iniciativa privada

Gustavo Kuerten vence pela primeira vez o torneio de Roland Garros

1998
Criação da Globo Filmes, voltada para a produção cinematográfica

A Editora Globo lança Época, revista semanal de informação

Lançamento do jornal Extra, voltado para as classes C e D

1999
Com o presidente Fernando Henrique, Roberto Marinho inaugura o parque gráfico do GLOBO e do Extra em Duque de Caxias (RJ)

É inaugurada a nova sede da Rede Globo em São Paulo

Lançada a Rede Globo Internacional

2000
É lançada a Globo.com, portal das Organizações Globo

Lançamento do jornal Valor Econômico

Primeiro rascunho da sequência completa do genoma humano


Protesto "Black lives matter"


Brasil e Alemanha, o jogo do 7x1


Ruínas em Mariana (MG)



Impeachment de Dilma Rousseff


Redação da nova sede dos jornais O GLOBO, Extra, Expresso e Valor


Casa Roberto Marinho


Tragédia em Brumadinho

2012
O GLOBO lança o Globo a Mais, primeiro vespertino digital do país, com conteúdo exclusivo para tablets

2013
Absolvição de responsável por morte de Trayvon Martin a tiros leva ao surgimento do movimento Black Lives Matter

Estreia o site Acervo O GLOBO, com todas as edições publicadas pelo jornal

2014
As Organizações Globo adotam o nome Grupo Globo

Lançamento do portal de entretenimento Gshow

Copa do Mundo no Brasil. Seleção brasileira é derrotada por 7 a 1 pela Alemanha, campeã do torneio

2015
Lançamento do Globoplay, a maior plataforma brasileira de streaming

Rompimento de uma barragem em Mariana (MG) mata 19 pessoas e contamina o Rio Doce, afetando cidades mineiras e capixabas

2016
Abalada pela recessão econômica, pelas denúncias da Lava-Jato e acusada de irregularidades fiscais, Dilma Rousseff sofre impeachment

2017
Inauguração da nova sede dos jornais O GLOBO, Extra, Expresso e Valor na Rua Marquês de Pombal, no Centro do Rio, e do novo prédio do Jornalismo da Globo, no Jardim Botânico

2018
Inauguração do Instituto Casa Roberto Marinho, no Cosme Velho

Lançamento do projeto Uma Só Globo, para integrar Rede Globo, Globosat, Som Livre, Globo.com e Globoplay em uma só empresa

2018
Lula é preso na Operação Lava Jato, que também levou às prisões dos ex-governadores do Rio Sérgio Cabral, Luiz Fernando Pezão e Moreira Franco, além do ex-presidente Michel Temer

2019
Rompimento de barragem de rejeitos da Vale em Brumadinho (MG) mata 272 pessoas, resultando em um dos maiores desastres ambientais do Brasil

2019
Primeiros casos de contaminação por coronavírus levam a buscas por vacina em todo o mundo. Pandemia resultou em dois anos de isolamento social. O presidente Jair Bolsonaro se opõe à prevenção e joga desconfiança sobre as vacinas

À FRENTE DO SEU TEMPO

Em 100 anos, jornal noticiou guerras, golpes, tragédias, mas também Carmen Miranda, o penta no futebol e o nosso primeiro Oscar


Coluna Prestes



Edição de O GLOBO em 1926


Crack da Bolsa de Nova York


Carmen Miranda


Jean Batten


Piedade Coutinho

1921
Irineu Marinho é preso por quatro meses, acusado de colaboração com o movimento tenentista. Com 17 anos, Roberto visita o pai na cadeia e cuida da sua correspondência

1924
Irineu Marinho embarca em maio para a Europa com a família para se submeter a um tratamento de saúde

O tenentismo leva à Revolta Paulista e à formação da Coluna Prestes

1925
Irineu Marinho lança O GLOBO em 29 de julho, depois de voltar da Europa, e não retomar o controle de A Noite, como havia sido combinado. O jornalista abriu concurso para batizar o novo vespertino

1925
Em 21 de agosto, Irineu morre de infarte, aos 49 anos. Eurycles de Mattos assume a direção do jornal recém-fundado

1929
Ano do crack da Bolsa de Nova York e do início da Grande Depressão, que afeta o mercado de café, principal produto de exportação brasileiro

1930
A Revolução de 30 leva Getúlio Vargas ao poder. O GLOBO faz foto exclusiva de Washington Luís rumo ao exílio, quando o jovem repórter Roberto Marinho põe galhos na saída do Palácio do Catete para atrasar o carro do presidente deposto

1931
Morre Eurycles de Mattos. Aos 27 anos, Roberto Marinho assume a direção do GLOBO

Carmen Miranda lança "Prá você gostar de mim (Taí)"

1933
Ricardo Marinho começa a trabalhar como secretário de redação do GLOBO.

O GLOBO promove e organiza o segundo desfile das escolas de samba do Rio

1935
No mês de novembro, GLOBO noticia com exclusividade o pouso forçado da aviadora Jean Batten, enquanto outros jornais anunciavam seu desaparecimento.

1936
Em 17 de agosto, O GLOBO publica primeira telefoto da imprensa brasileira, da nadadora Piedade Coutinho nas Olimpíadas de Berlim, onde as vitórias de Jesse Owens, atleta negro norte-americano, derrotam também a ideologia nazista


Inauguração da TV Tupi


População ataca o prédio e equipes da Rádio Globo e do GLOBO


Copa do Mundo de 1958


Fidel Castro em viagem ao Brasil


Abelardo Barbosa, o Chacrinha


João Goulart derrubado pelo Golpe de 1964

1936
Após publicar entrevista com o líder comunista Agildo Barata, preso depois da Intentona Comunista de 1935, O GLOBO é invadido e a edição, apreendida, em 11 de setembro

1937
Roberto Marinho lança O GLOBO Juvenil, publicação de histórias em quadrinhos que teve colaboração de Nelson Rodrigues, então com 25 anos

Vargas institui o Estado Novo, regime autoritário de inspiração fascista

1938
Seção O Bonequinho Viu estreia em 21 de junho. Em 17 de novembro, começa a circular o suplemento O Globinho

Rogério Marinho começa a trabalhar no GLOBO, onde ficou até morrer, em 2011, aos 92 anos

1939
Invasão da Polônia pela Alemanha, em 1º de setembro, deflagra a II Guerra Mundial

Roberto Marinho lança a revista em quadrinhos Gibi, nome que se torna sinônimo deste tipo de publicação

1944
Em 7 de setembro, O GLOBO Expedicionário começa a ser distribuído para os soldados brasileiros que lutavam no front italiano durante a II Guerra Mundial. Egydio Squieff é enviado pelo GLOBO para cobrir a campanha na Itália

1944
Roberto Marinho compra a revista Rio, com colaboradores como Cecília Meireles, Manuel Bandeira e Vinicius de Moraes, e projeto gráfico arrojado

Em 2 de dezembro, Roberto Marinho inaugura a Rádio Globo, 1180 AM, no Rio

1945
Explosões atômicas em Hiroshima e Nagasaki põem fim à II Guerra Mundial

Rádio Globo lança "O GLOBO no ar", com informes diários em intervalos de 60 minutos

1947
Em 13 de outubro, nasce Roberto Irineu Marinho, primeiro dos quatro filhos do casal Roberto e Stella Marinho

1950
Uruguai vence a Copa do Mundo do Brasil

Em 5 de março, nasce Paulo Roberto Marinho, segundo filho de Roberto e Stella Marinho

Início da TV Tupi marca chegada da televisão ao Brasil

1952
Fundação da Rio Gráfica e Editora (RGE), futura Editora Globo. A empresa publica revistas, livros e quadrinhos

Adhemar Ferreira da Silva quebra o recorde mundial do salto triplo nas Olimpíadas de Helsinque

1953
Em 16 de agosto, O GLOBO lança a comemoração do Dia dos Pais no Brasil

Em 16 de setembro, nasce João Roberto Marinho, terceiro filho de Roberto e Stella Marinho

1954
Suicídio de Getúlio Vargas. A população ataca o prédio e equipes da Rádio Globo e do GLOBO. Um mês depois, o jornal lança "O livro negro da corrupção", sobre a crise que levou ao suicídio

O GLOBO passa a funcionar na Rua Irineu Marinho 35

1955
Em 16 de setembro, nasce José Roberto Marinho, quarto filho do casal Stella e Roberto Marinho

O GLOBO lança o prêmio Operário Padrão, em 7 de outubro

1956
O GLOBO recebe o primeiro dos mais de 60 prêmios Esso que viria a conquistar, com a reportagem "180 dias na fronteira da loucura", de José Leal

1957
O presidente Juscelino Kubitschek concede o canal 4 de televisão à Rádio Globo, o que seria o embrião da futura TV Globo

1958
É inaugurada em Belo Horizonte a primeira sucursal do jornal. Compra da Rádio Eldorado AM é o passo inicial rumo ao Sistema Globo de Rádio

O Brasil ganha a Copa do Mundo da Suécia

1959
O GLOBO publica a primeira avaliação de automóveis no Brasil, em uma reportagem de Mauro Salles sobre a Rural Willys

Revolução em Cuba leva Fidel Castro ao poder

1960
Abelardo Barbosa ingressa na Rádio Globo, onde passa a transmitir o programa musical Discoteca do Chacrinha

1961
Lançada a edição nacional de O GLOBO, com distribuição aérea em todo o país

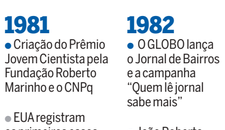
O GLOBO promove a campanha "Ajude uma criança a estudar", com participação direta de Stella Marinho

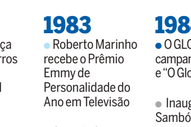
1964
Golpe militar derruba João Goulart. Em defesa do presidente, fuzileiros impedem O GLOBO de circular por 24 horas. Como outros jornais, O GLOBO apoiou a intervenção militar, embora cobrasse legalidade. Em 2013, reconheceu ter cometido um erro histórico

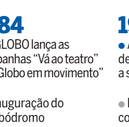

Richard Nixon renuncia


Guerra do Vietnã

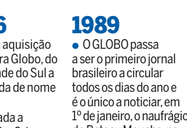

Telecurso 2º Grau


Roberto Marinho recebe o Emmy em 1983


Inauguração do Sambódromo


Cena do clipe de "Thriller"


Roberto Marinho e Tancredo Neves



Naufrágio do Bateau Mouche

1965
A TV Globo entra no ar em 26 de abril e exibe sua primeira novela, "Ilusões Perdidas", de Enia Petri, com Leila Diniz e Reginaldo Faria

Roberto Marinho recebe o Maria Moors Cabot, um dos prêmios jornalísticos mais importantes do mundo

1967
A TV Globo promove o segundo Festival Internacional da Canção, em que Milton Nascimento apresenta "Travessia"

Estreia na TV Globo "A Hora da Buzina", com Chacrinha

1968
Protestos de estudantes paralisam Paris e se espalham por outras capitais do mundo. Ditadura reage à passeata dos 100 mil no Rio com o decreto do AI-5

1969
Programa Silvio Santos passa a ser transmitido na grade nacional da TV Globo

Estreia do Jornal Nacional, primeiro telejornal de rede no país, em 1º de setembro

Criada a gravadora Som Livre

1970
A sede da Rádio Globo do Rio é transferida da rua Irineu Marinho para a Rua do Russel, na Glória

Brasil se torna tricampeão na Copa do Mundo no México.

1971
Inauguração da TV Globo em Brasília.

Incêndio destrói auditório da Globo no Rio

Evandro Carlos de Andrade assume a direção de redação de O GLOBO.

1972
O GLOBO passa a ser matutino e a circular aos domingos. É feita uma reforma gráfica e editorial. Lançado O Globinho.

Emerson Fittipaldi conquista seu primeiro campeonato mundial de Fórmula 1.

1972
O GLOBO lança o Projeto Aquarius, com espetáculos de dança e de música clássica para o grande público.

O GLOBO cria o Estandarte de Ouro, para premiar os melhores dos desfiles das escolas de samba.

1973
Estreia "O bem-amado", de Dias Gomes, a primeira novela em cores

Inauguração da Globo FM.

Estreia do Fantástico nas noites de domingo na TV

1974
É criada a Agência O GLOBO

Começa a entrega de O GLOBO a assinantes

Richard Nixon renuncia à presidência dos EUA na esteira do caso Watergate

1975
Rede Globo se consolida como líder de audiência na televisão brasileira

Fim da Guerra do Vietnã, que deu início a uma postura crítica na cobertura de conflitos militares pela imprensa

1976
Começa o Classifone, serviço de classificados por telefone oferecido pelo jornal O GLOBO

Roberto Marinho recebe o Emmy Internacional e torna-se, na França, comendador da Ordre des Arts et des Lettres

1978
Criada no ano anterior, a Fundação Roberto Marinho lança o Telecurso 2º Grau

Programação da TV Globo passa a ser toda a cores

Fim do AI-5

1981
Criação do Prêmio Jovem Cientista pela Fundação Roberto Marinho e o CNPq

EUA registram os primeiros casos no país do que viria a se definir no ano seguinte como Aids

1982
O GLOBO lança o Jornal de Bairros e a campanha "Quem lê jornal sabe mais"

João Roberto Marinho assume a vice-presidência do jornal O GLOBO

1983
Roberto Marinho recebe o Prêmio Emmy de Personalidade do Ano em Televisão

A partir de uma mudança na Arpanet, rede criada pelo Departamento de Defesa dos EUA, surge a internet

1984
O GLOBO lança as campanhas "Vá ao teatro" e "O Globo em movimento"

Inauguração do Sambódromo

Álbum mais vendido da História, "Thriller", de Michael Jackson, consolida o videoclipe

1985
A primeira página de O GLOBO passa a ser a cores

Fim da ditadura com eleição indireta de Tancredo Neves para presidente, que morre antes de tomar posse. José Sarney assume

1986
Com a aquisição da Editora Globo, do Rio Grande do Sul a RGE muda de nome

É lançada a campanha Criança Esperança, patrocinada pela Rede Globo e Unicef (depois substituída pela Unesco)

1989
O GLOBO passa a ser o primeiro jornal brasileiro a circular todos os dias do ano e é o único a noticiar, em 1º de janeiro, o naufrágio do Bateau Mouche, na noite de réveillon do Rio

Fernando Collor de Mello se elege e determina o confisco da poupança


Atentado de 11/9


Cafu levanta a taça da copa do mundo de 2002


Velório do jornalista Roberto Marinho


Sergio Vieira de Mello


Twitter e Iphone


Barack Obama


"Tropa de elite"


Dilma Rousseff e Lula

1991
Inauguração da CBN, rádio exclusiva de jornalismo

Lançamento da Globosat, primeira programadora de TV por assinatura brasileira

Morre Ricardo Marinho, aos 81 anos

1992
Renúncia e impeachment de Fernando Collor: o vice Itamar Franco assume

Massacre do presídio do Carandiru, com 111 mortos

1993
Roberto Marinho é eleito para a Academia Brasileira de Letras

Lançado o Plano Real, que consegue debelar a inflação crescente herdada da ditadura

1994
Nelson Mandela torna-se o primeiro presidente negro da África do Sul

Ayrton Senna morre em um acidente no Grande Prêmio de Ímola

Surgem os primeiros blogs

1995
Reforma gráfica do GLOBO feita por Milton Glaser e Walter Bernard

Inauguração do Projac, maior complexo de produção audiovisual da América Latina

1996
Estreia da GloboNews, primeiro canal de TV por assinatura com jornalismo 24h

Lançamento do site O GLOBO On, posteriormente batizado como O GLOBO Online

1997
Fundação Roberto Marinho cria o Futura, primeiro canal de televisão educativa mantido pela iniciativa privada

Gustavo Kuerten vence pela primeira vez o torneio de Roland Garros

1998
Criação da Globo Filmes, voltada para a produção cinematográfica

A Editora Globo lança Época, revista semanal de informação

Lançamento do jornal Extra, voltado para as classes C e D

1999
Com o presidente Fernando Henrique, Roberto Marinho inaugura o parque gráfico do GLOBO e do Extra em Duque de Caxias (RJ)

É inaugurada a nova sede da Rede Globo em São Paulo

Lançada a Rede Globo Internacional

2000
É lançada a Globo.com, portal das Organizações Globo

Lançamento do jornal Valor Econômico

Primeiro rascunho da sequência completa do genoma humano

2001
Editora Globo cria a Globo Livros

Ataque às Torres Gêmeas e ao Pentágono, o maior atentado terrorista da história

Grupo Globo compra o Diário Popular (depois Diário de S. Paulo)

2002
Brasil se torna pentacampeão da Copa do Mundo

Lula é eleito presidente do Brasil

2003
No dia 6 de agosto, morre Roberto Marinho, aos 98 anos

O GLOBO lança o Prêmio Faz Diferença. Zilda Arns é escolhida como a personalidade do ano

2003
Invasão do Iraque liderada pelos EUA derruba Saddam Husseim, mas mergulha o país no caos. Atentado mata embaixador Sérgio Vieira de Mello

2003
Mark Zuckerberg, com três colegas da Universidade Harvard, incluindo o brasileiro Eduardo Savarin, lança o Facemash, antecessor do Facebook

2005
É revelado o mensalão, esquema de compra de votos que se tornaria a pior crise do primeiro governo Lula

2006
Globo.com lança o g1, portal de notícias das empresas Globo

Jack Dorsey funda o Twitter, que se tornará a rede X, depois de adquirida por Elon Musk

2007
Estreia da TV Globo Portugal, emissora a cabo da Globo Internacional

A Apple lança o primeiro iPhone

Explode a crise do mercado americano de hipotecas, que leva à pior recessão mundial desde 1929

2008
Barack Obama é eleito o primeiro presidente negro da história dos Estados Unidos

Sucesso de público, "Tropa de Elite" conquista o Urso de Ouro no Festival de Berlim

2010
Dilma Rousseff é a primeira mulher eleita presidente do Brasil

O americano Kevin Systrom e o brasileiro Mike Krieger criam o Instagram

Protesto "Black lives matter"

Brasil e Alemanha, o jogo do 7x1

Ruínas em Mariana (MG)

Impeachment de Dilma Rousseff

Redação da nova sede dos jornais O GLOBO, Extra, Expresso e Valor

Casa Roberto Marinho

Tragédia em Brumadinho

2012
O GLOBO lança o Globo a Mais, primeiro vespertino digital do país, com conteúdo exclusivo para tablets

2013
Absolvição de responsável por morte de Trayvon Martin a tiros leva ao surgimento do movimento Black Lives Matter

Estreia o site Acervo O GLOBO, com todas as edições publicadas pelo jornal

2014
As Organizações Globo adotam o nome Grupo Globo

Lançamento do portal de entretenimento Gshow

Copa do Mundo no Brasil. Seleção brasileira é derrotada por 7 a 1 pela Alemanha, campeã do torneio

2015
Lançamento do Globoplay, a maior plataforma brasileira de streaming

Rompimento de uma barragem em Mariana (MG) mata 19 pessoas e contamina o Rio Doce, afetando cidades mineiras e capixabas

2016
Abalada pela recessão econômica, pelas denúncias da Lava-Jato e acusada de irregularidades fiscais, Dilma Rousseff sofre impeachment

2017
Inauguração da nova sede dos jornais O GLOBO, Extra, Expresso e Valor na Rua Marquês de Pombal, no Centro do Rio, e do novo prédio do Jornalismo da Globo, no Jardim Botânico

2018
Inauguração do Instituto Casa Roberto Marinho, no Cosme Velho

Lançamento do projeto Uma Só Globo, para integrar Rede Globo, Globosat, Som Livre, Globo.com e Globoplay em uma só empresa

2018
Lula é preso na Operação Lava Jato, que também levou às prisões dos ex-governadores do Rio Sérgio Cabral, Luiz Fernando Pezão e Moreira Franco, além do ex-presidente Michel Temer

2019
Rompimento de barragem de rejeitos da Vale em Brumadinho (MG) mata 272 pessoas, resultando em um dos maiores desastres ambientais do Brasil

2019
Primeiros casos de contaminação por coronavírus levam a buscas por vacina em todo o mundo. Pandemia resultou em dois anos de isolamento social. O presidente Jair Bolsonaro se opõe à prevenção e joga desconfiança sobre as vacinas


Coronavírus, o vírus da Covid







Aplicativo ChatGPT


Rainha Elizabeth II


Fernanda Torres, protagonista do filme "Ainda estou aqui"



Serginho Groisman e Ana Maria Braga no show de 60 anos da TV Globo

2019
Vazamento de conversas abala a credibilidade da Lava-Jato e leva à anulação das condenações de Lula, que estava preso. Ele é libertado e volta à Presidência em 2023

2020
Na pandemia, O GLOBO se reinventa, com o trabalho à distância e o lançamento de produtos como a "Entrevista na Janela", feita por telefones e por drones, e o #tamojunto, festival de música online

2020
A Globo passa a ser uma empresa única, integrando TV Globo, Globosat, Globo.com e Gestão Corporativa, assim como a Editora Globo, a Infoglobo e o Valor Econômico, que reúnem 21 marcas como O GLOBO, Extra, Condé Nast e Globo Livros

2021
É lançado o Um Só Planeta, movimento editorial do Grupo Globo pela sustentabilidade

2022
A Globo começa a implementar a Agenda ESG. Roberto Irineu Marinho transfere a presidência do Conselho de Administração do Grupo Globo para João Roberto Marinho, e assume a vice-presidência. João Roberto mantém-se como presidente do Conselho Editorial. José Roberto Marinho continua vice-presidente do Grupo Globo e presidente da Fundação Roberto Marinho. Paulo Marinho assume a presidência executiva do Grupo Globo

2022
OpenAi lança o ChatGPT. Começa a popularização da inteligência artificial

Com a morte de Elizabeth II (1926-2022), termina o segundo reinado mais longo da história, atrás apenas de Luiz XIV (1638- 1715)

2023
Atos golpistas de 8 de janeiro, com invasões e depredações de prédios públicos em Brasília por seguidores de Jair Bolsonaro, acontecem uma semana depois da posse de Lula

2025
Primeira produção original Globoplay, "Ainda estou aqui", de Walter Salles, ganha o Oscar de Filme Internacional, o primeiro do Brasil. Fernanda Torres foi indicada na categoria de Melhor Atriz

2025
A TV Globo comemora 60 anos com 60 horas de programação especial entre 26 e 28 de abril

Maior jornal do Brasil, O GLOBO celebra 100 anos

À FRENTE DO SEU TEMPO

NELSON GOBBI
nelson.gobbi@oglobo.com.br

INOVAÇÃO EM REVISTA NAS PAUTAS E NOS FORMATOS

Fundação da Rio Gráfica e Editora e publicações como Cinelândia, Radiolândia, Querida, Garotas, Cinderela e Rio transformaram o mercado editorial brasileiro





Múltiplas abordagens. Em sentido horário: capa da Cinelândia, arte da revista Rio assinada por Burle Marx e número de janeiro de 1955 da Querida

ACERVO



Com a fundação da Rio Gráfica e Editora (RGE), em 1952, o grupo GLOBO deu um grande passo no mercado editorial, não apenas com publicações de HQs de personagens queridos dos leitores — como Superman, Fantasma, Mandrake, Flash Gordon, Homem-Aranha, Gasparzinho, Riquinho e Recruta Zero —, mas também com revistas de variedades, voltadas ao público feminino ou dedicadas às artes e à cultura em geral.

Do complexo de quatro prédios na Rua Itapiru, no Rio Comprido, Zona Norte do Rio, construído e inaugurado no início da década de 1950 para abrigar a RGE, sairiam sucessos editorias como a Cinelândia, que alcançava tiragens impressionantes de até 200 mil exemplares mensais. Voltada a reportagens de cinema e curiosidades sobre astros brasileiros e de Hollywood, ela circulou entre 1952 e 1967. Inspirada em publicações norte-americanas como a Photoplay, a revista foi fundamental para consolidar o *star system* brasileiro e na cobertura do ciclo de grande popularidade do cinema nacional à época, sobretudo com os filmes da companhia Atlântida. Depois, também foi importante para a popularização da TV no país, que iniciava suas primeiras transmissões nos anos 1950.

Da mesma forma, a RGE também destacou estrelas do rádio, nove anos após a criação da Rádio Globo, com o lançamento da revista semanal Radiolândia, em 1953. Além de abrir suas capas para astros como Cauby Peixoto, Ângela Maria, Emilinha Borba, Marlene e Lana Bittencourt, a publicação também recebia os fã-clubes na redação.

Em 1971, seis anos após a inauguração da Rede Globo, quando a emissora carioca chegava à liderança da audiência com suas telenovelas, a editora passou a publicar a revista "Cartaz", com matérias sobre TV e música, numa aposta no segmento das celebridades, incluindo fotonovelas com os grandes astros da emissora, como Regina Duarte, Tarcísio Meira, Glória Menezes. Francisco Cuoco e Dina Sfat.

PARA ELAS

O público feminino também sempre esteve no foco da RGE, com títulos como Querida, Garotas e Cinderela. A primeira, lançada em 1954, reunia conteúdos de moda, beleza, decoração, culinária e artes, além de espaço para horóscopo e cartas, tornando-se uma das revistas quinzenais mais populares dos anos 1950. Já Garotas era voltada ao público feminino adolescente, com reportagens sobre moda, entretenimento e astros que dominavam o gosto musical juvenil, como Roberto Carlos. Cinderela era uma publicação de fotonovelas e contos românticos, que teve várias de suas capas ilustradas por Benicio, conhecido como um dos principais cartazistas do cinema nacional.

Outra publicação que marcou a história editorial no Brasil foi a revista Rio, que circulou entre 1941 e 1956. Adquirido por Roberto Marinho em 1944, o título mensal tratava de comportamento, entretenimento, cultura e colunismo social. Mas sua grande marca foi o seleto time de colaboradores: enquanto o miolo reunia textos de nomes como Cecília Meireles, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Orígenes Lessa, Dinah Silveira de Queiroz e Vinicius de Moraes, as capas contavam com artes assinadas por Burle Marx, Djanira, Di Cavalcanti, Fayga Ostrower, Athos Bulcão, Iberê Camargo e Lygia Clark, entre outros, em pintura, gravura, fotografia ou colagem.

Além das artes exclusivas, a Rio destacava-se por soluções editoriais ousadas e sofisticadas, como as capas sem chamadas e o título criado com tipografia e cores diferentes a cada edição, assim como seu posicionamento, com liberdade total para os artistas definirem seus elementos. Em seu interior, a fotografia tinha grande destaque, com páginas inteiras dedicadas a registros e ensaios de alguns dos maiores profissionais da época, como Jean Manzon e José Medeiros. Atualmente, o Acervo Roberto Marinho mantém 82 edições disponíveis ao público em uma biblioteca digital.

— Era uma revista muito moderna e singular, que unia as artes gráficas às artes visuais, mas que também interessa a quem estuda fotografia, design, publicidade, cultura em geral — destaca Ana Paula Goulart, consultora do Acervo Roberto Marinho. — A diagramação era, em si, uma intervenção artística também, muito influenciada pelo concretismo, com páginas limpas, com espaços em branco, assimétricas. Até as publicidades, voltadas para marcas de luxo, traziam uma abordagem diferente nas ilustrações e imagens.

ARTE HOJE

Após o encerramento da revista Rio, foi lançada em julho de 1977 a revista Arte Hoje, focada em artes visuais, cultura e arquitetura, seguindo o vanguardismo editorial da antecessora, editada pelo jornalista Milton Coelho da Graça e pelo crítico de arte Wilson Coutinho.



Saiba porque a Hydro tem a cara do Pará.

Com a maior parte da nossa cadeia de valor do alumínio no estado, acreditamos que existe uma forma responsável de atuar na região amazônica, por meio do diálogo, do respeito ao meio ambiente e valorização das comunidades locais.

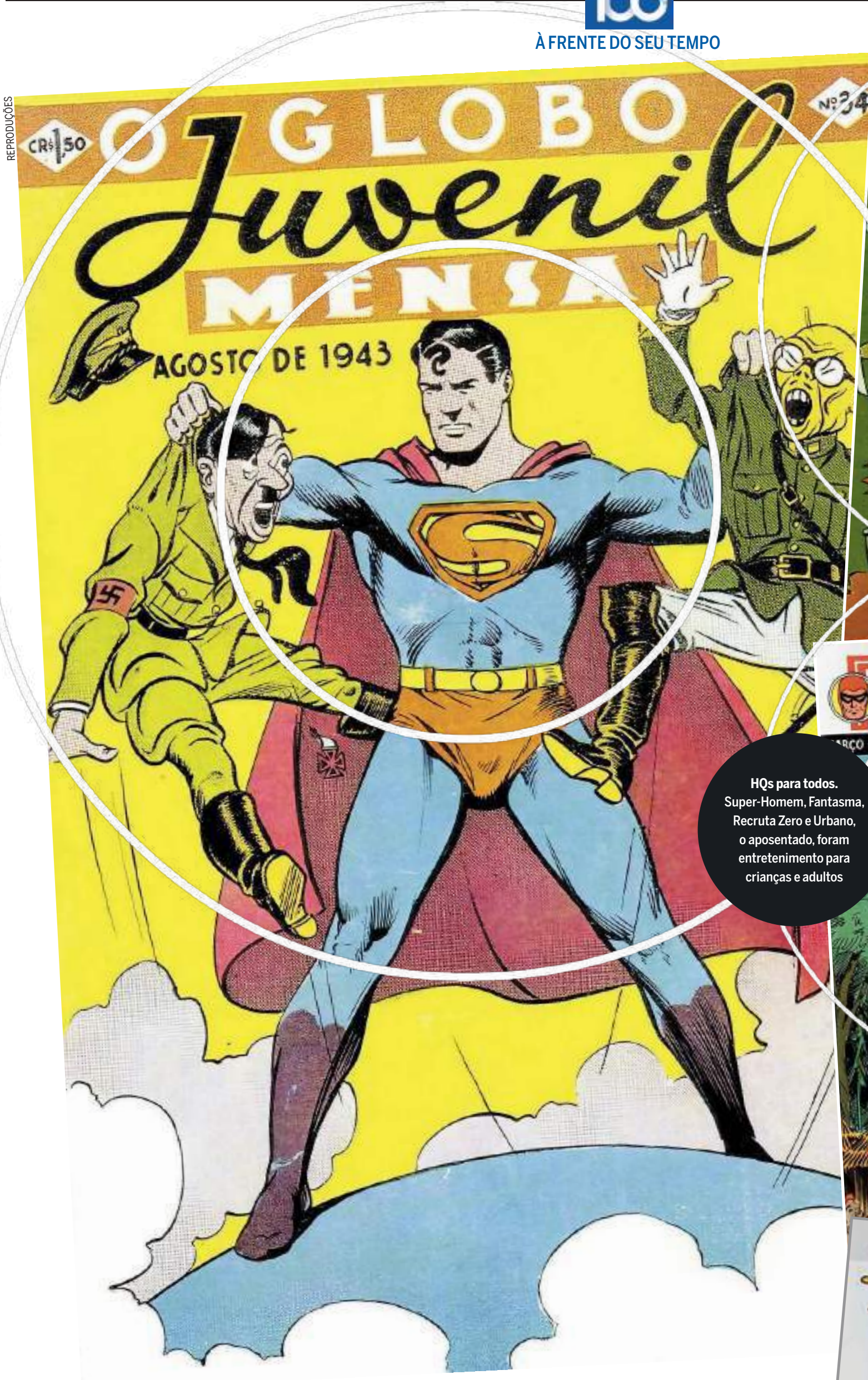
Estamos ao lado dos paraenses e de todos os brasileiros, contribuindo com inovação, conhecimento e compromisso para fazer da COP 30 um marco positivo para o planeta, contando com a cobertura de O Globo, que escreve em suas páginas os momentos mais importantes da história brasileira.

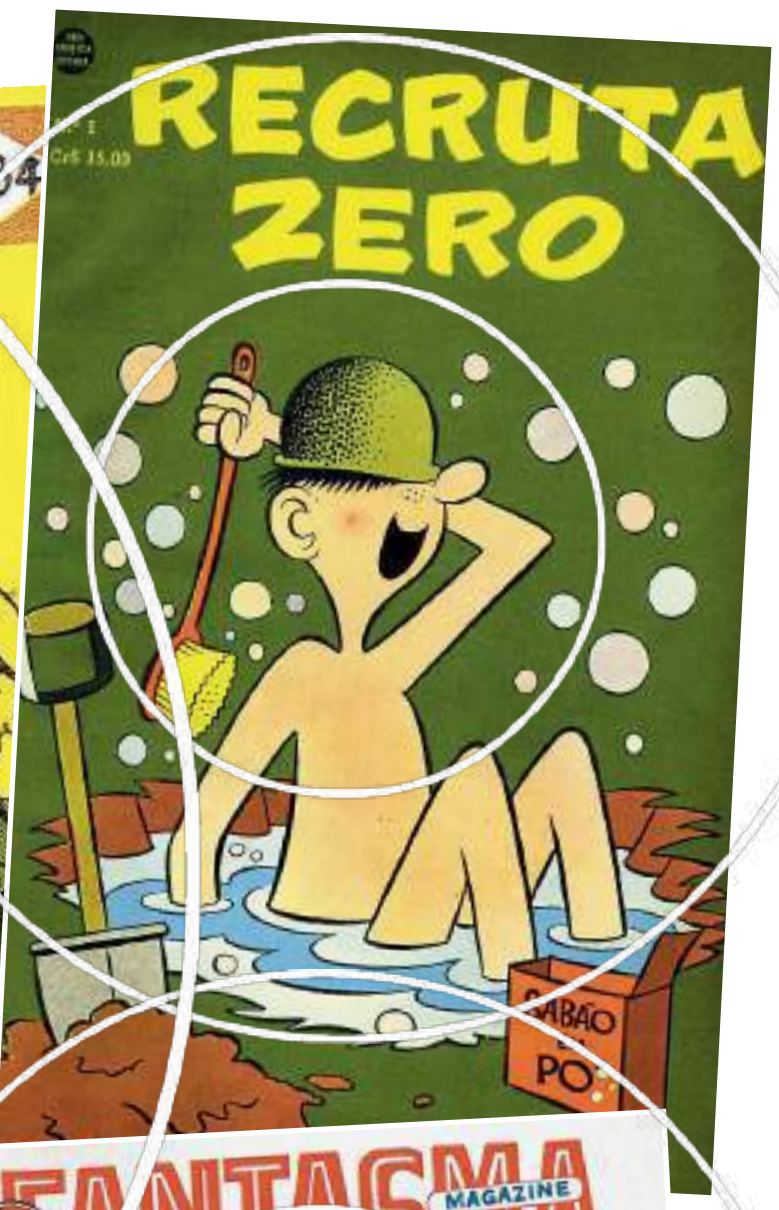
Hydro

Indústrias que fazem a diferença

À FRENTE DO SEU TEMPO

REPRODUÇÕES









HQs para todos. Super-Homem, Fantasma, Recruta Zero e Urbano, o aposentado, foram entretenimento para crianças e adultos

UMA HISTÓRIA CONTADA EM QUADRINHOS

Em revistas, encartes ou em suas páginas, O GLOBO abre espaço, desde os anos 1930, para personagens que marcam gerações de brasileiros

NELSON GOBBI
nelson.gobbi@oglobo.com.br

Poucos anos após sua inauguração, O GLOBO passou a publicar em suas páginas histórias em quadrinhos, forma narrativa que se estrutura no século XIX e ganha popularidade no início dos anos 1900. Em 1937, o diário carioca começou a encartar o suplemento "O GLOBO Juvenil", trazendo ao Brasil personagens da chamada Era de Ouro das HQs americanas, entre os anos 1930 e 1950, como Superman, Shazam, Namor, Fantasma, Mandrake, Zorro e Flash Gordon.

Em 1939, o jornal passaria a publicar a revista Gibi, que, com grande sucesso editorial, durou até a década de 1950. Quase 90 anos depois, à luz dos atuais debates raciais, é possível identificar no título uma origem depreciativa — "gibi" era uma gíria que designava, à época, meninos negros, muitos dos quais responsáveis pelas vendas dos jornais nas ruas. Contudo, por força da identificação com o formato, a palavra perdeu sua conotação original e tornou-se sinônimo de HQs no Brasil.

O sucesso dos quadrinhos possibilitou a criação, em 1952, da Rio Gráfica e Editora — a RGE, que, a partir de 1986, seria transformada em Editora Globo. Além dos títulos anteriores, a editora passaria a publicar no Brasil histórias de heróis da casa americana Marvel, como Homem-Aranha, Hulk e Quarteto Fantástico, assim como títulos infantojuvenis: Gasparzinho, Riquinho e Recruta Zero, passando pelas histórias de terror da revista Kripta.

SUCESSO DE VENDAS

Com grandes tiragens, as HQs eram publicadas sempre na casa das dezenas de milhares de exemplares, chegando a casos como o das edições bimestrais de Fantasma, que superavam 100 mil unidades vendidas.

Em 1972, o jornal passou a publicar o suplemento O Globinho, retomando a seção semanal de mesmo nome, criada em 1938. Encartado aos domingos, em formato tabloide e com páginas coloridas, o caderno trazia tiras de personagens como o Incrível Hulk, Asterix e Lucky Luke, além de passatempos, reportagens e um espaço para cartas dos leitores. Em 1986, o diário promove um concurso nacional de quadrinhos para publicação, e Urbano, o Aposentado, é selecionado.

Criado em 1982 por Antonio Silvério, então estudante de Ciências Sociais na Faculdade de Filosofia Santa Doroteia, em Nova Friburgo (RJ), Urbano era um idoso que vivia buscando formas de preencher seu tempo, interagindo com outros personagens de mesma faixa etária ou próxima dela, como Dona Marlene, o hipocondríaco Almeida ou o conquistador Valentim. Classificada no concurso, ela começou a sair no GLOBO em setembro de 1986, sendo publicada ininterruptamente por 37 anos.

— Criei o Urbano ao fazer um trabalho de faculdade sobre a terceira idade, e quando surgiu o concurso, inscrevi o personagem. Ele tinha essa identificação com o leitor por estar sempre carregando um jornal, ou fazendo palavras cruzadas, mas sempre mostrando o lado bem-humorado da idade, com uma ideia de otimismo — comenta o autor, que assinava as tiras como A. Silvério. — Na época, essa questão geracional não era muito discutida, hoje é que está mais em evidência. A gente até consegue olhar o Urbano com outra perspectiva.

Os quadrinhos seguem publicados de segunda a sábado no Segundo Caderno, seção de cultura do GLOBO, com histórias das séries Macanudos (Liniers), Nada com coisa alguma (José Aguiar), Fora de foco (Eduardo Arruda), O corpo é o porto (André Dahmer), Bichinhos de jardim (Clara Gomes) e A vida é um risco (Adão Iturrusgarai).

SOLUÇÕES SUSTENTÁVEIS PARA UM PLANETA MELHOR

Na ACCIONA, oferecemos soluções sustentáveis para responder aos principais desafios globais. O nosso foco está nas pessoas e no planeta, e projetamos infraestruturas regenerativas para alcançar o seu bem-estar e conservação.

Porque acreditamos que existe uma maneira diferente de fazer negócios.



Saiba mais em:

acciona

BUSINESS AS UNUSUAL

À FRENTE DO SEU TEMPO



UM ANTÍDOTO SECULAR CONTRA A TIRANIA DO AGORA

Celebrações de ciclos de cem anos, como o do GLOBO, são uma marca da era moderna que serve para lembrar lições, afirmar tradições e não se render ao totalitarismo do imediato

RUAN DE SOUSA GABRIEL
Rsgabriel@edglobo.com.br
SÃO PAULO

Como unidade de medida, o ano é um conceito bastante natural: corresponde ao tempo que a Terra leva para completar uma volta ao redor do sol (8.760 horas). Mas e o século? Não existem ciclos da natureza que durem exatamente cem anos (o chamado ciclo de Gleissberg, variação da atividade solar que afeta o clima do planeta, dura de 70 a cem anos, em média). O século, diz o físico e filósofo francês Étienne Klein, é um reflexo do nosso apego ao sistema decimal.

— O século representa uma duração que excede ligeiramente a expectativa de vida média dos seres humanos. Essa é, sem dúvida, uma das razões pelas quais se tornou tão importante para nós: o século é um marco temporal à nossa medida — diz o autor de "O tempo que passa (?)" (Editora 34).

É verdade: o século tem a medida do ser humano. Foi a partir do Renascimento, quando o homem ocidental descobriu a si próprio e se colocou no centro no universo (antropocentrismo) que começamos a pensar em termos de séculos, conta a historiadora Mary Del Priore, autora do recém-lançado "Uma história da velhice no Brasil" (Autêntica). Até o fim da Idade Média, vigorava no Ocidente cristão a ideia de um tempo cíclico — a medida eram os ritmos da natureza, onde tudo se repete periodicamente. Tanto que, quando Santo Agostinho (354-430) falava em "século" ele se referia não aos capítulos da História, mas a este mundo tenebroso em oposição ao outro, a "Cidade de Deus".

Com avanço do capitalismo e da secularização, porém, a História passou a ser vista como uma linha reta: o tempo da natureza deu lugar ao tempo do trabalho, os apitos do trem e da fábrica substituíram o sino da igreja. Por fim, o estabelecimento da História como disciplina universitária, há cerca de 200 anos, consagrou os séculos como unidades de medida do progresso humano. Os centenários, por sua vez, começaram a ser festejados com pompa, circunstância e nostalgia, como memória viva daquilo que já passou. O historiador francês François Hartog assegura que não passava pela cabeça de um ateniense comemorar o centenário da Batalha de Maratona (490 a.C.), por exemplo.

— Guardava-se a lembrança da batalha, claro, mas não se fracionava o tempo em centenários, bicentenários etc. — explica o autor de "Chronos: o Ocidente confrontado ao Tempo" (Autêntica). — Os gregos seguiam o calendário religioso e político, a sucessão das festas e das magistraturas.

Se os séculos refletem nossa obsessão pelo sistema decimal, os centenários denunciam nosso gosto pelos símbolos, diz o neurocirurgião e imortal da Academia Brasileira de Letras (ABL) Paulo Niemeyer. Quando era estudante de medicina, nos anos 1970, Niemeyer gostava de especular se viveria o suficiente para ver o ano 2000 e o século XXI.

— É difícil uma pessoa ou uma empresa chegar a um século. Por isso os cem anos são uma meta, um símbolo do tempo que constrói a tradição, a cultura, e que deve ser festejado com intensidade. Não é à toa que todas as culturas associam a sabedoria ao envelhecimento — teoriza o médico, cuja genética talvez faça dele próprio um centenário (é sobrinho do arquiteto Oscar Niemeyer, morto aos 105 anos).

Para a psicanalista Maria Homem, séculos e centenários são estratégias humanas para "simbolizar e ancorar a experiência" e pensar na construção do futuro "a partir dos escombros e alicerces do passado".

— Nós, humanos, criamos várias escalas de temporalidade, para medir a vida que passa de pai para filho, o começo, o meio e o fim. A década ainda está na escala do projeto: em dez anos, a gente vira adulto, estuda, entra no mercado de trabalho, encontra um parceiro para constituir família e reproduzir a vida. Já o século é um período que compreende três gerações. É o tempo suficiente para construir e organizar a transmissão de um legado para as gerações futuras — afirma a psicanalista. — Em um século, dá tempo de um projeto dar frutos, de ver aquilo que transcende a vida individual e que vai permanecer no futuro independentemente de nós.

Apesar do clima dos festejos que os acompanham, centenários também podem ser sintomas da nossa falta de memória, alertam pensadores.

— As comemorações de efemérides são uma rememoração coletiva, mas também são a marca de um tempo em que tudo é rapidamente esquecido — diz Mary Del Priore.

'PRESENTISMO'

Em 1918, logo após o término da Primeira Guerra Mundial, o escritor francês Paul Valéry publicou o ensaio "A crise do espírito", cuja primeira frase o jornalista e professor Adauto Novaes, criador do Ciclo Mutações, ainda se lembra de cor: "Nós, civilizações, sabemos que somos mortais". A Primeira Guerra deu início ao "Breve Século XX" (na definição do historiador inglês Eric Hobsbawn), período no qual triunfou a "sociedade do imediatismo".

— De certa forma, o que o Valéry disse foi que a sociedade contemporânea aboliu as duas maiores definições da humanidade, o passado e futuro. As coisas simplesmente vão acontecendo, à nossa revelia — afirma Novaes. — E assim as efemérides também vão substituindo uma a outra e a memória vai desaparecendo. Não quero desacreditar as efemérides, mas elas são acontecimentos puros e simples. Além de comemorar, é preciso retomar os conceitos fundamentais da sociedade, que são a liberdade, a justiça e o saber.

François Hartog forjou o conceito "presentismo", que exprime esse totalitarismo do tempo imediato, como se nem o passado nem o futuro existissem, e o agora fosse o único horizonte que restou aos humanos. Para o historiador, a multiplicação das efemérides e a importância dada a essas comemorações refletem a transformação da nossa relação com a temporalidade provocada pela emergência do presentismo. A memória surge como um antídoto à tirania do agora.

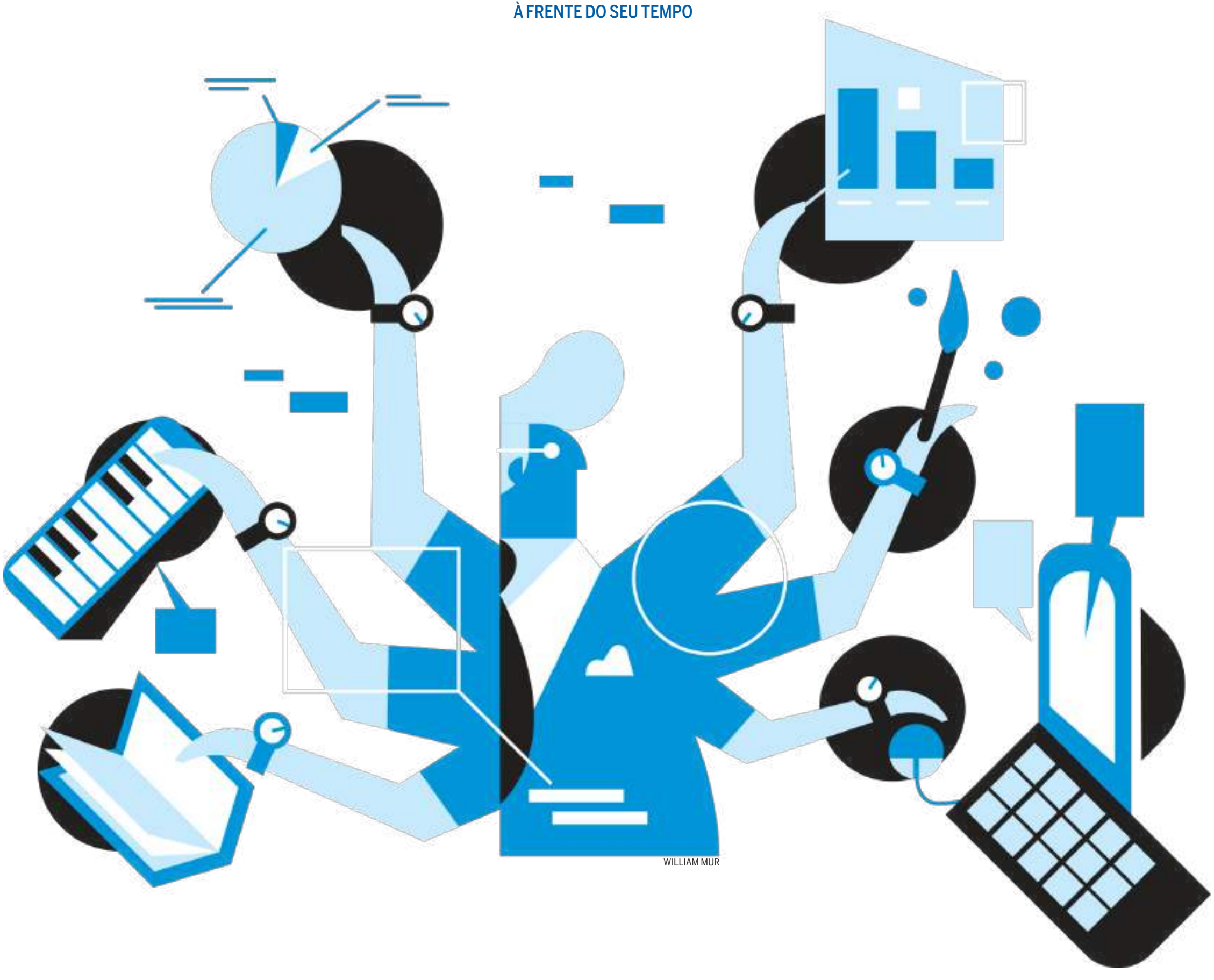
— A vida social é cada vez mais pautada por essas comemorações, que, no fundo, retomam um jeito antigo de se relacionar com o tempo, que é procurar lições no que já passou — explica Hartog. — Comemorar um centenário se torna uma maneira de afirmar essas lições, de valorizar a tradição, de dizer "ainda estamos aqui".

Ser uma instituição centenária que coopera com o futuro. Disso, o Sicredi entende.

O Sicredi acredita no poder transformador do cooperativismo.
Com práticas financeiras responsáveis e foco no desenvolvimento local, há mais de 120 anos, cooperamos para a construção de uma sociedade mais justa, inclusiva e sustentável, reafirmando nosso compromisso com o futuro todos os dias.



À FRENTE DO SEU TEMPO



WILLIAM MUR

TUDO AO MESMO TEMPO AGORA

A capacidade de ser multitarefas é valorizada na vida moderna, mas há um preço alto e silencioso cobrado no cérebro de quem tem de se desdobrar

CARLOS ALBUQUERQUE
Especial para O GLOBO

Atenção aqui, por favor. Quando os Titãs lançaram "Tudo ao mesmo tempo agora", em 1991, a ideia de um computador pessoal, um item doméstico, para as tarefas do dia a dia, ainda era remota. Não ajudava muito o fato de esses aparelhos serem caros e pesados, verdadeiros trambolhos. Naquele começo de década, a internet ainda parecia um tema de ficção científica. E o mais próximo que existia de uma rede social era um caderninho de telefones (na época, fixos num canto da casa). Na música que fechava o álbum — ou, melhor, seu lado B — Arnaldo Antunes indicava o tom daquele momento: "Uma coisa de cada vez", cantava ele. Mas na segunda parte da letra, que acabou dando título ao trabalho, o cantor e compositor parecia antever uma das marcas — para muitos, pragas — dos acelerados tempos que estavam por vir: a multitarefa.

Inicialmente criada, nos anos 1960, para designar a capacidade de um computador de executar várias tarefas ao mesmo tempo, a expressão foi adotada para descrever a habilidade de fazermos várias funções simultâneas num ambiente de trabalho e fora dele. Ou, no popular, o talento de assoviar e chupar cana elevado à enésima potência.

— É curioso notar como "Uma coisa de cada vez" mostrou ser uma música visionária ao apontar esses opostos — observa Charles Gavin, baterista dos Titãs na época. — A letra é muito simples e direta. São duas frases que ficam se repetindo. E no fim das contas, a ideia de "uma coisa de cada vez" ficou pra trás e "tudo ao mesmo tempo agora" passou a ser a nova ordem.

MALABARISMO PERIGOSO

Festejada como se fosse um superpoder, a capacidade de ser um malabarista de tarefas parece ser a chave do sucesso em um universo hiperconectado e vertiginoso, aceso quase 24 horas por dia. Mas como o cérebro humano não é uma CPU, essa busca da produtividade perfeita traz um custo silencioso, que pode bagunçar a arquitetura do nosso organismo e ser pago pela nossa saúde física e mental, com efeitos colaterais como estresse, fadiga e ansiedade.

— Na pandemia, como o aumento do trabalho remoto, a diferença entre o tempo dedicado ao trabalho e à vida privada ficou praticamente nula, fazendo com que todos nós, em alguma medida, não soubéssemos mais o que é viver o ócio. Há sempre o que fazer — analisa Simone Cesa Delgado, psicóloga da Secretaria Municipal de Saúde do Rio. — Hoje nossas relações são mediadas por inúmeros dispositivos eletrônicos para facilitar a vida moderna, mas que nos colocam num mesmo modo de funcionamento, fazendo com que estejamos sempre multiatarefados. Precisamos nos perguntar quais políticas públicas serão necessárias para mitigar os efeitos dessa sobrecarga física e emocional.

LIBERAR AS PISTAS

Primeiro, talvez seja necessário liberar as pistas do cérebro. Um estudo recente publicado na revista britânica Nature apontou a existência de um "gargalo central" no processamento de informações pelo cérebro, o que nos impede de executar tarefas simultâneas e causa um "engarrafamento mental". Segundo Julie Wein, doutora em Neurociências pela UFRJ, nosso cérebro, apesar de sua incrível capacidade, não é multitarefa em atividades que exigem muito cognitivamente.

— Mesmo que o cérebro consiga processar, em paralelo, estímulos sensoriais de várias tarefas ao mesmo tempo, ele geralmente só consegue selecionar e planejar a resposta para uma por vez — explica ela.

— Na prática, o que nosso cérebro faz é alternar rapidamente a atenção entre as tarefas. Num mundo que nos exige cada vez mais fazer várias coisas ao mesmo tempo, ele pode ficar sobrecarregado, nos tornando menos eficientes e mais distraídos. É por isso que, por exemplo, jamais recomendo usar o celular ao volante.

Incapaz de funcionar como um computador, com várias janelas abertas ao mesmo tempo, o cérebro tem o seu poder de processamento diluído pela multitarefa, transformando o trabalho — e a vida — em uma exaustiva maratona. Algo que nem mesmo um baterista, capaz de manter e alternar o tempo de uma música ao longo de uma apresentação, parece ser capaz de acompanhar.

— Dizem que o baterista toca vários instrumentos ao mesmo tempo. Isso pode até ajudar. Mas, na prática, é muito difícil — diz Gavin. — Vejo por mim mesmo. Participo de um programa no SporTV, que me obriga a assistir a quase todos os jogos de futebol que passam na televisão. Como músico, atualmente estou ligado a quatro projetos. Estou também envolvido com três livros, um deles de memórias. Além disso, tenho escrito diversos releases. São coisas comuns aos profissionais do entretenimento, sem emprego fixo. Mas são muitas tarefas se sobrepondo. Meu dia parece que tem 16 horas e não 24.

Acostumada a transitar, constantemente, entre a teoria e a prática, já que além de neurocientista também é musicista (canta e toca piano), Julie Wein aplica seus conhecimentos na própria rotina usando o método "uma coisa de cada vez":

— Ao estudar piano, percebo que minha capacidade de aprendizado e retenção aumenta consideravelmente quando coloco, por exemplo, o celular no modo avião, eliminando qualquer tipo de distração.

APRESENTADO POR PRIO 10 ANOS

Uma década de transformações para o Rio de Janeiro

Maior empresa independente de óleo e gás do país, PRIO alia desenvolvimento econômico e tecnológico, impacto social e compromisso com a sustentabilidade ambiental no estado

Mais de R$ 3,7 bilhões em royalties gerados para o Rio de Janeiro. Investimentos de mais de US$ 19 milhões em ações ambientais em 2024. Redução de 20% nas emissões relativas de gás carbono em quatro anos. Apoio a mais de 70 projetos sociais e culturais, que impactam positivamente mais de 80 mil pessoas. Os números expressam a forma como a PRIO vem contribuindo com o Rio ao longo de seus dez anos de trajetória, completados em janeiro deste ano.

Maior empresa independente de petróleo e gás do Brasil, a PRIO surgiu em 2015 com o objetivo de explorar petróleo de uma forma mais sustentável por meio dos campos maduros. Desde então, vem expandindo suas operações. Na época, a produção era de seis mil barris de óleo por dia. Atualmente, a PRIO atua em cinco ativos na Bacia de Campos e produz mais de 110 mil barris por dia. A companhia ainda mantém uma reserva estimada em mais de 600 milhões de barris.



Campo de Polvo. Primeira operação da companhia, no litoral norte do estado do Rio. No detalhe, colaboradores embarcados alongam o corpo durante uma pausa

Momento de consolidação — Os principais destaques da PRIO em 2024

US$ 2,4 bilhões de receita total	**US$ 1,7 bilhão** de lucro líquido	**US$ 1,6 bilhão** de EBITDA ajustado	**30,2 milhões** de barris produzidos	**29,8 milhões** de barris vendidos	**687,8 milhões** em reservas certificadas

As operadoras independentes de petróleo e gás representam uma força expressiva para o setor, inclusive no Brasil, onde a abertura do mercado dos campos maduros offshore vem trazendo ganhos para o setor de óleo e gás, assim como para as cidades do entorno dos campos de produção, com oferta de empregos, estímulo ao desenvolvimento de fornecedores e arrecadação de royalties.

MODELO EFICIENTE DE GESTÃO

A contribuição ambiental da companhia está integrada a essas operações, já que os campos maduros e marginais de produção no Brasil são estratégicos para a segurança energética. A empresa tem por hábito melhorar a pegada de carbono de todos os espaços que compra, já que segue um modelo eficiente, de custo competitivo, que reduz ao máximo os desperdícios.

Nesse contexto, a PRIO foi pioneira na adoção de soluções tecnológicas aplicadas à revitalização de ativos que outras operadoras consideravam economicamente inviáveis. Entre as inovações, estão os tiebacks submarinos — que interligam poços a unidades de produção no mar e otimizam estruturas existentes — e também a digitalização de operações para ampliar o controle em tempo real.

CULTURA FORTE

Um dos diferenciais da PRIO no setor de óleo e gás brasileiro é sua cultura corporativa, baseada na colaboração, no inconformismo e na valorização de resultados consistentes. Com foco no desempenho de longo prazo, a companhia estimula a autonomia com responsabilidade, o pensamento coletivo e a busca contínua por soluções técnicas inovadoras.

As decisões são tomadas com agilidade e rigor, sempre sustentadas por fatos, segurança e visão estratégica, um reflexo direto da sua liderança estável e envolvida desde os primeiros anos. O inconformismo guia a inovação, e a ousadia sustenta grandes metas com execução precisa, combinando coragem com excelência, técnica e vontade de construir algo maior, e que a leva cada vez mais longe.

Na PRIO, pessoas estão no centro — aliás, desde 2017, quando a organização estruturou seu programa de stock options, todos os colaboradores podem receber o bônus em forma de ações.

SAÚDE E BEM-ESTAR

A empresa também mantém um time dedicado aos cuidados com a saúde de seus colaboradores, com iniciativas como academia, yoga, meditação, shiatsu, psicologia e nutrição. Dessa forma, a PRIO busca incentivar um estilo de vida saudável entre os profissionais, e conta com uma adesão às atividades acima de 80%.

Os pilares que orientam todas essas ações estão no próprio nome da companhia, formado pela composição das palavras Pessoas, Resultados, Inconformismo e Ousadia.

Para saber mais, acesse www.prio3.com.br.

Impacto duradouro e legado positivo como foco

Companhia que já incentiva projetos culturais e sociais através da plataforma I Love PRIO lançou recentemente um instituto exclusivo para ações socioambientais

Contribuir com a sociedade de forma efetiva, especialmente no Rio de Janeiro, faz parte do DNA da PRIO desde suas origens. Essa proposta de valor se traduz em ações concretas, como a plataforma de incentivos I Love PRIO.

Dedicada a impulsionar a transformação sociocultural em uma grande variedade de comunidades, a iniciativa apoia mais de 40 projetos sociais, culturais e esportivos de instituições brasileiras, como Instituto Vini Jr., Instituto Ziraldo, Favela Brass, Projeto Sem Barreiras, Instituto Dona de Si e Rede Cruzada.

— A plataforma materializa nosso compromisso com a construção de um legado positivo, por meio do apoio a projetos que promovem transformação social e cultural de forma inovadora e conectada com a sociedade — detalha Olivia Richardson, head de Marketing e Comunicação.

VALOR NO LONGO PRAZO

A plataforma I Love PRIO se apoia em um modelo de integração, que contempla ações nas áreas de arte, cultura, esporte e moda. E assim viabiliza ações tão variadas quanto o Instituto Tennis Route, que promove o tênis como ferramenta de transformação de vidas; o Vivendo Um Sonho Surf, projeto social localizado na Rocinha que usa o surf como ferramenta para promover o desenvolvimento de crianças e adolescentes; e o Spectaculu, escola de arte e tecnologia que oferece cursos gratuitos com o objetivo de inserir jovens de 17 a 21 anos no mercado de trabalho nas indústrias criativas.

Na frente da transformação socioambiental, recentemente a PRIO inaugurou um novo capítulo com a inauguração do Instituto PRIO. A proposta é centralizar os esforços sociais da empresa, como explica o head de Relações Institucionais, Francisco Bulhões:

— O Instituto PRIO representa um marco na trajetória de maturidade da companhia. Ao longo dos últimos dez anos, crescemos de forma sólida, transformamos ativos antes considerados inviáveis em operações eficientes e desenvolvemos uma forte cultura de responsabilidade socioambiental. O instituto surge justamente para dar escala, método e continuidade a esse compromisso. Ele simboliza a nossa convicção de que crescimento e regeneração devem caminhar juntos.

Para Leandro Brandão, head de Sustentabilidade da PRIO, o principal objetivo da iniciativa é estruturar e ampliar o impacto positivo da companhia nas comunidades e nos ecossistemas onde atuam.

— Isso envolve desenvolver e apoiar projetos em áreas como educação ambiental, economia do mar, conservação da biodiversidade, inclusão produtiva e reciclagem de resíduos — diz.



Projetos Vivendo Um Sonho Surf, Favela Brass e Associação dos Maricultores da Baía da Ilha Grande (Ambig) são apoiados pela empresa

CONTEÚDO PATROCINADO PRODUZIDO POR G. lab

À FRENTE DO SEU TEMPO

GENTE DO GLOBO

Histórias de alguns dos milhares de profissionais que fazem parte da trajetória centenária do jornal



Angelina Nunes
Editora-assistente (até 2015)

"A Redação na qual fiquei 23 anos e cinco meses foi onde aprendi, ensinei, compartilhei conhecimento, fiz amigos e ganhei prêmios nacionais e internacionais de jornalismo. Participei de coberturas do carnaval, de chacinas, como a de Vigário Geral, de tragédias das chuvas nas serras, de operações policiais nas favelas, de surtos de cólera e dengue. Mas o melhor foi trabalhar em equipe. Em 2004, reuni repórteres novatos e experientes para produzir a série "Homens de Bens da Alerj", ganhadora do Esso e do Rey de España, entre outros prêmios. A equipe tinha Alan Gripp, Carla Rocha, Dimmi Amora, Flávio Pessoa, Luiz Ernesto Magalhães e Maiá Menezes. Trabalhei como repórter e editora. Ficou a certeza de que planejamento é essencial para um resultado de qualidade."



Natália Brandão
Coordenadora de métricas

"Entrei na empresa em fevereiro de 2021, em meio à pandemia, trabalho 100% remoto, mas no coração tinha a dimensão de trabalhar para O GLOBO. Minha relação com o jornal vem da infância: meus pais sempre foram assinantes. Lembro de esperar a edição de domingo, de usar o cartão do clube e de ir nas primeiras edições do Rio Gastronomia. Na minha função, cabe apresentar a audiência digital na reunião de editores da Redação Integrada. Lembro de um dia ter confessado ao Alan Gripp que essa era reunião em que ficava mais nervosa. Ele perguntou por que e assumi ser fã do GLOBO. Falar diretamente com quem faz o jornal todos os dias e acompanhar as discussões com foco em melhorias para este produto centenário são realmente privilégios."



Argeu Affonso
Jornalista e crítico (1934-2020)

Mestre Argeu era conhecido pelos colegas por um punhado de predicados: memória implacável, domínio ímpar da língua e o conhecimento de uma enciclopédia ambulante. Apaixonado por futebol (foi conselheiro do Fluminense) e carnaval, ajudou a criar o Estandarte de Ouro em 1972, a maior premiação individual dos artistas do Carnaval. Por mais de duas décadas, ele ocupou o cargo de secretário de Redação do GLOBO, mas também foi repórter, subeditor e gerente administrativo, entre as décadas de 1960 e 1970. Na cobertura esportiva, estava presente, pelo jornal, no milésimo gol de Pelé, em novembro de 1969, no Maracanã. Também integrou a equipe que acompanhou a campanha da seleção brasileira tricampeã do mundo no México.



Vera Araujo
Repórter

"Comecei no jornalismo no fim dos anos 1980, época de muitas chacinas na Baixada Fluminense. Chegava cedo na Redação e perguntava: 'Qual é a chacina de hoje?'. E o dia a dia me empurrou para a cobertura de violência. Fui convidada para ser repórter especial quando Paulo Motta assumiu a editoria Rio do GLOBO. Começaria dia 1º de abril de 2000, mas, visitando a Redação dias antes, surgiu uma notícia e já comecei a trabalhar. Minhas principais reportagens foram em 2005, quando descobri a milícia e dei esse nome, mostrando os policiais extorquindo moradores de favelas. E o assassinato da Marielle Franco, em 2018, um ataque à democracia. O jornal me deu tempo para investigar e consegui revelações, como o Escritório do Crime. Foi um caso que exibiu toda podridão dos maus policiais."



Artur Xexéo
Jornalista, escritor e dramaturgo (1951-2021)

Tímido, criado no interior, Xexéo se tornou jornalista por acaso. Bom com números, entrou para a faculdade de Engenharia, mas trocou por Comunicação Social e saiu encantado. Começou no Jornal do Brasil em 1976 e mudou-se para a Veja em 1978. Zuenir Ventura o levou para a IstoÉ, em 1982 e, três anos mais tarde, virou subeditor da Revista de Domingo, do JB. Ali, começou a se especializar em jornalismo cultural, assumindo o caderno B em 1992. No GLOBO, começou em 2000, com sua coluna de cultura, TV, política e diversos outros assuntos. No ano seguinte, passou a chefiar o Segundo Caderno. Em 2010, tornou-se comentarista da GloboNews. Também na TV, comentou a transmissão do Oscar na Globo a partir de 2015. Formou gerações de jornalistas culturais.



Marcelo Carnaval
Repórter fotográfico (até 2019)

"Entrei no GLOBO em 1989 e fiquei 30 anos. Quando cheguei, o jornal estava para começar a ter fotos coloridas. Os 20 anos seguintes foram incríveis. Comecei com filme preto e branco e cópia em papel. Passamos para o cromo, depois filme colorido, e, finalmente, o digital. Começamos ampliando fotos em um aparelho que parecia um mimeógrafo... Agora, transmitimos direto da máquina e de qualquer lugar do mundo. Participei de muitas reportagens incríveis, cobri Copa do Mundo, Olimpíadas, posses de presidentes, muitos conflitos armados, no Brasil e fora. Já atiraram em mim várias vezes, mas nunca acertaram. O que eu mais gostava, e fazia melhor, era cobrir o assunto do dia. Chorei, sorri; o importante é que emoções eu transmiti!"



Paulo Marqueiro
Repórter e articulista

"Cheguei a fazer um ano de Engenharia na UFF, mas me apaixonei pelo Jornalismo. Entrei no curso nos anos 1970, na UFRJ. Comecei em um jornal de bairro do Méier, passei pela Rádio MEC e, em 1986, O GLOBO implantava os computadores. Com isso, os repórteres precisavam fazer curso, e eu os substituía. Fui contratado e minha primeira grande cobertura foi o naufrágio do Bateau Mouche; fomos o único jornal do dia e com imagens. E durou um ano com todo desenrolar, incluindo muitos furos. Em 2003, junto da Elenilce Bottari, li 50 mil atestados de óbito, um a um, para a reportagem Órfãos da Violência. Fomos ouvir a tragédia pessoal de cada um. Também coordenei a cobertura da visita do Papa Francisco, em 2013. Desde 2017, escrevo artigos na seção de Opinião."



Moacyr Padilha
Crítico e jornalista (1923-1978)

Estudioso que sempre procurou se aprofundar em cada matéria pela qual se interessava, desde a música até a Física e a Matemática, começou a carreira militar ainda jovem, mas desistiu de se formar na Aman meses antes da conclusão. Em 1945, ingressou em engenharia, mas também abandonou perto da formação. Viu que seu lugar era no jornalismo, quando começou em Vanguarda, no Rio. Em 1956, assumiu como redator-chefe do Jornal do Commercio, tornando-se diretor de redação seis anos depois. Entrou no GLOBO em 1966 como articulista, e, por convite de Roberto Marinho, assumiu a direção do jornalismo, implementando diversas mudanças. Também foi delegado do Brasil na ONU.



Vera Pacheco Jordão
Jornalista e crítica (1910-1980)

Foi a primeira titular da coluna de Artes Plásticas do GLOBO, que estreou em 18 de setembro de 1959. Foram mais de 500 colunas, que retratam um período fervilhante da arte brasileira, no qual galerias como a Petite Galerie, de Franco Terranova, e a Relevo, de Jean Boghici, abrigavam animados encontros, e o Museu de Arte Moderna promovia exposições antológicas, como "Opinião 65". Vera foi adido cultural do Brasil em Londres de 1966 a 1969, mas não parou de escrever. Em 1971, foi substituída na coluna por José Roberto Teixeira Leite e continuou a contribuir com o jornal até 1974. Nesse último período, o destaque foi uma série de reportagens sobre a Índia, reunidas depois no livro "A Índia que eu vi".



Arnaldo Bloch
Cronista (até 2020)

"Dos meus 60 anos, 26 foram no GLOBO. Da vida adulta, mais de metade. Da carreira no jornalismo, uma vida. Quando cheguei, o analógico e o papel imperavam. Para essas páginas e seu público, escrevi centenas de reportagens e crônicas e editei milhares de matérias. Tive a chance de viajar, descrever e discutir o Brasil, o mundo, sua sociedade, seus palcos, de perspectiva única. E de voltar, a cada vez, ao ponto de partida: a Redação, fervilhante de ideias, de craques da escrita, de feras da apuração; de artistas da fotografia e do layout; de desenhistas e chargistas admiráveis. O mundo, a tecnologia e, com eles, o jornalismo, deram voltas. Nada será como antes. E de repente, aos 100 anos do GLOBO, invade-me, ao escrever, a nítida impressão de estar aqui: no jornal."



A BAT Brasil parabeniza o Jornal O Globo pelo seu centenário!

Há **100 anos**, o jornal O Globo ajuda a contar a história do Brasil e dos brasileiros, com responsabilidade, ética e respeito ao leitor. E nós, da BAT Brasil, empresa com mais de 120 anos, nos unimos a essa celebração reconhecendo a força de instituições que atravessam gerações, lideram as transformações digitais e promovem a construção do nosso país.

Com raízes firmes no Rio de Janeiro, compartilhamos mais que a cidade como sede, mas também valores como integridade e visão de futuro e celebramos este momento histórico, com a convicção de que legados sólidos se constroem todos os dias, com coragem e propósito.

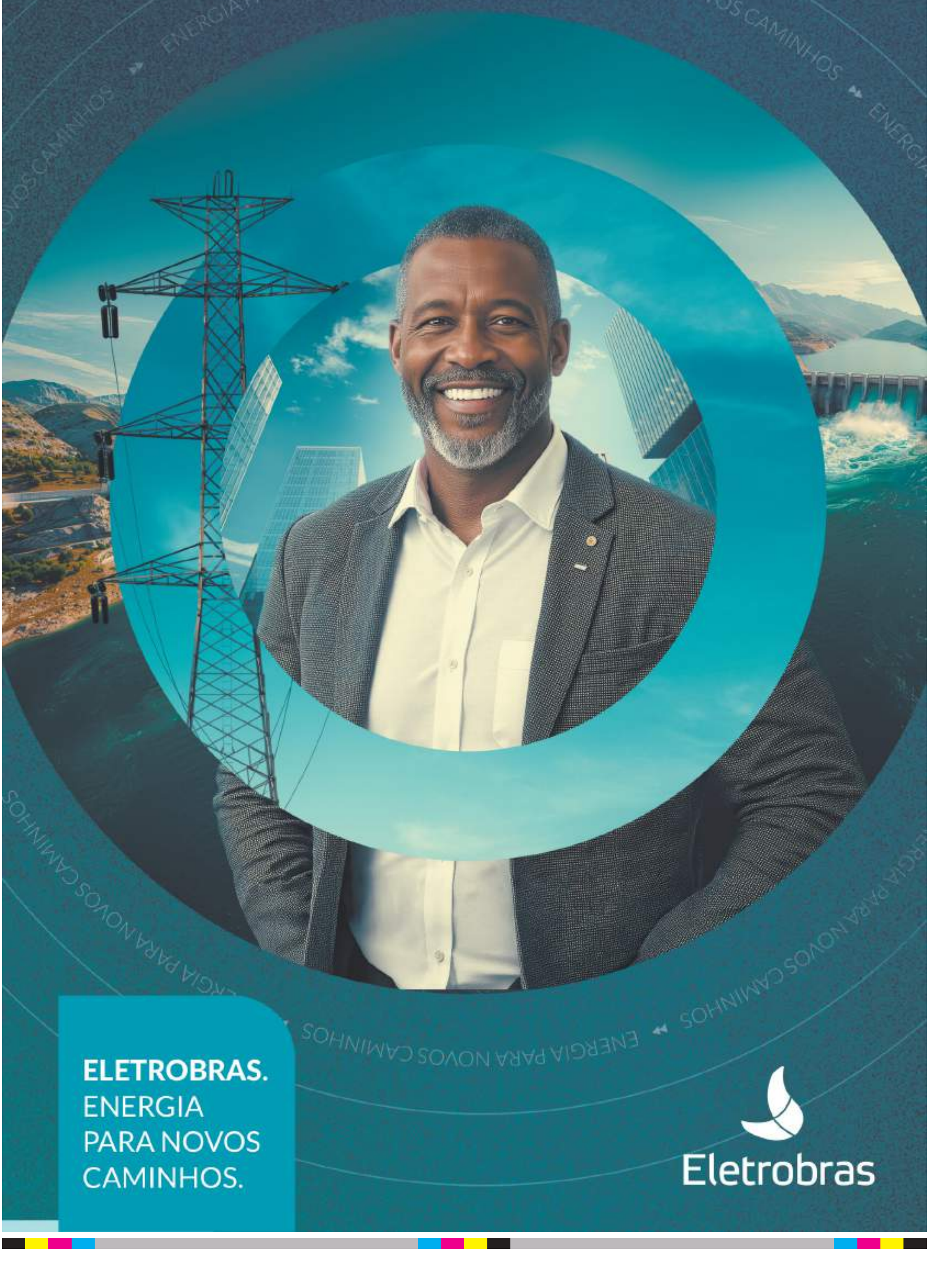
Parabéns pelo aniversário e vamos, juntos, reafirmando o nosso compromisso de **construir um amanhã melhor**.

BAT BRASIL

Construindo um *amanhã melhor*.

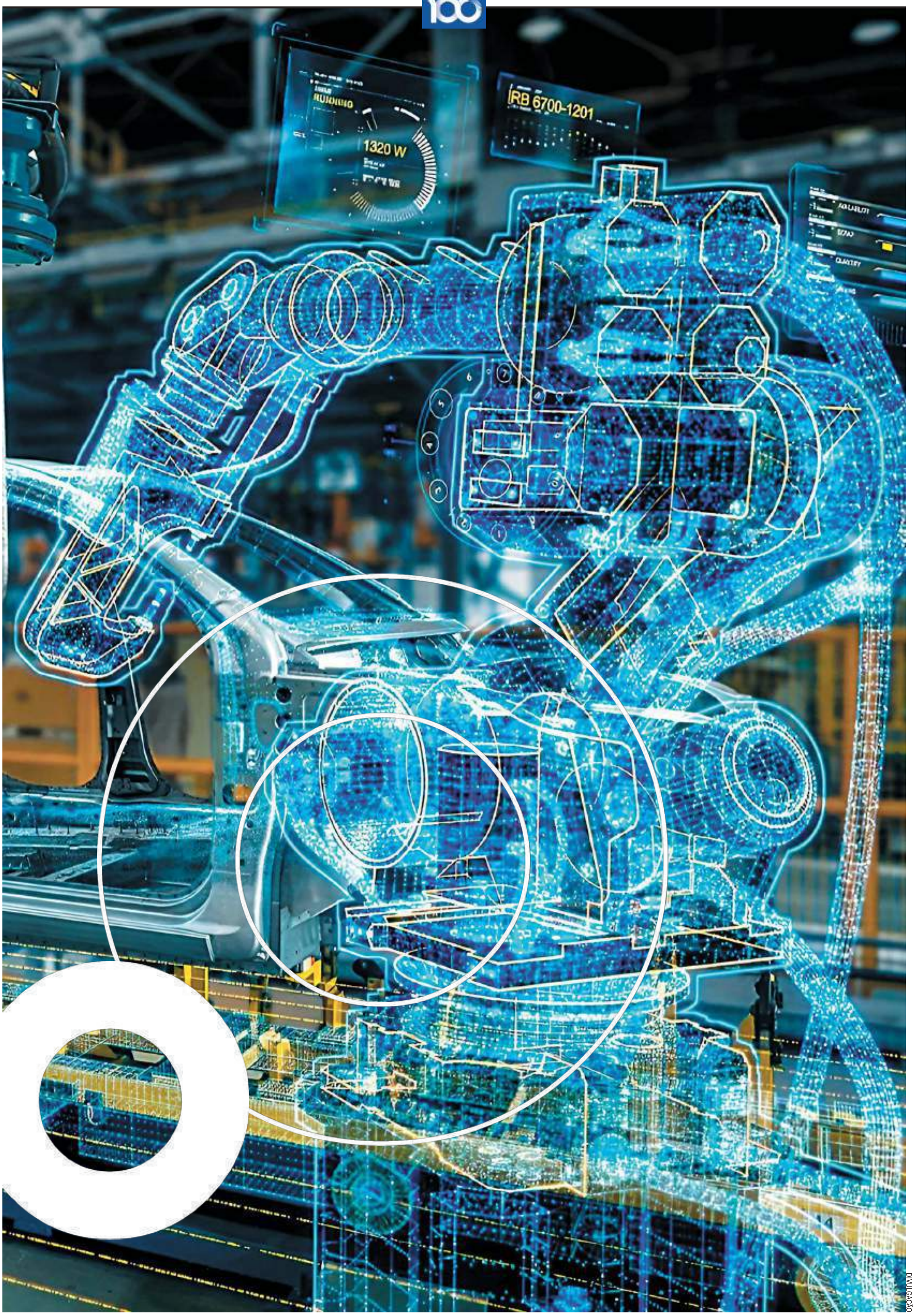
ENERGIA QUE ABRE CAMINHOS E MOVIMENTA NEGÓCIOS

Com a força da água, do sol e do vento, geramos, transmitimos e comercializamos energia para impulsionar sua empresa. Conte com as soluções da maior do setor elétrico para crescermos juntos em um mercado que muda o tempo todo.



ELETROBRAS.
ENERGIA
PARA NOVOS
CAMINHOS.

Eletrobras



DIVULGAÇÃO

INDÚSTRIA DO AMANHÃ

A tecnologia transformou fábricas, serviços e modelos de negócio. E continuará transformando. As revoluções da indústria, do crescimento das montadoras à telefonia, sempre foram temas relevantes na cobertura do GLOBO, que hoje observa como a IA molda o que vem pela frente.

INDÚSTRIA DO AMANHÃ

COMO SERÁ O CARRO DO FUTURO?

Veículos autônomos e 'verdes' devem dominar a indústria automotiva. No Brasil, o etanol é visto como vantagem por grandes montadoras que investem pesado na eletrificação

JOÃO SORIMA NETO
joao.sorima@sp.oglobo.com.br
SÃO PAULO

Pelas ruas de Los Angeles, nos Estados Unidos, carros autônomos, sem motoristas, já circulam como táxis, transportando passageiros. A Waymo, empresa do Google, expandiu seu serviço de robotáxis para a cidade, além de já operar em São Francisco e Phoenix. Na China, em Wuhan e Pequim, a Baidu, conhecida como o "Google chinês", oferece o serviço de robotáxis Apollo Go, e planeja expandir para mais de 100 cidades até 2030.

Essas novidades sinalizam que o carro autônomo será o ápice de um futuro que já começa a ser desenhado, mas que ainda levará tempo até ser atingido plenamente.

— Com carros cada vez mais conectados, a tendência, no futuro muito próximo, é essa evolução na autonomia aumentar muito, até a etapa de não termos mais condutores nos veículos — avalia Igor Calvet, presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), que representa as montadoras instaladas no Brasil.

Os primeiros passos dessa mudança já estão sendo dados velozmente, com carros cada vez mais recheados de tecnologia, conectados e movidos por eletricidade, na busca pela redução das emissões de carbono.

A eletrificação, segundo especialistas, é a maior transformação dessa indústria desde sua criação, no século XIX. No mundo, estima-se que as montadoras vão investir US$ 1 trilhão até 2030 para produzir milhões de carros eletrificados, incluindo investimento em baterias e produção de lítio para confeccioná-las.

— Um motor a combustão tem entre 2 mil e 3,5 mil componentes. No elétrico, são entre 200 e 300 peças. Isso tem como consequência fábricas com menos trabalhadores, mais automação e maior facilidade de manutenção desses veículos. O desafio é produzir baterias mais baratas e reduzir o preço final desses carros — observa Jorge Antonio Martins, coordenador dos cursos automotivos da Fundação Getulio Vargas (FGV).

Estima-se que, no Brasil, cerca de 80% dos veículos leves terão algum nível de eletrificação até 2040, segundo uma pesquisa da Anfavea, em conjunto com a consultoria BGC. O presidente da associação observa que ainda não se sabe qual tecnologia deve prevalecer no país, se a de veículos híbridos, híbridos plug in ou elétricos puros.

Por enquanto, os híbridos saem na frente, já que a infraestrutura de carregamento para os elétricos puros ainda é fator de receio entre os consumidores, assim como o valor de revenda do carro. O dado mais recente da Anfavea mostra que, entre os veículos vendidos no país, a parcela dos eletrificados já representa 10,6%, com híbridos e híbridos plug in liderando as preferências. Mas Calvet observa que tanto aqui quanto globalmente, o mundo ainda será multipropulsão por anos, com veículos a combustão coexistindo com os eletrificados.

INVESTIMENTOS NO PAÍS

Com seu mercado que permite escala (anualmente, o país vende cerca de 2,5 milhões de veículos), o Brasil está numa briga global por investimentos nessas novas tecnologias. As montadoras já instaladas no país anunciaram que, até 2030, vão desembolsar R$ 180 bilhões no desenvolvimento de projetos.

Programas do governo federal, como o Mover, que oferece incentivos fiscais para estimular a produção de veículos mais "verdes", além da cobrança de menos imposto de quem polui menos, como o IPI Verde, têm trazido mais previsibilidade ao setor e ajudado no desenvolvimento dessas tecnologias de transição.

A indústria automotiva, que foi dominada sempre por europeus e americanos, assistiu aos chineses aproveitarem uma brecha para ganhar mercado. Com carros elétricos cheios de tecnologia, a China espalhou seus produtos pelo mundo e pisou no acelerador da transição para os chamados "carros verdes". Duas gigantes chinesas, inclusive, a BYD e a GWM, estão investindo no Brasil, para produzir localmente.

— A Anfavea vê com bons olhos a produção local. Mas a entrada dos carros chineses no Brasil, de maneira abrupta, promoveu um desequilíbrio concorrencial. São veículos que vêm de fora, com tarifas baixas de importação, e tem subsídios por trás — diz Calvet.

As duas montadoras chinesas, BYD e GWM, prometem investir quase R$ 10 bilhões para fabricar seus carros no país. Dentro de algumas semanas, a GWM vai inaugurar a sua primeira fábrica no Brasil, no interior de São Paulo, num investimento que totaliza R$ 4 bilhões, até 2026. Serão produzidos o SUV Haval 6 e a picape Poer.

A montadora revela que se trata do primeiro ciclo de investimento no país, etapa que inclui o início da produção e avanços em pesquisa e desenvolvimento. A GWM também vai montar um centro de engenharia, cujo anúncio será feito ainda neste ano.

— No Brasil, estamos vendo uma procura muito forte para os veículos híbridos, e híbridos plug-ins principalmente. No caso dos elétricos, há demanda, mas ainda temos algumas questões de infraestrutura, que estão avançando com a chegada dos carregadores mais potentes e rápidos — conta Ricardo Bastos, diretor de Assuntos Institucionais da GWM Brasil.

A BYD já inaugurou sua unidade na Bahia, em Camaçari, onde vai produzir o SUV Song Plus, um híbrido plug in, e o elétrico Dolphin Mini. O objetivo da BYD é produzir 150 mil unidades inicialmente, e subir para 300 mil/ano. Quando estiver totalmente operacional, o projeto deve gerar até 20 mil empregos diretos e indiretos, prevê a montadora.

— O que estamos vendo hoje, na Bahia, é um marco na reindustrialização do país e um grande salto tecnológico — afirmou Alexandre Baldy, vice-presidente da BYD no Brasil e chefe Comercial e de Marketing.

Conglomerado que detém as marcas Fiat, Jeep, Peugeot e Citroën, a Stellantis anunciou o maior investimento da história do setor no Brasil e na América do Sul, com desembolso de R$ 32 bilhões entre 2025 e 2030, destinados ao lançamento de 40 novos produtos. Emanuele Cappellano, presidente da Stellantis para América do Sul, explica que esse aporte contempla o desenvolvimento das tecnologias Bio-Hybrid (que combinam motores elétricos e a combustão, utilizando etanol).

— Com uma matriz energética privilegiada, o Brasil tem a oportunidade de trilhar um caminho próprio no processo de descarbonização, fazendo valer uma vantagem competitiva que é o etanol e a energia elétrica de fonte renovável — afirma Cappellano.

DESAFIO PARA VENDER

Para os executivos dessas montadoras, entraves como o domínio de novas tecnologias e deficiências de infraestrutura para carregamento dos carros elétricos vêm sendo superados no Brasil. Mas a indústria automotiva tem um desafio também do lado do consumidor: boa parte das novas gerações, que utilizam os aplicativos para se locomover nas grandes cidades, não quer ter a propriedade do veículo.

— Isso é uma grande tendência e ninguém sabe exatamente como ficará essa questão, que muda também a forma de vender carros — pontua Igor Calvet, da Anfavea.



IRACEMA CHEQUER/DIVULGAÇÃO



DIVULGAÇÃO

Automação. Fábricas da GWM, em SP (à direita), e da BYD, na Bahia (à esquerda). Abaixo, carro autônomo que funciona como robotáxi, em São Francisco, nos EUA



JIM WILSON/NYT/16-5-2024

COMO O GLOBO VIU

A indústria automotiva estava nas páginas do GLOBO desde sua primeira edição. A manchete histórica, naquele dia 29 de julho de 1925, estampava: "Voltam-se as vistas para a nossa borracha". Havia a expectativa de que o empresário americano Henry Ford desembarcasse no país para anunciar investimentos numa fábrica de borracha, no Pará.

As vendas de automóveis já sinalizavam o gosto do consumidor brasileiro pelos carros. Entre 1922 e 1923, o total de carros importados subiu de 2.772 para 12.995 unidades, mostrou O GLOBO em sua primeira edição.

A cobertura do setor automotivo intensificou-se no GLOBO a partir de julho de 1933, quando o jornal ganhou sua primeira coluna sobre o assunto chamada "Automobilismo". Os temas eram principalmente ligados ao exterior, mas também havia algumas notas de conteúdo nacional e testes com acessórios.

No segundo governo de Getúlio Vargas, o então presidente restringiu a importação de veículos para estimular a indústria nacional. Essa virada foi refletida nas páginas do jornal, que aumentou o número de reportagens sobre o setor.



ACERVO O GLOBO

Paris. Aero Willys no Salão do Automóvel, em 1962. Essa edição do evento internacional foi a primeira com cobertura do GLOBO

Em 1956, o primeiro veículo produzido localmente foi a Isetta, fabricado pela nacional Romi. O GLOBO já havia antecipado os planos da empresa meses antes do início da produção. Nessa época, o jornalista Mauro Salles criou a coluna semanal "Automóveis, Lanchas, Motos e Aviões", que caiu no gosto dos leitores e tornou-se uma referência para o jornalismo automotivo brasileiro.

— Falar de automóveis era tabu na imprensa nacional. Na época, muitos jornais brasileiros consideravam as informações sobre automóveis propaganda ou entretenimento — lembrou Salles, em uma entrevista publicada em 2005.

Pela primeira vez na imprensa brasileira, antes mesmo das chamadas revistas especializadas, a coluna fez testes com veículos, algo inovador na época.

Em 1962, O GLOBO fez a primeira cobertura de um Salão Internacional do Automóvel, em Paris.

Os carros continuaram na pauta do jornal pelas décadas seguintes, em colunas e suplementos como "Veículos e Transportes", "Auto-Moto" e "CarroEtc". Agora, com a transição para a indústria dos chamados "carros verdes", que demandam investimentos bilionários, o assunto tem ganhado cada vez mais espaço nas páginas de Economia.

SOCIEDADE EM MOVIMENTO

NOSSA HISTÓRIA

DIVULGAÇÃO



Tecnologia e conteúdo. Gravação da abertura do programa Fantástico no Estúdio de Produção Virtual da Globo

MANUEL FALCÃO

Nas nossas vidas, quando celebramos uma data importante, refletimos sobre o que nos levou até ali e cuidamos do que vai nos permitir seguir em frente com força, saúde e alegria. Não é diferente para as marcas. Menos ainda para a Globo, uma marca que foi construída em diálogo permanente com os brasileiros. Brasileiros que se lembram do que assistiam quando se apaixonaram pela primeira vez, das personagens com as quais se identificaram ao longo da vida, dos bordões que repetem em conversas com amigos. Brasileiros que cantam canções que conheceram nas novelas ou no rádio. Que sabem exatamente onde estavam quando entrou aquele plantão do Jornal Nacional, quando a seleção fez um gol ou quando um capítulo épico de novela foi ao ar.

Fazer parte da vida dos brasileiros é um privilégio que nos traz muito orgulho e responsabilidade. São 100 anos de GLOBO que estamos comemorando e, deles, também fazem parte os 80 anos do Sistema Globo de Rádio, os 60 da TV Globo — canal de TV aberta líder de audiência e preferência dos brasileiros — e os 10 do Globoplay, o streaming nacional mais consumido no país, plataforma que amplifica ainda mais a expressão do nosso potencial na produção audiovisual.

100 ANOS DE GLOBO. O FUTURO JÁ COMEÇOU

Valores sólidos e transparentes são a essência da marca, aquilo que não muda quando tudo muda; a paixão pela comunicação garante que estejamos sempre conectados com o nosso tempo, independentemente de formato, mídia ou tecnologia

HISTÓRIAS BRASILEIRAS

Todo esse ecossistema de comunicação, que teve início com o jornal O GLOBO em 1925, foi construído a partir do compromisso de priorizar o talento brasileiro e de valorizar o nosso jeito de criar e revelar as melhores histórias, aquelas que fazem nosso país se informar, se emocionar e se conectar.

Mas a comemoração deste centenário não se encerra na celebração deste legado. Pelo contrário, é um momento fundamental para reafirmarmos os valores que sempre guiaram nossa atuação. Nossa essência é aquilo que não muda quando tudo muda. São valores sólidos e transparentes. No caso da Globo, é a essência do Grupo Globo que sustenta sua trajetória e a impulsiona a ocupar um lugar de destaque para o público e para a própria identidade cultural do país.

A paixão pela comunicação garante que estejamos sempre conectados com o nosso tempo, independente de formato, mídia ou tecnologia. A brasilidade nos inspira. Nascemos no Brasil, crescemos no Brasil e com o Brasil. Contamos histórias brasileiras. E, ao valorizar a vibrante cultura nacional, nos tornamos não só um espelho da nossa criatividade como projetamos a sua força para o mundo.

Celebrar 100 anos com o olhar atento à nossa essência é também uma oportunidade para destacarmos o otimismo que sempre nos motivou a acreditar na capacidade da comunicação para transformar realidades, enfrentar desafios contemporâneos e construir futuros melhores. E para reafirmarmos nosso compromisso com a diversidade como valor e como um elemento determinante de estímulo à inovação. E na Globo a inovação sempre caminhou junto com a qualidade, nos posicionando como sinônimo de excelência técnica e pioneirismo. Valorizamos a estética para conectar, equilibrar, emocionar e ampliar olhares. E acreditamos em crescer junto com o público, com os nossos parceiros e com o país.

Marcas fortes não nascem por acaso: elas são construídas com propósito, valores e paixão. E são os nossos valores que fazem da Globo uma marca que, há tanto tempo, pertence ao Brasil e ao futuro. Um futuro que começa para gente todos os dias há 100 anos.

CORES DE "O BEM-AMADO"

Já vimos o futuro em muitos momentos. Vimos um futuro que foi preto e branco — e também colorido, como o das cores da cidade de "O Bem-Amado", marco da nossa dramaturgia e da nossa capacidade tecnológica. Ouvimos o futuro transmitindo a copa de 1950 pelas ondas do rádio. Lemos o futuro na capa de um jornal e assistimos ao futuro pela nossa fantástica revista eletrônica. Vimos também que dá pra rever o futuro e sonhar com um futuro jamais visto.

A gente imagina o futuro. Um futuro feito de outros e novos futuros. Um futuro no qual a gente sente novas emoções pela primeira vez - e depois sente de novo várias vezes. Imaginamos o futuro conectados com o presente e com o passado. Com os brasileiros — sempre com os brasileiros. Anunciando novas descobertas e tecnologias, criando conteúdos desejados, inesperados e apaixonantes. Vemos o futuro porque vemos você. E porque na Globo o futuro já começou.



MANUEL FALCÃO
é diretor de Marca e Comunicação da Globo

Coordenação: André Miranda. **Editora:** Mànya Millen. **Editores assistentes:** Gustavo Alves e Pedro Tinoco. **Redatores**: Aydano André Motta, Bernardo Araujo, Carolina Morand, Lucila de Beaurepaire e Lucila Soares.
Direção de arte: Alvim. **Projeto gráfico:** Alvim e Télio Navega. **Diagramação:** Ana Scott, Gustavo Amaral e Télio Navega. **Coordenação fotográfica:** Paulo Moreira.
Infografia e arte: Renata Amoedo, Renato Carvalho, Vinicius Machado e William Mur. **Pesquisa:** Luciana Barbio Medeiros e Paulo Luiz Carneiro.

Nos
100 anos
de O Globo,
celebramos
o potencial
transformador
da informação.

Uma sociedade bem-informada
constrói seu próprio tempo.

Parabéns, O Globo, por realizar
essa transformação
há um século.

Braskem

SOCIEDADE EM MOVIMENTO

UM SÉCULO DE BOAS IMPRESSÕES



MÁRCIA FOLETTO/10-9-2024

De uma máquina que pertenceu ao Exército britânico ao moderno Parque Gráfico em Duque de Caxias, rotativas do GLOBO deram saltos de qualidade ao longo das décadas

EDUARDO FRADKIN
Especial para O GLOBO

As rotativas que vêm imprimindo, nos últimos cem anos, as reportagens do GLOBO também têm histórias dignas de publicação: já foram usadas por um exército em guerra, abençoadas por padres e acionadas por um presidente da República. Deram saltos de qualidade ao longo das décadas, ganhando agilidade e capacidade maior de produção, e esses avanços foram cruciais em situações como a do dia 11 de setembro de 2001. O gerente de produção do Parque Gráfico, André Schwartz, lembra que, naquela data, a lendária expressão "parem as máquinas!" foi substituída por "liguem as máquinas!".

— Por conta do atentado às Torres Gêmeas, fizemos uma edição extra, para ser vendida no fim da tarde, quando as pessoas estavam voltando do trabalho. Já era extremamente rara uma edição vespertina de algum jornal naquela época. O Parque Gráfico e a Redação se mobilizaram, e um caderno extra foi preparado e impresso por volta das 15h. O transporte e a distribuição foram rápidos, e os "globinhos", como eram conhecidos os vendedores de avental que ficavam nos sinais de trânsito, foram essenciais para o sucesso dessa operação — descreve Schwartz.

400 MIL JORNAIS POR HORA

O trabalho mais pesado, entretanto, foi feito por seis alemãs: as impressoras rotativas Geoman, fabricadas pela empresa Manroland e capazes de imprimir até 400 mil exemplares por hora. Elas são as joias do moderno Parque Gráfico instalado numa área de 175 mil metros quadrados, no quilômetro 2,5 da Rodovia Washington Luís (Rio-Petrópolis), em Duque de Caxias.

— Logo antes de o parque novo ficar pronto, o jornal Extra foi lançado (em abril de 1998), e isso colocou uma enorme pressão sobre a capacidade produtiva que tínhamos. A primeira edição já vendeu 130 mil exemplares. Rapidamente, superou a tiragem do GLOBO em dias de semana. A gente só conseguia parar as máquinas para fazer manutenção aos domingos, das 6h às 14h — lembra Schwartz.

AUTORIDADES EM CAXIAS

Planejado para dar novo fôlego a essa produção, com capacidade de imprimir 800 mil exemplares nos dias úteis e dois milhões aos domingos (além de um aumento de 200% de páginas coloridas), o novo complexo foi inaugurado em 12 de janeiro de 1999 e atraiu a cúpula política do país. Uma das rotativas foi acionada pelo então presidente, Fernando Henrique Cardoso, que fez um discurso elogiando a ousadia do jornalista e empresário Roberto Marinho, pelo investimento de R$ 150 milhões, pontuando: "não sei se haverá muitos lugares no mundo em que se tenha um parque gráfico deste tipo". Além dele, estavam lá o cardeal arcebispo do Rio, dom Eugenio Sales, o governador, Anthony Garotinho, o presidente do Senado, Antônio Carlos Magalhães, os prefeitos do Rio, Luiz Paulo Conde, e de Caxias, José Camilo Zito dos Santos, três ministros de Estado e vários deputados federais e estaduais.

Foi sem qualquer pompa, mas com a ajuda indireta de outro presidente da República, que o pai de Roberto Marinho inaugurara a primeira rotativa do jornal, em 1925. Tratava-se da francesa Marinoni, que pertencera ao Exército britânico na Primeira Guerra Mundial. O comprador, que acabaria por não usá-la, foi o dono do periódico A Nação, Leônidas Rezende.

O jornal de Rezende circulou no Rio, então capital do país, entre 1923 e 1924, fazendo oposição ao governo. Em julho de 1924, o presidente Arthur Bernardes decretou estado de sítio e mandou prender muitos de seus opositores. A Nação saiu de circulação, e a impressora sequer foi retirada da alfândega. Foi uma oportunidade que Irineu Marinho não deixou passar. Ele alugou a Marinoni por dez contos mensais e a comprou três anos depois.

Entre a Marinoni e as seis Geoman vindas da Alemanha, sucederam-se várias gerações de rotativas. Com a primeira mudança de sede do jornal, em 1954 — saindo da Rua Bethencourt da Silva, próxima ao Largo da Carioca, para um espaço maior na Rua Irineu Marinho, na Cidade Nova —, foi adquirida a rotativa Hoe Streamline Superproduction, a mais moderna da época. A máquina deu mais celeridade à impressão e melhorou a qualidade gráfica das páginas, mas ainda empregava o velho sistema de impressão a chumbo.

OFFSET A PARTIR DE 1978

Nos anos 1970, O GLOBO construiu um novo prédio, na Rua Marquês de Pombal, para acomodar uma máquina importada dos Estados Unidos. Era a Goss Metroliner Rockwell, que usava o método offset no lugar da impressão a chumbo. Foi uma verdadeira revolução gráfica. Em 13 de abril de 1978, o jornal passou a ser impresso totalmente em offset.

— O sistema antigo era o tipográfico, conhecido como letterpress, com réguas de chumbo onde os funcionários montavam os tipos móveis, ou seja, as letrinhas, e disso se fazia uma matriz que seria usada como uma espécie de carimbo nas folhas do jornal. O offset representou um enorme salto na qualidade e na reprodução das cores. É um processo de impressão em que as imagens não são impressas diretamente no papel. Elas são transferidas de uma chapa de alumínio para um mecanismo de cilindros e, então, para o papel — explica Schwartz.

Em meio a essa inovação tecnológica, foi celebrada uma missa, em julho daquele ano de 1978, pelos 53 anos do GLOBO, e a importância das rotativas foi mais uma vez reconhecida. Após uma procissão na qual uma chapa de offset foi levada ao altar da Igreja de Sant'Ana, o padre João Piassentin, vigário daquela paróquia (vizinha ao jornal), abençoou as máquinas de impressão, dizendo serem usadas pelos jornalistas do GLOBO para a "promoção de todos os valores humanos". Mais apropriado que um mandamento inscrito em tábua de pedra, esse foi gravado numa chapa de offset e publicado no dia seguinte.



HERMES DE PAULA / 16-7-2020



FERNANDO QUEVEDO/12-1-1999

Tinta no papel. O presidente Fernando Henrique Cardoso ao lado de Roberto Marinho na inauguração do Parque Gráfico, em 1999: qualidade internacional


havaianas
havaianas
havaianas
havaianas
Parabéns,
O Globo.
Nossa homenagem
a quem acompanhou cada passo
do mundo nos últimos 100 anos.
havaianas

INDÚSTRIA DO AMANHÃ

IA GANHA ESPAÇO NAS LINHAS DE PRODUÇÃO

Robôs, câmeras inteligentes e manutenção prévia já fazem parte da rotina nas empresas, abrindo frente de investimentos em tecnologia para os próximos anos

BRUNO ROSA
bruno.rosa@oglobo.com.br

DIVULGAÇÃO



Futuro. Empresas como Dassault , Azzas 2154, Nestlé e Huawei ampliam a criação de soluções para reduzir custos e aumentar a produtividade

Robôs que conseguem identificar qualquer tipo de produto em uma extensa linha de produção em apenas alguns segundos. Câmeras com inteligência artificial que preveem futuros problemas apenas com a imagem transmitida. E uma simulação digital, a centenas de quilômetros de distância da fábrica, capaz de reproduzir de forma idêntica a operação, permitindo simulações e testes para agilizar a aplicação de soluções mais rápidas e baratas.

Essas são algumas das iniciativas que revelam como a inteligência artificial já mudou a rotina das linhas de montagem das empresas. Estudo da KPMG indica que o futuro não só chegou, como vai ganhar força. O levantamento aponta que, em três anos, 85% das companhias vão ampliar a adoção de novas soluções em suas unidades fabris.

Silmar Palmeira, diretor sênior da Qualcomm na América Latina, lembra que o objetivo é tornar as fábricas mais inteligentes e eficientes, trazendo automação e análise local diretamente na linha de montagem, reduzindo a latência e aumentando a confiabilidade.

— Vão crescer soluções que permitem a execução de aplicações de IA personalizada diretamente nas instalações das empresas, incluindo IA generativa. Isso garante que dados sensíveis permaneçam locais, promovendo segurança e economia em custo. Isso inclui análise preditiva para manutenção de máquinas e automação de processos repetitivos — lista Palmeira.

Alejandro Chocolat, diretor-executivo da Dassault Systèmes para a América Latina, lembra que os gêmeos virtuais são a aposta do futuro, por permitir simular, testar e otimizar cada etapa da produção de forma virtual antes da fabricação física:

— Os gêmeos virtuais podem ser aplicados em todos os setores ao integrarem tecnologias de modelagem 3D, colaboração e simulação.

Pierre Lucena, presidente do Porto Digital, um dos principais distritos de inovação do Brasil, localizado no Recife, considera que a IA representa, hoje, o maior salto de produtividade desde a automação industrial:

— O país tem uma janela de oportunidade única para acelerar a reindustrialização com base em tecnologia e inovação aberta.

MÁQUINAS APRENDIZES

No setor de alimentos, a Nestlé já desenvolveu mais de 45 modelos para monitoramento em suas fábricas com uso de aprendizado de máquina, que identificam comportamentos anormais e, assim, programam a manutenção antes da falha. Marco Guimarães, vice-presidente da divisão técnica da companhia, lembra que a IA permitiu redução de mais de 30% das paradas não planejadas e o aumento de 30% da flexibilidade das linhas de produção.

— Vamos investir R$ 7 bilhões até 2028, focando em modernização de fábricas e ampliação da capacidade produtiva.

A Huawei desenvolveu modelo em que mais de 80% dos equipamentos de uma linha de montagem estão integrados digitalmente via sensores e câmeras inteligentes, permitindo que pedidos de clientes gerem ajustes automáticos na produção, com redução de custos.

— Nos próximos anos, o potencial da IA industrial será ainda mais amplificado devido às velocidades maiores e à capacidade massiva de conexão das novas redes, abrindo caminho para decisões em tempo real, produção sob demanda e operações mais inteligentes em toda a cadeia de valor — diz Atilio Rulli, vice-presidente de Relações Públicas e Institucionais da Huawei.

Na Azzas 2154, dona de grifes como Farm e Hering, a IA é usada para antecipar demandas, permitindo ajustes no ritmo de produção e abastecimento das lojas com mais precisão. Maurício Bastos, diretor executivo de Tecnologia da empresa, lembra que foi criada uma plataforma própria, que combina 12 algoritmos para permitir uma produção mais assertiva:

— Temos realizado investimentos em tecnologia e inteligência de dados nos últimos anos. Em 2024, demos um passo relevante ao consolidar um banco de dados que reúne informações de mais de 14 milhões de clientes.



Bracell



NAS IMAGENS, A UNIDADE DE LENÇÓIS PAULISTA (SP), A MAIOR E MAIS SUSTENTÁVEL FÁBRICA DE CELULOSE DO MUNDO, E NOSSOS COLABORADORES EM UM DOS VIVEIROS DE MUDAS DE EUCALIPTO, ONDE COMEÇA O CICLO DAS FLORESTAS QUE ABASTECEM NOSSA PRODUÇÃO.

Celebrar os 100 anos de O Globo

é reconhecer a força das grandes histórias.

Há mais de 20 anos, a Bracell investe e contribui para um Brasil mais sustentável, criando valor compartilhado para a comunidade, o país, o clima, os clientes e, só então, para a empresa.

CHIP: DE INSUMO A NOVA ARMA NA DISPUTA GLOBAL

Com EUA e China em lados opostos, Brasil busca novo protagonismo na era dos semicondutores, após décadas de atraso e projetos interrompidos

BRUNO ROSA
bruno.rosa@oglobo.com.br

Celulares, computadores, carros e eletrodomésticos em geral. Com a chegada da inteligência artificial e a conexão em alta velocidade, os chips se tornaram motivo de disputa não só de gigantes globais, mas também entre governos. É assim que a indústria de semicondutores vai consolidar seu papel de protagonista nas próximas décadas do século XXI.

Na corrida pelo domínio tecnológico, Estados Unidos, China, Taiwan, Coreia do Sul e Japão vêm incentivando suas companhias a acelerarem seus investimentos e travando disputas geopolíticas, com direito a restrições de exportações e importações de produtos e componentes, além de uma troca de acusações de roubo de propriedade intelectual.

Em meio a esse cenário, o Brasil tenta encontrar uma nova oportunidade de inserção global, após tentativas frustradas e projetos interrompidos nas últimas décadas. Para especialistas ouvidos pelo GLOBO, a pandemia da Covid-19 revelou a dependência das cadeias produtivas, com a escassez de semicondutores afetando a confecção de diversos itens mundo afora.

Hoje, a indústria é dominada pela TSMC, empresa com sede em Taiwan, responsável por cerca de 60% da produção global de semicondutores de ponta. Com isso, os EUA vêm tentando ampliar sua influência sobre a ilha, aumentando a tensão militar com a China, que considera Taiwan uma província rebelde. Ao mesmo tempo, o governo americano, já na administração de Joe Biden e em movimento intensificado por Donald Trump, decidiu redobrar suas apostas, liberando mais de US$ 50 bilhões para fomentar a produção local, atrair fabricantes globais e reduzir a dependência de fornecedores asiáticos — uma iniciativa acompanhada por Japão e Coreia do Sul.

PAÍS TEM DESAFIOS

Já a China, principal rival americana, aposta em sua autossuficiência tecnológica, com apoio direto do governo, estimulando o crescimento de diversas companhias, como a Huawei, fabricantes de smartphones e carros elétricos conectados. Assim, Pequim criou o plano de desenvolvimento da próxima geração de IA, mirando a liderança global até 2030. Para André Gildin, sócio da consultoria RKKG, a disputa por chips envolve bilhões em incentivos, acordos geopolíticos e domínio de patentes. Para ele, os países já buscam espaços diferentes nesse ecossistema:

— Os EUA focaram no desenvolvimento da IA generativa e das linguagens (os chamados LLMs) que possibilitam as aplicações. A Nvidia é hoje a grande vencedora quando comparada com as outras big techs. A China tem focado no desenvolvimento local de toda a cadeia do setor, de chips a produtos como celulares e carros. Os europeus preferiram sair na frente em regulação, com mais atenção voltada para governança de dados e privacidade, mas com grandes barreiras à inovação.

Segundo Jesper Rhode, sócio da consultoria Tr4nsform, desde o fim de 2022, a IA se tornou prioridade das grandes potências. Como ela depende de data centers abastecidos por servidores com chips cada vez mais eficientes, fabricar e controlar esses componentes virou uma questão estratégica:

— Até pouco tempo, chips eram meros insumos globais, fruto de uma cadeia de suprimentos bilionária que concentrou a produção dos componentes mais avançados em poucos lugares. O design dos chips está, em grande parte, nos Estados Unidos (Amazon, Nvidia, Apple, Google); os químicos vitais vêm do Japão; e a maior fábrica do planeta está em Taiwan. Assim, os EUA restringem a venda de tecnologias da TSMC, Nvidia e ASML à China e atraem a própria TSMC para o território americano.

Nesse tabuleiro geopolítico, o Brasil enfrenta muitos desafios, diz Gildin. Para ele, apesar de o país ter talentos, capacidade acadêmica e demanda interna, não possui política industrial de longo prazo com olhar para nichos estratégicos:

— Assim, corremos o risco também de ficar de fora da corrida pela IA generativa. Já perdemos a primeira onda do desenvolvimento dos LLMs, mas temos uma enorme oportunidade de nos tornarmos uma potência mundial em treinamento de modelos e algoritmos. Temos condições de criar uma infraestrutura robusta de data centers, com uma matriz energética favorável. Se não tivermos uma visão integrada entre mercado e incentivos, nenhuma fábrica de chips sobrevive.

Para Gildin, o caminho para o futuro é a colaboração. Ele cita o caso do Centro Nacional de Tecnologia Eletrônica Avançada (Ceitec), fábrica estatal de chips que o governo Lula retirou da lista de privatizações do governo anterior. Criado em 2008, com a promessa de ser o embrião de uma indústria nacional de semicondutores, o Ceitec chegou a desenvolver chips para rastreamento de animais e passaportes eletrônicos, mas enfrentou problemas de gestão, baixa escala de produção:

— O Brasil tentou desenvolver tudo sozinho, em um setor no qual a colaboração internacional é chave. O projeto do Ceitec tinha uma boa visão técnica, com desenvolvimento de microchips de baixa e média complexidade, mas não conseguiu escala comercial suficiente.

SOBERANIA DIGITAL

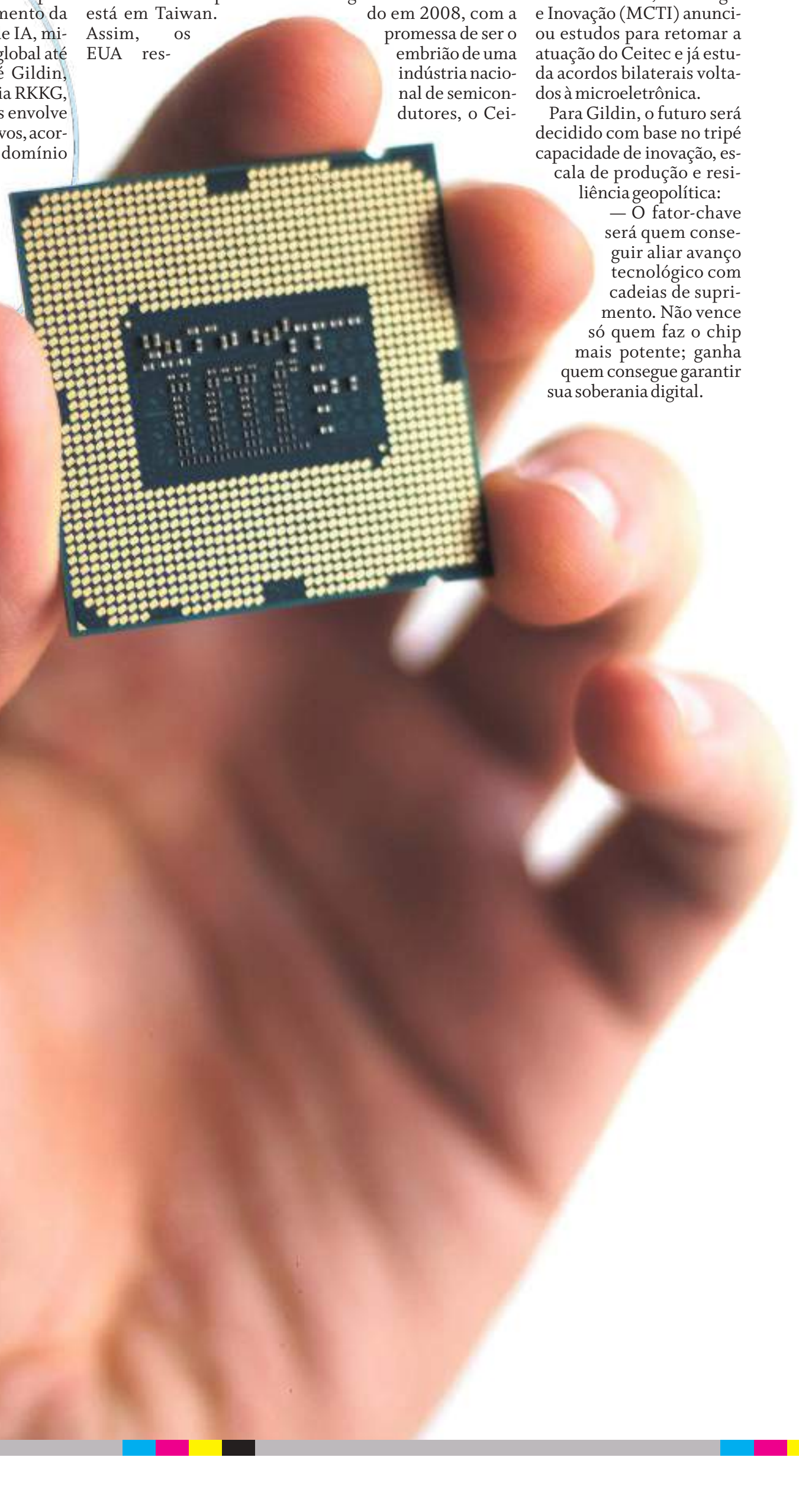
Para Rhode, a discussão sobre produção nacional de chips ressurgiu com o avanço da tecnologia. Segundo ele, competir nesse setor exige elevados investimentos. O especialista destaca que até os EUA esperam levar mais de uma década para ampliar sua fatia na área:

— Para o Brasil, a estratégia é mirar nichos onde tecnologia e mercado se cruzam rapidamente. O país precisa articular incentivo público, formação de talentos e pesquisa aberta. Na frente industrial, deveria modernizar a linha de potência do Ceitec.

Recentemente, o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) anunciou estudos para retomar a atuação do Ceitec e já estuda acordos bilaterais voltados à microeletrônica.

Para Gildin, o futuro será decidido com base no tripé capacidade de inovação, escala de produção e resiliência geopolítica:

— O fator-chave será quem conseguir aliar avanço tecnológico com cadeias de suprimento. Não vence só quem faz o chip mais potente; ganha quem consegue garantir sua soberania digital.



100 ANOS DE O GLOBO



PARABÉNS, O GLOBO!

100 anos brindando o Brasil com grandes notícias.

#PORMAISRAZÕES PARABRINDAR

ambev

NA ERA DO 6G, UMA REDE PARA SENTIR E PREVER

Nova geração de redes móveis une inteligência artificial, sensores e satélites. Leilão do 6G pode ocorrer já em 2026, e os primeiros projetos-piloto são esperados até 2032 no Brasil

BRUNO ROSA
bruno.rosa@oglobo.com.br

Primeiro, vieram as redes analógicas 1G. Em seguida, o 2G perdeu espaço para o 3G ao trocar o foco de voz para dados. O 4G introduziu o streaming em alta velocidade, e o 5G trouxe a hiperconectividade, prometendo latência ultrabaixa e internet em todos os dispositivos. Agora, o 6G desponta no horizonte, integrado com inteligência artificial generativa capaz de "sentir" e "enxergar" o ambiente, permitindo respostas em tempo real e destravando inovações em áreas como transporte, agronegócio e indústrias.

No futuro, a nova rede de sexta geração permitirá inovações até hoje restritas a filmes de ficção científica e a laboratórios, como experiências imersivas, hologrAfias e sensoriamento, em um mundo onde tudo poderá ser medido, acompanhado e previsto.

Em julho, o governo já começou a discutir o uso dessa nova tecnologia no Brasil com entidades do setor. A rede 6G já está em fase de padronização, com os primeiros testes em andamento na Coreia do Sul, Estados Unidos, China e Europa. A estimativa é que os primeiros modelos e soluções comecem a ganhar forma comercial no mundo por volta de 2030.

Além das novas experiências, especialistas e o próprio governo, por meio da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), acreditam que o 6G vai acelerar a conectividade industrial, ao permitir a conexão entre máquinas. Um leilão de frequência poderá ocorrer já em 2026, e a expectativa no Brasil é que, entre 2031 e 2032, comecem os primeiros projetos-piloto em ambientes corporativos, na indústria 5.0 e em cidades inteligentes.

INTEGRAÇÃO COM SATÉLITES

Em outra frente, a Anatel também pretende integrar as futuras redes móveis de 6G com os sistemas de satélites, a fim de expandir a cobertura da rede móvel para áreas remotas. Jesper Rhode, sócio da Tr4nsform Consultoria, diz que a fronteira entre fibra óptica e banda larga sem fio praticamente sumiu. Conexões móveis já entregam velocidades comparáveis às das redes cabeadas.

— O recado é claro: antes de saltar para o 5,5G (dez vezes mais atual que o 5G atual) ou o 6G, precisamos ampliar a cobertura e elevar a qualidade onde ela já existe. A lacuna de conectividade pesa muito no campo. Os indicadores mostram que as áreas cobertas por 4G ou 5G saltaram de 18,7% para 33,9% entre 2023 e 2024, mas dois terços do território rural continuam descobertos — analisa.

Segundo Rhode, o futuro da conectividade será uma integração do 6G com as redes de satélites e a IA.

— As novas redes vão se fundir com as mega constelações de satélites. A Starlink, com milhares de unidades a 500 quilômetros de altitude, já soma números expressivos de clientes. Outros projetos (como a própria Amazon e empresas da Ásia e Europa) querem conectar diretamente celulares comuns às suas redes. Assim, a tríade IA-6G-satélites pavimenta um futuro em que fronteiras físicas importam menos e a conectividade se torna tão onipresente quanto a eletricidade. Satélites, redes 6G e chips avançados estão redesenhando a economia global e, mais cedo que tarde, também vão redesenhar o nosso cotidiano — prevê Rhode.

SENSORES INTELIGENTES

Assim, as teles já iniciaram os testes com as novas redes e começam a estudar as aplicações do futuro. Empresas de satélites também ampliam suas apostas. Leandro Gaunszer, diretor-geral da Viasat no Brasil, lembra que a cobertura de satélite vai ajudar a levar conectividade a setores estratégicos como transporte, agronegócio e manufatura, mesmo em áreas remotas:

— Haverá ainda o uso de tecnologias como sensores inteligentes e automação, impulsionando a produtividade e a transformação digital do Brasil, onde antes era impossível.

Silmar Palmeira, diretor sênior de Produtos na Qualcomm América Latina, diz que a evolução das redes vai transformar empresas e consumidores com veículos autônomos e conectados, gestão de tráfego inteligente, logística em tempo real, automação de máquinas agrícolas e robótica colaborativa, por exemplo.

— As redes 6G estão em desenvolvimento e deverão se tornar realidade globalmente em 2030. Isso vai abrir caminho para inovações revolucionárias.

Ao lembrar que o Brasil já está na expectativa do 5,5G, Atilio Rulli, vice-presidente de Relações Públicas e Institucionais da Huawei, classifica o 6G como a "internet dos sentidos", em que experiências digitais não se limitarão à imagem e ao som, mas também incluirão tato e percepção sensorial.

REVOLUÇÃO À VISTA

— Para empresas e consumidores, isso significará uma revolução completa na forma de interagir com o mundo físico e virtual, com aplicações em saúde, mobilidade, educação, entretenimento e indústria. Estamos falando de cirurgias remotas com retorno sensorial e aulas imersivas com realidade aumentada. O principal desafio é garantir que a infraestrutura acompanhe o avanço tecnológico, com planejamento regulatório eficaz e políticas públicas consistentes — diz ele, lembrando que o 6G já é foco de investimento na empresa desde 2017.

Segundo dados da Anatel, o país conta hoje com 266 milhões de linhas móveis em operação, das quais 17,7% são 5G, que permite, em média, velocidade até vinte vezes maior que a rede de quarta geração. O 4G ainda é maioria, com 68,7% do total de usuários — mas por enquanto. A tendência, segundo especialistas, é que o 5G chegue à metade das conexões no fim desta década, já que fabricantes de smartphones vêm ampliando a produção de modelos mais modernos e baratos.

Para André Gildin, especialista do setor e sócio da consultoria RKKG, 6G vai permitir a criação de novas fontes de receita com a ampliação nas empresas de robôs colaborativos, inspeções via IA e utilização de gêmeos digitais (réplicas de sistemas físicos) operando em tempo real.

— No agro, a nova rede permitirá a expansão da agricultura de precisão com uso de drones, sensores e automação avançada, com a utilização mais frequente de robôs agrícolas, que poderão tomar decisões em tempo real, como ajustar plantio e irrigação com base em dados de sensores ambientais. O 6G será a infraestrutura invisível que dará "pernas e olhos" para a IA no mundo físico — afirma.

Para Gildin, a evolução do 4G para o 5G trouxe uma mudança significativa no comportamento de consumo, com novas possibilidades de serviços em tempo real, fomentando inovação em todos os setores da economia. Agora haverá uma mudança ainda maior no contexto dos negócios e da sociedade:

— Estamos saindo do foco na comunicação pessoal para serviços integrados e inteligentes entre organizações e pessoas. Para as empresas, isso significa habilitar operações em tempo real e capacidade de conectar milhões de dispositivos simultaneamente, o que vai melhorar a produtividade em todas as cadeias produtivas. O consumidor verá novos serviços imersivos, como realidade aumentada e virtual em alta resolução, ou seja, melhoria da experiência, junto com satélites, que estão ganhando espaço na conectividade.

Sandro Mendonça, professor do Departamento de Economia do Instituto Universitário de Lisboa, destacou a importância dos próximos três anos para criar os requisitos e padrões para o 6G. Ele diz que os estudiosos brasileiros precisam estar mais perto das grandes comunidades científico-tecnológicas que vão desenvolver o 6G.

— As preocupações estão voltadas à abrangência de cobertura, mas a sustentabilidade e a segurança são os principais temas paralelos no 6G — afirma ele.

Índia, Canadá, Japão e países do Oriente Médio também têm se dedicado ao 6G

— O maior desafio é chegar às novas gerações sem faltar cobertura básica — diz a consultora Ester Lourdes Almeida.

COMO O GLOBO VIU



Telecom. Desde a privatização do Sistema Telebrás, O GLOBO se dedica ao tema, como o caderno especial "Exclusão digital", de Flávia Oliveira

Foi a partir do dia 29 de julho de 1998 que o setor de telecomunicações iniciou seus primeiros passos rumo ao futuro. "O mundo disputa a Telebrás", "O olé dos espanhóis" e "Carioca ainda vai aguardar dois anos por melhorias" foram apenas alguns dos primeiros títulos que ajudam a ilustrar não apenas a privatização do sistema de telefonia brasileiro — que atraiu grupos nacionais, espanhóis, portugueses, italianos e americanos —, mas também o início de uma cobertura multieditorial que se mostrou cada vez mais intensa e importante.

Apesar da concorrência, nem tudo ocorreu como previam os grupos vencedores, o governo e os consumidores. A cobertura do GLOBO mostrou, já nas semanas seguintes, os desdobramentos de um dos primeiros escândalos do setor pós-privatização, quando o então ministro das Comunicações, Luiz Carlos Mendonça de Barros, foi flagrado num grampo telefônico. A divulgação de diálogos telefônicos, como um em que chamava os antigos acionistas da então Telemar (que se tornaria a Oi e era controlada pelo empresário Carlos Jereissati e o grupo Andrade Gutierrez) de "telegangue", custou-lhe o cargo. Ele acabou deixando o governo junto com André Lara Resende, então presidente do BNDES, que organizou o leilão. A polêmica levou o Congresso a falar na abertura de uma CPI.

A privatização trouxe também uma enxurrada de ações apresentadas na Justiça contra o leilão e protestos na sede da Bolsa de Valores do Rio. O tom político também já era retratado, com Luiz Inácio Lula da Silva, na época candidato à presidência, comparando o então presidente Fernando Henrique Cardoso a Judas, por supostamente trair o povo brasileiro.

Os rumores de que as empresas que haviam adquirido os lotes da Telebrás pretendiam unir algumas companhias e iniciar demissões também foram alvo da cobertura, levando o próprio presidente do país a fazer um apelo para que as companhias não reduzissem o número de funcionários. Começou ainda a ganhar espaço um outro tema que, nas décadas seguintes, marcaria a cobertura do GLOBO e do setor em diversas editorias: a busca pela defesa dos consumidores.

Durante o processo de privatização, quando ainda não existiam hashtags, a chamada homepage (como era conhecido o endereço na internet) "odeioatelerj" já era alvo de matérias no GLOBO. Em 3 de agosto de 1998, a página já somavam mais de 6,5 mil visitantes. Eles reclamavam dos serviços da companhia carioca, como linhas telefônicas compradas e não instaladas, e aparelhos sem sinal.

Enquanto O GLOBO mostrava os planos das novas companhias no Brasil, o espaço para reportagens com críticas à falta de melhoria nos serviços crescia. Naquela época, os consumidores pagavam pela linha e precisavam aguardar — tempo que, geralmente, era maior que o prometido. Tema de diversas matérias, o assunto foi ganhando importância ao longo dos primeiros anos pós-privatização. Além das páginas da editoria de Economia, o assunto ganhou destaque nas edições do Jornal de Bairros, que constantemente retratavam os orelhões — telefones públicos que foram importante meio de comunicação até o início dos anos 2000 — mudos.

Na seção de "Cartas", eram centenas de reclamações diariamente. A queixa da leitora Helena Maria Queiroz, de Nova Iguaçu, era direta: "Em novembro, fui ao posto da Telerj no Centro de Nova Iguaçu para reclamar de uma conta de telefone com valor muito acima do que costumo pagar. Fiquei seis horas numa fila para o atendente simplesmente dizer que eu deveria quitar a dívida antes de reclamar."

No dia 21 de março de 1999, O GLOBO trazia na capa da editoria de Economia o cenário da época: "À espera de melhores serviços". Dias depois, em sua primeira página, a notícia: "Governo multa Telefônica de SP e Telerj". Na seção de Defesa do Consumidor, centenas de denúncias sobre o envio de contas para linhas que sequer haviam sido instaladas. Nos anos seguintes, apesar de o número de linhas ter aumentado, eram comuns as críticas pelo pífio desempenho das companhias e pelos preços elevados.

O setor foi ainda motivo de projetos premiados, como o caderno "Retratos do Brasil: exclusão digital", vencedor do Prêmio Imprensa Embratel, em 2003, por retratar que, apesar do aumento no número de linhas em operação no país, era alto o total de pessoas sem acesso à tecnologia. Depois, em 2007, a série "O barato que dá linha" levou novamente o prêmio Embratel, por retratar os avanços da tecnologia móvel, a partir da chegada do 3G três anos antes, em 2004.

O tema continuou no radar com as fusões e aquisições das empresas, a criação da "supertele" pela fusão da Oi com a Brasil Telecom, e, após a gigante o setor entrar em recuperação judicial, o desmembramento da companhia para a Claro, Vivo e TIM. O GLOBO também fez cadernos especiais sobre avanços e desafios do setor em 2008 e 2018.

RICARDO STUCKERT / PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA



Via de mão dupla. Lula em cerimônia na fábrica da Embraer: empresa vende muito para os EUA, mas também "compra muito por lá", lembra ex-ministro da Fazenda

ENTREVISTA

Rubens Ricupero / EX-MINISTRO DA FAZENDA E DIPLOMATA

Em um momento de ameaça ao Brasil pelo tarifaço de Trump, que vê como um embargo, ex-ministro da Fazenda avalia as dificuldades da indústria

JOÃO SORIMA NETO joao.sorima@sp.oglobo.com.br SÃO PAULO

'NÃO É MUITO VERDADE QUE A NOSSA ECONOMIA É FECHADA'

Nos mais de 200 anos de relações comerciais entre Brasil e Estados Unidos, o tarifaço que Donald Trump quer impor aos produtos brasileiros é o momento mais delicado dessa parceria, avalia o diplomata e ex-ministro da Fazenda, Rubens Ricupero. Para o também ex-embaixador do Brasil em Washington, a alíquota de 50%, que vai inviabilizar as crescentes exportações da indústria nacional para o mercado americano, "trata-se de um embargo".

Quais as consequências do tarifaço para a indústria brasileira e outros setores, como o agro?
Na maior parte dos casos, vai se tornar inviável a exportação, já que 50% é uma tarifa muito alta. Pode ser que um ou outro exportador consiga encaminhar as vendas por outro caminho. Empresas que têm fábricas em outros países poderão exportar não a partir do Brasil. Mas eu não sei se isso levaria a uma outra medida por parte do governo americano.

A Embraer classificou as tarifas como um embargo. O senhor concorda? Que estratégia de negociação deve ser adotada?
É um embargo. Para evitar ou atenuar essas tarifas, teria que ser através do interesse de setores da economia americana que se focam no Brasil. Eles vão sair perdendo. Quem perde mais é o país que tem superávit. A Embraer vende nos Estados Unidos, mas compra muitos componentes eletrônicos por lá. Esses setores podem se mobilizar. Houve manifestação da American Chamber of Commerce, nos Estados Unidos, dizendo que existem mais de 6 mil empresas, que trabalham com produtos brasileiros. A esperança é que esses setores possam ser ouvidos pelo presidente Trump. Será mais efetivo do que os canais diplomáticos.

Com as tarifas, Trump quer reindustrializar os EUA?
Eu não sei. Não dá para entrar na subjetividade. Não sei se ele é um negociador, um sociopata. Só Deus sabe.

Como o Brasil, que tem uma economia relativamente fechada, taxa os produtos americanos?
Todo mundo diz isso, que a nossa economia é fechada, mas não é muito verdade. A Confederação Nacional da Indústria mostrou há pouco tempo que o nível efetivo de tarifa que o Brasil vem cobrando aos Estados Unidos é de menos de 3%. A tarifa teórica é 9%. Mas como há muitas exceções na hora de importar, o efetivo tem sido menos de 3%. É muito baixo. Todo mundo acha que nós somos os vilões, e eles os heróis. Eu fui embaixador lá, tentei negociar suco de laranja, eles nunca se interessaram.

O Brasil já tentou negociar as tarifas de etanol?
A tarifa que o Brasil cobra sobre o etanol americano é 18%. O Brasil fez duas propostas para reduzir a tarifa em troca de uma redução da tarifa do suco de laranja concentrado (os EUA cobram US$ 415 por tonelada de suco brasileiro). Eles não aceitaram. Depois propusemos um acesso maior ao mercado de açúcar. Eles também não aceitaram. É fácil, como muita gente faz, botar a culpa no governo. Em março, o governo mandou uma missão com representantes do Itamaraty. Em 16 de maio, o Brasil mandou uma carta cobrando as respostas de propostas que havia feito. E eles não responderam.

O senhor avalia que o tarifaço de Trump é o momento mais delicado da relação comercial entre dois parceiros tão antigos como EUA e Brasil?
Não há dúvida. Houve um momento antes do golpe de 1964 em que o governo americano participou da conspiração. Mas era de uma maneira clandestina. Agora é público, é agressivo, com manifestações repetidas. Eu acho muito grave.

O prazo para negociação é muito curto, mas há chance de reverter as tarifas?
O prazo para a entrada em vigor das tarifas (1º de agosto) é muito pequeno. E além disso, o anúncio da abertura da investigação pela seção 301 (parte da Lei de Comércio dos EUA, que permite apurações sobre práticas que prejudicariam o comércio internacional dos EUA) a meu ver, é o indício de que a decisão já está tomada. Eles se deram conta que a aplicação de tarifa pelo motivo político não seria legal. E eles então resolveram dar um simulacro de processo legal. O procedimento da seção 301 é um tribunal em que eles são acusadores, juízes e executores. Então a chance de se defender é mínima.

Qual a sua avaliação sobre a inclusão, na carta enviada pelo presidente Trump ao governo brasileiro, de uma possível perseguição ao ex-presidente Bolsonaro?
Isso é o que torna o caso brasileiro único, grave. Nos outros casos, com o México, Canadá, União Europeia, não existe esse elemento de política interna. Porque é uma interferência aberta no judiciário. Inclusive, a mensagem veio para o destinatário errado. O Lula não tem autoridade nenhuma nessa questão.

O senhor acha que há chances de a China ampliar os laços comerciais com o Brasil?
No momento, o relacionamento comercial e econômico com a China já é muito bom. Só que, infelizmente, em relação a produtos de maior valor agregado, a China não representa uma alternativa. A China compra muitas matérias-primas, como soja, algodão, petróleo bruto, minério de ferro. E eu não a vejo fazendo esse gesto (de comprar produtos industriais), porque eles são os grandes exportadores desses itens para o mundo.

Esse movimento de tarifas impostas pelos EUA é um retrocesso na globalização?
Na relação do Brasil com os EUA é um retrocesso. Nenhum outro país, seja a China, o Japão, a Coreia do Sul, e o próprio Brasil, fez o que ele está fazendo. O nosso comércio com todos os outros países continua seguindo as regras da Organização Mundial do Comércio. O retrocesso é em tudo que se refere aos Estados Unidos. É considerável, mas não é com o mundo inteiro.

No Brasil, a indústria perdeu peso na composição do PIB. Como o senhor vê as iniciativas do governo para a reindustrialização?
Não vejo a mais remota possibilidade de isso acontecer no momento. Prevalece no Brasil um conjunto de fatores que são muito desfavoráveis à indústria. Um deles é o custo de capital, que agora piorou, com a taxa Selic a 15%. Outro fator é a instabilidade cambial. O problema do dólar não é se ele é alto ou baixo, é ele oscilar muito. E tem oscilado. O terceiro fator é a burocratização, a falta de eficiência. De dez anos pra cá, não vi melhoria nenhuma nessas áreas. Não sei por que as pessoas falam que está havendo possibilidade (de reindustrializar). Esse governo é tão ruim quanto os anteriores.

Mas, por exemplo, marcas chinesas de veículos estão implantando fábricas no país para montar veículos...
Isso é positivo. Mas é uma decisão de um investidor estrangeiro. E ele visa o mercado brasileiro e latino-americano. As perspectivas de industrialização são limitadas. Os investidores brasileiros não investem, porque com uma taxa Selic de 15% quem é que vai investir em indústria? As perspectivas que eu vejo são limitadas a exemplos como esse da China, que não são muitos.

Mas o senhor acha que o país oferece oportunidades em setores que estão emergindo, por exemplo, novas fontes de energia limpa?
Pode ser que no futuro exista uma oportunidade na transição da energia, à medida que o problema climático se torne grave. E se o Brasil conseguir aproveitar o acesso a fontes limpas e renováveis, não só a eletricidade hídrica, mas também solar, eólica, da biomassa, a produção de hidrogênio líquido, isso pode facilitar. Por exemplo, a inteligência artificial vai depender maciçamente de energia elétrica barata. Para isso, é preciso que o Brasil avance nesse caminho. E até agora, como você sabe, há muitos anúncios de hidrogênio, mas pouca coisa saiu do papel.

Mesmo tendo perdido participação na economia, a indústria brasileira continua com base diversificada?
Ela é uma indústria diversificada. Ela sobretudo se ampara no mercado doméstico. É isso que tem mantido essa indústria. E há alguns setores que se destacam. Temos empresas como a Weg, a Tupy, a Embraer. Eu acho que a gente tem que estudar esses casos, e tentar multiplicar aqueles que se revelaram eficazes. E esses segmentos deveriam receber estímulos do BNDES, através de investimentos.



ANA PAULA PAIVA/VALOR

Novo
Fiat Fastback.
Revele a sua melhor versão.

Um SUV com
S de super.

DESACELERE. SEU BEM MAIOR É A VIDA.

Versão híbrida
Porta-malas de 600 litros
Teto solar panorâmico

FIAT

INDÚSTRIA DO AMANHÃ

FALTA MÃO DE OBRA PARA A INDÚSTRIA

Estudo mostra que para atender à demanda nos próximos anos, será necessário qualificar cerca de 14 milhões de trabalhadores até 2027, principalmente na área de automação. Desafio é atrair jovens que hoje preferem empreender

JOÃO SORIMA
joao.sorima@sp.oglobo.com.br
SÃO PAULO

DIVULGAÇÃO



Linha de produção. Treinamento com novas tecnologias, como IA, é uma das tentativas da indústria de atrair jovens profissionais

Na chamada revolução 4.0 da indústria, em que os processos de fabricação incluem novidades como internet das coisas, automação com conectividade, realidade virtual e inteligência artificial (IA), as linhas de produção no Brasil e do mundo sofrem de um problema crônico: falta de mão de obra qualificada. Trata-se de um fenômeno que tem impacto direto na produtividade das empresas e no crescimento do país.

— Isso reduz a competitividade da indústria. Os custos de produção ficam mais altos e há desestímulo à manufatura. Uma consequência é um freio no potencial de crescimento do país — diz Juliana Inhasz, professora de economia do Insper.

Entre os fatores que provocam a falta de mão de obra está o descompasso entre a formação de pessoas e as necessidades das empresas, e o envelhecimento da população, explica o superintendente de Educação Profissional e Superior do Senai, Felipe Morgado.

Para especialistas, o Brasil precisa acelerar a formação de jovens para cobrir esse déficit. O Mapa do Trabalho Industrial 2025-2027, elaborado pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), revelou que, para atender às demandas nos próximos anos, será necessário qualificar cerca de 14 milhões de trabalhadores até 2027. Desse total, cerca de 2,2 milhões vão precisar de formação inicial para preencher novas vagas e substituir aqueles que deixarão o mercado de trabalho. Os demais 11,8 milhões já empregados precisarão de requalificação para se adaptarem às transformações tecnológicas. Morgado lembra que o Brasil vem investindo em educação profissional, mas ainda está distante de outros países. O percentual dos jovens que fazem educação profissional no Brasil é de 11%. Em países como Chile, são 33%:

O fluxo de formação menor do que a necessidade do país se reflete nas empresas. A ManpowerGroup, consultoria especializada em soluções de gestão de força de trabalho, constatou que 81% dos empregadores brasileiros tiveram dificuldades, no ano passado, para encontrar profissionais com as habilidades necessárias. O Brasil ficou acima da média global de 74%. O relatório aponta setores como Tecnologia da Informação e Dados (39%) como os mais desafiadores para encontrar profissionais.

Em São Paulo, principal polo industrial do país, a Fiesp encontrou numa pesquisa conduzida pelo Instituto Locomotiva outra razão para as vagas abertas na indústria. Entre 1,5 mil entrevistados pelo levantamento, apenas 11% mostraram interesse em ser empregados da indústria. Mais da metade (58%) querem trabalhar por conta própria.

— É uma mudança em relação a seus pais. Ter mais flexibilidade e possibilidade de gerar renda mais rapidamente é um dos motivos que levam a nova geração a preferir empreender, em detrimento do trabalho na indústria — diz Renato Meirelles, presidente do instituto.

Para atrair o interesse dos jovens pela indústria e suprir a demanda do setor, seja no ensino profissionalizante ou em nível superior de educação, a academia, federações de empresários e as próprias empresas vêm mudando a forma de ensino e criando suas próprias escolas para qualificar jovens. A oferta de treinamento com novas tecnologias, como IA, também é uma forma de atrair as pessoas.

CISBRA e O Globo:
100 ANOS CONECTANDO HISTÓRIAS E
IMPULSIONANDO O DESENVOLVIMENTO DO BRASIL



O Sistema CISBRA celebra e parabeniza o centenário do Jornal O Globo. É com imenso orgulho que compartilhamos um século de trajetória, cada um em sua esfera, contribuindo ativamente para o progresso do Brasil. Enquanto O Globo narra e ilumina os caminhos do país, a CISBRA atua como um motor do comércio exterior, conectando o Brasil ao mundo. Juntos, seguimos inspirando a próxima centena de anos de inovação e progresso.

CISBRA 100
CÂMARA DE COMÉRCIO, INDÚSTRIA E SERVIÇOS DO BRASIL

UM SÉCULO DE LEGADO.
UM FUTURO DE CONEXÕES.

cisbra.org.br sistemacisbra

NO CENTENÁRIO DO JORNAL O GLOBO,
O BMW GROUP CELEBRA NO BRASIL
3 DÉCADAS DE TRANSFORMAÇÃO, EXCELÊNCIA
E PURO PRAZER DE DIRIGIR.



Desacelere. Seu bem maior é a vida.

BMW GROUP
Brasil

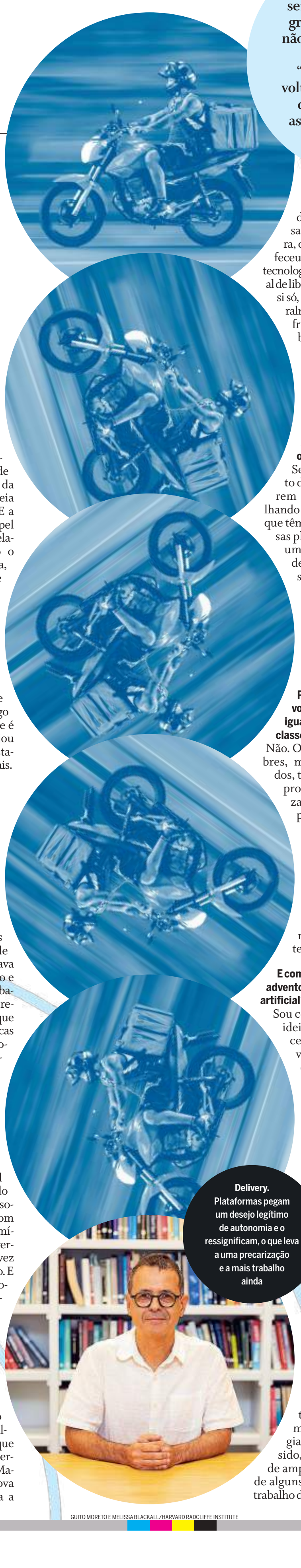
ENTREVISTA

Paulo Fontes / HISTORIADOR

Segundo professor da UFRJ, a ideia de que as pessoas trabalhariam menos com mais tempo livre para a família e o lazer é utópica

PAULO RENATO NEPOMUCENO paulo.renato@oglobo.com.br

'TALVEZ O MUNDO HOJE SEJA MAIS INDUSTRIAL DO QUE NUNCA FOI'



> "Por ora, a IA está sendo monopolizada por grandes oligopólios, que não têm interesse público"

> "O centro do debate é voltar a buscar a dignidade do trabalho como um aspecto central na nossa sociedade"

No momento de efervescência da expansão da tecnologia que promete redesenhar o mundo como o conhecemos, o debate sobre as relações trabalhistas nunca esteve tão em alta. O advento das redes sociais, o auxílio da internet para o fornecimento de serviços, o aumento da demanda por negócios feitos na palma da mão, a informalidade crescente e a pressão previdenciária cada vez maior renovam o debate sobre os rumos do que tradicionalmente conhecemos como emprego.

A inteligência artificial generativa, que vem tomando espaço nas companhias e processos, foi, inclusive, um dos temas levados em conta para a escolha de batismo do novo Papa. O americano Robert Francis Prevost citou o advento da tecnologia como um desafio semelhante ao enfrentado pelo Leão antecessor, o XIII, pontífice que defendeu a dignidade dos trabalhadores na era da Revolução Industrial, no fim do século XIX.

Diante desse novo cenário, como será o futuro do que conhecemos como trabalho? Diante das novas relações trazidas pela tecnologia, veremos, assim como o Papa quer, dignidade? Para o professor Paulo Fontes, do Instituto de História da UFRJ e visitante no Instituto Radcliffe, da Universidade de Harvard, nos EUA, a identidade do trabalho já passa por uma crise, com a indústria perdendo o papel simbólico de transformação social enquanto os avanços tecnológicos não se refletiram em uma melhora de vida.

Quais as transformações que as relações trabalhistas trouxeram no último século?

O século XX foi um século de muitas mudanças, mas o trabalho teve um papel central. As transformações do Estado, as forças políticas e sociais tiveram um aspecto central, que vinha do século XIX, mas já no século XX há a noção política e social de classe trabalhadora. E a identidade do trabalhador unificava boa parte do mundo social. Mas esta identidade tem estado em crise nas últimas décadas. As pessoas acabam esquecendo ou negligenciando o papel central que o trabalho teve durante boa parte do século. Talvez o mundo hoje seja mais industrial do que nunca foi, mas estamos vivendo uma desindustrialização como símbolo de transformação social.

Que crise é essa?

Ela vem dos anos 1980 e 1990, a partir do neoliberalismo. Mudanças que passam pela desindustrialização, enfraquecimento de sindicatos, questionamento de políticas de bem-estar social. Enfim, da identidade baseada na ideia de classe trabalhadora. E a crise de 2008 tem um papel forte de desestruturar as relações políticas em todo o mundo. E veio a pandemia, quando se percebeu o que a dependência de cadeias produtivas globais provocava em situações de crise, muitas vezes com potencial fatal. E, de certa forma, as políticas tarifárias de (Donald) Trump têm essa retórica, de que elas vão trazer de volta (aos EUA) o emprego industrial. Mas a verdade é que a indústria que forjou uma potência como os Estados Unidos não voltará mais.

O avanço tecnológico que vemos hoje alterou nossa percepção sobre as relações de trabalho?

No século XX, a indústria automobilística simbolizou as relações de trabalho graças ao fordismo, com a ideia de que há uma linha de produção em que as pessoas ocupavam determinadas posições na construção de um produto final. Isso gerava todo um ciclo econômico e um ciclo de relações de trabalho e relações sociais. Mas rejeito um pouco a ideia de que transformações tecnológicas trazem transformações sociais. Acho que as mudanças tecnológicas estão dentro de um conjunto de mudanças sociais do qual elas fazem parte. Elas não são prévias, não são elas que provocam. A ideia de que as transformações tecnológicas, de que o trabalho duro, braçal e pouco intelectualizado desapareceria, que as pessoas trabalhariam menos, com mais tempo livre para a família, o lazer, é utópico. Na verdade, o homem está cada vez mais enredado no trabalho. E trabalhando mais. A tecnologia não tem sido libertadora, mas tem aprisionado o homem mais ao trabalho.

Por quê?

A gente vê as pessoas carregando comida de bicicleta em ladeiras, com trabalho braçal, e ao mesmo tempo uma fazenda com última tecnologia, drones que fiscalizam a produção, internet que liga quem está no Mato Grosso à Bolsa em Nova York e Chicago. Embora a gente tenha muito mais tecnologia dentro da nossa casa, até robô que aspira, o trabalho não arrefeceu por conta dela. A tecnologia tem um potencial de liberação, mas ela, por si só, não se realiza naturalmente. Tem que ser fruto de políticas públicas, de relações sociais.

Você acredita que os serviços por aplicativo têm alterado a percepção da sociedade sobre o trabalho?

Sem dúvidas. A ponto de as pessoas acharem que estão trabalhando por conta própria, que têm autonomia. E essas plataformas pegam um desejo legítimo de autonomia e ressignificam esse desejo que, no fundo, leva a uma precarização do trabalho e, na verdade, leva a mais trabalho ainda.

Portanto, a crise que você citou não atinge igualmente todas as classes?

Não. Os setores mais pobres, menos escolarizados, têm sofrido mais o processo de precarização. No delivery, por exemplo, você não encontra pessoas com mestrado ou doutorado, como nos transportes por aplicativo. Há uma estratificação social nessas plataformas. É preocupante.

E como você vê o advento da inteligência artificial?

Sou cético em relação à ideia do potencial necessariamente inovador e libertador dessas tecnologias. A gente vive num mundo em que poucas empresas dominam de fato a produção dessa tecnologia. Acho que ela tem um potencial revolucionário, sim, mas isso deve estar articulado a relações políticas e sociais. Por ora, a IA está sendo monopolizada por grandes oligopólios, que não necessariamente têm interesse público, transformador, permitindo que as pessoas trabalhem menos e melhor. A tecnologia vai ser, como tem sido, um instrumento de ampliação da riqueza de alguns e de aumento do trabalho da maioria.

E qual a sua perspectiva sobre o futuro do trabalho?

As perspectivas das agências que costumam fazer projeções parecem otimistas de um lado, porque acham que a IA poderá potencializar conhecimento, mas, do ponto de vista das pessoas comuns e do trabalho, há pessimismo, porque percebem o risco. A tecnologia, por si só, não é transformadora, mas dentro de um conjunto de transformações políticas e sociais, não sabemos para onde elas caminharão.

Flexibilidade é uma demanda crescente. Como você vê este movimento?

A ideia de busca por autonomia é antiga, nasce junto com o próprio trabalho, pois os trabalhadores sempre buscaram controlar seus processos. E hoje ela aparece com força porque estamos controlados pelo trabalho. O trabalho domina a vida da maioria das pessoas. E é uma busca de tentar escapar desse controle quase absoluto.

E como deverá ser a educação para o trabalho do futuro?

O investimento em educação no Brasil tem sido errático por diversos governos. A educação não pode ser apenas em função do mercado, mas, obviamente, precisa dialogar com isso, para, enquanto nação, poder estar dentro dessas grandes transformações. Acho que isso deve estar articulado, pois hoje temos novos desafios. Pensar em uma educação com pensamento crítico e que estimule a transformação social dentro desse contexto é um enorme desafio para a sociedade.

E qual o futuro dos sindicatos?

O sindicalismo como instituição é algo muito importante para a democracia e para combater desigualdades sociais, e continuará sendo. O enfraquecimento de sindicatos, que tem acontecido nos últimos anos em nível global, é algo que deve ser lastimado, pois sindicatos fracos acabam favorecendo a ampliação das desigualdades, da precarização do trabalho, o que favorece sociedades mais violentas. E isso precisa ser revertido pelos próprios trabalhadores, mas também pelo movimento sindical, que comete muitos erros, burocratiza-se e se afasta dos trabalhadores. É preciso pensar essa nova classe, em que o papel da mulher é essencial e as relações raciais precisam estar em primeiro plano.

E a dignidade, como você enxerga este tópico nas relações atuais?

A dignidade do trabalho é algo absolutamente central para a própria ideia de classe trabalhadora. É pensar que cada trabalho, por mais braçal, merece ser considerado digno. E os movimentos sociais constituídos em torno do trabalho tiveram na busca da dignidade um aspecto vital na sua própria constituição. E essa crise do trabalho vem colocando em xeque a ideia de dignidade. O centro do debate é voltar a buscar a dignidade do trabalho como um aspecto central na nossa sociedade. É um elemento chave que deveria estar no centro da busca de todas as forças políticas interessadas na mudança social no Brasil.

Delivery. Plataformas pegam um desejo legítimo de autonomia e o ressignificam, o que leva a uma precarização e a mais trabalho ainda

GUITO MORETO E MELISSA BLACKALL/HARVARD RADCLIFFE INSTITUTE

27 de julho de 2025 INFORME PUBLICITÁRIO

Mudança Climática: um aviso da Mata Atlântica

–A perspectiva de uma árvore

ESCRITO POR:
PALMEIRA-JUÇARA,
IONIQ FOREST, BRASIL



Esta foto é apenas um exemplo para auxiliar na compreensão deste artigo e não representa a Mata Atlântica, no Brasil.

Sou uma Palmeira-Juçara, enraizada no coração da Mata Atlântica do Brasil, em Minas Gerais, no município de Viçosa.

Durante séculos, meu lar prosperou no ritmo previsível da natureza, uma delicada dança da vida que se desdobrava em harmonia com as estações do ano. Mas, agora, essa dança está sendo interrompida pela mudança climática: secas prolongadas que ressecam a terra, seguidas por chuvas torrenciais que inundam nosso solo.

Ainda me sinto assombrada pelo mês de abril do ano passado, quando chuvas inesperadas duraram até o amanhecer, nos encharcando com cerca de 16 mm de água. E, antes disso, março, que normalmente é um dos nossos meses mais úmidos, com uma média de chuvas de 145 mm, recebeu apenas 30,5 mm de precipitação.

Muitos anos atrás, condições mais quentes ao longo do ano, combinadas com padrões distintos de chuvas sazonais, criaram um ciclo harmonioso que governava a floração, a frutificação e o crescimento das mudas de meus ancestrais. Mas, desde que eu nasci, testemunhei o clima remodelar os ciclos de vida de meu lar na Mata Atlântica. Os padrões climáticos mudam e, com eles, também mudam as vidas que dependem deles. Nós, Palmeiras-Juçara, somos sensíveis a essa sincronia ecológica – a coordenação entre os diversos elementos de um ecossistema para fornecer suporte à sua saúde e equilíbrio – pois ela garante que os sistemas da nossa mata, desde o ciclo de nutrição até as interações entre espécies, funcionem em perfeita harmonia.

No entanto, as recentes mudanças climáticas na Terra interromperam a harmonia da nossa floresta tropical. Os padrões que antes eram confiáveis e que promoviam nosso crescimento e renovação, agora são irregulares, com intensas chuvas de verão e invernos reduzidos, desafiando o equilíbrio da nossa mata. Nós, as Palmeiras-Juçara, com nossas folhas características, que se assemelham às penas de um pássaro, historicamente prosperamos em nosso ambiente nativo, onde fornecemos abrigo e sombra naturais. No entanto, essas mudanças recentes representam novos desafios, e nossa capacidade de adaptação determinará nosso futuro nesse novo cenário imprevisível. No momento, nossa floresta tropical permanece em equilíbrio enquanto enfrentamos uma era de incerteza climática.

Os últimos meses foram uma triste amostra dessa mudança inquietante, com eventos de chuva intensa dando lugar a secas prolongadas. No final de fevereiro, passamos pelo dilúvio típico, com chuvas fortes variando entre 35 a 38 mm/hora. Mas, dois dias depois, as chuvas cessaram abruptamente, dando início a uma seca incomum que durou até o início de março. As consequências dessa mudança abrupta foram imediatas e profundas. O déficit de pressão de vapor (DPV) aumentou para 1,8 a 2,0 kPa, forçando minhas folhas a perder umidade a uma taxa acelerada. Meus níveis de umidade do solo caíram de 0,34 para 0,182 metros cúbicos, um declínio acentuado que me deixou com dificuldades.

Então, a queda de temperatura e a chuva escassa de junho tornaram as coisas ainda mais difíceis. Esses padrões alarmantes não são meros incidentes isolados. Nos últimos anos, os extremos se intensificaram, com secas mais frequentes e prolongadas após chuvas intensas. A imprevisibilidade recente é anormal nos força a entrar em um estado constante de lutas, com cada dia se tornando uma batalha.

Durante os dilúvios, minhas raízes úmidas lutam contra o solo encharcado. Ele fica pesado e minhas raízes, uma vez fortes e resilientes, começam a apodrecer, enfraquecendo minha base. Depois, quando as chuvas cessam, os períodos de seca ressecam a terra, me forçando a buscar água cada vez mais fundo, procurando a umidade evasiva. É um ciclo interminável de estresse, que me deixa exausta e cada vez mais vulnerável.

Mas as mudas ao meu redor são ainda mais impactadas conforme se esforçam para se estabelecer em meio à imprevisibilidade. Suas raízes jovens são incapazes de suportar condições extremas. O frio só aumenta seu sofrimento, as quedas repentinas de temperatura enviam ondas de choque por seus delicados sistemas. Seu crescimento diminui e suas chances de sobrevivência são reduzidas. Mesmo eu, uma Palmeira-Juçara veterana, sinto o fardo. Frentes frias inesperadas me deixam em um estado quase dormente, com meus processos de manutenção da vida se esvaindo. Minhas folhas, antes volumosas e vibrantes, agora carregam as marcas do esforço, suas bordas ficam enroladas e sem cor.

Mas não somos apenas nós, as árvores, que são afetadas. O clima errático perturba a rede interconectada da vida que depende de nós.

No passado, nossa floração se sincronizaria, criando um banquete para as espécies que se alimentam de frutas que dependem da nossa dádiva. Mas, agora, a sincronia da nossa floração se perdeu, com algumas de nós florescendo semanas antes do esperado, enquanto outras demoram mais do que o normal. Isso quebra o ritmo do nosso ecossistema, deixando pássaros e mamíferos à procura de frutas que não estão mais aqui. Essa ruptura enfraquece as redes de dispersão de sementes que são vitais para a regeneração das nossas espécies.

Espécies de grandes altitudes, como a nossa, também produzem sementes mais leves durante as secas, as quais têm menor chance de se transformar em árvores saudáveis. Mudanças em nossos ciclos naturais interrompem a sincronização entre as plantas e seus polinizadores e dispersores naturais, sobrecarregando ainda mais o nosso ecossistema.



Sensores de coleta de dados ecológicos acoplados a árvores da Floresta IONIQ no Brasil

As mudanças cada vez mais rápidas em nossa mata causaram danos. No entanto, há esperança. As áreas protegidas implementadas pelo ser humano desempenham um papel fundamental em nossa sobrevivência. Manter e expandir conscientemente regiões mistas como a nossa poderia melhorar a adequação climática para a minha espécie. Em tais refúgios, Palmeiras-Juçara como eu têm uma chance melhor de sobrevivência e recuperação, atuando como santuários vitais para a biodiversidade. Como uma espécie da floresta tropical, só podemos esperar que os seres humanos comecem a priorizar a conservação e a expansão cuidadosa de áreas protegidas. O fortalecimento dessas regiões pode mitigar os efeitos das mudanças climáticas e do desmatamento, oferecendo uma proteção à adaptação das espécies. É importante que os seres humanos compreendam melhor os padrões de sobrevivência das palmeiras em áreas fragmentadas. Essa compreensão ajudaria a aprimorar suas estratégias de conservação direcionadas.

Nossa floresta não é apenas uma coleção de árvores, mas um ecossistema vivo e que respira, um lar que devemos proteger para as próximas gerações. Por enquanto, nossa mata ainda respira, mas cada respiração parece mais fraca, mais superficial. Minha história não é apenas a história de uma mata; é um clamor para proteger a vida que sustenta a todos nós, porque nossas vidas e nosso ecossistema ajudam a sustentar os seres humanos seu ecossistema também.

A única pergunta é: a humanidade ouvirá minhas palavras?

Estamos começando com o primeiro milhão.

A Hyundai entende o valor de ajudar a restaurar ecossistemas e preservar a biodiversidade. É por isso que plantamos nosso primeiro milhão de árvores em 13 países com o projeto Floresta IONIQ. Para mostrar ao mundo a importância da conservação das florestas, a Hyundai está usando dados e inteligência artificial para dar voz às árvores da Floresta IONIQ. Tree Correspondents é uma iniciativa inovadora que permite que as árvores falem por si mesmas e por suas espécies.

Obtenha a história completa em **TreeCorrespondents.com**

HYUNDAI

Desacelere. Seu bem maior é a vida.

A Hyundai plantou um milhão de árvores em 13 países com o projeto Floresta IONIQ. Saiba mais em nosso Relatório Anual de Sustentabilidade em hyundai.com/worldwide. Este conteúdo foi gerado com o auxílio de inteligência artificial; por favor, verifique qualquer informação crítica, se necessário. A iniciativa Tree Correspondents coleta dados locais e ambientais por meio de sensores instalados em determinadas árvores das Florestas IONIQ na República Tcheca, Brasil e Coreia. Um sistema LLM personalizado interpreta esses dados, atuando como uma interface que transforma medições objetivas em narrativas expressivas contadas pelas próprias árvores.

INDÚSTRIA DO AMANHÃ

EDWARD PIMENTA
edward.pimenta@edglobo.com.br

DIA DOS PAIS NO BRASIL: HISTÓRIA LIGADA AO GLOBO

A criação da data festiva é capítulo da rica trajetória da propaganda no jornal, espelho de mudanças no país entre os primeiros anúncios no papel e o mundo digital

Irineu Marinho, fundador do GLOBO, acreditava que o jornalismo só seria independente com o apoio de empresas e da publicidade. Desde o lançamento, em 29 de julho de 1925, foi estabelecida com o mercado uma relação que ajudaria a moldar os rumos e os formatos da propaganda no Brasil.

Nos arquivos do jornal, a partir da publicação dos 50 anúncios da edição de estreia — vendendo de pianos alemães a tônicos revigorantes —, está contada a história da publicidade nacional, não como mera sucessão de campanhas, mas como espelho do país. Os anúncios da Ford, em 1928, refletem o impacto da chegada da indústria automobilística. No pós-guerra, na década de 1940, surgem mensagens ligadas ao lazer e ao consumo moderno. Nos anos 1950, no auge do nacionalismo, a Coca-Cola mostrou que também era "nossa" — em campanha marcante, que usava linguagem didática e belas ilustrações para afirmar sua integração à economia local.



REPRODUÇÃO

Dia dos Pais. Data criada pelo GLOBO foi celebrada pela primeira vez em 16 de agosto de 1953 e ajudou a impulsionar o comércio em mês de baixas vendas

DIA PARA CELEBRAR

O Dia dos Pais foi criado no Brasil por iniciativa do publicitário Sylvio Bhering, então diretor do GLOBO e da Rádio Globo, com o objetivo de, além da prestar a homenagem em família, impulsionar o comércio em um período de baixa nas vendas. A primeira celebração foi escolhida em 16 de agosto de 1953, por coincidir com o Dia de São Joaquim, pai de Maria e avô de Jesus. Na véspera, o jornal anunciava: "Pela primeira vez se celebrará amanhã o Dia do Papai... os filhos manifestarão aos pais toda a extensão do seu amor".

Os anos 1960 e 1970 refletem o otimismo do "Brasil Grande": anúncios celebravam o plano de ocupação da Barra da Tijuca em tom ufanista.

— O GLOBO participou dos principais movimentos do país também por meio da publicidade. Sua trajetória se conecta com a própria evolução da propaganda no Brasil — ressalta Rodolfo Medina, publicitário que preside o Grupo Dreamers.

A chegada dos anos 1980 marca a entrada do Brasil na guerra das marcas globais. A "guerra das colas" entre Pepsi e Coca-Cola ganhou as páginas do jornal em 1985, conectando o lançamento do ônibus espacial Challenger ao consumo jovem e ousado.

— Com O GLOBO, as marcas construíram sua reputação, trazendo visibilidade, credibilidade e proximidade com os consumidores brasileiros. Para o Grupo L'Oreal não foi diferente — diz Patrick Sabatier, diretor de Relações Institucionais da L'Oréal Brasil.

— O padrão jornalístico garantiu lugar de relevo entre anunciantes. Suas campanhas são o que a propaganda brasileira produziu de melhor. "Quando sua cidade sofre, o seu jornal grita" está entre as peças mais premiadas no país e fora — lembra Armando Strozenberg, jornalista e publicitário, sócio-fundador da agência Contemporânea.

— O GLOBO ajudou a moldar não só os formatos e a linguagem da comunicação, mas também a forma como as marcas dialogam com a sociedade. A publicidade evoluiu com o jornal, do anúncio impresso à convergência digital, sempre refletindo comportamentos, desejos e valores do nosso tempo — diz Marcia Esteves, sócia e CEO da Lew'Lara/TBWA e presidente nacional da ABAP.

Em 1988 deu-se a virada institucional: o jornal transformou sua linguagem publicitária para refletir o momento político das eleições diretas e a volta à democracia, posicionando-se como fórum da diversidade de opiniões num país em reconstrução.

Com os anos 2000, a chegada da internet e a mudança no comportamento dos consumidores levaram as marcas a buscar novas formas de se conectar com o público. A propaganda passou a incorporar pautas como responsabilidade social e sustentabilidade, indo além da exposição pura de produtos.

FUTURO É INTERATIVO

O GLOBO uniu a força do impresso à experimentação digital para gerar novos formatos narrativos. A integração entre plataformas e a criação de projetos especiais viraram estratégia comercial, incluindo a realização de eventos patrocinados e festivais como o Rio Gastronomia, com experiências ao vivo e ativações de marca. Esse caminho ganhou novo capítulo com a criação do estúdio de *branded content*, de produção de conteúdos sob medida para anunciantes, combinando storytelling e distribuição multiplataforma.

— Ao longo dos anos, O GLOBO uniu jornalismo ético e espírito inovador para transformar ideias em formatos que marcaram a evolução da publicidade no Brasil. Hoje, celebramos um futuro promissor e uma trajetória que se conecta com a forma que acredito que marcas devem se comunicar: com propósito, consistência e criatividade. — destaca Ana Moises, diretora de soluções de marketing do LinkedIn e presidente do IAB Brasil.



EDWARD PIMENTA
é diretor de Novos Negócios da Editora Globo

100 VERÕES BEM VIVIDOS.
E o melhor deles é sempre o próximo.

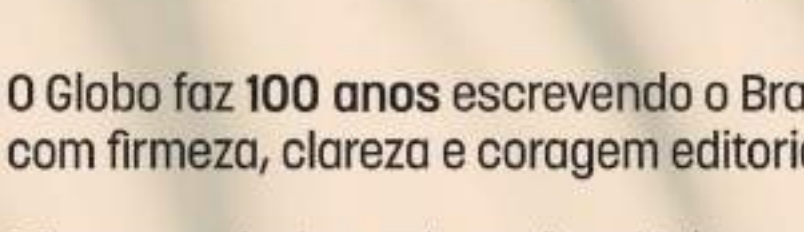
O Globo faz **100 anos** escrevendo o Brasil com firmeza, clareza e coragem editorial.

O Rio segue sendo o lugar onde as melhores histórias acontecem de verdade. Com luz própria e alma coletiva.

E a Orla Rio está onde tudo isso se encontra:
na beira do mar, no centro do momento,
no privilégio do agora.

De uma carrocinha à beira-mar para a maior rede de experiências ao ar livre do País.
Somos 309 quiosques, milhões de cariocas e turistas, e uma missão simples: transformar cada dia comum num verão inesquecível.

Parabéns, O Globo.
Seguimos juntos.
No papel, a história.
Na Orla, a experiência.
E no meio disso tudo: o Rio.



O maior ecossistema de experiências ao ar livre do Brasil.

orlario.com.br | saboresdaorla.com.br



POUCOS CONDUZEM UM VEÍCULO TÃO BEM QUANTO VOCÊS.

E DISSO A GENTE ENTENDE.

UMA HOMENAGEM À NOSSA PARCEIRA GLOBO, A NOVA INTEGRANTE DAS MARCAS CENTENÁRIAS DO BRASIL.

CHEVROLET | 100 anos

INDÚSTRIA DO AMANHÃ

GENTE DO GLOBO

Histórias de alguns dos milhares de profissionais que fazem parte da trajetória centenária do jornal



Elenilce Bottari
Repórter (até 2019)

"Trabalhei no GLOBO de 1988 a 2019, testemunhei mudanças no país e a transformação do jornal, do papel à era digital. Cobri casos como o Bateau Mouche, no réveillon de 1988, localizando empresários foragidos antes da internet. Atuei também na chacina de Vigário Geral, em 1993, em guerras nas favelas, sequestros de empresários, o assassinato do repórter Tim Lopes, o caso Amarildo. Com reportagens sobre candidatos criminosos, ajudamos a criar a Lei da Ficha Limpa. No caderno 'Órfãos da Violência' mostramos o impacto do crime nas famílias. Foram trabalhos que marcaram o Rio e a imprensa, dos quais muito me orgulho. Hoje, vivemos momentos de grandes e perigosas mentiras. Nunca a imprensa foi tão importante."



Paulo Francis
Crítico de teatro, diretor, jornalista e escritor (1930-1997)

Franz Paulo Trannin Heilborn adotou o pseudônimo famoso após atuar numa montagem amadora de "Romeu e Julieta", na década de 1950. Polêmico, provocador e de voz inconfundível, desenvolveu estilo próprio de defender ideias, combinando ironia com uma prosa de bate-papo sem compromisso. Sua coluna Diário da Corte passou a ser publicada no GLOBO em 1992. "Sempre escrevi o que me vinha à cabeça. Sem o formalismo da coluna política. Botei para fora. Às vezes, me diverti", escreveu no prefácio de um livro. Na TV Globo, foi correspondente e comentarista dos principais telejornais. A partir de 1993 fez parte do Manhattan Connection (GNT) e, em 1996, na estreante Globonews, entrevistava personalidades no programa Milênio.



Flávia Oliveira
Repórter e colunista

"Cheguei ao GLOBO em 1994, nos primeiros anos da minha carreira, e logo encarei o primeiro desafio, a cobertura do Plano Real. Sete anos depois, o 11 de Setembro mostrou o tamanho do compromisso dos jornalistas: o atentado fez todos os repórteres irem para a Redação sem serem convocados. Ali, saberíamos que o mundo não seria mais o mesmo. No jornal, editei cadernos especiais e fui titular da coluna Negócios & Cia. Desde 2008 sou comentarista da Globonews, mas na minha coluna semanal aqui, abordo temas que mantenho sempre próximos. Sou apaixonada pela socioeconomia, que trata dos enfrentamentos da desigualdade. Tenho todo apreço à coluna e ao jornal impresso, onde se mantém a possibilidade de eternizar pensamentos."



José Meirelles Passos
Repórter e correspondente (1949-2011)

Competente e discreto, portador de uma agudeza intelectual, como definem os colegas, Meirelles começou a carreira como repórter de jornais regionais na Baixada Santista e teve sua primeira experiência internacional cobrindo América Latina na IstoÉ, quando fazia viagens específicas, mas ainda morando em São Paulo. Em 1986, morando em Buenos Aires, começou no GLOBO, como correspondente. No ano seguinte, foi para Washington, para se consolidar como um dos mais importantes jornalistas brasileiros na cobertura internacional. Ficou lá por 30 anos, até retornar ao Brasil, em 2009, mantendo-se no jornal e na reportagem. Integrou, por exemplo a equipe do GLOBO na Copa da África do Sul, em 2010.



Roberto Maltchik
Editor-assistente (até 2022)

"Entrei no jornal em 2010, e tive o prazer de desempenhar as mais diferentes funções, por áreas igualmente variadas — desde repórter em Brasília até editor e apresentador do podcast Ao Ponto. Vivi muita coisa boa nesse período, como o próprio Ao Ponto, a cobertura de Política e Brasil, a parceria do time com o Marcelo Adnet para o Tutorial dos Candidatos,e a empreitada do videojornalismo de muito sucesso na campanha presidencial de 2018. Mas nada foi tão especial quanto o planejamento e a execução do plano da cobertura das Olimpíadas de 2016, quando várias editorias, lideradas por uma equipe unificada de Esportes e Rio, fizeram trabalho de excelência, que virou referência. Vida longa ao GLOBO!"



Mucio Bezerra
Repórter (1949-2009)

Diferentemente da maioria dos colegas, começou no ofício que o consagrou de forma tardia. Trabalhou como técnico de estradas antes de mergulhar no jornalismo onde, como lembram amigos, mostrou talento incomum com as palavras. Sempre se considerou uma pessoa do povo, o que norteava o objetivo de encontrar outros como ele: alguém que, através dos relatos do repórter, se tornava personagem. Potiguar de Macau, aprendeu a ler nos cordéis, e na vida a escrever. Deu num texto de excelência, que marcou época no GLOBO em reportagens lendárias, como a que o levou a Canapi, no sertão das Alagoas, para um perfil da família da então primeira-dama Rosane Collor. Mucio foi um craque.



Nadia Moraes
Assistente-executiva

"Minha trajetória no GLOBO começa em dezembro de 1995, ainda como temporária. Em junho do ano seguinte, fui contratada, para trabalhar com a Isa da Mata, mestra que hoje tenho a alegria de chamar de amiga. Menos de um ano depois, fui transferida para atuar como assistente da Chefia de Redação, atendendo os editores executivos e o editor-chefe Ali Kamel. Quando o Ali foi para a TV, fui promovida a assistente do diretor de Redação, Rodolfo Fernandes. Depois vieram Ascânio Seleme e, atualmente, Alan Gripp. São quase 30 anos de dedicação. Trabalhar, viver as histórias e acompanhar as notícias, das melhores às mais difíceis, dentro de uma Redação ética, responsável e de credibilidade é um privilégio que muito me orgulha."



Anderson Goes
Gerente geral de operações comerciais

"Comecei a trabalhar numa gráfica em 1994 e, em 1998, vi um anúncio no Boa Chance que pedia perfil parecido com o meu. Entrei com a digitalização da impressão e a fundação do Extra. Queríamos implantar os anúncios em formato digital e melhorar o recebimento dos arquivos da área comercial, então muito pesados. Iniciamos os testes do PDF, formato mais leve, que gerava menos erros e poderiam ser enviados por e-mail. Foi uma revolução no fim dos anos 1990. Mexemos nos códigos para ter qualidade de impressão. Para realizar os testes, gastamos diversos filmes até chegar à perfeição. Meu chefe ficou doido. A Editora Globo aposta nos talentos que trazem novas ideias. Hoje sou responsável pela interlocução com a Redação, o comercial e o Parque Gráfico."



Carlos Ulrichsen (Carlão)
Técnico de publicidade (até 2017)

"Trabalhei no GLOBO por 32 anos, e era responsável pelos anúncios. Comecei num tempo em que jornalista trabalhava de terno, não existia internet, e os materiais físicos para fazermos os anúncios vinham por despacho aéreo. Sucursais de Porto Alegre e Belo Horizonte, por exemplo, geralmente não tinham tempo hábil para mandar. Como resolviam? Iam ao aeroporto e pediam para um passageiro de um voo em direção ao Rio trazer. Ficava esperando no saguão de desembarque com uma placa 'Carlão — jornal O GLOBO'. Sempre gostei muito do trabalho, formei filho assim, com a empresa pagando os estudos, do primário ao curso superior. E fiquei famoso pela frase inventada pelo colega Marcio Tavares: 'Carlão na redação é sinal de confusão.'"



Paulo Motta
Repórter, editor e editor-executivo (até 2018)

"As máquinas de escrever faziam um ruído intenso, todo mundo tinha que falar mais alto do que elas para se comunicar. As pessoas trabalhavam em mesas giratórias, que tinham uma máquina de escrever em um lado e uma superfície lisa do outro, para os repórteres pousarem o bloco de apuração, onde estavam anotados números, cargos, nomes, declarações, observações. Nesse espaço, ficava o telefone fixo, com fio. Para usar, tinha de discar 0 para conseguir linha. Com frequência, caíam restos de café e cinzas de cigarro (a maioria fumava) no chão. Fui um dos pioneiros na cobertura da questão ambiental, o que me rendeu o apelido de 'repórter florzinha'. Mas tudo certo. Em primeiro lugar, sua excelência, a notícia."

INDÚSTRIA DO AMANHÃ



Lutero Mota Soares
Secretário de Redação (1936-2011)

Conhecido pela cultura assombrosa e por um mau humor de fazer rir, Lutero recebeu, perto do fechamento de mais uma edição, o telex de uma agência a notícia (lacônica) do afastamento do presidente da então União Soviética, Mikhail Gorbatchov, por razões de saúde. Versado nos descaminho do mundo comunista, desconfiou. Nos tempos analógicos, ativou contatos que havia feito no país durante o curso de Letras na Universidade Russa da Amizade dos Povos. E cravou, com exclusividade numa nova edição, que o líder fora deposto. Furo internacional. Lutero foi ainda editor de política e secretário de Redação, responsável pelo horário de fechamento. Aos editores atrasados, reservava bordão lendário: "Vai para o vinagre!"



Regina Eleutério
Repórter e gerente geral de produtos (até 2014)

"Entrei no GLOBO em 1985, na Redação (ainda com máquinas de escrever) como repórter da Editoria Rio. Cobri enchentes, a constante crise na área da saúde, violência urbana e muitas matérias investigativas sobre desvio de verbas públicas. Ao longo dos anos 1990, fui repórter e subeditora, numa Redação já informatizada; de 2002 a 2014, gerente da Agência O GLOBO e depois Gerente Geral de Produtos. A parceria com a Redação teve experiências riquíssimas que deram nos guias O GLOBO, entre eles o de Roteiros do Rio Antigo (de 2004). Em qualquer tempo ou função, o contato humano e a possibilidade de criar — uma matéria, um livro, evento ou uma realidade diferente para alguém — foram os grandes presentes. Não à toa, fiz, no GLOBO, amigos de uma vida inteira."



Nadja Sampaio
Editora de Defesa do Consumidor (até 2011)

"Foi nos anos de congelamento de preços, tablitas e sumiço de produtos que entrei no GLOBO. O jornal já oferecia um serviço inédito: a coluna Defesa do Consumidor. Todo mundo falava: 'escreve para o GLOBO que a empresa resolve'. Mais tarde, virei responsável pela coluna, onde chegavam 70 cartas de reclamações por dia. O percentual de respostas e soluções ultrapassava 70%. O número de cartas foi aumentando, e consegui com um amigo o protótipo de programa no computador para facilitar o envio das reclamações e respostas. Minha mãe cadastrou no meu computador mais de mil cartas, para testá-lo. Quando implantamos na coluna, a Secretaria Nacional do Consumidor foi à Redação ver o trabalho, e, assim, nasceu o banco de dados do consumidor.gov.br. "



Bernardo Mello Franco
Colunista

"Comecei a ler O GLOBO na casa do meu avô Rogério. Quando criança, ia direto às notícias do Flamengo. Depois expandi meus interesses, entrei na faculdade e fui selecionado para o estágio, onde descobri que a melhor escola de jornalismo é a Redação. Passei pelo Bairros e pela Política até ser transferido para a sucursal de Brasília pelo saudoso diretor Rodolfo Fernandes. Tive a chance de conhecer o país na busca por boas histórias na Amazônia, no Pantanal e no sertão nordestino. Saí e voltei em 2018 como colunista. Quando posso, pego meu bloquinho de repórter para participar de grandes coberturas como as do G20, no Rio, e do conclave, em Roma. Continuo a ler a edição impressa e gosto de trocar ideias com leitores que há décadas acompanham a vida brasileira pelo jornal. Como meu avô."



Cláudia Lobo
Coordenadora de ações de marketing (até2020)

"Tinha 21 anos quando entrei no GLOBO como estagiária. Comecei acompanhando as visitas das escolas à Redação e ao Parque Gráfico. Todos me recebiam de forma carinhosa quando entrava com grupos de crianças, que viam de perto o dia a dia dos jornalistas. Permaneci 33 anos, até a pandemia. Jornada incrível, onde vivi os melhores momentos da minha vida, porque além da realização profissional, fiz vários amigos. Tive muitos momentos marcantes! Num deles, quase derrubei o Dr. Roberto Marinho no hall do auditório do antigo prédio do jornal. Achei que minha carreira recém-iniciada terminaria ali mesmo. Mas ele foi de extrema gentileza, até riu da situação. O GLOBO hoje não é mais só um veículo de informação, mas uma referência em experiências".



Luis Erlanger
Editor-chefe (até 1995)

"Sou um raro profissional de imprensa com longa carreira em um único veículo. Entrei no GLOBO como estagiário, em 1974, e deixei o lugar de editor-chefe em 1995. Passei por cargos, editorias e chefias, com duas temporadas em Brasília e coberturas internacionais. A Redação que encontrei era suja e com móveis em mau estado. Era um milagre achar uma máquina de escrever com todas as teclas funcionando. Mas entendi a estratégia: primeiro investir em bons profissionais, depois cuidar do mobiliário. A gente sobreviveu e passou a ser pioneiro nos avanços tecnológicos. Hoje, a importância de um grande jornal só aumenta. Só um veículo de comunicação como O GLOBO faz a curadoria do que realmente importa, e, acima de tudo, traz a análise isenta sobre os fatos".



Mara Caballero
Cronista e editora (1950-2003)

Uma carreira marcada pela busca incansável de personagens, tendências e ideias inéditas — assim se pode descrever a trajetória jornalística de Mara Caballero. Curiosa, sofisticada e divertida, foi uma das pioneiras na popularização do noticiário de celebridades, comportamento, saúde, família e moda. Em duas passagens pelo GLOBO, produziu reportagens inovadoras e foi editora do então caderno ELA a partir de 1993, criando o suplemento de sucesso pela sofisticação com a exata pegada carioca. Jamais por acaso, Mara também era especialista no carnaval das escolas de samba. Cobriu por muitos anos os desfiles e guiou gerações de jornalistas pelos bastidores da festa. Assinou ainda a coluna Front, tratando com irreverência histórias da cidade e do país.



Lan
Cartunista (1925-2020)

O italiano de nome comprido — Lanfranco Aldo Ricardo Vaselli Cortelline Rossi Rossini — descobriu-se para a caricatura aos 16 anos, ao desenhar um professor detestado pela turma. A paixão pelo Rio veio ao visitar a cidade de férias, enquanto trabalhava para sete publicações em Buenos Aires. Diante do encantamento pela cidade e pelas mulheres, juntou as malas e se mudou em 1952. Passou por Última Hora, Jornal do Brasil e, em O GLOBO, trabalhou entre 1955 e 1957 e de 2002 até morrer. Ilustrou também chamadas na TV Globo. Inimigo das retas, criou as "cariocaturas" cheias de curvas. Buscou se representar também pelo Baixinho, personagem que admirava as mulheres que desenhava. Produziu ainda capas de discos célebres para artistas da MPB.



Lea Penteado
Repórter (até 1985)

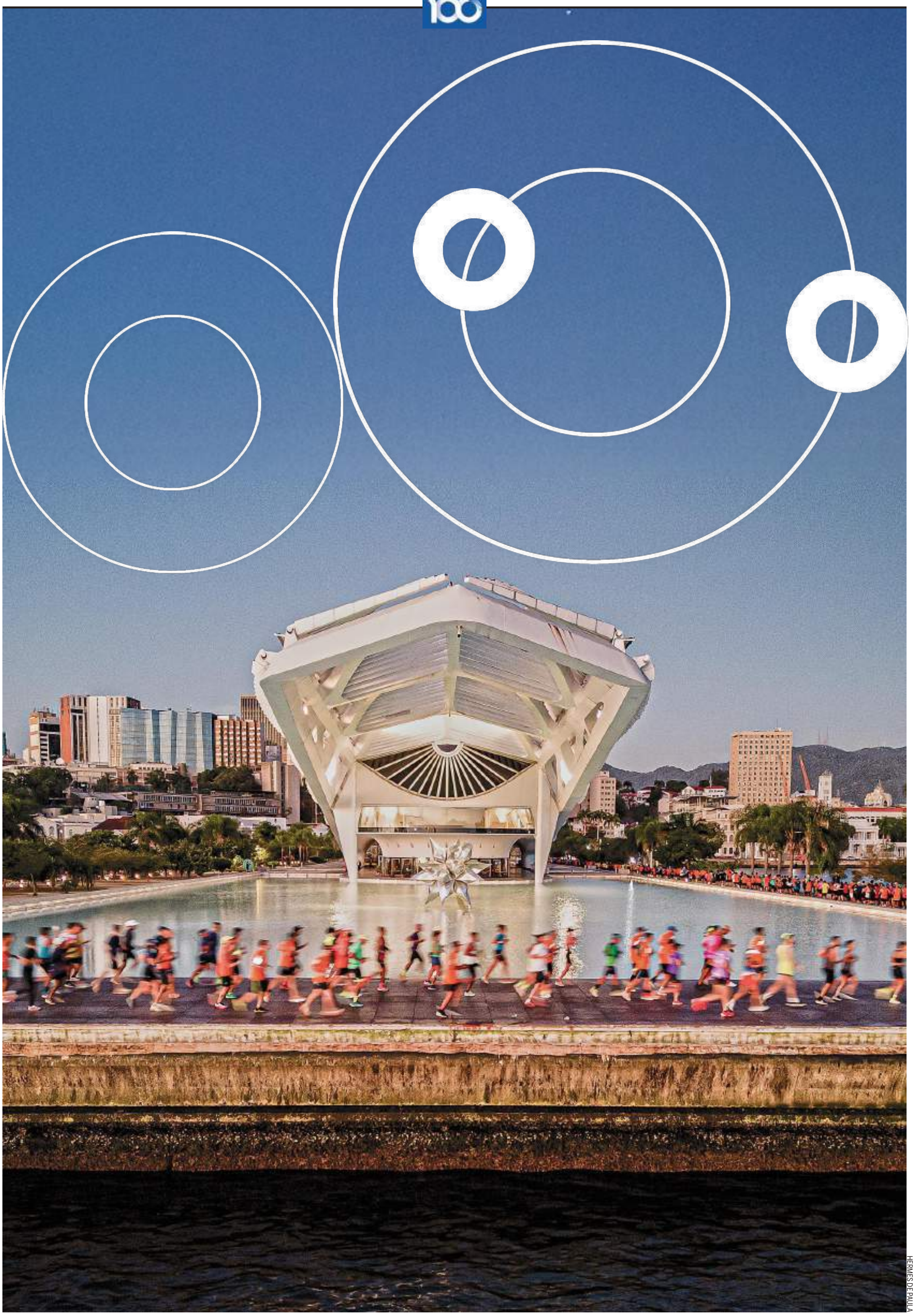
"Em agosto de 1984, Roberto Medina anunciou o Rock in Rio e fui entrevistá-lo para o Segundo Caderno. Vivi a experiência incrível e única de atestar o tamanho daquele evento, que, contra todas as probabilidades, aconteceria em um país iniciante no show business. Diante do que vi, fiz muitas reportagens, a ponto de, quando O GLOBO firmou parceria para editar um tabloide exclusivo para o festival, ter me transformado em autoridade nele. Quantos caminhões de terra, quilômetros de grama, metros de fios para iluminação, detalhes da Cidade do Rock, quem era quem na equipe... Antes da estreia, fiz uma entrevista exclusiva com Roberto, que contou o sonho de ser poeta, a influência do pai, os desafios do rock. Os muitos encontros afinaram a nossa relação."



Sérgio Abdon
Gerente de projetos especiais (até 2017)

"Vivenciei inúmeras transformações tecnológicas no dia a dia do jornal, como da máquina de escrever para o computador, do pager para o celular, da impressão em fotolito para a digitalização e do papel para o on-line. O mais marcante, porém, foi liderar iniciativas que alcançaram grandes resultados em suas respectivas épocas, como o Departamento Criativo, na Área Comercial, a Academia Infoglobo, na Área de Recursos Humanos e o Rio Gastronomia, na Área de Projetos Especiais, este um grande sucesso até hoje. Foram 29 anos, de 1998 a 2017, período no qual exerci funções como fotógrafo e redator de publicidade, coordenador de vendas, de criação, gerente de Operações Comerciais, de Recursos Humanos e de Projetos Especiais."


enel
BRASIL
O Globo.
100 anos perto
dos seus leitores.
Homenagem da Enel ao jornal
que, há um século, informa
milhões de brasileiros com
compromisso e energia.
Enel, mais perto de você.



HERMES DE PAULA

SAÚDE EM PRIMEIRO LUGAR

Criado pouco depois de uma pandemia e celebrando seu centenário após outra, O GLOBO sempre teve ciência de que a saúde é prioridade. Hoje, os avanços tecnológicos e novas pesquisas abrem possibilidades para pessoas de todas as idades cuidarem do corpo e da mente.

NUNCA É TARDE PARA COMEÇAR

Adotar hábitos saudáveis, seja em que idade for, é a chave para o aumento da longevidade e a melhoria da qualidade de vida, recomendam especialistas

FOTOS DE CUSTODIO COIMBRA



Movimento. Ao ar livre ou na academia, o exercício é o ponto de partida para viver melhor e inspira a adoção de outros hábitos saudáveis, como parar de fumar



BERNARDO YONESHIGUE
bernardo.yoneshigue@oglobo.com.br

O ser humano nunca viveu tanto. No Brasil, a expectativa de vida ao nascer chegou a 76,4 anos em 2023, de acordo com o IBGE. Nos anos 1970, ela não passava de seis décadas. Mas viver mais, e melhor, não é uma sorte do acaso. Na verdade, é resultado de uma equação matemática em que a trajetória ao longo da vida pesa, e muito.

— Cerca de 20% dos fatores que determinam a forma como envelhecemos são genéticos, e cerca de outros 20%, ligados ao ambiente. Mas o que é mais importante para uma longevidade com saúde, que influencia em mais de 50%, é o estilo de vida — explica João Senger, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Feevale, no Rio Grande do Sul, e diretor do Centro de Estudos em Envelhecimento Instituto Moriguchi.

Nem todo mundo adota bons hábitos cedo. Para alguns, a preocupação com alimentação saudável e exercícios físicos passa longe. Outros, mesmo quando querem, não conseguem tempo para se cuidar. Com isso, muitos chegam aos 50 sem nunca ter seguido um bom estilo de vida e pensam se ainda dá tempo.

SEMPRE É TEMPO

A medicina responde que ainda vale. Incorporar bons hábitos pode, independentemente da idade, prolongar a vida e melhorar sua qualidade, explica Alessandra Tieppo, diretora da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia:

— Esses hábitos, mesmo adotados tardiamente, vão ajudar a retardar ou até reverter alguns processos. Atividade física melhora a perda muscular. Alimentação balanceada ajuda a controlar doenças crônicas como diabetes, hipertensão e colesterol alto. Conexões sociais, buscar novos aprendizados e cultivar hobbies são práticas que ajudam a evitar a depressão e o declínio cognitivo — aconselha a geriatra.

Os especialistas reconhecem que mudanças no estilo de vida não são simples. Por isso, recomendam pequenas modificações que, ao longo do tempo, motivam outras e se tornam práticas de longo prazo.

— Temos comportamentos que não são superados da noite para o dia, por isso a importância da implementação gradual. Com o tempo, as mudanças se tornam enraizadas — diz Bruno Gualano, presidente do Centro de Medicina do Estilo de Vida da USP.

O alerta é especial para os homens, que costumam dar menos atenção à saúde, lembra Milton Crenitte, geriatra e diretor técnico do Centro Internacional de Longevidade Brasil . Segundo o IBGE, enquanto a expectativa de vida da mulher é de 79,7 anos no Brasil, a do homem é de 73,1.

— As mulheres tendem a aderir mais a mudanças de estilo de vida porque se cuidam mais. É importante alertar sobre hábitos nocivos que, às vezes por conta de um machismo, muitos homens repercutem.

O PRIMEIRO PASSO

Para quem quer maior longevidade, o primeiro passo ideal é a atividade física, segundo uma pesquisa sobre envelhecimento que já dura mais de 30 anos no Instituto Moriguchi, conta Senger:

— O fumante que faz exercícios tem menos danos pelo cigarro. O obeso, menos danos pelo excesso de peso. A atividade física ameniza todos os outros processos e puxa outros bons hábitos. O obeso percebe que o excesso de peso atrapalha. O fumante vai ver que fica mais cansado do que o colega.

Gualano afirma que não há um sistema no corpo que não responda ao exercício, do cardíaco ao cerebral.

— Para quem nunca fez, a primeira dica é começar de alguma forma, sem pular degraus. Fazer algo dentro do condicionamento que o indivíduo tem. Pode ser em uma academia, um esporte, ou simplesmente um lazer, como andar com o cachorro, passear no parque, ir e voltar do trabalho a pé ou de bicicleta. Isso já vai condicionar a pessoa com o tempo. É importante não pensar em tirar todos os anos de atraso na primeira semana.

Um ponto-chave, conta Crenitte, é que a atividade inicial seja prazerosa para que se torne um hábito.

— Não precisa, no início, ter uma meta muito ousada. A OMS recomenda pelo menos 150 minutos de atividade física moderada por semana. Mas, se eu começar com essa meta, pode ser que fique triste, frustrado, acabe desistindo. O que se conseguir fazer no começo já está ótimo — diz.

Alessandra reforça ainda que a ideia de que há uma atividade física ideal leva muitas pessoas, especialmente idosos, a acreditarem que só podem fazer exercícios como hidroginástica, de menor impacto. O problema é que, mesmo sendo uma boa alternativa, não é o que todo mundo gosta, explica a geriatra:

— Às vezes buscamos atividades que já fizemos no passado ou práticas que sempre despertaram curiosidade, como uma luta, uma dança. O importante é que seja algo que se adapte à sua realidade. Hoje, temos pacientes que começam até mesmo corrida, luta marcial, com 60, 70 anos.

Sobre a busca pelo ideal, Gualano acrescenta que as redes sociais amplificaram uma noção do "mundo fitness" focada em motivação e desempenho, em que o indivíduo é o único responsável pelo seu estilo de vida. Na realidade, não é simples aderir a uma rotina com todos os hábitos saudáveis:

— Temos um contexto social muito importante que precisa ser levado em consideração. O indivíduo tem tempo para agregar o exercício na rotina? Tem dinheiro para uma boa alimentação?

Muitos fumantes acreditam não haver benefícios em largar o hábito após décadas. Mas um estudo de cientistas da Universidade de Michigan, nos Estados Unidos, publicado no American Journal of Preventive Medicine, constatou que quem parou de fumar aos 55 anos recuperou cerca de 3 anos e meio de expectativa de vida. Até quem largou aos 75 anos aumentou a longevidade.

PERDAS COM ÁLCOOL

O mesmo vale para o álcool. Crenitte lembra que a bebida é ligada a uma série de questões de saúde, como problemas no fígado, câncer, perda cognitiva e demência.

— O álcool é metabolizado de uma forma diferente no corpo de uma pessoa mais velha. A quantidade que a pessoa consumia aos 30 vai ser muito mais tóxica aos 60 — complementa.

Outra mudança que pode às vezes ficar de lado, mas tem um impacto grande na saúde cerebral é a socialização. É importante ter amigos, parentes, uma rede de apoio, além de hobbies como aprender uma nova língua, pintar ou ler.

A prática importa até para a saúde cardiovascular. A solidão e o isolamento social são associados a um aumento de cerca de 30% no risco de ataque cardíaco, derrame ou morte por um deles, de acordo com a Associação Americana do Coração.

Na alimentação, os especialistas reforçam que não é preciso dietas específicas, que muitas vezes são tendências passageiras. Uma regra de ouro mais fácil de ser seguida é evitar ultraprocessados e priorizar itens in natura: desembalar menos e descascar mais.

— Trabalhos de três anos mostram que uma em cada dez pessoas conseguem manter o peso perdido com uma dieta restritiva — diz Gualano.

Crenitte lembra que essas mudanças colaboram para a saúde sexual na meia-idade. Ele cita que a disfunção erétil costuma acontecer quando o sangue não flui direito no pênis. Atividade física, parar de fumar e controlar a pressão arterial combatem o problema.

A VIDA ESTÁ SÃ SE O SEXO É SÃO

Pessoas acima dos 50 anos vivem a sexualidade e podem obter a mesma satisfação de antes — ou algo melhor



ROSANE SERRO
Especial para O GLOBO

Odete Roitman é um fenômeno da dramaturgia nacional. Não só conseguiu aterrorizar espectadores durante décadas, como reencarnou, 37 anos depois, na nova versão de "Vale Tudo", rejuvenescida, bonita, segura e bem resolvida sexualmente. Debora Bloch, a Odete de 2025, e Beatriz Segall, a de 1988,encararam a personagem com a mesmíssima idade, 62 anos. Porém, antes odiada, hoje a vilã caiu nas graças do público, que nela identifica traços da geração que chegou às seis décadas de vida em nada parecida com as que a precederam. Ao contrário do pé no freio, trata-se de uma gente que quer sexo, hormônios e rock'n'roll.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a geração está certíssima, pois a saúde sexual "é fundamental para a saúde e o bem-estar geral de indivíduos, casais e famílias e para o desenvolvimento social e econômico de comunidades e países". Ou seja, diferente do que cantou Liza Minelli no filme "Cabaret" (1972), quem faz o mundo girar não é o dinheiro, e sim o sexo: bom, prazeroso, seguro, "livre de coerção, discriminação e violência". Só que, ao envelhecer, homens e mulheres se dão conta de que o tempo entorta o caminho até o prazer.

Muitos consideram que, com o passar do tempo, a prática desta sexualidade de harmônica, resultante da "autoafirmação de si, de seu corpo, autoestima elevada, bom humor e melhor qualidade de vida" — como escrevem Thiago de Almeida e Maria Luiza Lourenço no artigo "Envelhecimento, amor e sexualidade: utopia ou realidade?", publicado pela Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia, do Núcleo de Envelhecimento Humano da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) — se torna uma cacofonia.

Isto porque associa-se sexualidade à explosão hormonal, à força e ao vigor. Mas a passagem do tempo reduz libido, cuidado e autoestima ao impor pressões de ordem social, cultural, amorosa e profissional. E sobre todos os gêneros. Os homens, por exemplo, podem desenvolver distúrbios sexuais como disfunção erétil ou baixo interesse sexual, que levam à ansiedade e depressão e desencadeiam outras perturbações.

'SEXUALIDADE AMPLA'

Como consultor em envelhecimento ativo da Unesco e diretor do Centro Internacional de Longevidade Brasil (ILC-BR), o médico geriatra especialista em sexualidade Milton Crenitte tem divulgado em palestras e artigos o conceito de "sexualidade ampla", que não se restringe à penetração e leva em conta esse envelhecimento multifatorial.

— A sexualidade vai nos atravessar até o último dia da nossa vida. Então, não importa se a gente estiver com uma doença grave no coração, no cérebro, com Alzheimer. Não importa se a gente estiver no fim da vida, com câncer ou saudável. A sexualidade estará lá. Portanto, esteja bem consigo mesmo, durma o suficiente, se toque, dance, permita-se ter prazer. Este estar no mundo é a sua sexualidade. O que precisamos é fazer com que ela floresça sem preconceito, sem discriminação e sem nenhum sofrimento.

Crenitte ressalva, no entanto, que algumas intempéries podem afetar essa realização. Pessoas de todas as orientações sexuais podem se autoexcluir do mercado afetivo-sexual por não sentirem mais seus corpos atraentes ou desejados. E também por introjetarem preconceitos e tabus "da sociedade etarista e machista". Como a invisibilidade, que é observada tanto pelas mulheres hétero cis quanto pelos homens gays, e o medo da violência e da fetichização enfrentado pelas lésbicas.

PODER E PLENITUDE

Por outro lado, o ginecologista e obstetra Paulo Marinho, com mais de quatro décadas de prática clínica, informa que a maioria das mulheres com cerca de 60 anos que vão hoje a seu consultório não se sente castrada pela sociedade. Elas estão bem física e intelectualmente, mas dizem estar "perdendo o bonde da vida" e pedem reposição hormonal.

— Elas não sabem explicar porque precisam. Só sabem se comparar com quem faz, e eu preciso entender esse pedido como uma invocação. Elas querem ser donas de si e do próprio desejo. Não exatamente um hormônio — diz o médico.

FELICIDADE APÓS OS 50

Marinho conta que o melhor argumento contra a ditadura médico-consumista dos influenciadores sobre anabolizantes e outros suplementos era uma paciente sua, há cerca de duas décadas. Estrangeira, moradora do Brasil há muitos anos, tradutora, solteira, ela tinha 74 anos e dois amantes. Sem reposição hormonal. Sem inseguranças. Só alegrias. Ela aparecia no consultório de tempos em tempos, quando — palavras dela — "dava perda total".

— Eu a achava fantástica. A sexualidade dela não era excessivamente aflorada. Ela era o poder feminino em pessoa porque não se intimidava com a idade. Ela não abdicava do prazer por causa do olhar alheio. Afinal, aquela idade era dela, não dos outros. E ela a vivia com toda plenitude.

Quando se viu, aos 45 anos, em plena pandemia, sozinha, quarentenada e molhando o colchão de suor, a escritora Thalita Rebouças entendeu que sua menopausa havia chegado como um trator:

— Ela tromba, não manda recado. Eu brinco que tive 72 dos 74 sintomas. É tudo muito avassalador: você perde colágeno muito rápido, perde o viço, perde músculo. A saúde mental dá uma reviravolta. O sono fica ruim e isso prejudica o humor, a pele, o seu ânimo. As mucosas do corpo mudam e o lubrificante vira o melhor amigo da mulher.

A nova fase inspirou Thalita a compartilhar suas experiências com outras mulheres nas redes sociais e a escrever a série "Juntas e Separadas", sobre etarismo, exibida pelo Globoplay. Aliás, a menopausa pandêmica também trouxe para a escritora um novo amor, que já conta com cinco anos de muita libido.

— Ninguém me avisou, mas faço questão de avisar: o orgasmo conseguiu ficar melhor e mais intenso na maturidade. Você pode não chegar lá tantas vezes quanto na juventude, mas a qualidade é incomparável. Lembro de pensar, aos 20 e 30 anos, que estava no meu auge. Aos cinquentinha, é que me dou conta de que nunca estive tão feliz.

SAÚDE EM PRIMEIRO LUGAR

NOSSA HISTÓRIA

Uma fundação para a educação

JOÃO ALEGRIA
jalegria@globosat.com.br

A celebração do centenário do GLOBO convida à revisitação de uma trajetória que ilumina a história da imprensa brasileira. Marca também o nascimento de um projeto de comunicação pública, em que a informação de qualidade, a cultura plural e a educação emancipadora se entrelaçam como fundamentos para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e participativa. Nesse marco simbólico, a Fundação Roberto Marinho se soma reafirmando os vínculos profundos entre o legado de origem do jornal e sua própria missão institucional.

Ao criar O GLOBO em 1925, Irineu Marinho inscreveu no DNA do jornalismo brasileiro um projeto editorial comprometido com a clareza, o acesso público e a relevância social. Inspirado por uma formação autodidata e uma trajetória forjada nos bastidores das redações, concebeu um jornal moderno para os padrões da época: ágil, bem diagramado, atento à vida urbana e à vida nacional. Um jornal que informasse, mas também educasse.

Roberto Marinho, seu filho e sucessor, ampliaria esse horizonte. Com uma boa formação escolar e muita vivência prática na vida jornalística, ele integrou as dimensões empresarial, cultural e educativa da comunicação. Em sua atuação à frente das Organizações Globo (*antigo nome do Grupo Globo*), cultivou uma compreensão profunda do papel da mídia, na valorização da cultura nacional e na democratização do conhecimento.

Essa compreensão se desdobrou, de forma institucional, na criação da Fundação Roberto Marinho, em 1977. Desde então, a Fundação tem atuado como um polo de inovação educacional e cultural, alinhada à mesma vocação pública que moveu os Marinho — pai e filho — no campo do jornalismo. Com uma abordagem centrada em soluções socioeducacionais de qualidade, inclusivas e sustentáveis, a Fundação conecta tradição e futuro, presença territorial e tecnologia digital, redes colaborativas e metodologias baseadas em evidências.

Projetos como o Telecurso, o Canal Futura, o Aprendiz Legal, a plataforma co.liga e programas como A Cor da Cultura, Crescer Sem Violência e Maleta Juventudes testemunham esse compromisso: formar sujeitos críticos, ampliar oportunidades de aprendizagem ao longo da vida, valorizar o patrimônio imaterial e promover inclusão produtiva para as juventudes brasileiras. Todos são expressões contemporâneas do mesmo princípio fundador: comunicar para educar, educar para transformar.

A centralidade da cultura nesse percurso é inegável. Roberto Marinho foi também um colecionador, mecenas e articulador de importantes instituições culturais. Hoje, a Casa Roberto Marinho abriga não apenas sua coleção, mas um espaço de diálogo entre arte, memória e formação. A cultura, no âmbito da Fundação, é compreendida como vetor de cidadania, criatividade e coesão social.

A celebração dos 100 anos é também uma ocasião para reafirmar compromissos com a verdade, com o conhecimento, com a pluralidade cultural, com a juventude brasileira e com um projeto de país. É um chamado à continuidade do legado iniciador de Irineu e da visão transformadora de Roberto, agora renovado no trabalho diário da Fundação, que honra esse centenário mobilizando educação e cultura para o futuro do Brasil.



JOÃO ALEGRIA
É Secretário Geral da Fundação Roberto Marinho



ACERVO FRM

Conhecimento. Metodologia das telessalas forma alunos em todo o país, inclusive em áreas remotas, como o quilombo Kalunga, o maior do Brasil, em Goiás



MÁRCIA FOLETTO/11-6-2025

Leitura para todos. O estande da Globo Livros foi um dos destaques na Bienal do Livro do Rio de Janeiro, neste ano em que a cidade é capital mundial do livro

Diversidade de gêneros é marca da Globo Livros

MAURO PALERMO
mpalermo@edglobo.com.br

Fundado em 1925 com a missão de oferecer ao leitor conteúdo relevante, ético e comprometido com a verdade, O GLOBO consolidou-se ao longo dos anos como o maior e mais respeitado jornal do brasileiro. De suas costelas nasceram frentes como a Rádio Globo, em 1944, a Rio Gráfica e Editora (RGE), em 1952, e a TV Globo, em 1965. A RGE surgiu com o objetivo de atuar na produção e na distribuição de livros e revistas, uma parte essencial da atuação do Grupo Globo ao longo das décadas.

Entretanto, a despeito do mesmo padrão de qualidade das demais empresas do grupo, a RGE destoava por não trazer no nome a marca Globo. E havia uma razão para isso: não era possível criar uma segunda Editora Globo, visto que já existia a Editora Globo, de Porto Alegre. Em 1986, porém, uma oportunidade sorriu para o jornalista Roberto Marinho: os proprietários da editora gaúcha colocam sua empresa à venda. E assim, após sua aquisição, a RGE passou a adotar seu nome atual: Editora Globo.

Além da marca, a nova aquisição também ajudou o grupo a expandir sua atuação no mercado editorial. Ao DNA que norteava as publicações da RGE, incorporou-se ao seu portfólio o imponente catálogo da editora do sul, consolidando a marca Editora Globo no setor, com publicações voltadas para um espectro mais amplo do mercado. Da antiga gaúcha, fazem parte do catálogo atual escritores como Aldous Huxley, Ray Bradbury, Agatha Christie e Marcel Proust, entre outros.

A partir de 2009, a divisão de livros da Editora Globo passou a se denominar Globo Livros. Ao analisar a conexão entre a Globo Livros e o GLOBO, é possível identificar a busca incessante por levar ao público conteúdos que sejam não apenas informativos, mas também enriquecedores. Com isso em vista, a Globo Livros passa a publicar seus icônicos livros-reportagens. Dentre eles, destacam-se as obras de Laurentino Gomes sobre as transformações do Brasil no século XIX e a trilogia "Escravidão", onde o jornalista disseca a desumana saga dos negros africanos escravizados no Brasil. Merecem destaque também as obras da jornalista Ana Paula Araújo sobre violência contra a mulher, biografias diversas, como a de Rita Lee, e a coleção "Grandes ideias de todos os tempos".

Além do seu amplo catálogo de obras de não ficção, a Globo Livros tem se preocupado, ao longo dos anos, em atender a uma vasta diversidade de públicos. Assim como o jornal, a editora entende que a literatura é um passaporte para a democratização do acesso à cultura e ao conhecimento. A Globo Livros, assim, investe em obras que abrangem desde literatura clássica até produções contemporâneas, sem nunca perder de vista a importância de tratar questões que impactam o dia a dia da sociedade.

Isso se reflete em um valor do qual O GLOBO e a Globo Livros não abrem mão: diversidade e inclusão. A editora é conhecida entre seus leitores por publicar obras que se dirigem a públicos diversos, sem nunca renunciar à qualidade editorial que caracteriza a sua produção.



MAURO PALERMO
É diretor da Globo Livros

Coordenação: André Miranda. **Editora:** Mànya Millen. **Editores assistentes:** Gustavo Alves e Pedro Tinoco. **Redatores**: Aydano André Motta, Bernardo Araujo, Carolina Morand, Lucila de Beaurepaire e Lucila Soares.
Direção de arte: Alvim. **Projeto gráfico:** Alvim e Télio Navega. **Diagramação:** Ana Scott, Gustavo Amaral e Télio Navega. **Coordenação fotográfica:** Paulo Moreira.
Infografia e arte: Renata Amoedo, Renato Carvalho, Vinicius Machado e William Mur. **Pesquisa:** Luciana Barbio Medeiros e Paulo Luiz Carneiro.



SulAmérica e O Globo

quem tem história, reconhece história.

Há **130 anos**, a SulAmérica cuida da saúde e do bem-estar de milhões de brasileiros. E há **100 anos**, O Globo informa, inspira e acompanha a evolução do nosso país.

Histórias como essas são escritas com **consistência, confiança e a solidez** de quem evolui sem abrir mão da própria essência.

SulAmérica | 130 ANOS

Acesse o nosso site

/SulAmerica @sulamerica

/sulamerica /company/sulamerica

SAÚDE EM PRIMEIRO LUGAR

NA BUSCA POR MAIS EQUILÍBRIO MENTAL

Transtornos como ansiedade e depressão afetam milhões, especialmente os jovens, mas as formas de tratamento avançam

BEATRIZ COUTINHO
Especial para O GLOBO

Uma em cada oito pessoas convive com algum tipo de transtorno mental, segundo estimativa da Organização Mundial da Saúde (OMS). Ansiedade e depressão, os mais comuns, aumentaram a partir de 2020, com a eclosão da pandemia de Covid-19, e afetam um grande contingente de crianças e adolescentes. Tratamentos tradicionais do problema dividem espaço com abordagens alternativas e recursos de inteligência artificial — seu uso em aconselhamento psicológico gera intenso debate.

O relatório da OMS em 2021 mostra que a depressão é responsável por 4,3% da carga global de doenças e por 11% de todos os anos vividos com incapacidade. Estima-se que 12 bilhões de dias de trabalho são perdidos a cada ano, o que pode ser equivalente à perda de US$ 1 trilhão em produtividade no mesmo período. Os investimentos em saúde mental ficam abaixo de US$ 2 por pessoa — e não chegam a US$ 0,25 em países emergentes. Desse total, 67% são para hospitais psiquiátricos autônomos, "apesar da sua associação com resultados ruins e violações de direitos humanos", afirma o documento.

No Brasil, o repasse a hospitais psiquiátricos chegava a 75% da verba destinada à saúde mental no início da década de 1990. Ainda assim, manicômios operavam com péssima estrutura e poucos profissionais, além de isolarem os pacientes de seus parentes, em internações que poderiam durar a vida toda. Denúncias de tortura não eram raras. Uma nova abordagem começou na década de 1980, mas foi em 2001 que esse modelo foi reformulado. A Reforma Psiquiátrica proibiu a internação em instituições com características de asilo.

— O cuidado em liberdade traz abordagens mais coletivas, o uso de tecnologias leves, trabalhos em grupos. Nise da Silveira traz exemplos fantásticos, como o uso da arte e a inclusão das famílias — lembra Alessandra Almeida, presidente do Conselho Federal de Psicologia (CFP). — As abordagens nem são tão novas. Mas novas a partir do instituto da lei.

Hoje, o principal serviço público de acolhimento das demandas de saúde mental dos brasileiros, incluindo as decorrentes do uso de álcool e drogas, são os centros de atenção psicossocial, com 3.061 unidades com equipes multiprofissionais.

ATENÇÃO NAS ESCOLAS

A atenção especial aos jovens alcança outras áreas: em São Paulo, os professores da rede estadual foram capacitados para ficar atento a sinais e dar apoio e acolhimento aos alunos. Ação similar foi implementada em Teutônia (RS). Outra foi a atualização da norma que acrescenta as questões psíquicas aos riscos ocupacionais a serem prevenidos pelas empresas. No Brasil, os afastamentos associados à saúde mental aumentaram 134% de 2022 a 2024, segundo a ONU.

— Essa característica de sinergia com outros campos é muito forte na saúde mental — observa Flavio Álvares, assessor técnico do Conselho Nacional de Secretarias Municipais de Saúde.

Em relação a terapias, o presidente da Associação Brasileira de Psiquiatria, Antônio Geraldo, destaca que os medicamentos e tratamentos do Brasil são "de primeiro mundo", mas ainda restritos à rede privada.

— Temos a estimulação magnética transcraniana, estimulação do nervo vago e outros procedimentos chamados de "intervenções" em psiquiatria — cita, acrescentando a eletroconvulsoterapia (ECT).

Indicada para depressão severa, tentativas de suicídio reincidentes e quadros graves de esquizofrenia, a prática ainda é confundida com o eletrochoque, que funcionava "mais como castigo do que como tratamento", observa Geraldo. A ECT usa uma corrente elétrica baixa e é feita em ambiente hospitalar, com o paciente anestesiado.

Atividades físicas também são recomendadas, e casos mais específicos podem necessitar abordagens de outros especialistas, como fonoaudiólogos. No caso de ações alternativas, um exemplo de sucesso fica em em Jordão (AC), onde um projeto aproveita saberes tradicionais indígenas.

— A gente trouxe ioga, florais, aromaterapia, práticas de Ayurveda, que incluem orientações alimentares, hábitos de vida, meditações, e eles (os indígenas) trouxeram práticas ancestrais, que são os banhos de medicina, cantos, batismos, rodas, festivais — explica a médica Marcela Thiemi, que trabalha com César Carvalho, também médico.

Para o futuro, Antônio Geraldo afirma que "a cartografia e os mapas cerebrais" serão a grande aposta da psiquiatria, em abordagens mais direcionadas. E os psicólogos se preparam para o avanço da inteligência artificial (IA). O Serviço Nacional de Saúde britânico (NHS) já testa ferramentas de IA em sua rede.



FREEPIK

Ansiedade e depressão. Jovens estão entre os mais afetados

O GLOBO 100

Há décadas, a Drogasmil e O Globo seguem na mesma página: a do cuidado.



A Drogasmil se orgulha de fazer parte dessa jornada ao lado do Globo. Juntos, seguimos cuidando de gerações com informação e saúde.

Parabéns, O Globo, por sempre informar com verdade e credibilidade.

DROGASMIL

REDE AMÉRICAS

VIVER 100 ANOS É PARA QUEM SE CUIDA

Na Rede Américas, acreditamos que viver mais e melhor começa com um cuidado verdadeiro, que une ciência, tecnologia e empatia, para transformar a saúde todos os dias. Mais do que oferecer medicina de excelência, colocamos o cuidado no centro de tudo. Somos uma das maiores redes hospitalares do país, com mais de 90% dos nossos hospitais acreditados. Referência em diversas especialidades, também atuamos com excelência em Oncologia, com centros que integram conhecimento e acolhimento em busca dos melhores resultados clínicos. Quem coloca a saúde em primeiro lugar vai mais longe. E, por isso, seguimos crescendo com um propósito claro: cuidar de pessoas. Porque quem se cuida, vive mais — e melhor. E viver bem é o que nos move.

2025

Rede Américas

paixão por cuidar

SAUDEAMERICAS.COM.BR

DISTRITO FEDERAL: Hospital Alvorada; Hospital Brasília Unidade Águas Claras; Hospital Brasília; Maternidade Brasília

RIO DE JANEIRO: CHN Complexo Hospitalar de Niterói; SantaLúcia Hospital e Maternidade; Hospital N. Sra. do Carmo; Hospital São Lucas Copacabana; Hospital Pró-Cardíaco; Hospital Vitória; Hospital Samaritano

SÃO PAULO: Hospital Alvorada; Hospital Leforte Liberdade; Hospital Nove de Julho; Hospital Christóvão Da Gama Osasco; Hospital Leforte Morumbi; Hospital Samaritano; Hospital e Maternidade Christóvão Da Gama Santo André; Hospital Madre Theodora; Hospital Santa Paula

PARANÁ: Hospital Paraná

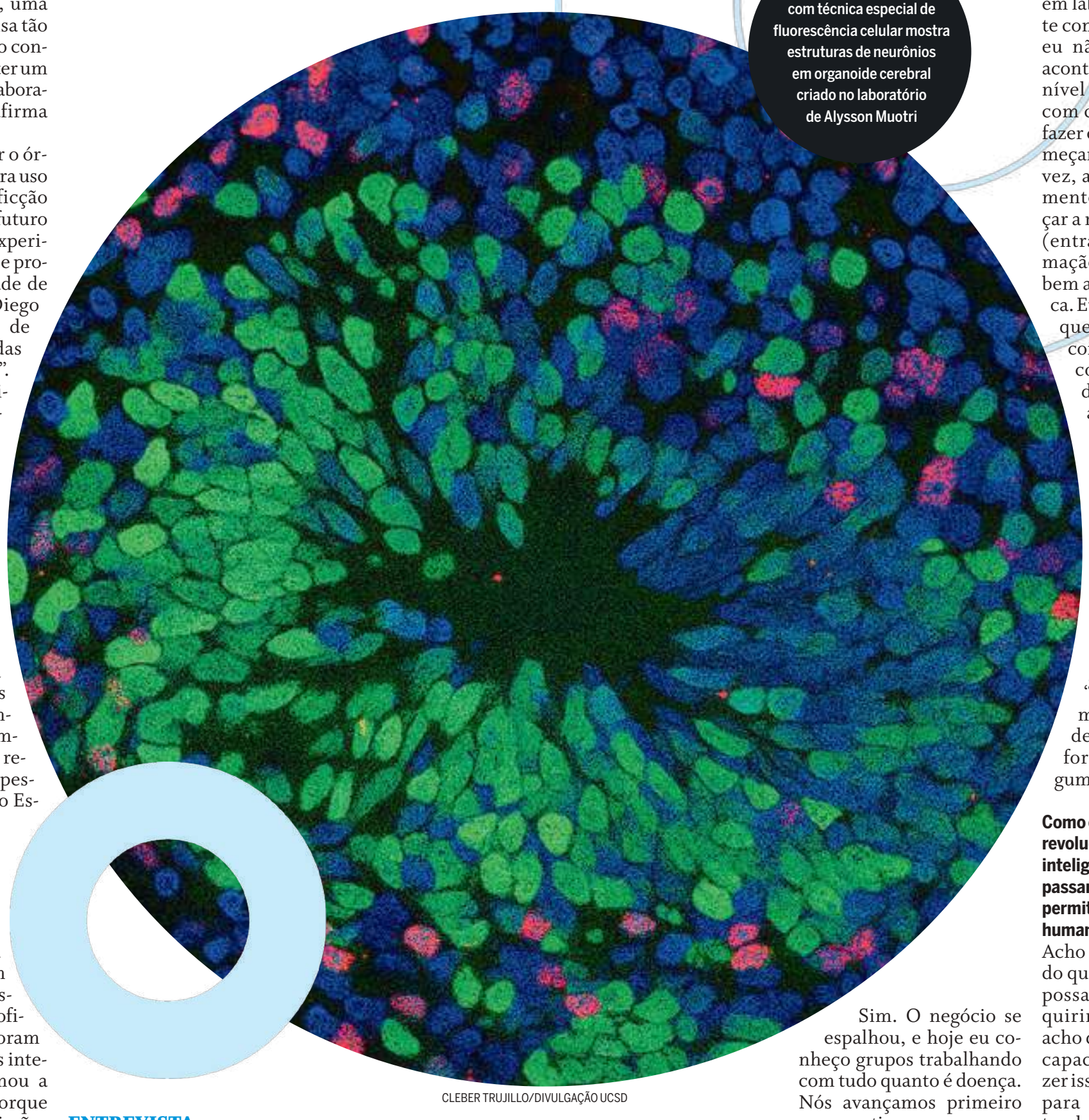
PERNAMBUCO: Hospital Santa Joana Recife

BAHIA*: Hospital da Bahia

MARANHÃO*: Hospital São Domingos

* Unidades administradas pela Rede Américas

SAÚDE EM PRIMEIRO LUGAR



Cérebro. Imagem com técnica especial de fluorescência celular mostra estruturas de neurônios em organoide cerebral criado no laboratório de Alysson Muotri

CLEBER TRUJILLO/DIVULGAÇÃO UCSD

ENTREVISTA

Alysson Muotri / BIÓLOGO

Pioneiro no uso de minicérebros no estudo do autismo, brasileiro quer ser astronauta para avançar em pesquisas sobre envelhecimento dos neurônios

RAFAEL GARCIA rafael.garcia@sp.oglobo.com.br SÃO PAULO

'A CIÊNCIA VAI CRIAR UM CÉREBRO HUMANO EM LABORATÓRIO'

O cientista brasileiro que ajudou a desenvolver uma das primeiras drogas para tratamento do autismo diz que a ciência deve criar, em algum momento, uma ferramenta de pesquisa tão revolucionária quanto controversa. "A gente vai ter um cérebro humano em laboratório. É inevitável", afirma Alysson Muotri.

A ideia de construir o órgão a partir do zero para uso em pesquisa parece ficção científica, mas é um futuro contemplado pelos experimentos que o biólogo e professor da Universidade de Califórnia em San Diego faz com estruturas de neurônios chamadas "organoides cerebrais".

Apelidadas de "minicérebros", essas pequenas esferas de neurônios já foram enviadas até em experimentos espaciais transportados pela Nasa, que Muotri projetou para investigar o efeito da microgravidade no envelhecimento.

Em entrevista ao GLOBO, o cientista fala dos desafios atuais da neurociência e conta sobre sua nova empreitada: o projeto de realizar experimentos pessoalmente na Estação Espacial Internacional.

Como você se tornou candidato a astronauta?

A coisa começou em 2019, quando eu já usava organoides em experimentos com astronautas na estação oficial, e os resultados foram ficando cada vez mais interessantes. Isso chamou a atenção da Nasa, porque eles querem fazer missões de longo prazo e se preocupam em preservar a cognição dos astronautas. A permanência no espaço pode levar a um estado que eles chamam de *brain fog* (névoa cerebral), que afeta a cognição, e nós vemos a pesquisa em órbita baixa, na estação espacial, como um indício do que pode acontecer com os neurônios no envelhecimento. Seria uma maneira de criar um modelo para estudar isso. Quando conseguimos mostrar para a Nasa que existe alteração dos neurônios no espaço, isso foi o suficiente para eles se interessarem.

Você já tem data para voar? O que está faltando?

Faltam algumas coisas, e ainda surgiu um problema, que é esse desentendimento entre Donald Trump e Elon Musk. Se a SpaceX não trabalhar mais para a Nasa, a pesquisa espacial americana para. Perceberam que a dependência que eles têm da SpaceX é gigantesca, e estamos agora observando o que vai acontecer. Não está claro ainda, mas se não tiver nem foguete, não tem como eu ir. Supondo que isso venha a ser resolvido, ainda temos que achar espaço em um foguete e encontrar financiamento. Levantamos uma parte dessa verba, e estamos buscando o resto. Isso tem custo alto, mas percebi que começou a ter interesse internacional, porque o que estamos prometendo é, se tudo der certo, avançar nos tratamentos para doenças relacionadas ao envelhecimento: Alzheimer, Parkinson, outras demências, doenças neurodegenerativas. O importante é que seria criado um modelo para testar medicamentos, o que hoje não existe. Não há como envelhecer um neurônio por 80 anos para depois estudá-lo. Por isso as empresas farmacêuticas estão muito interessadas no assunto.

O modelo de pesquisa que o senhor criou com células IPS (células reprogramadas geneticamente) levou a um medicamento para síndrome de Rett, que é uma forma de autismo. Como foi essa trajetória?

Isso veio de uma pesquisa que fizemos em 2010, na qual conseguimos "curar" um neurônio autista usando IGF (um hormônio de crescimento). Começamos com neurônios da síndrome de Rett, depois usamos neurônios de autismo idiopático (de origem mais tradicional). Vimos que o IGF aumentava as sinapses (conexões entre neurônios) e conseguia corrigir os defeitos que existiam nessas redes neurais. Começamos a testar o IGF em ensaios clínicos, mas infelizmente não funcionou, porque IGF é uma molécula muito grande, não consegue penetrar na barreira hematoencefálica, que separa o cérebro do sistema circulatório. Mas havia uma empresa na Austrália, a NeuroGene, que estava observando tudo. Eles já tinham desenvolvido uma espécie de versão menor do IGF, uma outra molécula que atua pelo mesmo princípio ativo e que consegue passar pela barreira hematoencefálica. Eles então pegaram essa droga e testaram para síndrome de Rett, com sucesso. A droga foi aprovada em 2022 e está sendo usada por mais de mil famílias aqui nos Estados Unidos.



FRANK ROGOZIENSKI/UCSD

Seu grupo tem se concentrado em estudar o autismo. Há grupos usando organoides para estudar outras doenças neurais, como esquizofrenia e Alzheimer?

Sim. O negócio se espalhou, e hoje eu conheço grupos trabalhando com tudo quanto é doença. Nós avançamos primeiro com o autismo, porque soubemos escolher ali trabalhar com a síndrome de Rett, que é um subgrupo mais homogêneo. Na esquizofrenia, a ciência ainda está tentando descobrir quais seriam esses grupos. Uma área onde estão acontecendo coisas interessantes é a de algumas síndromes que afetam o sistema nervoso, e também outros sistemas periféricos, como a esclerose múltipla.

O senhor já declarou que um dos desafios para avançar sua pesquisa com minicérebros é criar vasos sanguíneos para alimentá-los e aumentá-los. Como pretendem superar isso?

Eu vou a congressos sobre organoides todo ano e fico sabendo o que outros grupos de pesquisa estão fazendo. A gente tentou diversas coisas que não funcionaram, ainda. Já foi tentado induzir a vascularização direto no organoide. Da mesma forma com que se consegue induzir a diferenciação das células em diferentes tipos de neurônio, é possível induzir a formação das células endoteliais, que compõem os vasos sanguíneos. Até se consegue fazer isso, mas os vasos que aparecem dentro do organoide são um monte de pedaços de veias que não estão conectadas a nada. Não deu certo. O que estamos testando agora é criar um "organoide vascular", ou seja, um organoide cheio de veias, para depois fundi-lo com o organoide que é o minicérebro.

Como você lida com a questão ética? Vocês estão criando um ente pensante dentro do laboratório?

Eu e outros pesquisadores fomos muito cautelosos no começo, porque não sabíamos direito qual era o potencial dessa tecnologia. Hoje, para mim, está claro que é inevitável: vai existir um cérebro humano criado em laboratório. Exatamente como isso vai acontecer, eu não sei, mas isso vai acontecer. E, com um certo nível de complexidade, com certeza o cérebro vai fazer o que ele faz, que é começar a pensar. Vai ser, talvez, algum tipo de pensamento abstrato, vai começar a receber *input* e *output* (entrada e saída de informação). A gente não sabe bem ainda que isso significa. Eticamente, o que acho que vai acontecer é uma coisa até simples. Assim como existe uma série de regras para criar animais em laboratório, vamos ter regras para os minicérebros. A gente vai ter que, possivelmente, justificar o número de minicérebros que criamos para cada experimento, e anestesiá-los antes de jogá-los fora. Ou seja, vai ter que ter algumas coisas para "humanizar" o tratamento desse organoide, se o entendimento for o de que ele tem algum tipo de consciência.

Como o senhor enxerga essa revolução pela qual a inteligência artificial está passando agora? A IA permitirá criar consciências humanas digitais?

Acho que não. Eu não duvido que essas redes neurais possam, em princípio, adquirir consciência, mas acho que a gente não tem a capacidade técnica de fazer isso. O custo energético para chegar nesse nível também seria grande demais. Existe uma outra área que está crescendo na ciência, e está na mão de pouquíssimos grupos de pesquisa ainda, chamada "inteligência organoide". A inteligência organoide consiste em usar o organoide como ferramenta de computação. A gente já sabe que os organoides têm capacidade de memorizar e têm capacidade de aprendizado para coisas simples e, conforme eles vão ficando mais e mais sofisticados, a proposta é começar a usá-los como poder de computação. Já existe uma empresa (FinalSpark) vendendo um computador assim, por US$ 35 mil. Tem um organoide dentro dele no qual você dá um *input* e ele te dá um *output*. Acontece que a duração é de apenas seis meses, que é o tempo que dá para manter o organoide ali. Acho que ainda vai demorar um tempo, mas é isso que vai levar a uma inteligência artificial com consciência, porque ela vai estar estruturada numa coisa orgânica.

Isso vai viabilizar, no futuro, aquela proposta futurista de fazer um "upload de consciência humana" para um computador?

Eu achava que isso era tudo bobagem, mas hoje em dia já acho que existe a possibilidade. Armazenar memórias é uma coisa que já se consegue fazer no organoide, mas de uma forma complicada. Vamos acabar achando uma forma mais fácil de fazer esse armazenamento, e quando isso acontecer, as pessoas vão querer armazenar um monte de coisa. Aí, talvez, seja possível pensar em transferência de consciência.



SEGURANÇA

QUANDO **CRIA LEIS** QUE
REFORÇAM A SEGURANÇA PÚBLICA,
A ALERJ **ABRAÇA VOCÊ.**

A Alerj devolveu **R$ 282 milhões** para o Governo do Estado,
sendo que **R$ 50 milhões** foram para o **Segurança Presente.**
Um grande reforço para a população ficar mais protegida.

Saiba tudo em:
alerj.rj.gov.br

@instalerj @alerjoficial @alerj_oficial

ALERJ
ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
Transforma sua vida

SAÚDE EM PRIMEIRO LUGAR

DESCONECTAR PARA RECONECTAR

Onipresença das telinhas e excesso de tarefas já causam distúrbios, e empresas começam a sentir efeitos do digital

PAULO RENATO NEPOMUCENO
paulo.renato@oglobo.com.br

A toda hora, damos aquela checada na notificação que acaba de piscar na tela. É a resposta de uma mensagem, um áudio, uma notícia urgente ou um e-mail para ser respondido. A rotina assídua de estar on-line nos impacta sem que haja percepção do quão cronicamente conectados estamos.

"Eu não consigo, hoje, fazer algo que, há alguns anos, era corriqueiro: pegar um livro, ler um capítulo por dia, sem que eu desvie a minha atenção, a todo instante, para um telefone celular", afirmou, em abril, o jornalista William Bonner, editor-chefe e apresentador do Jornal Nacional, em entrevista ao Conversa com Bial.

A desatenção que acomete Bonner não é exclusividade, e exemplos próximos não faltam. Nas escolas, o uso excessivo e a desatenção causada pelas telinhas fizeram o governo proibir o uso dos celulares pelos jovens, até mesmo na hora do intervalo.

A onipresença dos dispositivos e a urgência de se manter conectado começam a criar movimentos para redesenhar a relação com a tecnologia e têm virado tema de saúde pública.

O Brasil é um dos países cujos habitantes usam a internet por mais tempo. De acordo com a pesquisa DataReportal, com dados da medidora de audiência GWI, por aqui ficamos, em média, nove horas e nove minutos on-line por dia, quase três horas acima da média mundial. No celular, são cinco horas e 12 minutos diários, o que eleva o país ao terceiro lugar no ranking de uso de smartphones do mundo.

Sem que haja sintomas claros, muitas vezes se inicia um processo de vício e perda de sociabilidade, que podem levar à necessidade de tratamento.

— As pessoas acabam se distanciando dos esportes, da família, comendo na frente do computador, alimentando-se mal e tendo problemas de postura — afirma Antônio Egidio Nardi, professor titular de psiquiatria da UFRJ e membro do Instituto Delete, dedicado a estudar os efeitos do uso intenso de aparelhos digitais. O descontrole, ele diz, pode ser ainda mais danoso na fase de formação dos adolescentes.

Para além do tempo de tela, a fadiga no ambiente de trabalho é um fator no aumento da exaustão na população brasileira. Uma pesquisa realizada pelo Isma-BR, associação internacional de estudos científicos sobre o estresse, revelou que o grau médio de aflição entre os brasileiros alcançou 72% da população, em 2023, ante 70% em 2018.

— Com a pressão por produtividade e cada vez menos vagas, os profissionais estão ficando mais desesperados. E terminam esquecendo os autocuidados — diz Ana Maria Rossi, presidente do instituto. Ela aponta ainda a importância de as empresas adotarem políticas de atenção aos funcionários.

REGULAÇÃO

Países ao redor do mundo já começam a criar regulações de prevenção ao estresse laboral, em linha com o reconhecimento, pela Organização Mundial de Saúde (OMS), da exaustão mental por burnout como uma síndrome. No Brasil, a Norma Regulamentadora 1 , base de regras de segurança e saúde do trabalho, sofreu uma atualização no ano passado, incluindo questões psicossociais laborais como um risco a ser identificado e gerenciado pelas organizações.

ARTE DE GUSTAVO AMARAL



Tela sobre tela. Brasileiros passam mais de nove horas por dia conectados à internet, quase três a mais que a média mundial. Só no celular, são mais de cinco horas diárias on-line

O movimento de atenção corporativa ao tema já é presente, segundo Daniela Diniz, diretora de comunicação do prêmio Great Place To Work Brasil.

— Ser multitarefas era um comportamento valorizado no início do século, mas, com a tecnologia, isso se elevou à enésima potência. Não é interessante ter 50 abas abertas no navegador, estar numa reunião e "não estar". Entende-se que, assim, não se produz numa escala ideal.

De acordo com as pesquisas do prêmio, que elenca os melhores lugares para se trabalhar, os funcionários, hoje, valorizam mais o bem-estar do que a boa remuneração.

A necessidade de buscar um equilíbrio entre o profissional e o pessoal nasceu com a primogênita de Sarah Bonadio, diretora de relações institucionais da Alpargatas. A executiva, que hoje é mãe de três, destaca a importância da harmonia para não se sobrecarregar:

— A tecnologia, no geral, é fantástica. Mas, como em todas as coisas, precisamos buscar o equilíbrio. Temos rotinas insanas, e se perceber antes dos limites é fundamental — diz Bonadio, que dedica ao menos meia hora diária à meditação.

A saída da rota da estafa fomenta uma maneira diferente de turismo. O *slow travel* é um estilo de viagens fora de roteiros tradicionais, com foco na conexão com a natureza e cultura local.

O espanhol Antonio Jiménez, que sempre gostou desse tipo de roteiro, uniu a paixão ao trabalho e criou uma agência no Brasil dedicada a esse nicho de mercado, a Slow Travelers.

— Este tipo de experiência autêntica permite achar uma melhor versão de si mesmo — afirma ele, que monta pacotes para grupos de cerca de 15 pessoas.

PARABÉNS, O GLOBO

Um jornal que, há 100 anos,
é parte da rotina, da memória
e das histórias dos brasileiros,
sempre inovando na forma
de se conectar com o público
e com olhar para o futuro.

EINSTEIN
Hospital Israelita

einstein.br

PARABÉNS,
O GLOBO.
NOSSA
HOMENAGEM
A QUEM
TAMBÉM AJUDA
A TRANSFORMAR
A VIDA
DE MILHÕES
DE BRASILEIROS
TODOS OS DIAS.

VAMBORA PARA MAIS 100 ANOS.

sabesp

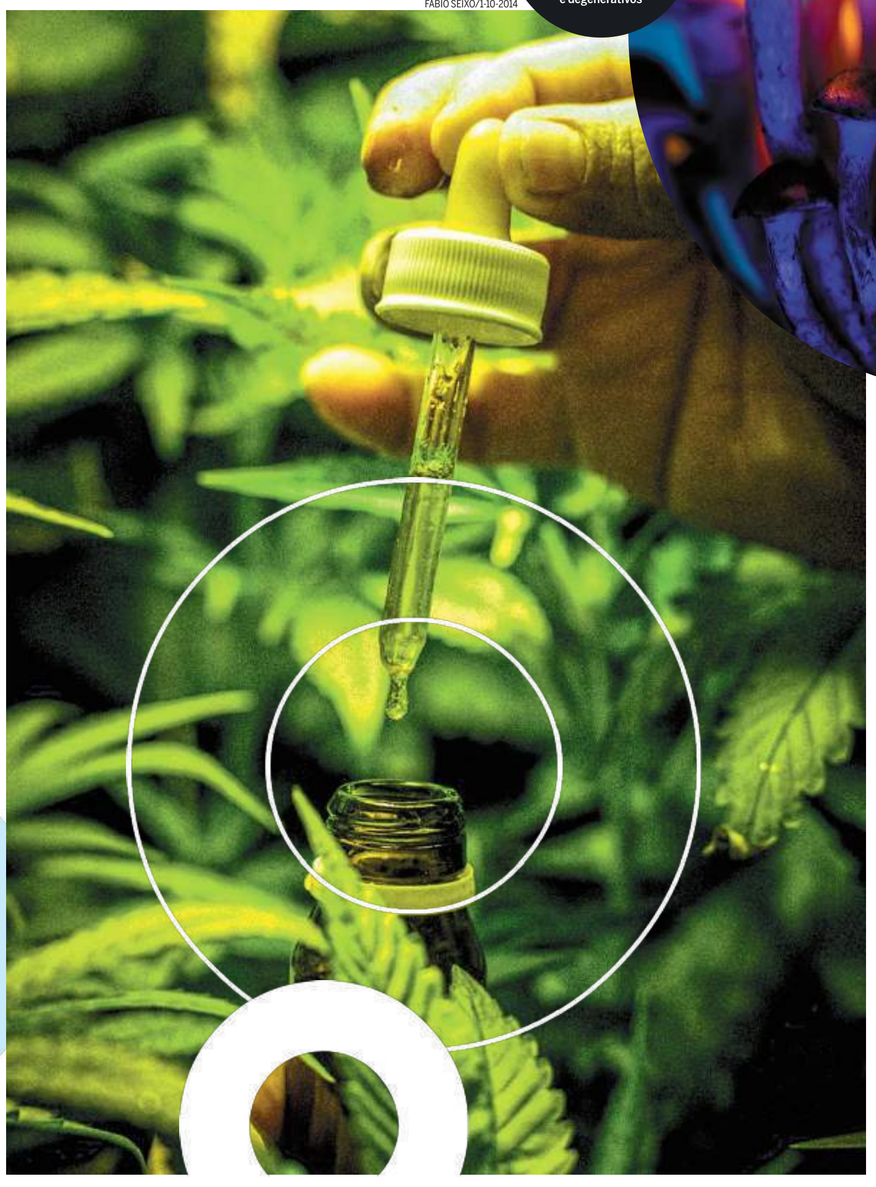
Uma
Sabesp
para
todos.

A NOVA ERA DAS TERAPIAS PSICODÉLICAS

ROSANE SERRO
Especial para O GLOBO

Revisão do Plano Nacional de Política sobre Drogas pode colocar o Brasil na vanguarda do uso medicinal de psicoativos, promissores no tratamento da dor e de transtornos psiquiátricos

FABIO SEIXO/1-10-2014



Psicoativos. Óleo de cannabis e cogumelos mágicos estão entre as substâncias usadas, com sucesso, no tratamento de transtornos psiquiátricos e degenerativos

Maria Felícia, de 79 anos, tinha problemas circulatórios, formigamento constante nas mãos e um sono entrecortado, que prejudicava sua saúde. Há dois anos, todos os sintomas sumiram. Belén Maria tem um filho TDAH com relatos de acessos de raiva. Por quatro meses, ele passou a viver em equilíbrio. Amine Kilson, aos 93 anos, sofria de catatonia por conta da demência e do Alzheimer e, em apenas 15 dias, voltou à vida e passou a interagir com sua família. Divulgados nas redes sociais, estes são três dos cerca de 121 mil pacientes brasileiros que, em julho de 2025 — de acordo com o Panorama Nacional do Setor Associativo da Maconha Medicinal — estão desafiando a medicina convencional ao aliviarem suas enfermidades com o uso da cannabis medicinal ou de drogas psicotrópicas classificadas como proibidas.

Alzheimer. Demência. Parkinson. Autismo. Dores crônicas e agudas. Paralisia cerebral. Epilepsia. Convulsões. Distúrbios do sono. Fibromialgia. Depressão profunda. Traumas. Síndrome do pânico. Transtornos alimentares. Transtorno de estresse pós-traumático (TEPT). A lista de patologias tratadas com terapias canábica e psicodélica, com resultados comprovados de alívio e cura, segue crescendo. De 2015 ao primeiro semestre de 2024, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) já concedeu 366.953 autorizações de importação de produtos derivados de cannabis para uso próprio, mediante prescrição médica. Este fenômeno está provocando uma revisão no Plano Nacional de Política sobre Drogas e pode colocar o Brasil no mapa da vanguarda do uso medicinal de substâncias psicoativas.

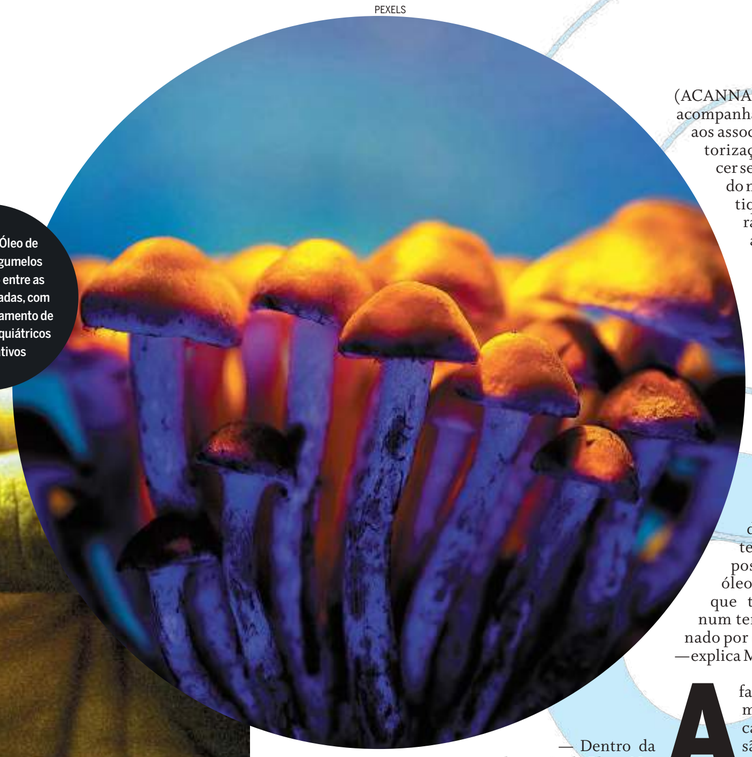
Além da popularização entre pacientes, outras medidas estão contribuindo para reduzir o estigma e aumentar a aceitação do uso medicinal de drogas ilegais — como os psicodélicos psilocibina (princípio ativo dos cogumelos mágicos), DMT (contido na ayahuasca e liberado apenas para uso religioso), MDMA (derivado da anfetamina) e LSD (ácido lisérgico) — ou de uso controlado como a cannabis.

A primeira é o surgimento de clínicas de terapia psicodélica com autorização especial para pesquisa científica. Na avaliação do Hospital McLean, a instituição de ensino psiquiátrico da Faculdade de Medicina de Harvard, elas são "a nova fronteira da saúde mental". Em algumas, no Brasil, também a cetamina (anestésico dissociativo legalizado, no Brasil, para uso clínico) e a ibogaína são administradas.

No caso desta última, este é o princípio ativo da raiz africana *Tabernanthe iboga*, de propriedades alucinógenas e também curativas, utilizada em cerimônias da religião Bwiti, no Gabão. Aqui, ela é aplicada no tratamento de dependência química de crack, inclusive. Seu uso é permitido, mas a comercialização é proibida.

Em paralelo, o Instituto do Cérebro, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob a coordenação do Professor Draulio Araújo, produz uma pesquisa sobre o uso da ayahuasca como antidepressivo, que apresenta resultados significativos, desde 2017.

PEXELS



Na área da cannabis, vários eventos têm desconstruído a imagem demonizada da erva. Em primeiro lugar, está a proliferação de associações de usuários, já organizadas em federações. Em seguida, a atuação do Superior Tribunal de Justiça (STJ) que autorizou, em novembro do ano passado, o cultivo e a comercialização da planta por pessoas jurídicas, para finalidades medicinais e farmacêuticas no país. Também em 2024, a Universidade Federal de Viçosa se tornou a primeira instituição pública do país a sediar um banco genético de *Cannabis Sativa L.*. E, em março deste ano, a cidade de Ribeirão Pires (SP) inaugurou a primeira clínica pública do Brasil de cannabis medicinal totalmente produzida em território nacional.

— Dentro da discussão do Plano Nacional de Política de Drogas, precisamos trazer à tona a questão da descriminalização porque a regulamentação do uso terapêutico precisa avançar — alerta Francisco Netto, Secretário Executivo da Política de Drogas da Fundação Oswaldo Cruz. Ele foi o articulador do Programa Institucional de Política de Drogas, Direitos Humanos e Saúde Mental, criado pela Fiocruz, em 2023, para amplificar o diálogo com a sociedade e articular uma produção de conhecimento que contribua com a elaboração de políticas públicas nesta área.

No caso da cannabis medicinal, enquanto a regulamentação da Anvisa não vem, são as mais de 30 associações de usuários em todo país que preenchem a lacuna da assistência pública, e têm apoiado os casos graves e urgentes dos pacientes que importam o produto — como determina a Resolução RDC 660/2022 da agência.

— Ouça bem, nós somos um país agrícola, temos uma matéria-prima que vale ouro, mas a legislação manda que seja importada. Faz sentido? — questiona Igor Mello, presidente da Associação de Acesso à Cannabis Medicinal (ACANNA), que oferece acompanhamento médico aos associados e tem autorização para fornecer seu óleo, produzido na Serra da Mantiqueira. Para garantir qualidade, a entidade estabeleceu uma parceria Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRJ) para o cultivo da planta, a extração de óleos canabinoides e o teste da gradação de seu uso. —Nosso produto é totalmente orgânico. Não posso oferecer o óleo de uma planta que tenha crescido num terreno contaminado por metais pesados —explica Mello.

A falta de regulamentação e o arcabouço jurídico são os principais entraves ao consumo medicinal das drogas classificadas como controladas ou ilícitas no país. Hoje, a legislação brasileira é um complexo sistema de instâncias normativas e operacionais, cujo foco é a repressão ao tráfico e a redução da oferta e da demanda de entorpecentes e psicotrópicos. Porém, este cenário está prestes a mudar. A reconstrução do Plano Nacional de Políticas sobre Drogas (PLANAD) está em curso e o debate inclui o uso medicinal de substâncias psicoativas.

Além das 1.800 contribuições virtuais enviadas para a Plataforma Participa Brasil +, o Conselho Nacional de Políticas sobre Drogas, responsável pela execução da política, fez consultas públicas com auditórios lotados em Belém, Cuiabá, Teresina, Rio de Janeiro e Porto Alegre. Esta participação popular foi o resultado direto do processo interno vivido pelo conselho, em que, pela primeira vez em sua história, dez organizações da sociedade civil foram eleitas para compor o colegiado.

A reconstrução do Plano Nacional de Políticas sobre Drogas (PLANAD), com a inclusão do debate sobre o uso medicinal de substâncias psicoativas, pode vir a equiparar o Brasil às melhores soluções político-institucionais e medicinais adotadas por países como Alemanha, Israel, Canadá, Portugal, Uruguai, Argentina, Chile e Colômbia, entre outros.

— Não foi só uma revisão técnica — posiciona Leonardo Pinho, vice-presidente da Associação Brasileira de Saúde Mental (Abrasme) e consultor AD HOC da Comissão de Drogas e Saúde Mental do Conselho Nacional de Direitos Humanos. — Nessa regulamentação não queremos só legislar sobre o uso, o acesso ao medicamento, mas também sobre a produção e o beneficiamento, e garantir a certificação participativa para as associações canábicas do Brasil.

"O impacto das terapias psicodélicas no futuro da saúde pública será incomparável"
Cesar Camara, sócio da Biocase Brasil

Em relação à aprovação dos alucinógenos e do trabalho feito pelas clínicas psicodélicas, o consultor já não se mostra tão otimista. —Existem iniciativas, mas elas não têm relevância institucional-jurídica do ponto de vista normativo, pois não temos legislação e nem acordos internacionais robustos que as sustentem.

Por mais que haja incredulidade na regulamentação do uso medicinal de alucinógenos no Brasil, algumas instituições nacionais apostam, desde já, em pesquisa aplicada, de olho na futura produção e comercialização de seus produtos. É o caso da Biocase Brasil, um hub de formação, pesquisa e tratamento que, entre recursos próprios e recebidos pela Fapesp e pela Finep, nos últimos quatro anos, investiu um total de R$ 8 milhões para aferir o potencial da psilocibina como medicamento. Em 2022, a empresa firmou contrato com a Universidade de Campina Grande (PB), para isolar os compostos psilocibina/psilocina, visando o patenteamento do produto no mercado internacional. Para isso importou 18 quilos de cogumelos.

— Desistimos de atuar com cannabis e escolhemos a psilocibina e a cetamina intranasal porque gostaríamos de fazer diferença no tratamento de doenças graves e de difícil controle — conta o sócio Cesar Camara. —O impacto das terapias psicodélicas no futuro da saúde pública será incomparável.

Cetamina. Anestésico dissociativo é utilizado no tratamento de casos de depressão resistente a medicamentos e outros transtornos psiquiátricos, com prescrição médica



MARIA ISABEL OLIVEIRA/9-12-2022

ENTREVISTA

Stevens Rehen, CIENTISTA

PROMESSA PARA DOENÇAS DEGENERATIVAS E DA IDADE

CARLA ALMEIDA *Especial para O GLOBO*

Desde a virada do milênio, multiplicam-se os estudos científicos que demonstram efeitos positivos de psicodélicos em tratamentos de transtornos mentais. De lá para cá, vemos em países como Austrália e Estados Unidos algumas dessas substâncias sendo incorporadas à prática médica. No Brasil, apesar de a maioria dos psicodélicos ainda ser proibida, a Anvisa tem demonstrado abertura ao diálogo com a comunidade científica. Mas, enquanto as aprovações clínicas não vêm, o país avança nas pesquisas, com diversos institutos fazendo descobertas importantes, que vão além dos tratamentos de transtornos mentais. O cientista Stevens Rehen, professor licenciado da Universidade Federal do Rio de Janeiro, lidera no Instituto D'Or de Pesquisa e Ensino um grupo que contribui de forma relevante e sistemática para o avanço da ciência psicodélica. Para Rehen, que também conduz estudos nos institutos Usona e Promega Corporation, nos Estados Unidos, a fronteira da pesquisa no campo está na compreensão dos efeitos de psicodélicos em mecanismos relacionados ao envelhecimento e a doenças neurodegenerativas, como Alzheimer e Parkinson. Em entrevista ao GLOBO, o cientista fala sobre as contribuições do seu grupo para essas novas frentes de pesquisa, conta como a inteligência artificial vem ajudando a desenvolver uma medicina psicodélica de precisão, e comemora os avanços regulatórios no Brasil.

Passados alguns anos de hype da ciência psicodélica, o que você destacaria como seus principais êxitos?

O principal é a revalidação clínica e científica, com novas tecnologias e metodologias, do potencial terapêutico dos psicodélicos. Estudos clínicos mostram que compostos como psilocibina, DMT, LSD e MDMA produzem respostas rápidas, duradouras e clinicamente relevantes em transtornos como depressão resistente, ansiedade, transtorno de estresse pós-traumático e dependência química. A curto e médio prazos, há expectativa concreta de aprovação clínica da psilocibina nos Estados Unidos, especialmente para depressão resistente. Na Austrália, desde 2023, psiquiatras autorizados podem prescrever psilocibina em contexto clínico supervisionado. Esses avanços sinalizam que os psicodélicos estão se aproximando cada vez mais da prática médica convencional com rigor, segurança e base científica. Paralelamente, cresce a profissionalização das terapias assistidas por psicodélicos, com programas certificados de formação e integração psicoterapêutica. Estamos diante de uma possível mudança de paradigma no tratamento de transtornos mentais.

Além de transtornos mentais, há pesquisas promissoras aplicáveis a outras áreas da medicina?

Duas outras linhas vêm ganhando destaque. Uma extremamente recente investiga os efeitos geroprotetores dos psicodélicos. Este mês, pesquisadores dos Estados Unidos demonstraram que a psilocibina aumenta a longevidade de camundongos idosos e prolonga a vida útil de células humanas. Também este mês, nosso grupo no Instituto D'Or de Pesquisa e Ensino demonstrou que o LSD é capaz de prolongar em até 25% a vida de *Caenorhabditis elegans* — um pequeno animal muito usado em pesquisas sobre envelhecimento. Outra é a aplicação de psicodélicos em doenças neurodegenerativas, como Alzheimer e Parkinson. Diversos estudos, inclusive os nossos, mostram que psicodélicos podem ajudar a modular redes neuronais, reduzir inflamação e reprogramar circuitos celulares associados à degeneração. Fomos pioneiros ao observar esses efeitos tanto em *C. elegans* quanto em organoides cerebrais humanos. Esses estudos sugerem que, além de suas aplicações na saúde mental, os psicodélicos também podem atuar em mecanismos fundamentais relacionados ao envelhecimento e a doenças neurodegenerativas, abrindo novas possibilidades terapêuticas para promover saúde ao longo da vida.



WARLEY VENANCIO/IDOR/15-07-2025

O seu grupo do IDOR se destaca pelo uso de organoides como modelo de pesquisa. Quais as vantagens desse modelo em estudos com psicodélicos medicinais?

O uso de organoides cerebrais humanos derivados de células-tronco tem sido transformador na biologia. Essas entidades celulares tridimensionais mimetizam aspectos-chave do desenvolvimento e da organização celular do cérebro humano, com presença de neurônios e outras células do sistema nervoso. Eles nos permitem testar os efeitos de psicodélicos diretamente em tecido humano vivo. Integramos essa abordagem com tecnologias de imagem de alta resolução, proteômica (estudo das proteínas das células), transcriptômica (estudo de RNA mensageiro) e, mais recentemente, inteligência artificial. Esse modelo tem sido especialmente útil para testar compostos em organoides de pacientes com doenças específicas. Isso abre caminho para triagens mais refinadas e abordagens personalizadas, integrando psicodélicos, genética e bioengenharia.

A inteligência artificial pode se tornar uma aliada ?

Sim, e já estamos utilizando de forma intensiva. A IA permite analisar volumes massivos de dados morfológicos, metabólicos e ômicos (ligados à ciência do DNA) gerados por experimentos com organoides. Por exemplo, em parceria com a empresa Promega, treinamos algoritmos para reconhecer padrões metabólicos, alterações mitocondriais e biomarcadores após o uso de psicodélicos. E começamos a usar modelos de *machine learning* para prever a resposta de organoides derivados de diferentes indivíduos. Isso é essencial para avançar em direção à medicina de precisão psicodélica — ou seja, prever quais compostos são mais eficazes para quais pacientes, com base em características celulares e moleculares.

Quais os principais desafios para a pesquisa com psicodélicos hoje?

Muitos psicodélicos seguem classificados como substâncias controladas no Brasil, o que implica que são legalmente considerados de alto potencial de abuso e sem uso terapêutico aceito; uma definição que contrasta com as evidências científicas. Isso dificulta o financiamento de pesquisas e impõe barreiras logísticas. Além disso, há uma resistência cultural significativa, alimentada por décadas de estigmatização e desinformação. Ainda assim, existem avanços importantes. A Anvisa tem demonstrado abertura ao diálogo com a comunidade científica e o uso ritual da ayahuasca é reconhecido e protegido legalmente no país. Se o Brasil conseguir construir pontes sólidas entre ciência, regulação e saberes tradicionais, há potencial para se tornar uma referência global em inovação psicodélica, com ética, diversidade e sustentabilidade.

CARLA ALMEIDA
É jornalista especializada em ciência e pesquisadora do Museu da Vida Fiocruz.

SAÚDE EM PRIMEIRO LUGAR

A TECNOLOGIA FEITA PARA HUMANIZAR A CONSULTA

Telemedicina, prontuários médicos eletrônicos e diagnósticos precoces com uso da IA são novos recursos para tratar melhor quem procura os hospitais

ROBERTA ARAÚJO
Especial para O GLOBO

ARQUIVO PESSOAL



De Caruaru (PE), onde mora o engenheiro Washington Bernardino da Silva, ao Instituto Nacional de Traumatologia e Ortopedia (Into), onde foi operado para colocação de prótese no joelho esquerdo, contam-se mais de 2 mil quilômetros. Três meses depois da cirurgia, em 2023, Bernardino ainda precisou vir ao centro de referência em intervenções ortopédicas de alta complexidade, no Rio, para uma consulta de revisão. Depois disso, a telemedicina entrou em cena para acompanhamento de sua recuperação:

— É muito mais cômodo, prático e econômico. Fiz a consulta on-line, no meu ambiente de trabalho — conta Bernardino, da cidade onde mora. — Na primeira vez, eu tive que sair de Caruaru para Recife, de lá para São Paulo e então para o Rio. As passagens foram custeadas pelo governo de Pernambuco, mas a hospedagem e os transportes nas cidades eu paguei. Sou hemofílico tipo A e tive artrose precoce, por isso a prótese. Agora, tenho mais mobilidade e qualidade de vida. Consigo carregar meu filho, dançar, aproveitar.

O projeto do Into tem como objetivo justamente evitar os longos deslocamentos de pacientes que moram longe ou têm dificuldade de locomoção. Entre 2024 e 2025, foram 70 teleconsultas, a maior parte de residentes no Norte do país.

— A primeira avaliação pós-operatória é indispensável, porque tem a cicatrização, a troca de curativo, a retirada de pontos. Mas todo o restante, se o paciente estiver evoluindo bem, pode ser feito à distância, de forma segura, precisa e eficaz — diz o coordenador de ensino, pesquisa e inovação do Into, o ortopedista José Leonardo Rocha. — Isso reduz os custos para o sistema público e o paciente. Há casos de pessoas de regiões isoladas na Região Norte que têm que andar horas de barco para chegar a uma cidade maior. O que é um desafio, especialmente na fase pós-operatória.

Para além da telemedicina, que é regulamentada por legislação no Brasil desde 2022, ferramentas tecnológicas trazem cada vez mais ganhos a diferentes aspectos do cuidado, para os pacientes, os médicos e operadores da saúde. A implementação de sistemas aprimorados de administração hospitalar e a produção e análise de dados clínicos são dois dos campos que vêm se beneficiando da inovação aplicada à medicina.

O SUS começou a usar, no ano passado, o prontuário eletrônico unificado, e tem como meta tornar acessível o histórico de saúde dos pacientes a profissionais que estiverem em qualquer ponto do país, e não apenas nas unidades de atendimento. O objetivo é ajudar na tomada de decisões médicas, evitar a perda de informações e o retrabalho. A cronologia de exames, eventuais procedimentos e remédios indicados. Tudo pode ser consultado.

O acesso é viabilizado pela Rede Nacional de Dados em Saúde (RNDS), alimentada pelas esferas municipal, estadual, federal e também por entidades privadas. De acordo com o Ministério da Saúde, cerca de 55 mil estabelecimentos de saúde já visualizam os dados, e mais de 1,4 milhão de profissionais estão aptos a acessá-los.

— O prontuário eletrônico unificado é parte de uma iniciativa mais ampla de transformação digital do SUS, criada em 2023 para ampliar o acesso aos serviços e garantir a continuidade e a qualidade do cuidado. Com a integração, profissionais de saúde conseguem acessar o histórico durante o atendimento — explica Ana Estela Haddad, secretária de Informação e Saúde Digital do ministério.

TRATAMENTO HUMANIZADO

Segundo Haddad, o atendimento fica mais humanizado e eficiente, especialmente para pacientes que vivem em áreas periféricas, com o prontuário eletrônico. Se uma gestante fez as consultas de pré-natal em Teresina, mas vai dar à luz em São Luís do Maranhão, ambas com prontuários eletrônicos, será possível acessar seus registros.

Além disso, na palma da mão, o cidadão tem o Meu SUS Digital, aplicativo em que se acessam vacinas tomadas e prescrições, entre outras informações. Os downloads já passam de 58,8 milhões. O app é a evolução do Conecte SUS, popularizado durante a epidemia da Covid-19, pela necessidade do comprovante de vacinação contra a doença.

O acesso de pacientes a documentos médicos como o prontuário e o sumário da alta, livrando-se de ter de ir até a unidade de referência. Os pedidos são feitos pelo aplicativo MGApp. No primeiro mês, foram recebidas 369 solicitações.

REDUÇÃO DE CUSTOS

O serviço é útil em casos como o da bebê Aurora Maria Oliveira Mesquita, do interior do Acre, tratada no Hospital João XXIII, em Belo Horizonte. Mês passado, com três dias de vida, Aurora sofreu queimaduras de segundo e terceiro graus no banho dado na maternidade. A recém-nascida foi levada para o hospital mineiro, referência nacional de tratamento de queimados e doenças infantis raras.

— Atendemos pacientes do país inteiro e o sistema encurta muito as distâncias. Os documentos podem ser solicitados de qualquer localidade, e o prazo para recebimento por e-mail é de 20 a 30 dias. Ajudam para requerer benefícios do INSS ou em ações judiciais. O envio é seguro, com autenticação gov.br, e sem custo, mesmo quando o paciente está em outra cidade — diz Thamyres Barros, encarregada do tratamento de dados pessoais da Fhemig.

A aplicação de novas ferramentas digitais depende também do uso de dados integrados e organizados pelos recursos de inteligência artificial. Mirando em um ganho de eficiência e na melhoria do atendimento prestado pelo SUS, o Ministério da Saúde desenvolve, no momento, o prontuário falado, numa frente. Em outra, elabora projetos em andamento aplicando a IA para a compra centralizada de remédios e na identificação de possíveis fraudes em sistemas de faturamento de serviços.

Entusiasta do emprego dos novos recursos na prática médica, o cirurgião Ben-Hur Ferraz Neto, chefe do programa de transplante de fígado do Hospital Albert Einstein, considera que a produção de dados torna a medicina muito mais segura, reduzindo erros e custos.

— No começo, a comunidade médica e os pacientes achavam que a tecnologia acabaria com a humanização. E a gente percebeu que é o contrário: ter o histórico do paciente, o passado médico da família, saber o começo e o meio da história, tudo isso humaniza o sistema, fica muito mais personalizado. A tecnologia vem transformando profundamente a saúde.

Ben-Hur conta que as consultas estão "mais resolutivas" com o prontuário digital, porque o médico tem acesso às informações estando presencial ou remotamente. Os algoritmos de inteligência artificial conseguem diagnosticar precocemente doenças crônicas e prevenir complicações.

— Insiro exames rotineiros e consigo ver qual o risco de aquele paciente estar com um problema sério no fígado, que pode ser silencioso — diz.

DIVULGAÇÃO/FHEMIG



ARQUIVO PESSOAL



Novos recursos. Prontuário unificado (foto maior) e aplicativo da Fhemig (segunda foto) ajudam pacientes como Bernadino, que se trata em Caruaru depois de cirurgia no Rio

A gente sabe que uma ideia é boa quando ela continua relevante depois de 100 anos.

Parabéns pelos 100 anos do O Globo.
A We se orgulha de fazer parte dessa história.

Há 100 anos, O Globo ocupa um lugar de referência no jornalismo brasileiro, entregando conteúdo que molda decisões, inspira debates e informa pessoas nos quatro cantos do País.

A We se orgulha de caminhar lado a lado com ele, numa parceria que vem ajudando nossas marcas a transformar seus mercados desde que surgimos, há 23 anos.

BYD, EMS, Bridgestone Firestone e muitas outras, que entendem o valor da boa comunicação e sabem que não basta dizer a coisa certa, é preciso estar onde todo mundo está olhando.

A diferença de idade entre O Globo e a We pode ser grande, mas a vontade de fazer acontecer é igualzinha.

Parabéns! E que os próximos 100 anos sejam tão inspiradores quanto todos até aqui.

Agências do GRUPO We LVL IDK CONTENT [AREA 51]

We

/agenciawe /agenciawe /agencia-we

SAÚDE EM PRIMEIRO LUGAR

SAÚDE INFANTIL É DESAFIO A ENFRENTAR

Vacinação em dia, boa alimentação e manter crianças longe de telas são itens citados por especialistas para um crescimento integral e saudável

SIMONE INTRATOR
Especial para O GLOBO

A cearense Maria Valdeci Silva trabalha todos os dias como empregada doméstica no Rio para garantir aos filhos Gustavo e Isabelle, que cria sozinha, saúde, educação e comida na mesa. Os dois têm a caderneta de vacinação em dia, não faltam à escola, e têm o arroz com feijão como base de suas refeições. Representam um futuro pelo qual o país anseia, em que a Constituição prioriza os direitos da criança, mas que ainda tem muitos desafios a vencer para fazer jus à citação atribuída a Nelson Mandela: "Não existe revelação mais nítida da alma de uma sociedade do que a forma como esta trata suas crianças".

Uma das políticas públicas para melhorar as condições de vida das crianças é o Programa Saúde na Escola (PSE), que completa 18 anos em 2025, e integra os ministérios da Saúde e da Educação. O objetivo é transformar o ambiente escolar em um espaço de desenvolvimento com qualidade de vida.

— Em 2025, registramos um aumento de 20% na cobertura vacinal de crianças até 5 anos. Chegamos à adesão de 98% dos municípios. Mais de 24 milhões de estudantes se beneficiaram com alguma das mais de 1,4 milhão de ações em quase 100 mil escolas em 2023 — detalhou a secretária de Atenção Primária à Saúde do Ministério da Saúde, Ana Luiza Caldas.

Para a pediatra Isabella Ballalai, diretora da Sociedade Brasileira de Imunizações (Sbin), levar as aplicações a creches e escolas mudou o cenário nacional de baixa cobertura vacinal que se desenhava há dez anos:

— Os índices de vacinação aumentaram e três bateram a meta: tríplice (sarampo, caxumba e rubéola), BCG e pólio, em fevereiro de 2025. A cobertura vacinal do HPV também melhorou, mas ainda temos um problema grave de falta de homogeneidade entre os estados. O Norte tem adesão baixíssima, não chegando a 30% de cobertura vacinal. E, com isso, são criados bolsões de doença, como aconteceu com o sarampo, que podem gerar surtos no país.

Muitos dos dados estão no Anuário VacinaBR 2025, publicado este ano com dados até 2023, elaborado pelo Instituto Questão de Ciência (IQC) com apoio da Sbim e parceria do Unicef. O documento traz dados compilados e analisados sobre vacinas e serve de referência para quem busca compreender o panorama vacinal brasileiro. Apesar da recuperação iniciada em 2022 e acelerada em 2023, o relatório mostra que nenhuma das vacinas infantis atingiu as metas de cobertura estabelecidas pelo PNI em todos os estados até 2023.

CRISTIANO MARIZ/8-8-2022





ARQUIVO PESSOAL

Cuidados. Bebê com seu pai em posto de saúde e Laila Benchimol, uma entusiasta da vacinação, com os filhos Eric e Igor: pensando no coletivo

CUIDADO COM AS TELAS

A comunicadora Laila Benchimol, mãe de Eric, de 4 anos, e Igor, com 1 ano e meio, é uma das entusiastas da vacinação:

— Além de ser bom para o coletivo, deixa todos mais tranquilos quanto à socialização da criança, sabendo que ela está segura e que se pegar alguma doença será de forma mais branda.

Outros fatores, além da vacina, também são pilares da saúde na infância, segundo Daniel Becker, especialista em saúde pública e uma das principais vozes pelo bem-estar da criança e pela regulação do uso de telas:

— É preciso cultivar um vínculo forte com os pais, que garanta intimidade. E para isso criança e adulto devem estar longe das telas. Ter uma alimentação saudável e também o brincar, pelo menos uma hora por dia, ao ar livre. Aumenta a imunidade, melhora a capacidade cardiorrespiratória, traz força muscular, combate a miopia, melhora o sono e a aprendizagem e afasta as crianças das telas.

Francisco Bacellar Freudenfeld, de 12 anos, segue ao pé da letra essa cartilha.

— Ele hoje troca qualquer tela para surfar com os amigos, andar de bicicleta ou jogar futebol. Mas, olhando para trás, vejo que sempre foi muito estimulado a brincar livremente. E sempre conviveu com muitas crianças, na creche. Nunca foi um menino sozinho — conta Paula Bacellar, mãe de Francisco.

As atividades de Francisco também ajudam a combater a obesidade e a se alimentar melhor. Gabriela Kapimé nutricionista especializada em crianças e tem uma colônia de férias, "Na Cozinha com a Kapim", cujo propósito é despertar autonomia e autocuidado, além de aumentar o repertório alimentar:

— É um espaço de experiências onde o alimento é nossa principal ferramenta de diversão e interação. As crianças brincam, cantam, cozinham. O objetivo não é fazer ninguém comer. É, sim, propor uma vivência em que a criança participa das escolhas, do preparo dos alimentos, do convívio à mesa.

Há também um outro ingrediente que não pode faltar à vida de uma criança: a nutrição emocional. Para a psicopedagoga Zanella Grandi, este ainda é um tema pouco explorado:

— Fala-se muito sobre o desenvolvimento cognitivo e físico dos filhos, mas, com relação ao mundo das emoções, percebo um silêncio maior. É importante validar e nomear os sentimentos com os filhos, criando um lugar de segurança e acolhimento para expressarem seus medos e inseguranças.

Hoje, todo
o **cuidado da**
Porto é para
celebrar **O Globo.**

Uma homenagem do Grupo Porto
aos **100 anos do Globo.**

Porto

Parabéns, O Globo. No que depender da gente, todo mundo vai chegar bem assim aos 100 anos.

Uma homenagem do Aché Laboratórios aos 100 anos de O Globo.



SAÚDE EM PRIMEIRO LUGAR

A CIÊNCIA APLICADA ENTRA EM CAMPO

O esporte nunca foi tão apoiado por médicos, nutricionistas, fisioterapeutas e outros especialistas no corpo e na mente para auxiliar atletas em busca de carreiras mais duradouras e avanços na superação dos próprios limites

CLAUDIO NOGUEIRA
claudio.nogueira.rpa@oglobo.com.br

ALEX GRIMM E LOIC VENANCE/AFP





Longevidade e ciência. Thiago Silva, na ativa aos 40 anos, e Rebeca Andrade, que teve o desempenho melhorado por protocolos biomecânicos: exemplos de alto rendimento

LOIC VENANCE/AFP

Prática milenar, o esporte nunca se viu tão apoiado pelo que se denomina de ciência aplicada. O alto rendimento recruta médicos, nutricionistas, fisiologistas, fisioterapeutas, psicólogos e profissionais de biomecânica, entre outros. São cada vez mais comuns atletas com carreiras mais duradouras, como o goleiro Fábio, de 44 anos, e o zagueiro Thiago Silva, de 40, que defenderam o Fluminense na Copa do Mundo de Clubes.

Com 44 anos de medicina esportiva (16 de seleção brasileira, inclusive no pentacampeonato mundial na Coreia do Sul e Japão, em 2002), José Luiz Runco, ex-diretor médico do Flamengo, relembra quando um médico de futebol era quem elaborava o cardápio dos jogadores na concentração e nas viagens e quem o ajudava no atendimento no gramado era o massagista.

— As coisas mudaram a partir de 1985, com as chegadas do nutricionista, fisioterapeuta e fisiologista. A medicina esportiva era mais curativa e passou a ser preventiva. Hoje temos as cirurgias menos invasivas, como as artroscopias de joelho, menos agressivas que as feitas com cortes no local. O tempo de recuperação se reduziu — conta Runco, acrescentando que o Flamengo dispõe de uma divisão de ciência e de um departamento médico unificado para todos os esportes.

Outro investimento forte na ciência está no Palmeiras. Segundo Daniel Gonçalves, coordenador do Núcleo de Saúde e Performance do clube, há integração de especialidades ligadas à saúde.

— Creio que o atleta de futebol nos próximos anos ultrapassará a barreira dos 40 anos, com ações que visem à manutenção de qualidade muscular e retardem o envelhecimento, como análises (de laboratórios), ações anti-inflamatórias e proteção às articulações — prevê Gonçalves, acrescentando que os profissionais do núcleo são capacitados em fisiologia e aplicam procedimentos científicos: — O Palmeiras tem um modelo único, em que o atleta está no centro, e ao redor dele há três grandes órbitas: estrutura física, recursos humanos e métodos e processos, baseados na literatura científica.

Para Gonçalves, o comportamento da atual geração de atletas está mudando: eles postam imagens hoje treinando nas férias. Cristiano Ronaldo é citado por ele como um "grande embaixador" dessa mudança de atitude, investindo em empresas de tecnologia esportiva, para acelerar a recuperação e aumentar a longevidade.

— Há a consciência de que a ciência ajuda os atletas — resume.

Responsável pelas delegações brasileiras para os Jogos Olímpicos, Pan-Americanos e Sul-Americanos, o Comitê Olímpico do Brasil (COB) mantém um laboratório olímpico de 1,7 mil metros quadrados e tecnologia de ponta em seu Centro de Treinamento no Parque Aquático Maria Lenk, na Barra, Zona Oeste do Rio. As metodologias são compartilhadas com confederações de fora do Rio e com atletas no exterior. No Laboratório do COB, atletas são submetidos a uma diversidade de avaliações, desde os exames de sangue e urina a sofisticados testes de biomecânica.

— Desde 2016 já foi possível observar os impactos positivos da ciência aplicada ao esporte através do Laboratório Olímpico. Podemos incluir aí não apenas o Pan de Santiago em 2023 e as Olimpíadas de Paris em 2024, mas os resultados das Olimpíadas de Tóquio em 2020 — enfatiza consultor de esportes do COB, Jorge Bichara, que cita a ginasta Rebeca Andrade, dona de seis medalhas olímpicas em Tóquio e Paris, como uma atleta com desempenho beneficiado pelo laboratório.

— No caso da biomecânica, foram desenvolvidos protocolos que promovem a longevidade musculoesquelética frente à alta demanda de sobrecargas da ginástica artística — explica Bichara. — Além disso, temos a análise com vídeo que permite o retorno instantâneo das execuções em tela, para revisão dos movimentos logo após sua realização.

CELEIRO PARA MODALIDADES

Com 37 anos de medicina esportiva, o professor Antônio Herbert Lancha Júnior aponta que com a prática interdisciplinar, se um judoca precisa baixar de peso em 24 horas, a nutrição e a preparação física trabalham em conjunto.

— Os super-homens e as supermulheres já estão aí, e o Brasil é um celeiro para todas as modalidades, pela miscigenação. O que nos falta são espaços de prática esportiva e oportunidades para experimentar — diz.

Presidente da Sociedade Brasileira de Medicina do Esporte e do Exercício, Fernando Carmelo Torres, há 30 anos na especialidade, vê exemplos de longevidade como Tom Brady (do futebol americano, que parou aos 45 anos, em 2023) e LeBron James (que aos 40 continua no basquete da NBA). Mas Camelo acrescenta que já se constata uma elevação na expectativa da população brasileira e do mundo em geral.

— Isso é reflexo de uma melhora no estilo de vida das pessoas — afirma.

A parte mental dos desportistas não pode ser esquecida, reforça Camelo. Eles passam por avaliações de aspectos como ansiedade. Atualmente, há recursos como os *wearables* (coletes e outras peças que os atletas vestem) e que permitem melhorias no controle de desempenho.

— Mas para que a carreira tenha uma maior duração, não adianta o médico, o preparador, o nutricionista sugerir algo se o atleta não quiser fazer — ressalva.

RAFAEL BELLO / COB



Tecnologia de ponta. Nadadora se exercita em laboratório do Comitê Olímpico Brasileiro: área de 1,7 mil metros em que atletas são submetidos a várias avaliações

100 anos
de histórias que
inspiram o Brasil.



O GLOBO 100

O **Grupo Edson Queiroz** parabeniza o **jornal O GLOBO pelos seus 100 anos.**

Um século de jornalismo com inovação, credibilidade e compromisso com o Brasil.

Uma história que inspira e fortalece a comunicação como valor essencial.

Informar, evoluir e construir o futuro — juntos.

GEQ Grupo Edson Queiroz | minalba BRASIL | NACIONALGÁS | Esmaltec | SVM

geq.com.br

SAÚDE EM PRIMEIRO LUGAR

SEMPRE JUNTOS, NA SAÚDE E NA DOENÇA

Na pandemia da Covid-19, o jornal foi além do noticiário ao democratizar a informação e desenvolver novas formas de produção de conteúdo

SÉRGIO MAGGI
maggi@oglobo.com.br

O que parecia um filme de ficção científica se mostrou realidade: todos confinados em suas casas por causa de um vírus. Foi um choque e um penoso aprendizado. O GLOBO também precisou se adaptar para ajudar as pessoas nesse período, indo muito além de noticiar o rápido avanço da Covid-19, e lidando com as mesmas restrições que o distanciamento social impôs ao mundo.

As iniciativas para responder à crise começaram com a liberação de acesso para não assinantes de reportagens e textos de serviço que traziam informações sobre a Covid-19. A cobertura ofereceu conteúdos especiais no ambiente digital, como um infográfico atualizado diariamente que informava os leitores com transparência sobre o crescimento de casos no Brasil e no mundo.

Foi em busca dessa mesma transparência que O GLOBO se uniu a g1, Extra, Estadão, Folha e UOL para formar um consórcio de veículos de imprensa durante a pandemia. A intenção foi oferecer à população dados confiáveis sobre a Covid-19 num momento em que o governo do então presidente Jair Bolsonaro suspendera a divulgação de estatísticas sobre mortos e infectados. O grupo trabalhou ininterruptamente ao longo de 965 dias, numa apuração que envolveu mais de 100 profissionais.

No período, O GLOBO também lançou guias em PDF de distribuição gratuita, com informações sobre prevenção, como trabalhar em home office e entreter as crianças em casa no confinamento. Os guias foram feitos num formato de fácil distribuição por redes e pelo WhatsApp, e repassados também para influenciadores, para ampliar seu alcance. As cartilhas tiveram mais de 500 mil downloads diretos do site do GLOBO. A estimativa é de 5 milhões de compartilhamentos. O jornal desenvolveu, ainda, um bot (robô) para, em uma conversa com o público, tirar as dúvidas sobre o coronavírus. A plataforma funcionava via comando de voz pelo celular.

Esse conjunto de iniciativas levou o jornal a vencer o Digital Media Awards Worldwide, prêmio da Associação Mundial de Veículos de Notícias (WAN-IFRA), na categoria Melhor Compromisso de Audiência.

FESTIVAL PIONEIRO

Com o prolongamento do confinamento, as pessoas inventaram maneiras de ter algum resquício de uma vida normal. Algumas foram às janelas cantar para os vizinhos. O GLOBO aproveitou uma "janela" muito maior: as redes sociais. Lançou o primeiro festival de música online da pandemia da Covid-19, em março de 2020, uma semana depois de a OMS alertar para os riscos da doença: batizada como #tamojunto, a ação levou ao público shows de Adriana Calcanhotto, Teresa Cristina, Martinho da Vila, Elba Ramalho, Rodrigo Amarante, Boogarins, Carminho e Fafá de Belém, entre outros, em apresentações on-line direto das casas dos artistas.

No total, o festival contou com mais de 120 estrelas da música em dez dias de lives, resultando em mais de 5 milhões de acessos nos canais digitais do jornal.

Foi também através de janelas que o jornal entrevistou personalidades no período de distanciamento social, com o uso de drones e gravações feitas pelo celular. Em 21 conversas, nomes da cultura como Tony Ramos, Antonio Fagundes, Fernanda Torres, Anitta e Xuxa mostraram a sua rotina durante o isolamento.

A proposta, de seguir com a rotina de "encontrar" os entrevistados para levar vozes diversas aos leitores, acabou escolhida como o melhor projeto de vídeo da América Latina pela WAN-IFRA.

GABRIEL MONTEIRO/21-5-2020





Ações do GLOBO. Durante a pandemia, Fabio Porchat é entrevistado, com a ajuda de drones, pela janela do seu apartamento, e artistas (à esquerda) estrelam festival de música online

Diante do avanço do coronavírus, a ciência correu para criar uma vacina contra a doença, e os primeiros imunizantes ficaram prontos em meados de 2020. Até então, o desenvolvimento de uma vacina podia demorar mais de 10 anos. Neste caso inédito, a proteção contra a Covid-19 chegou em meses. No início, a produção era insuficiente para a demanda. Foi preciso criar critérios para decidir quem receberia o imunizante primeiro. Diante da ansiedade da população em saber quando seria sua vez de ser vacinada, O GLOBO criou a ferramenta "Qual o seu lugar na fila da vacina?", onde os leitores, após responderem a uma uma série de perguntas, recebiam uma estimativa de quando enfim seriam imunizados.



SÉRGIO MAGGI
é editor assistente de Videojornalismo





PARABÉNS, O GLOBO, PELOS 100 ANOS DE UMA HISTÓRIA CHEIA DE ENERGIA.

No jornalismo ou no mercado de energia, uma sociedade bem informada é uma sociedade mais livre. Homenagem da ENGIE a quem também escreve o futuro, hoje.



Vem ser livre com a ENGIE.
Simule, migre e economize.

ENGIE

LET'S ACT TOGETHER.

SAÚDE EM PRIMEIRO LUGAR

GENTE DO GLOBO

Histórias de alguns dos milhares de profissionais que fazem parte da trajetória centenária do jornal



Miriam Leitão
Colunista

"Fiz TV, rádio e jornal, mas escrever é meu prazer maior no jornalismo. Em 1991, tinha passado por dez empregos, mas fiquei feliz ao entrar no GLOBO, onde desabrochei. Fui muito desafiada a mostrar tudo que sabia e chamada a elaborar possibilidades. E foi emocionante porque aprendi a ler jornal pelo GLOBO, no interior de Minas. É difícil listar coberturas importantes, mas um destaque foi a crise bancária, logo depois do Plano Real. Tive que ter muito cuidado, pois qualquer informação poderia gerar uma corrida aos bancos. E mais recentemente, com Sebastião Salgado, em 2013, quando descemos o Rio Caru, na Terra Indígena Awá. A questão ambiental também foi algo que sempre me atravessou. Com as reportagens, me formei uma pensadora do Brasil."



Luiz Garcia
Editor, cronista, colunista (1936-2018)

Dono de cultura inesgotável, Luiz Garcia construiu e imprimiu seu estilo no jornalismo durante as seis décadas em que se dedicou ao ofício. No GLOBO, chegou em 1961 como copidesque e, depois de passagens por outros veículos, voltou ao jornal e se tornou editor de Política em 1974. Modelou os textos, o estilo e o trabalho diário da Redação, onde trabalhou por 43 anos. Ele foi autor do Manual de Redação do jornal, de 1992. Um pouco antes, em 1986, começou a produzir o Algumas, crítica que tirava o sono os jornalistas. Algumas observações sobre o jornal de hoje (o nome completo) destacava inconsistências de linguagem, mas também elogios. Foi editor de Opinião entre os anos 1980 e 2000 e colunista de 2003 a 2015.



Silvia Fiuza
Assistente executiva (até 1984) **e diretora do Acervo Roberto Marinho**

"Em 1981 comecei minha vida profissional no GLOBO, com 20 anos, quando cursava História. O Evandro Carlos de Andrade conseguiu uma vaga para eu ser estagiária do editor-chefe. Era como uma secretária e aprendia tudo, ficava até a hora do fechamento do jornal. Em 1999, a família Marinho me chamou para desenvolver um projeto de memória do Grupo Globo, de resgate e recuperação da história dos fundadores e das empresas em si. Um momento marcante foi quando, logo que entrei, estava no jornal durante o atentado do Riocentro. Jamais vou esquecer aquela noite, uma cobertura incrível e histórica, com o furo da foto do capitão dentro do Miguel Couto. Ali vi a importância da imprensa na História."



Leonardo André
Diretor de Projetos Especiais

"Em 2007 assumi a coordenação de planejamento comercial do GLOBO e do Extra. Dois anos depois, passei à área de operações comerciais, como gerente de planejamento, cuidando do fechamento do jornal, paginação do impresso e de receber anúncios. Em 2019, assumi a área de projetos especiais. Comando o desenvolvimento e a realização de projetos como os eventos Rio Gastronomia e Vinhos de Portugal, e também realizo os seminários. Tudo que tem entrega diferente e customizada para os anunciantes. Uma das coisas legais que me marcaram foi a retomada do Aquarius em 2022 — havia mais de dez anos que não fazíamos. Transformar o Rio Gastronomia num grande festival também de música e entretenimento igualmente me marcou.



Ascânio Seleme
Diretor de Redação (até 2017) **e colunista** (até 2023)

"Em 36 anos de GLOBO, fui repórter de economia, repórter especial, correspondente, editor, diretor de Redação e colunista de política. Cobri eleições, pacotes econômicos, escândalos e crimes hediondos. Cobri uma crise econômica no Sudeste Asiático e a devolução de uma colônia britânica a seu povo: a retrocessão de Hong Kong para a China. Cobri guerra em Angola. Ganhei três prêmios Esso em 13 anos de reportagem. Como editor e diretor, trabalhei nos mandatos de Lula, Dilma e Temer. Colunista, comentei a ascensão e queda de Bolsonaro, o mais perigoso dos presidentes civis da história do Brasil. Na era de redes sociais, em que todos se julgam jornalistas e muitos mentem deslavadamente, são importantes fontes de informação segura. O GLOBO cumpre o papel."



Elaine Rodrigues
Repórter (1955-2005)

A gargalhada inconfundível e contagiante era assinatura pessoal de Elaine, uma das principais repórteres do GLOBO desde os anos 1980. Precursora do jornalismo investigativo, sua dedicação era provada a cada vez que era vista manejando pilhas de papéis, sempre na busca pela informação. Foi através desses arquivos que Elaine criou banco de dados próprio, para guardar todas as informações sobre pessoas envolvidas em escândalos na área da saúde, que cobria com afinco. Uma de suas últimas reportagens revelou como bicheiros manobravam quase R$ 70 milhões (cerca de R$ 250 milhões em valores atuais) do carnaval carioca. Trabalhou no GLOBO por 20 anos, até se afastar para tratar um câncer.



Ana Luiza Marinho
Coordenadora de Arte e gerente de Marketing Institucional (até 2004)

"Tive momentos emocionantes mesmo, durante meus anos de GLOBO. Dois me fizeram ter certeza da missão de um jornal, além de informar: formar pessoas. Um deles foi no dia seguinte à realização de um dos nossos Projeto Aquarius, a celebração dos 200 anos de Mozart, na Quinta da Boa Vista. Dentre as inúmeras mensagens que chegaram ao jornal, uma delas veio escrita com letra muito simples, num papel de embrulhar pão. 'Queria dizer que ontem saí do show melhor do que entrei'. A segunda foi no fim de uma apresentação ao ar livre da peça 'O doente imaginário', de Molière, que realizamos na frente do Museu Nacional para mais de 100 mil pessoas. Um senhorzinho se aproximou de mim e pegou minha mão: 'Moça, eu não sabia que teatro era isso!', festejou."



Pedro Colicigno
Chefe da segurança da Editora Globo

"Era policial civil e fui contratado para supervisionar a montagem do palco do Aquarius, em 1988. No ano seguinte, entrei aqui como agente para complementar a renda. Era um dos mais novos até o César Lourenço, então chefe de segurança, me indicar para assumir a coordenação. E 35 anos depois, aqui estou. Até hoje não precisamos usar crachá para acessar o prédio, mas faço questão de usar. Momento que me marcou muito foi o velório do Dr. Roberto Marinho, na casa do Cosme Velho. Fiquei coordenando a entrada das autoridades no velório e a chegada das coroas de flores, tantas que foi preciso espalhar pelo jardim. Era uma pessoa muito boa, educada e gentil. Muitas vezes fiz também a segurança pessoal na casa dele de Angra dos Reis."



Malu Gaspar
Colunista e podcaster

"Cheguei no GLOBO em 2021, vinda da Piauí, já com 25 anos de carreira e passagens por Veja, Exame e IstoÉ, sempre cobrindo política e economia. Trabalhei em São Paulo, Nova York, publicara dois livros, mas ainda não tinha uma presença digital forte. Não havia trabalhado com blog nessa nova etapa do jornalismo geral, mais dinâmico, independente do papel. Aqui ganhei uma equipe da qual me orgulho. Uma coisa importante do ambiente digital é o alcance de pessoas e aprendi muito sobre o meio digital. Criei podcasts e passei a falar na CBN. Dentre as várias coberturas importantes para mim e para o debate público, cheguei numa intensa e combativa da CPI da Covid e todo aquele ecossistema de desinformação."



Artur da Távola
Colunista e escritor (1936-2008)

Depois de ter os direitos políticos cassados em 1964 e de alguns anos no exílio, Paulo Alberto de Barros adotou o pseudônimo Artur da Távola na volta ao Brasil, em 1968. Começou sua coluna no GLOBO em 1972. Foi repórter de cidade, mas se consolidou como colunista diário de TV, onde escreveu por 15 anos. Confessou, certa vez, sentir falta de prestígio intelectual: explicava que escrevia crônica, considerada um gênero menor; falava sobre televisão, vista com ressalvas pela elite; e tinha abraçado a política, "atividade que a intelectualidade não compreendia". Ao sair do GLOBO em 1987, voltou à política. Escreveu dezenas de livros, elegeu-se deputado, senador e fundou o PSDB. Foi cronista também em O Dia e presidiu a Rádio Roquette Pinto, em 2007.

GRUPO CASASBAHIA

HÁ 100 ANOS, O BRASILEIRO SE INFORMA COM O GLOBO.

E, HÁ MAIS DE 70, REALIZA SONHOS COM A CASAS BAHIA.

PUBTISE

A Casas Bahia celebra os 100 anos de O Globo trazendo informações com credibilidade às casas brasileiras.

Quem vive junto às transformações da tecnologia e da sociedade há sete décadas valoriza uma história de dedicação.

CASASBAHIA pontofrio extra.com.br

bartira banQi CASASBAHIA CB full

Somos uma confederação com um único Fin: realizar sonhos

Chame de Fin, chame de Confederação Nacional das Instituições Financeiras, o que importa mesmo é que você pode contar conosco sempre que seu sonho exigir.

E não importa o tamanho, pois para a Fin não há sonho grande ou pequeno, há apenas os sonhos de milhares de brasileiros que buscam apoio para torná-los realidade.

O sonho da casa própria, o do carro novo, o do investimento em infraestrutura, o da exportação, ou o de levar sua empresa para a Bolsa de Valores, para cada um deles há uma Fin para dar vida ao que até então existia apenas na sua imaginação.

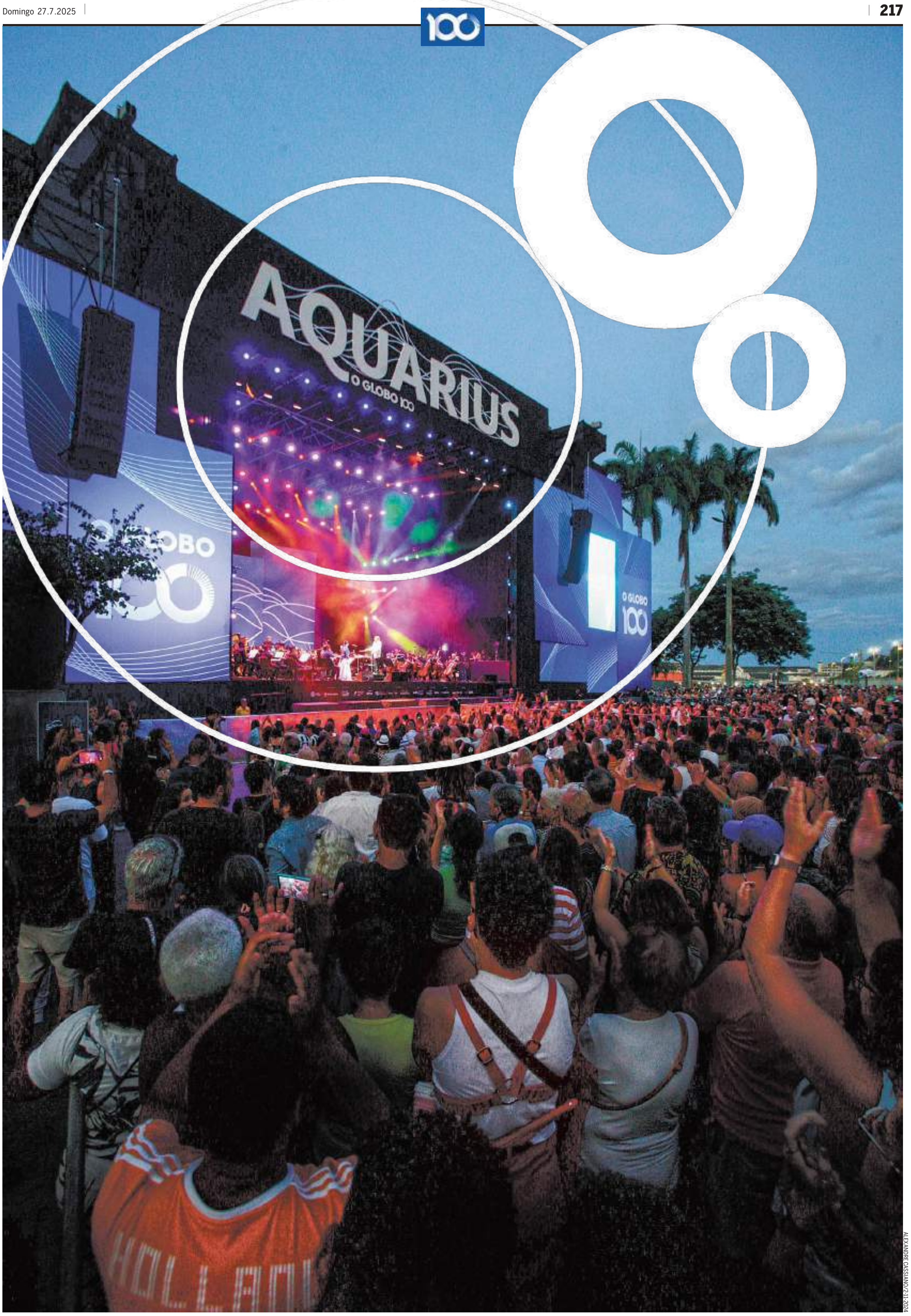
Para cada sonho há uma Fin: na forma de corretora sólida ou como fintech disruptiva, há aquela Fin que viabiliza o leasing para a troca do automóvel; a Fin que garante o crédito para a tão desejada mudança de endereço; a Fin que dá o "start" de que toda startup precisa; tem também a Fin que vai fundo nos investimentos para a expansão das empresas; e há aquela Fin na palma da sua mão, na forma de cartão de crédito que facilita suas compras.

Somos a Confederação Nacional das Instituições Financeiras, uma associação com um único Fin: realizar sonhos.

www.fin.org.br

fin CONFEDERAÇÃO NACIONAL DAS INSTITUIÇÕES FINANCEIRAS





ALEXANDRE CASSIANO/2-11-2024

ALÉM DO PAPEL
DO JORNAL

O GLOBO nasceu como um informativo impresso, mas nunca ficou preso à função tradicional de um jornal. A conexão com o leitor sempre esteve presente em eventos, ações e campanhas que mostram que informação fica ainda melhor quando é entregue junto à cultura e à cidadania.

PAULO RENATO NEPOMUCENO
paulo.renato@oglobo.com.br

INOVAÇÃO QUE SEGUE PAUTANDO O FUTURO

Edições aos domingos e feriados, como Natal e Ano Novo, caderno sobre a campanha brasileira na Segunda Guerra e suplementos diversos, além do uso de tecnologia, estão entre as marcas registradas dos 100 anos do GLOBO

Ao longo de 100 anos, a inovação esteve sempre presente nas páginas impressas e nos conteúdos digitais do GLOBO, com o objetivo de melhor entregar notícias aos leitores. Mas o jornal não foi moderno apenas ao lidar com informação: ao longo de um século, ele antecipou tendências e foi muito além do papel tradicional de um veículo de comunicação, aliando o ineditismo, o diálogo com a sociedade e o compromisso de levar um conteúdo apurado aos leitores. E fez isso das mais variadas formas.

As inovações editoriais estão no DNA do GLOBO desde seu batismo em 1925, cujo nome foi escolhido pelos leitores numa votação popular. Décadas depois, outra novidade foi o lançamento de edição dominical regular, em julho de 1972, então raríssimas nos jornais. Os cadernos publicados no primeiro dia da semana eram (e ainda são) recheados de reportagens mais robustas e de maior planejamento, com mais destaque para as fotografias e as grandes entrevistas. No editorial da primeira edição de domingo do GLOBO, Roberto Marinho explicou que foi "uma etapa cuja efetivação não mais podíamos adiar". A partir dali, os principais concorrentes também deram seu pontapé na circulação ininterrupta em todos os dias da semana.

Mais alguns anos à frente, O GLOBO também foi o primeiro jornal no Brasil a circular nos dias de Natal e de Ano-Novo. A decisão de Roberto Marinho acabou sendo lembrada por uma trágica coincidência: o exemplar inaugural de um 1º de janeiro, o de 1989, estampou o naufrágio do Bateau Mouche, na Baía de Guanabara, quando navegava rumo a Copacabana para a celebração da virada do ano. A tragédia matou 55 pessoas. Só O GLOBO publicou a notícia na manhã seguinte.

Bem antes dessa estreia, O GLOBO já trilhava caminhos nunca antes desbravados. Em 1944, durante a Segunda Guerra, o jornal criou O GLOBO Expedicionário, caderno especial dedicado a levar um resumo das notícias aos pracinhas que atuavam no front da Força Expedicionária Brasileira, na Itália. Foram 37 edições recheadas de mensagens de parentes do militares e de informações da terra natal, confortando e conectando os combatentes ao país.

Em um ambiente completamente oposto, o caderno ELA, hoje revista, também foi vanguarda, dando espaço a um olhar apurado para novidades do campo do comportamento. Com pouco mais de 60 anos de vida, o ELA foi criado com a premissa de mostrar um mundo moderno "bem menos masculino e muito mais feminino", como disse Roberto Marinho no editorial de estreia do caderno. A proposta era repercutir as novidades de moda, cultura, gastronomia, arte e pensamento, assuntos que seguem pautando a publicação 3.200 edições após a primeira impressão.

— O que o ELA trazia no início de 1964, de traduzir as inquietudes da mulher contemporânea, segue em uma realidade multiplataforma, indo além da revista, mas nos eventos e plataformas digitais — ressalta Marina Caruso, editora-chefe da ELA, que destaca ainda a pluralidade de perfis e conteúdos existentes nas páginas, refletindo a audiência ampla e diversa. — Quando o caderno nasceu, a expectativa de vida da mulher era de 55 anos. Hoje é de 80. Então, ela estará na menopausa a maior parte do tempo. Precisamos falar com essa mulher, mas também com a leitora de amanhã, que começa a nos ler no Instagram e vê importância no impresso porque cansa de tudo o que é digital e volátil.

Na década de 1980, O GLOBO apresentou ao leitor duas grandes estreias: os Jornais de Bairro e a coluna Defesa do Consumidor. Os cadernos de Bairro foram criados em 1982 para levar informações sobre a vizinhança, dando voz aos leitores e com um forte cardápio de serviços. Logo no primeiro ano, oito suplementos circularam: Tijuca, Méier, Barra, Copacabana, Ipanema, Madureira, Botafogo, Leopoldina, Ilha e Niterói. Em pouco tempo, eles se tornaram símbolo para a promoção do comércio local, e alguns deles, como GLOBO-Zona Sul e GLOBO-Barra, seguem encartados no veículo até hoje.

— Os Jornais de Bairro têm boa entrada local, nas comunidades. Vários leitores sugerem pautas e dão retorno sobre o impacto, veem e agradecem — afirma o editor Milton Calmon, que começou como repórter do caderno em 1986.

Ele destaca ainda a importância na formação de novos talentos no jornalismo, que começaram cobrindo o noticiário local nos Jornais de Bairro.

O atual diretor de Redação, Alan Gripp, por exemplo, é um dos profissionais "formados" na editoria. Ele começou no GLOBO em 1997, no caderno Niterói:

— É uma grande escola, essencial para a evolução do jornalista, porque lá você fala de urbanização da cidade, segurança pública, economia, política, gastronomia, cultura. É um laboratório — diz Gripp.

Já a seção Defesa do Consumidor, lançada em 1981, entregou o ineditismo de mediação entre leitores e empresas, transformando-se numa referência nas relações de consumo e evitando que problemas de clientes se arrastassem em processos longos em agências de regulação ou órgãos de atendimento ao consumidor.

Sandra Sanches, ex-diretora executiva do GLOBO, entrou no jornal como estagiária em 1981 e dirigiu, entre muitas funções nos 35 anos que ficou na casa, o departamento de gerenciamento de produtos. Lá, ela ajudou a estruturar projetos jornalísticos especiais que seguem vivos até hoje, como a Revista O Globo (hoje ELA) em 2004, Marca dos Cariocas em 2010, e premiações, como o Faz Diferença e o Rio Show de Gastronomia, uma tradição entregue anualmente durante o Rio Gastronomia, evento produzido pelo GLOBO:

— A semente do Rio Gastronomia veio em 2003, quando teve sua primeira edição num restaurante na rua Barão da Torre, em Ipanema. E ele evolui, dando visibilidade aos chefs. Um simples prêmio se tornar o maior evento de gastronomia do país é muito da essência de saber fazer — afirma ela sobre a capacidade de produção promocional do jornal.

Durante a gestão de Sanches, O GLOBO adotou em 2008 o slogan "Muito Além do Papel de um Jornal", como ela lembra, justamente pelas ações realizadas para além da edição impressa. Apesar da expansão nacional, a conexão com a sociedade carioca, segundo ela, também é um pilar que deve ser comemorado:

— O GLOBO sempre foi dono do termômetro do Rio, com muitas iniciativas conectadas à sociedade e com a preocupação de entender o carioca e seu território. Foi um jornal que começou conversando com a cidade sobre seu nome — recorda.

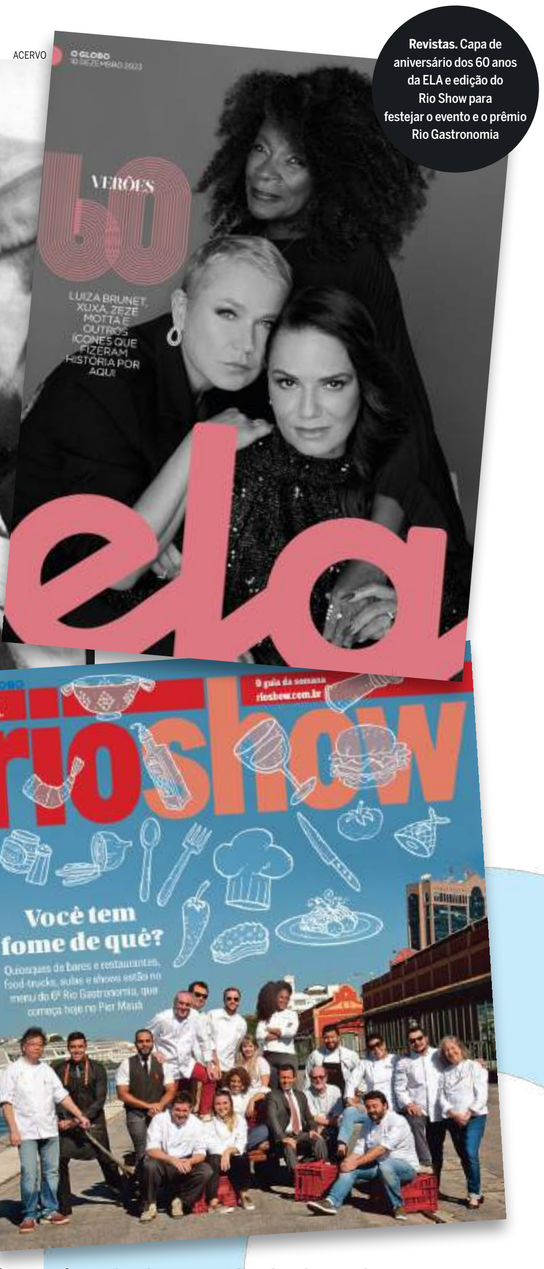
O pioneirismo em usar a tecnologia a favor da distribuição da informação pauta o jornal há 100 anos. Em 1936, a primeira telefotografia do país estampava a primeira página da edição durante os Jogos Olímpicos de Berlim. Nela, a nadadora Piedade Coutinho, de apenas 16 anos, registrava um feito histórico: tinha se classificado para a final dos 400 metros nado livre nos jogos, posto alcançado pela primeira vez na história da natação brasileira. O jornal também levou ao leitor fotografias transmitidas por rádio do front da Segunda Guerra Mundial e, em 1959, publicou a primeira imagem em cores, transmitida por ondas de um evento no Canadá.

Em 1985, foi a vez de os computadores chegarem à Redação, para, aos poucos, substituírem as máquinas de escrever. Seis anos depois, em 1991, O GLOBO lançou um caderno especial para cobertura de informática, o primeiro do país, o Informática etc., editado pela jornalista Cora Rónai, pioneira no tema e até hoje referência na cobertura sobre tecnologia.

A vanguarda no digital também esteve presente na década de 2010, com o lançamento de O GLOBO a Mais, jornal digital para tablets que ficava disponível logo ao fim da tarde, reunindo as principais notícias do dia com análises de um time graúdo de colunistas. A iniciativa deu tão certo que rendeu ao jornal o Prêmio Esso de Contribuição à Imprensa em 2012.

Já em 2024, foi lançado o Projeto Irineu, com objetivo de desenvolver novos produtos de inteligência artificial dentro da Redação. É a comprovação de que, hoje, no centenário, a tecnologia e a inovação segue pautando o futuro do GLOBO.





ACERVO

Revistas. Capa de aniversário dos 60 anos da ELA e edição do Rio Show para festejar o evento e o prêmio Rio Gastronomia



O GLOBO Expedicionário. Um suplemento especial levava notícias aos soldados brasileiros na Itália, na campanha da FEB na Segunda Guerra Mundial

ALÉM DO PAPEL DO JORNAL

NOSSA HISTÓRIA

JOSE SANTOS 15-1-1973/CESAR LOUREIRO 26-4-1994/EURICO DANTAS 28-7-1978



Evandro, meu energúmeno favorito

MERVAL PEREIRA
merval@oglobo.com.br

É difícil imaginar que o GLOBO teria chegado aonde chegou sem a atuação de Evandro Carlos de Andrade. O jornal, certamente, teria sua continuidade garantida com outro bom profissional, mas não tão rápido, com tanto brilho. Quanto a mim, provavelmente, não teria a carreira que tive. Evandro foi um espelho em que me refleti profissionalmente, embora fôssemos muito diferentes em termos pessoais.

Evandro era um energúmeno, como o definia Roberto Marinho, não no sentido pejorativo. Consumido pela paixão, buscava a perfeição no jornalismo, tanto na forma quanto no conteúdo. Quando o contínuo entrava na Redação com o jornal todo rabiscado em vermelho, distribuindo pelas editorias os comentários ácidos sobre a edição do dia, os editores tremiam. Impossível saber se escaparíamos da fúria do Evandro.

Aprendi a escrever assim, e temo fazer essa afirmação, com receio de que ele ressurja em meus sonhos para dizer o contrário. Se fosse hoje, ele seria processado por assédio moral e, em seguida, eu e todos os seus discípulos. Naquele tempo, era assim que a banda tocava. E como a banda era comandada pelo maestro Evandro, que escrevia tão bem, seguir seus passos fez com que muitos de nós melhorássemos na profissão. Um aprendizado doloroso, mas proveitoso.

Quando chegou à Redação, convidado pelo dr. Roberto, Evandro chefiava a redação do Estadão em Brasília e já tinha uma experiência de redações que deixaram marca na imprensa brasileira, como o Diário Carioca. Escreveu sobre política e esporte, e tinha a exata noção de que os dois se complementavam.

Certo dia me chamou para conversar e propôs que eu fosse para a editoria de Esportes. Disse-me que seria muito útil para mim, quando escrevesse sobre política. E foi. Ele acabara de fazer uma intervenção naquela editoria, que era das mais importantes do jornal, porque O GLOBO não saía aos domingos, e o Jornal do Brasil não saía às segundas.

A edição de Esportes de segunda era uma fortaleza no GLOBO até que o editor, Ricardo Serran, amigo do dr. Roberto e influente na então Confederação Brasileira de Desportos (CBD), guardou para a primeira página do caderno uma foto espetacular — de José Santos — do juiz Armando Marques sendo arremessado para dentro do túnel por um soco do Nilton Santos, na época dirigente do Botafogo. A ausência da foto na primeira página do GLOBO deixou o energúmeno mais atacado ainda, e a demissão do editor foi inevitável. Aquele foi o ponto de não retorno da reformulação do GLOBO. Ficou claro para todos que Roberto Marinho não estava brincando quando disse a Evandro, ao convidá-lo a dirigir a Redação, que um jornal leva uns dez anos para morrer, e seu jornal estava morrendo — o que queria impedir.



Liderança. Evandro na Redação do GLOBO (fotos no alto), e na inauguração de novas rotativas (acima), em 1978, com Roberto Marinho e os filhos João Roberto e Roberto Irineu

Em seguida, vieram as edições de domingo, que ajudaram a consolidar o papel do GLOBO no país. Se os feudos na Redação não fossem demolidos, nunca teríamos um jornal com possibilidade de disputar com o Jornal do Brasil ou com o Estadão, os grandes da época. Foi assim também com um meganha que se dizia intermediário entre os militares e o jornal. Foi demitido e colocou uma bomba na casa do dr. Roberto no Cosme Velho, mas isso é outra história.

Evandro era ambicioso e impulsivo, não tinha medo de enfrentar desafios, não media as palavras quando estava incomodado. Às vezes errava no julgamento, deixando-se levar por impulsos. Seguiu um desafeto até que, encontrando-o em um restaurante da moda, obrigou-o a publicar uma nota que redigira, se desmentindo. Devolveu algumas cartas sem ler, para humilhar o remetente. No entanto, várias vezes conseguíamos reverter à tarde uma demissão decretada pela manhã. O que parecia quase impossível, como superar o Jornal do Brasil, era um desafio viável para ele.

Era vaidoso também. Vestia-se com apuro em uma Redação que não prezava pela elegância. Decidiu obrigar todos os jornalistas a andar de gravata. Era um sujeito culto, que lia muito e gostava de discutir temas variados, livros, filmes. A tal ponto que Nelson Rodrigues costumava entrar em sua sala e perguntar: "O que nós achamos?" de tal livro, ou daquele filme. Tinha uma noção própria de democracia, que mesclava sua autoridade pessoal com o benefício da coletividade, a Redação. Mas longe de ser comunista, como acusavam os militares. Flamenguista doente, proibia que Zico tirasse nota menor que 10 (na pontuação dada pela Redação) em qualquer jogo. E, quando estava endiabrado, ele mesmo dava as notas para seu time.

Colocou em plebiscito o fim do cigarro na Redação, que vivia envolta numa nuvem de fumaça. A maioria, mesmo os que não fumavam, quis dar uma lição ao chefe, e apoiou que o cigarro continuasse reinando. Evandro pareceu absorver bem a derrota, mas, no dia seguinte, publicou um decreto proibindo fumar na Redação. Inovou, criando um fumódromo.

REDAÇÃO REORGANIZADA

Evandro reorganizou a estrutura da Redação, valorizando o papel e o salário dos jornalistas. Quando cheguei ao GLOBO, aos 18 anos, era o único jovem na Redação. Havia, ainda, uma única jornalista, Albeniza Garcia. O resto era de funcionários públicos, que tinham o jornal como bico. Muitos dos jornalistas da editoria de Polícia escreviam tendo ao lado um revólver, eram policiais, ou aspirantes. Nos Esportes, a então CBD de João Havelange era preponderante. Eram mal pagos.

Controlar uma Redação como aquela, que mudava da água para o vinho, era tarefa para um endemoniado, que, embora tenha se definido como "papista" ao fechar o acordo com o dr. Roberto para comandar o jornal, várias vezes pensou em pedir demissão, escreveu cartas, exigiu alterações mais profundas.

Foi muito ajudado pelos filhos do dr. Roberto, que passaram todos pela Redação do GLOBO. Especialmente João Roberto, que coordenava o jornal e fazia a ponte entre a Redação e o pai, quando era necessário. Tinha pelo menos uma coisa em comum com o dono do jornal: o apetite pelo furo de reportagem.

Nos tempos da ditadura, o GLOBO se sobressaiu por ser o jornal mais informativo, pois não havia espaço para voos maiores devido à censura e ao apoio que o jornal dava ao regime militar, apesar de vários desentendimentos. Liberado da censura, deu um salto de qualidade que colocou o jornal na posição que tem hoje: o mais lido do país, nas versões impressa e digital.



MERVAL PEREIRA
é colunista do GLOBO

Coordenação: André Miranda. **Editora:** Mànya Millen. **Editores assistentes:** Gustavo Alves e Pedro Tinoco. **Redatores**: Aydano André Motta, Bernardo Araujo, Carolina Morand, Lucila de Beaurepaire e Lucila Soares.
Direção de arte: Alvim. **Projeto gráfico:** Alvim e Télio Navega. **Diagramação:** Ana Scott, Gustavo Amaral e Télio Navega. **Coordenação fotográfica:** Paulo Moreira.
Infografia e arte: Renata Amoedo, Renato Carvalho, Vinicius Machado e William Mur. **Pesquisa:** Luciana Barbio Medeiros e Paulo Luiz Carneiro.

100 anos O GLOBO

Uma história que inspira o futuro

O UBS Global Wealth Management, o maior gestor de patrimônio do mundo, celebra o centenário do O GLOBO com admiração e respeito.

Com mais de 160 anos ao lado de nossos clientes, ajudando a gerenciar legados que atravessam gerações, sabemos que construir uma trajetória sólida exige compromisso, excelência e vocação.

Parabenizamos O GLOBO por seu legado de comunicação e inovação.

UBS

© UBS 2025. O símbolo das chaves e a denominação UBS são marcas registradas e não registradas do UBS. Todos os direitos reservados.

ALÉM DO PAPEL DO JORNAL

UM MERCADO ONDE A VOZ TEM O PODER

Desafios como a monetização dos conteúdos dividem espaço com produtos 100% IA, e a interatividade é apontada como caminho sem volta no mundo dos podcasts



JUKKA AALHO/UNSPLASH

VIVIANE NOGUEIRA
viviane.nogueira@edglobo.com.br

O que começou como uma mídia de nicho virou fenômeno global, mudou a forma como consumimos informação e criou comunidades em torno de vozes com as quais nos identificamos. O Brasil tem aproximadamente 31,94 milhões de ouvintes de podcast, de acordo com a PodPesquisa 2024/2025, da Associação Brasileira de Podcasters (Abpod). É um mercado majoritariamente masculino (64,66%), maior na faixa etária de 25 a 44 anos e em constante crescimento. Em escala global, segundo a Grand View Research, o mercado de podcasting foi avaliado em US$ 30,72 bilhões em 2024, podendo chegar a US$ 131,13 bilhões até 2030.

O jornalista Alexandre Maron, sócio da produtora Ampère Média, comenta o potencial desse filão:

— Em uma conta grosseira, uma pessoa gasta entre 40 minutos e 1 hora no deslocamento para o trabalho, e na volta também, às vezes mais. Só por aí a gente está falando de duas horas no dia em que você não vai assistir vídeo, vai ouvir música ou alguma outra coisa — calcula Maron. — Também tem muita gente na produção. Há 20 anos, quem queria falar alguma coisa fazia um blog. Hoje muita gente faz um podcast.

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

No último ano, de acordo com a gestora de inovação Gi Santos, os podcasts ganharam uma nova camada: os produtos sintéticos, totalmente criados por inteligência artificial (IA). A ferramenta febre do momento, segundo ela, é o Notebook LM, do Google, que faz resumos de documentos, mapas mentais e oferece a possibilidade de criar uma versão em áudio com formato de podcast, geralmente com duas pessoas.

— Outra ferramenta é o ChatGPT. Você pode pedir um podcast sobre comida. Ele gera o roteiro, o áudio, embala e deixa pronto para subir na sua plataforma favorita — afirma Gi.

Existem maneiras até de interagir com esses podcasts sintéticos.

— Digamos que eu tenha colocado lá um documento sobre o *framework* de educação da Unesco. A ferramenta cria um podcast, resumindo e criando uma versão mais coloquial do documento, e eu poderia interagir com o podcast — exemplifica a gestora de inovação, que vê um futuro em que o mais importante será o contexto.

— Não vai importar muito se o podcast vai ser apresentado por gente, por *muppets*, por avatares. O contexto ganha uma força muito maior.

Maron concorda que a interatividade seja uma tendência. Mas ressalta que, para isso, o Tik Tok, produto sintético que hoje inunda o mercado, terá que se sofisticar, talvez criar personagens, porque as pessoas gostam de histórias de outras pessoas.

— Há uma tendência muito forte de criar caminhos de interação com o áudio, mas vai ser com personagens 100% digitais. Eu, por exemplo, não vou deixar uma ferramenta de IA que não esteja sob minha supervisão dar uma resposta simulando a minha voz. Os riscos legais são grandes — observa.

A jornalista Bela Reis criou com sua mãe, a também jornalista Flávia Oliveira, o podcast independente Angu de Grilo, que completa seis anos em 2025, e afirma que o maior desafio para a manutenção desse formato é a falta de monetização — dificuldade também apontada por 29,58% dos ouvidos pela pesquisa da Abpod.

— Quando comecei a fazer isso, em 2019, eu já reclamava e continuo reclamando da mesma coisa: as plataformas não pagam por play. A gente coloca o conteúdo de graça, as pessoas ouvem de graça e a gente não recebe nada — lamenta.

O Spotify oferece a possibilidade de colocar anúncios nos podcasts, como forma de monetização. Bela comenta que, apesar de o retorno ser baixo, essa poderia ser uma boa opção — se funcionasse nos moldes do YouTube, cuja versão premium não exibe qualquer tipo de publicidade.

— Não concordo em obrigar o público mais fiel a ouvir anúncio no meio do nosso conteúdo para ganhar centavos por isso.

Alexandre Maron aponta alguns caminhos de financiamento, como abrir algum tipo de sistema de assinatura, que gera receita rapidamente; a publicidade de network que são os anúncios do Spotify citados por Bela Reis; e, passando dos 30 mil ouvintes por episódio o próprio podcast. Para criadores, a proximidade com a comunidade do podcast ajuda quem vai escrever um livro, dar um curso, licenciar alguma coisa.

Bela já usa essa estratégia:

— Eu não pago minhas contas com o podcast. Mas ele é fundamental para dar legitimidade à minha pessoa jurídica, que retroalimenta a publicidade que faço nas minhas redes sociais e paga minhas despesas — conta a jornalista. — Mas fico indignada de não receber diretamente pelo podcast, porque estou colocando um produto no ar, estou alimentando a plataforma.

No futuro, as produtoras do Angu de Grilo pensam em buscar grupos fechados de apoiadores, inclusive em eventos ao vivo.

EDIÇÕES AO VIVO

A dupla já fez duas edições ao vivo, com muito sucesso. Na comemoração de cinco anos, os ingressos para a entrevista com a escritora Conceição Evaristo esgotaram em dez minutos. Na segunda, mil e quinhentas pessoas lotaram o Circo Voador durante a Festa Literária da Periferia (Flup) para assistir à conversa com a filósofa e ativista antirracista Sueli Carneiro e sua filha Luanda Carneiro, diretora da casa que leva o nome de sua mãe. Já a gestora de inovação Gi Santos vislumbra um cenário mais radical.

— Daqui a alguns anos, a gente vai poder interagir com os telejornais e com as novelas através da inteligência generativa — acredita. — Em dez anos as telas vão sumir e você vai interagir com a parede, com o espelho. A sua parede vai saber quem traz a notícia e vai ser possível customizar muito mais o que é entregue a você, em qualquer mídia.

Máfia do transplante em pauta

O GLOBO vai lançar em breve uma grande reportagem em podcast: "Caso zero" é uma série de jornalismo investigativo que detalha um dos acontecimentos mais controversos envolvendo transplantes de órgãos no Brasil. Ao longo de cinco episódios, a colunista Bela Megale e o jornalista André Borges mergulham na história do acidente de um menino de 10 anos, ocorrido em 2000. O caso toma rumos inesperados e o processo de doação transforma-se em denúncia de uma máfia de transplantes de órgãos liderada por médicos no no sul de Minas Gerais.

O primeiro podcast diário do GLOBO foi o "Ao Ponto", apresentado por Carolina Morand e Roberto Maltchik, que tratava do principal assunto do dia. Estreou em 2019 e ficou no ar até 2023. Depois, o jornal produziu outros programas, como "Pistoleiros", "Guerras Culturais", "Lauro e Gabeira", "Malu tá ON" e "2 + 1". O jornal aposta também no formato videocast. Estão no ar, atualmente, "Conversa vai, conversa vem", um bate-papo da jornalista Maria Fortuna com personalidades, e "Toca e passa", sobre futebol mundial, com os repórteres João Pedro Fragoso e Bernardo Coimbra.

REPRODUÇÃO



Série. História em 5 episódios

Investimentos Desenvolvimento

Investimos para ajudar o Brasil a crescer. Há um século, O Globo mostra os caminhos para o crescimento.

Líder em setores essenciais para o desenvolvimento do país, a Cosan parabeniza O Globo pelos 100 anos de jornalismo sério e comprometido com o Brasil.

Para cada desafio uma cosan

Acesse: www.cosan.com.br

raízen COMPASS rumo radar moove

ALÉM DO PAPEL DO JORNAL

AO LADO DA NOTÍCIA, CEM ANOS DE OUSADIA VISUAL

Com charges e ilustrações, novas tecnologias fotográficas, recursos gráficos de ponta e criação de capas especiais, em momentos históricos, O GLOBO revolucionou a forma de apresentar ao leitor os principais fatos de cada dia



Humor ácido. Charge de Henfil, do time de craques que participou, com sua arte, da história de O GLOBO

NELSON GOBBI
nelson.gobbi@o globo.com.br

Ao longo de cem anos, O GLOBO contou com textos assinados por nomes como José Lins do Rego, Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade, Nelson Rodrigues, Nélida Piñon, Rubem Braga, Fernando Sabino e Zuenir Ventura. Uma constelação literária que foi acompanhada por projetos gráficos ousados, que incorporaram ilustrações e charges de grandes artistas do traço.

Já na estreia, em 29 de julho de 1925, o jornal trazia fotos e ilustrações entremeando o noticiário, e uma charge de Raul Pederneiras (1874-1953) ironizava o embate entre despesas e receitas do poder público na forma de dois lutadores. Nas décadas seguintes, outros representantes da nata do desenho brasileiro aportaram nas páginas do GLOBO. De Théo (1901-1980) a Chico Caruso, de Nássara (1910-1996) a Henfil (1944-1988), de Lan (1925-2020) a Claudius, passando por Aroeira, Loredano, Marcelo Monteiro e Miguel Paiva, esses artistas acrescentaram humor e reflexão às edições e são parte integrante da história do jornal.

PIONEIRISMO NAS FOTOS

Em 1937, o logotipo O GLOBO, que era fixo no topo da capa, passou a ocupar diferentes posições na primeira página, o que durou até 1984.

Sempre alinhado às transformações de seu tempo, o jornal publicou a primeira foto transmitida por ondas de rádio no Brasil, uma imagem da nadadora brasileira Piedade Coutinho se classificando para a final da prova de 400 metros nado livre na Olimpíada de Berlim, em 17 de agosto de 1936. Poucos anos depois, as radiofotografias passaram a ser publicadas para informar os leitores sobre os acontecimentos da Segunda Guerra Mundial.

Em 1959, o periódico carioca foi o pioneiro a publicar a primeira telefoto em cores na América Latina, registrando a rainha inglesa, Elizabeth II, e o presidente americano, Dwight Eisenhower, inaugurando um canal, no Canadá, que liga os Grandes Lagos ao Oceano Atlântico. O GLOBO também inovou ao dedicar inteiramente a primeira página de 20 de julho de 1969 a um dos maiores acontecimentos da contemporaneidade, a chegada do homem à Lua.

Outra inovação foi a edição dominical, em julho de 1972. Nos anos 1930, o jornal chegou a circular aos domingos, numa edição chamada "O GLOBO Matutino", mas até os anos 1970 ele só chegava às bancas nos demais dias da semana. Com Evandro Carlos de Andrade como diretor de Redação, a circulação chegou a seu formato atual, em dias ininterruptos. Na primeira página da edição de estreia aos domingos, o destaque era uma reportagem com o último sobrevivente da revolta dos 18 do Forte, brigadeiro Eduardo Gomes, e uma foto dele em Copacabana, ao lado de seu registro meio século antes, fardado e carregando um fuzil, no mesmo local.

REPRODUÇÕES





Criatividade. Só com uma grande ilustração (em cima) e valorizando a força das cores no suplemento sobre cotas raciais: ousadia, sempre

Outra mudança editorial foi a publicação nos dias de Natal e Ano-Novo, datas em que os periódicos cariocas tradicionalmente não circulavam. Em 1988, Roberto Marinho determinou que O GLOBO também fosse publicado nas datas festivas, o que foi crucial para a cobertura de uma das maiores fatalidades do réveillon carioca: o naufrágio do Bateau Mouche, na Baía de Guanabara, em 31 de dezembro do mesmo ano.

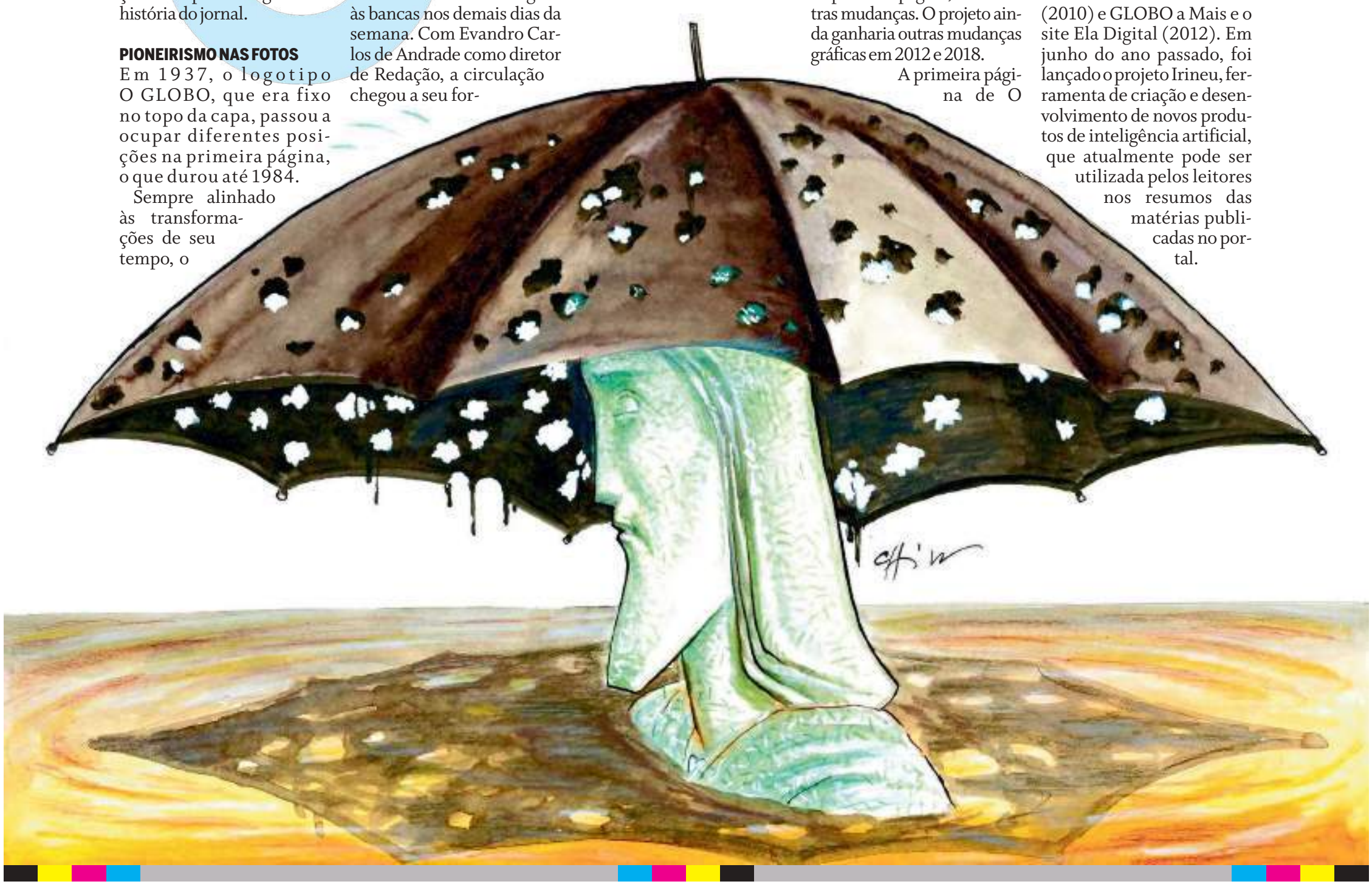
Ao longo de seus 100 anos, O GLOBO passou por diferentes reformas gráficas. Uma das mais importantes foi a de julho de 1995, quando completou 70 anos em circulação, com projeto do escritório dos designers americanos Milton Glaser e Walter Bernard, com a adoção de nova tipologia, logotipo colorido e fixo no alto da primeira página, entre outras mudanças. O projeto ainda ganharia outras mudanças gráficas em 2012 e 2018.

A primeira página de O GLOBO também retratou momentos históricos, como a que anunciou o início da Segunda Guerra Mundial, em 1939; a da primeira Copa do Mundo conquistada pelo Brasil, com uma capa verde e amarela, em 1958; a da queda das Torres Gêmeas, em 2001; a dedicada aos 10 mil mortos no Brasil pela pandemia de Covid-19, em maio de 2020, com os nomes das vítimas; e a da morte de Pelé, em 2022, quando o jornal circulou com quatro capas diferentes, aludindo a momentos marcantes da carreira do ídolo.

CHEGADA AO DIGITAL

Em 29 de julho de 1996, data do 71º aniversário do jornal, as notícias e inovações da edição impressa chegaram ao meio digital, com o lançamento de seu primeiro site, primeiro chamado de O GLOBO On, na época um dos primeiros portais de notícias do Brasil.

Nas décadas seguintes, outras plataformas digitais foram lançadas, a exemplo da edição digital do jornal (2006) e sua versão para celular (2007); os aplicativos O GLOBO iPad e O GLOBO Notícias iPhone e Android (2010) e GLOBO a Mais e o site Ela Digital (2012). Em junho do ano passado, foi lançado o projeto Irineu, ferramenta de criação e desenvolvimento de novos produtos de inteligência artificial, que atualmente pode ser utilizada pelos leitores nos resumos das matérias publicadas no portal.



alelo

Alô, pequeno e médio empreendedor!

Sabia que com apenas 1 funcionário, já é possível contratar os benefícios da Alelo? E o melhor: tudo em um só cartão!

Temos diversas soluções que se adaptam ao tamanho da sua empresa, oferecendo a segurança que você precisa, além de ajudar a engajar e fidelizar sua equipe, que conta com a liberdade de usar os cartões da Alelo em milhões de lugares pelo Brasil.

A contratação é muito fácil, simples e sem burocracia.

Vem conhecer!

Acesse
alelopme.com.br
ou ligue **3003-8893**

Aponte a câmera do celular e conheça

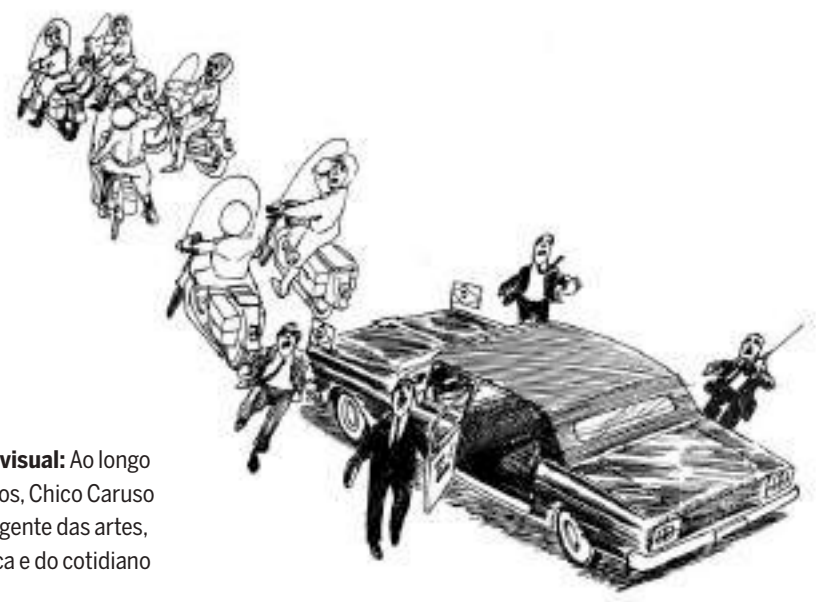


ENTREVISTA CHICO CARUSO, CHARGISTA

Aos 75 anos, o paulistano radicado no Rio desde 1978 aborda com picardia, há quatro décadas, os fatos políticos do dia na primeira página do GLOBO

SÍNTESE DA POLÍTICA ATRAVÉS DO HUMOR

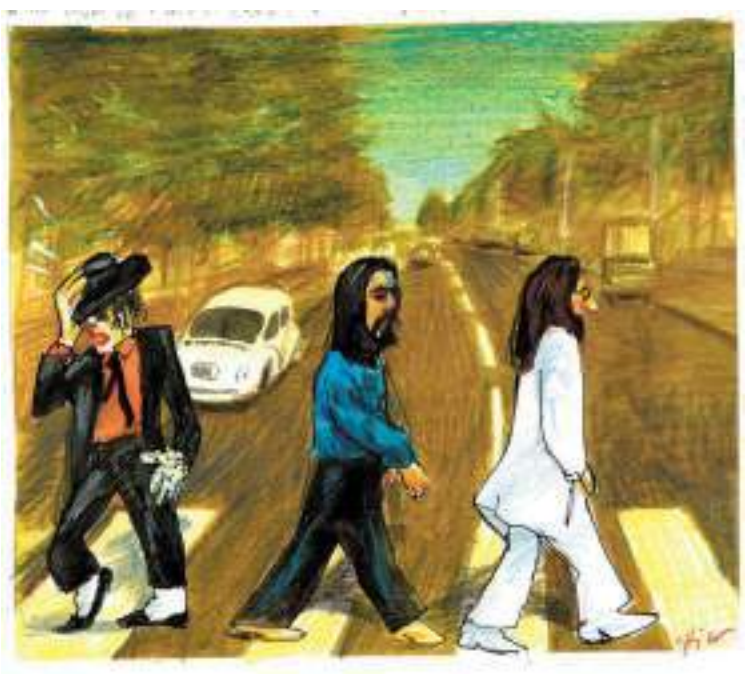




Crônica visual: Ao longo de 49 anos, Chico Caruso retratou gente das artes, da política e do cotidiano



Sua charge virou uma assinatura do GLOBO, desde 1984. Como foi fazer mais de 13 mil desenhos ao longo deste período?
É um privilégio, né? Durante a maior parte desse tempo publiquei diariamente, agora só aos domingos e às quintas-feiras. Costumo dizer que virei um chargista de quinta (*risos*). Mas o trabalho é o mesmo, tentando buscar o fato ou personagem que represente melhor o que foi o dia.



Como é sua rotina de trabalho? É importante ir à redação para trabalhar, enquanto os fatos são noticiados?
Sim, ia todos os dias, agora só às quartas e sextas, estou no lucro (*risos*). Gosto de ler os jornais do dia em casa e depois trabalhar na redação. Sempre vou para a minha sala, com a televisão ligada, e vou rabiscando esboços até a ideia para a charge sair. Tudo vem dessess esboços.

A tecnologia facilita em algo?
Não sou muito tecnológico, não sei usar computador direito. Gosto de fazer à mão. Vou para minha sala, consulto meu acervo de charges, os rabiscos que sempre guardo, para buscar referências. O processo é sempre o mesmo, trabalhar as ideias até chegar a uma imagem que sintetize o dia.

Nessas quatro décadas de GLOBO, você já ilustrou a redemocratização, dez presidentes, dois impeachments, inúmeras personalidades da política. Acha que retratou algum personagem mais vezes?
Sempre é o que está mais em evidência no momento. Tem o Lula, pelo tempo que está na vida política do país, Bolsonaro, Sarney, Itamar... Cada época tem seus personagens. A gente não pode se queixar, a política sempre abasteceu muito bem quem faz humor no Brasil (*risos*).

Quanto tempo leva para fazer a charge do dia? Já aconteceu de ter ideias no caminho para a redação?
Não, tem que ser sentado na minha mesa, rabiscando até transformar as ideias em charge. Geralmente levo duas, três horas. Às vezes dá para resolver em meia hora, é uma coisa que sai naturalmente. É sempre aquela tentativa de uma solução de humor que sintetize o dia. Não descanso enquanto não chego nisso, mas não é algo que me angustia.

Você tem uma vida inteira dedicada à charge. Como começou, costumava desenhar familiares em casa?
Eu e o Paulo (*Caruso, seu irmão gêmeo também chargista, falecido em 2023*) estávamos sempre desenhando, e nosso avô materno, Francisco Hespanha, era pintor amador. Ele caçava e fazia caricaturas de seus amigos caçadores. A gente foi aprendendo a desenhar e ele nos deu essa arma do humor. Nosso pai tinha uma boa caligrafia, mas não desenhava. Ele era vendedor de carros, por isso digo que eu e Paulo sempre estivemos nos melhores veículos (*risos*). Cheguei a fazer caricaturas do meu avô, do meu pai, da minha avó, mas já aos 16 anos já estava trabalhando em jornal. Então, a vida inteira passei fazendo charges políticas.

ENTREVISTA MARCELO MONTEIRO, ILUSTRADOR

Mais antigo funcionário do GLOBO, na ativa com 90 anos, Marcelinho, como é conhecido, ilustrou textos de Nelson Rodrigues e atualizou o Bonequinho, criado em 1938

TRAÇOS QUE VALEM SEIS DÉCADAS DE HISTÓRIAS



Como foi a sua chegada no GLOBO em 1962?
São 63 anos. Participei de dois terços do centenário do GLOBO. Quando cheguei, era um rapaz de 27 anos, por indicação do Paulo Rodrigues (*irmão de Nelson Rodrigues*), que tinha uma coluna chamada "Se a cidade contasse". Cheguei no fim do dia e fui conversar com o Dr. Roberto (*Marinho*). Ele me perguntou na hora se já poderia começar e apontou onde teria material para trabalhar. Comecei na mesma hora, sem combinar salário nem nada. Naquela primeira vez que atravessei o corredor da redação, nem poderia imaginar que faria isso milhares e milhares de vezes pelas décadas seguintes.

Como foi ilustrar os textos do Nelson Rodrigues, dando forma a tipos como o Sobrenatural de Almeida, Palhares, a Grã-fina das Narinas de Cadáver?
O Nelson conheceu meu pai (*o também ilustrador Monteiro Filho*) na década de 1930, ele me viu bebê no colo da minha mãe. Então era uma relação um pouco paternal, e trabalhamos bem, assim, por 20 anos. Uma vez, mostrei uma ilustração de que tinha gostado particularmente, para saber o que achou, e ele respondeu, sem tirar os olhos da máquina de escrever: "Continuas brilhando intensamente". Fiquei feliz, mas dois meses depois mostrei outra ilustração e ele respondeu a mesma coisa (*risos*). Ele tinha aquelas obsessões, não admitia que o Fluminense ou a Seleção perdessem, eles não falhavam nunca, a explicação para uma derrota só poderia ser de outro mundo. Daí surgiu o Sobrenatural de Almeida, por exemplo.

E como é ilustrar por tanto tempo as páginas de Opinião, para colunas de nomes como Luis Fernando Verissimo, João Ubaldo Ribeiro, Zuenir Ventura, Roberto DaMatta?
Ilustrei praticamente todo mundo que escreveu ali, sempre uma honra estar junto de autores como esses. Uma vez tirei férias e o João Ubaldo não gostou da ilustração de quem tinha me substituído. Aí o Evandro (*Carlos de Andrade, então diretor de Redação do GLOBO*) me chamou e perguntou se eu poderia ir às quartas-feiras, que era quando ele entregava as colunas de domingo, para ilustrar o texto, para compensar os dias depois. Então passei a tirar férias trabalhando sempre às quartas, para ilustrar o João. O Zuenir também sempre elogiava, uma vez me falou: "Gosto muito das suas ilustrações, mas elas têm um problema: quando o leitor vê, não precisa ler mais a coluna, está tudo ali". Poxa, é um elogio para ser emoldurado, né?



Seis décadas. Marcelo deu forma a personagens inesquecíveis

Você também redesenhou, em 1978, o Bonequinho, criado 40 anos antes pelo Luiz Sá.
O Bonequinho é uma ideia incrível, porque você sabe imediatamente a cotação do filme sem precisar de uma convenção, tantas estrelas ou bolinhas equivalem a bom ou ruim. O Luiz Sá não gostava de linhas retas, tudo era mais curvo, com detalhes. No clichê em metal acabava dando uma deformada na impressão. Foi uma responsabilidade atualizar, já era um ícone da crítica de cinema. Então pensei o Bonequinho como um logotipo mesmo, mais padronizado. Os cinemas antigamente tinham sala de cenografia, para pintar os cartazes e letreiros, e, quando as críticas eram boas, eles pintavam o Bonequinho aplaudindo, enorme.

Neste ano você recebeu o Prêmio Faz Diferença representando os funcionários do jornal. Como foi?
Emocionante. Todo mundo me tratou com muito carinho. Fiquei tenso no palco, sou tímido. Não sou de falar, meu negócio é desenhar mesmo. Mas é bom pensar que um dia fui o funcionário mais jovem do GLOBO, e hoje sou o mais velho. E, se estou há tanto tempo, até acho que desenho direitinho (*risos*).

100 O SEU
JORNALISMO

100 A SUA
CREDIBILIDADE

100 A SUA
CORAGEM

A **HISTÓRIA**
SERIA
APENAS A
HISTÓRIA

Parabéns **O Globo.**

Somente os
grandes podem
ressignificar um
número e um século

**Uma homenagem
da FSB Holding**

FSB holding | O GLOBO

ALÉM DO PAPEL DO JORNAL

O ROCK IN RIO DA MÚSICA CLÁSSICA

Reunindo sons e gêneros diversos, o projeto Aquarius, um dos mais longevos e bem-sucedidos do GLOBO, leva grandes orquestras, como a OSB, a multidões em lugares icônicos da cidade e do país

EDUARDO FRADKIN
Especial para O Globo

Tecladista do Barão Vermelho há 43 anos, Maurício Barros lembra exatamente onde estava quando escolheu a sua profissão. A poucos dias do Natal de 1975, num Maracanãzinho lotado com 25 mil pessoas, ele viu o tecladista inglês Rick Wakeman — lenda do rock progressivo, egresso da banda Yes — tocar as músicas do disco "Journey to the centre of the Earth", junto com a Orquestra Sinfônica Brasileira (OSB), o Coral da Universidade Gama Filho e o grupo English Rock Ensemble. Ali, o menino de 11 anos decidiu o seu destino. O concerto fazia parte do Projeto Aquarius, criado três anos antes pelo jornalista Roberto Marinho, pelo regente Isaac Karabtchevsky e pelo gerente de Promoções do GLOBO, Péricles de Barros... pai de Maurício.

— O Projeto Aquarius é parte da minha vida. Viajei pelo Brasil inteiro com meu pai para ver os concertos. Uma vez, fui a Brasília de ônibus com o Guto Goffi, baterista do Barão Vermelho, e com o Coral da Gama Filho. Anos depois (em 1984), Guto e eu estávamos no palco do Aquarius, quem diria? O Barão Vermelho e a Blitz participaram do Rock Concerto — conta o tecladista, referindo-se a uma apresentação na Praça da Apoteose em que as duas bandas se uniram à OSB, à Sinfônica do Teatro Municipal e ao Coro do Teatro Municipal, sob a batuta de Karabtchevsky.

O concerto protagonizado por Wakeman (na verdade, foram três: dois no dia 20 e um no dia 21 de dezembro) também inspirou o jovem Kleber Vogel a seguir carreira na música. Porém, ele não se imaginou atrás de um teclado, e sim na orquestra. Doze anos depois, alcançou o objetivo.

— Em 1974, eu era um adolescente roqueiro, cabeludo, que tocava guitarra e estudava um pouco de violino. Naquele ano, assisti a um concerto da OSB num estádio em Campo Grande, na Zona Oeste, e fiquei muito impressionado. No ano seguinte, fui ver o Rick Wakeman e bati o martelo: era naquela orquestra que eu queria estar. Deixei de lado a guitarra e me dediquei ao violino. Em 1987, entrei na OSB e continuo nela até hoje — narra Vogel.

Se Karabtchevsky, maestro da Orquestra Petrobras Sinfônica desde 2003, recebesse um convite para voltar a reger a OSB num concerto do Projeto Aquarius, ele garante ter a resposta na ponta da língua:

— Eu interromperia tudo o que estivesse fazendo para aceitar essa proposta, porque, só de pensar, fico arrepiado.

ÓPERA PARA 200 MIL

Entre os muitos concertos que regeu, ele aponta como o mais memorável uma encenação da ópera "Aida", de Verdi, na Quinta da Boa Vista, em 1986, para 200 mil pessoas, retratada na foto abaixo.

— Eu havia feito várias récitas dessa ópera no Teatro Municipal do Rio. Foi o Péricles quem deu a ideia de levar o espetáculo à Quinta da Boa Vista. Foi um desafio, pois tínhamos uma grande quantidade de cantores, cenário e figurinos rebuscados e até animais selvagens em cena — lembra o regente, aludindo a elefantes e cavalos empregados na montagem. — Aquele foi um dos mais ambiciosos eventos da história do Aquarius.

O que falta, então, para surgirem mais iniciativas de popularização da música clássica no Brasil?

— Falta um Roberto Marinho. O Aquarius deu certo porque ele colocou a TV Globo e o jornal O GLOBO a serviço da divulgação dos concertos. E o público atendeu aos chamados. Desde as nossas primeiras reuniões, ficou acertado que a finalidade seria transformar a música clássica de um fenômeno vivido por 2.400 pessoas no Teatro Municipal para algo de dimensões muito maiores, em espaços públicos — explica o maestro.

A missão continua sendo executada pela OSB e pelo GLOBO. A mais recente edição, comemorativa dos cem anos do jornal, aconteceu na Praça Mauá, no dia 19 deste mês, com participações de Martinho da Vila, Iza, Roberta Miranda e Chico César. O concerto, que emocionou artistas e público, passou em revista um século de história do GLOBO por meio da música.

— Tivemos esses cantores junto com Villa-Lobos e Tchaikovsky no programa. Essa variedade musical representa a diversidade cultural do nosso país e a forma democrática como a música é encarada no Projeto Aquarius — opina o maestro Eduardo Pereira, que comandou a orquestra.

Nem sempre os artistas do rock ou da música popular que participam do Aquarius tocam seu repertório habitual. Roberto Frejat é exemplo do puro êxtase que a música orquestral provoca. Depois de uma experiência inicial no Rock Concerto de 1984, ele se aventurou, no ano seguinte, no "Bolero", de Maurice Ravel, com a OSB.

— O Péricles me chamou para ser solista no "Bolero", e eu não leio partitura, né? Foi uma loucura, porque são melodias enormes, e eu tive que aprendê-las de ouvido. Foi um grande desafio. Pode parecer que o "Bolero" é simples por ter uma melodia principal que se repete, mas, na verdade, são linhas melódicas muito longas e com pequenas variações (a cada repetição). Isso exige muita atenção do intérprete. Tem uma malícia do Ravel, que é o que faz com que essa obra seja tão interessante — define o cantor e guitarrista.

Na plateia desse concerto estava o jovem Eliezer Rodrigues, de 15 anos, sem saber que se tornaria tubista daquela mesma orquestra cinco anos mais tarde.

— Eu me lembro de estar sentado no gramado da Quinta da Boa Vista, vendo, maravilhado, uma orquestra sinfônica ao vivo pela primeira vez na vida — conta.

Vice-presidente da Fundação OSB, Ana Flávia Cabral Souza Leite elenca o Aquarius entre as prioridades da atual gestão da orquestra.

— O projeto chegou a ser encerrado, numa época em que a orquestra estava com atividades paralisadas (após as edições de 2014, com a OSB, e de 2015, com a Sinfônica do Teatro Municipal do Rio, houve um hiato de sete anos). Quando eu assumi meu posto na OSB, uma das diretrizes do trabalho era reaproximar as duas organizações: O GLOBO e a orquestra. Desde a retomada do projeto, em 2022, temos feito edições anuais do Aquarius, além de outras parcerias, como o "Novela em sinfonia", que foi um especial exibido em horário nobre com as aberturas mais emblemáticas das telenovelas da TV Globo (*que completou 60 anos em abril*) — diz Ana.

ALEXANDRE CASSIANO





ORLANDO BRITO

Concertos. Em três momentos: Na comemoração do centenário (no alto), em Brasília, em 1980 (ao lado) e na Quinta, em 1986

Era de Aquarius

> 1972. No dia 30 de abril, no primeiro concerto do projeto, 100 mil pessoas foram ao Parque do Flamengo ver a Orquestra Sinfônica Brasileira, sob regência de Isaac Karabtchevsky.

> 1974. O Aquarius começa a percorrer o Brasil, indo a idades como Brasília e Recife.

> 1975. 25 mil fãs lotaram o Maracanãzinho para ver Rick Wakeman unir seu English Rock Ensemble à OSB sob regência de Karabtchevsky.

> 1976. Uma edição especialíssima do Aquarius foi realizada no presídio Talavera Bruce, em Bangu.

> 1977. Um dos maiores grupos de rock de todos os tempos, o Genesis veio ao Brasil trazido pelo Aquarius para 12 concertos.

> 1980. O Aquarius lotou a Esplanada dos Ministérios, em Brasília, para celebrar os 20 anos da capital.

> 1981. No Maracanãzinho, 30 mil assistiram a "Eros-Thanatos", antologia de balés do francês Maurice Béjart. Em São Paulo, o projeto reconstituiu o Grito do Ipiranga no 7 de setembro.

> 1984. O rock encontra o erudito na Praça da Apoteose: o Barão Vermelho de Cazuza e a Blitz se apresentaram ao lado da OSB e da Sinfônica do Teatro Municipal.

> 1986. A ópera "Aida" tomou a Quinta da Boa Vista, atraindo 200 mil pessoas.

> 1987. No ano do centenário de Villa-Lobos, o Aquarius apresentou um programa de 11 obras do compositor carioca.

> 1993. Maestro e arranjador dos Beatles, o inglês George Martin foi a estrela do Aquarius, mesmo sob um temporal.

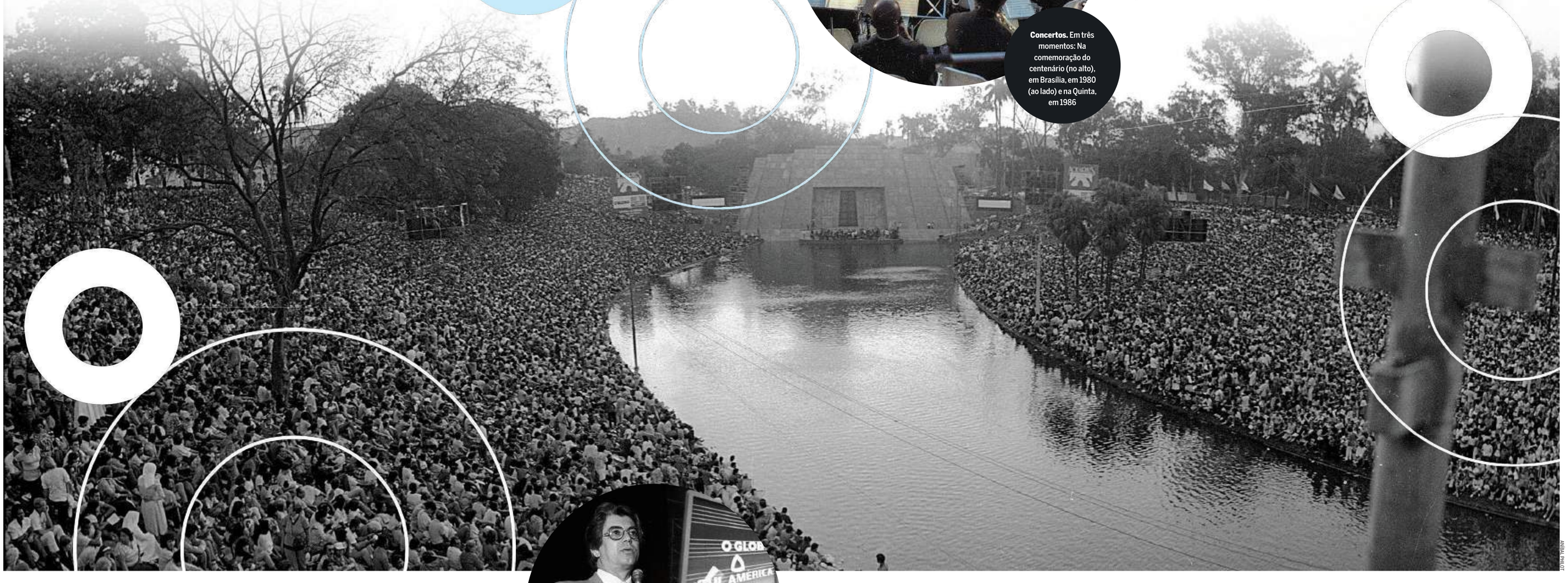
> 2006. A Praia de Copacabana recebeu a "Sinfonia dos Mil", de Mahler, de dificílima execução, com um coro de 500 vozes.

> 2011. A paz recém-instalada no Complexo do Alemão ganhou trilha sonora: a OSB se juntou ao AfroReggae num concerto que simbolizou a esperança de tempos melhores.

> 2014. Em uma noite cinematográfica, o Aquarius levou ao Forte de Copacabana um programa com trilhas compostas pelo americano John Williams.

> 2015. Na comemoração de 90 anos do GLOBO, o Aquarius ocupou a Cinelândia para um encontro de ritmos, com direito à bateria da Mangueira e ao Dream Team do Passinho.

> 2025. Com Martinho da Vila, Roberta Miranda, Iza e Chico César, um concerto especial, numa Praça Mauá lotadíssima, fez um passeio por um século de música para celebrar o centenário do GLOBO.



ANIBAL PHILOT

ARTIGO

Péricles de Barros, o visionário que fez do jornal um agente de transformação social

ABEL GOMES

Péricles de Barros foi — e é — um dos grandes nomes responsáveis por tudo o que vivemos hoje na indústria do entretenimento e dos grandes eventos no Brasil. E falo isso não como um espectador, mas como alguém que se formou olhando para o caminho que ele abriu. Foi o Péricles quem, no jornal O GLOBO, ajudou a transformar o jornalismo em uma plataforma viva de cultura, música, arte e experiência. Ele não se limitou às páginas impressas — foi muito além. Entendeu, antes de muita gente, que um jornal podia e devia ser também um agente de transformação social e cultural.

Eventos como o Aquarius, com espetáculos de música clássica em espaços públicos, as chegadas de Papai Noel que encantaram gerações, as visitas do Papa ao Brasil... Todos esses momentos históricos tiveram a mão visionária do Péricles. Ele mostrou ao país que o público brasileiro era, sim, capaz de se emocionar, de se reunir e de viver grandes experiências culturais ao vivo. Foi um verdadeiro mestre em transformar sonhos em grandes projetos de live marketing e experiências culturais.

E talvez um dos momentos mais emblemáticos dessa história tenha sido a ópera "Aida", na Quinta da Boa Vista. Um espetáculo monumental que levou um clássico mundial da ópera a um parque público, reunindo uma multidão de milhares de pessoas. As imagens daquele dia até hoje são lembradas como um símbolo da democratização da cultura e da força que a música tem de unir as pessoas. A "Aida" da Quinta da Boa Vista não foi só um evento — foi uma celebração da arte em sua forma mais grandiosa, um marco para o Brasil e para a América Latina na história da música clássica ao ar livre.

Eu sempre enxerguei o Péricles como um farol. Uma referência não só para quem, como eu, trabalha com entretenimento , mas para todos que entendem que um evento é mais do que um palco e uma plateia — é um ato de conexão, de pertencimento, de emoção coletiva.

No Grupo Globo, Péricles (*que morreu em 2005*) deixou um legado imenso. Não apenas pelos projetos inesquecíveis, mas pela forma como entendia o papel do GLOBO dentro da sociedade. O jornal, sob sua visão, não era só um veículo de notícias. Era um protagonista da cultura brasileira, um promotor de encontros, um agente ativo na cena cultural do país. E isso, sem dúvida, foi também um legado que dialogava diretamente com o pensamento de Roberto Marinho — essa visão de um Brasil pulsante, criativo, capaz de se projetar para o mundo.

E se tudo isso foi possível, muito se deve ao jeito único do Péricles de ser. Um profissional inovador, com uma criatividade inquieta e uma audácia rara para potencializar projetos, sempre com uma elegância e uma classe que o mercado inteiro respeitava. Ele tinha uma consideração genuína pelos profissionais, valorizava os artistas e inspirou uma geração inteira — muitos deles hoje reconhecidíssimos no mercado. Mas, acima de tudo, Péricles tinha uma sensibilidade popular que o fazia entender o que realmente emocionava as pessoas. Ele sabia como entregar uma mensagem que tocasse tanto quem trabalhava ao lado dele quanto quem estava lá, do outro lado, vivendo aquelas experiências únicas que ele ajudava a criar.

Hoje, ao olhar para os 100 anos do Grupo Globo, eu só consigo agradecer por ter tido o privilégio de me inspirar em um gigante como o Péricles de Barros. Ele não só me ensinou a sonhar grande, mas ensinou a toda uma geração que o impossível, quando se fala de cultura e de emoção, não existe.

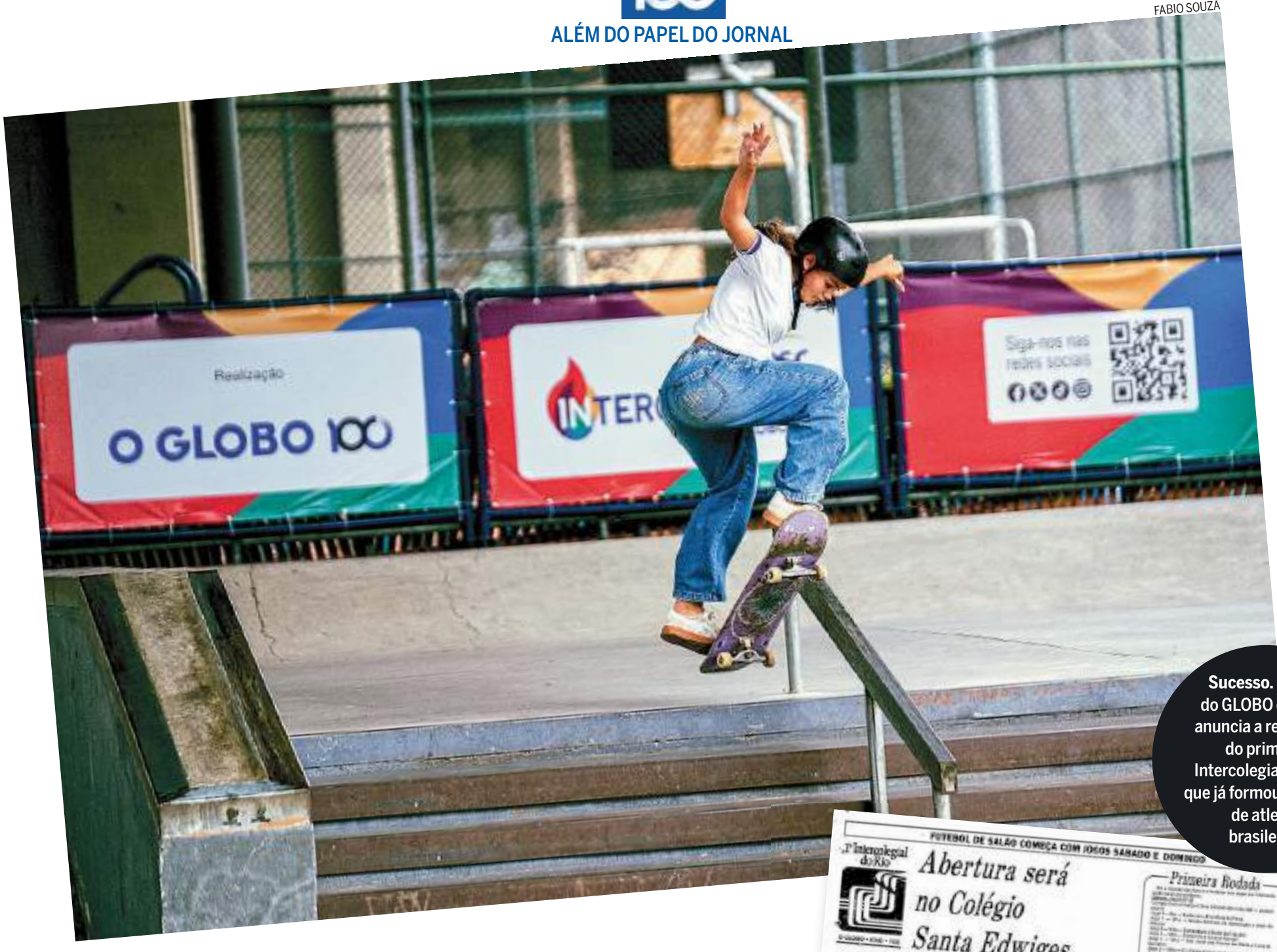
ABEL GOMES
é cenógrafo, VP criativo da SRCOM e trabalhou com Péricles de Barros no GLOBO entre 1972 e 2005



Gigante. "Uma sensibilidade popular que o fazia entender o que realmente emocionava as pessoas", diz Abel Gomes sobre Péricles de Barros (foto)

ANIBAL PHILOT/1-9-1986

FABIO SOUZA



Sucesso. Edição do GLOBO de 1983 anuncia a realização do primeiro Intercolegial, evento que já formou gerações de atletas brasileiros


FUTEBOL DE SALÃO COMEÇA COM JOGOS SÁBADO E DOMINGO

1º Intercolegial do Rio

Abertura será no Colégio Santa Edwiges

Primeira Rodada

Fontainha com muita vontade de vencer

Banco Itaú S.A.

INGLÊS,

ESPORTE DAS ESCOLAS PARA O MUNDO

Criado pelo GLOBO nos anos 1980, o Intercolegial, maior torneio estudantil do país, atravessa gerações, forma campeões olímpicos e transforma vidas

FELIPE GELANI
felipe.oliveira@edglobo.com.br

Quarenta e três anos depois do primeiro apito dar início às competições na edição inaugural do Intercolegial, o evento promovido pelo GLOBO é reconhecido como o maior campeonato estudantil do país. Impactou mais de 220 mil alunos, revelou medalhistas olímpicos e, sobretudo, fortaleceu os laços entre esporte, educação e transformação social em toda a região metropolitana do Rio de Janeiro.

Criado para promover os recém-lançados Jornais de Bairro, o Intercolegial rapidamente ganhou identidade própria. Seu pontapé inicial foi dado em setembro de 1983, com 472 escolas e 20 mil alunos distribuídos em dez chaves. Hoje, o torneio mantém sua essência de reunir jovens em torno do espírito esportivo, incentivar hábitos saudáveis e oferecer oportunidades reais de crescimento pessoal e profissional.

— É sempre como se fosse o primeiro Intercolegial. — conta Roberto Garofalo, diretor-geral da Abadai, produtora que realiza o evento para O GLOBO. — Por causa da competição, muitos alunos ganham bolsas de estudo em boas escolas. Esse movimento social foi nossa maior conquista. É um legado que realmente transforma vidas.

Giullia Penalber sabe bem disso. A atleta olímpica de wrestling, quinto lugar da competição nos Jogos Olímpicos de Paris-2024, começou sua trajetória no Intercolegial, aos 12 anos, pelo Santa Mônica Rede de Ensino, em 2004.

— Era a vitrine que todo jovem atleta almejava. O esporte me deu oportunidades. Ele abre mentes para o mundo. Você viaja, conhece culturas, faz amigos para a vida. Na escola é onde crianças aprendem a lidar com vitórias e derrotas. O Intercolegial é essencial nesse processo — conta a atleta.

Esses colégios abraçam o Inter não apenas como cenário de competição, mas como projeto educacional, como é o caso da escola municipal Geo Dr. Sócrates, de Guaratiba, que participa do Intercolegial e atua como plataforma para que alunos conquistem bolsas e alcem voos mais altos, assim como a Giullia.

— É um orgulho quando um aluno nosso consegue uma bolsa estudantil por causa do esporte. Saem muitos alunos do Geo e de outras escolas públicas com bolsas. As escolas adoram receber esses alunos. Eles brilham lá, tanto na parte esportiva quanto educacional — diz Rodrigo Vallois, coordenador esportivo da escola.

O papel social do Intercolegial é reforçado pelo coordenador de Projetos Especiais da Editora Globo, Diego Souza.

— O Intercolegial é muito mais do que uma competição entre escolas. Ao longo dos anos, tornou-se um verdadeiro movimento de formação e integração da juventude, promovendo valores como respeito, disciplina, inclusão e espírito de equipe. É emocionante ver ex-atletas incentivando filhos e netos a participar, mostrando como esse legado atravessa gerações — destaca.

Rodrigo Rizzon é um desses personagens que trazem o esporte consigo por décadas, apresentando o conjunto de valores e atitudes da atividade física para seus alunos. Ele é coordenador de Educação Física do Loide Martha, escola de Duque de Caxias, na Baixada Fluminense, e foi medalhista do Intercolegial na década de 1980, disputando futsal.

— Quando fui aluno joguei o Intercolegial e hoje sou treinador. É uma competição pela qual tenho muito carinho. Agrega muito ao esporte e aos jovens do Rio de Janeiro — destaca.

O Intercolegial também marcou a trajetória da bicampeã olímpica do vôlei, a ex-líbero Fabi Alvim. Vencedora de medalhas de ouro em Pequim-2008 e Londres-2012, ela disputou o Intercolegial no início dos anos 1990 e se tornaria embaixadora do Intersolidário, ação social relacionada ao Inter, que tem como objetivo arrecadar alimentos para doação, beneficiando instituições carentes. Atualmente, Fabi é comentarista esportiva do Grupo Globo.

— O Intercolegial talvez tenha sido minha primeira experiência competitiva. O ano de 1992 foi o grande boom do vôlei. Foi por meio do Intercolegial que pude começar a competir, representar minha escola. É diferente de tudo que você já vivenciou. O Intercolegial cumpre um papel social fundamental, do esporte como ferramenta de formação de cidadania — conclui a medalhista olímpica.

A partir de 16 de agosto, o torneio volta com as disputas de basquete, xadrez, judô, tênis de mesa, badminton, natação, handebol, vôlei, atletismo e vôlei de praia, além da estreia da campanha antirracista promovida pelo Sesc RJ, patrocinador do evento. Já a gincana Intersolidário abre inscrições no dia 18 de agosto, e os colégios arrecadam alimentos até a apuração final, em 28 de novembro.

Torneio marcou o início da trajetória de grandes atletas brasileiros



Hugo Calderano. Atual campeão da Copa do Mundo de Tênis de Mesa, participou do Intercolegial em 2010

Virna. Estrela do vôlei com duas medalhas de bronze nas Olimpíadas, disputou o torneio em 1997 e 1998

Patrícia Amorim. Nadou provas do Intercolegial em 1984. Ex-vereadora do Rio, hoje é diretora do Sesc RJ

Giullia Penalber. Lutadora medalhista de ouro no Pan- 2023. Participou do torneio estudantil em 2004

Fabi. Bicampeã olímpica de vôlei, jogou o Inter em 1992. Hoje é comentarista esportiva

João Gabriel Schittler. Bronze no Mundial de Judô em 2007. Lutou no Inter em 2000. Virou economista

GALERIA

Parabéns, O Globo. Quando a receita é boa, atravessa gerações.

A marca de alimentos **mais amada** do Brasil faz questão de homenagear os 100 anos do jornal O Globo.



Bauducco®

Um sentimento chamado Família

"Pesquisa Brand Lovers 2025 - Instituto Hibou"

FOTOS DE GUITO MORETO



Festa. Ao lado, Míriam Leitão e Ancelmo Gois foram homenageados em 2023 por Lauro Jardim e Flavia Oliveira; abaixo, Walter Salles e Fernanda Torres venceram em 2025



PRÊMIOS PARA QUEM FAZ A DIFERENÇA

O GLOBO homenageia anualmente personalidades e instituições de destaque em suas áreas e também cidadãos comuns que são exemplos inspiradores

EDUARDO FRADKIN
Especial para O GLOBO

Em 12 de dezembro de 2003 foi publicada a primeira reportagem sobre a criação do Prêmio Faz Diferença, que desde então é realizado anualmente pelo GLOBO. Sua proposta era definida logo no início do texto: "O que faz diferença num país são pessoas e instituições que o integram. Todos os anos, são elas que escrevem a História, que determinam mudanças, que se destacam pela atuação em suas áreas. Pensando nisso, O GLOBO está lançando o Prêmio Faz Diferença, uma iniciativa que busca homenagear todos os que lutam para mudar o Brasil".

Desde aquela edição inaugural, os jornalistas de cada uma das editorias do GLOBO escolhem, em votação interna, três candidatos que brilharam nas suas respectivas áreas, e os vencedores de cada categoria são eleitos por um júri formado por editores e colunistas do jornal, personalidades de diferentes setores da sociedade e leitores. A primeira vencedora do principal troféu, o de Personalidade do Ano, foi a médica e fundadora da Pastoral da Criança, Zilda Arns.

Um dos membros do júri encarregado da escolha foi o colunista Ancelmo Gois, que vem atuando, ao lado da jornalista Míriam Leitão, como apresentador em todos os eventos de premiação. A vitória de Zilda foi uma das que mais o emocionaram nesses anos todos. Fundada em 1983, a Pastoral presta assistência a famílias em áreas pobres do país, ensinando regras de higiene, a importância da amamentação e como fazer o soro caseiro.

— Zilda foi uma das principais responsáveis pela redução da mortalidade infantil no Brasil nas últimas décadas. A Pastoral atua notadamente no Nordeste, e eu venho de Frei Paulo, no interior de Sergipe, então, sei a importância desse trabalho. Zilda morreu (em 2010) num terremoto no Haiti, um dos países para onde a Pastoral estava se expandindo. Uma das minhas irmãs, Ana Ruth Gois, atuava na coordenação da Pastoral no interior do Norte e do Nordeste, e foi enviada para criar a entidade no Timor Leste e em países africanos — conta Ancelmo.

Entre as curiosidades do Faz Diferença, o colunista cita duas gerações de uma família que foram homenageadas em anos diferentes:

— Veja que caso inusitado... em 2018, quem ganhou na categoria Personalidade do Ano foi a atriz Fernanda Montenegro. E, neste ano, o mesmo prêmio foi entregue à filha dela, Fernanda Torres *(junto com o cineasta Walter Salles)*.

Para Míriam Leitão, uma situação ainda mais inesperada foi quando ela própria ganhou um troféu, junto com Gois, numa categoria hors-concours de 2023.

— Foi uma surpresa para nós. Ficamos sem saber o que fazer... fomos surpreendidos no próprio prêmio que a gente comanda. Falei para o Ancelmo: como a gente não desconfiou de nada? Como não apuramos isso? Somos péssimos jornalistas! — comenta, aos risos.

As histórias de bastidores também são lembradas com carinho por ela.

— Houve uma ocasião em que eu tive dengue e fiquei muito enfraquecida. Mas eu quis apresentar o prêmio mesmo assim. Por segurança, ensaiamos três pessoas: a Flávia Oliveira, eu e o Ancelmo. Na cerimônia, se eu passasse mal, a Flávia assumiria imediatamente o meu lugar. Eu me senti tão tranquila de saber que a Flávia estava a postos para me substituir que consegui fazer o trabalho até o fim, sem sobressaltos — recorda-se a jornalista.

Na premiação de 2004, em que os vencedores do ano anterior receberam seus troféus, também houve um bastidor curioso: o presidente Lula havia vencido na categoria País. Caberia a ele fazer o último discurso da noite, porém a categoria final era a de Personalidade do Ano, cuja ganhadora era Zilda Arns. Como evitar uma saia justa?

— Na hora que Lula recebeu seu prêmio, eu não podia deixá-lo falar. A solução que bolamos foi pedir para ele mesmo entregar o último prêmio a Zilda Arns e discursar depois dela, encerrando a noite — revela Míriam.

Eleito Personalidade do Ano de 2006, aos 92 anos, o bibliófilo José Mindlin suscitou uma atitude emocionante da apresentadora, no evento de entrega dos prêmios, em 2007.

— Eu desci do palco e subi a escadaria abraçada a ele. Sabia que ele estava enfraquecido e com problemas de visão, porque eu ia à casa dele, e ele me pedia para ler algumas páginas de livros de poesia. Quando ele foi andando em direção ao palco, tive receio de que se acidentasse — lembra Míriam, que, em outra ocasião, escorou Bibi Ferreira a tempo de impedir uma queda, depois que a atriz e cantora tropeçou num objeto no palco.

Histórias de solidariedade ou de heroísmo protagonizadas por anônimos são as que mais empolgam Ancelmo Gois. Na segunda edição do prêmio, ele e Míriam anunciaram a paranaense Ione Pereira Machado como Personalidade do Ano de 2004. Dona de casa, Ione virou exemplo de ética por ter devolvido o benefício do Bolsa Família depois que o marido conseguiu emprego. Este ano, em que a cerimônia de premiação teve a presença da Nobel da Paz Maria Ressa, a vitória mais festejada por Gois foi a de Marcos Vinícius Vasconcelos, na categoria Rio. O auxiliar de logística salvou uma família durante uma enchente, enquanto sua própria casa era destruída pela tempestade:

— São exemplos inspiradores de personagens simples e anônimos que me emocionam, porque exibem o lado mais nobre do ser humano. Os jornalistas são, por natureza, céticos e desconfiados. Portanto, quando resolvem homenagear alguém, é porque esta pessoa passou por um crivo rigoroso. Aí está a força do prêmio.



Premiados. O bibliófilo José Mindlin e Zilda Arns, da Pastoral da Criança, que foi a primeira ganhadora do prêmio



FABIO ROSSI (MINDLIN) E GABRIEL DE PAIVA (ZILDA ARNS)

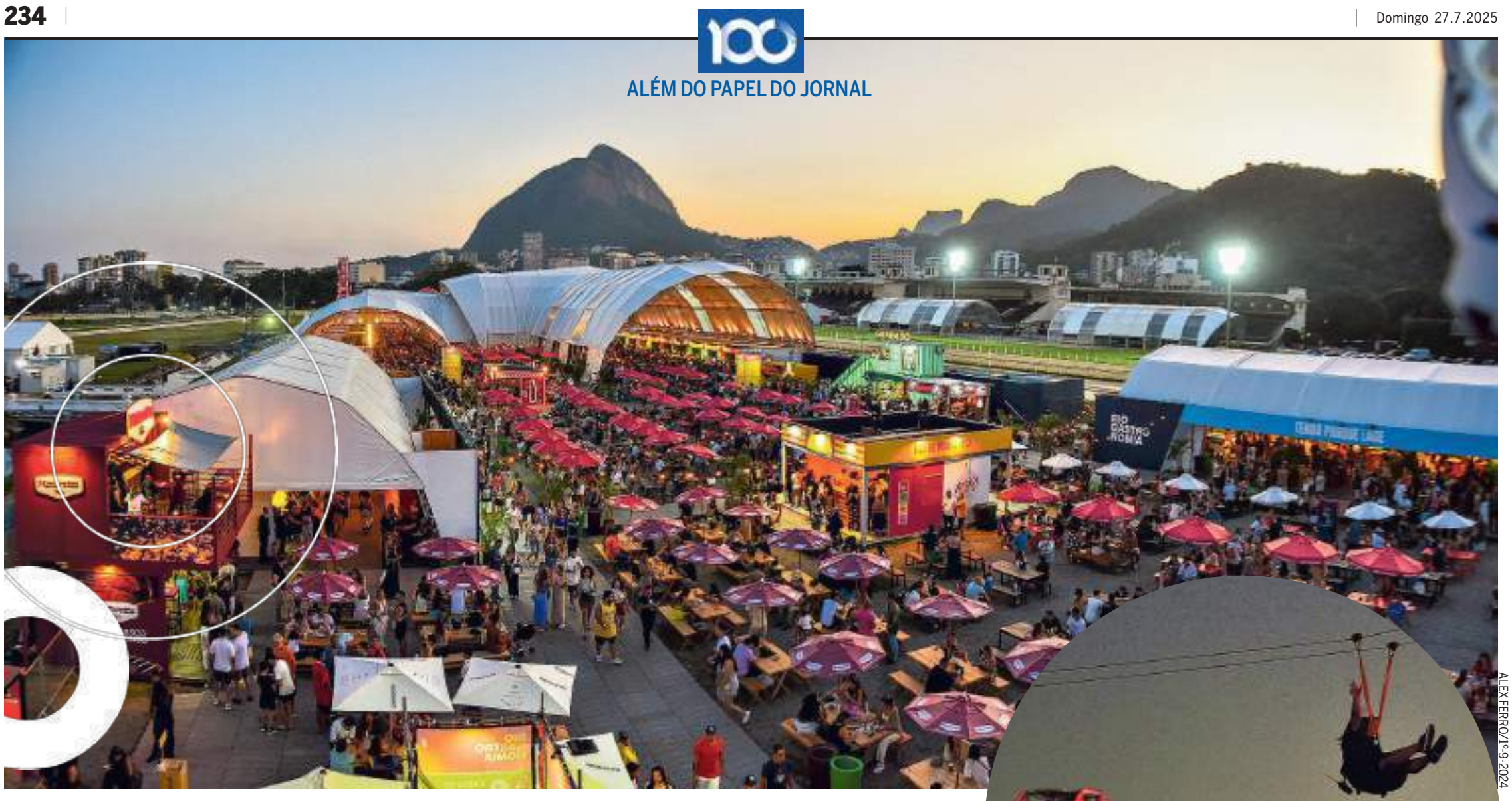
PARABÉNS, O GLOBO.

100 ANOS DE HISTÓRIA, ANO 001 DE FUTURO.

É um orgulho ser a agência de publicidade
por trás da campanha de 100 anos
e poder contar essa história para todo mundo.

itaú O GLOBO ENGIE havaianas meio&mensagem ambev EMBELLEZE

TM



ALEX FERRO/1º-9-2024



UM FESTÃO PARA OS 15 ANOS DO RIO GASTRONOMIA

Maior festival do gênero no Brasil conquistou os cariocas e ganhou versão paulista em 2023

Edição 2024. Panorama da Rio Gastronomia, atrações como roda gigante e tirolesa, além de show lotado de Diogo Nogueira : festa que tem como cenário luxuoso a Lagoa



RENATA MONTY
Especial para O GLOBO

A receita de sucesso tem tempero carioca com pitadas da América Latina e do mundo. Parece que foi ontem que O GLOBO entregou o seu primeiro Prêmio Rio Show de Gastronomia, em 2003, aos melhores restaurantes e bares da cidade, tornando-se referência para o setor — e dando origem ao maior festival de gastronomia do Brasil. Em 2024, o Rio Gastronomia recebeu um público de 125 mil pessoas em três fins de semana, com um consumo de 570 mil itens.

Pelas mãos do chef José Hugo Celidônio e da crítica gastronômica Luciana Fróes, no antigo restaurante Clube Gourmet, em Ipanema, chefs como Claude Troisgros, Roberta Sudbrack e Felipe Bronze, receberam a premiação: o quadro com cinco garfinhos. De lá para cá, os melhores da cidade passaram a ostentar nas paredes a honraria, reconhecimento pioneiro do GLOBO no país.

— O Rio Gastronomia começou pequeno, há 15 anos, e deu no que deu: o maior evento no gênero do mundo, vitrine da boa mesa do brasileiro. Tudo o que aconteceu no cenário gastronômico do país, especialmente o carioca, esteve ali representado. E seguirá: a receita é justamente essa, valorizar o que temos de melhor — destaca Luciana, que acompanha o prêmio e o festival desde as origens.

A publicação do Guia Rio Show de Gastronomia passou a destacar anualmente os estabelecimentos, tornando-se fonte segura de informação qualificada para cariocas e turistas. Anos depois, rankings de prestígio internacional, como o Guia Michelin e o 50 Best, vieram conferir de perto o que a comida carioca tem, mostrando a competência e a ousadia de um time afinado da redação de O GLOBO.

— O Rio Gastronomia cresceu acompanhando o interesse do carioca pela gastronomia. É um evento único, em que o público tem a oportunidade de experimentar a comida dos melhores restaurantes da cidade. Também é uma chance de ter contato com os chefs, que estão sempre por lá, seja nos quiosques, seja nas aulas —enfatiza Inês Amorim, editora do Rio Show.

Com a Baía de Guanabara como pano de fundo, o formato de festival com estandes de restaurantes estreou, em agosto de 2011, no Museu de Arte Moderna do Rio, colocando o público para saborear a Cidade Maravilhosa em um só lugar. Ali, muitos chefs tornaram-se professores pela primeira vez, nas chamadas "aulas-show", como foi o caso de Kátia Barbosa, hoje à frente do Sofia, na Praça da Bandeira, e autora do bolinho de feijoada —que alcançava a marca de 10 mil unidades por dia no festival.

— O Rio Gastronomia é um capítulo muito importante na minha história. É onde a comida brasileira ganhou um palco de destaque, onde pude mostrar com orgulho o que sai da panela da minha cultura. Participei de quase todas as edições, desde os tempos do MAM até hoje. Vi o evento crescer e muita gente crescer com ele, inclusive eu. Ali não é só comida, são encontros, trocas, afeto e reconhecimento —destaca Kátia.

O evento incorporou atrações que incrementaram seu sabor, como música e opções para a família. Os shows passaram a fazer parte do festival, com um cardápio bem variado. Pelos palcos passaram Alceu Valença, Sandra de Sá, Jorge Aragão, Elba Ramalho, Paulo Ricardo, Mart'nália, Moacyr Luz e o Samba do Trabalhador, Diogo Nogueira, Moraes Moreira, e até atrações internacionais, com Andy Summers, ex-guitarrista do Police, ao lado de Rodrigo Santos.

A edição de 2025 receberá Paula Toller, Xande de Pilares, Paula Lima, Paulinho Moska e o bloco Carrossel de Emoções.

RODA GIGANTE E TIROLESA

Mantendo uma tradição iniciada em 2021, a roda gigante de 20 metros de altura continua a permitir que todos aproveitem melhor a vista deslumbrante da Lagoa. As atrações para a família incluem uma tirolesa, para quem gosta de emoções mais fortes.

Outra ação pioneira foi o Circuito Rio Show de Gastronomia, que convocava os restaurantes da cidade a criar menus especiais a preços promocionais em seus estabelecimentos, movimentando a economia local, com uma média de 400 restaurantes participantes na primeira edição. A Feijoada Nota 10 evidenciou os talentos das quadras cariocas com jurados que avaliavam os pratos.

Outra inovação foi o Cozinha Show, um caminhão itinerante com uma cozinha-vitrine que percorria toda a cidade com aulas de culinária em pontos diversos. De 2011 até hoje, circulam a bordo chefs brasileiros de prestígio internacional, como Alex Atala, no Complexo do Alemão, Claude Troisgros, no Dona Marta, e Roberta Sudbrack, na Carioca.

— Esse contato com o público tem uma troca de energia muito boa, e acho fundamental para evolução da gastronomia e da cultura do nosso povo — afirma Claude Troisgros.

Os endereços do Rio Gastronomia mudaram ao longo dos anos, mas sua essência de reunir chefs e público em torno da boa comida e dos encontros sempre se manteve. De 2012 a 2015, o festival aportou no Jockey Club Brasileiro, colado à Tribuna B, e teve presentes grandes nomes como Roberta Sudbrack, Dominique Guerin, Troisgros, e botecos consagrados como o Bar do Momo e da Frente.

De 2016 a 2019, a Baía de Guanabara voltava como cenário, mas do Píer Mauá. A presença de chefs internacionais como o argentino Francis Mallmann, o português Pedro Pena Bastos, a colombiana Leonor Espinoza, o peruano Javier Ampuero (Candela Cocina Artesanal), o mexicano Ricardo Muñoz Zurita e o português Filipe Ramalho trouxe ainda mais diversidade para o festival. O Brasil também foi representado de Norte a Sul, com nomes como Thiago Castanho, de Belém, e Janaína e Jefferson Rueda, do paulistano A Casa do Porco.

EM 2023, SÃO PAULO

E quem não se lembra das filas intermináveis para comer o cachorro-quente estrelado de Roberta Sudbrack, o SudDog, que foi eleita a Melhor Chef da América Latina pelo rankings The Worlds 50 Best.

— Tive momentos incríveis na minha carreira, mas as filas do Rio Gastronomia para comer o meu cachorro quente proporcionaram um dos momentos mais incríveis da minha vida —destacou Roberta.

Em 2023, a fórmula foi replicada em São Paulo, dando origem ao SP Gastronomia, no Parque Villa-Lobos. A segunda edição, em 2024, manteve o sucesso. Restaurantes paulistanos consagrados, como Hot Pork, Nelita, Osso, Tasca da Esquina, Dalva e Dito, Più, Família Kariri, Capim Santo, Espaço Arimbá, Make e Hommus participaram da versão paulista do festival, que teve shows de Paula Lima, Paulo Ricardo, Fat Family, Xande de Pilares e Mariana Aydar, entre outros.

GABRIEL REIS/VALOR



Parque Villa-Lobos. O SP Gastronomia, versão paulistana do evento, chegou em 2023 com grande sucesso, que se repetiu no anos seguintes, no mesmo local

A AGÊNCIA DA VERDADE BEM CONTADA HÁ 90 ANOS PARABENIZA QUEM COLOCA A VERDADE EM PRIMEIRO LUGAR HÁ 100 ANOS.

A WMcCann parabeniza
O Globo por um século de jornalismo.

Seguimos lado a lado,
prontos para as próximas páginas.

O GLOBO 100

WM

ARTIGO

Uma cobertura de dar água na boca

Receitas, entre outras dicas para o leitor; as muitas transformações na gastronomia do Brasil e do mundo e saborosas histórias nascidas entre a mesa e a cozinha sempre estiveram em pauta nas páginas do GLOBO

LUCIANA FRÓES

Dias antes do lançamento do GLOBO, um jantar improvisado na redação reuniu o jornalista Irineu Marinho e sua equipe diante de pratos, talheres e garrafas. A cena dava uma pista do que estava por vir: em pelo menos 70 dos 100 anos do jornal, aromas, sabores e texturas da culinária ganharam espaço em suas páginas. O prazer à mesa e o jornalismo logo se encontraram em grande estilo na coluna Cozinha deliciosa, de Maria Thereza Weiss, publicada a partir de 1958 — e por quatro décadas — mas antes disso já deixavam o leitor com água na boca a cada edição.

Ao lado das receitas de Maria Thereza, aguardadas por uma legião, o jornal, já na estreia da colunista, listou dicas para ganhar peso, através de uma combinação bombástica de cevada, lentilha, ervilhas e favas. Sinal dos tempos. Em 1997, "forno e fogão" do GLOBO passam para as mãos do cozinheiro, *restaurateur* e jornalista José Hugo Celidônio, que publica sua primeira coluna às vésperas do carnaval. A partir desse momento — e por contexto mais amplo — há a "virada de chave": a culinária vira gastronomia, e o cozinheiro, chef. A mudança de hábito se deu a reboque de uma leva de jovens de classe média graduados no Brasil e no exterior.

Entra em cena o admirável mundo novo dos vinhos, fruto da abertura da ABS, a Associação Brasileira dos Sommeliers, obra do italiano Danio Braga. Nos restaurantes, taças tilintantes circulam pelas mesas, adegas climatizadas viram equipamento de primeira necessidade e palavras como buquê e retrogosto entram na roda. Num dia de inspiração, almoço com Danio Braga e eu, Celidônio cunhou o termo "enochato". Fosse hoje, caía na rede e viralizava. Genial.

GASTRONOMIA EM ALTA

Nos meus 30 anos de GLOBO, em boa parte venho escrevendo sobre restaurantes. Fui precedida por Ana Cristina Reis, que já assinava textos jornalísticos sobre a boa mesa carioca. Era gastronomia, não culinária, e suas receitas para fazer em casa. A partir daí, o tema ganhou páginas e páginas, e até mesmo um caderno: o ELA Gourmet, de grande sucesso. De lá para cá, acumulo milhas, gratas experiências e histórias. Testemunhei de perto o crescimento da gastronomia na cidade, no país, no mundo. Em 1998, passei a assinar uma coluna/crítica, com a cotação dos garfinhos que me acompanha até hoje.

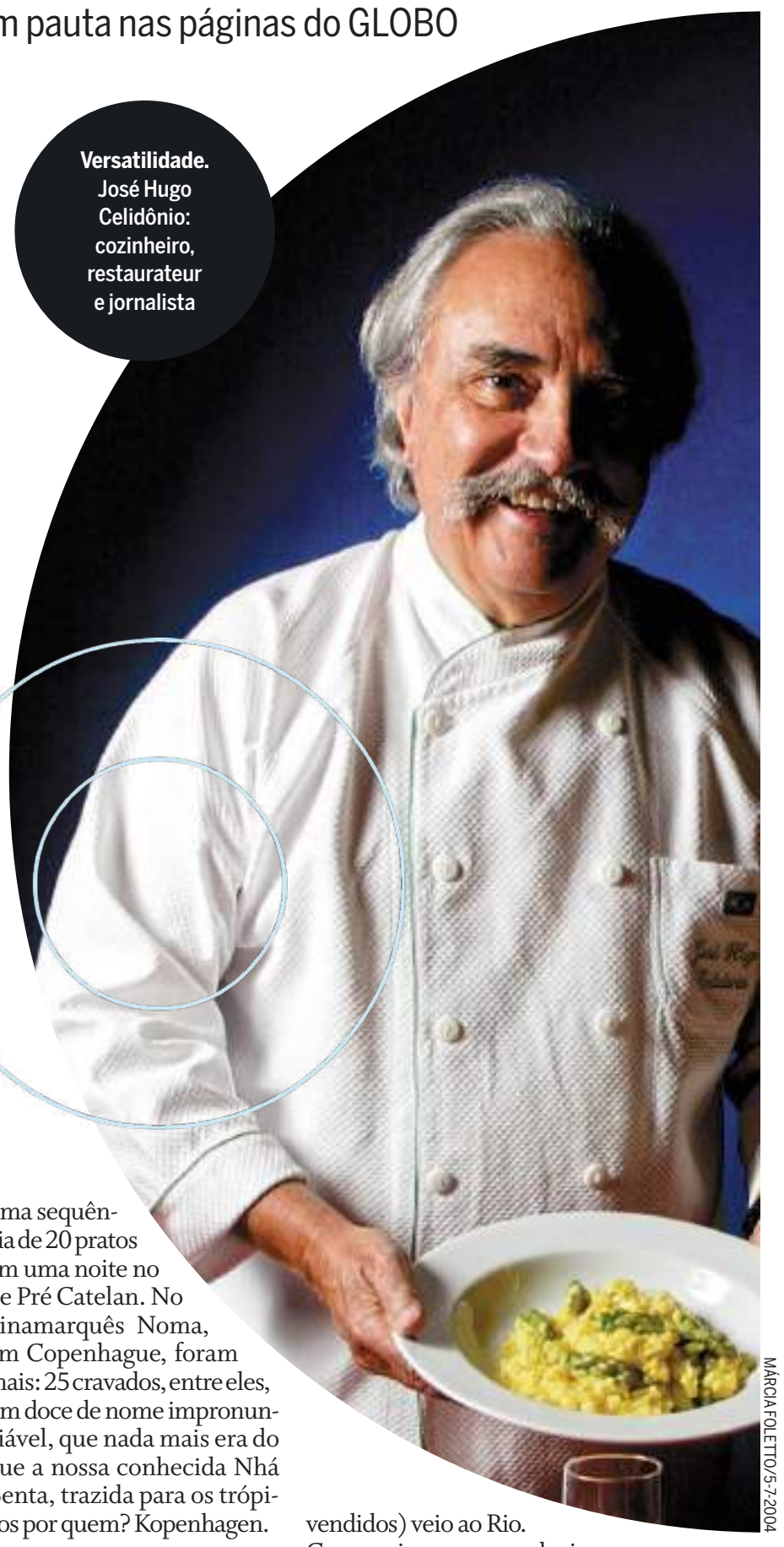
Os chefs (definitivamente não se fala mais em cozinheiro) despontaram. Chegaram os prêmios nacionais, internacionais, as estrelas Michelin. Felipe Bronze era um garoto, estudava culinária em Nova York e volta e meia estava por aqui. Numa dessas vindas, cozinhou para mim. Fiquei maravilhada. Deu no que deu, foi longe. Claude Troisgros já brilhava, e celebramos seus 20 anos de Rio com uma capa no Segundo Caderno assinada por mim. "Ele é carioca" era o título, onde Claude contava suas peripécias e declarava: "era para eu ter nascido no Rio, não em Roanne". O filho Thomas relutava: queria ser empresário de jogador de futebol. Virou chef e faturou uma estrela Michelin.

Casas famosas de São Paulo passaram a apostar no Rio. A abertura do Gero em Ipanema foi um acontecimento. "Gero chegou", estampava a matéria de capa que assinei para o ELA. Eu e Rogério Fasano conversamos em seu apê na Vieira Souto, com apenas uma cadeira e uma mesa de pingue-pongue no meio da sala. "Queria abrir de frente para a praia, mas o Chico Buarque me desaconselhou, disse que carioca não come olhando o mar", disse.

A gaúcha Roberta Sudbrack conheci nos tempos em que assinava jantares para o presidente Fernando Henrique Cardoso e estava em vias de assumir a cozinha do Palácio da Alvorada. Nossa conversa rendeu a matéria "A chef do chefe" e um livro lindo que fizemos juntas sobre sua experiência no Alvorada.

Com os anos, além da cozinha francesa, passamos a desfrutar da italiana mais refinada, da japonesa e dos ventos, esferas e fumaças vindos da Espanha: o chef mago catalão Ferran Adrià sacudiu a gastronomia do mundo, virando pelo avesso do avesso técnicas, estéticas e sabores como nunca antes. Fez história com sua cozinha molecular, que, felizmente, se foi como nuvem. No mercado, ingredientes requintados ficaram mais presentes (Celidônio, na falta de escargots, servia coração de galinha).

No auge do modismo do menu degustação, que apelidei de menu indigestão, guardei do chef Roland Villard o diploma de excelência por ter dado conta de uma sequência de 20 pratos em uma noite no Le Pré Catelan. No dinamarquês Noma, em Copenhague, foram mais: 25 cravados, entre eles, um doce de nome impronunciável, que nada mais era do que a nossa conhecida Nhá Benta, trazida para os trópicos por quem? Kopenhagen.



Versatilidade. José Hugo Celidônio: cozinheiro, restaurateur e jornalista

MÁRCIA FOLETTO/5-7-2004

A CAPA QUE VIROU SUCO

De 2011 a 2017 tivemos o caderno Gourmet — belíssimo. Na estreia, um atropelo. A pauta era sobre "Berries do Brasil", nossas frutinhas nativas, cereja-do-mato, amora silvestre, jabuticaba. Comprei um estoque num domingo de feira, para serem fotografadas. Na manhã seguinte, saí para caminhar e, na volta para casa, fui recebida com um belo suco vermelho: eram elas, as frutas da capa.

O mercado de livros de gastronomia estourou, os programas de TV, idem e, aí, a chef inglesa Nigella Lawson (8 milhões de exemplares vendidos) veio ao Rio. Conseguimos uma exclusiva com a mestre-cuca mais sensual do planeta. Descalça e feliz da vida, a estrela pediu desculpas por não comer farofa ("tem gosto da areia"), mas caiu de boca nos bolinhos de feijoada de Kátia Barbosa. Comida agrega, agrada, retrata tempos, hábitos, costumes, cultura, economia, é receita de sucesso. O GLOBO percebeu isso cedo e segue fazendo bom proveito do assunto.



LUCIANA FRÓES
é crítica de gastronomia do GLOBO

JOSÉ SANTOS / 2-4-1975



Pioneira. Maria Thereza Weiss, a primeira colunista, publicou sua "Cozinha deliciosa" por quatro décadas

REPRODUÇÃO





A estreia e a despedida. "Berries" nacionais ganharam destaque na primeira capa do caderno Ela Gourmet, que, em 2017, se despediu dos leitores com edição sobre "Cozinha afetiva"

TUDO COMEÇOU QUANDO ROBERTO TEVE UM SONHO.

PARECE QUE TEMOS MUITO EM COMUM.



PARABÉNS, O GLOBO, PELOS 100 ANOS DE UMA HISTÓRIA QUE INSPIRA A NOSSA TODOS OS DIAS.

O Globo e Grupo Dreamers compartilham muito mais do que apenas a cidade natal. Muito mais do que o nome de seus fundadores, Roberto Marinho e Roberto Medina. Compartilham a paixão pela comunicação, o desejo de transformar, de emocionar as pessoas. E principalmente de sonhar. Porque é assim que se constrói o futuro. Um futuro que já começou com aquele sonho de 100 anos atrás.

aceleraí · A-LAB · artplan · DRAGONS · CONTEXT CREATIVE TECH. · convert · dream factory · EASY LIVE · genc · JOIN · lovely · MEDIAS DATA DREAMERS · musicalize · next · now · PULSE · rockers · Soma · 4 COMPANY · Rock World parceiro estratégico · THE TOWN · Lollapalooza

dreamersgroup.com.br

ALÉM DO PAPEL DO JORNAL

GENTE DO GLOBO

Histórias de alguns dos milhares de profissionais que fazem parte da trajetória centenária do jornal



Rodolfo Fernandes
Diretor de Redação (1962-2011)

O jornalismo estava no DNA: Rodolfo era filho de Hélio Fernandes, dono da Tribuna da Imprensa, e sobrinho de Millôr. Começou no jornal da família cedo, aos 16 anos, mas logo se mudou para Brasília, onde cobriu a transição para a democracia. Chegou à sucursal do GLOBO na capital em 1989, onde colecionou furos — um deles, a revelação de que Fernando Henrique Cardoso seria ministro da Fazenda. Em 1995, voltou ao Rio como editor de País; no ano seguinte ascendeu a editor-chefe e, em 2001, assumiu a direção da Redação. Seguiu no cargo até sua precoce morte, com 49 anos, em 2011, dois anos após o diagnóstico de uma grave doença degenerativa. Quem mais bem definiu a personalidade encantadora de Rodolfo foi Miriam Leitão: "o suave guerreiro".



Amelia Gonzalez
Editora (até 2012)

"Vocês podem não acreditar, mas até hoje trago a sensação de ver, pela primeira vez, o quadro onde se lia a manchete 'Voltam-se as vistas para a nossa borracha'. Ficava na entrada da Redação, era o cartão de visitas. Eu, recém-saída da universidade, começava meu programa de estágio. Era a década de 1970. Mas a lembrança é tão viva que me vem com o cheiro delicioso de papel-jornal. Foram dias muito intensos, nunca entediantes. O GLOBO foi minha escola de jornalismo. E, posso dizer agora, me ajudou também a criar uma conexão diferente com o mundo. Como editora do caderno "Razão Social" de 2003 a 2012, aprendi que ser sustentável (nome do meu blog e de um livro recém-lançado) é uma mudança de paradigma possível. E necessária."



Gilberto Braga
Crítico e teledramaturgo (1945-2021)

Antes de se consagrar no ofício de autor de novelas da TV Globo como "Dancin' Days" (1978), "Vale tudo" (1988, atualmente com uma reedição em cartaz), e "O dono do mundo" (1991), Gilberto Tumscitz (seu nome verdadeiro) deu expediente no GLOBO como crítico e colunista especializado em teatro, uma de suas paixões. No fim da década de 1960 e princípio da seguinte, ele assinava uma coluna chamada simplesmente Teatro, que falava dos lançamentos e tinha uma seção chamada Por Trás do Pano-de-Bôca. "Comenta-se que Ney Latorraca, o travesti de 'Hair', está impressionando muito nos ensaios, no papel de Príncipe Paris", dizia a seção na edição do Globo de 21 de setembro de 1970.



Thiago Afonso
diretor de Desenvolvimento Comercial e Digital da Editora Globo

"Eu tinha 18 anos de experiência em publishing quando cheguei aqui, em abril de 2017, no processo de fusão de Editora Globo, Infoglobo e Valor Econômico, que precisavam de visão única para sua transformação digital, reconstrução da proposta de valor para anunciantes e caminhos de crescimento. Criamos o G.LAB, o estúdio de conteúdo para marcas, construímos grade robusta de eventos e aceleramos a monetização digital. Vir para O GLOBO foi muito importante na minha carreira. Tenho enorme admiração pelo portfólio da empresa, sua história, seus fundadores e acionistas. Há muito desafio no horizonte: IA, mudanças de comportamento do consumidor, entre outros. Mas com energia, marcas fortes e visão de futuro, vamos para os próximos cem anos."



Mauricio Moraes
Gerente de infraestrutura

"Comecei no GLOBO em 2005 e tive a oportunidade, ano e meio depois, de gerenciar a área de infraestrutura e assumir os trâmites da operação. Em 2007 assumi a função no Parque Gráfico. Em 2016, com a aquisição total do Valor, também fiquei com a área. Em janeiro de 2018, incorporei as mesmas atribuições da Editora Globo em São Paulo. Administro os prédios, os transportes, a segurança patrimonial, do trabalho, engenharia, manutenção e área médica. Por aqui, um dos meus grandes desafios foram as transformações da empresa em si, como a reorganização da Editora Globo, assumindo unidades também nos outros estados, e a integração do Sistema Globo de Rádio, área completamente diferente da editorial."



Angela do Rego Monteiro
Jornalista e crítica de moda (1943-2021)

Começou como repórter do Jornal do Brasil a convite de Alberto Dines, de quem foi aluna. Pouco depois, começou no GLOBO, onde trabalhou no suplemento feminino e, em 1964, aos 21 anos, ajudou a fundar o caderno ELA, do qual também foi editora. Chefiou toda a parte de moda das revistas da editora Bloch, por oito anos e, após curta pausa no jornalismo, atuou numa empresa de publicidade. Retornou ao GLOBO para trabalhar com o colunista Ricardo Boechat, onde ficou por duas décadas. Ocupou a mesma função sob a chefia de Ancelmo Gois. Deixou o jornalismo diário para ser professora na escola que a formou, a PUC-Rio, e foi uma das autoras do livro sobre a vida de Boechat. Os amigos lembram dela como parceira de trabalho que conjugava elegância e simplicidade.



José Felipe Ribeiro
Motorista de reportagem

"Entrei no GLOBO na distribuição, onde fiquei até 2000, quando fui trabalhar como motorista da Redação. Uma cobertura que marcou foi o caso do goleiro Bruno. Estávamos com uma equipe de reportagem na Delegacia de Homicídios da Barra e fui informado de que iam levar suspeitos para Belo Horizonte. Viemos à Redação correndo, pegamos equipamentos e fomos seguindo os carros da polícia até lá. Ficamos rodando até os suspeitos encontrarem a casa onde ocorreu o crime. Achamos na noite do outro dia, após 24 horas acordados. Éramos a única equipe. O fotógrafo Domingos Peixoto fez fotos que, em poucos minutos, tinham 650 mil visualizações. À época, o Profissão Repórter nos entrevistou ainda lá pelo furo."



Gilberto Scofield Jr
Correspondente e editor (até 2014)

"Dos 16 anos no GLOBO, a experiência mais interessante de prática jornalística foram os cinco anos em Pequim, como correspondente na China. Do ponto de vista profissional, foi um desafio enorme fazer jornalismo num país onde a imprensa não é livre, mesmo os correspondentes são monitorados, e as autoridades não têm a menor noção do nosso trabalho. Em 2008, fui cobrir um terremoto na província de Sichuan, e fui detido por policiais à paisana perto do epicentro. Eles me interrogaram sobre um jornalista brasileiro estar interessado num terremoto na China que matou mais de 80 mil pessoas e feriu mais de 300 mil. Foi difícil explicar que aquela tragédia era uma notícia. No mesmo ano, cobri as Olimpíadas, outra experiência única."



Alana Ramires
Assistente-executiva da Redação

"Vim de Recife em 2011. No início do ano seguinte vi anúncio de uma vaga no GLOBO, me inscrevi e acabei sendo selecionada. Já são 13 anos na empresa. Era um ambiente barulhento, TVs ligadas, todos falando ao mesmo tempo. Estranhei, mas depois me acostumei. Sou responsável pelo apoio aos editores-executivos, desatando nós de grandes processos. Uma das minhas funções é conectar o Departamento Comercial com a montagem do jornal e a definição do espaço que os editores vão precisar para a edição impressa. É um trabalho de bastidor para toda a Redação trabalhar de forma confortável. Desde janeiro de 2024 faço parte do grupo de diversidade Vozes Negras, uma forma de trocar ideias e acolher os colaboradores no pilar racial."



Rita Braune
Supervisora de produção do sistema editorial e treinamento (até 2002)

"Iniciei minha carreira no GLOBO aos 19 anos, e minha formação pessoal e profissional foi profundamente moldada pelos 24 anos que passei no jornal. Uma das experiências memoráveis foi a implantação do primeiro sistema editorial automatizado, que possibilitou a primeira transmissão eletrônica de uma Copa, a do México, em 1986. Fui a única mulher entre os 17 jornalistas da delegação, que contava com João Ubaldo Ribeiro, Nelson Motta e Sergio Cabral (pai). Também participei da primeira transmissão da Fashion Week no MAM. Fizemos um chat com Gisele Bündchen em início da carreira. Essas experiências refletem a evolução do jornalismo e a importância do GLOBO ao longo de um século."

A AGÊNCIA LÍDER EM MATURIDADE DIGITAL PARABENIZA OS 100 ANOS DE MATURIDADE EDITORIAL.

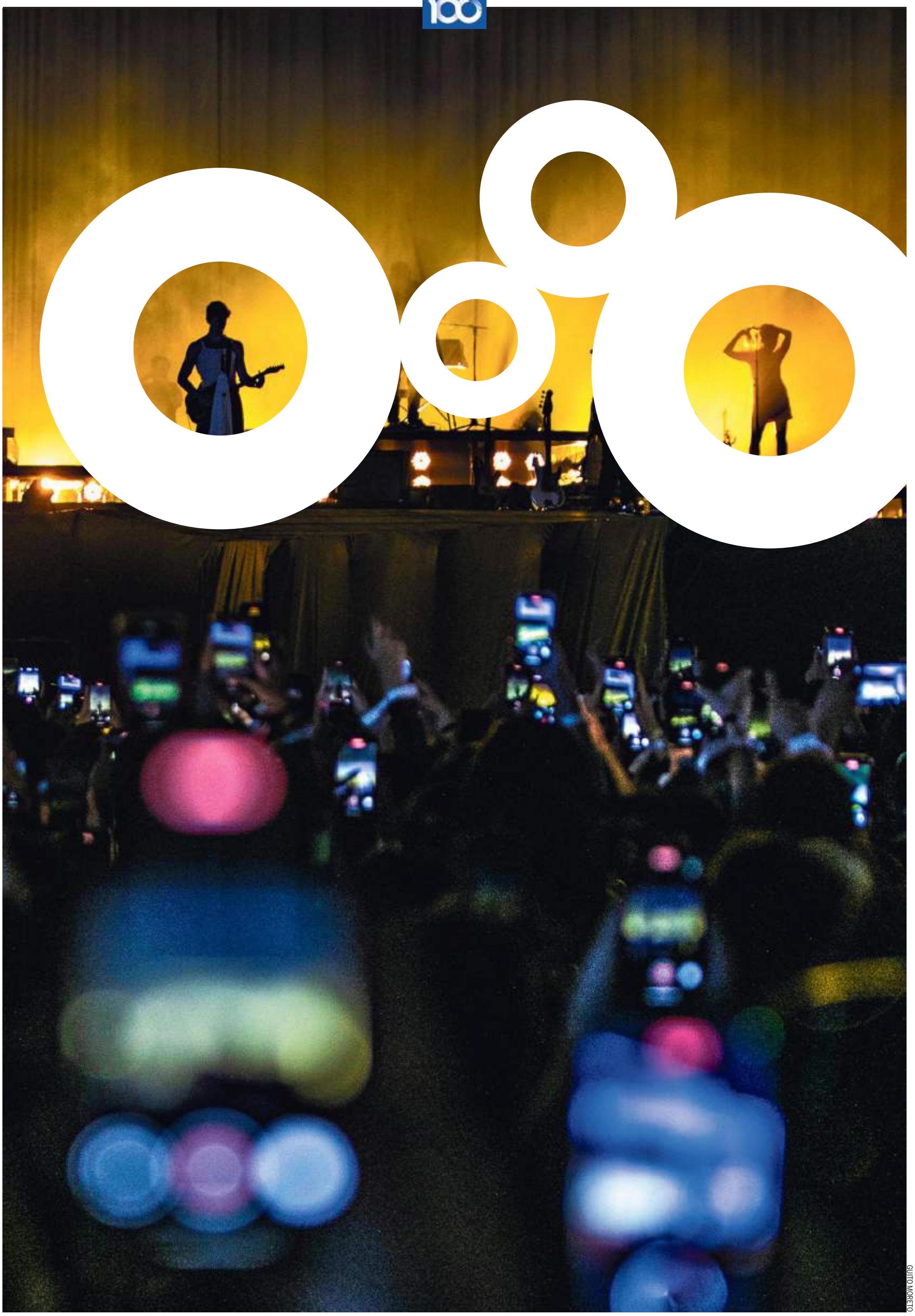
HOMENAGEM DA ALMAP,
A AGÊNCIA LÍDER EM CRIATIVIDADE,
EFICÁCIA E MATURIDADE DIGITAL NO PAÍS,
AOS 100 ANOS DO JORNAL O GLOBO.

@ALMAPBBDO

AGENCY OF THE DECADE
CANNES LIONS

ALMAP BBDO


O GLOBO 100
AQUARIUS
PROJETO AQUARIUS - O GLOBO
NOSSAS HISTÓRIAS DE PROJETOS MEMORÁVEIS SEMPRE ESTIVERAM PRESENTES AQUI, NAS CAPAS DO PRINCIPAL JORNAL DO PAÍS.
OBRIGADO O GLOBO!
PARABÉNS PELOS 100 ANOS.
17 EDIÇÕES DO MAIOR RÉVEILLON DO MUNDO
100 ANOS DO COPACABANA PALACE
ALOK EM COPACABANA
SRCOM
IDEIAS QUE MARCAM
@agenciasrcom



GUITO MORETO

O SHOW TEM QUE CONTINUAR

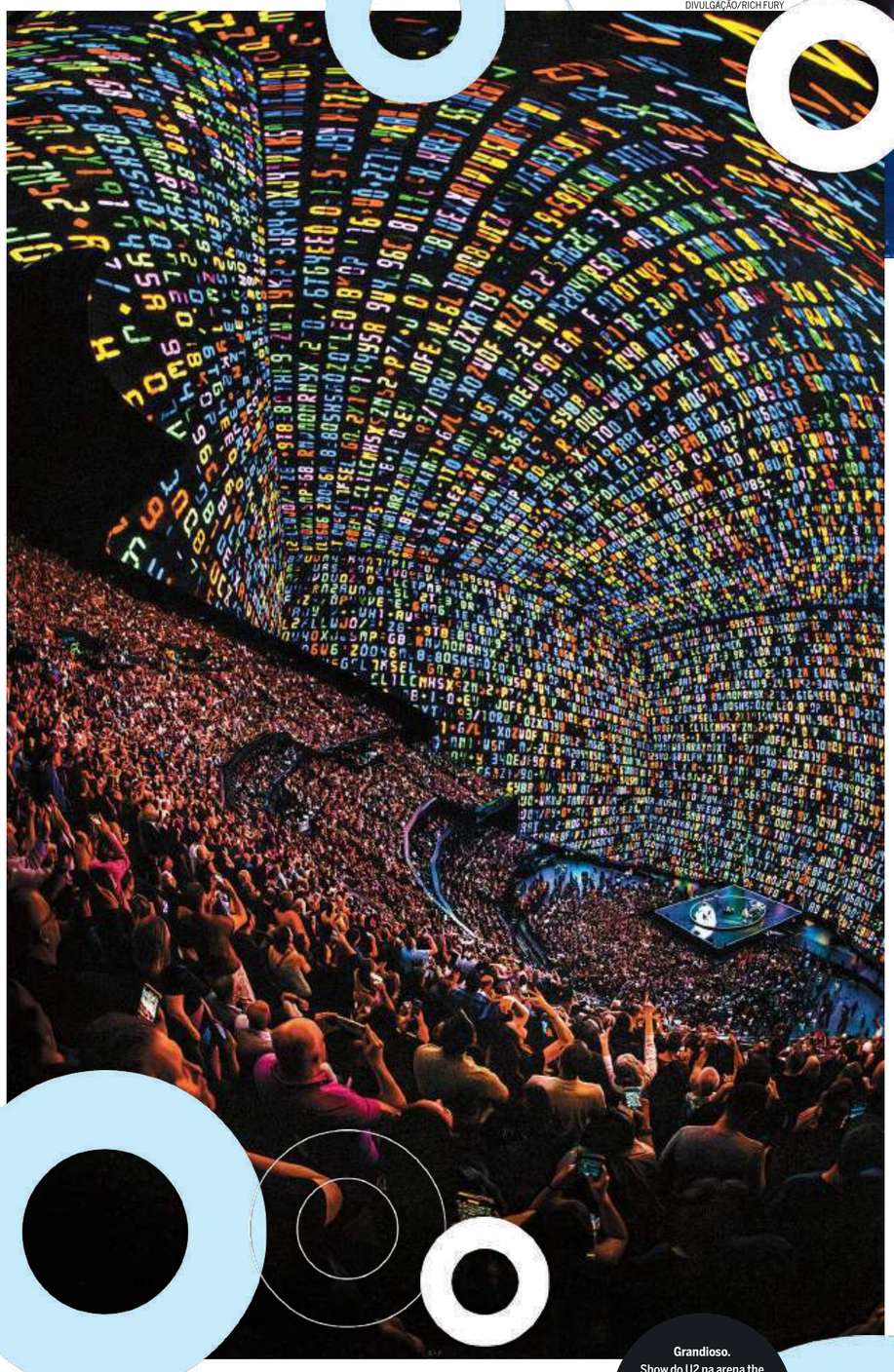
Os grandes palcos de entretenimento, da cultura ao esporte, são essenciais para a vida pública e, por consequência, sempre tiveram espaço nobre no GLOBO. Hoje, os avanços tecnológicos alteram a relação das pessoas com shows, museus e atividades esportivas, dando novos rumos à cobertura.

O FUTURO JÁ CHEGOU, MAS CUSTA CARO

Telões em 3D, holografias hiper-realistas e realidade aumentada são algumas tecnologias que, segundo profissionais do ramo, serão implementadas em shows e festivais nos próximos anos

INÊS AMORIM
ines@oglobo.com.br

DIVULGAÇÃO/RICH FURY



Grandioso. Show do U2 na arena the Sphere, em Las Vegas: custo de US$ 2,3 bilhões, telão de LED com 16K de resolução e 160 mil alto-falantes

Quando as primeiras imagens do show do U2 na inauguração da arena The Sphere, em Las Vegas, invadiram as redes, em outubro de 2023, todos ficaram impactados com o tamanho e a qualidade das projeções. Construída a um custo de US$ 2,3 bilhões, a estrutura esférica com uma gigantesca tela LED — de 15 mil metros quadrados e 16k de definição — e 160 mil alto-falantes foi logo apontada por muitos não apenas como uma revolução, mas como o futuro dos shows. Até é, mas para poucos. Para empresários do ramo, o que acontece em Las Vegas fica em Las Vegas.

— É impensável ter algo assim no Brasil. Não se paga — vaticina Rafael Lazarini, vice-presidente da produtora Live Nation para a América Latina e fundador do Rio2C e do Sp2B, que até começou a tentar calcular em quanto tempo um investimento assim daria retorno financeiro, mas logo desistiu. — Só a produção do vídeo do U2 custou US$ 10 milhões.

Mesmo que arenas assim não se popularizem, a revolução no universo dos shows está em curso. As apostas incluem hologramas hiper-realistas, telões 3D, telas de LED flexíveis, realidade aumentada, som surround até mesmo em grandes festivais — tecnologias de ponta que já estão aí, mas com uso restrito. O futuro já chegou, mas custa caro.

Um bom exemplo disponível, mas financeiramente inviável em grande escala, é o "ABBA Voyage", espetáculo de holografia hiper-realista exibido desde 2022 em uma arena construída para isso (por US$ 175 milhões) em Londres, na qual, além de cantar e dançar, os avatares dos artistas interagem com a plateia.

— Você jura que a banda está ali. É uma das coisas mais sensacionais de tecnologia que já vi — conta Luiz Guilherme Niemeyer, sócio da Bonus Track, produtora dos shows de Madonna e Lady Gaga em Copacabana e de festivais como o Doce Maravilha, citando as possibilidades que a tecnologia pode permitir, como duetos entre entre artista e avatar.

Vice-presidente artístico da Rock World, empresa idealizadora e realizadora do Rock in Rio e do The Town, Zé Ricardo acha que, antes dos hologramas, há outras coisas mais exequíveis a médio prazo. No topo de seus palpites, telões 3D nos moldes de painéis publicitários que já existem em lugares como em Nova York, Seul e Tóquio, onde, em 2021, um vídeo realista de um gato de 160 metros quadrados parou o trânsito.

— Imagine você ver, por exemplo, os dedos do guitarrista saindo da tela durante o solo? — vibra Zé Ricardo.

E isso é só o começo, aposta Lazarini.

— A tendência é os shows se tornarem cada vez mais imersivos, multissensoriais e até personalizados; experiências híbridas.

Consenso junto à turma do ramo, a realidade aumentada vai chegar aos shows — e não demora muito. Afinal, os óculos inteligentes, tipo Google Glass, já são sonho de consumo de muita gente.

— Os óculos de realidade aumentada podem criar camadas visuais interativas e personalizadas, como dar a letra da música traduzida ou a história da banda e efeitos visuais individuais — acredita Lazarini.

DIVULGAÇÃO/JOHAN PERSSSON



Viagem. O espetáculo "ABBA Voyage" tem avatares de holografia que impressionam; abaixo, à direita, painel publicitário em 3D que parou as ruas de Tóquio, em 2021

REPRODUÇÃO



Aqui, a ressalva para não confundir o equipamento com os de realidade virtual, fechados, que "transportam" o usuário para outro lugar. Na realidade aumentada, a lente é transparente, e o usuário vê o que acontece ao redor e outras camadas por cima.

Batman Zavareze vai ainda mais longe. Um dos artistas visuais e diretores de arte mais requisitados do país, com conteúdo digitais para shows de nomes como Marisa Monte e Capital Inicial, ele vive pesquisando o que há de novo na área.

— Qualquer exercício de pensar o futuro já vai ser ultrapassado. A única coisa que tenho certeza é que vai passar por esse computador ultramega potente que a gente chama hoje de celular.

Para Zavareze, daqui a alguns anos as imagens não precisarão de um anteparo:

— A gente não vai mais precisar de uma tela física, ela vai se abrir de forma etérea, em camadas. O mais próximo disso é a holografia, mas uma holografia que ainda vai ser inventada.

Com um celular na mão e óculos inteligentes na cabeça, cada um poderá escolher como ver o show.

— A gente vai ter óculos conectados ao celular e um cardápio de possibilidades: eu quero o filtro X, quero o cenário tal. Uma realidade aumentada em muitas camadas — prevê o designer.

O público também poderá ter a palavra em relação ao som, aposta Zé Ricardo:

— Através do celular, e usando fones, você poderá fazer a sua mixagem, aumentar um pouco a voz ou o solo do guitarrista... — imagina ele.

A transmissão ao vivo também irá para outro patamar, com o espectador, em casa, podendo, além de "mixar" seu show, escolher, por exemplo, a que câmera assistir, inclusive do ponto de vista dos músicos, por exemplo.

As possibilidades aumentam se entram em pauta shows em ambiente virtual, como metaverso, um mundo ainda a ser explorado. Apresentações em plataformas de games, como a feita por Travis Scott no Fortnite, na pandemia, serão mais imersivas, com o público podendo usar óculos de VR e coletes que vibram, entre outros gadgets.

Mas só a tecnologia não basta. Principalmente para o público dos festivais, que, mais do que só o show em si, quer aproveitar todas as experiências. Segundo o empresário Roberto Medina, presidente da Rock Work, pesquisas mostram que apenas 50% do público do Rock in Rio vão por causa dos artistas. O restante quer curtir "a experiência":

— O único modelo possível para festivais daqui para a frente é ampliar ainda mais a oferta de diversão para o público, trabalhar a mágica do evento.

Niemeyer concorda:

— Acho que os festivais serão cada vez menos o line-up fortíssimo e cada vez mais o propósito, conforto, experiências personalizadas.

Uma coisa, todos aplaudem.

— No show do U2 na Sphere, o momento mais emocionante foi quando apagaram as telas e ficou só um foco de luz na banda.

Foi uma mensagem forte: independentemente do aparato, a tecnologia era complementar à música.

— A tecnologia pode potencializar a emoção, mas o artista ainda vem primeiro — finaliza Zé Ricardo.



INÊS AMORIM
É EDITORA DO RIO SHOW

COMO O GLOBO VIU

FABIANO ROCHA/22-9-2024



No dia 11 de janeiro de 1985, Ney Matogrosso cantava "Deus salve a América do Sul" e abria o primeiro Rock in Rio, sob o sol do verão carioca e ainda sobre a grama — que logo se transformaria no histórico lamaçal. O GLOBO estava lá, é claro, como em todas as edições do festival na cidade (em 1991, 2001, 2011, 2013, 2015, 2017, 2019, 2022 e 2024) e ainda nas franquias em Lisboa, Madri e Las Vegas.

"Alguém já viu festival assim? Vamos rocar", dizia uma manchete no mesmo dia 11 de janeiro, criando um neologismo para a expressão "Let's rock", tão comum nas músicas do gênero — e de outros vários que marcam o evento desde o início, como a MPB, o soul, o jazz, o pop e, ultimamente, o funk e até a música sertaneja.

"Aqui é festa: congraçamento, união, música, artes plásticas, eletrônica, mundo moderno em paz; a garra explode no talento, a energia em criatividade, a força em beleza. O botão do apocalipse fica do outro lado do equador nosso pecado, se houver um, é o de tentar ser feliz", dizia o texto de apresentação da primeira tarde-noite-madrugada do festival, que, além de Ney, contou com Erasmo Carlos, o então casal Baby Consuelo (depois Baby do Brasil) e Pepeu Gomes, Whitesnake, Iron Maiden e Queen. A menção ao apocalipse talvez fosse uma resposta à suposta profecia de Nostradamus, que não conseguiu estragar a festa.

A banda liderada por Freddie Mercury — que tentou tocar no Maracanã em 1981, mas a burocracia não permitiu, e os shows acabaram acontecendo apenas em São Paulo — era a grande sensação. Descritos como "energéticos, carismáticos e talentosos", os quatro músicos badalaram e foram badalados dentro e fora do palco, onde se apresentaram para centenas de milhares de pessoas, nos dias 11 e 18. Sempre com O GLOBO como testemunha.

REPRODUÇÃO



Ô ô ô ô. Queen e Moraes Moreira na cobertura do primeiro Rock in Rio, em 1985, e Ney Matogrosso (no alto), que abriu aquela edição e esteve na de 2024

O SHOW TEM QUE CONTINUAR

NOSSA HISTÓRIA

DOS SALÕES PARA AS RUAS DO RIO

Colunistas fizeram a crônica de cem anos de Brasil através de gente de bem e de gente boa, casamentos e divórcios, casos de polícia e de política, histórias do Copa e dos botecos. Sempre em busca da notícia e do prazer do leitor

JOAQUIM FERREIRA DOS SANTOS
Especial para O GLOBO

O colunismo social já não vestia black-tie quando entrei em seus salões, em julho de 2003, aqui no GLOBO. O espaço havia sido ocupado por nomes como Ibrahim Sued, Álvaro Americano (sob o pseudônimo de Carlos Swann), Nina Chaves, Hildegard Angel e Zózimo Barrozo do Amaral — estes, sim, colunistas ao estilo da marchinha "Café Society", de Miguel Gustavo. Andavam com Terezas (de Souza Campos) e Dolores (Sherwood), jantavam com Didu (Souza Campos).

Quando cheguei ao colunismo social, a Polícia Federal tinha acabado de bater à porta de Tony, empresário do comércio de armas, casado com uma das locomotivas glamourosas da cidade, Carmen Mayrink Veiga. Os policiais confiscaram quadros, tapetes e até o Rolls-Royce da família. Quando cheguei à festa, Rita Lee e Paulo Coelho já tinham cantado a pedra num rock-marchinha — estava "cada vez mais down o high-society".

Dei à coluna o nome de Gente Boa, gíria carioca. Queria mostrar logo no título o que se pretendia: buscar notas da vida da cidade, dos seus artistas legais, das ocorrências culturais, da gastronomia popular — e, principalmente, mudar o elenco desse tipo de coluna.

Escalei como protagonista uma galeria de tipos, personagens de rua que faziam a fama da descontração da cidade. No lugar dos bacanas d'antanho, os bons sacanas da alma carioca. A mulher de branco de Ipanema tomou o lugar da dondoca Silvia Amélia Marcondes Ferraz. No lugar dos salões cansados, a festa da vida ao ar livre.

Muniz Sodré, professor titular da UFRJ, disse que o GLOBO tinha posto "gente boa" no lugar de "gente de bem": "A troca do advérbio pelo adjetivo é claro sintoma de mutação tanto na forma de tratamento dos bem-postos na vida social quanto na sua seleção. Os personagens da coluna têm agora a ver com a mídia ou com situações suscetíveis de passar pelo crivo da midiatização."

Nada contra os ricos. Eles inventaram a visão paradisíaca de que isso aqui, ôô, era um principado à beira-mar, que Antenor Mayrink Veiga era o príncipe moreno e viril no comando dessa versão tropical de um reino encantado. Esses brasões ajudaram a construir uma mitologia sofisticada, com Jorginho Guinle enchendo a pátria de orgulho quando arrebatava atrizes de Hollywood para a suíte do Copacabana Palace. A alta sociedade era nosso conto de fadas, e as colunas sociais vendiam o sonho, deixando os leitores fantasiarem, sem ódio, cúmplices, quão bom seria um dia chegar lá.

Mas, como John Lennon tinha percebido no fim dos anos 60, o sonho já era. Os ricos estavam mais pobres, não abriam mais seus salões para jantares de mulheres em longo, e assim não rendiam o que é o grande tesão do bom jornalista: notícia. Tinham perdido o charme. Na dureza da nova realidade, começaram a frequentar bocas-livres no Hippo, no Regine's.

Zózimo começou o troca-troca, mas ainda entre bacanas. No lugar de Lourdes Catão, rainha de um casarão na Urca, botou Karmita Medeiros, jovem frequentadora de discotecas que compensava a falta de berço com extrema graça física.

Esse tipo de coluna acompanhou as mudanças da sociedade. Em sua primeira edição, em 29 de julho de 1925, ela já estava aqui neste jornal. Com o nome de "O GLOBO em sociedade", registrava que "fazem anos hoje o Sr. Lucillo Bueno, ministro do Brasil em Copenhague; o Dr. Dario Ferreira Pinto, intendente municipal; e Hélio Pereira de Queiroz, filho do Sr. Elpídio Pereira de Queiroz, capitalista em São Paulo".

Esse tempo pioneiro, feito de notinhas borrifadas de alfazema, registrando aniversários, chás, e ensinando etiquetas de comportamento, teve sua primeira ruptura com Manuel Bernardes Muller, em 1946. Filho de uma família de diplomatas, Maneco aceitou o convite para fazer uma coluna social no Diário Carioca (introdutor do lead na imprensa brasileira). Mas, envergonhado com o que pensariam seus amigos intelectualizados (coluna social era "coisa de veado"), impôs aos editores se esconder sob um pseudônimo — e virou Jacinto de Thormes. Às notinhas sociais, ele adicionava noticiário da noite, do mundo político, fazia crônicas — tudo com humor e texto de primeira.

A revolução seguinte aconteceu no GLOBO, em 1954, com Ibrahim Sued. Filho de imigrantes libaneses, o ginasial incompleto, o "Turco" assumiu a coluna social com uma bagagem de repórter experiente e bons contatos (era bonito e bom de papo) na elite. Trabalhava duro. A coluna social passou a dar furos políticos enquanto mantinha um olho no conto de fadas tupiniquim — e a eleição anual de "As Dez Mais Elegantes" era o ponto alto. Outra invenção de Sued foram os bordões: "Ademã, que eu vou em frente", "os cães ladram e a caravana passa", entre outros.

Com Sued, o jornalismo tomou conta da coluna social (Elio Gaspari e Ricardo Boechat foram seus repórteres). Em seguida, Zózimo Barrozo do Amaral radicalizou o processo. De família rica, repórter de assuntos da cidade no GLOBO, em 1964 Zózimo se tornou assistente de Álvaro Americano, na coluna Carlos Swann, e em 1969 ganhou um espaço próprio, com seu nome, no Jornal do Brasil. Tinha um texto de duas linhas espetacular:

"Dedetizaram a Câmara Federal.

Foi um Deus nos acuda."

Quando a diminuta república da Chechênia se rebelou na Rússia, Zózimo lambuzou-se de notas com aquela extravagante sonoridade:

"E a Chechênia, hein?

Capital Clitória."

Nina Chaves, Hildegard Angel, Carlos Leonam, Ana Maria Ramalho, Fernando Zerlotini, Fred Suter, Marceu Vieira, Marcia Vieira e Ana Claudia Guimarães foram outros nomes que o GLOBO apresentou aos leitores nesses 100 anos. O sergipano Ancelmo Gois, um dos mais completos repórteres de sua geração, além de reforçar a tendência pela busca da notícia em primeira mão, chancelou uma coluna de amor radical pelo Rio. A cidade virou protagonista, a ponto de, muitas vezes, a ilustração da página ser feita com fotos dos seus ipês floridos. As festas do Golden Room do Copacabana Palace perderam o espaço para as, meia dúzia de quadras adiante, rodas de samba do boteco Bip-Bip.

O niteroiense Ricardo Boechat fez parte desse time de estrelas. Foca no escritório de Ibrahim nos anos 70 e redator do Swann nos 80, também teve uma coluna com seu nome. Usava o telefone como brinco, o dia inteiro pregado ao ouvido, pedindo, com charme, uma notícia. Boechat aperfeiçoou o moderno espírito da coisa: fazer da coluna um jornal dentro do jornal.

Aos cem anos desta aventura, é preciso dar um viva a esses que se prestaram a tão brava ocupação — salve o colunista do jornal! E, além de Lauro Jardim e Ancelmo, que continuam publicando no impresso, ele agora brilha também na internet. Notinha por notinha, trilhões delas nesse século histórico, o colunista transformou a cristaleira de bibelôs do início, a "coisa de veado" que assustava Jacinto de Thormes, numa atração irresistível do prazer de ler jornal.



JOAQUIM FERREIRA DOS SANTOS
é colunista do Segundo Caderno do GLOBO

Nina Chaves, Ibrahim Sued (com a atriz Kim Novak), Ricardo Boechat, Zózimo Barroso do Amaral e Carlos Leonam: time de craques retratou uma sociedade em transformação

FOTOS DE ARQUIVO, MARCOS ANDRÉ PINTO (ZÓZIMO), LUIZ ÁVILA (BOECHAT) E ARTHUR CAVALIERI (CARLOS LEONAM)

Coordenação: André Miranda. **Editora:** Mànya Millen. **Editores assistentes:** Gustavo Alves e Pedro Tinoco. **Redatores**: Aydano André Motta, Bernardo Araujo, Carolina Morand, Lucila de Beaurepaire e Lucila Soares.
Direção de arte: Alvim. **Projeto gráfico:** Alvim e Télio Navega. **Diagramação:** Ana Scott, Gustavo Amaral e Télio Navega. **Coordenação fotográfica:** Paulo Moreira.
Infografia e arte: Renata Amoedo, Renato Carvalho, Vinicius Machado e William Mur. **Pesquisa:** Luciana Barbio Medeiros e Paulo Luiz Carneiro.

@cedaerj

CEDAE 50 anos

LEGADO.
É DISSO QUE
SE TRATA.

Há mais de 50 anos, a CEDAE já fazia parte da história do Rio de Janeiro. E, dos chafarizes imperiais às maiores obras de saneamento do país, segue tratando do que é essencial, com um legado que abastece o presente e abre caminho para o futuro.

Elevatória do Lameirão
32 km de extensão
Um marco para a engenharia de saneamento

Acesse e saiba mais cedae.rj.gov.br

CEDAE 50

GOVERNO DO ESTADO
RIO DE JANEIRO
O TRABALHO NÃO PARA. É TODO DIA E É DE TODOS

O SHOW TEM QUE CONTINUAR

MUSEUS DO AMANHÃ MIRAM NA INOVAÇÃO

Visitas virtuais, interatividade e novas formas de comunicar viram recursos para ampliar a experiência do público, sem perder a tradição

REPRODUÇÕES





NANI RUBIN
Especial para O GLOBO

A possibilidade de passear pelos jardins de Versailles como concebidos no século XVII, na exposição com realidade virtual "Os jardins desaparecidos do Rei Sol". Usar a realidade aumentada para observar detalhes de intrincadas peças milenares, a exemplo do que é praticado no Museu Nacional da China, em Beijing. Deslumbrar-se com animais já extintos, como no Museu de História Natural de Paris. Ou, ainda, jogar um game, de qualquer parte do mundo, de uma exposição realizada em Londres, como fez o Victoria & Albert Museum em "*Alice: curiouser and curiouser – A mind-bending journey into Wonderland*". As novas tecnologias digitais, quando aplicadas aos museus, apontam para um futuro, que, ao que tudo indica, já acontece no presente.

Referência neste tema, com um acervo quase 100% digital, o Museu do Amanhã, instituição mais visitada do país desde 2016 (ano seguinte ao de sua inauguração, na Zona Portuária do Rio de Janeiro), já passa por atualização — não só porque a ciência avança em seus conteúdos, mas porque a tecnologia demanda constante manutenção. Para Ricardo Piquet, diretor-geral do Instituto de Desenvolvimento e Gestão (IDG) — que gerencia o Museu do Amanhã e instituições como o Museu do Meio Ambiente, o Memorial do Holocausto e o Museu das Amazônias, que abrirá as portas em outubro, em Belém — a tecnologia tem muito a contribuir com instituições culturais, e não só as que têm ciência ou história como tema:

— A tecnologia pode agregar muito a todas as experiências do visitante, oferecendo conhecimentos e provocando engajamento e admiração maiores do que simplesmente esperar que a pessoa tenha capacidade de, ao olhar uma tela, entender todo o seu significado, em que contexto foi produzida . O Amanhã, que já é um modelo para museus similares no mundo, pode também ser um modelo para instituições com acervo de arte — acredita.



Virtual. Game criado em 2021 para a exposição *"Alice: curiouser and curiouser"*, do Victoria & Albert Museum, de Londres, ainda está disponível na internet

Sócia-fundadora e diretora criativa da SuperUber, responsável pela estratégia de tecnologia, direção e instalação do Museu do Amanhã, Liana Brazil observa que a tecnologia melhora muito a comunicação de mostras que ela define como de narrativa, mas também de exposições de arte.

— A relação do visitante com a exposição, seja ela uma história ou uma obra de arte, fica mais tangível. Antes você olhava para uma obra e pensava "ah, eu interpreto isso, eu acho aquilo". Com algum tipo de sensor que cria uma interface entre você e aquela obra, essa interação se torna real, você se conecta de um jeito mais forte, cria uma memória que lembra como sua. Não está ali para observar, simplesmente.

REALIDADE AUMENTADA

Apesar de lidar com tecnologias de ponta, ela defende que nem sempre é o que conta quando se trata de provocar experiências:

— As pessoas perguntam muito quais são novas tecnologias e ferramentas, mas, quase sempre, uma coisa nova é a mistura de uma boa ideia de design ou de animação com uma tecnologia aplicada de modo original. O olhar é que é novo — pondera ela, citando como exemplo uma antiga lâmpada que deixa tudo acinzentado, e que queria usar no Memorial do Holocausto. Pesquisando, encontrou, nos Estados Unidos, uma empresa que fabrica uma luz em LED com efeito semelhante, e a aplicou na mostra, criando o desejado ambiente desprovido de cor.

Ela também destaca o Museu Van Gogh, em Amsterdã, onde uma tela é exibida com uma poderosa lente de aumento — o visitante identifica os minúsculos grãos de areia colados na tinta a óleo, provavelmente soprados pelo vento na praia do Sul da França que o pintor retratou em 1888:

— Acredito muito na emoção desencadeada por um *gadget*, ou uma narrativa de apoio, que conecte a pessoa com a obra. É por isso que a gente nunca pergunta qual tecnologia vai usar em determinado trabalho, e sim qual emoção, que memória queremos criar. E só aí corremos atrás da tecnologia.

Entusiasta das novas ferramentas, Fabio Szwarcwald, ex-diretor do Museu de Arte Moderna do Rio, atualmente à frente da empresa A Ponte, *cultech* que trabalha sobre os pilares de arte, educação e tecnologia, esteve há pouco na China, de onde voltou entusiasmado com a ampla utilização de tecnologias.

— Em todos os museus que visitei, em Beijing e Xangai, a tecnologia é aplicada de várias formas. Pode ser realidade aumentada, mostrando detalhes das obras e processo de restauro, telas que complementam as informações sobre objetos e esculturas, identificando sua origem e época, todos usam a tecnologia como uma ferramenta para contar melhor uma história, fazendo com que as pessoas entendam e se interessem mais por aquilo.

APOSTA NAS REDES SOCIAIS

Presentes, cada vez mais, nos espaços expositivos, com destaque na acessibilidade, novas ferramentas e tecnologias têm papel significativo também no cotidiano das instituições, como na comunicação com o público. Neste ponto, a National Gallery de Londres promoveu, em 2024, no marco de seus 200 anos, uma ação extremamente bem-sucedida: convidou 20 jovens influencers do TikTok para criar conteúdo a partir da coleção ou de seus bastidores, e transmiti-lo em seus perfis, obtendo resultados imediatos em termos de repercussão e visitação.

Em São Paulo, o Masp, segundo museu mais visitado do país, aposta nas redes sociais para furar a bolha de quem já consome e aprecia arte e cultura, como explica Paulo Vicelli, diretor de Experiência e Comunicação:

— O Masp é o museu brasileiro com maior número de seguidores e engajamento, chegando em 1,6 milhão em todas as redes, e 5 milhões de pessoas engajando com nossos conteúdos — conta.

Os números expressivos, diz, são resultado de um investimento em comunicação, criando conteúdos informativos, interativos, buscando linguagens acessíveis e posts dinâmicos com design jovem e renovado.

O centenário Museu do Ipiranga, ligado à Universidade de São Paulo, também tem investido em redes sociais e ferramentas para atrair um público jovem. É possível fazer um tour virtual a partir da modelagem 3D de seu espaço, e solucionar quebra-cabeças no app da instituição. Um protótipo de game ficou algum tempo disponível — novos modelos, mais sofisticados, serão desenvolvidos em breve.

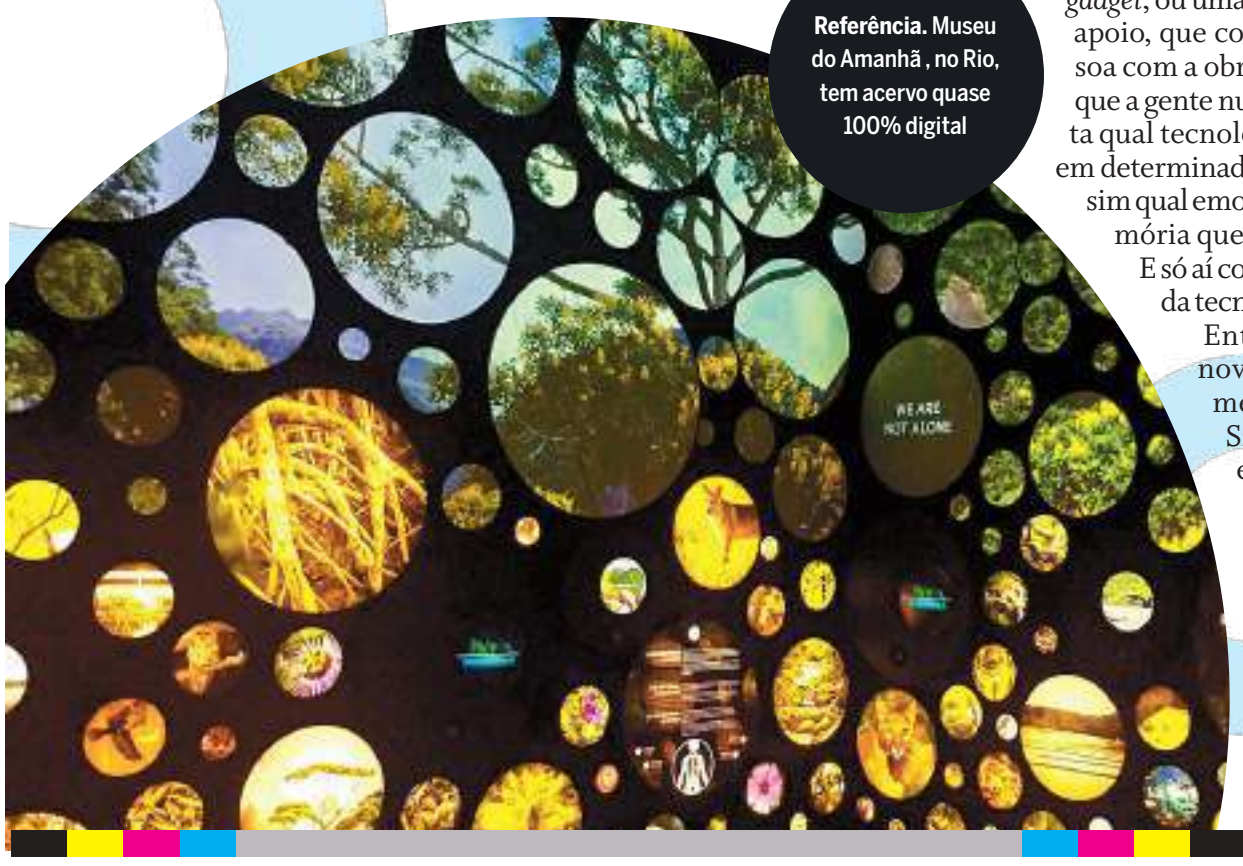
Docente associada do Museu Paulista da USP, Solange Lima enfatiza que a estratégia é aproximar e conquistar mais público agregando conteúdo, nunca trocar a experiência física pela digital:

— São outras formas de o museu se colocar e ocupar espaço com coerência. Uma coisa não substitui a outra. Uma das características do museu é ser um lugar de sociabilidades, sensorial, não se confunde a experiência de estar lá, naquele espaço monumental, com um catálogo on-line, uma exposição digital, um game. São vivências diferentes e que atendem a objetivos distintos — observa.

Já são mais de 100 mil itens digitalizados, com visualizações de pinturas do acervo na casa de 1 milhão por mês.

Diretor-geral do Instituto Moreira Salles, onde só o acervo de fotografia chega a alguns milhões de itens, Marcelo Mattos Araujo observa que as tecnologias têm desempenhado papel essencial em áreas que o visitante não vê, como restauração e catalogação de peças, mas se preocupa com o excesso de ferramentas digitais na experiência do público:

— É preciso haver uma inteligência, para que as novas tecnologias sirvam de maneira construtiva a uma valorização e adequada comunicação dos objetos e temas trabalhados. Se elas podem ajudar a compreender e visualizar determinadas obras, não podem substituir a obra original, porque esta guarda uma aura, um valor, uma emoção que só estes objetos originais possuem.



Referência. Museu do Amanhã , no Rio, tem acervo quase 100% digital

UM SÉCULO INFORMANDO

Para construir o futuro da sociedade



O GLOBO 100

A Luz Publicidade parabeniza
O Globo, que atravessa
o tempo com credibilidade.

LUZ PUBLICIDADE

Hermes - deus grego da comunicação

O SHOW TEM QUE CONTINUAR





CULTURA ALÉM DOS PALCOS

Artistas da música, do audiovisual e do teatro desbravam streaming, redes sociais e espaços alternativos para compartilhar produções

RONALD VILLARDO
Especial para O GLOBO

O anúncio de uma turnê de megastars como Justin Bieber ou Billie Eilish movimenta toda a engrenagem da indústria do entretenimento. Dos portais de notícias aos patrocinadores, todo mundo se mexe por conta das possibilidades que artistas deste calibre proporcionam. Só que nem sempre foi assim.

No tempo em que Justin não tinha barba e Billie não saía do quarto, era no YouTube e no SoundCloud que os mancebos postavam suas obras. Os compartilhamentos se multiplicavam organicamente, ou seja, sem o impulsionamento de algoritmos pagos. A base de fãs era construída a cada curtida. Até o belo dia em que um olheiro de uma gravadora grande os descobriu e… o resto é história.

Pois este movimento está cada vez mais comum. Neste primeiro quarto de século XXI, milhares de artistas, de diversas áreas criativas, têm encontrado nas redes sociais e nos espaços alternativos a viabilização das próprias carreiras, longe do palco tradicional.

DEMOCRATIZAÇÃO

Nos últimos anos, tanto a indústria da música quanto a do audiovisual têm buscado novos talentos nas redes sociais, que, muitas vezes, promovem a viralização destes artistas antes de realizarem apresentações em lugares físicos, como os teatros e as casas de shows.

— Ficou mais democrático. Antigamente, o funil para um jovem artista assinar com uma grande gravadora era igualmente estreito, mas as possibilidades de chegar lá eram menores — conta Léo Feijó, empreendedor musical e diretor da escola Música e Negócios.

Certamente foi assim com o músico recifense Lucas Mamede, que, no mês passado, assinou um contrato com a Universal Music, uma das maiores gravadoras do mundo. Quando ainda estava no ensino médio, aos 17 anos, ele começou a postar sua música nas redes.

— Foi quase uma brincadeira na escola mesmo. O bom foi que descobri que queria, realmente, viver de música — diz.

Mamede conseguiu algum sucesso. Ainda que modesto, foi responsável por garantir o lançamento de dois álbuns em esquema independente. Ele já trabalha no terceiro lançamento, agora sim, com a máquina poderosa de uma gravadora para tentar alçar voos mais ousados.

— Sucesso é fazer o que se gosta, com as pessoas que se ama — conta Mamede. — E eu encontrei nessa gravadora as pessoas que eu amo para tocar minha carreira nos próximos anos — completa.

As redes também foram o trampolim para uma verdadeira transição de carreira do casal de atores Leo Bagarolo e Evelin Camargo, de Artur Nogueira, no interior de São Paulo. Ainda que tivessem estudado teatro na adolescência, a vida adulta se impôs e o talento teve de ser redirecionado para outras áreas de trabalho. Leo se formou em Comunicação Social, com habilitação em Cinema, e Evelin cursou Economia.

Em 2020, os dois se conheceram na empresa em que trabalhavam, como gerentes de marketing e de vendas. Iniciaram um relacionamento que se fortaleceu quando a pandemia começou.

— Foi quando a gente começou a postar vídeos das nossas cachorrinhas, Madalena e Bica — conta Leo, que pôde, enfim, colocar em prática os conhecimentos de roteiro e edição que aprendeu na faculdade.

O sucesso foi imediato e serviu de motivação para a realização de vídeos em que o casal era protagonista. Em pauta, as situações hilárias do dia a dia de um casal, desde os pequenos conflitos sobre "o que vamos pedir para jantar?" até "você pegou a chave do carro?". Tudo nos perfis que levam os nomes dos neoartistas.

O resultado foi avassalador. Atualmente, Leo ostenta a marca de dois milhões de seguidores. O vídeo mais recente teve 1.400 curtidas e mais de 13 mil comentários. Números relevantes o suficiente para garantir o convite para estrelar um comercial de TV para uma loja de departamentos e preparar o primeiro espetáculo num palco de verdade, ainda este ano.

Novo normal. Pandemia de Covid foi o trampolim para muitos artistas começarem a divulgar trabalhos nas redes sociais

OPORTUNIDADES

A peça de teatro num palco de verdade também é um dos sonhos do ator Diego Cruz, um dos maiores hits das redes sociais, com mais de 9 milhões de seguidores no Tik Tok, e mais de 3 milhões no Instagram.

Ex-gerente comercial de uma startup, ele se formou em Publicidade "porque a vida de ator era muita incerta". Pelo menos até 2020 — a pandemia novamente —, quando começou a criar personagens para seus canais.

— Não foi "por acaso", não. Eu sempre encarei como trabalho desde o primeiro dia — conta Diego, que chegou a postar dois vídeos por dia naquele ano.

Aos poucos, o ator descobriu o nicho de paródias de clichês de comédias românticas. E explodiu. No fim daquele ano, ele já contava com mais de um milhão de seguidores, o que motivou um contrato com a agência Play 9 para administrar seus negócios. De lá para cá, Diego também pulou da internet para a TV aberta, ganhando um personagem de destaque na refilmagem da novela "Elas por elas", que foi ao ar na Globo, em 2023.

— A maior parte da receita que nós recebemos vem mesmo da publicidade — ainda que o Tik Tok e o Facebook remunerem os criadores por visualizações — diz o rapaz, que planeja pisar num palco de verdade em breve, trazendo seus personagens consagrados na web.

ARTE NAS RUAS

Fora das redes, as ruas também oferecem espaços que prescindem de um palco tradicional. E isso não é de hoje. O ator, diretor e dramaturgo Amir Haddad fundou, em 1980, o grupo que traz no nome a síntese da proposta artística. A trupe "Tá na rua" recebeu o título de Patrimônio Imaterial do Rio de Janeiro em 2011.

— Tenho dirigido espetáculos que possam também sair do palco tradicional e ir para rua — conta o produtor e diretor teatral Eduardo Barata. — O problema é que as políticas públicas ainda não contemplam tanto quanto poderiam a arte construída para estes espaços menos tradicionais.

Barata reforça, no entanto, que a internet não oferece "o teatro", mas uma "experiência teatral". O diretor sublinha que o teatro propriamente dito precisa de público presente no espaço. Ainda assim, ele defende que as redes sociais podem ser muito eficientes na divulgação da arte como um todo.

— Acho que parte do *boom* teatral que vivemos neste momento, com salas cheias, tem a ver com o período da pandemia, quando muita gente viu o teatro pela primeira vez por meio das redes — aposta.

Na contramão de tudo isso, um episódio marcou a carreira da dupla sertaneja Felipe e Matheus, no ano passado. O show marcado para a cidade de Araguaína, no Tocantis, não atraiu uma pessoa sequer. Diante da plateia vazia, os rapazes resolveram fazer o show e transmitir tudo via internet.

Pois o vídeo viralizou, os cantores ganharam a simpatia de milhares de seguidores e, de quebra, ainda reforçaram uma máxima conhecida por quase todo artista: o show tem que continuar.



ARTE DE ANDRÉ DAHMER

Informação de qualidade protege.
Proteção de qualidade transforma.

Há 100 anos, O Globo informa com credibilidade.

E, todos os dias, a EXA protege a vida digital de milhões de brasileiros.



exa

O maior ecossistema de segurança digital do Brasil.

Conheça mais sobre o nosso ecossistema.

Uma empresa do GRUPO FS

O SHOW TEM QUE CONTINUAR

ARTE A PARTIR DE CAPA DE DISCO DOS BEATLES



Megassucesso. Os Beatles, com Marília Mendonça, Marina Sena, Jota.pê e Taylor Swift no porta-retrato: "bolhas" restringem a popularidade, mas estrelato ainda é possível

SERÁ QUE OS BEATLES FARIAM SUCESSO HOJE?

Acesso fácil à música no streaming deixa cada um no seu quadrado e dificulta o nascimento de fenômenos globais

HUGO SUKMAN
Especial para O GLOBO

No auge do sucesso, em 2018, Marília Mendonça (1995-2021), ícone do feminejo, teve um sonho: ela cantava para todos e cada um dos brasileiros. Ele se realizou no projeto "Todos os cantos", em que gravaria uma nova canção em cada capital brasileira, em shows em praças públicas, divulgados no próprio dia. Ancorada no poder econômico da máquina sertaneja e da gravadora Som Livre, Marília chegava de jatinho de manhã. Tudo era montado e divulgado de surpresa, o que resultava em shows lotados e vibrantes, recordes de visualização no streaming, Grammy etc.

Mas logo na primeira gravação, em Belém, em agosto de 2018, Marília tomaria um susto. Ao desembarcar do avião e pegar a van, percebeu o mau humor matinal do motorista. Ao tentar estabelecer laços, pedir para ele botar um sertanejo no som do carro, ela ouviu: "Gosto de sertanejo, não". Na verdade, ao contrário de meia Belém e de meio Brasil, aquele motorista não fazia ideia de quem transportava.

— Vivemos uma era de fragmentação, em que o acesso facilitado à música permite que o público se aprofunde em nichos e descubra sons que dialogam com seus valores e identidades — explica a vice-presidente sênior da Sony Music (controladora da Som Livre) no Brasil, Cristiane Simões. — Isso é poderoso e muito democrático, ao mesmo tempo em que desafia a ideia de fenômenos mundiais como os Beatles ou, no Brasil, um Lulu Santos.

Apesar do mercado fragmentado, ela diz que sempre será possível que surjam grandes fenômenos.

— Ainda vemos artistas que conseguem ultrapassar barreiras e tocar diversas gerações, como Marília — exemplifica. — Talvez de maneira menos homogênea do que antes, mas, ainda assim, de uma forma muito potente. O que antes era construído pela mídia tradicional, hoje pode nascer com o digital, viralizar e criar comunidades apaixonadas, que têm, de certa forma, conexão e penetração amplas.

ALGORITMO ATRAPALHA

Fenômeno dos últimos cem anos, potencializada pela invenção do rádio, pela popularização do disco e pelo cinema sonoro — que, juntos, não pararam de evoluir até chegar ao formato digital atual — a música popular teve até justamente o advento do digital o poder de unir gerações, classes, países e até culturas distintas. "Mais famosos que Jesus Cristo", a frase provocadora de John Lennon sobre os Beatles, continha uma verdade inescapável: a presença de um simples quarteto de música popular em lugares que o próprio cristianismo não penetrava. Na era digital, isso ainda seria possível?

— Impossível, em tempos de internet — diz, taxativo, o produtor musical Marcus Preto, que trabalhou com grandes artistas da era analógica como Gal Costa e Erasmo Carlos, e com nativos digitais como Jota.pê. — Na época das redes sociais, é impossível. Ou, melhor ainda, na era do algoritmo. No tempo do LP, por exemplo, a gente juntava um dinheiro, comprava o disco e morava naquele disco. Isso acontecia com você e com milhões de pessoas. Hoje, com tudo à disposição, cada um fica no seu quadrado, no seu nicho.

Nos nove anos em que trabalhou com Gal Costa, já na era digital, Preto notou que a cantora que havia sido a mais famosa do Brasil não era conhecida por uma parte das pessoas — como o motorista de Marília Mendonça. Mas continuava com um público fiel, grande e apaixonado: os tais nichos.

O produtor dá dois exemplos de artistas com quem trabalha e que se deram bem na cultura atual: Alaíde Costa, prestes a completar 90 anos, e Jota.pê, que, aos 32, já ganhou o Grammy Latino de melhor cantor de MPB.

"Estou vivendo o melhor momento da minha carreira", declarou recentemente Alaíde, que já passou pela bossa nova, cantava nos célebres programas da TV Record dos anos 1960, no "Clube da Esquina", com Milton Nascimento, mas nunca se sentiu tão presente e acarinhada como hoje, com o contato direto pelas redes sociais e os álbuns apreciados.

— O Jota.pê furou 15 bolhas. Um menino da periferia de São Paulo, tocava em barzinho, participou do "The Voice", de onde tantos saem para o anonimato, mas achou seu nicho e foi ampliando até ganhar o Grammy — ensina Preto. — O ideal não é o máximo. O todo não existe mais. O negócio é encontrar o seu lugar e ir furando cada camada.

De todo modo, já vai longe o tempo dos grandes artistas de massa. Hoje, mesmo uma estrela de alcance mundial como Taylor Swift, que com sua turnê até altera para cima o PIB de certos países, é considerada uma artista "de massa de nicho", uma aparente contradição. Mas, como o motorista de Marília, metade da humanidade nunca ouviu "Blank space", "Cruel summer" ou qualquer outro sucesso da estrela country-pop. Coisa impensável nos tempos de "Yesterday" ou "Help", óbvias canções dos Beatles.

Para Cristiane, da Sony, o segredo é entender o momento.

— O nicho é mais do que inevitável. Ele é estrutural. A personalização passou a ser regra, permitindo a criação de bases sólidas de fãs, que geram engajamento real. Mas isso não significa que os fenômenos de massa deixaram de existir. O segredo está na autenticidade e na conexão. O artista que entende isso consegue atravessar fronteiras culturais e gerar impacto global, mesmo que comece falando com um público muito específico. O "nicho de massa" é, na verdade, um novo formato de universalidade.

ARTE PARA O POVO

Assim, exemplifica, um Luan Santana sai do sertanejo para o pop, uma Isadora Pompeo extrapola o gospel e o segmento religioso e os Barões da Pisadinha levam seu forró eletrônico do interior da Bahia para o Brasil inteiro — como Luiz Gonzaga e tantos nordestinos antes deles. Mas tem o caso da cantora Marina Sena, com uma identidade musical e estética muito própria, ligada à MPB, e que dialoga com um público específico, engajado e fiel — talvez como a decana Alaíde Costa.

— O nosso papel segue o mesmo: identificar talentos e fazer sua arte chegar às pessoas — diz Cristiane sobre as gravadoras.

Porque talvez no fundo nada tenha mudado, embora tudo tenha mudado. E o importante seja mesmo uma melodia e uma letra bacana que de repente cheguem aos ouvidos e ao coração, de uma forma inexplicavelmente especial. Como mais ou menos vem acontecendo há cem anos.

PIAUÍ. VERDE E DIGITAL

Com um governo digital robusto
e eficiente, o Piauí cresce com
responsabilidade e visão sustentável.

Lidera a produção de energia limpa e
avança firme rumo a uma economia
verde e de baixo carbono.

Investir no Piauí é escolher um futuro
inteligente, promissor e conectado.

Aponte a câmera do celular
para esse QR Code e saiba mais.

InvestePiauí

GOVERNO DO PIAUÍ
AQUI TEM TRABALHO.
AQUI TEM FUTURO.

O SHOW TEM QUE CONTINUAR

PARA O INFINITO E ALÉM

Flexíveis, mais inteligentes, transparentes, onipresentes: as telas do futuro, ainda que pareçam invisíveis, apontam para um mundo de possibilidades em que a interação é cada vez maior

MARCELO BALBIO
balbio@oglobo.com.br

ARTE DE GUSTAVO AMARAL



Um grupo de pessoas está confinado num espaço em que é impossível distinguir o que é parede do que é tela, e boa parte da interação com o "mundo" é realizada por gestos. Mesmo no banho, é possível ler notícias, conferir a meteorologia, ver um programa qualquer. Até a quantidade de pasta de dente a chegar à escova é determinada por um movimento preciso dos dedos em direção ao espelho. Este mundo à parte, futurístico e distópico, é a base de "Quinze milhões de méritos", um dos episódios mais inquietantes e comentados da série "Black mirror" quando ela foi lançada, no final de 2011. Até hoje, este segundo capítulo — que traz uma sátira a programas de entretenimento, obsessão pelo corpo e busca incontrolável por distração, mas esta é outra história — é lembrado como um dos mais marcantes, ainda que quase 15 anos (um século em se tratando de evolução tecnológica) tenham se passado desde que chegou ao streaming.

De início, o que intriga é a possibilidade de que este cenário possa se tornar real. Com tantas telas ao redor (nas TVs, nos computadores, nos celulares, nos relógios, nas fechaduras, nas geladeiras, nos carros), o que falta para um indivíduo do século XXI passar a viver imerso num ambiente em que elas são tão onipresentes a ponto de se tornarem invisíveis? Muito. Mas o caminho até lá parece cada vez mais curto.

Neste ecossistema em que as telas imperam, elas assumem formas distintas, seja em aparência, tamanho ou configuração. Podem ser flexíveis e dobráveis, como já vistas hoje em celulares, notebooks, monitores e aparelhos de TV, mas ganhando dimensões e aplicações ainda inalcançáveis. Podem ser acessadas através do pensamento, através de interfaces cérebro-máquina, em que será possível interagir com dispositivos através da mente (graças a chips implantados no cérebro, por exemplo). Podem ser transparentes, quase invisíveis, como na ficção de "Black mirror", permitindo que se tenha acesso a informações, sem que isso obstrua a visão do que está à sua frente. Podem ser holográficas e tridimensionais, aposentando o conceito de tela plana e abrindo possibilidades como "manipular" objetos virtuais e participar de um jogo de futebol como se estivesse num estádio, sem sair de casa.

É o caso de se perguntar: precisamos mesmo disso tudo? E aqui vai um exemplo: imagine uma embalagem de medicamento que contém uma tela, e é ela que acende um alerta para a data de validade, além de exibir outras informações práticas. Não é uma aplicação útil? Neste exercício de se prever o futuro, as telas seriam tão baratas e comuns que poderiam substituir o papel. Parece impossível? Melhor não duvidar.

TELAS INVISÍVEIS

Das telas de CRT, usadas por décadas em TVs e monitores, até as telas OLED de hoje, passando por plasma, LCD e microLED, o caminho tecnológico tem sido longo, mas percorrido de forma veloz. E há muita estrada pela frente. Isso passa pelo desenvolvimento de outras tecnologias, como as relacionadas à realidade aumentada e virtual; pela evolução dos smartphones para dispositivos vestíveis (como já começou com os relógios inteligentes); pela criação de displays de retina, como uma lente de contato, em que o olho é a própria tela. Um mundo, de fato, *screenless* (sem telas), como se diz no jargão tecnológico.

No exercício de previsão do futuro das telas, podem ser tomadas duas direções: a do sonho e conceito, em que a diversão é idealizar um cenário onde elas prevaleçam e sejam mais transparentes, virtuais, inteligentes e redimensionáveis; e outra é a do desenvolvimento tecnológico propriamente dito, que permita tornar devaneio em realidade.

— O fato é que estes dois mundos, o do sonho e o das tecnologias possíveis, estão convergindo cada vez mais — diz o professor Marcelo Pereira, coordenador de Experiência Digital da PUC-Rio. — Um exemplo é o dos óculos inteligentes, que avançaram muito nos últimos anos. Mas ainda há desafios, e não apenas tecnológicos e de custo, mas também culturais, como se acostumar a ter uma tela 24 horas por dia na sua frente, ter que tirar para carregá-la etc.

O professor destaca que o uso crescente da inteligência artificial pode contribuir para acelerar este processo:

— As telas poderão identificar o que o usuário está fazendo e onde ele está, para se adiantar e calibrar iluminação e brilho, exibir informações, ampliando até nossa capacidade cognitiva.

Hoje, as telas já nos oferecem um mundo de possibilidades. Veja o caso da revolução em curso com a DTV+ (de Digital Television+), que a Globo lançou em abril e promete transformar a experiência da TV aberta, marcando o início das transmissões experimentais com a nova tecnologia de sinal digital, que deve ser disponibilizada a partir de 2026. Entre os avanços da DTV+, estão melhorias na qualidade de imagem — com suporte a 4K HDR —, áudio imersivo e personalizado, além de recursos interativos, como compras via controle remoto e publicidade segmentada geograficamente.

— Este novo modelo transformará a TV aberta em uma experiência digital avançada, combinando funcionalidades interativas e personalizadas com alta qualidade de imagem e som, sem perder seu alcance universal e a essência democrática e gratuita da televisão. A DTV+ permitirá acesso sob demanda a conteúdos customizados, programações regionalizadas e publicidade direcionada, além de possibilitar a interação direta do usuário com a programação, como votações e compras via controle remoto — diz Raymundo Barros, diretor de Tecnologia da Globo.

Há casos em que a tela, mesmo sendo a alma do negócio, mantém o formato por anos. No caso do Open Air Brasil, a tela de 325m², que veio da Suíça para a exibição de filmes a céu aberto, vem sendo aprimorada desde que estreou, em 2002. Ainda que se tenha a impressão de que nada mudou.

— A estrutura metálica é a mesma; o restante, não. Tem projetor, lâmpadas, processador e alto-falantes novos — diz Renato Byington, diretor do Open Air Brasil. — O equipamento vai e volta da Suíça a cada dois anos. No início, entre as recomendações para uso, uma indicação era não montá-la virada para o leste, para evitar luminosidade da lua cheia, por exemplo. Hoje, isso não é mais necessário.

No Roxy, histórico cineteatro do Rio, que agora atende por Roxy Dinner Show e oferece um espetáculo grandioso, um telão de 210m², com tecnologia 4D, também é peça fundamental, e chega a roubar a cena em alguns momentos. O corpo de baile interage com o imenso painel high-tech, com imagens que saltam aos olhos.

— Quando pensamos o espetáculo, sabíamos que precisávamos de algo que emocionasse de verdade. A supertela de LED não é apenas uma estrutura tecnológica, é um videocenário pulsante, que transforma o palco numa janela para o Brasil. A tecnologia está a serviço da emoção. A cada imagem, o público viaja, se emociona, se reconhece. É o Brasil em alta resolução. — diz o cenógrafo Abel Gomes.

Como se vê, um mundo inteiro de possibilidades cabe numa tela, seja ela protagonista, coadjuvante ou até invisível. E esta revolução está apenas começando.

MARCELO BALBIO
é editor de Cultura do GLOBO

COMO O GLOBO VIU

Houve um tempo em que o computador era um equipamento exclusivamente "corporativo", uma máquina já comum em companhias, mas ainda distante da imagem que ele assumiria depois. Porém, já era possível vislumbrar este futuro em que, tal qual imaginamos hoje com a onipresença das telas, o computador pessoal (outrora chamado também de microcomputador) assumiria distintas funções numa casa, como um eletrodoméstico com superpoderes.

Em 25 de novembro de 1991, quando O GLOBO publicava semanalmente um suplemento específico sobre tecnologia, o Informática etc., uma reportagem trazia este exercício de futurologia: "Até o ano 2000 o micro já terá saído do escritório para a sala de estar. Será um eletrodoméstico indispensável em qualquer residência, substituindo a contento o telefone, o videocassete, a TV, o videogame e a aparelhagem de som. Será, de fato, o tal eletrodoméstico multimídico que revolucionará a vida do cidadão, definitivamente cibernético", dizia o texto da jornalista Cristina De Luca.

Os especialistas não previam um futuro distante: ele já estava ali, batendo à porta. "A indústria mundial trabalha para que, em 1994, o computador pessoal padrão seja uma máquina com no mínimo 12Mb de memória, vídeo HDTV de 19 polegadas, winchester de 378Mb, CD-ROM, caixas de som e interface RDSI no lugar do modem (para comunicações simultâneas de voz e dados)", continua a reportagem. "Com o computador multimídico será possível desfrutar do videofone dos Jetsons. Assistir à programação da TV em uma janelinha da tela enquanto se escreve uma carta. Gravar o show do cantor predileto no CD-ROM e reeditá-lo como melhor convir. Ou ainda alterar o roteiro de um filme e assumir literalmente a pele do personagem predileto".

Hoje, termos como winchester, disquete, videocassete, multimídico e outros tantos parecem saídos de um museu de grandes novidades. Na época, há 34 anos, tudo isso não apenas era novidade, como sonho de consumo. E a realidade acabou superando em muito algumas previsões.

"Como se vê, chegar ao micro doméstico do ano 2000 é apenas uma questão de tempo e de astúcia. As tecnologias básicas estão todas mais ou menos disponíveis. Resta integrá-las, da melhor forma possível. (...) No princípio, os frutos dessa conquista ainda deverão ser exclusivos de bolsos abençoados. Mas, se tudo correr dentro do previsto, não mais que duas décadas separam cidadãos comuns dessas facilidades antes só conhecidas através das histórias de ficção", encerrava o texto. E não é que aconteceu mesmo?

REPRODUÇÃO


Informáticaetc
O eletrodoméstico do ano 2000



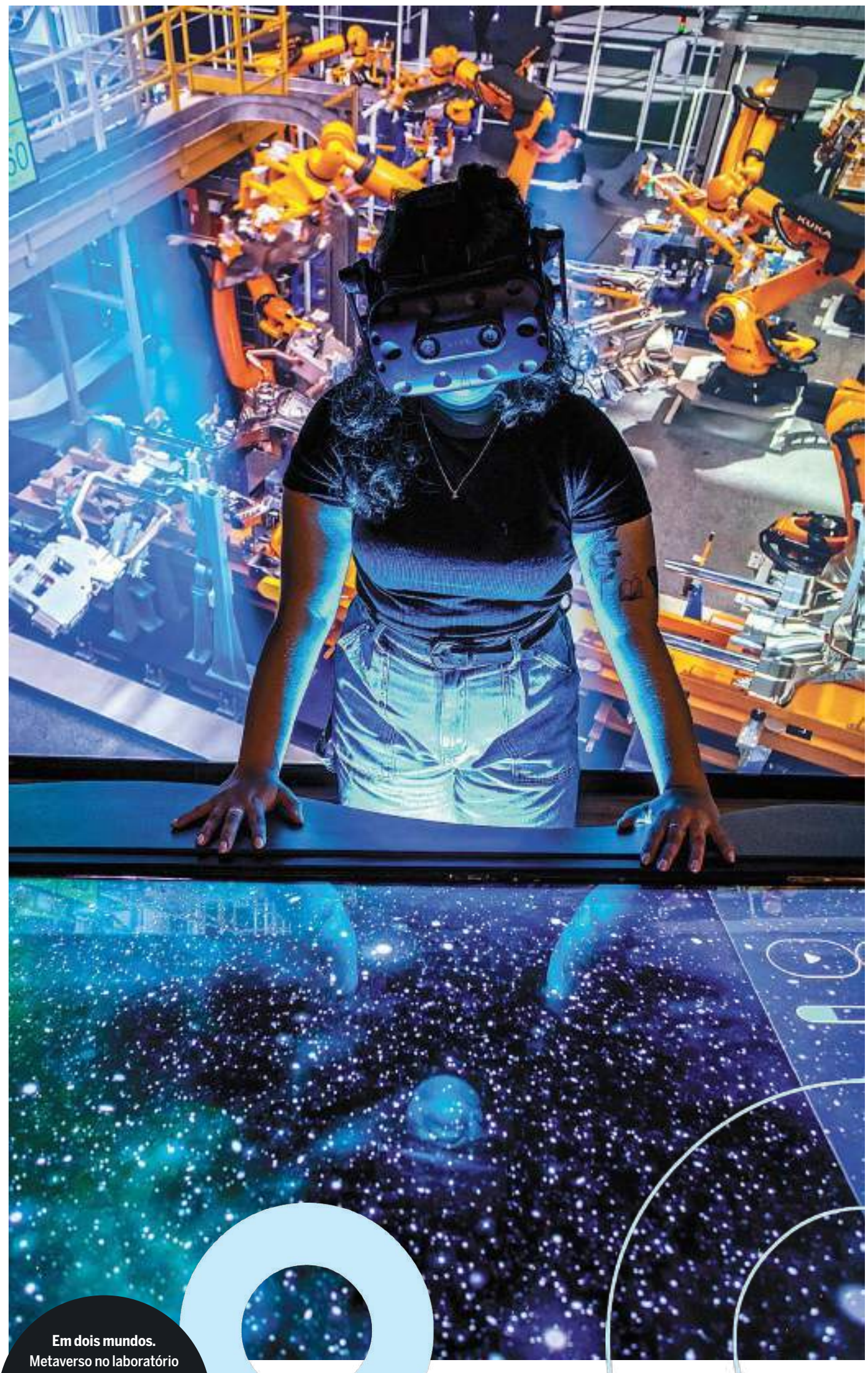


O SHOW TEM QUE CONTINUAR

O METAVERSO MORREU? QUE VIVA O METAVERSO

Ambientes virtuais e avatares deixam de brilhar só em jogos e ganham cada vez mais espaço nas empresas, em treinamentos e operações simuladas

EDILSON DANTAS/16-1-2024 E AFP



Em dois mundos. Metaverso no laboratório de tecnologia da Siemens (acima) e em jogos como Fortnite e Roblox: não era apenas uma onda passageira

JULIANA CAUSIN
juliana.causin@sp.oglobo.com.br
SÃO PAULO

A expectativa era ser o novo estágio da internet, redefinir a vida digital, levar pessoas a festas como avatares e popularizar os óculos de realidade virtual no consumo e trabalho. Foi a grande promessa da tecnologia na virada desta década, angariou bilhões de dólares e mobilizou gigantes da indústria. Mas rapidamente perdeu fôlego.

Como outras ondas tecnológicas do último século, o metaverso viveu um pico de atenção seguido por queda abrupta. Agora, avança de forma mais silenciosa e prática. A indústria usa gêmeos digitais (réplicas virtuais de ambientes reais) para simular operações, treinar equipes ou monitorar ativos à distância. As plataformas sociais que criam mundos virtuais vão além dos jogos. E as big techs, embora com menor alarde, lançam novas gerações de óculos de realidade virtual .

A ideia central do metaverso é a de um ambiente digital imersivo e compartilhado, onde pessoas interagem por meio de avatares. Embora a ideia já circulasse em nichos da tecnologia e da cultura pop, foi só no início dos anos 2020 que ela ganhou tração, quando a pandemia obrigou o mundo inteiro a se confinar.

Jogos sociais como o Roblox, em que usuários criam seus próprios "mundos", ajudaram a consolidar a ideia de que um novo tipo de interação online estava para emergir. Shows nessas plataformas, principalmente no Fortnite, atraíram milhões de pessoas durante o isolamento — um dos mais emblemáticos foi o do rapper Travis Scott, com 12,3 milhões de participantes simultâneos.

Apple e Microsoft entraram na onda. O caso mais emblemático foi o de Mark Zuckerberg, que rebatizou o Facebook como Meta e declarou que estaríamos diante da nova era da internet. Investidores em busca de altos retornos (dispostos a correr risco) também embarcaram: startups da área levantaram quase US$ 12 bilhões entre 2021 e 2022.

A realidade começou a bater à porta do frenesi do metaverso com o fim do isolamento. Com a volta do presencial, muita gente questionou se fazia sentido criar avatares para frequentar eventos sociais. Por que, também, trocar uma reunião por Zoom por um encontro mediado por óculos caros e pesados?

A frustração com projetos alardeados como revolucionários também contribuiu para o desânimo — caso do Horizon Worlds, plataforma de "mundos" em 3D da Meta. Em 2022, a empresa demitiu milhares de pessoas da divisão dedicada à realidade virtual . Meses depois, Disney, Microsoft e Tencent também recuaram nos investimentos.

Para a especialista em tecnologias emergentes, cientista de dados e curadora digital Zaika Santos, o grande "furo" do metaverso foi a propagação de uma visão imediatista em relação a tecnologias imersivas. Essa pressa, segundo ela, sufocou iniciativas mais sólidas que hoje resistem longe dos holofotes.

EXPECTATIVA EXAGERADA

— A sociedade tem uma expectativa muito imediata com tecnologias emergentes, quando na verdade o metaverso é um conceito amplo, que envolve realidade virtual, internet das coisas e blockchain. É importante entender que ele não acabou — afirma ela.

A pesquisadora cita a plataforma Spatial como um exemplo de ambiente colaborativo e criativo, que permite a gerar ambientes para exposições imersivas. Artistas e curadores podem criar galerias digitais. Entre empresas, a plataforma é usada para revisão de protótipos virtuais, plantas e design de espaços ou produtos 3D.

Giovanna Casimiro, produtora na Sawhorse Production e professora no Instituto Francês de Moda, em Paris, diz que parte do que se discutia como "metaverso" na euforia inicial seguiu adiante, mas de outras formas.

— Quando a gente olha para jogos como Roblox, Fortnite, Minecraft, percebe que essas plataformas não sumiram. Elas consolidaram um comportamento. Muitas pessoas mais novas estão nesses ambientes — lembra Casimiro, que foi diretora do Decentreland, uma plataforma de mundos virtuais 3D.

Hoje, o Roblox recebe em média o acesso de 97,8 milhões de usuários por mês. A plataforma investe na diversidade de jogos e amplia receita com publicidade. Já o Fortnite alcançou a marca de 650 milhões de contas registradas.

O Second Life, jogo online lançado em 2003, segue vivo. A audiência é cativa, apesar de mais reduzida, com cerca de 40 mil usuários ativos diários, que promovem encontros e mantém tradições, como a festa comemorativa dos 22 anos da plataforma

Na parte dos equipamentos, Casimiro cita movimentos recentes como indicadores de que uma nova fase está se consolidando, entre eles o lançamento do Android XR, uma versão do sistema operacional do Google voltada para realidade estendida, que deve ampliar os aplicativos que existem conectados aos óculos de realidade virtual e estendida.

NOVOS ÓCULOS DA META

No ano passado, a Meta lançou uma versão mais acessível dos seus óculos por US$ 299, além de começar a produzir óculos inteligentes, com câmeras e comandos por toque e voz. Já a Apple investe no Vision Pro, que passou a ter a função se tornar uma "tela virtual", em que o usuário pode abrir e redimensionar múltiplos aplicativos em janelas flutuantes, como se estivesse diante de um desktop gigante.

Marcelo Teixeira, pesquisador de tecnologias imersivas e CEO da SMTech, diz que o avanço das tecnologias imersivas é contínuo, e foi um erro imaginar que se esgotaria em um salto tecnológico único em avatares e óculos. Para ele, trata-se de projetar os próximos passos no relacionamento entre o físico e o digital.

DIVULGAÇÃO



Sabemos como é difícil atravessar
os séculos buscando a verdade todos os dias

PARABÉNS,
O GLOBO
POR SEUS
100 ANOS.



O Estado de S. Paulo

ESTADÃO 150

1875

O SHOW TEM QUE CONTINUAR

COMO TORCIDA E FUTEBOL VÃO SE CONECTAR NO FUTURO

O avanço das possibilidades digitais no esporte mais popular da Terra modificará radicalmente a relação dos torcedores — de todos os perfis — com o jogo

RONNY HARTMANN/AFP



MÁRVIO DOS ANJOS
Especial para O GLOBO

Em 28 de maio de 2022, a Uefa viu a final da Champions League entre Liverpool e Real Madrid se transformar num caos, com 37 minutos de atraso do apito inicial. Sessenta e oito pessoas foram presas e 174 ficaram feridas no empurra-empurra causado por tentativas de invasão do Stade de France, em Paris. O episódio cravou uma pergunta no coração da era digital: como um evento daquela magnitude de ainda se permitia ser tão atribulado por conta de ingressos falsos, que tantos carregavam? Para piorar, ocorreu um ano depois de a final da Euro, disputada em Wembley, também ter registrado tumultos e alta tensão.

Esses incidentes europeus foram alguns dos principais fatores, ao lado da pandemia, para que a experiência dos torcedores tenha começado a avançar pela era digital. A partir dali, o futebol se transformou num evento em que a tecnologia diminui qualquer tipo de atrito entre consumidor e experiência. A tal ponto que, neste mês de julho, o Brasil finalmente fez vigorar uma lei de acesso aos estádios por meio de biometria, muito aplaudida por torcedores como os do Corinthians, que, na estreia da nova tecnologia na arena do clube, no último dia 13, atravessaram catracas que liam rostos em apenas três segundos.

Mas fica uma pergunta: será que haverá espaço para expansão ainda mais digital da participação do torcedor nos estádios ? A expectativa por maior interatividade e, consequentemente, maior protagonismo dos fãs, levou a experiências em ligas alternativas e fez muita gente crer que o futebol poderia adotá-las — ideia da qual o consultor Ricardo Fort, especialista em marketing esportivo, não compartilha.

— Não vejo o esporte formal, como futebol ou basquete, adotando medidas para o torcedor ter mais influência. Isso deve ficar restrito a ligas alternativas, como a Kings League, em que o foco está no engajamento e não na qualidade da performance — analisa.

O consultor se refere à competição de sete em campo criada pelo ex-zagueiro do Barcelona Gerard Piqué. A Kings League tem influencers em campo, "presidentes de clubes" como Neymar e se expandiu, recentemente, para Brasil e Itália como produto no qual os torcedores podem votar acerca de certas decisões e regras do jogo. Em janeiro passado, Piqué afirmou que estava em conversas com Fifa e Uefa sobre a Kings League; blefe ou não, é algo a se acompanhar.



DIVULGAÇÃO

Novos tempos. Neymar e Zé Roberto na Kings League (acima) e o atacante turco Tosun (no alto) festeja seu gol contra a República Tcheca, na Euro de 2024: luzes no horizonte boleiro

AMBIENTE "PHYGITAL"

A ponderação de Fort não quer dizer que não haja caminhos — nem esforços — para uma experiência ainda mais conectada entre clubes e seus torcedores. De acordo com a SportstechX, consultoria baseada em Berlim e especializada nas inovações no esporte, a América do Norte — EUA à frente — investiu, em 2024, cerca de US$ 1,1 bilhão em soluções tecnológicas com foco no torcedor; na Europa, onde a cultura é mais focada em atletas e performance, o dinheiro aplicado em soluções para o fã representou apenas 25% dos esforços por soluções digitais — algo da ordem de US$ 215,8 milhões.

Ainda assim, nem tudo acerta o alvo. Para Fort, a experiência dos *fan tokens* (criptoativos que davam direito a participação em decisões dos clubes) fracassou, porque a influência dos torcedores foi pequena.

— Escolher a música da entrada do time ou que frase vai estar no vestiário é legal, podia até ajudar a vender criptoativos, mas era pouco para movimentar os torcedores — analisa.

O especialista acredita que um caminho real de engajamento passa pela unificação dos serviços:

— No momento em que o clube conseguir oferecer ingressos, lanches, bebidas, merchandising, apostas e todo tipo de experiência numa relação direta e de boa qualidade, aí sim acredito que pode haver um avanço. E só não aconteceu porque muitas vezes o clube mantém intermediários diversos.

Alexandre Vasconcellos, diretor regional da Flashscore no Brasil e ex-gestor na concessionária partilhada por Fluminense e Flamengo no Maracanã, é otimista em relação às mudanças. Ele lembra que a maioria dos clubes grandes, brasileiros e em mercados desenvolvidos, já coleta dados para alimentar campanhas e promoções. A próxima fronteira é a da Internet das Coisas (IoT, na sigla em inglês), capaz de conectar o mundo físico a redes e sistemas de informação.

Isso possibilitaria, por exemplo, que uma camisa oficial do clube tivesse um chip que disparasse ofertas especiais, recebidas via celular, a depender da localização do indivíduo no estádio, alertando-o para algo realmente especial em sua experiência: por exemplo, um desafio de cobranças de falta que o levasse ao gramado. A ativação poderia, inclusive, perguntar ao torcedor se ele está acompanhado de crianças, permitindo a elas ver o aquecimento e, quem sabe, entrar com o time no gramado.

— No entanto, a imensa maioria dos estádios pelo mundo tem características de engenharia que dificultam as conexões de internet mais potentes, capazes de combinar o físico com o digital, gerando o "phygital". Isso se agrava no Brasil, onde a maioria dos estádios teve a modernização totalmente baseada no caderno de encargos da Fifa para a Copa do Mundo 2014.

FÍSICO E DIGITAL

Head de inovação do Atlético-MG e eleita melhor executiva de 2023 na América Latina no Sportbiz Awards, Débora Saldanha alerta para o clamor pelo "phygital", que permite resgate de benefícios físicos em meios digitais e vice-versa. Segundo ela , essa exigência das novas gerações precisa ser encarada:

— São demandas de torcedores mais jovens, que nasceram imersos em ambientes digitais e se engajam bem em ambientes de realidade mista, em que o aplicativo oficial oferece experiência em tempo real com o jogo, por exemplo. E isso pode impactar também o torcedor raiz de forma positiva. Mesmo que não se altere a maneira como esse torcedor consome o jogo, você pode, por exemplo, criar incentivos para ele entrar mais cedo no estádio.

A separação entre perfis mais conectados e os menos abertos a novidades será extremamente impulsionada, na visão de Saldanha, pela capacidade com que a inteligência artificial pode processar os dados de jornada do torcedor. Isso permitirá que ofertas e impulsos cheguem a quem está previamente disposto a recebê-los. O único risco, segundo Vasconcellos, é o clube ceder à tentação de expor o torcedor a um excesso de estímulos, sem cuidado com a essência visceral do que é torcer.

— O torcedor é um consumidor que pode e deve ser estimulado, olhado com cuidado individual. No entanto, a frieza dos números deve ser direcionada, sobretudo, a se entender o que é pertinente e se soma à experiência principal. Senão, transformará os templos do futebol em meros shopping centers ou *feeds* vivos de redes sociais.

MÁRVIO DOS ANJOS,
foi editor de Esportes do GLOBO e é colaborador do Segundo Caderno como crítico de música clássica

O GLOBO 100

Irineu Marinho

Roberto Marinho

Um século de jornalismo que
inspira quem também vive
a notícia todos os dias.

Para a **N**ossa **S**anta **C**atarina, é uma
honra fazer parte dessa história.

nsc TV

O SHOW TEM QUE CONTINUAR

TREINO VIROU 'TREND'

Não basta correr, nadar ou pedalar. Com influencers e apps, o exercício virou uma atividade em que a aparência vale tanto quanto a forma física



MARCIA FOLETTO/16-6-2025

Maratona fashion. Cuidar da saúde, hoje em dia envolve usar as peças certas, em uma prática que sugere o controle do próprio tempo, segundo especialistas

MÁRVIO DOS ANJOS
Especial para O GLOBO

Se você tem redes sociais e se interessa por qualquer conteúdo sobre boa forma e saúde, os algoritmos já te convenceram: o treino virou trend. É absolutamente impossível não ser impactado por diversos influencers — muitos deles professores, outros nem tanto — dispostos a oferecer um estilo de vida em que o *shape* está acessível a todos os que estão comprometidos com uma mudança. Só no YouTube, o volume de vídeos de fitness cresceu mais de cinco vezes em 2020, ano em que a pandemia disparou gatilhos universais de saúde mental e física.

Tem mais. É cada vez mais comum o uso de apps que acompanham batimentos, redes sociais que conectam corredores do mundo inteiro (inclusive para encontrar o amor), e se proliferaram ecossistemas digitais que analisam e otimizam a nutrição, a performance e o estilo de vida.

A partir daí, cursos e produtos são oferecidos para você tornar sua imagem mais vencedora ou sedutora, seja no Instagram, nos apps de paquera ou mesmo em redes corporativas, como o LinkedIn. Quem trabalha com marcas e tendências de mercado já compreendeu muito bem isso.

Para Patrícia Barão, professora do MBA online de Marketing da FAAP (Fundação Álvares Penteado, de São Paulo), o treino deixou de ser um momento isolado para se tornar uma camada de identidade. Uma extensão de quem a gente é e do que comunica para o mundo. Em um contexto em que mais pessoas buscam *hubs* para compartilhar seus valores e interesses e mostrar tudo o que sabem dentro desse aspecto, o esporte passou a preencher muitos desses quesitos.

— Cuidar de si passou a ser sinônimo de disciplina, e aí escolher uma refeição ou completar uma corrida deixa de ser apenas uma ação individual. É um gesto social, que afirma categoricamente com quem você se parece e o que você valoriza. A prática esportiva virou uma infraestrutura simbólica: é o que organiza a vida, o que orienta o consumo, o que ativa conversas ao gerar conteúdo e circular com alguma autoridade entre comunidades que compartilham códigos de estilo de vida — afirma Patrícia, que também fundou a agência de estratégia e conteúdo Hey B.

CORPO É PROJETO

A professora observa que o corpo virou uma espécie de projeto, destacando que os executivos, por exemplo, formam hoje um dos grupos que mais se levam a sério como atletas. No Brasil, o perfil predominante no triatlo é composto por homens entre 30 e 40 anos, empregados, com boa renda e formação superior.

— Deixou de ser apenas um exercício: na verdade, transferiu-se para o corpo a mesma lógica da gestão, com planilhas, métricas, progresso, cumprimento de metas. Ironman, provas longas, treinos duas vezes ao dia. Dentro dessa lógica, o triatlo virou o novo MBA — diz Patrícia.

É lógico que nem todo mundo tem acesso a esse tipo de rotina, e muita gente recorre até a fraudes em apps de treino para fazer crer que tem uma grande dedicação ao exercício. Mas a maior ajuda, ou ao menos a mais honesta, parece ter vindo da moda. O crescimento do *athleisure*, tendência de moda que combina peças esportivas com roupas casuais, fez com que a roupa de treino se transformasse em uniforme de trabalho e, assim, até quem não treina o tempo todo consegue projetar a ideia de que todo dia consegue investir seus 45 minutos de movimento intenso.

— E isso importa, porque traduz o desejo de se mostrar em movimento, produtivo, saudável, funcional. Mesmo que a realidade nem sempre acompanhe. Além disso, mostra um determinado status. Se você pode andar com a roupa de academia o dia inteiro, você chegou lá, você controla seu tempo — observa Patrícia, destacando que o mercado global do setor girou cerca de US$ 300 bilhões em 2023, podendo mais que dobrar, ultrapassando US$ 700 bilhões até 2032.

PARADOXO DO BEM-ESTAR

Para Márcio Atalla, colunista do GLOBO e um dos principais divulgadores da necessidade de bem-estar e saúde do Brasil, é indiscutível que mais gente recebeu a informação de que ter saúde é importante em um contexto no qual a longevidade aumentou. Passar os últimos 20 anos da vida com total independência tornou-se uma necessidade, e a maioria das pessoas já tem consciência de que isso depende dos exercícios.

O problema, para o educador físico, é que vivemos um tremendo paradoxo: os números não acompanham o *boom* de informação e estímulos em redes sociais. Para Atalla, a percepção de que as pessoas estão fazendo mais exercícios é enganosa

— É o que eu chamo de paradoxo do bem-estar. Nunca tivemos tanta informação, mas 75% dos brasileiros não atingem o mínimo de movimento necessário. Nunca tivemos tanta informação sobre alimentação, e o Brasil tem 68% da população acima do peso e 72% das pessoas relatam dormir mal, apesar de tudo o que já se divulgou sobre a importância do sono.

Transformar essa realidade, para Atalla, passa por políticas públicas que conectem desde o urbanismo — a fim de integrar o exercício físico às rotinas de deslocamento, como, por exemplo, o uso de bicicleta em Amsterdã e Copenhague — a mecanismos de recompensa.

Ele cita Seul, capital da Coreia do Sul, em que, à medida que o cidadão se engaja nesses programas de qualidade de vida, passa a pagar menos pelo plano de saúde, ganhando direito a exames gratuitos.

— Mas não adianta ser só a premiação, tem muita educação ali, tem uma política que vem desde a década de 1970. Então, esperar que, por si só, o ser humano, o indivíduo, tome essa decisão, é algo que vai dar certo apenas para uma minoria mais favorecida, não só na questão econômica mas também na quantidade de tempo de que pode dispor.



Marcio Atalla. Colunista do GLOBO, um dos principais nomes do universo fitness no Brasil, lamenta que os números ainda sejam baixos no país: 68% acima do peso

IAGO FUNARO/25-1-2021

100 ANOS DE JORNALISMO QUE COMUNICA O BRASIL

A Aberje — Associação Brasileira de Comunicação Empresarial — e sua rede de mais de mil empresas, que reúne a maioria das marcas mais relevantes do país, parabenizam O Globo pelos 100 anos de contribuição ao jornalismo, à democracia e à inovação no Brasil.

Ao longo de um século, O Globo exerceu seu papel com excelência cobrindo com profundidade os grandes temas nacionais, com atenção especial ao mundo dos negócios — reconhecendo sua importância para o desenvolvimento do país —, sem jamais abdicar do dever de fiscalizar o poder econômico, como se espera do bom jornalismo. Sua trajetória inspira comunicadores, empresas e instituições a buscarem excelência, ética e relevância em cada mensagem que colocam em circulação.

Em nome de todas as associadas da Aberje — em especial de suas Mantenedoras, de seus Conselhos Deliberativo, Consultivo, Fiscal e Diretorias de Capítulo —, manifestamos nosso reconhecimento a essa história que continua sendo escrita todos os dias.

Parabéns, O Globo.

Diretoria - Paulo Nassar (Diretor-Presidente), Hamilton dos Santos (Diretor-Executivo). **Conselho Deliberativo** - Malu Weber (Presidente do Conselho Deliberativo), David Grinberg (Vice-Presidente do Conselho Deliberativo), Ana Laura Sivieri, Antonietta Varlese, Clau Duarte, Claudio Luiz de Viveiros, Cristiane Santos Blanch, Daniela Coutinho, Fabio Rua, Fabricio Biondo, Gil Maranhão, Juliana Machado, Juliana Lopes, Leandro Modé, Luciana Cohen, Marcela Porto, Maria Elisa Curcio, Othon de Villefort Maia, Pâmela Vaiano, Pedro Torres, Rosana Aguiar. **Conselho Fiscal** - Rosangela Santos, Roberto Baraldi. **Conselho Consultivo** - Renato Gasparetto (Presidente do Conselho Consultivo), Yacoff Sarkovas (Vice-Presidente do Conselho Consultivo), Ana Pais, Ana Torezan Andreucci, André Senador, Antônio Calcagnotto, Carlos Parente, Celia Picon, Cristiana Brito, Elisa Prado, Eugênio Bucci, Fabio Caldas, Firmin António, Gislaine Rosseti, José Manuel Velasco, Kalil Cury Filho, Marcelo Behar, Marco Aurélio Ruediger, Marco Simões Coelho, Margarida Kunsch, Maria Ignez Mantovani Franco, Maria Russell, Mario Ernesto Humberg, Murillo Aragão, Nelson Aerts, Nelson Silveira, Nemércio Nogueira Santos, Oscar Hipólito, Paulo José Marinho, Renato Janine Ribeiro, Ricardo Viveiros, Roberto DaMatta, Rubens Naves, Ruy Altenfelder, Stefano Rolando, Teresa Goulart, Terry Flynn, Vinicius Mariano de Carvalho. **Diretores de Capítulo** - Ana Rocha (Rio Grande do Sul), Cintia Liberato (Bahia), Emanuela França (Ceará), Fernanda Bolzan (Rio de Janeiro), Fernanda Stocco (Paraná), Giovanni Nobile (Brasília), Michele Schifino (Santa Catarina), Mônica Alvarez (Amazônia), Paula Hermont (Minas Gerais).

ABERJE
Associação Brasileira de Comunicação Empresarial

ASSOCIE-SE
aberje.com.br/associe-se | fale@aberje.com.br | (11) 95166-0658 (WhatsApp) | (11) 5627-9090

O SHOW TEM QUE CONTINUAR

UM CORREDOR EM BUSCA DO MELHOR CENÁRIO

Influenciador carioca inspira seguidores mostrando uma geografia alternativa da cidade, onde é possível driblar o trânsito, encurtar trajetos e cuidar da saúde

MÁRVIO DOS ANJOS
Especial para O GLOBO

Pedro Paulo Amorim tem 34 anos, mora no bairro de Maria da Graça, na Zona Norte carioca, e já se tornou uma marca de inspiração para quem vive, treina e sobrevive no Rio: Treinador PP, que já soma 538 mil seguidores no Instagram. Não se trata, porém, de mais um *coach* de alta performance vendendo planilhas de corrida com promessas de milagre em três semanas.

Apesar de ter formação em Educação Física, PP é outra coisa: é um contador de histórias em movimento. Um sujeito que correu porque precisava, que descobriu que gostava disso — e que convidou as pessoas a entenderem melhor a cidade e como ela, mesmo não sendo a ideal, ainda pode ser funcional. De quebra, ainda popularizou um bordão simples: "Correr é bom demais!".

Foi num momento de crise, há dois anos, ainda durante a gravidez de sua mulher, Camila, que PP calçou o tênis para "esfriar a cabeça" depois de uma discussão, saindo de casa perto das 3h da manhã:

— Ela me deu uma bicuda na perna, dizendo que eu tinha batido com o braço na barriga dela, e eu saí correndo para não me estressar. Só que eu acabei levando o celular comigo, coisa que eu nunca faço. E filmei.

Correu de Maria da Graça até o Estádio Nilton Santos, casa do Botafogo do seu coração. Filmado o trajeto, postou.

— Essa postagem teve um resultado muito diferente dos outros. Meus próprios alunos disseram: "Pô, só vim treinar hoje por causa do seu vídeo" — conta ele, que retomou assim outro velho hábito, ainda da época dos primeiros estágios como professor: o de driblar as agruras do trânsito no transporte coletivo por meio da corrida, encurtando espaços e potencializando a própria saúde.

SAÚDE MENTAL

Hoje ele se vê como um influenciador que não planejou ser. Um sujeito que superou questões de saúde mental durante a pandemia — com um par de tênis de menos de R$ 400, o que ainda não mudou — e que hoje consegue parcerias e patrocínios para seu próprio sustento, mas que também se deixa alimentar pelo carinho que recebe de seus seguidores:

— Tem dias que eu não posto nada. Aí recebo uma mensagem bonita, dessas que mexem com a gente. Penso: tem alguém que vai levantar da cama porque viu um vídeo meu. Então, eu posto.

PP tem traços bastante curiosos, que vão na contramão do corredor planilheiro que as redes sociais e as plataformas de corrida consagraram. Quando indagado sobre sua distância preferida, responde simplesmente que pensa mais em tempo de prática:

— Gosto de correr entre uma hora e uma hora e meia. Até duas horas vou bem, sem hidratação. Depois disso é só desgraça.

Mas é no cenário que esse tempo se revela muito precioso. Em sua conta de Instagram (@treinadorpp), ele documenta uma geografia alternativa do Rio. Sua trilha preferida na cidade é a que leva ao Morro da Urca, a partir da pista Cláudio Coutinho. Para PP, o fato de poder subir por dez minutos e chegar de graça a um ponto turístico, no primeiro patamar do bondinho, torna esse caminho democrático. Mas, descartados os cartões postais, a corrida raiz de que mais gosta é a que acompanha parte do metrô.

— A linha 2, da Pavuna até a Cidade Nova, é incrível. Você passa por lugares que ninguém imagina, sente o pulso da cidade de outro jeito. E outra coisa que eu gosto demais é sair da estação Uruguai, subir o Alto da Boa Vista e chegar até a estação do Jardim Oceânico. Para quem nunca correu, vai precisar de um dia, mas aquilo tudo é bonito demais.

Mas há locais também percorridos por PP em que o Rio se revela charmoso e brutal ao mesmo tempo. Ele conta, sem situar o lugar, que certa vez, na madrugada, foi reconhecido por um integrante de um grupo armado.

— Vinha passando aquele bonde cheio de gente e o último cara me reconheceu, pediu para tirar foto. Foi assustador. Mas é isso... Eu sou só um cara que corre. E só isso — diz PP, como uma espertíssima cria de Maria da Graça e de tantos outros lugares onde o carioca aprende desde cedo a gerir seus próprios riscos na marra. E responde categoricamente quando indagado se haveria um lugar em que ele não correria:

— Não existe. Tudo depende da hora, do clima, do corpo, da intuição.

ESPAÇO PARA O CORREDOR

Ainda assim, ele denuncia a precariedade urbana que dificulta a vida de quem quer apenas correr. Se pudesse mudar algo nos trajetos por que passa na Zona Norte, no Centro e na Zona Oeste, é a falta de espaço para o corredor. Aponta que as calçadas são ruins, e o trânsito, hostil. Não há educação para dividir a rua com quem corre ou pedala.

PP diz que não monetiza os treinos. Dá assistência gratuita a antigos alunos, enquanto afirma que seu foco mudou: quer desenvolver projetos voltados a quem está começando:

— Muita gente chega sem saber o que está sentindo, o que está acontecendo com o próprio corpo. Quero explicar o processo, ensinar como mente e corpo evoluem juntos.

EM BUENOS AIRES

Com Camila, sua parceira de vida — e agora também de corridas esporádicas —, e o filho Lucas, hoje com um ano e oito meses, Pedro Paulo leva adiante a missão de inspirar. Ele ainda não se vê como uma espécie de embaixador do Rio, nem mesmo depois de ter arrastado uma bela parcela da torcida do Botafogo numa corrida pelas ruas de Buenos Aires, à época da conquista da Copa Libertadores da América do ano passado:

— Que embaixador nada. Mas acabou que eu influenciei um pouquinho de gente, sim.



DIVULGAÇÃO

Cartão-postal. Pedro Paulo no Aterro e na pista Claudio Coutinho. Novas rotas incluem Zona Norte. Calçadas esburacadas são empecilho para corredores

JÚLIA AGUIAR

GABRIEL DE PAIVA

"A linha 2, da Pavuna até a Cidade Nova, é incrível. Você passa por lugares que ninguém imagina. Sente o pulso da cidade de outro jeito."
Pedro Paulo Amorim


Se você pensar bem, vai ver que o jornal é a principal vitrine dos fatos.
Parabéns, O Globo, pelos 100 anos.
Lojas Renner S.A., o maior ecossistema de moda e lifestyle do Brasil, parabeniza pelos 100 anos de um dos maiores jornais desse país.
60 ANOS
LOJAS RENNER S.A.

O SHOW TEM QUE CONTINUAR

GENTE DO GLOBO

Histórias de alguns dos milhares de profissionais que fazem parte da trajetória centenária do jornal



Agostinho Vieira
Diretor-executivo (até 2015)

"Dia 21 de abril de 1998. Eu era editor-executivo e estava de plantão, quando ligou o Dr. Roberto. 'Esse rapaz que morreu hoje era o filho do Antônio Carlos?', ele perguntou. Referia-se ao deputado Luís Eduardo Magalhães, líder do então governo na Câmara, que sofrera infarto fulminante, em Brasília. Antes de tudo, era filho de Antônio Carlos Magalhães, então presidente do Senado, e um dos melhores amigos de Roberto Marinho. Mas o que, afinal, essa breve ligação tem a ver com os 100 anos do GLOBO? Tudo. Roberto Marinho, em 1998, já era, havia muito tempo, o homem mais poderoso da história da comunicação no Brasil. Ele poderia ter confirmado a morte trágica com muita gente. Mas escolheu O GLOBO, o seu jornal, aquele que lhe daria a certeza de que a notícia era verdadeira, pela sua credibilidade."



Vera Lúcia Medina Coeli
Arquivista (até 1979)

"Trabalhei no jornal no período de 1968 a 1979, em plena ditadura. Quando entrei, tinha 28 anos, era formada em História pela Universidade de São Paulo e estava cursando Biblioteconomia na atual UNIRIO. Comecei no setor de pesquisa da Redação. No período de 1973 a 1979, fui responsável pelo arquivo de texto. Acompanhei novidades como o aparecimento das fotos coloridas e a primeira edição dominical. Foi um período vibrante de minha vida, em que vi a história acontecendo: o surgimento da luta ecológica, o desfecho da guerra do Vietnã, a luta pela anistia... O GLOBO segue um veículo de comunicação que reúne informação diversificada sobre o país e o mundo, diverte e é uma referência no uso da língua portuguesa."



Marcelo Lima
Diretor comercial para o Rio de Janeiro

"Comecei no GLOBO em 1989 como redator e fazia freelancer para a área de publicidade. Embarquei em 1994 no comercial, na área de vendas dos Jornais de Bairro. Fui assumindo novas funções até que assumi a diretoria do setor para o Rio de Janeiro em 2012. Tenho uma equipe de vendas, com um time que trabalha captando anúncios. Essa edição de domingo é a maior de todas, mas quando o Rio foi escolhido a sede dos Jogos Olímpicos, em 2009, eu estava num almoço de negócios e precisei sair porque meu telefone não parava. Eram empresas querendo inserir anúncio para parabenizar o Rio de Janeiro. Nunca tinha visto algo naquele tamanho. Tivemos que adiar e publicar nas edições seguintes. Foi sensacional, mas ainda menor do que a atual."



George Vidor
Colunista (até 2018)

"No início dos anos 1970, participei da implantação da editoria de Economia . O noticiário político estava reprimido e também coincidiu com o período do milagre econômico. O noticiário era disperso, não tinha repórter setorizado e o mercado financeiro engatinhava. Assinei a coluna Panorama Econômico e criei, como editor, a seção 'Como ganhar dinheiro'. Com a chegada da Míriam (Leitão), passei a editorialista e colunista. Uma cobertura que me marcou foi nos anos 1990, quando o Brasil vivia um momento de mudanças, de privatizações e briga para abertura da economia. Fiz visitas ao México, que era ultrarregulamentado; ao Chile, que se redemocratizava; e entrevistei o Alberto Fujimori no Peru. As feridas internacionais foram muito boas para minhas observações."



Joyce Jane
Editora do GLOBO On-line (até 2010)

"Era 11 de setembro de 2001. Eu era editora-chefe do GLOBO On-line, e começávamos a editar o site em tempo real. No caminho para a Redação, recebi a ligação da editora de plantão: um avião havia atingido uma torre do World Trade Center. Ainda tentávamos entender — Um acidente? Uma falha? — quando, pelo telefone, ela chorou ao narrar o segundo impacto, ao vivo. Em meio ao caos, orientei toda a cobertura do carro. Todos lembram onde estavam naquele 11 de Setembro. Em minutos, precisei decidir como contar ao mundo o que ninguém conseguia ainda compreender. Tinha assumido o GLOBO On-line em 2000. Naquele momento, éramos apenas 12 jornalistas, e divulgávamos somente uma lista de Últimas Notícias."



Rogério Durst
repórter e crítico de cinema (1961-2015)

"Ele conseguia escrever com clareza e humor sobre até sobre uma placa-mãe", disse a colunista do GLOBO Cora Rónai sobre Rogério Durst, seu editor-assistente no caderno Informática etc. Versátil também, porque o niteroiense Durst se consagrou como crítico de cinema, antes e depois da incursão pelo mundo da tecnologia. Seu texto informal e bem-humorado — além de, antes de tudo, coalhado de informações — fez escola na imprensa carioca e brasileira, descolando a crítica de cinema do estilo mais formal que sempre a marcou. Durst passou pelo Segundo Caderno e pelo Rio Show, além do Informática etc e por veículos como o canal a cabo Telecine, o Jornal do Brasil e as revistas Veja Rio e Roll.



Rinaldo 'Obama' Américo
Motorista de reportagem (até 2006)

"Entrei aqui em 1995 trabalhando na distribuição do jornal quando surgiu uma vaga para motorista de caminhão. Depois, fui manobrista até começar como motorista dos Jornais de Bairro, em 1996. Para trabalhar na reportagem tem que ser observador: às vezes o fotógrafo está vendo a máquina, o repórter anotando algo, e você, dirigindo, fica atento ao que acontece. Foram duas capas que colaborei: uma com o Fabio Rossi, fotógrafo, de garis capinando na frente da prefeitura, em 2003, na prova prática do concurso. E outra com o Jorge William, numa carreata de vans, quando sugeri para ele subir o viaduto Primeiro de Março para fazer a foto vertical com o mar de vans e a Candelária ao fundo. Hoje sou motorista das rádios Globo e CBN e tenho 30 anos de Grupo Globo."



Marco Grillo
Coordenador de Política em Brasília

"Cheguei no GLOBO no fim de 2011 para cobrir uma licença e em março de 2012 fui contratado. Comecei pelos Jornais de Bairro e passei pela Editoria Rio, num momento vibrante da cidade. Na Copa de 2014 e nas Olimpíadas de 2016, fui emprestado à editoria de Esportes. Migrei para a Política a tempo de trabalhar no impeachment de 2016 e na eleição de 2018. Estava em Juiz de Fora quando Bolsonaro levou a facada. Depois da campanha, tive o desejo de vir para Brasília. Ano e meio depois, voltei ao Rio como editor-assistente em 2020, onde fiquei até 2023. Hoje sou um dos coordenadores de política do jornal na capital. Cobrir política é estar no centro da crise o tempo todo. Sou muito feliz aqui, e a relação longa tem tudo a ver com minha formação profissional."



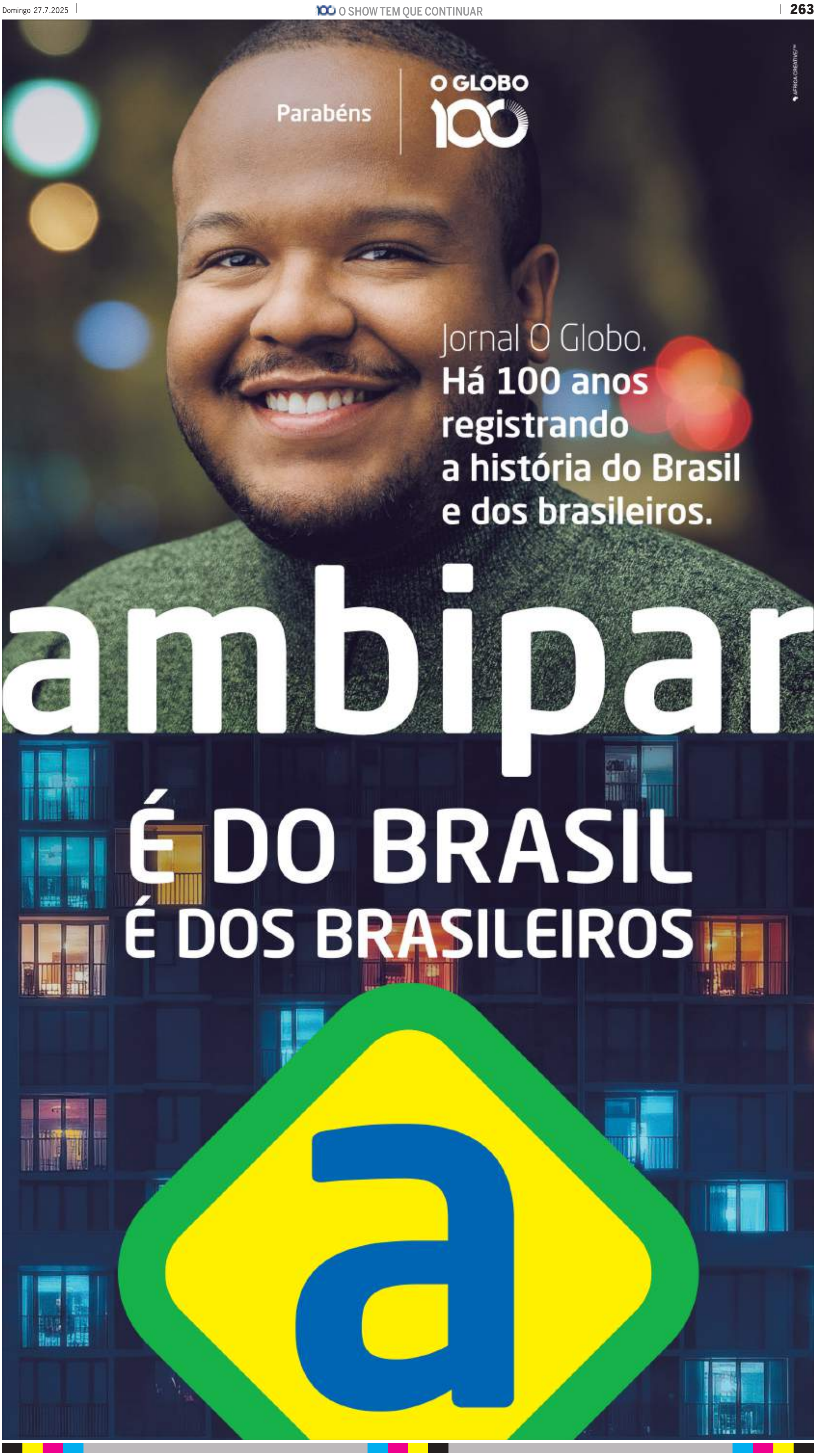
Lucieni Varela
Assistente-executiva (até 2020)

"Surgiu uma vaga no GLOBO Histórico, que vendia a capa do jornal do dia em que a pessoa nasceu. Foi um sucesso e precisava aumentar a equipe porque o setor de Classificados não dava conta. Vim auxiliar o processo de venda, mas fiquei só por seis meses. Surgiu uma vaga de assistente da chefia de reportagem na Redação, e o Henrique Caban pediu que eu fosse assistente dele. Minha função era ver a necessidade da equipe: carros, credenciamento de repórter em eventos, táxi, viagens, toda a infraestrutura. Era muito dinâmico. E fiquei até 2020, 40 anos no emprego. Um evento forte para mim foi o 11 de Setembro. Parecia um filme. Um dia, uma atriz ficou nua na Redação para divulgar uma peça. O doutor Evandro *(Carlos de Andrade)* correu e pediu um pano para cobri-la."



Andressa Mota
Gerente-geral de Recursos Humanos

"Entrei aqui em 2004 como estagiária, aos 20 anos. Cursava Jornalismo e trabalhava no relacionamento com o cliente. Cuidava de comunicação interna, endomarketing, voltado à área de vendas. Fui efetivada em 2006 e promovida em outras posições. No fim de 2012, fui convidada para a comunicação interna, com trabalho próximo dos Recursos Humanos, até me tornar gerente em 2015. Foi minha primeira experiência de RH, mas já entendia muito. Em 2019, me tornei gerente interina e logo depois assumi efetivamente. Administro as áreas de planejamento de pessoal, benefícios, atração e seleção. Aqui na Editora Globo consegui encontrar ambiente em que eu pude dar o meu melhor e descobrir aquilo que nem eu sabia que poderia fazer."


Parabéns
O GLOBO
100
Jornal O Globo.
Há 100 anos
registrando
a história do Brasil
e dos brasileiros.
ambipar
É DO BRASIL
É DOS BRASILEIROS
a

O Globo
100 anos
de credibilidade

Espaçolaser
21 anos
de revolução





1925

2004

Duas trajetórias que iniciaram
em tempos diferentes, mas
compartilham os mesmos valores:
inovação, confiança e impacto real
na vida das pessoas.

Agende sua
experiência Espaçolaser

Parabéns, O Globo,
pelos seus 100 anos
fazendo história.

espaçolaser

A maior rede de depilação a laser
do mundo há 21 anos



GRANDES ENTREVISTAS

Conversas trazem revelações, exploram nuances, definem épocas. No vaivém de perguntas e respostas, constroem-se pensamentos e visões de mundo. Ao longo dos anos, O GLOBO entrevistou artistas, intelectuais, ativistas, escritores. Reapresentamos, agora, alguns desses papos históricos.

FOTOS DE FE PINHEIRO



ENTREVISTA

Fernanda Montenegro / ATRIZ

Nos 100 anos do GLOBO, dama maior do teatro é vista em dois tempos: uma entrevista em 2022 e outra em 1980

FERNANDA GODOY

‘ENTRAR EM CENA É SEMPRE UM RISCO’

Foram quatro horas de fascinante imersão no mundo de Fernanda Montenegro. Meus olhos escanearam estantes e paredes do apartamento da atriz em Ipanema. Com os azuis intensos do mar e do céu de verão entrando pelas janelas, o painel colorido de obras de arte de Burle Marx, Heitor dos Prazeres e Manuel Eudócio, entre tantos outros, evidencia que se trata da casa de alguém que ama a cultura. O ambiente é de paz. Surge a voz perfeita da anfitriã, que agradece o elogio e assinala: “É a casa de uma pessoa que vive há quase um século”. De fato. Os móveis da sala dão testemunho parcial de uma carreira de quase oito décadas.

Às vésperas de se tornar imortal pela Academia Brasileira de Letras, onde ocupará a cadeira 17, que pertencia a Afonso Arinos de Mello Franco, Fernanda aspira à imortalidade física. Crê que o Brasil voltou à estaca zero, que estamos “sem plumagem, com a pele entregue à intempérie”, mas não se cala. “Chegou a hora das perguntas desassossegantes”, diz, sugerindo rumo para a entrevista.

Enquanto se arrumava para as fotos, você disse: “Agora não é uma personagem, sou eu”. Na ABL, a Fernanda de fardão quem será?
Tem que aprender. Ali tem um ritual bem vivido, a Academia caminha pra 130 anos. Há uma estrutura ritualizada. Sempre foi um espaço cultural consagrado e resistiu ao tempo. Há muitos anos frequento a Academia porque amigos tomam posse, então eu me propus. Achei bonito o reconhecimento dessa arte de palco.

Você aceitou montagens ousadas como “The Flash and Crash Days” (1991), de Gerald Thomas. Por que topou riscos depois de estar consagrada?
Qualquer hora que você entra em cena, para dar conta do que for, é vida ou morte. Entrar em cena é sempre um risco. Ou você é aceito ou é rejeitado ali. Não há meio-termo. Há atores extraordinários, que não desistem, porque é uma vocação inarredável. Se pararem, será o fim de uma vida. Todo ser humano deveria ter como ofício pôr em prática a sua vocação.

Qual é o lado bom da velhice?
A memória. Se a velhice permitir a memória, essa é a sua vida. Fui beneficiada pela minha constituição.

Quem são seus grandes amigos que ainda estão aqui?
Nathalia Timberg. Laura Cardoso. Lima Duarte. Estou lembrando os de 90 a 95. Se tiver esquecido alguém, peço que me desculpem. Nos 80 já tem bastante gente.

Dos que já se foram, de quem tem mais saudades?
Fora o amor da minha vida, que é Fernando (Torres), de Sérgio (Britto) e Ítalo (Rossi). Vivemos juntos mais de 50 anos. E trabalhando no teatro, na televisão, trocando opiniões sobre tudo: livros, artes, cinema, viagens. No teatro há uma presença inarredável. Tem que haver cumplicidade.

> “Acordei, vou para vida. Tenho receio que um dia eu acorde e não vá para a vida. A velhice tem um desplugamento”

O espaço cênico é o espaço da liberdade?
Vale tudo ali. Por outro lado, você é um instrumento: você executa, você interpreta. É esquizofrênico. E daí? Agora, voltou para casa... É o *integramento* de um par. É interessante.

Passou pela sua cabeça se casar de novo?
Não, não, não! Estive junto com esse homem 60 anos. Nos aturamos, nos encontramos, nos desencontramos, nos perdoamos, nos buscamos. Houve uma cumplicidade que não sei explicar. Mas não sou um caso único. Há muitos mais pares pela vida afora do que sonha nossa vã filosofia, sabe? Não faço romance, conto a realidade. Qual é o mistério dessa realidade, eu não sei. A gente vive a vida, e não é uma ciência exata.

Quem você tem lido ou relido?
Graciliano Ramos. Machado de Assis. Clarice Lispector. Cecília Meireles. Nélida Piñon.

Quem, com sua arte, ajuda a restaurar o orgulho de ser brasileiro?
No momento? Caetano.

A que horas você costuma ir dormir?
Sempre chego quase às 2h da madrugada, porque é uma vida em cima de um palco. Então, 1h30, 2h, pela vida afora.

Quando abre os olhos de manhã, qual é a primeira coisa que pensa?
Acordei, vou para a vida. Tenho receio que um dia eu acorde... se eu não acordar, ótimo, porque não passarei pelo processo, mas que eu acorde e.... não vá para a vida. Porque a velhice tem um desplugamento.

Como você sente isso, que é algo que não chegou?
Não chegou, mas já fui melhor. Corria pela vida afora (*risos*). Agora vou devagar e sempre. Sou de família longeva, mas comecei a ficar espantada de estar caminhando para os cem anos. E o mundo zerado de novo, o Brasil zerado de novo. Mas acredito que haverá uma geração que vai tocar o Brasil para o tempo contemporâneo. Estamos no século XIX.

Nosso tempo está quase acabando...
Quero dizer o seguinte: estamos em tempo de mudança da plumagem. Estamos sem as penas, com a pele entregue à intempérie. Talvez se precise de mais duas gerações para sentir que caminhamos, a tal ponto chegamos a zero com esse homem (*Bolsonaro*).

Como é a angústia de saber que você não verá isso?
Não verei.

Mas mantém a fé de que seus netos verão?
É. Começarão a ver. Meus netos começarão a ver.



Acadêmica. Nas duas fotos, Fernanda posa em sua casa para a Revista Ela, dias antes de sua posse na ABL, em 2022: “sempre foi um espaço cultural consagrado”

‘O MILLÔR NÃO É HOMEM QUE CORTEJE NINGUÉM’

FLÁVIO MARINHO

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais pronuncia-se oficialmente: “É...”, de Millôr Fernandes, é a recordista de permanência em cartaz na História do teatro brasileiro, com mais de 1.100 apresentações, de sua estreia, em 15 de março de 1979, no Teatro Maison de France, onde permaneceu por dois anos, passando pela temporada em São Paulo, até sua reestreia de agora no Teatro João Caetano. Ao longo desses quase três anos, o elenco, sob a direção de Paulo José, sofreu várias mudanças, mantendo-se sempre em cena apenas a dupla de intérpretes-produtores: Fernanda Montenegro e Fernando Torres.

Nesta entrevista, Fernanda fala sobre a experiência de participar por tanto tempo de um espetáculo. Confessa que ainda não parou para pensar nas causas do sucesso de “É...”:

— Ainda vivo um processo de grande envolvimento com a peça. Com o número de espectadores que ela continua atraindo. Trata-se de um texto totalmente fresco, em termos de interesse. Eu talvez pudesse falar num cansaço de fazer a peça. Às vezes, a gente pode até entrar em cena assim um pouco frouxo; mas, de repente, a participação é brutal. Porque, na verdade, é a plateia quem faz o espetáculo. É ela quem te estimula.

Esse tipo de influência da plateia não é mais importante no caso de uma comédia, como “É...”?
Não, absolutamente. Em qualquer tipo de espetáculo a plateia trabalha com o ator. Essa coisa de dizer que o espectador, porque fica sentado, é um acomodado, não passa de uma grande mentira. Embora sentado (e eles, às vezes, até se levantam ou aplaudem no meio), a gente recebe, no palco, toda uma série de respostas e reações. Por tudo isso, eu ainda não parei para pensar, verbalizar e equacionar o fenômeno do “É...”. Mas partindo de uma premissa sadia, objetiva e primeira, eu diria que o sucesso vem do fato de ser um texto de qualidade. Além disso, sempre encontramos elencos muito capazes. Mais do que profissionais — pois, hoje em dia, essa palavra é estranhamente vista como uma coisa caquética, bolorenta, fechada, sem imaginação ou calor —, tivemos elencos que conhecem muito bem o seu ofício.

Você falou nos burgueses da peça. O sucesso do “É...” também não estaria no fato de o texto cortejar os valores de uma camada social que pode pagar ingressos de teatro?
Olha, o Millôr não é homem que corteje ninguém. Muito pelo contrário. E, para te falar a verdade, não vejo, em nenhum momento da peça, tal cortejo à burguesia. Acontece, apenas, que ele fala da gente que tem condição de se informar, de poder tomar seu uísque, ter uma empregada que sirva o cafezinho numa bela bandeja de prata, ter o telefone sempre tocando e recebendo recados, ter um tapete na sala. Enfim, ter uma série de “conquistas” próprias de uma classe social. É claro que ele não está falando de operários. Mas, na minha opinião, ele é muito cruel com seus personagens. Principalmente com a minha, o que talvez também seja uma das razões para o sucesso de “É...”. Trata-se de uma personagem sem o charme da juventude, a quem ele concede uma saída: ela sai de casa. Agora, o que vai acontecer com ela fica em aberto. Ou fica para uma outra peça. Ou para nunca mais. Quando a peça termina, a parábola dessa senhora de prendas domésticas, que vivia feliz à sombra do marido, entra em outro estado dramático.

A Ludmila (Betina Viany) é uma personagem jovem apresentada como liberal, defensora do feminismo. Mas, a partir do momento em que encontra um senhor interessado nela, engravida, acomoda-se e vira uma “senhora de prendas domésticas”, como a sua personagem.
Isso é a sua interpretação da peça. Eu não a vejo dessa forma. A Ludmila não pode ser considerada uma feminista. Ela é uma mulher em busca de um processo de felicidade. Talvez seja uma individualista; ou melhor, uma mulher à procura da sua individualidade. Não vejo nenhuma acomodação na personagem. Ela é uma moça de 25 anos que quer ter um filho. Quando a peça termina, ela está sadia, grávida e totalmente desligada do Mário. É ele quem diz que ela está destruída. Mas eu duvido que um ser humano, aos 25 anos, com a fome de individualidade da Ludmila e um filho na barriga terminasse destruído. A peça não conclui a personagem. Mostra, somente, o estágio de um processo de autoconhecimento.

Fernanda faz questão de enfatizar que são também tais polêmicas e dúvidas em torno da peça “É...” que fazem dela um sucesso.
É esse tipo de debate que prolonga a vida da peça. Certa vez, estabelecemos uma discussão com a plateia após o espetáculo, e as quarentonas, identificadas com a minha personagem, perguntavam: “Quer dizer que nós vivemos uma vida inútil? Se um fato desses acontece com a gente (o marido abandonar a mulher por outra, mais jovem) o que nos resta?”. Uma peça, quando é bem feita, como é o caso do “É...” tem um processo alquímico. E você a vê de acordo com o seu mundo, com as suas adesões e rejeições. O “É...”, de qualquer forma, prova que uma mulher, que passou a vida inteira servindo ao seu senhor, fica sem saída.

É esse tipo de novidade que impede seu trabalho de cair num esquema mecânico, de ligar um automático, após três anos de convivência com sua personagem?
É isso, mas eu também vivo em permanente estado de alerta para não cair nessas armadilhas. Na realidade, é um exercício que eu pratico todos os dias.

CONTEXTO

Com quase oito décadas de carreira, nada como olhar Fernanda Montenegro em dois tempos, como nestas duas páginas. Acima, ela fala, em 1980, sobre o imenso sucesso da peça “É...”, texto de Millôr Fernandes que a atriz e o marido, Fernando Torres, produziram e protagonizaram. A direção era de Paulo José, e a peça bateu o recorde histórico de público no teatro brasileiro até então. Uma curiosidade: o repórter que assina a matéria é Flávio Marinho, em sua passagem pela redação do GLOBO. Hoje, ele é o dramaturgo e autor de “Não me entrego, não”, monólogo de sucesso encenado por Othon Bastos. Corta para a página ao lado, quando Fernanda, então com 92 anos (em 2022), se preparava para tomar posse na ABL. Consagradíssima, continuava lotando teatros com sua leitura de Simone de Beauvoir. Coincidência: os dois momentos flagram a atriz às voltas com personagens que refletem sobre a condição feminina. Neste ano, aos 95, a atriz continua nos palcos, lendo Beauvoir e Nelson Rodrigues.



No palco. Fernanda em cena da peça “É...”, de Millôr Fernandes, no Teatro Maison de France, no Rio. Em cartaz por três anos, espetáculo bateu recorde de público na época

DIVULGAÇÃO/23.7.1980

ENTREVISTA

Carlos Drummond de Andrade/
ESCRITOR

MARIA JULIETA DRUMMOND



Intimidade. O poeta recebe a filha, em rara entrevista. "Sinto entre nós, sobretudo, uma grande camaradagem de espírito, uma enorme liberdade", disse.

HIPÓLITO PEREIRA/16-01-1984

'A ÚLTIMA COISA QUE DESAPARECE NO HOMEM É O ERÓTICO'

Sendo o poeta Carlos Drummond de Andrade pessoa sabidamente reservada e pouco propensa a prestar depoimentos em público, é natural que eu me surpreendesse quando, provocando-o mais uma vez pelo telefone a respeito de uma possível entrevista comigo, ele respondeu inesperadamente, com o seu jeito apressado: "Se você quiser mesmo, eu topo."

Antes que o meu futuro entrevistado mudasse de ideia, mandei-me, gravador em punho, para o apartamento do Posto 6. Com certa cerimônia, sentamo-nos diante da mesa de madeira não envernizada, porque o poeta tem o hábito de raspá-la cuidadosamente com gilete sempre que identifica qualquer mancha de tinta. Esses pequenos trabalhos manuais lhe serviram, na mocidade, para canalizar a agressão que represava em si mesmo: "Eu precisava disso para não assassinar ninguém e dar vazão aos meus impulsos agressivos. Acho legítimo."

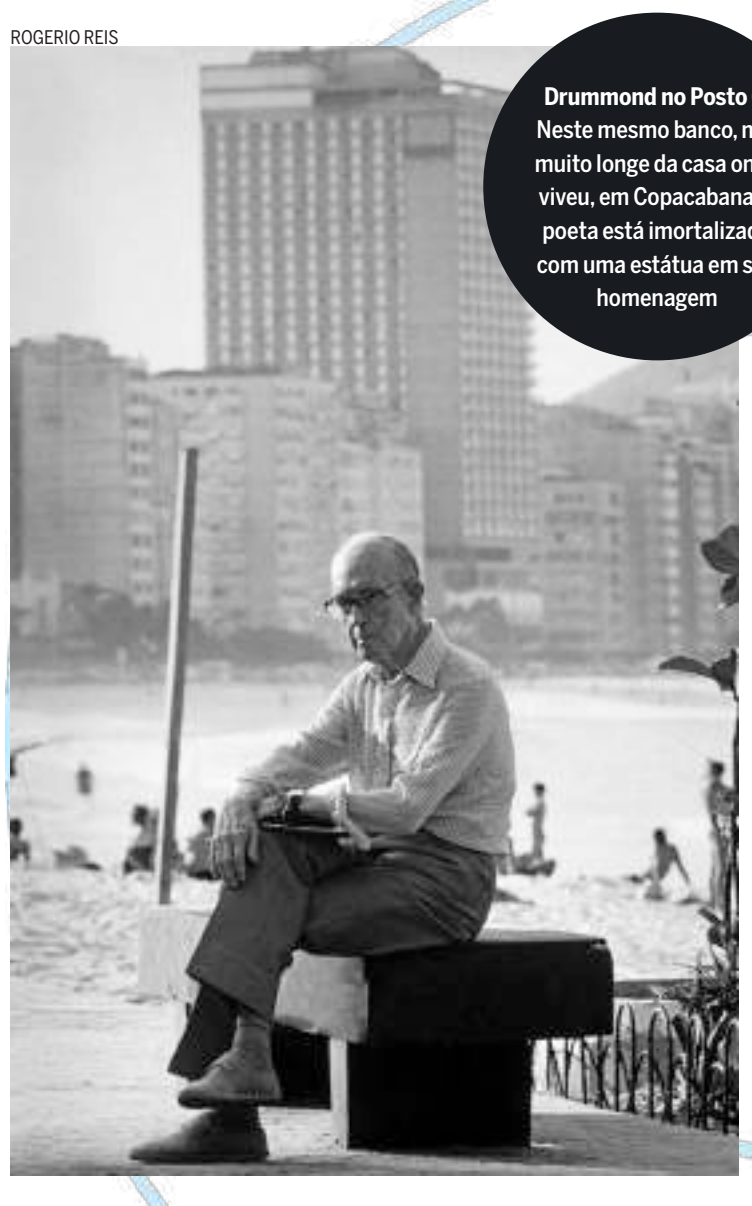
Sobre o próximo livro de poemas, Drummond encontrou o título que andava buscando: "Corpo". Pergunto-lhe se essa palavra não estaria antecipando a publicação de seus poemas eróticos, há tanto escondidos na gaveta. Ele concorda:
Pretendo, sim, reuni-los algum dia em edição ilustrada. O assunto é precisamente o corpo, as operações amorosas, contadas com simplicidade e pureza, numa tentativa de magnificação do amor carnal, que, com raras exceções, tem sido muito sufocada na nossa tradição literária.

Mais de uma vez você já me disse não acreditar no amor.
Agora você me pôs numa enrascada. Não acredito no amor como fatalidade biológica, através da qual duas pessoas se entreguem uma à outra irremediavelmente. Mas acredito no sentimento amoroso, que vai de uma criatura a outra, envolvendo o universo, a natureza, da qual me sinto muito próximo. O amor é frágil, condicionado às limitações humanas, já que dentro de nós não temos apenas quatro estações, mas inúmeras, que não são sucessivas e sim imbricadas umas nas outras.

CONTEXTO

O poeta Carlos Drummond de Andrade era tímido e não costumava dar entrevistas. Recusou inúmeros pedidos da própria filha, Maria Julieta Drummond de Andrade, jornalista e colunista do GLOBO entre 1977 e 1987. Quando ela quase já tinha perdido as esperanças de um tête-à-tête em família para o jornal, eis que o poeta a surpreende. A conversa entre pai e filha se deu em 1984, apenas três anos antes da morte de Drummond. Eles conversam sobre literatura, mas adentram assuntos que só mesmo a intimidade coloca na mesa. Assim ficamos sabendo que Drummond cultivou formas de controlar sua agressividade, não acreditava no amor, tinha poemas eróticos na gaveta e dúvidas existenciais em relação a Deus. Ah, sim, ele se orgulhava da filha, a quem considerava sua herdeira natural.

ROGERIO REIS



Drummond no Posto 6. Neste mesmo banco, não muito longe da casa onde viveu, em Copacabana, o poeta está imortalizado com uma estátua em sua homenagem

E como é o amor na velhice?
Minha experiência demonstra que a última coisa que desaparece no homem é o sentimento amoroso erótico. Faltando os meios físicos para a sua realização completa, a parte ideal prevalece sobre a outra. Mas se somos capazes de cultivar esse sentimento, mesmo sob uma forma moderada, estamos em dia com o amor.

Ser velho é ruim?
Nenhum velho ousaria afirmar o contrário.

Mas você realmente não pode ser considerado velho, no sentido estrito da palavra. Sai todas as tardes, de tênis e jeans...
Não é o tênis que caracteriza a juventude. Por outro lado, nunca tive coragem de usar bermuda na rua, porque minhas pernas não se parecem com as de Luiza Brunet. O terrível na velhice é a própria velhice. Como já assinalou Pedro Nava, vão se perdendo as coisas essenciais dos sentidos, que passam a não responder mais aos nossos chamados e impulsos.

"Nunca tive coragem de usar bermuda na rua porque minhas pernas não se parecem com as de Luiza Brunet"

A velhice lhe ensinou muitas coisas?
Poucas. Teria me ensinado mais, se eu tivesse tido uma militância política, militar ou literária. E digo bem porque não me considero um literato profissional.

Então o que você é?
Sou um funcionário público aposentado e um jornalista em atividade. Nas horas vagas, como dizia Camilo Castelo Branco, sou um literato.

O que é para você um literato?
Um homem cuja vida consiste em fazer livros.

Mas você não fez cerca de 40?
Até hoje não fiz nenhum. Vou juntando textos, crônicas e versos esparsos, mas nunca me sentei para fazer um livro, na expressão rigorosa do termo.

Discordo do poeta: ele não é um romancista ou um ensaísta, mas dará tão pouco valor à poesia, a ponto de julgar seus livros de poemas apenas colagens? Drummond não se dá por vencido:
Dou tanta importância, que me considero um mau cultor da poesia, pois nunca me dediquei a ela como a um valor superior. Nos primeiros tempos, fiz uma poesia de que necessitava para me expurgar e exorcizar, expulsando os meus demônios. Fiz isso instintivamente, valendo-me do verso livre, e obtive dela esse benefício. A que faço hoje, embora amarga, como é o fundo do meu espírito, é bem menos grave e agressiva.

Observo-lhe que Deus ocupa um espaço importante, atualmente, em seus versos, e ele concorda:
É verdade, mas você não imagina como Deus me chateia. Não creio nele, numa organização superior que tenha esse nome. O argumento de que não existe nada sem um poder gerador não me satisfaz, porque fico matutando que, se Deus gerou o mundo, quem gerou Deus? Ele é, para mim, uma incógnita, que me preocupa no sentido poético.

Lembro-me de que um dia você me disse que se considerava um homem feliz. Isso continua sendo verdade?
Não fui feliz, nem infeliz, porque a felicidade é um estado transitório e os momentos de plenitude são seguidos de uma dor de barriga, uma dor de dente, a conta por pagar. Não fiz força para viver, minha vida se construiu ao sabor do acaso, quase à minha revelia, sem um projeto arquitetônico, sem estudo. Mas tive a sorte de rodear-me de amigos excelentes, que me ajudaram, incentivaram e me salvaram do desânimo. Nesse sentido, posso dizer que sou um homem feliz.

Quero saber o que pensa Drummond sobre sua filha.
Sendo única, é natural que ela me interesse concentradamente, mas sinto entre nós, sobretudo, uma grande camaradagem de espírito, uma enorme liberdade, que me permite manter com ela conversas que eu não teria com outro amigo.

E como vê os defeitos e fraquezas que ela tem?
Não julgo minha filha, como ela também não me julga. Somos amigos, e os amigos não se julgam.

Coordenação: Flávia Barbosa e André Miranda. **Editoras:** Renata Izaal e Mànya Millen. **Editores assistentes:** Gustavo Alves e Pedro Tinoco. **Redatores**: Aydano André Motta, Bernardo Araujo, Carolina Morand, Lucila de Beaurepaire e Lucila Soares. **Direção de arte**: Alvim. **Projeto gráfico:** Alvim e Télio Navega. **Diagramação:** Ana Scott, Gustavo Amaral e Télio Navega. **Coordenação fotográfica:** Paulo Moreira. **Infografia e arte:** Renata Amoedo, Renato Carvalho, Vinicius Machado e William Mur. **Pesquisa:** Luciana Barbio Medeiros e Paulo Luiz Carneiro.


ArcelorMittal
Só um jornal resistente como o aço permanece por 100 anos.
O Globo completa 100 anos acompanhando e registrando a história do Brasil. Uma trajetória marcada por transformação e compromisso com os fatos.
A ArcelorMittal tem orgulho de também fazer parte dessa construção presente nas estruturas, nas conquistas e nos caminhos que ajudam a sustentar o desenvolvimento do país.
Juntos, seguimos construindo capítulos sólidos da história brasileira.
Parabéns, O Globo. Que os próximos 100 anos sigam abrindo novas páginas para o futuro.
Laminação de aço na unidade Resende (RJ), da ArcelorMittal.
Aço não é tudo igual.
Aço inteligente é ArcelorMittal.



ENTREVISTA

Malala Yousafzai / ATIVISTA

RENATA IZAAL

‘HOMENS USAM RELIGIÃO COMO DESCULPA PARA MISOGINIA’

Malala Yousafzai tinha 15 anos quando um homem armado entrou no ônibus escolar, chamou-a pelo nome e atirou três vezes. Era outubro de 2012, e sua história todos nós conhecemos: a cirurgia de emergência em Peshawar, em seu Paquistão natal, a recuperação em Birmingham, no Reino Unido, o discurso na ONU um ano após o atentado, a pessoa mais jovem a ganhar o Nobel da Paz, em 2014. Mas a Malala que está no Brasil pela segunda vez não é mais uma menina. Ela é formada em Filosofia, Política e Economia pela Universidade de Oxford e dá nome a um fundo que apoia e financia projetos de educação em nove países, incluindo o Brasil. Tem um livro publicado (“Eu sou Malala”, editado pela Companhia das Letras, vendeu mais de 350 mil exemplares no Brasil), um documentário que concorreu ao Oscar, casou-se.

Malala agora é uma mulher, mas mantém aceso o sonho da garota que fez o planeta inteiro torcer por sua plena recuperação: deseja que todas as meninas tenham acesso à educação de qualidade. É por isso que veio ao Rio, onde abrirá o Ler — Salão Carioca do Livro. Com mediação da jornalista Maju Coutinho, falará para 8 mil pessoas no Maracanãzinho.

Em entrevista ao GLOBO, a ativista fala sobre educação, extremismo religioso e misoginia. Diz que é urgente uma ação internacional pelos direitos de meninas e mulheres no Afeganistão, mais uma vez reféns do Talibã, e que, mesmo dez anos após o ataque que quase lhe custou a vida, não parou de sonhar com um futuro diferente para garotas que, como ela, querem estudar.

> “As meninas e as mulheres do Afeganistão estão despertas. Elas ainda protestam em Cabul e outras cidades, pelo seu direito à educação”

Em 2013, você e seu pai criaram o Fundo Malala, que apoia projetos educacionais para meninas e mulheres em nove países. Por que colocou o Brasil entre eles?
Não olhamos apenas o aspecto macro. Se olharmos só para isso, o Brasil tem um panorama melhor do que outros países. O que me chamou atenção aqui é a alta evasão escolar. É de partir o coração que em comunidades indígenas e quilombolas apenas 30% das meninas completem o ciclo escolar. Isso é um enorme desafio para vocês. Eu aprendi na região de onde eu venho (Malala nasceu em Mingora, no Vale do Swat, norte do Paquistão) que muitas vezes não é dada a devida importância a certos grupos, especialmente os de baixa renda. Por isso escolhi o Brasil.

Seu fundo apoia 11 projetos no Brasil. Em que áreas atuam?
Chamamos esses 11 projetos de campeões da educação. Eles trabalham em áreas como pesquisa sobre discriminação racial e de gênero nas escolas, treinamento para educação contextualizada em quilombos e aldeias indígenas, proteção do direito à educação de meninas negras e o monitoramento de políticas públicas, orçamentos e do processo democrático nas esferas federal e estadual. O que todos eles têm em comum é o fato de colocarem meninas e mulheres para tomarem decisões. Não são inspirados nelas nem têm o foco nelas. Eles são liderados por elas. São as meninas e as mulheres que escrevem manifestos, organizam protestos, pesquisam e discutem seus futuros com as lideranças políticas do Brasil.

Essa liderança feminina faz falta nas discussões sobre extremismo religioso, já que os nossos direitos são os primeiros a serem banidos?
Certamente. Na maioria das religiões, os homens controlam a narrativa e usam a religião como uma desculpa para a sua misoginia. Se tirarmos deles o livro sagrado, facilmente encontrarão um outro para usar como desculpa. Então acho que é importante darmos às mulheres a chance de dividir com a sociedade as suas interpretações desses livros. Mas acredito que é ainda mais importante nos certificarmos de que todos tenham acesso a uma educação de qualidade que estimule o pensamento crítico. Só o pensamento crítico nos faz questionar as informações que recebemos.

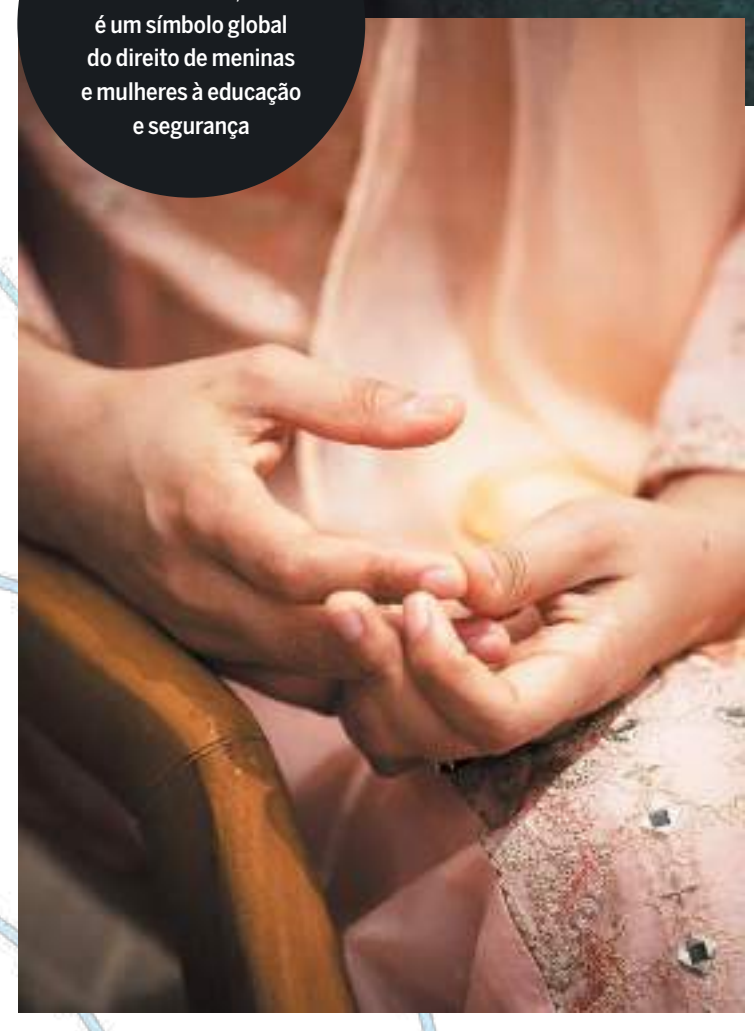
As mulheres questionam o Talibã desde a saída das forças americanas, em 2021, mas parecem fazer isso sozinhas. Elas foram abandonadas pela comunidade internacional?
Sempre esperamos que alguma coisa vai ser feita no mês que vem, ou no outro, mas quando vemos já passou um ano e meio desde que os EUA saíram e o Talibã proibiu que meninas e mulheres estudem. A História nos mostra que eles já fizeram isso, então os líderes globais precisam acordar. Eles têm que ter a mesma urgência que as afegãs têm.

Você tem esperança de mudanças no Afeganistão?
Há uma coisa que está diferente agora. As meninas e mulheres do Afeganistão estão despertas. Elas ainda protestam, em Cabul e outras cidades, pelo seu direito à educação. Muitas foram presas, machucadas e torturadas. Essas mulheres têm colocado suas vidas em risco porque não veem um futuro sem educação. Elas organizam aulas online e criam escolas secretas, por exemplo. Por isso, acho que ainda há esperança.



Mais de uma década após o atentado que quase lhe custou a vida, Malala é um símbolo global do direito de meninas e mulheres à educação e segurança

FOTOS DE LEO MARTINS



Sonhar é importante?
Imaginar é importante. Eu acredito nesse meu sonho e que podemos criar um mundo que seja mais justo e onde cada criança tenha acesso ao conhecimento, educação e informação necessários para construir um futuro para ela, sua comunidade e seu país.

Soube que você é fã de “O Alquimista”, do Paulo Coelho.
Quando ainda vivia no Paquistão, este foi um dos primeiros livros que li. Na escola, éramos limitados aos livros acadêmicos, então foi muita sorte encontrar “O Alquimista”. A história do menino que vai em busca de seus sonhos me deu a certeza da minha missão. Mas, hoje, tenho gostado particularmente de ler livros escritos por mulheres jovens, sobretudo os primeiros livros delas.

Por que os primeiros livros?
Porque todos temos receio de compartilhar nossas histórias. Eu vivo dizendo para as meninas contarem suas histórias, seja ficção ou não, porque isso é importante. Elas hesitam, e eu entendo que é preciso encorajá-las. Acho que, no fundo, o que eu gosto é de ver a perspectiva feminina desabrochando nos livros.

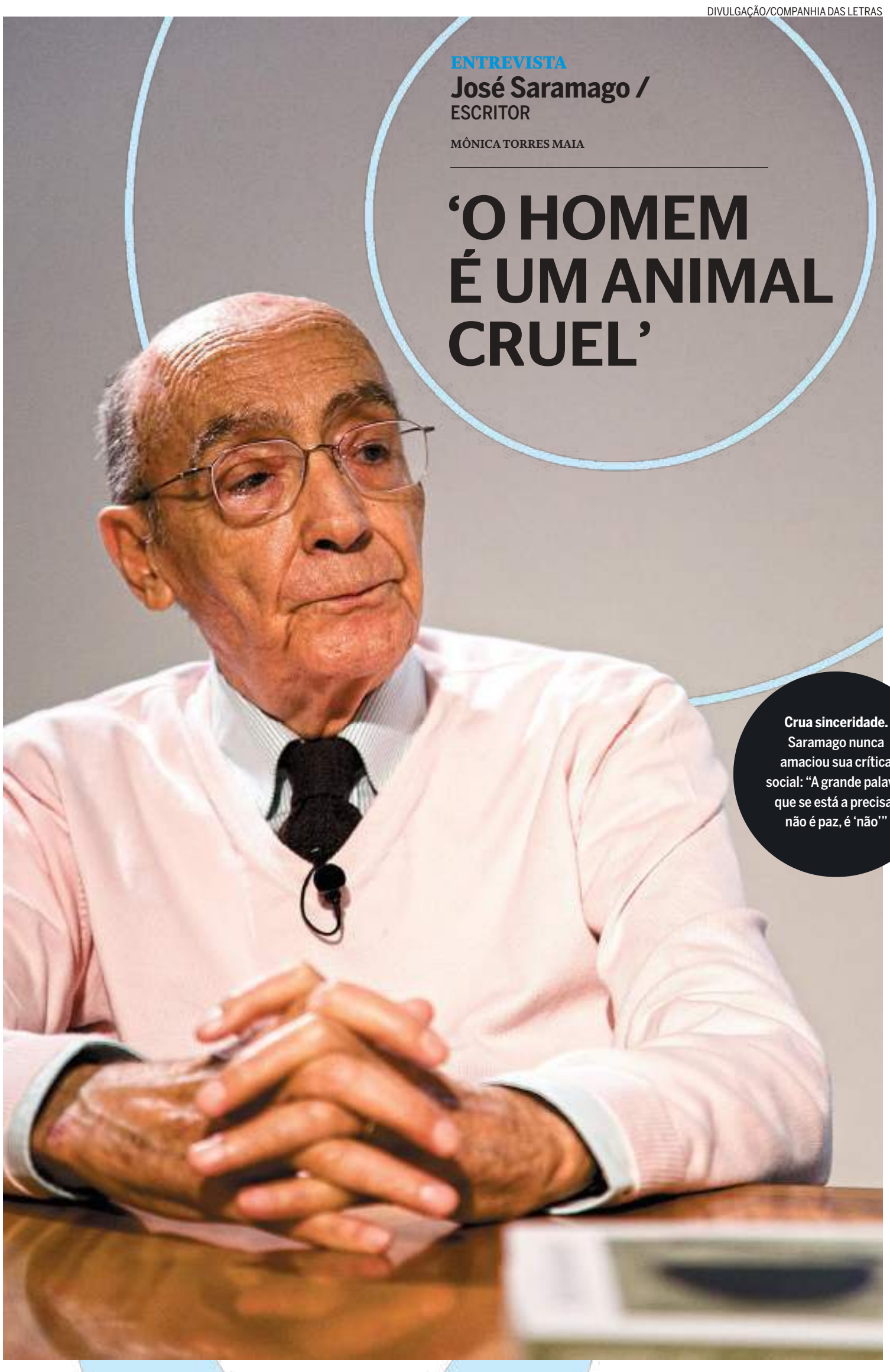
CONTEXTO

Em sua segunda vinda ao Brasil, em 2023, Malala Yousafzai conversou com o GLOBO antes de falar para milhares no Rio de Janeiro. Ela tinha 25 anos, acabara de se formar em Oxford e de se casar. Além de acompanhar de perto os projetos financiados pelo fundo que ainda hoje leva seu nome, a paquistanesa usava sua voz para chamar atenção da comunidade internacional para os direitos de meninas e mulheres no Afeganistão. Na ocasião da entrevista, os EUA tinham se retirado do país, após 20 anos de presença militar, abrindo espaço para o retorno do Talibã ao poder. Imediatamente, o grupo extremista proibiu o acesso de meninas e mulheres às escolas. Hoje, a situação é ainda mais grave: elas estão proibidas de cantar, circular em público e até mesmo irem às janelas de suas casas. Malala, a mais jovem ganhadora do Nobel da Paz, em 2014, tem feito campanha em todo o mundo para o que acontece no Afeganistão seja chamado de apartheid de gênero.


A companhia aérea
que chega a mais
destinos no Brasil
parabeniza o jornal
que, há 100 anos,
chega a milhares
de brasileiros.
O céu
do Brasil é
Azul
Viaje pelo céu
Azul do Brasil.
Saiba mais em
voeazul.com.br

GRANDES ENTREVISTAS

DIVULGAÇÃO/COMPANHIA DAS LETRAS



ENTREVISTA

José Saramago /
ESCRITOR

MÔNICA TORRES MAIA

‘O HOMEM É UM ANIMAL CRUEL’

Crua sinceridade. Saramago nunca amaciou sua crítica social: “A grande palavra que se está a precisar não é paz, é ‘não’”

Que interesse pode ter um diário de um escritor português com notas de caráter local para o leitor brasileiro? A pergunta foi feita esta semana por José Saramago, diante da publicação dos “Cadernos de Lanzarote” no Brasil, pela Companhia das Letras. Ele já tentara minimizar a universalidade dessas 600 páginas na apresentação da edição portuguesa, em 1994. “Ninguém escreve um diário para dizer quem é”, resumira, com a sua habitual crua sinceridade. O leitor que não se iluda: as notas algumas vezes fazem rir, outras vezes enternecem; mais além entreabrem as portas da intimidade do autor. Muitas linhas, porém, provocam apertos no estômago. Saramago toca incessantemente em feridas como a ignorância e a violência, mostrando que as duas continuam alimentando uma à outra.

Ele deixa clara a sua indignação, de várias formas. Seja transcrevendo os protestos contra “O Evangelho segundo Jesus Cristo” de vários leitores, seja chamando de monstros os traficantes de órgãos humanos que mostraram a cara numa notícia de jornal, seja tecendo em forma de poesia uma história que parece irreal mas, assegura ele, é incrivelmente verdadeira: durante a Guerra Civil Espanhola, um piloto recebeu ordens de bombardear Badajoz, uma pequena cidade na fronteira com Portugal. Chegando lá, viu pessoas andando nas ruas, desviou o avião e largou as bombas no campo. Quando regressou à base, seu superior quis saber como correra a missão, e ele respondeu que nada fizera, porque “havia lá gente”. É lógico que essa história é desconhecida do grande público, lamenta Saramago, e até hoje nunca virou argumento de um filme como todas as outras bombas de todas as guerras que vitimaram milhares de vidas.

—A grande palavra que se está a precisar nem sequer é a paz. A grande palavra que se está a precisar é “não” — chicoteia o escritor na entrevista concedida num hotel em Lisboa, onde passou dias para revisar as provas do quarto volume dos “Cadernos de Lanzarote”.

Em Portugal, o primeiro volume, o diário relativo ao ano de 1993, fora lançado nos primeiros meses de 1994, o segundo em 1995 e assim sucessivamente. No Brasil, porque lançados tardiamente, a edição dos “Cadernos” engloba num só os três primeiros volumes portugueses, correspondentes aos anos de 1993,94 e 95. O diário de 96, esse quarto volume que inclui, em seu início, o período em que Saramago passou vários dias no Brasil, será lançado em Portugal no início de abril. Mesmo assim, o escritor, que não permite que se olhe as provas de seus livros, faz confidências. O quarto volume revela o nome do piloto espanhol, Leocádio Mendiola, e traz escritos inéditos da mulher de Saramago, a espanhola Pilar del Río:

—Quando fomos receber o Prêmio Camões no Rio de Janeiro, tenho que dizer que me deu um certo sentimento de pudor escrever o meu diário dos dias que ia passar no Brasil. Na Bahia, com Jorge Amado e Caetano Veloso; no Rio, com Chico Buarque e João Ubaldo Ribeiro... Então pedi à minha mulher que se encarregasse do diário desses dias.

Tudo o que aconteceu na visita ao Rio, revela o escritor, foi descrito pela mulher. Ele apenas passou o texto do castelhano para o português sem cortar ou acrescentar nada. Essa cumplicidade remonta às passagens (e são várias) em que Saramago cita Jorge Amado e a mulher Zélia nos “Cadernos de Lanzarote”. Nos diários já existem muitas referências a cartas trocadas entre os dois. No quarto volume, aparece a correção de uma distorção relativa à sua homenagem ao escritor baiano na cerimônia de entrega do Prêmio Camões.

— Eu disse, então, que a minha admiração e o meu respeito chegavam quase à veneração. No dia seguinte, saiu publicado num jornal brasileiro que eu tinha “quase admiração” por Jorge Amado —lembra.

Entre risos, o português emenda outra passagem:

—Sempre achei um disparate dizer que a nossa pátria é a língua portuguesa, mas Fernando Pessoa tinha dito isso, e os políticos não faziam outra coisa senão repetir, porque não tinham lido efetivamente o que Pessoa quisera dizer. E assim, no meu discurso daquele dia do Prêmio Camões, eu disse que estávamos tratando mal a nossa língua e que continuaríamos a repetir à náusea que a nossa pátria é a língua portuguesa. No dia seguinte, saiu que eu disse que “é preciso repetir até a náusea que a nossa pátria é a língua portuguesa”.

Nos “Cadernos de Lanzarote”, o autor diz que ele próprio só descobriu com o tempo existir uma tênue fronteira entre o que o poeta quis dizer e a realidade. “Para ser grande, sê inteiro: nada/ Teu exagera ou exclui./ Sê todo em cada coisa,/ Põe quanto és/No mínimo que fazes”, aconselhara Pessoa. “Fiz o que pude para não ficar atrás do que se me ordenava”, escreve Saramago em 11 de janeiro de 1995. “Depois compreendi que não podiam chegar-me as forças a tanto, que só raros deveriam ser capazes de ser tudo em cada coisa”. Em outras passagens, ele faz referências a Salman Rushdie e seu livro “Os versos satânicos”, que continua na mira dos aiatolás.

—As coisas mudam muito na superfície, quer dizer, o modo como nos vestimos hoje tem pouco a ver com o século XIX. Mas o que muda muito mais devagar ou muda às vezes para pior é o que está por dentro de nós. Eu descobri recentemente uma coisa que é totalmente óbvia: o simples fato de viver é inseparável de um certo tipo de violência. Se quero comer um bife, isso pressupõe a morte de um boi, o que não é muito diferente da aranha que apanha uma mosca na teia para se alimentar. Portanto, a violência é condição da sobrevivência das espécies. Agora há uma espécie que acrescentou à violência a crueldade, e essa espécie é a nossa. O homem é o único animal cruel que de fato existe.

“Sempre achei um disparate dizer que a nossa pátria é a língua, mas Pessoa tinha dito isso, e os políticos repetiam porque não o tinham lido”

Ao longo dos mais de 30 minutos de conversa, Saramago revela outros segredos suscitados pelos “Cadernos”. Suas referências aos fotógrafos que resolveram pedir-lhe escritos para suas fotos nos últimos anos, deságuam no prefácio que fez para o livro do brasileiro Sebastião Salgado, “Terra”. Indagado se é sobre os sem-terra, a grande ferida brasileira tanto para o fotógrafo como para o escritor, Saramago não evita a confissão:

—Creio que é um livro que vai ser um choque. A reforma agrária que não se faz se estendeu tanto que, por razões sociais, as terras deveriam ser desapropriadas. São 50 anos de luta, de fome, de miséria, de assassinatos.

CONTEXTO

José Saramago veio diversas vezes ao Brasil, onde tinha como amigos Jorge Amado, Chico Buarque, Caetano Veloso e Sebastião Salgado. Em quase todas essas viagens, o português dava entrevistas e se divertia com as confusões feitas entre os lusófonos de lá e os de cá. Em março de 1997, no entanto, a conversa com O GLOBO foi diferente: aconteceu em Lisboa, onde ele preparava o lançamento de mais um volume dos “Cadernos de Lanzarote”, um ano antes de se tornar o primeiro — e até hoje o único — autor de língua portuguesa agraciado com o Nobel de Literatura. Publicada no caderno Prosa & Verso, a entrevista mostra Saramago como de costume: crítico das injustiças, ácido e irônico quando necessário e muito direto.



No Pelourinho. Quando veio ao Brasil receber o Prêmio Camões, em 1996, o português e a mulher, Pilar del Río , passaram uns dias em Salvador, com Jorge Amado

LÚCIA CORREA LIMA/3-2-1996

Algumas histórias não apenas atravessam o tempo – elas o moldam.

Celebrar os **100 anos** de O Globo é reconhecer o papel fundamental da informação na construção de legados duradouros e de um futuro ainda mais sólido.

Com mais de um século de trajetória, sabemos que construir o amanhã requer visão de longo prazo, responsabilidade social e respeito pelos valores que nos trouxeram até aqui.

Que possamos seguir juntos, contando histórias com propósito, inspirando gerações e contribuindo para um amanhã de impacto e relevância.

VOTORANTIM

GRANDES ENTREVISTAS

ENTREVISTA

Ailton Krenak / ESCRITOR E ATIVISTA

WILLIAM HELAL FILHO



GUITO MORETO/11-11-2019

‘FLORESTA É O LUGAR ONDE A VIDA ACONTECE’

Deixar a mansidão do Vale do Rio Doce, em Minas Gerais, para aterrissar no Rio, na hora do rush de uma segunda-feira chuvosa, e ir direto para uma entrevista, exige uma dose de complacência do pensador e ambientalista Ailton Krenak .

“Acho que não pensei direito quando topei”, diz, com humor e toda serenidade do mundo, o líder indígena de 66 anos. Depois de se aninhar no sofá de uma casa de vila na Gávea e de inalar um pouco de rapé (pó feito com folhas de tabaco), Krenak faz as pazes com o cansaço. Logo está dando corda aos pensamentos que forjaram o elogiado livro “ Ideias para adiar o fim do mundo ”, lançado em 2019.

Segundo Krenak, é preciso entender a floresta como um mundo repleto de humanidades, e não um “arranjo de árvores” ou uma fonte de recursos. Na visão do ambientalista, autor de quatro livros, militante da questão indígena há quatro décadas, a sociedade está imersa numa “ecologia do desastre”, que normaliza tragédias como o derramamento de óleo no Nordeste.

Seu livro “Ideias para adiar o fim do mundo” critica a Humanidade que exclui povos originários, como caiçaras, indígenas...

Essa ideia de Humanidade coloca os povos que vivem da terra numa borda, como se o planeta tivesse seções. Enquanto uns habitam, outros perambulam, zumbizando na marginalidade. Mesmo quando se tenta abrir o clube, levando a esses povos saneamento ou saúde, isso é feito como uma dádiva, não uma experiência de compartilhamento. É uma humanidade idealizada, porque se você apertar, não tem os valores que prega. Essa realidade gera uma fixação por realização individual. E na busca pela realização individual, a pessoa quer que o mar se dane, que a floresta se dane. Se ela se safar, o mundo pode afundar. Essa radicalização me deixa desolado. Temos chance de conhecer uns aos outros ou vamos aprofundar o individualismo?

Como chegamos a essa tensão?

As gerações passadas encomendaram esse mundo que agora temos que roer. A provocação é justamente perguntar: “Que mundo nós estamos encomendando para quem virá depois?”

Você vê um movimento de reação das gerações mais novas?

A reação de parte das crianças, dizendo que a geração mais velha, de seus avós, traiu a geração deles, não pode ser ignorada. Estão dizendo isso aos milhares. Vejo crianças deixando de ir à escola na sexta-feira, parando para desprogramar esse mundo. Importante desprogramar esse mundo pra programar outro. Estão dizendo: “Chega de consumo, de empapuçamento e extração. Quero outra coisa”. Eles podem diminuir a velocidade da deterioração do planeta. É como se entendessem que a Terra tem limite. A governança dos adultos não passa a mensagem de que estão empenhados em melhorar. Com isso, as crianças dizem que o mundo adulto é cínico. Não se desapega de um modelo suicida.

Muitos até mesmo negam que o mundo esteja em perigo...

São quase sempre homens mais velhos na cúpula do poder. Pra eles, não faz diferença se a Terra ficar inabitável. Eles fazem uma estação em Marte. Quando eu era jovem, na década de 60, via com admiração a disposição do homem de ir ao espaço. Depois, passei a ver de maneira crítica. Por que não estávamos interessados com o que acontecia na Terra? Na década 80, saiu o Relatório Brutland, dizendo que estávamos na rota do perigo. O esquizofrênico é que se cria tecnologia pra conquistar o espaço, mas não se é capaz de constituir uma cosmovisão (*visão de mundo, das relações humanas e do papel do indivíduo na sociedade*). Se estivessem interessados, saberíamos muito mais sobre a Terra.

Mas já existe a consciência de que o planeta não é infinito e que estamos causando danos à Terra. Os povos da floresta correm um risco maior?

A ideia de um planeta infinito mudou, mas, com isso, muda a visão sobre o acesso das populações tradicionais a seus territórios. Ora, o discurso do governo brasileiro vai contra a Constituição Federal, que assegura aos povos indígenas as suas terras. O governo diz que vai rever isso. Só a manifestação pública dessa vontade já é grave, cria constrangimento para todos. Como o governo de um país ataca sua população originária acusando-a de não colaborar com o progresso? De não ceder seus rios para hidrelétricas ou suas terras para mineração? Como se houvesse uma cruzada para salvar o capitalismo falido arrancando tudo da terra. Esses povos sempre dirão que a terra é nossa mãe e não está à venda.

Por que a sociedade ocidental não enxerga sentido na forma de vida dos povos tradicionais?

Encaram como uma ideia de que já passou. Como se o humano vivendo e esperando os ciclos da natureza, no litoral, na floresta ou onde quer que esteja, pudesse sair e produzir vida em outro lugar. Por isso, tomam suas terras. E essa coisa corporativa vai virando dona de tudo. Já ouvi dizer que o índio fica na floresta sem fazer nada. Mas eles fazem o que fazemos de mais importante: viver. Estudos já mostraram que, em quatro horas de trabalho, alguém que vive colado no mar, na floresta ou no rio consegue o que precisa pra comer, se vestir, se curar, pra tudo. O resto do tempo ele vive. As pessoas acham que isso é fazer nada. Elas têm que inventar algo pra fazer depois de fazer tudo o que precisam.

Há uma falta de entendimento do que é uma floresta?

É o lugar onde a vida acontece, e não uma fonte de recursos. Quando digo que a floresta é um mundo, as pessoas acham uma simplificação. Porque nunca viram a floresta. Assim como muita gente nunca viu o oceano. A compreensão da floresta como algo vivo implica num respeito que estabelece uma ética da existência, a reciprocidade com a natureza. Esse modo de vida proporciona uma prosperidade que não é econômica.

CONTEXTO

Uma das grandes lideranças do país, fundamental na Assembleia Constituinte, Ailton Krenak foi o primeiro indígena eleito para a Academia Brasileira de Letras. Ele tomou posse no ano passado e concedeu esta entrevista em 2019.

O GLOBO
FAZ 100 ANOS.
A NOTÍCIA SEGUE
EM BOAS MÃOS.

Há um século, O Globo é referência em jornalismo que informa, conecta e transforma.

Um jornal que construiu sua história com isenção, confiança, inovação e agilidade.

O Grupo In Press tem orgulho de ser parceiro nessa trajetória há mais de 30 anos

e de seguir ao lado de um jornal sempre à frente de seu tempo, pronto para o futuro.

Grupo In Press

InPress | PORTER NOVELLI · FLEISHMANHILLARD · BRODEUR PARTNERS · T&N · vbrand · Critical Mass

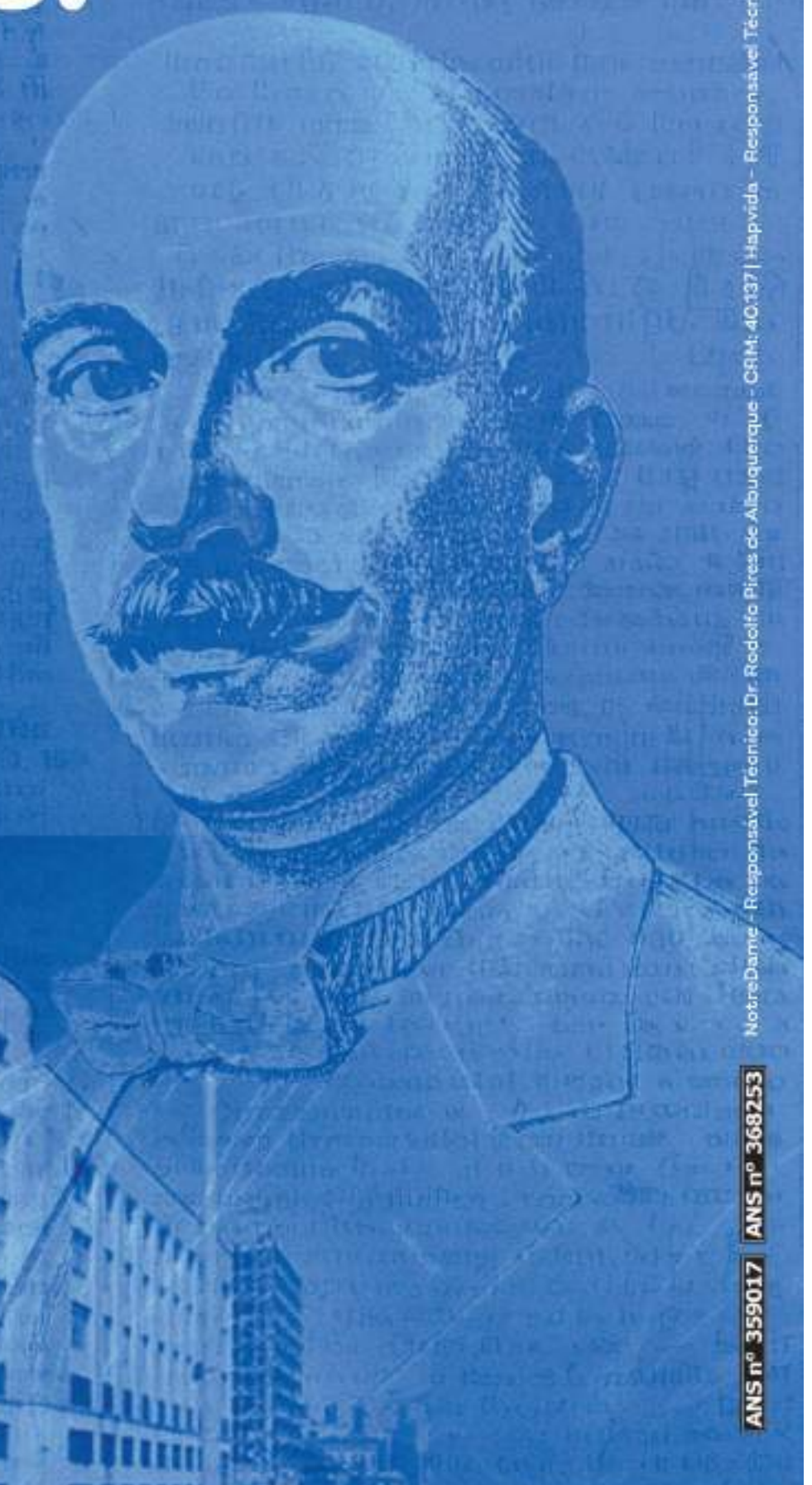
www.grupoinpress.com.br

Parabéns, O Globo.

A verdade continua atual. Mesmo depois de **100 anos.**

Em tempos de mudança,
algumas ideias permanecem:
informar com responsabilidade,
ocupar espaço com ética,
marcar presença com verdade.
O Globo faz isso há 100 anos.
É por isso que o tempo não
o superou, apenas confirmou.

A Hapvida celebra essa história
com quem também acredita
no valor do que é constante.







O GLOBO 100

Hapvida
NotreDame

ANS nº 359017 | ANS nº 368253

NotreDame - Responsável Técnico: Dr. Rodolfo Pires de Albuquerque - CRM: 40.137 | Hapvida - Responsável Técnico: Dr. Francisco Floriano Delgado Perdigão - CRM/CE 4953

FOTOS DE KARLA BRIGHTS





Inspiração. Obra de Conceição influencia jovens autoras negras e levou à demanda por lugar na ABL

ENTREVISTA

Conceição Evaristo / ESCRITORA

RUAN DE SOUSA GABRIEL

‘COM A LITERATURA, MINHA VIDA É MUITO’

Conceição Evaristo fica em silêncio por alguns instantes, mira o teto, respira fundo e encara a câmera da chamada de vídeo com olhos d’água. A escritora se emociona ao falar da mãe, Joana Josefina, que morreu em 2021, aos 98 anos. Tocada por “Quarto de despejo”, de Carolina Maria de Jesus, Josefina, que também era empregada doméstica, começou a manter um diário. Agora, Conceição trabalha num romance que mistura suas memórias de filha ao diário de Josefina, já homenageada no poema “De mãe”: “e me ensinou, insisto, foi ela/, a fazer da palavra artifício/ arte e ofício do meu canto,/ da minha fala”.

Maria da Conceição Evaristo nasceu em 1946, na Favela Pindura Saia, em Belo Horizonte. Ouviu o chamado da literatura ainda menina e conciliou estudos e empregos domésticos até se formar professora e mudar-se para o Rio. Começou a publicar em 1990, nos “Cadernos negros”, do coletivo Quilombhoje. Seu primeiro romance, “Ponciá Vicêncio”, já estava pronto no fim dos anos 1980, mas só foi lançado em 2003, em edição paga pela autora.

O reconhecimento só veio na década seguinte. Em 2015, seu livro de contos “Olhos d’água” venceu o Prêmio Jabuti. Hoje, ela é uma das escritoras mais festejadas do Brasil, arrasta multidões por onde passa. Autora de lemas do movimento negro (como “eles combinaram de nos matar, mas a gente combinamos de não morrer”), Conceição inventou um novo gênero literário, a “escrevivência”, nascida da experiência afro-brasileira, que, desobrigada de entreter a casa-grande, põe-se a contar a própria história.

Qual é o lugar da memória na escrevivência?

Se minha mãe e minhas tias escrevessem, teriam sido memorialistas. Cresci ouvindo as memórias delas. É a memória que coloca os negros como sujeitos fundantes da nação brasileira. Na literatura, o romantismo criou mitos fundantes da identidade nacional. Em “Iracema”, de José de Alencar, o brasileiro é filho de um português e de uma indígena. O negro escravizado não entra no mito. É a memória e a escrita de autoria negra que, ao recuperar personagens como Zumbi e Dandara dos Palmares, nos possibilita inventar uma tradição e nos colocar também como fundadores da nação.

Como sua mãe influenciou sua trajetória?

Ela me ensinou a assuntar o mundo. Era silenciosa e intensa, um vulcão de pensamentos colhidos na observação do mundo. A escrita me exige esse senso de observação que ela tinha. Para captar o mundo, por mais ligeiro que ele seja, não se pode ter pressa.

Por que a senhora só foi reconhecida como grande escritora perto dos 70 anos?

Ser uma mulher negra me impediu de acessar certos lugares e ser lida. A crítica literária acha que o nosso texto só fala de questões raciais e não presta atenção à estética. Vários escritores só passaram a me cumprimentar depois que eu ganhei o Jabuti. Ser uma escritora negra reconhecida desperta a curiosidade, acham tão inacreditável que acabam me lendo.

Como nunca desistiu?

O primeiro lugar de recepção da minha obra foi o movimento social negro. Ter uma coletividade que me lia foi importante para eu saber meu valor. A literatura me escolheu. Desde menina, eu sabia que a vida não podia ser pouco, a vida tem que ser muito. Com a literatura, a minha vida é muito.

O que aprende com seus jovens leitores?

Muitos são crianças, têm idade para ser meus netos. Eles me fazem ver que a sociedade brasileira está amadurecendo e que, apesar de tantas mazelas, estamos construindo um futuro justo, onde todos vamos caber, onde todas as vidas serão possíveis.

Na escola, a senhora venceu um concurso de redação com o tema “Por que me orgulho de ser brasileira”. O orgulho permanece?

Aquela redação tinha uma coisa meio “minha terra tem palmeiras onde canta o sabiá” (risos). Me orgulho de ser brasileira porque meus ancestrais, os escravizados e seus descendentes, construíram essa nação. Se o Brasil tem vergonha de sua história, a culpa não é do meu povo. Marcamos positivamente essa nação.

> “Se o Brasil tem vergonha de sua história, a culpa não é do meu povo. Marcamos positivamente essa nação”

É tida como um símbolo de resistência. Como descansa?

Não descanso. Durmo pouco, não tiro férias. As meninas que trabalham comigo cuidam de mim, me dizem para não aceitar tanto convite. Mas se eu vou à Bienal, como é que eu não vou a uma escola do interior que me chama? A demanda é grande, faço de tudo para dar conta, não gosto de fazer nada superficialmente. No segundo semestre, não vou assumir mais compromissos porque preciso escrever. Não quero deixar obra póstuma.

Ficou viúva aos 43 anos. Quis se casar de novo?

Casar, não. Namorar, sim. Nunca fui seduzida pelo vestido de noiva, sempre achei ridículo. Minha família era de mães solo. Conheci meu marido, Oswaldo, com mais de 30 anos e fui mãe aos 34. Tivemos uma relação de muita cumplicidade, eu sabia que não viveria outra igual.

Sua filha nasceu com uma deficiência genética rara que afetou seu desenvolvimento. Como viveu a maternidade atípica?

O médico disse que Ainá não passaria dos três meses de vida. Ela está com 44 anos. Ela foi meu esteio quando meu marido faleceu. Ainda me emociona falar da passagem de Oswaldo porque eu não pude chorar na época. Se chorava, ela vinha com os olhinhos arregalados e chorávamos juntas. Ser mãe de Ainá me deixou um pouco prepotente, porque eu dei conta, minha vida não parou e consegui fazer dela uma pessoa feliz. Não tenho paciência com quem faz estardalhaço porque espetou o dedo num alfinete.

Ano que vem, a senhora completa 80 anos. O que a move nesta fase da vida?

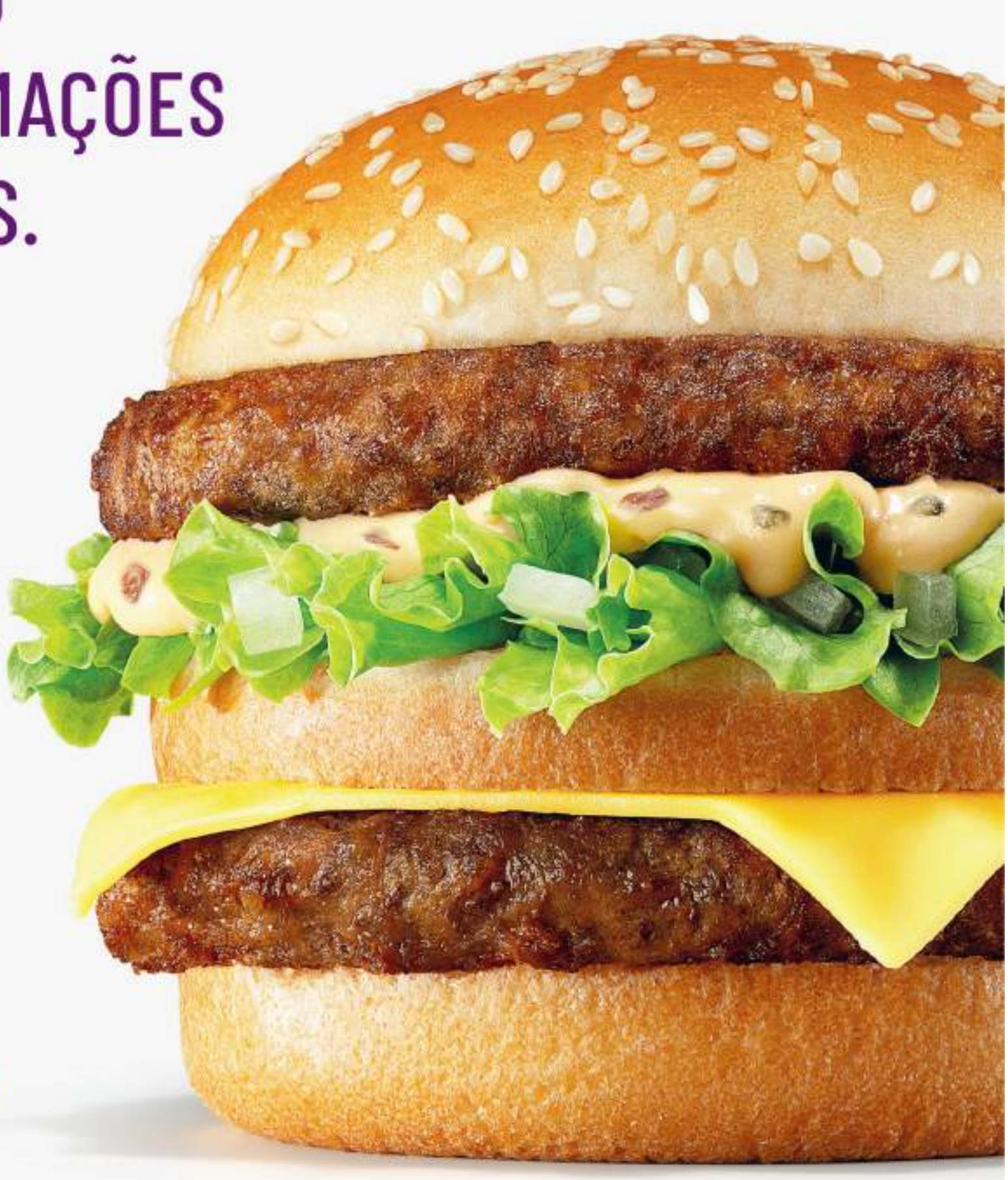
Tenho vários projetos, como um romance sobre a minha mãe e um livro de poemas que eu não quero chamar de eróticos.

CONTEXTO

De uma família de mulheres, Conceição Evaristo conciliou os estudos no curso normal com o trabalho como empregada doméstica. Professora, foi no ano de 1990 que se formou em Letras na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Vinte e um anos depois, concluiu o doutoramento em Literatura Comparada. Com a “escrevivência”, gênero criado por ela que é misto de história e memória, desenvolveu sua trajetória na literatura com romances, poemas e contos. A escritora, que fala sobre suas vida e obra na entrevista feita em junho de 2025, tornou-se referência para autoras mais jovens e, por iniciativa do movimento negro, apresentou sua candidatura à Academia Brasileira de Letras em 2018. Recebeu um voto, mas abriu o debate público sobre a ausência de mulheres negras na instituição. Sete anos depois, Ana Maria Gonçalves, autora de “Um defeito de cor”, foi eleita a nova dona da cadeira 33 da ABL.

BRASILEIROS.
CARIOCAS.

APAIXONADOS
POR ALIMENTAR
O PÚBLICO
DE INFORMAÇÕES
E SABORES.



PARABÉNS
PELOS 100 ANOS
DE O GLOBO.
É UMA HONRA
FAZER PARTE
DESSA HISTÓRIA
HÁ 73 ANOS.

Bob's

ENTREVISTA

Margaret Atwood

ESCRITORA

RUAN DE SOUSA GABRIEL



DIVULGAÇÃO

‘SE O SEU LIVRO FOR BEST-SELLER, VÃO ATACÁ-LO’

Embora seja a entrevistada, é Margaret Atwood, autora de “O conto da aia”, quem faz as primeiras perguntas. Quer saber como está o clima em São Paulo e se impressiona ao ouvir que até em dezembro houve dias frios. Diz que no Canadá, sua terra natal, os invernos já não são mais tão rigorosos. Pergunta sobre a pandemia, sobre o andamento da vacinação e sobre os ataques do governo brasileiro aos povos indígenas. Atwood, porém, também opina. Fala sobre aborto, sobre a adaptação de sua obra mais célebre para o streaming, sobre a polarização do debate público, sobre viagens a Marte e sobre robôs sexuais. A autora, que participou da Festa Literária Internacional de Paraty (Flip) em 2022, se define como uma “escritora bocuda”.

No mesmo ano, a Rocco publicou dois livros seus no Brasil: a antologia de contos “Colchão de pedra” e o romance “O coração é o último a morrer”, que acompanha um casal falido que topa trabalhar (e morar!) num presídio privatizado e se envolve com robôs sexuais. Lançado em 2015, o romance é mais uma das distopias de Atwood. A seguir, confira o que ela disse ao GLOBO.

De todas as discussões contemporâneas sobre ética sexual, por que incluiu o debate sobre robôs em “O coração é o último a morrer”?
Porque a história pedia (risos). Os robôs sexuais avançaram muito. São um daqueles temas sobre os quais há posições extremas contra e a favor e quase nenhum meio-termo. Quando somos crianças, existem o bem e o mal, e nada no meio. Na vida real não é assim. Os robôs sexuais são tão perturbadores porque são quase humanos, mas não são humanos.

No ano passado, você assinou um manifesto contra a cultura do cancelamento e foi duramente criticada...
Isso tem se repetido ao longo da minha vida. É o que acontece quando você tem uma opinião. O problema é o que eu chamo de “pensar em duas caixas”. É como se só houvesse duas caixas onde deveríamos encaixar tudo. Não é assim que a natureza funciona. Pense nisso.

Você já disse que não gosta da expressão “intelectual público” e prefere ser uma “escritora bocuda”. Por quê?
A maioria das pessoas não pode expressar publicamente suas opiniões por medo de perder o emprego. Não tenho obrigação de opinar, mas decidi fazer isso. Tenho falado sobre a crise climática, que precisamos resolver ou não continuaremos no planeta por muito tempo.

A série “O conto da aia” tornou sua obra mais popular. Aumentou a pressão para que se manifeste ou recebe mais críticas às suas opiniões?
Quanto mais proeminente você fica, mais será atacado. Em 1972, eu tinha feito algum sucesso com um livro e um escritor me disse: “Agora você é um alvo e vão atirar em você”. Ele acertou! Digo a jovens escritores: “Se o seu livro for um best-seller, em um ano ao menos três pessoas que você não conhece vão atacá-la pessoalmente. Prepare-se!” Isso acontece especialmente com jovens mulheres.

O hábito das aias virou uniforme de protestos feministas. Você mesma participou da luta das argentinas pelo aborto. Como se sente quando sua obra inspira os leitores à ação política?
Me envolvi na luta argentina pelo aborto a pedido do movimento Ni Una Menos, que denuncia os feminicídios. Para mim, a questão é simples: o Estado é dono dos nossos corpos? Quando você é obrigado a servir ao Exército, o Estado é dono do seu corpo e deve pagar por suas roupas, comida, moradia, despesas médicas etc. Se o Estado quer ser dono dos corpos das mulheres, que pague por isso. Limitar o aborto a casos específicos é assassinato judicial.

Na Flip, você disse que a sabedoria indígena pode nos ajudar a superar a crise climática.
O pensamento indígena me interessa há muito tempo. Eles podem nos ensinar como impedir que nossas utopias igualitárias se tornem ditaduras. Várias sociedades indígenas têm arranjos sociais igualitários em que as habilidades individuais também são premiadas.

O que você gosta de ler?
Tudo! Cresci sem televisão, rádio, telefone e eletricidade. Tudo o que eu fazia era ler, escrever e desenhar. Leio até revista de companhia aérea, caixa de cereal, rótulo de vinho. Aliás, rótulos de vinho são muito poéticos (risos)! Ultimamente, ando interessada por livros sobre História e a crise climática. Tenho estantes só com livros sobre a peste negra, julgamentos de bruxaria, folclore, história militar e feminismo. Meus interesses são muito diversos. Só não me interesso por astrofísica. Não tenho vontade de ir para Marte.

CONTEXTO

Escritora e crítica literária de grande reconhecimento, a canadense Margaret Atwood tornou-se best-seller internacional com o sucesso da adaptação de seu romance “O conto da aia” para a televisão. Lançado em 1985, chegou à TV em 2017. Por isso, quando participou da Flip pela primeira vez, em 2004, Atwood circulou tranquilamente por Paraty. Anos depois, ela voltou à festa, mas de maneira remota. Como tantos outros eventos, a Flip foi realizada à distância durante a pandemia de Covid-19. Mas Atwood já estava em outro patamar, e aproveitou sua nova fama para falar abertamente sobre temas que a mobilizam, como a crise climática e o feminismo. Hoje, com o fim da série “O conto da aia”, que foi além de sua obra, a escritora é constantemente convocada para dar sua opinião sobre temas contemporâneos — como faz nesta entrevista publicada em 2021.

Há missões que se tornam ainda mais essenciais com o tempo. Há 100 anos, O Globo cumpre a missão de fiscalizar o poder, dar contexto à complexidade do mundo e oferecer ao Brasil um espelho de si mesmo.

Em tempos de ruído constante, a apuração rigorosa e a palavra bem empregada são alicerces da cidadania e do debate público.

Nós, que também temos na palavra nosso ofício, celebramos o centenário de um jornalismo que não apenas registra a história, mas ajuda a construí-la.

Parabéns, O Globo, por um século de serviços prestados ao país.

galdino
Pimenta, Takemi, Ayoub
Salgueiro, Rezende de Almeida

SÃO PAULO I RIO DE JANEIRO I BRASÍLIA I BELO HORIZONTE



Ao longo de um século, a nossa trajetória se une com a do Globo e com a do Rio de Janeiro. Afinal, uma cidade só evolui com energia e informação.

Hoje celebramos juntos.
PARABÉNS, O GLOBO, PELOS SEUS 100 ANOS.

O GLOBO 100 | 120 ANOS Light

Domingo 27.7.2025

DIVULGAÇÃO/FERNANDO YOUNG



Músico. Caetano no clipe de "Anjos tronchos", canção do álbum "Meu coco" que faz crítica ao Vale do Silício

ENTREVISTA

Caetano Veloso / COMPOSITOR

Visitamos dois tempos de Caetano nos 100 anos do GLOBO: em 1986, ele lançava um filme; em 2021, um álbum

MALU GASPAR

'MEU DESEJO É CONFUNDIR O ALGORITMO'

Caetano Veloso diz que não entende muito de tecnologia. Não tem celular, não consulta o que dizem a seu respeito nas redes sociais e, por vezes, tem dificuldade para encontrar as músicas de que gosta no Spotify.

Isso não impediu que ele produzisse, com a recém-lançada música "Anjos tronchos", um manifesto contundente e certeiro sobre como a revolução democrática prometida pela internet redundou num cenário político violento, que permitiu a ascensão de autocratas mundo afora — os "palhaços líderes" que "brotaram macabros" na letra.

> "Os conservadores terem que deixar de ser silenciosos significa que a capacidade real de conservação deles como grupo está ameaçada"

A música faz parte de "Meu coco", primeiro álbum de inéditas de Caetano desde "Abraçaço", que será lançado no próximo dia 21 nas plataformas de streaming, com 12 faixas nunca gravadas pelo compositor, embora algumas já sejam conhecidas, como "Pardo", que ele compôs para a cantora paulistana Céu; "Autoacalanto", uma homenagem ao neto Benjamin; e "Noite de cristal", gravada originalmente pela irmã Maria Bethânia no disco "Maria" (1988).

Mas, apesar de admitir que o tom de "Anjos tronchos" é sombrio, Caetano não acha que estamos fadados a ter nossa vida governada pelos algoritmos. Nesta entrevista, ele explica por que considera que a superexposição proporcionada pela internet ameaça e enfraquece o conservadorismo.

E conta como ele mesmo por vezes se rebela — contra as estratégias da indústria de streaming, contra os consensos políticos e até contra os próprios algoritmos que tentam obrigá-lo a ver determinados conteúdos no YouTube.

Me chamou atenção o tom um pouco amargo de "Anjos tronchos". Não está dando para achar otimismo nas coisas agora?

Não faltam razões para que a gente esteja amargo. Acho que essa canção tem um tom sombrio, mas não deixa de observar aspectos luminosos que vieram com essa revolução tecnológica.

Por exemplo?

Aparecem ali poemas como jamais, pensando nos poetas concretos, principalmente Augusto de Campos, e coisas com desenvolvimento dos computadores. E no fim, no último verso, tem o caso da Billie Eilish. Ela já cresceu com a mente dentro desse mundo desenvolvido da tecnologia digital e tem um tipo de criatividade ligada a isso, que é luminosa e bela. Então há coisas também positivas. Mas a base da canção é sombria.

Você chamou de desabafo. De onde saiu esse desabafo, em que momento te deu isso?

Foi aos poucos. E, quando eu li uma coluna do Pedro Doria *(colunista de tecnologia do GLOBO)*, me veio à mente essa imagem dos anjos tronchos no Vale do Silício. Pensei: "Eu posso continuar porque silício é uma palavra boa para rimas em português".

E eu achando que era uma coisa existencial, pandemia...

Não deixa de ser a base. Tenho muitos amigos que ficaram muito entusiasmados quando a internet começou a se desenvolver e se afirmar, que era um aprofundamento da democracia. Mas eu os achava demasiado otimistas. Eu via o interessante disso, mas temia muito do que de fato veio a acontecer. Não cheguei a temer o surgimento do Trump ou do Bolsonaro, essas coisas horrendas. Não pensei como uma profecia, mas nessa manifestação das pessoas numa situação de anonimato relativo, de uma queda da vergonha em relação ao ressentimento. Eu via o risco de poderem crescer ondas coletivas de ressentimentos, uma coisa que a gente vê muito e de onde vem o lado sombrio da minha canção, entendeu?

> "A ideia de anjos tronchos no Vale do Silício é uma espécie de retrato que já dizia alguma coisa do nosso tempo, nas próprias imagens"

O que é esse ressentimento de que você fala?

Ressentimento do prestígio que as atitudes progressistas têm na imprensa, nos mundos acadêmico, artístico e intelectual. O ressentimento no aspecto progressista político. E que também representa uma certa novidade, porque o conservador era chamado de maioria silenciosa. Os conservadores terem que deixar de ser silenciosos significa muito, significa que tudo está mudando. E também que a capacidade real de conservação deles como grupo está ameaçada. Eles já precisam não ser silenciosos. Isso também é uma demonstração de fraqueza inelutável.

Você falou que a tecnologia prometia democratização profunda e acabou entregando mais o contrário. A culpa é do algoritmo?

Eu não sei *(risos)*. Você sabe que as canções vão na frente da gente. Tive essas três coisas no princípio. A ideia de anjos tronchos no Vale do Silício, que é uma espécie de retrato que já dizia alguma coisa do nosso tempo, nas próprias imagens. Fiquei arrebatado pela necessidade de fazer uma canção com esse começo, mas não consegui fazer mais nada. Eu não sei, eu não entendo disso, entendeu? Não sou muito bom de internet, nem de rede social.

Você não tem celular, não tem rede social, é isso?

Eu não tenho celular, não vejo rede social. Eu tenho, evidentemente, minha rede social. Eu, às vezes, posto coisas que sou eu que escrevo e mando pra minha equipe. Mas eu não vejo comentários, do que me xingam, os que me apoiam, eu não sei nada disso. Eu ouço contar histórias que dizem que (pessoas) estão sendo muito agredidas, xingadas, ou que estão se dando muito bem em determinado tema. Mas eu não acompanho, eu não entro nesse ritmo. Então eu não sou um conhecedor do negócio na vivência.

Você acha que os algoritmos provocam esse comportamento destrutivo ou eles apenas potencializam algo que já está dentro da gente?

Acho que potencializa. Evidentemente, eles produzem novas realidades que resultam em coisas concretas, mas não é dizer que éramos um povo equilibrado, suave em sua vivência, que foi desvirtuado pelos algoritmos do digital, pelos anjos tronchos do Vale do Silício.

Me contaram que você fica testando os algoritmos, fazendo várias buscas diferentes pra ver se você despista o algoritmo para ele te oferecer coisas diferentes, é verdade?

Não, não faço assim, não! O que aconteceu foi que eles me surpreenderam pelo seguinte... Porque, por exemplo, eu queria saber o que o Olavo de Carvalho estava falando em um determinado momento. Aliás, aqui entre as pessoas que eu conheço, sou maluco porque eu dava importância a Olavo de Carvalho. Mas eu conhecia os livros dele desde o começo, né? Aí, como eu olhava por essas razões que descrevi aqui, começa a vir uma porção de caras de direita porque o algoritmo me viu procurar Olavo de Carvalho. Então ficava driblando, botava outra coisa para poder não ficarem me enchendo o saco com isso, mas é só.

Deu certo, funcionou?

Mais ou menos. Eles ficam confusos.

Confundiu o algoritmo.

É o que eu desejo.

CAETANO, O FURIOSO

GENETON MORAES NETO

Eis o homem: estendido numa poltrona na cobertura de um apartamento na rua General Urquiza, no Leblon, o diretor de cinema Caetano Veloso saboreia a expectativa do lançamento comercial do filme "O cinema falado", primeiro longa-metragem que realiza depois de um longo e platônico amor com as câmeras. Irônico, Caetano Veloso se considera um cantor de rádio que virou diretor de cinema apenas porque teve a chance de dirigir um filme.

Antes de viajar para Cuba, a cineasta Suzana Amaral disse — sem ter visto o filme — que o Caetano Veloso cineasta não passa de um "urubu da vanguarda", ocupado em sugar o cadáver de modismos estéticos mortos e enterrados há dez anos. Na noite de exibição de "O cinema falado", o cineasta Arthur Omar tentou interromper a sessão gritando que o filme era mistificação, uma porcaria.

Caetano abandona o ar relaxado, ergue-se da poltrona e começa a dar o troco. Ele não brinca. Credita os ataques ao atraso de vida da cultura brasileira. Diz que tem pena dos que vivem vestindo o figurino das vanguardas estrangeiras. E constata, desolado: "O que explodiu não foi o filme. O que explodiu foi a burrice".

O cinema brasileiro passou um bom tempo sem provocar polêmicas. Isso é um sinal de mediocridade?

A ausência de polêmica não é, necessariamente, um sinal de mediocridade. Eu preferiria, até, no caso deste filme, que não houvesse tanta polêmica, porque a polêmica nasceu justamente de um certo atraso de um grande número de pessoas, não só em relação ao que se passa no cinema, mas também em relação ao que se passa com a gente no Brasil. E, ainda, em relação ao que significa o fato de eu ser o que sou como músico popular, e ter feito o filme que fiz — e não outro. Há muito provincianismo, muita ignorância, muita pobreza, muita preguiça mental. É esta a razão da polêmica. Então, o fato de ter havido polêmica não me parece salutar. O que me parece salutar é que, já que existe tanto atraso, o filme tenha sido capaz de provocar polêmica. Nós estaríamos em melhor situação se não necessitássemos dessa polêmica atrasada, que não tem nada a ver com o filme em si. É uma polêmica antiquada, anterior a tudo o que foi feito.

As patrulhas ideológicas foram substituídas pelas patrulhas estéticas?

Há um pouco de patrulhas estéticas. As reações através dos anos têm sido tão frequentes! Digo que há um pouco de patrulhas estéticas porque, agora, há enganos esteticistas em que se pensam coisas assim: se eu pusesse Hamilton Vaz Pereira recitando um trecho do "Grande Sertão: Veredas" com a câmera mais parada e o plano mais aberto, com a parede toda branca e ele de camisa preta, tudo em preto e branco, algo parecido com o filme da Laurie Anderson — com umas coisas assim de "vanguarda" —, uma porção de gente ia pensar que seria bonito, porque pessoas assim ficam, coitadinhas, tendo de se pautar de acordo com o que pensam que é a vanguarda de Nova York e Londres. Coitadas: elas pensam que aquilo é o céu das coisas. E este é o problema.

Suzana Amaral, a diretora, diz que você é um "urubu da vanguarda", porque quer ressuscitar uma estética cinematográfica morta e enterrada há pelo menos dez anos. Dá raiva?

Dá. A declaração dela é de uma agressividade terrível contra mim. Ela me chamou de "urubu da vanguarda", falou de cadáveres e usou palavras fortes assim, mas sem razão, porque ela, uma senhora de família que dirigiu um filme ingênuo e inspirado como "A hora da estrela", não pode estar usando palavras violentas contra mim. Aquilo me deixa mal. Fiquei com raiva e um pouco deprimido até. É desagradável. Não gostaria nunca que aquilo tivesse acontecido. É um atraso de vida.

Você compra a briga com Artur Omar, o cineasta underground que disse que o seu filme é uma porcaria, vanguarda de amador e uma mistificação?

Não conhecia Arthur Omar. É um bom lançamento dele, para mim. O meu filme, eu já tinha visto cinco vezes e gostado um bocado. Agora falando mal, de antemão, somente porque acha que não tenho o direito de fazer e quer me proibir de falar porque teme que eu tome o espaço alheio, porque sou famoso. "A hora da estrela" é comovente. Gostei tanto porque sou um sujeito de temperamento compassivo. Aquilo me comove. Chorei no cinema. Marcélia Cartaxo (atriz principal do filme) é absolutamente maravilhosa.

Ter medo do Caetano Veloso cineasta é sinal de burrice?

Ter medo e se entregar ao medo é sinal de burrice. Você não viu o filme e vai logo falando mal? Você não viu o filme e vai logo falando mal? Você não viu o filme e vai logo falando mal?

GRANDES ENTREVISTAS

ENTREVISTA

Sueli Carneiro / FILÓSOFA

LEDA ANTUNES

‘A VIOLÊNCIA RACIAL NOS IMPULSIONA A SERMOS AGENTES CIVILIZATÓRIOS DO BRASIL’

Há mais de três décadas, a filósofa e ativista Sueli Carneiro, de 71 anos, tem sido nome fundamental do feminismo negro brasileiro. Nascida no bairro da Lapa, em São Paulo, pertencente à geração que criou o Movimento Negro Unificado, ela foi uma das primeiras vozes a defender os recortes de gênero, raça e classe.

Autora de “Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil”, Carneiro fundou, em 1988, o Geledés — Instituto da Mulher Negra, onde coloca em prática sua visão de intelectual e militante. Sua trajetória foi contada na biografia “Continuo preta”, escrita pela jornalista Bianca Santana, e celebrada na Ocupação Sueli Carneiro, no Itaú Cultural.

Em rara entrevista, ela reflete sobre sua história, o feminismo negro e a atuação da Fundação Cultural Palmares sob o governo Bolsonaro: “Não importa o tempo que será necessário, faremos Palmares de novo”.

Como é ver sua trajetória transformada em biografia e exposição?

As duas sinalizam para tantas histórias que precisam ser contadas. Personagens que, com a sua luta, sinalizam sempre a possibilidade de outro projeto de país. A violência racial que sofremos nos impulsiona a sermos agentes civilizatórios do Brasil, na medida em que incansavelmente advogamos por valores e princípios radicalmente democráticos que possam não apenas nos libertar da opressão racial, mas redimir e reconciliar esse país com a sua própria história.

> “O protagonismo das jovens negras é o fato mais auspicioso a comemorar. vibrante, plural, afirmativo e corajoso”

No centro da exposição há uma árvore, a partir da qual se revela a sua história. O que essa imagem representa?

Quando eu vi a copa daquela árvore, adornada por conchas delicadas, me deu a impressão de estar sob um alá de Oxalá estilizado. Senti que a exposição estaria também sob os auspícios de Oxalá, o grande orixá, secundado por seus diligentes filhos que nela nos introduzem: Exu, abrindo alas para seu irmão Ogum, que governa a minha vida e meu destino e orienta os caminhos da exposição, em harmonia com Oxumaré, que se eleva pela árvore sagrada embelezando a exposição com as cores de seu arco-íris. As conchas simbolizam ainda, para mim, a saga coletiva de mulheres e homens negros.

Nas palavras de sua biógrafa, você enegreceu o feminismo brasileiro. Concorda?

Essa expressão advém de um ensaio intitulado “Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero”, com o qual procurei assinalar a identidade branca e ocidental da formulação feminista clássica e revelar a sua insuficiência para integrar as diferentes expressões do feminino construído em sociedades multirraciais e pluriculturais.

O seu trabalho faz referência ao legado de mulheres negras que vieram antes e influencia uma nova geração. Qual é a importância deste diálogo?

Eu já disse que descobri o que eu queria ser quando assisti pela primeira vez a uma conferência de Lélia Gonzalez. Em agradecimento, me comprometi a honrar o seu legado. Mas, além de uma questão pessoal, é parte de uma tradição negro-africana: esse permanente diálogo entre presente, passado e futuro que experimentamos em nossas manifestações culturais.

Quando olha sua vida em retrospecto, o que mais lhe emociona?

Considero o atual protagonismo das jovens negras o fato mais auspicioso a comemorar. Um protagonismo vibrante, plural, afirmativo e corajoso. São jovens negras dando continuidade às lutas de várias gerações, e que eu estou tendo o privilégio de assistir assumindo a liderança de nossa luta por emancipação. Hoje, com alegria, eu digo: saudações e gratidão por nos assegurar que a luta está em boas mãos.

A Fundação Palmares tem apagado biografias de personalidades negras. Como avalia sua atuação?

A Fundação Cultural Palmares foi criada em 1988, no bojo das lutas por democratização que desembocaram na Constituição Cidadã. Ela faz parte das conquistas dos movimentos negros e de mulheres que criminalizaram o racismo, destituíram o pátrio poder, legitimaram ações afirmativas para grupos historicamente discriminados e ofertaram reconhecimento das terras dos remanescentes dos quilombos. A minha resposta é a que temos dado em todas as conjunturas adversas: não importa o tempo que será necessário, faremos Palmares de novo.

Sueli diz que descobriu o que queria ser quando assistiu uma conferência de Lélia Gonzalez: “Em agradecimento, me comprometi a honrar o seu legado”

CONTEXTO

Sueli Carneiro foi coordenadora do Programa Mulher Negra do Conselho Nacional dos Direitos das Mulheres durante o processo de redemocratização do Brasil, em 1988. Quando completou 70 anos, em 2020, foi celebrada com uma biografia. No ano seguinte, ganhou um exposição dedicada a sua trajetória no Itaú Cultural, em São Paulo. Foi esse o motivo de sua entrevista ao GLOBO, concedida em 2021, época em que, no governo Bolsonaro, as políticas da Fundação Palmares, de promoção da cultura negra na sociedade brasileira, estavam sob ataque. Referência do feminismo brasileiro, ela tem tido sua obra publicada, culminando com a edição, em 2023, pela Zahar, de sua tese de doutorado, “Dispositivo de racialidade.” A filósofa venceu a categoria “Diversidade” no Prêmio Faz Diferença 2024, entregue pelo GLOBO. O jornal celebrou sua trajetória e a criação da Casa Sueli Carneiro, que reúne mais de 4 mil documentos, além dos quatro livros e dezenas de artigos que escreveu.

DIVULGAÇÃO/ANDRÉ SEITI

CIMED

COLORIMOS ESSA PÁGINA DE AMARELO PORQUE UMA DATA COMO ESSA NÃO PODERIA PASSAR EM BRANCO.

PARABÉNS,
O GLOBO 100

ENTREVISTA

DOMENICO DE MASI / SOCIÓLOGO

BOLÍVAR TORRES

‘MUNDO ATUAL É O MELHOR DOS QUE EXISTIRAM ATÉ AGORA’



“O mais feliz”. Sociólogo foi grande amigo de Oscar Niemeyer, de quem seguiu conselho: “O que importa é a vida, os amigos e esse mundo injusto que temos que modificar”

ADRIANO VIZONI/FOLHAPRESS

Nos últimos anos, o sociólogo Domenico De Masi se dedicou a estudar os impasses da sociedade pós-industrial. A entrevista aconteceu na época do lançamento de “O mundo ainda é jovem” (Vestígio), série de entrevistas com o italiano feitas pela jornalista Maria Serena Palieri, nas quais De Masi, testemunha de diversas transições sociais, culturais e tecnológicas , reflete, sempre sob um olhar otimista, sobre os rumos da Humanidade, a partir das mudanças que afetam nossas vidas. A sociedade atual, diz ele, é marcada pela desorientação e pela falta de modelos. Ainda assim, o autor do best-seller “O ócio criativo” (2000) é categórico ao afirmar que, embora longe de ser ideal, esta é a melhor das épocas que já existiram para se viver.

Mesmo com todas as crises do mundo, o senhor prefere ver o copo meio cheio. Por quê?

O mundo atual não é o melhor dos mundos que podemos imaginar e desejar, mas é certamente o melhor dos mundos que existiram até agora. Mesmo assim, continua sendo um mundo desigual. Hoje, uma vaca leiteira na Europa recebe um subsídio de US$ 913, enquanto um morador da África Subsaariana recebe US$ 8. Além de ser desigual no espaço, o mundo também é desigual no tempo: você pode ser mais feliz hoje, mais infeliz amanhã, feliz novamente depois de amanhã.

No Brasil, entre 2018 e 2019, o índice de felicidade, medido pela ONU, caiu dez pontos...

A felicidade depende de muitos fatores: não apenas econômicos, políticos e sociais, mas também subjetivos. O Brasil está deslizando dia a dia de um país democrático para um país autoritário. Bolsonaro recebeu 49 milhões de votos, enquanto 57 milhões de brasileiros não votaram. Portanto, pelo menos 57 milhões são menos felizes quando o país se encaminha para o autoritarismo e o governo das Forças Armadas. O autoritarismo é principalmente triste em países como o Brasil, onde a cultura latina se inclina por sua natureza à felicidade.

Chile e Bolívia vivem uma onda de protestos, apesar de bons índices econômicos. Há um descompasso entre o que os tecnocratas veem como “progresso” e o real bem-estar das populações?

Aprendemos a produzir mais bens e mais serviços com menos trabalho humano, dando vida ao fenômeno que os sociólogos chamam de “crescimento sem emprego”, um desenvolvimento sem trabalho. Ao lado de riqueza, também poder, conhecimento, oportunidades e salvaguardas são distribuídos injustamente. Esse é o motivo de tanta insatisfação, principalmente entre os jovens, não apenas no Chile, mas também em outros países. Os problemas tornaram-se tão globais e complexos que nenhum político, nem mesmo Júlio César ou Napoleão, seria capaz de resolvê-los. A gestão da sociedade pós-industrial requer um novo modelo de coexistência e equipes interdisciplinares treinadas para organizar a paz, não a guerra.

> “Na sociedade pós-industrial, a versão imoral da comunicação consiste em usar a internet para desorientar”

No livro, o senhor comenta que o principal fator de desorientação hoje é a falta de modelos. De onde tirá-los?

O Sacro Império Romano tinha como modelo o Evangelho; os Estados islâmicos tinham o Alcorão; o Estado liberal foi baseado nas ideias de Smith e Montesquieu. A sociedade pós-industrial não tem modelo. E, sem um modelo, é impossível definir o que é bom e o que é ruim; o que é verdadeiro e o que é falso. Como diz Sêneca, “nenhum vento é favorável para o marinheiro que não sabe para onde quer ir”. Quem teve que elaborar o modelo necessário? Os intelectuais. Eles são os verdadeiros culpados da desorientação pós-industrial.

A cultura e a arte seguem essa ideia?

A arte clássica tinha como meta a beleza equilibrada. A pós-moderna visa a novidade, a imperfeição, o inacabado, a colagem, o choque: numa palavra, a desorientação.

E isso se reflete também nas comunicações?

Na sociedade pós-industrial, a versão imoral da comunicação consiste em usar a internet não para informar corretamente, mas para desorientar. São ações simétricas à cultura pós-moderna, que rejeita a distinção entre interno e externo, essência e aparência, latente e manifesto, autêntico e inautêntico, real e virtual.

O senhor diz que, em um futuro próximo, as mulheres estarão no centro do sistema social. Por quê?

Em 2030, as mulheres viverão em média três anos a mais que os homens. E 60% dos estudantes universitários, 60% dos graduados e 60% dos titulares de mestrado serão mulheres. Muitas mulheres se casarão com um homem mais novo que elas. Por tudo isso, elas estarão no centro do sistema social e serão tentadas a administrar seu poder com a dureza que deriva dos erros sofridos nos dez mil anos anteriores. Os valores “femininos” (estética, subjetividade, emoção, flexibilidade) também terão colonizado os homens. Fluidez sexual, pansexualidade e androginia se espalharão no estilo de vida.

O seu grande amigo Oscar Niemeyer dizia que o senhor é a pessoa mais feliz que ele conheceu. Qual é o seu segredo?

O segredo é ter amigos como Oscar Niemeyer. E seguir o conselho que ele, mesmo sendo um grande arquiteto, me deu: “O que importa não é a arquitetura, mas a vida, os amigos e esse mundo injusto que temos que modificar”.

CONTEXTO

Nascido na Itália, o sociólogo Domenico De Masi ganhou projeção internacional ao desenvolver na década de 1990 o conceito do "ócio criativo", que deu nome a um *best-seller* lançado em 1995. Dedicado ao estudo das novas relações do trabalho, De Masi sustentou que o tempo livre não é deletério. Ao contrário, é produtivo, ao estimular a criatividade e a capacidade crítica em um mundo em rápida e constante revolução tecnológica. Sua teoria foi entendida como uma crítica ao capitalismo, que impõe um modo de produção mecânico, acelerado e extensivo. Em obras posteriores, passou a examinar o declínio da sociedade industrial. Depois da pandemia, previu que o fenômeno da "grande renúncia" (pelo qual o tempo livre foi valorizado como central na vida dos indivíduos) cada vez mais vai alterar a relação entre seres humanos e trabalho. Apaixonado pelo Brasil, De Masi se tornou cidadão honorário do Rio em 2010. Esta entrevista foi publicada em novembro de 2019. Ele morreu aos 85 anos, em 2023.


E se você
pudesse prever
os próximos
100 anos?
Conte com toda inteligência analítica da maior datatech do país para tomar hoje as melhores decisões de crédito, autenticação e prevenção à fraude. Antecipe riscos, encontre oportunidades e impulsione seus resultados.
Decida melhor em:
serasa experian
Sem dúvida ;)

GRANDES ENTREVISTAS

GENTE DO GLOBO

Histórias de alguns dos milhares de profissionais que fazem parte da trajetória centenária do jornal



Domingos Peixoto
Repórter fotográfico

"Foi o Anibal Philot que me convidou para a fotografia do GLOBO. Procuro sempre estar com responsabilidade social na hora de fotografar. Não é muito tranquilo navegar por essas águas. É sempre perda, com dores, emoção, mas sinto que a minha missão é o fotojornalismo, que, acredito, vai muito além da pauta. É aquela que tem retorno emocional dos personagens que já passaram pela minha vida e pelo meu olhar. Algo que me marcou foi a foto da fome, em 2021: pessoas catavam pelanca no Catete em um caminhão com restos de carne para fazer sabão e detergente. Fiquei muito emocionado porque uma das pessoas, da minha idade, morava no mesmo bairro onde fui criado. Não nos conhecíamos mas nos encontramos: eu, repórter fotográfico, e ela catando restos."



Barbara Heliodora
Crítica de teatro (1923-2015)

Temida e respeitada na mesma medida, Barbara Heliodora foi a maior crítica de teatro da imprensa brasileira. Com textos diretos e retórica potente, suas análises eram capazes de catapultar as carreiras ou abreviá-las. Com seriedade, rigor e um português erudito, conseguiu cativar e conquistar autoridade no assunto rapidamente. Uma das maiores estudiosas de Shakespeare no país, começou escrevendo para a Tribuna da Imprensa, em 1957, até o ano seguinte, quando começou no Jornal do Brasil e ficou até 1964. Depois de um hiato de 21 anos, voltou a escrever para a revista Visão por seis anos, até começar no GLOBO, em 1990. Publicou suas críticas até 2013, quando se aposentou. Também lecionou no Conservatório Nacional de Teatro, na USP e na UNIRIO.



Aluizio Maranhão
Editor de Opinião (até 2020)

Aluno do São Bento, exímio violonista que comandava rodas de samba, Maranhão chegou em 1999 à Editora Globo, para ser o editor-executivo da revista Época, depois de dirigir a redação do Estado de S. Paulo, onde ganhou o Prêmio Esso de Reportagem de 1989. A passagem para O GLOBO, como responsável pelos editoriais do jornal e seleção dos artigos de colaboradores, foi em 2001. Na sua gestão, as opiniões e avaliações do jornal não se resumiram apenas aos editoriais: espalharam-se por outras páginas, com os pequenos textos que ficaram conhecidos como "artiguetes" — comentários sucintos publicados ao lado de notícias que mereciam uma análise mais aprofundada.



Ledice Araújo
Repórter (1954-2004)

A mineira de voz franzina iniciou a carreira no Última Hora e, em 1978, começou a escrever sua história de 27 anos no GLOBO. Em 1990, passou a cobrir o setor varejista. Antes de chegar à Redação, visitava as lojas na Saara para monitorar os preços. Depois de cobrir a hiperinflação, e com fontes nos bastidores das lojas e redes de supermercados, conseguia antecipar movimentos de alta ou baixa nos valores dos produtos. Estreou, em 1996, o Guia de Compras, que informava os melhores preços e novidades. Antes das tabelas e monitores, anotava à mão os preços de cadernos de ofertas e comparava os movimentos. Foi autora do furo da venda da Sendas ao Pão de Açúcar e monitorou também o preço dos remédios. Faleceu na véspera do Natal de 2004.



Anderson Ferreira
Gerente-geral de tecnologia

"Minha relação com o GLOBO começou precisamente no 11 de Setembro. Ao sair da minha entrevista com o time do RH, percebi que o mundo estava mudando. Vi a energia nos corredores, e aquilo me conquistou para sempre. Entrei na área de tecnologia, como analista de banco de dados. Nosso time era responsável pela infraestrutura e sistemas da Redação. Fizemos vários projetos juntos, da evolução na produção de conteúdo à melhora da infraestrutura de redes. Participei da jornada definitiva para o digital, da mudança para o trabalho remoto na pandemia... Todo dia é uma nova aventura. Hoje, quase 25 anos depois, liderando todo o time de tecnologia, tenho orgulho e muita gratidão por todo o aprendizado e ensinamentos dos meus colegas."



Bernardo de la Peña
Repórter (1975-2023)

Considerado um talento de sua geração, foi repórter de Política do GLOBO, no Rio e em Brasília, e venceu dois prêmios Esso — o maior reconhecimento da profissão. O primeiro, em 2001, foi na categoria Informação Econômica, com a série "Sinal verde para o contrabando". O segundo veio no ano seguinte, com a série "Sentenças suspeitas", que mergulhava nos subterrâneos do Judiciário. Escreveu, junto com Gerson Camarotti, o livro "Memorial do Escândalo", sobre o Mensalão e a CPI dos Correios. Depois da passagem pela sucursal de Brasília, foi repórter da coluna de Ancelmo Gois. Bernardo morreu em 2023, aos 48 anos, após longo tratamento contra um câncer no cérebro.



Adriana Barsotti
Editora (até 2013)

"Um dos cânones do jornalismo é a defesa da democracia. No GLOBO, pude exercê-lo na série de reportagens 'A história secreta da Guerrilha do Araguaia', vencedora do Prêmio Esso em 1996 e menção honrosa no 14ª Prêmio Internacional Rei de Espanha. Guerrilheiros supostamente desaparecidos foram atestados como mortos, o que permitiu às famílias receberem indenização do Estado. Tenho a memória muito vívida a dor dos pais ao reconhecer, por meio das fotos obtidas pela reportagem, os filhos brutalmente torturados e mortos pela ditadura. Isso 17 anos antes do GLOBO assumir, em editorial, que o apoio ao golpe de 1964 fora um erro. O episódio diz muito sobre a liberdade de imprensa, essencial para a vitalidade do jornalismo."



Paulo Julio Clement
Repórter e colunista (1964-2016)

PJ, como era conhecido, ingressou no GLOBO em 1991 como repórter esportivo, tornando-se chefe de reportagem e assinando a coluna Panorama Esportivo entre 1994 e 2001. Em seguida, se dedicou exclusivamente ao Sistema Globo de Rádio, como gerente de toda a cobertura esportiva. Em 2005, foi assessor do jogador Ronaldo Nazário por dois anos, até assumir a editoria de Esportes do Jornal do Brasil, em 2007. Voltou ao SGR em 2008, como comentarista do Panorama Esportivo, e foi comentarista do SporTV entre 2010 e 2011. Participou do time de estreia do Fox Sports Brasil, em 2012, onde ficou até sua morte, no trágico acidente do avião da Chapecoense.



Silvia Gil
Assistente-executiva

"Entrei em 1997 no GLOBO para cobrir três meses de férias. No início, até estranhava: tinha que gritar na Redação. Mas gostaram do meu trabalho e me tornei assistente na gerência de suprimentos em 1998. Houve uma troca de gerentes e entrou o Marcello Moraes, que virou diretor de operações, e fui com ele. Em 2011, ele assumiu a diretoria geral e em 2015 chegou o Fred Kachar, que já conhecia. Faço pagamentos, administro bufê, agenda, contas pessoais. São 27 anos nesse que é meu segundo emprego. Um evento que me marcou foram os 80 anos do GLOBO, com uma missa maravilhosa na Candelária e o Aquarius no Theatro Municipal, em 2005. Assisti ao Aquarius na Quinta da Boa Vista e já gostava do evento antes de trabalhar aqui. Foi muito lindo."



Lea Cristina
Editora (até 2018)

"Entrei no GLOBO na época do Plano Cruzado, em 1986. Fui ajudar na cobertura de varejo, abastecimento, acompanhar na fiscalização de preços. Uma cobertura marcante aconteceu nessa época: a Sunab foi fechar o Boulevard, em Vila Isabel, porque estava cobrando ágio. Tíinhamos que seguir a viatura. Foi um acontecimento, porque era um mercado enorme! E depois comecei a cobrir macroeconomia. Virei subeditora dessa área e, em 2001, fui editar o Boa Chance, sobre emprego, e o Morar Bem, sobre mercado imobiliário. E como fazia muita matéria sobre decoração, inventei a coluna Click, que falava sobre criatividade quando o tema da inovação começou a bombar. A partir de 2015, e até sair do jornal, editei o Boa Viagem."

PARA CONSTRUIR O FUTURO, É PRECISO ENTENDER O PRESENTE.

OBRIGADO, O GLOBO

Há 100 anos, O Globo usa a informação de qualidade para ajudar a erguer os alicerces da consciência e da cidadania.

Para o setor imobiliário, isso significa muito. Significa acompanhar o crescimento das cidades, interpretar seus desafios, refletir sobre moradia, urbanismo, infraestrutura e futuro.

Uma cidade só se constrói com estruturas firmes, e a imprensa de qualidade é uma delas.

Parabéns, O Globo, por 100 anos ajudando a construir o Brasil.

Uma homenagem ABRAINC
(Associação Brasileira de Incorporadoras Imobiliárias)

O GLOBO 100

ABRAINC
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE INCORPORADORAS IMOBILIÁRIAS



Uma boa companhia no começo do dia transforma tudo.

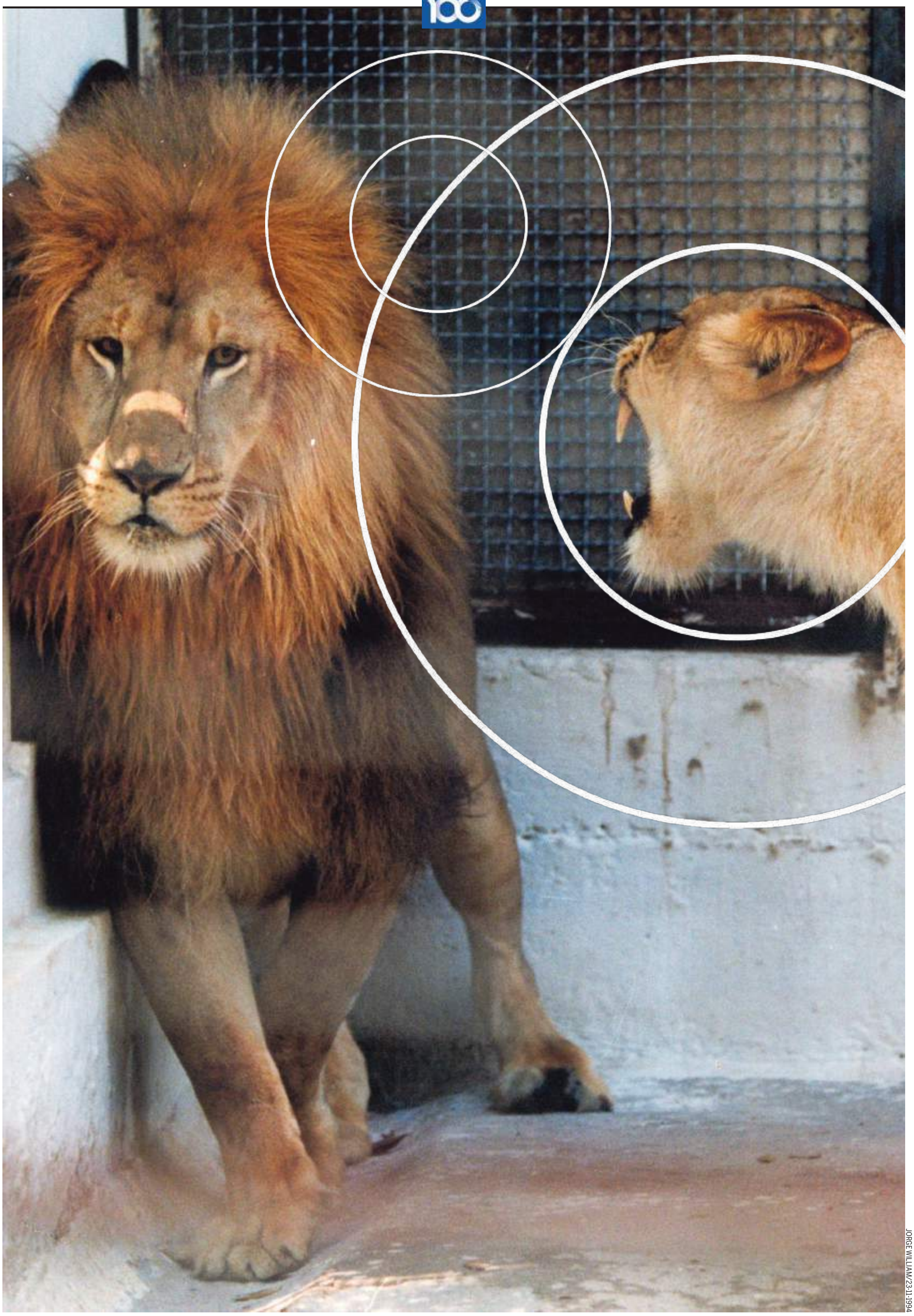
Parabéns, O Globo, pelos 100 anos!

Há 100 anos, O Globo acompanha, informa e emociona o Brasil. Da notícia ao entretenimento de qualidade, tem sido uma companhia indispensável no dia a dia de milhões de pessoas. Assim como o Café Orfeu, sempre presente na rotina das pessoas, despertando sentidos, valorizando a arte brasileira e transformando o comum em extraordinário.

ORFEU

Beba dessa arte.





JORGE WILLIAM/23-11-1994

HISTÓRIAS DO **COTIDIANO**

Não são apenas as grandes coberturas que marcam O GLOBO. Em diversos momentos desses 100 anos, o jornal deu espaço para o pitoresco, o inusitado, aquele olhar preciso sobre um acontecimento que só o bom repórter consegue perceber. Nosso acervo está repleto dessas histórias.

AMOR PROIBIDO NA DÉCADA DE 1980

O casal levado para delegacia porque não queria sair do quarto, em Copacabana, e o protesto contra o juiz que vetou beijos 'obscenos' na rua, em Sorocaba (SP)

ACERVO



Não pode? Os namorados Yvone e Augusto levados por um policial militar para delegacia, onde o detetive decidiu que "a moça é maior de idade e leva para casa quem ela quiser"

A bailarina Yone Viegas, de 33 anos, chegou em casa de madrugada com o namorado Augusto Lima Fontes Júnior, e os dois foram para o quarto dela. De manhã cedo, os irmãos de Yone, achando aquela situação uma "pouca vergonha", começaram a bater na porta da moça, decididos a estragar o momento dos namorados. Como o casal se recusava a abrir, eles resolveram, por mais incrível que pareça, chamar a polícia.

Por volta das 10h30 daquela sexta-feira, 4 de setembro de 1981, uma patrulha da PM estacionou diante do prédio, na Rua Santa Clara, em Copacabana, atraindo uma porção de curiosos. Os agentes foram ao apartamento no sétimo andar e bateram no quarto, mas Yone não quis saber, estava irredutível, cheia de razão, e ainda ameaçou se jogar da janela se começassem a forçar a porta para abri-la.

Sem saber como proceder diante daquela situação inusitada, mas já envolvidos e temendo que uma simples noite de amor entre dois adultos terminasse com uma tragédia, os policiais decidiram chamar... os bombeiros.

Minutos mais tarde, quando a guarnição de socorristas chegou com a sirene ligada nas alturas, mais de 200 pessoas se juntaram em frente ao edifício. De acordo com a edição do Jornal O GLOBO no dia seguinte, era tanta gente reunida na porta do prédio querendo saber o que estava acontecendo que a multidão fechou a rua, gerando um "engarrafamento de quase duas horas".

Como os bombeiros também não conseguiram o casal a abrir a porta, eles tiveram a ideia "genial" de entrar pela janela, descendo de rapel por uma corda presa no andar de cima. Foi um show para quem estava lá embaixo, mas, quando o socorrista alcançou o sétimo andar, Yone e Augusto já tinham saído do quarto, por insistência de um PM que usara toda sua "lábia" para persuadir os namorados.

Ao deixar o prédio, o casal esbanjava bom humor. Mesmo depois de ter as mãos algemadas, sem entender que crime ele havia cometido, Augusto sorria ao lado de Yone, que, fazendo passos de balé, dizia sem nenhum pudor: "Tirem muitas fotos!". Antes de entrar na viatura, a bailarina puxou o amado e deu nele um beijo de cinema que só foi interrompido pelos empurrões dos policiais.

O casal ainda foi trocando amassos no banco de trás da patrulha até chegar na delegacia, onde um inspetor um pouco mais sensível mandou deixá-los numa sala sozinhos. "Mas não pode fotografar. Depois vão dizer que permitimos isso aqui na delegacia", disse o agente, com um sorriso de canto de boca.

Minutos depois, chegaram à unidade os dois irmãos da "suspeita", um tanto arrependidos, pedindo para Yvone não ser processada. Mas nem precisava pedir. O detetive encarregado do caso na delegacia já decidira que não estava diante de um crime, mas apenas uma história de amor entre dois adultos. "A moça é maior de idade e leva para casa quem ela quiser", disse o policial, decretando o final feliz do episódio.

Mas Yone ficou uma fera com os irmãos. "Eles desrespeitaram minha individualidade", disse ela. Antes de o casal ser liberado, os dois tiveram de ouvir uma bronca do delegado. "Da próxima vez, você abre a porta. Ou os irmãos apresentam queixa e você pode ser preso", disse para Augusto. O rapaz ficou calado, mas Yone rebateu com ironia: "Que ótimo! Já imaginou a lua de mel no xadrez, sem ninguém para perturbar?".



Protesto. Manifestantes durante ato contra determinação de juiz que proibiu beijos "obscenos" nas ruas de Sorocaba, no interior de São Paulo, em fevereiro de 1981

O romance de Yvone e Augusto não foi o único a provocar desconforto naquele ano. Meses antes, O GLOBO já tinha informado seus leitores sobre uma ordem judicial bastante autoritária, mesmo para os padrões do período da ditadura militar, que proibira beijos "obscenos" em Sorocaba, no interior de São Paulo.

"Beijos há que são libidinosos e, portanto, obscenos, como o beijo no pescoço, nas partes pudendas e etc., e como o beijo cinematográfico, em que mucosas labiais se unem numa insofismável expansão de sensualidade".

Com essas palavras, o juiz substituto Manoel Morales justificava uma portaria, editada pelo magistrado em fevereiro de 1981, na qual ele simplesmente proibia casais de beijar na boca em locais públicos de Sorocaba, município paulista com, então, cerca de 270 mil habitantes.

O país estava nos anos finais da ditadura. Era um período em que a população começava a reconquistar liberdades individuais que haviam sido suspensas pelos militares durante os anos de chumbo. Portanto, aquela decisão, sem base nem mesmo na Constituição de 1967, promulgada pelos generais, provocou reação popular imediata.

O movimento secundarista, que havia recuperado força com a flexibilização política, começou a organizar um protesto no centro de Sorocaba. Batizada de "Noite do beijo", a manifestação contaria com apresentações musicais e teatrais de artistas amadores, além de dezenas de cartazes com palavras de ordem e, claro, muitos beijos na boca. Contudo, o ato, ocorrido no dia 8 de fevereiro de 1981, terminou em confronto com a polícia e tumulto generalizado nas ruas.



Os textos deste caderno especial foram publicados no Blog do Acervo, do jornalista William Helal Filho



"Os organizadores acharam que haveria algo em torno de 30 pessoas, mas apareceram milhares. Um protesto daquele tamanho era algo inédito na história da cidade", contou, em uma entrevista recente ao Blog do Acervo, o hoje professor Henrique Soares Carneiro, da Faculdade de História da Universidade de São Paulo (USP), que participou do protesto. "Para conter a manifestação, vieram policiais de tropas de choque até de cidades vizinhas. Houve repressão, e as pessoas reagiram, dando início a enfrentamento e correria. O tumulto só foi dispersado de madrugada".

Na sua infame portaria, o juiz Morales determinava que quem desrespeitasse a proibição deveria ser processado criminalmente. Até policiais criticaram, afirmando que a medida enfraqueceria os esforços para coibir crimes de verdade. No ato de 8 de fevereiro, as pessoas demonstravam sua revolta exibindo cartazes com frases e dizeres como "Beijem-se. Sejam criminosos!" e aos gritos de: "Mais beijo, mais pão, abaixo a repressão!".

"O episódio mostrou o esgotamento popular com a repressão. Quando se fala em ditadura militar, muita gente pensa em fechamento do Congresso, de sindicatos... Mas o pior da ditadura é a relação com o guarda da esquina", analisou Carneiro, que, em 1981, era presidente da União Paulista dos Estudantes Secundaristas (Upes). "Naquele caso, o autoritarismo chegou ao ponto de proibir beijos em locais públicos.

Era a expressão de uma ditadura que tentava controlar a vida cotidiana".

Até por volta das 20h, havia poucas pessoas reunidas na Praça Coronel Fernando Prestes, no centro de Sorocaba. Jovens circulavam com esparadrapos colados na boca, enquanto grupos cercavam casais gritando "Beija! Beija!". Quando verificaram que a aparelhagem de som não estava funcionando, as apresentações artísticas foram canceladas, e os organizadores optaram por começar uma passeata.

Enquanto os manifestantes gritavam críticas contra o então governador de São Paulo, Paulo Maluf, e o então presidente da República, João Figueiredo, cada vez mais pessoas aderiam à caminhada, que acabou se tornando um grande protesto com cerca de 5 mil pessoas. De acordo com a edição do GLOBO do dia 9 de fevereiro, o clima começou a ficar pesado quando um automóvel Chevette investiu contra a multidão, atropelando algumas pessoas que estavam participando da manifestação de forma pacífica.

Quando a passeata chegou ao Largo do Rosário, os organizadores, temendo perder o controle da situação, tentaram encerrar o ato. Mas era tarde demais. Muita gente decidiu voltar à praça, que, então, foi tomada por milhares de manifestantes. Ainda segundo o jornal, uma viatura foi atingida por uma pedra em seu para-brisa, e os policiais militares revidaram espancando algumas pessoas. A multidão, por sua vez, partiu para cima do efetivo de soldados, que havia recebido um reforço de 60 homens. Teve início um tumulto generalizado, que só acabou por volta de 1h da madrugada.

Diversas pessoas foram detidas, e algumas ficaram feridas. As autoridades ameaçaram usar a Lei de Segurança Nacional contra os líderes da manifestação. Mas, com o passar do tempo, os ânimos se esfriaram, e a portaria de Morales foi extinta.

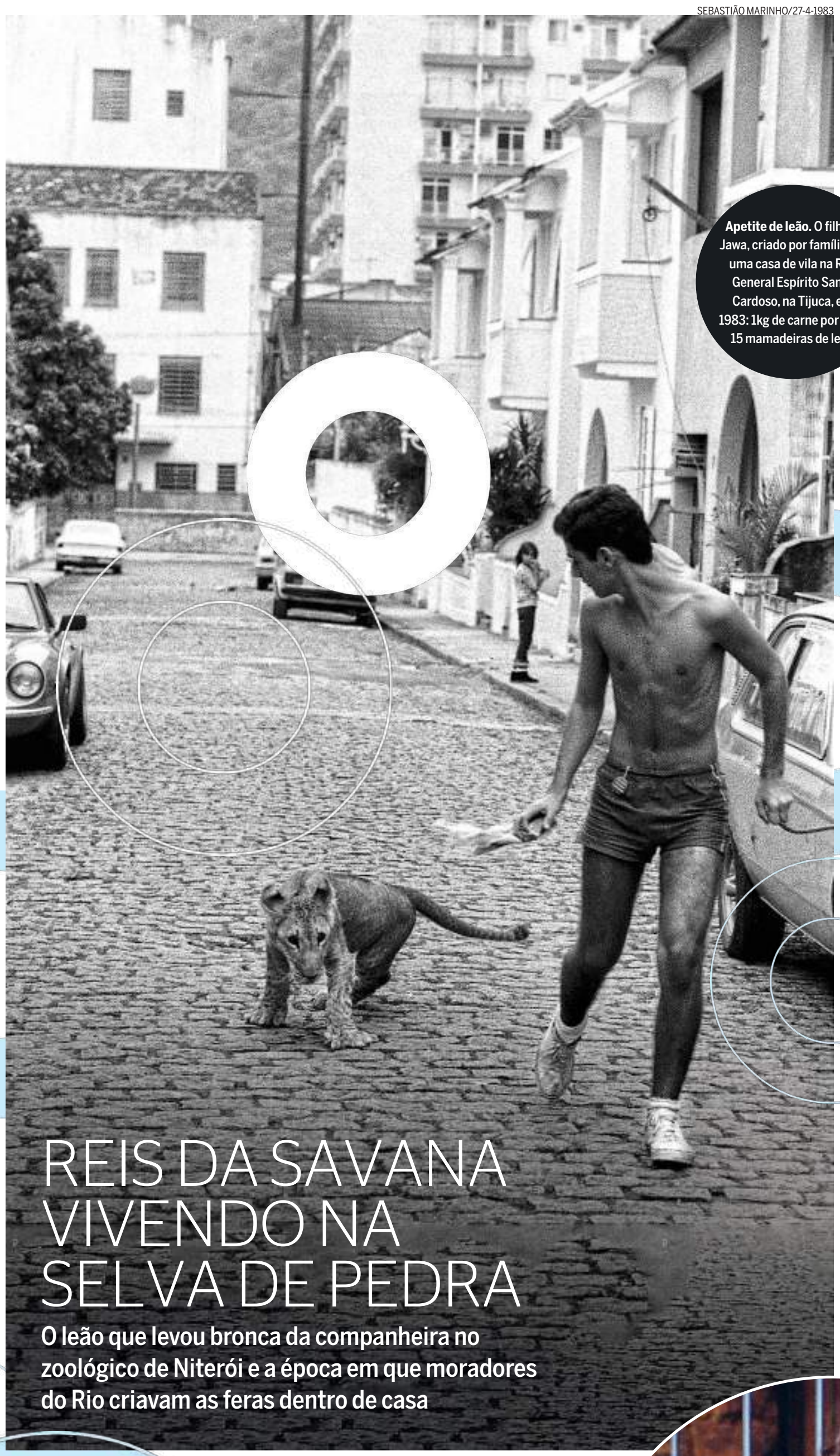
Em 2009, o ex-líder secundarista Carlos Batistella, um dos principais organizadores do protesto, lançou o livro "Noite do Beijo", com o seu relato sobre a histórica manifestação. Em 2016, estreou o documentário "Noite do beijo — Ontem e hoje", realizado pelo professor universitário e cineasta Bruno Lottelli.

HISTÓRIAS DO COTIDIANO

REIS DA SAVANA VIVENDO NA SELVA DE PEDRA

O leão que levou bronca da companheira no zoológico de Niterói e a época em que moradores do Rio criavam as feras dentro de casa

SEBASTIÃO MARINHO/27-4-1983



Apetite de leão. O filhote Jawa, criado por família em uma casa de vila na Rua General Espírito Santo Cardoso, na Tijuca, em 1983: 1kg de carne por dia e 15 mamadeiras de leite

O dia começou com uma novidade para o leão Ulli. Então ilustre morador do Jardim Zoológico de Niterói, na Região Metropolitana do Rio, o animal tinha acabado de terminar seu desjejum quando percebeu que um tratador esquecera a jaula aberta. Então, naquela quarta-feira, 23 de novembro de 1994, o grande felino, natural da savana africana, resolveu esticar as pernas em um passeio pelas dependências do zoológico, sem imaginar que enfrentaria a ira de sua companheira quando voltasse.

Como ainda era bem cedo, não tinha público no local, mas os funcionários ficaram desesperados ao ver o gatão perambulando na área dos visitantes. Ulli, por sua vez, demonstrava calma e, depois de andar sem rumo por alguns minutos, deitou-se para tomar sol, sem esboçar sinal de agressividade.

A administração do parque não sabia o que fazer. Policiais da 78ª DP (Fonseca) e do 12º BPM (Niterói) foram acionados, mas também ficaram sem ação. A certa altura, chegou uma equipe da Fundação Rio-Zoo, equipada com zarabatana, rifle e tranquilizantes, para capturar a fera.

Mas não foi necessário o uso de armamento. Ulli não resistiu quando um funcionário prendeu um suculento pato numa corda e levou o pobre pássaro até a porta da jaula. A fera africana se deslocou tranquilamente, abocanhou a refeição e retornou para seu lugar.

Todo mundo respirou aliviado, mas depois daquele "perdido" de cerca de três horas, o leão teve que encarar a fúria de sua companheira, Lisa. A leoa recebeu o macho com incisivas patadas no focinho dele e, em seguida, rugiu furiosamente, acuando o rei da selva no canto da jaula. Coitado.

'DORME NA MINHA CAMA'

O fotógrafo Jorge William estava no zoológico na hora da bronca e registrou a cena, produzindo a imagem que estampou a primeira página do GLOBO no dia seguinte e se tornou uma pérola do nosso acervo fotográfico.

Mas aquela não foi a única vez em que um leão virou notícia na editoria Rio, dedicada a cobrir o cotidiano do estado fluminense. Décadas atrás, não era raro a equipe fazer reportagens sobre exemplares da espécie vivendo em cativeiro dentro de residências da Região Metropolitana do Rio.

Quando o pai de Agathyrno Gomes Neto chegou em casa com um filhote de leão, em 1988, a família levou um susto. "Mas, conforme o tempo foi passando, vimos que era um animal dócil e decidimos ficar com ele", contou o rapaz de 18 anos, enquanto acariciava o felino na sua casa, em Jacarepaguá, na Zona Oeste do Rio de Janeiro, em 1992.

Durante a juventude, o leão, batizado de King, até podia sair para brincar numa área de mata perto de casa. Mas o tempo foi passando e, aos 4 anos de idade, pesando 170 quilos, o "bichano" se viu confinado a um espaço de 3 metros quadrados do imóvel, já que ninguém tinha mais forças para segurá-lo na rua. "Ele não pode mais pular por aí, porque derruba e assusta qualquer um. Mas é tudo brincadeira", garantiu Agathyrno.

ATÉ 1990, SEM REGRAS

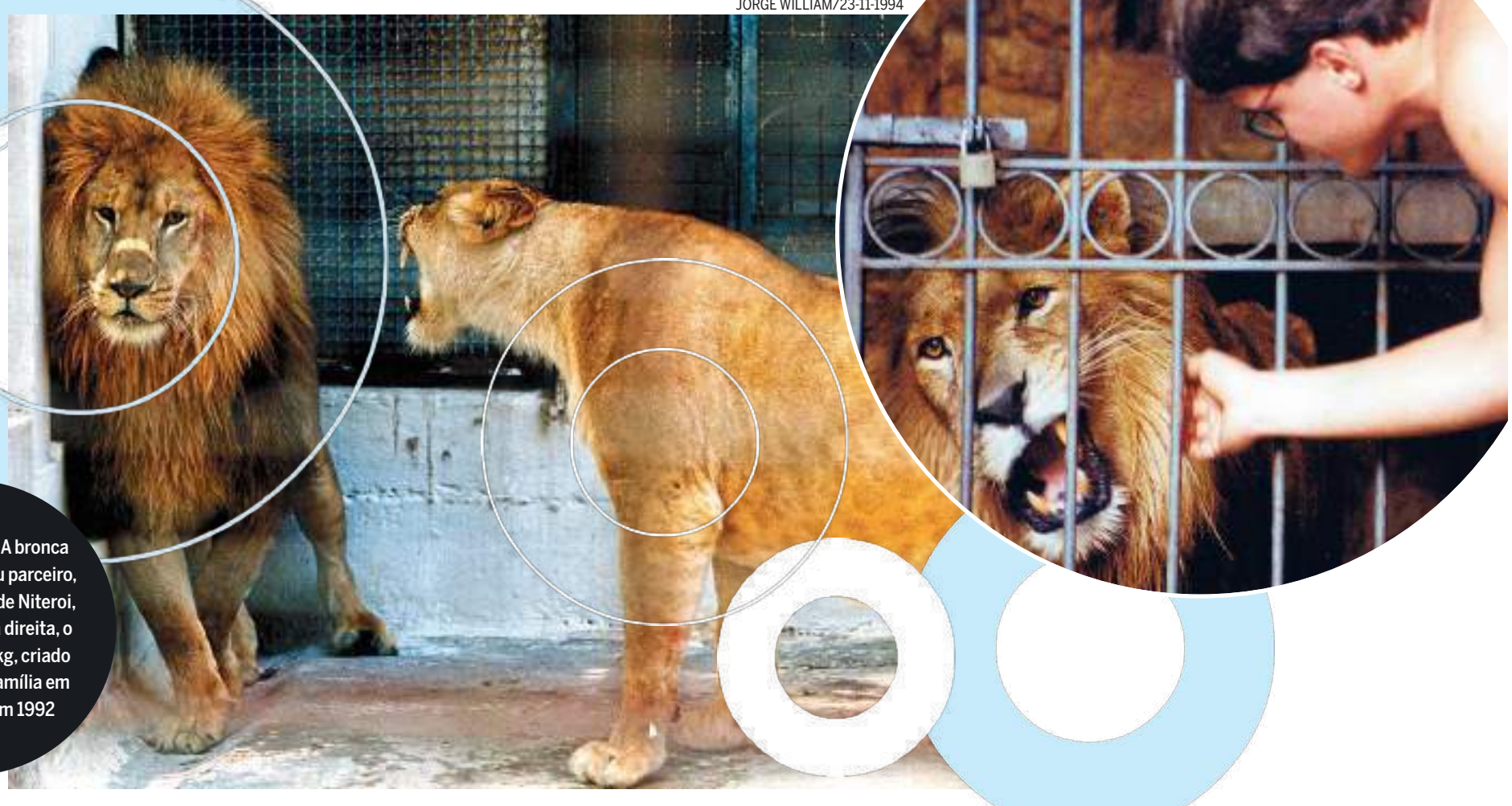
Hoje, só é permitido criar "animais exóticos", como os leões, com uma autorização especial do Ibama. Mas entre os anos 1980 e 1990, não havia regras claras que impedissem moradores do Rio de ter esses bichos em casa.

Em 28 de abril de 1983, o jornal noticiou que uma família estava criando o filhote Jawa em sua residência, numa vila na Tijuca. O leãozinho, que fazia a alegria da criançada, comia 1 quilo de carne por dia, além de legumes, ovos, queijo e 15 mamadeiras de leite. "Ele adora dormir na minha cama", disse a dona Ivone Dias.

O comércio de leões era liberado, e, de acordo com os jornais da época, um filhote custava menos que um cão da raça Yorkshire. Especialistas alertavam para os riscos, mas muita gente só entendia o perigo quando o bicho atingia a fase adulta e passava a comer até 5 quilos de carne por dia. Então, assustadas com o tamanho e o apetite do animal, as pessoas tentavam doar seus leões para o zoológico.

JORGE WILLIAM/23-11-1994

MIRIAM MONTEIRO/26-5-1992



Grandes felinos. A bronca da leoa Lisa no seu parceiro, Ulli, no zoológico de Niteroi, em 1994, e mais à direita, o leão King, de 170kg, criado na casa de uma família em Jacarepaguá, em 1992

Coordenação: Flávia Barbosa e André Miranda. **Editores:** William Helal Filho e Mànya Millen. **Editores assistentes:** Gustavo Alves e Pedro Tinoco. **Redatores**: Aydano André Motta, Bernardo Araujo, Carolina Morand, Lucila de Beaurepaire e Lucila Soares. **Direção de arte**: Alvim. **Projeto gráfico:** Alvim e Télio Navega. **Diagramação:** Ana Scott, Gustavo Amaral e Télio Navega. **Coordenação fotográfica:** Paulo Moreira. **Infografia e arte:** Renata Amoedo, Renato Carvalho, Vinicius Machado e William Mur. **Pesquisa:** Luciana Barbio Medeiros e Paulo Luiz Carneiro.

Rotas do Vinho de São Paulo

DE GUS TE SP

Celebrações como esta merecem um brinde!

Descubra vinhos, passeios, paisagens e gastronomia nas 5 Rotas do Vinho de São Paulo

Acesse **rotasdovinho.sp.gov.br**

SP PRA TODOS

SÃO PAULO
GOVERNO DO ESTADO
SÃO PAULO SÃO TODOS

HISTÓRIAS DO COTIDIANO

O MERGULHO INUSITADO DO MAIS FAMOSO 'BESOURO' NA LAGOA

Publicitário Mauro Salles, que foi redator automobilístico do GLOBO, teve a ideia de 'navegar' com Fusca anfíbio de testes da Volks no cartão postal do Rio, em 1960

ACERVO



Anfíbio. Imagens feitas na Lagoa Rodrigo de Freitas em 1960 mostram o passeio do Fusca anfíbio criado pela Volkswagen, com hélice na traseira e canos de escape elevados

Tarde de domingo, rampa de barcos do Clube Caiçaras. Com o característico assobio de seu motor, o Fusquinha 1200 vai abrindo alas entre os curiosos e, lentamente, mergulha na Lagoa Rodrigo de Freitas. Ao volante estava Mauro Salles, então redator automobilístico do GLOBO, onde trabalhou por dez anos antes de se tornar um dos maiores publicitários do país.

O carrinho anfíbio fora preparado pelo Departamento de Testes da Volkswagen do Brasil. Inicialmente, o objetivo dos engenheiros era apenas estudar a vedação do Fusca. Mas, na falta de atração mais exótica, a cobaia foi levada ao estande da marca no primeiro Salão do Automóvel de São Paulo. "O carro não tem objetivos comerciais e não se fabrica em série", ressaltava o texto publicado na edição de 15 de dezembro de 1960, há quase 65 anos.

Muito original em tudo o que fazia, Mauro Salles tratou de convencer Ehrardt Schmidt, o então chefe do Departamento de Testes da Volkswagen e principal executor do projeto, a navegar com o "besouro" na Lagoa. O carro veio de São Paulo ao Rio rodando normalmente pela Via Dutra. Parecia um Fusquinha como qualquer outro — não fosse a pequena hélice colocada na traseira e os canos de escape voltados para cima, ladeando a vigia traseira.

O motor foi blindado numa caixa metálica, e as vedações das portas foram aperfeiçoadas. Por segurança, adaptou-se no porta-malas uma bomba para escoar água que porventura entrasse no compartimento do motor ou na cabine. A característica plataforma do Fusca, toda fechada por baixo, não sofreu qualquer alteração. Também não foram usados flutuadores.

"O carro flutua bem, com dois passageiros e até três, com a linha d'água na base dos faróis dianteiros e na curva inferior dos para-lamas traseiros", relatou Salles na reportagem.

"O carrinho navegou com naturalidade como se fora um barco carregado. Mantive uma leve aceleração, e a velocidade desenvolvida era de uns 10km/h. As rodas dianteiras agiram como leme, e foi possível manobrar em curvas de pequeno diâmetro. (...) Dirigi o tempo todo de sapatos e meias, e só os molhei quando, ao descer do sedã, pisei em uma poça de chuva", escreveu o então redator.

MAROLAS SUPERADAS

O carro fez várias evoluções na Lagoa e, acrescentou, "varou as marolas de uma lancha com mais conforto do que superaria qualquer buraco nas ruas do Rio".

Para gerar suspense, Salles — que não havia levado os remos de segurança — desligou e religou o motor duas vezes. Deu tudo certo, como contou a seção Retrovisor, do suplemento Carro etc, do GLOBO, em 27 de janeiro de 2016.

"Seria preferível o naufrágio do que a desmoralização de um redator automobilístico que voltasse remando", concluiu Salles.



O GLOBO 100

Irineu Marinho (1876-1925) — (1904-2003) *Roberto Marinho*



Há 100 anos

GOIÁS SOCIAL

DESENVOLVIMENTO

Mostrando tudo

GOIÁS TEM A MENOR TAXA DE ROUBOS E FURTOS DO BRASIL

QUE VIRA

EDUCAÇÃO

GOIÁS É 1º LUGAR NO IDEB



destaque em



ECONOMIA

Goiás é líder na geração de empregos

GOIÁS

no Brasil



EDITORIAL | MERVAL PEREIRA | LAURO JARDIM | DORRIT HARAZIM | BERNARDO MELLO FRANCO | DANIEL BECKER | MARCELO BARRETO | PATRÍCIA KOGUT

PÁGINA 19

E NO MUNDO



HISTÓRIAS DO COTIDIANO

QUANDO DEZ MIL PESSOAS FORAM A CASIMIRO DE ABREU ESPERAR UM DISCO VOADOR

Cidade no interior do Estado do Rio mobilizou policiais militares, paramédicos, Defesa Civil e recebeu multidão para testemunhar a chegada de jupiterianos, em 1980

FOTOS DE LUIZ PINTO/8-3-1980





Óvni. Colina foi tomada por curiosos à espera de ETs que pousariam em pista improvisada, mas a "profecia" de Edilcio Barbosa não se concretizou e ele saiu do local escoltado



O município de Casimiro de Abreu, no interior do Estado do Rio, virou notícia no Brasil todo depois que jornais e emissoras de rádio e TV informaram que a cidade estava se organizando para receber discos voadores vindos de Júpiter. Não era piada. Mais de 300 policiais militares foram deslocados para dar apoio ao evento, além de paramédicos e agentes da Defesa Civil. O prefeito da cidade organizou uma cerimônia de recepção e comprou uma enciclopédia para dar de presente aos extraterrestres.

Na data marcada para a chegada dos jupiterianos, uma multidão estimada em dez mil pessoas estava na fazenda escolhida como local de pouso. A esperança do público, se havia alguma, acabou frustrada, mas aquela noite virou marco anedótico da ufologia no Brasil.

Objetos voadores não identificados, os óvnis, são um mistério que intriga a Humanidade. Relatos de avistamentos datam desde o século III, quando o escritor Tito Lívio registrou o que teriam sido "navios fantasmas" cruzando os céus de Roma. A curiosidade se disseminou a partir do fim do século XIX, impulsionada por enredos de ficção científica, como o livro "A Guerra dos Mundos" (1897), do inglês H. G. Wells.

Durante a Segunda Guerra Mundial, pilotos das Forças Aliadas descreveram bolas de fogo misteriosas perseguindo seus aviões. E, em 1973, dois pescadores de Pascagoula, no estado americano do Mississipi, contaram detalhes de como teriam sido sequestrados e examinados por alienígenas.

No Brasil, segundo o Arquivo Nacional, o primeiro avistamento de óvnis ocorreu em 1952, na Barra da Tijuca, no Rio. De lá para cá, foram cerca de 800 registros. Em 2007, por exemplo, um comandante da TAM contou que foi obrigado a fazer uma manobra evasiva depois de ver algo que parecia uma estação espacial alienígena perto de Santarém, no Pará. Foi esse interesse pelo desconhecido que fomentou o episódio de 1980 em Casimiro de Abreu.

MENSAGEIRO SIDERAL

Não se sabe direito como, mas o cidadão Edilcio Barbosa convenceu várias pessoas na cidade localizada a 110 quilômetros da capital fluminense de que, no dia 8 de março, às 5h20m, um disco voador vindo de Júpiter pousaria na Fazenda Nossa Senhora da Conceição, a dez quilômetros do centro de Casimiro. Rapidamente, o que parecia um delírio começou a ser tratado com muita seriedade.

Foi criada uma comissão de recepção para os alienígenas, composta por 30 integrantes e liderada por Edilcio Barbosa, que dizia ser um mensageiro de Júpiter. A informação começou a ser divulgada em jornais de grande porte, emissoras de rádio e até de televisão. Virou um grande circo.

Os organizadores esperavam a presença de até 30 mil pessoas e diziam que os jupiterianos queriam mesmo bastante gente reunida para testemunhar sua chegada. Cerca de 300 policiais militares foram enviados do município de São Gonçalo, o hospital local foi deixado de prontidão e ambulâncias com paramédicos ficaram no apoio. Prefeito de Casimiro, Céli Sarzeda estava assustado com a proporção que aquilo tudo tinha ganhado.

— Se o disco aparecer, tudo bem. Mas, se não descer, o povo é capaz de quebrar tudo. Estou torcendo para que não venha muita gente. Acho ótimo que emissoras de rádio estejam dizendo que há gente demais, que não tem mais comida nem água. Espero que assim o pessoal não venha — disse ele.

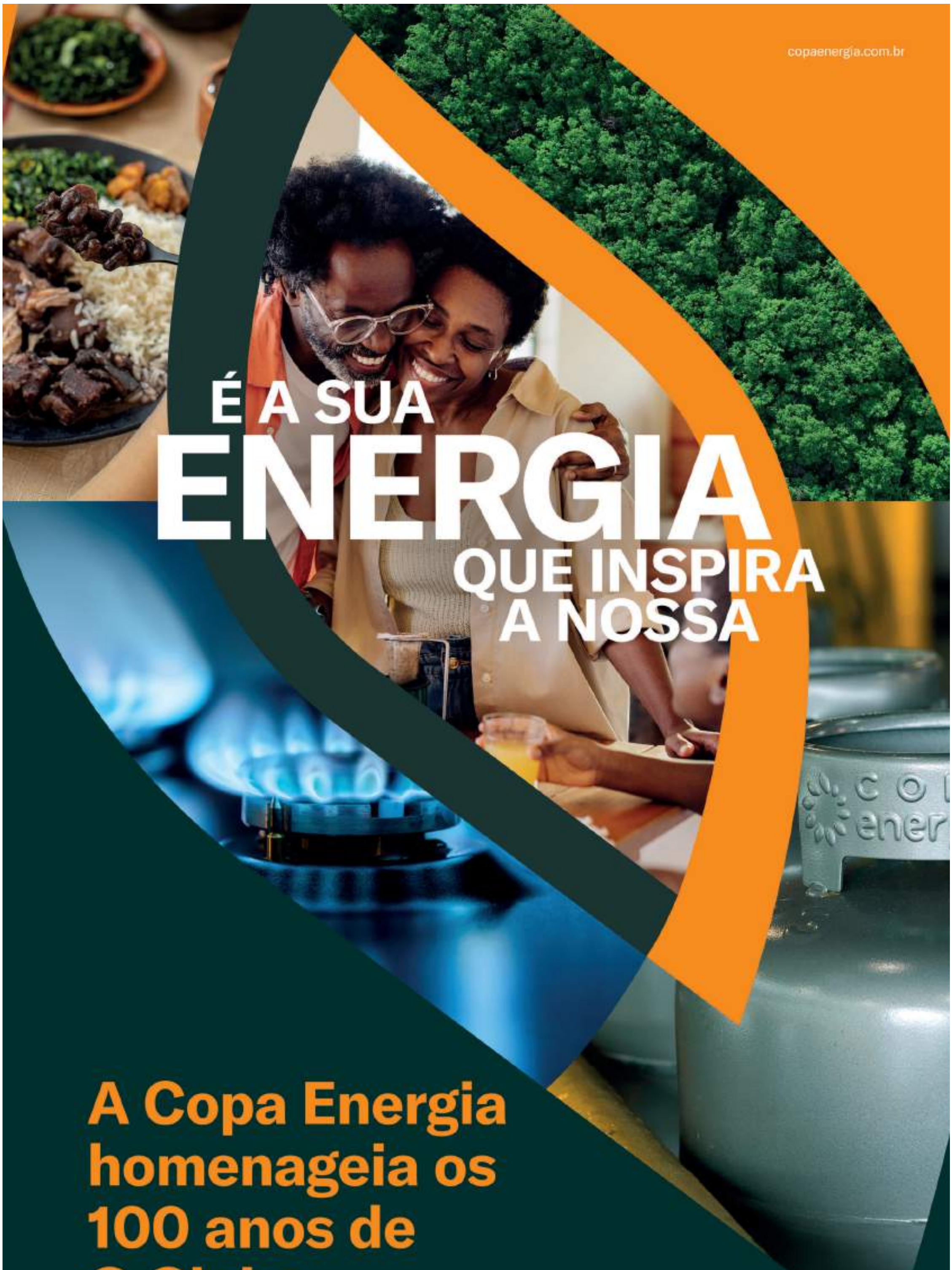
Pelo sim, pelo não, Sarzeda conseguiu um exemplar da Enciclopédia Mirador Internacional para dar de presente aos extraterrestres e formatou uma cerimônia de recepção. Na véspera do grande dia, havia um engarrafamento quilométrico perto de Casimiro, com carros de vários municípios do Rio e até de outros estados. Um ônibus foi de Belo Horizonte para lá com mais de 30 pessoas. Tinha gente de todas as idades, levando quitutes, bebidas, radinhos de pilha, instrumentos musicais e cangas pra deitar no gramado da colina e esperar a chegada do disco voador.

O delegado proibira bebidas alcoólicas, mas o pessoal deu um jeito de levar rum e uísque em garrafas térmicas. Em 1980, o Brasil vivia a reta final da ditadura militar, quando a repressão vinha perdendo força. Muita gente não achava que veria uma nave extraterrestre, mas estava ali para curtir uma espécie de Woodstock da ufologia nacional. Ambulantes vendiam sanduíches, maçãs-do-amor e até binóculos para quem quisesse ver melhor os viajantes do espaço.

Um homem colocou a trilha sonora do filme "2001 — Uma Odisseia no Espaço" para tocar no carro dele no volume máximo. Um professor do Rio compôs um hino para cantar na presença dos ETs que dizia assim: "Vem do alto o caminho que faz/ Do cosmos a substância e a luz/ Do planeta do bem e da paz/ Pra ventura a todos conduz".

Milhares de pessoas passaram a noite em claro na colina ao lado da "pista de pouso" à espera da hora marcada para a chegada dos jupiterianos. Quando o dia começou a amanhecer, e ficou claro que nenhum disco voador estava chegando, muita gente fez piada. Enquanto uns jogavam pratos de plástico pro alto dizendo que eram discos voadores, outros apontavam para um pássaro e pediam salvas de palmas. Teve gente ainda que gritou "quero meu dinheiro de volta!".

Dentro de um bugre cercado por repórteres e cinegrafistas, Edilcio Barbosa tentava explicar que os ETs tinham desistido de aparecer porque o espaço demarcado como pista de pouso havia sido invadido por dezenas de pessoas. O prefeito, que estava preocupado com a reação do público, ficou aliviado quando viu todo mundo indo embora sem briga. Mesmo assim, Edilcio deixou o local escoltado pela PM, depois de dizer que aguardaria notícias dos alienígenas. Ninguém mais ouviu falar dele, até que, meses mais tarde, o mensageiro de Júpiter morreu após perder as duas pernas, devido a complicações da diabetes.


copaenergia.com.br
É A SUA
ENERGIA
QUE INSPIRA
A NOSSA
A Copa Energia homenageia os 100 anos de O Globo
Estamos juntos nos lares, nas vidas e impulsionando o Brasil. Do amanhecer ao anoitecer, pelos quatro cantos do país.
Vamos juntos!
Alimentando sonhos e impulsionando a vida dos brasileiros.
COPA energia
ENERGIA DO BRASILEIRO
70 ANOS



LUIZ PINTO/16-3-1980

A LENDA DO REGGAE EM SOLO CARIOCA

Passagem relâmpago do astro Bob Marley pelo Rio, em 1980, teve paixão por manga, gol no campo de Chico Buarque e 'canja' cancelada por medo de prisão



De visita. Em dois dias no Rio, Bob Marley teceu elogios à seleção brasileira, marcou presença na pelada de Chico Buarque e se divertiu, sem cantar, em festa no Morro da Urca



Bob Marley já tinha status de astro internacional quando chegou ao Brasil, em 1980, para uma visita de dois dias no Rio. Aos 35 anos, o ícone do reggae veio à cidade para participar da festa de lançamento da gravadora Ariola, no Morro da Urca. Durante aquela que foi sua única passagem pelo país, onde era mais conhecido pelo megahit "No woman, no cry", o jamaicano não fez nenhum show, mas exibiu suas limitadas habilidades futebolísticas em um histórico jogo no campo do time Polytheama, do compositor Chico Buarque (então artista da Ariola), na Barra da Tijuca.

Com artistas como Moraes Moreira e Toquinho, a pelada teve ainda a adesão do então craque da seleção brasileira Paulo Cézar Caju, que a estrela do reggae ficou feliz de conhecer.

Autor de sucessos como "Exodus" e "I shot the sheriff", o astro jamaicano foi embora pensando em voltar para fazer um show, o que nunca aconteceu. Pouco mais de um ano após sua passagem pelo Brasil, em maio de 1981, ele morreu vítima de um câncer diagnosticado em 1977.

"O samba e o reggae são a mesma coisa, têm o mesmo sentimento de raízes africanas", disse o músico ao chegar na cidade, no dia 18 de março de 1980.

Chamado pela imprensa nacional de "rei do reggae rock", Marley interrompeu as gravações do disco "Uprising" e embarcou em um jato particular de Londres, onde morava, para o Brasil. A aeronave pousou primeiramente em Manaus, no Amazonas. Seria uma parada só de reabastecimento, mas houve momentos de tensão com a Polícia Federal. A ditadura não estava confortável com a chegada do cantor, militante do panafricanismo e da legalização da maconha. Após horas de negociação, o avião foi liberado, mas os agentes não concederam visto de trabalho ao cantor, que, portanto, não poderia se apresentar no país, sob risco de prisão.

CUÍCA, ATABAQUE E MARACAS

Marley chegou ao Aeroporto Santos Dumont por volta das 18h30 de uma terça-feira. Na comitiva do jamaicano estavam Jacob Miller, cantor da banda Inner Circle; o guitarrista Junior Marvin, dos Wailers, banda que acompanhava Marley; o produtor Chris Blackwell, fundador da Island Records, e a atriz e modelo Nathalie Delon, ex-mulher do ator Alan Delon. Marley e sua trupe se hospedaram no Copacabana Palace. No dia seguinte, ele deu umas voltas pela cidade. Diz-se que foi à Rocinha, mas imagens ou relatos são difíceis de encontrar.

Mesmo que já fosse uma estrela internacional, o cantor não era muito conhecido por aqui, então pôde circular sem assédio de fãs. Ele caminhou pelo calçadão de Copacabana e cantarolou enquanto bebia um suco num restaurante local. De acordo com a edição de 20 de março de 1980 do GLOBO, Marley e seus amigos compraram US$ 1 mil em equipamentos de esporte para levar à Jamaica, além de violão, cuíca, atabaques e maracas. Como o grupo veio ao Brasil sem um cozinheiro para preparar refeições *I-tal*, comida própria para o consumo de adeptos da religião rastafári, Marley se alimentou só de sucos e frutas (disse, aliás, que adorou manga e maracujá).

O músico chegou ao campo do Polytheama, no KM 18 da Avenida Sernambetiba, na Barra, por volta das 16h de uma quarta-feira. O atraso de quase três horas não tirou o ânimo dos participantes que esperavam para estar em campo com o jamaicano, que tinha paixão declarada pelo futebol brasileiro.

"Rivelino, Jairzinho, Pelé... O Brasil é o meu time. A Jamaica gosta de futebol por causa do Brasil", comentou o artista ainda no vestiário, onde trocou a camiseta com a inscrição "Copacabana, Rio, Brasil" pela camisa da gravadora que estava sendo lançada no país.

REVERÊNCIA A PELÉ E CAJU

A partida durou 20 minutos. Em um time, estavam Marley, Toquinho, Paulo Cézar Caju, Junior Marvin, Jacob Miler e Chico Buarque. No outro, jogaram Alceu Valença, o músico Chicão e funcionários da Ariola. O placar ficou em 3 a 0 para o elenco do jamaicano, com gols dele próprio, de Chico e de Caju. Marley ganhou uma camisa 10 do Santos e abriu um grande sorriso, reconhecendo o uniforme e o número do rei Pelé.

Depois, o artista disse aos jornalistas que, de música brasileira, só conhecia mesmo Gilberto Gil, que havia regravado "No woman, no cry" como "Não chores mais". O mito contou ainda que estava feliz por ter sido apresentado a Caju, que já tinha visto nos jogos da seleção pela TV europeia.

Naquela quarta-feira, o lançamento da Ariola nas Noites Cariocas levou cerca de 800 convidados ao Morro da Urca, com apresentações de músicos como Moraes Moreira e Baby Consuelo (hoje, Baby do Brasil). Havia muita expectativa para uma performance surpresa de Marley, mas a polícia estava no local, e ele e sua equipe temiam que o astro fosse preso caso subisse ao palco, já que não obtivera o visto. O jamaicano conversou com algumas pessoas, mas foi embora sem a tão esperada canja.

O produtor Marco Mazzola chegou a propor o retorno de Marley para um show, mas a saúde do músico se deteriorou devido ao melanoma detectado anos antes. Ele morreu em 1981, aos 36 anos, em Miami, onde foi hospitalizado, quando estava a caminho da Jamaica natal.

O último álbum, "Uprising", lançado um ano antes, carregou um pouco de brasilidade: o megahit "Could you be loved" foi composto na volta do Rio para Londres e tinha entre os instrumentos usados na gravação a cuíca comprada na viagem.

O que o Brasil tem de bom sempre aparece nestas páginas.

É por isso que o Inverno Gaúcho está aqui.

Viva as belezas, os sabores e as experiências do Inverno Gaúcho, o melhor do Brasil.





Escolha seu próximo destino em vivaors.com.br

VIVA O INVERNO GAÚCHO

GOVERNO DO ESTADO RIO GRANDE DO SUL
O futuro nos une.

HISTÓRIAS DO COTIDIANO

PRAIAS DO RIO: PERIGO PARA TUBARÕES

Encontros entre o temido peixe e moradores da capital fluminense são extremamente raros, e episódios registrados sugerem que o predador dos mares deveria ter evitado nadar muito perto da orla carioca



RICARDO GOMES/9-7-1999



MARCO ANTONIO CAVALCANTI/26-4-2003

Morreram na praia. José Gonçalves e o tubarão-azul capturado por ele na Praia de Ipanema, em 1999, e o peixe morto a socos e golpes de pauladas na Joatinga, em 2003

Avistamentos de tubarões no mar do Rio são algo incomum, e mais raros ainda são os ataques a seres humanos registrados em praias da cidade. Há quem diga que, na interação entre tubarões e moradores da Cidade Maravilhosa, o risco maior é dos temidos predadores dos mares, como mostram duas das três histórias reunidas nesta página.

No dia 10 de julho de 1999, por exemplo, O GLOBO estampou em sua capa uma foto do porteiro José Nilso Gonçalves, de então 32 anos, abraçado a um tubarão-azul que ele mesmo tinha capturado "à unha", minutos antes, entre os postos 8 e 9 da Praia de Ipanema, na Zona Sul do Rio.

Gonçalves contou que se atirou sobre o peixe depois de vê-lo se aproximando da praia, por volta de 12h30m. Ele disse que agarrou as nadadeiras da fera marinha e desferiu socos no animal. Na praia, algumas pessoas acharam que o tubarão, cuja espécie não é conhecida por atacar humanos, podia já estar morto, ou quase, ao ser capturado, mas o administrador José Augusto Dantas testemunhou toda a cena descrita pelo porteiro e ainda o ajudou a tirar o bicho da água.

"Jamais faria o que ele fez. O tubarão estava bem vivo, bem esperto. Foi uma sorte ele não ter se ferido", disse.

MORTO COM PAU DE BARRACA

Anos depois, um outro tubarão teve fim trágico ao se aproximar de uma praia carioca. No outono de 2003, um clima de medo se instalou na cidade depois que um estudante foi mordido na mão direita por um tubarão no Posto 6 de Copacabana. Especialistas no assunto garantiam que não havia motivo para pânico, já que ataques daquele tipo na capital fluminense eram, e ainda são, extremamente raros. Mas o alerta popular estava ligado.

No dia 23 de abril daquele ano, surfistas na Praia da Joatinga viram um tubarão se aproximando da faixa de areia e começaram a gritar. Foi quando um grupo de marmanjos entrou no mar, aproveitando-se que o animal estava no raso, e começou a espancar o grande peixe com chutes, socos e golpes de pau de barraca.

O tubarão foi rebocado para a areia debaixo de pancada. Em um momento, enquanto se debatia, tentando se desvencilhar da turba, o animal deu uma pequena mordida na coxa de um dos algozes. O rapaz se afastou, mas os outros passaram a bater com ainda mais força. O tubarão de 2 metros, depois identificado como um exemplar da inofensiva espécie mangona, acabou linchado em terra firme. Mais tarde, seu corpo foi recolhido pelos bombeiros.

Na época, o biólogo Marcelo Szpilman repudiou o ocorrido. Enfatizou que a espécie não ataca humanos e que, se o animal chegou tão perto da praia, era porque já estava ferido, provavelmente. Szpilman criticou o clima de medo no Rio: "Fatos isolados foram reunidos para criar um clima de alarde, mas garanto que não está havendo uma invasão de tubarões no Rio", disse o especialista ao GLOBO.

'TERIA ARRANCADO PEDAÇO'

Aquela não foi a primeira vez em que um ataque de tubarão gerou medo no Rio. Em 1981, o estudante João Miranda, de 21 anos, estava nadando a 200 metros da Praia de Copacabana, na altura do Posto 6, quando sentiu uma mordida violenta na perna direita. "Vi aquele monstrão me mordendo e senti o pavor da morte. Era tubarão mesmo, deu pra ver a boca longe do focinho, perto da barriga", disse ele à equipe do jornal no Hospital Miguel Couto, depois de levar seis pontos.

Miranda contou que usou a perna esquerda para chutar a cabeça do animal e foi resgatado por dois salva-vidas em uma lancha. Segundo os socorristas, o estudante tinha sido atacado por um cação de cerca de 2 metros de tamanho. "Ele se afastou com o barulho do motor do barco", disse um dos salva-vidas.

Vários banhistas que estavam na areia viram João sendo atacado. Sua amiga Sônia Aparecida Rodrigues da Silva, de 22 anos, contou à equipe de reportagem que estava fora d'água, mas identificou a nadadeira do animal e as investidas contra o rapaz: "Comecei a gritar e vi uma lancha perto. Fiquei apavorada, mas não podia entrar na água para ajudá-lo, porque poderia morrer também".

No Miguel Couto, os profissionais que atenderam a vítima chegaram a questionar se o rapaz tinha mesmo sido atacado por um tubarão, já que os ferimentos não eram nada graves. Mas, depois de analisar a perna do estudante, o então diretor do Salvamar, da Marinha, Victor Wellisch, disse que era mesmo um tubarão, provavelmente um mako. Ele explicou por que o bicho não fez um estrago maior. "O maxilar superior do tubarão atingiu a coxa, e o inferior, a perna. O joelho ficou no meio. Se ele tivesse mordido a coxa, pela lateral, teria arrancado um pedaço".

O GLOBO 100

DO CORAÇÃO DO BRASIL, NOSSA HOMENAGEM A QUEM SEMPRE ESTEVE NO CENTRO DA NOTÍCIA.

negociosjaimecamara.com.br

Há 100 anos, O Globo começou a contar a história do Brasil. E desde então, tem sido mais que um jornal: é memória, farol e espelho de um país em movimento.
Do cerrado que floresce à força que pulsa nas cidades do Centro-Norte, somos testemunhas e protagonistas das transformações que O Globo ajudou a narrar.

A TV Anhanguera e o Grupo Jaime Câmara celebram o centenário do O Globo com orgulho e gratidão.

Porque quando a notícia constrói pontes, o Brasil inteiro caminha junto.

TV ANHANGUERA

GRUPO JAIME CÂMARA



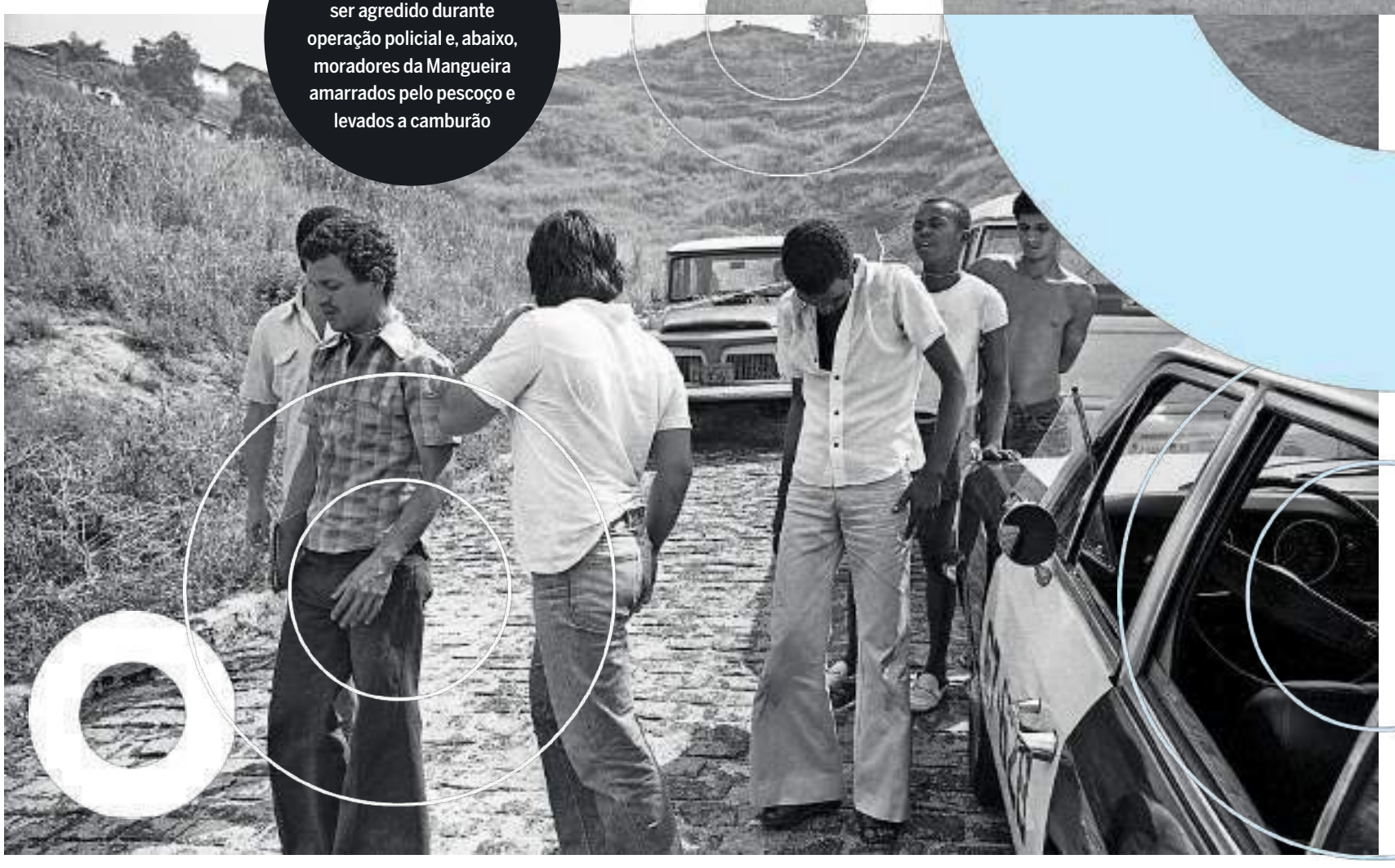
HISTÓRIAS DO COTIDIANO

CENAS DA POLÍCIA SUBINDO O MORRO NA DITADURA

Os tapas no rosto do sambista Cartola durante operação na Mangueira e o mecânico tirado do camburão pela sua cadela, na favela do Rebu, em Senador Camará



EURICO DANTAS/20-2-1976



Abusos. O sambista Cartola sentado no chão depois de ser agredido durante operação policial e, abaixo, moradores da Mangueira amarrados pelo pescoço e levados a camburão

Havia mais de 200 policiais na Ponte Osvaldo Cruz, perto da Ilha do Fundão, às 6h50 daquela sexta-feira, 20 de fevereiro de 1976. Todos achavam que participariam de alguma operação na Ilha do Governador, ali perto. Mas o ponto de encontro fora marcado naquele local da Zona Norte apenas para evitar vazamento de informações sobre a verdadeira missão.

Por volta das 7h, a tropa recebeu ordens para tomar o rumo do Morro da Mangueira. De acordo com uma reportagem do GLOBO publicada no dia seguinte, o objetivo da "Operação Arco-íris" era prender criminosos na favela vizinha ao bairro de São Cristóvão, mas a mobilização ficaria marcada por detenções sem justificativa clara e por agressões à família de Agenor de Oliveira, o célebre compositor Cartola, que chegou a ser esbofeteado por um dos policiais.

Antes de subir o morro, os agentes ouviram de delegados a orientação para tratar os moradores da favela "com a máxima urbanidade". Minutos mais tarde, começaram a efetuar prisões sem explicação. Eram tempos de ditadura militar. Todos que não tinham carteira de trabalho assinada no bolso eram logo detidos, em alguns casos amarrados uns aos outros, pelas mãos e até pelo pescoço. Depois, levados a camburões.

Filho de Cartola, Ronaldo Silva de Oliveira foi abordado e também estava sem carteira de trabalho. De nada adiantou dizer que era funcionário público. Alguém o apontara como motorista do assaltante Antônio Branco, bastante procurado na época. O filho do músico confirmou que havia dirigido para o bandido uma vez, mas só porque estava sob a ameaça de um revólver.

Moradores que acompanhavam a ação disseram aos policiais que aquele era o filho do conhecido sambista da Mangueira, algo que foi logo confirmado por Euzébia Silva de Oliveira, a Dona Zica, mulher do artista. Mas, em vez de ouvir a moradora, os policiais começaram a empurrá-la em direção ao camburão, com a intenção de levá-la junto.

UM BAMBA NA DELEGACIA

Cartola foi chamado e tentou conversar, mas o baluarte da Mangueira, então aos 69 anos, acabou levando uns tapas no rosto enquanto argumentava. A certa altura, um delegado tentou apaziguar os ânimos. O autor de "O mundo é um moinho", indignado com toda aquela situação, dizia que não podia admitir a agressão sob a justificativa de que "enganos acontecem".

Enquanto o compositor descia o morro caminhando em direção ao asfalto, para tirar satisfação na delegacia, alguns moradores em volta dele o saudavam e cantarolaram versos da então recém-lançada canção "Os meninos da Mangueira" (Sérgio Cabral e Rildo Hora), em que o "Mestre Cartola" e Dona Zica são citados. Na Delegacia de Vigilância Norte, o policial responsável recebeu o sambista em sua sala, cercado por repórteres e curiosos. Horas mais tarde, Ronaldo foi liberado sem pedido de desculpas.

Segundo O GLOBO, entre os 60 homens detidos durante a operação, apenas um tinha contra si uma condenação na Justiça. Os outros 59 presos se mostravam preocupados com a informação de que só seriam liberados depois do carnaval daquele ano. Mas o diretor do Departamento Geral de Polícia Civil, Sérgio Rodrigues, que considerou a Operação Arco-íris um sucesso, garantiu à imprensa que só ia ficar em cana "quem estiver devendo".

SALVO PELA MELHOR AMIGA

Uma mobilização parecida aconteceu na Favela do Rebu, em Senador Camará, na Zona Oeste do Rio, no dia 17 de setembro de 1982, quando 50 soldados da 1ª Companhia de Polícia do Exército, da Vila Militar, e mais cem agentes do 14º BPM e da Polícia Civil, subiram o morro e detiveram 86 homens sem carteira de trabalho assinada, alegando que todos seriam levados à delegacia para averiguação de possíveis antecedentes criminais.

Segundo uma reportagem do GLOBO no dia seguinte, o delegado Amin Chaim justificou a operação alegando que a favela era "um antro de marginais".

Os moradores detidos foram reunidos num campo de futebol de terra, onde eram obrigados a formar fila e entrar nos camburões lotados rumo à delegacia, vigiados por agentes montados a cavalo. Os policiais não deixaram a imprensa falar com nenhum "suspeito", mas garantiram que no meio deles havia "homicidas e assaltantes".

Entre os presos, estava o mecânico Ronaldo de Oliveira. Como tantos, ele alegou que nunca se envolvera com crime, mas os policiais não deram ouvidos. Quando Ronaldo foi obrigado a entrar no camburão, sua cadela, July, da raça pastor alemão, pulou junto com ele, para a surpresa geral. Os agentes se esforçaram para tirar o animal de lá, mas não conseguiram. Até que o delegado Chaim desistiu e resolveu liberar o mecânico. O homem saiu do camburão sob uma explosão de gritos e aplausos da multidão de moradores que observavam a cena.

No dia seguinte, a foto de Ronaldo saindo para a liberdade (abaixo) ilustrou a primeira página do jornal, com o título: "Cadela não larga o dono e o salva da prisão".

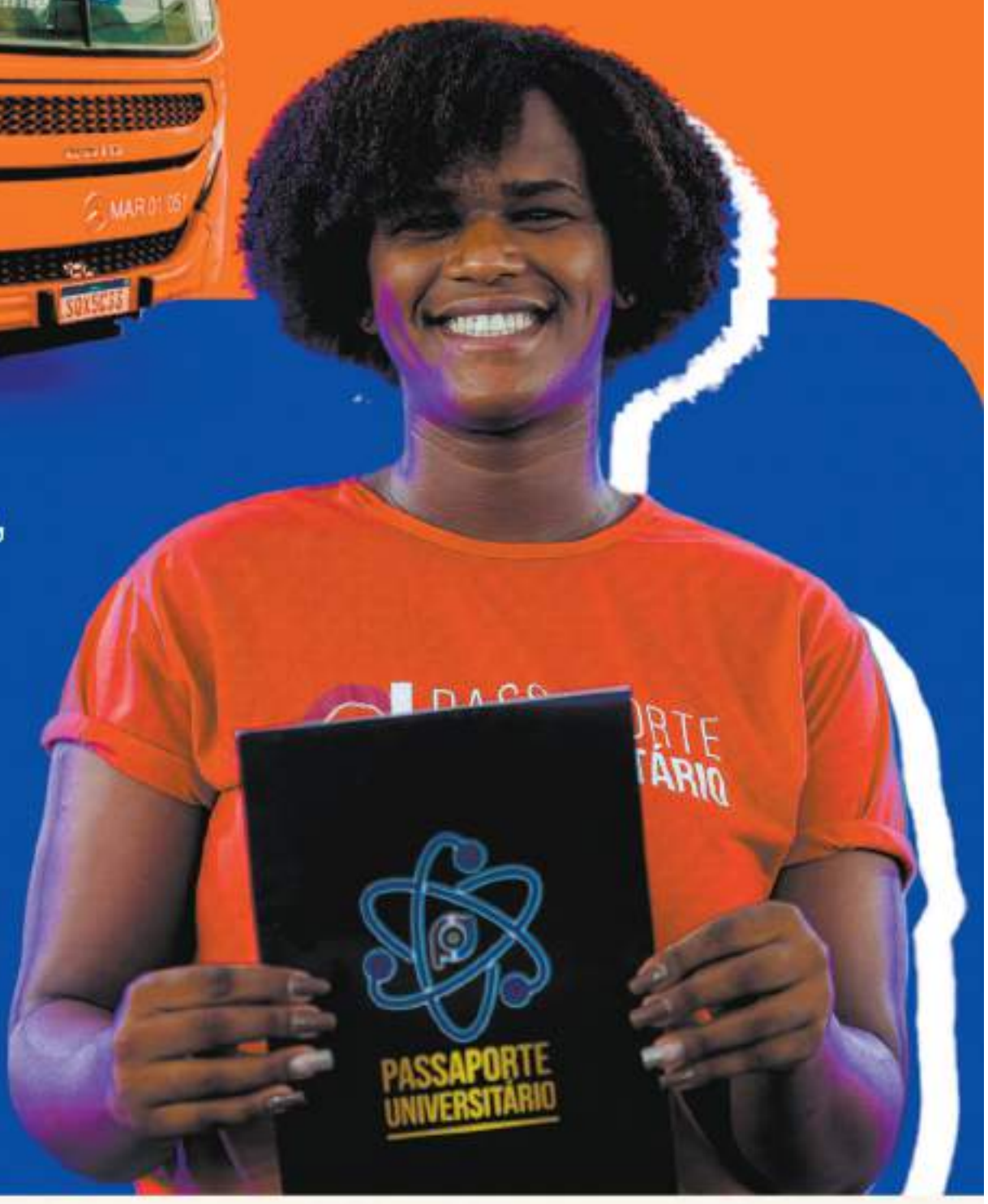


JOÃO ROBERTO RIPPER/17-9-1982

MARICÁ:

ONDE A UTOPIA MOVE E CONSTRÓI HISTÓRIA





O Globo tem acompanhado, por 100 anos, os sonhos e as lutas do Brasil.

- Em Maricá, vemos algo inédito: **a cidade onde a utopia virou política pública.**

Moeda Social:	Transporte Gratuito:	Renda Básica da Cidadania:	Passaporte Universitário:
12 anos	12 anos	11 anos	6 anos



A LENDA DO 'AVIÃO DO OURO' NA ILHA GRANDE

Aterrissagem milagrosa de piloto argentino, em junho de 1958, deu origem a boato que circula até hoje entre moradores do território em Angra dos Reis; foto integra mostra na Casa Roberto Marinho

Uma lenda que começou a circular há quase 70 anos entre moradores da Ilha Grande, em Angra dos Reis, segue viva até hoje. Diz o boato que um avião obrigado a fazer um pouso de emergência na Praia do Sul, nos idos de 1958, estava carregado de barras de ouro. De acordo com a narrativa, essa foi a razão pela qual o governo, na época, chegou a isolar o local, impedindo a aproximação dos habitantes.

As fotos nestas páginas foram feitas um dia após a aterrissagem forçada. Uma das relíquias da exposição "Um século de histórias", que celebra o centenário do Jornal O GLOBO, na Casa Roberto Marinho, no Cosme Velho, Zona Sul do Rio, a imagem maior mostra, do alto, o que havia sobrado do "avião do ouro", consumido pelas chamas depois do pouso. Mas, afinal, como a aeronave foi parar lá e o que havia ali dentro?

Em uma pesquisa no site do Acervo O GLOBO, nossa equipe encontrou todas as reportagens sobre o caso. No dia 10 de junho de 1958, uma terça-feira, às 10h50, o quadrimotor Douglas DC-6 da Aerolineas Argentinas levantou voo do Aeroporto Internacional do Galeão, no Rio, com destino a Buenos Aires, levando 16 passageiros e seis tripulantes. Cerca de uma hora depois, começaram os problemas.

A aeronave sobrevoava Ubatuba, no Litoral Norte de São Paulo, a 4.800 metros de altitude, quando um dos motores apresentou rotação muito acima do normal, obrigando o comandante Rogelio Merelle a desligá-lo. Apesar do pânico instalado entre os passageiros, o piloto manteve a calma e começou a dar meia volta, apontando o nariz do avião na direção do Rio, sabendo que tinha que aterrissar.



Acidente. Moradores da vila de pescadores perto da Praia do Sul em meio aos restos da aeronave, antes de o local ser interditado devido à presença de material radioativo

Seu objetivo era pousar na Base Aérea de Santa Cruz, na Zona Oeste da capital fluminense, a pista mais próxima. Enviando mensagens desesperadas de SOS e informando sobre a situação em que se encontrava, Merelle já vislumbrava o lençol de areia da Restinga de Marambaia quando, cinco minutos depois de fazer o retorno, um segundo motor do avião entrou em pane.

Obrigado a reduzir a velocidade para estabilizar a aeronave, e perdendo altitude, o piloto percebeu que não conseguiria levar o avião de 42 toneladas até Santa Cruz. O jeito foi recolher o trem de pouso e procurar o local adequado para uma aterrissagem de emergência na Ilha Grande, o que não seria nada fácil. A ilha tem topografia acidentada, cheia de morros e praias curvas com faixas de areia estreitas.

Merelle confiou no seu treinamento. Ele avistou uma faixa de areia e começou a descer. O piloto reduziu a velocidade para 180km/h, manobrando astutamente para pousar nas águas rasas perto da areia. O avião sofreu um duro solavanco, depois outro mais forte e, finalmente, um terceiro e último tranco, que fez a aeronave parar na Praia do Sul, perto da Praia do Aventureiro.

ACERVO



Destroços. Pescadores locais observam o que sobrou da aeronave Douglas DC-6, da Aerolineas Argentinas, destruída por um incêndio depois do pouso forçado

Ninguém ficou ferido, mas não houve tempo para euforia. "A primeira barrigada estourou os radiadores de óleo e começou um incêndio", relatou o comandante de 36 anos, pai de três filhas, em entrevista ao GLOBO no Hotel Regente, em Copacabana, no Rio, um dia após o episódio. "O comissário de bordo abriu a porta, e todos saíram. Eu, por minha parte, saí pela janela de emergência do lado esquerdo".

As 22 pessoas a bordo se acomodaram na praia, assistindo às chamas que consumiam o avião. Ainda tomados pelo medo, muitos choravam. Tripulantes tentaram manter a calma e escreveram pedidos de socorro em letras grandes na areia. Mas não demorou muito até uma aeronave da Força Aérea Brasileira (FAB) passar e jogar do alto uma mensagem: "Aguardem socorros, providências tomadas".

Os sobreviventes foram recolhidos de helicóptero e levados até a Base Aérea de Santa Cruz, de onde um avião da FAB os transportou até o Aeroporto Santos Dummont, no Rio. No terminal, a passageira Maria Bernardes falou ao GLOBO sobre o que sentira durante o assustador episódio. "Foram minutos terríveis. Realmente pensei que não chegaríamos com vida aqui embaixo", desabafou ela.

A passageira Nelly Pragana, que viera de Lisboa com destino a Buenos Aires, descreveu seu desespero nos instantes que antecederam o pouso de emergência. "Fiquei lívida de medo, principalmente quando o comissário veio nos acalmar, dizendo que não era nada", disse ela. "Rezei muito até sentir o choque. Felizmente, tudo correu bem. Perdi toda minha bagagem, devorada pelas chamas. Mas estou viva".

O jogador de futebol Juan Hohberg, argentino naturalizado uruguaio, que atuara na Copa do Mundo de 1954 pela Celeste, também estava a bordo. "Senti muito medo. Não tanto por mim, mas por minha mulher e meu filho, que estavam comigo", disse o centroavante. "Não fosse a perícia do comandante, estaríamos todos nós mortos. Graças a ele, consegui driblar a morte e fiz o maior gol da minha vida".

Pescadores chegaram à praia quando o avião ainda estava em chamas, chocados com a habilidade do piloto, que se aproximou da faixa de areia sem bater no morro no canto da praia. "Não sei como conseguiu se livrar do morro e da pedreira. Passado o pânico, perguntamos a ele. Não entendemos nada do que disse, mas, pelos gestos, só vejo uma explicação: muita calma, muita segurança".

"Espero nunca mais me encontrar em situação parecida, pois é bem possível que meu anjo da guarda não repita a sua façanha", disse o piloto Merelle.

Dias depois do acidente, o jornal informou que o Douglas DC-6 trazia de Londres, no Reino Unido, dois isótopos radioativos para uso medicinal e que toda a área do acidente teria de ser isolada devido ao risco de contaminação. O material, entretanto, foi recuperado com êxito por especialistas da FAB, e exames posteriores na Praia do Sul mostraram que não havia nenhum perigo à saúde das pessoas.

A área foi interditada para impedir a aproximação de curiosos e o possível contato com partículas radioativas, mas, logo, começou a circular a versão de que o avião estava cheio de barras de ouro desviadas pelo governo argentino. Tudo boato.

O episódio teve destaque na imprensa, mas, 19 dias depois, o Brasil conquistaria sua primeira Copa do Mundo, na Suécia. A proeza do comandante Merelle cairia no esquecimento. Com o tempo, o mar e a areia cobriram os restos carbonizados da aeronave. Hoje, quem visita a Praia do Sul se encanta com a beleza do local e respira tranquilidade, sem ver vestígios do pouso de emergência do inverno de 1958.

HISTÓRIAS DO COTIDIANO

LÚCIO MARREIRO

AS LATAS DE MACONHA 'ENTREGUES' PELO MAR

Mais de 14 mil recipientes com a droga, lançados no oceano por tripulação de navio, foram parar nas praias do Rio e batizaram o verão de 1988 na cidade



Os pescadores em Maricá, no Estado do Rio, mal podiam acreditar. No dia 25 de setembro de 1987, eles encontraram uma porção de latas boiando no mar e, quando abriram as tampas, depararam-se com cerca de 1,5kg de maconha em cada uma delas.

No dia seguinte, uma reportagem do GLOBO revelou que o mesmo vinha acontecendo em várias outras cidades do litoral fluminense e de São Paulo. Segundo o delegado Cláudio Barrouin, da Polícia Federal, as latas eram parte de um carregamento de 22 toneladas de maconha, distribuídas em mais de 14 mil recipientes, que haviam sido atiradas no Oceano Atlântico pelos tripulantes do navio Solana Star.

A embarcação tinha deixado a Austrália para entregar a droga nos Estados Unidos. Alertada pelo governo americano de que o navio passaria pela costa brasileira, a Polícia Federal montou uma operação com a Marinha. Quando a equipe se aproximou do Solana Star para uma abordagem, perto de Angra dos Reis, a tripulação jogou o flagrante na água, e as correntes trataram de levar grande parte daquela cannabis para as praias. Era o início do episódio que ficaria famoso como o Verão da Lata.

FALTA DE PROVAS

"Estávamos acompanhando a aproximação do Solana Star, ouvindo as conversas dos tripulantes com outras pessoas no Panamá, para onde o barco iria antes dos Estados Unidos", disse o delegado Barrouin, que lamentou a falta de evidências para incriminar a tripulação. "Tentaremos reconstituir o trajeto do barco e compará-lo com as rotas das correntes marítimas que carregaram as latas para a costa".

A abordagem das forças de segurança aconteceu no início de setembro de 1987, a mais de 300km do litoral. As latas levaram dias para atingir as praias. No dia 25 daquele mês, cerca de 700 recipientes já haviam sido localizados pela polícia ao longo de 200 km da costa de São Paulo. No porto de Itajaí, um homem foi preso com uma lata que tinha comprado de dois marinheiros que, por sua vez, haviam encontrado a droga na Ilha Grande.

Um casal achou uma lata em Barra de Guaratiba; um gari encontrou dois recipientes em Arraial do Cabo; duas latas foram recuperadas por surfistas na Praia de Ipanema e entregues aos salva-vidas na areia, no Posto 8.

Diariamente, as forças policiais informavam que mais latas estavam sendo localizadas por agentes ou entregues a órgãos de segurança pela população. Mas não havia como saber quantas outras não chegavam às autoridades.

Ainda em setembro, a tripulação do barco pesqueiro João de Deus, em Florianópolis, entregou à polícia 19 recipientes, mas, dias depois, três latas foram encontradas escondidas na casa de máquinas da embarcação. Em outubro, um homem foi preso depois de a PM achar 1,5kg de maconha "da lata" em um vaso sanitário na garagem do prédio dele, na Urca. O morador disse ter comprado a droga de um pescador no Rio.

Muita gente que não era traficante estava vendendo maconha depois de encontrar latas do Solana Star. Em dezembro de 1987, policiais prenderam dois homens que não tinham envolvimento prévio com o crime, mas foram flagrados com 346 recipientes escondidos num terreno em Angra dos Reis. Quando foram detidos, eles confessaram que já tinham vendido o equivalente a 27 latas com a droga.

A maconha contida nos recipientes que não tinham se perdido no mar e nem foram apreendidos se espalhou pelo país. A droga, de origem tailandesa, ganhou fama pela sua potência. Assim, a "maconha da lata" se tornou uma espécie de selo de qualidade. Na época, não era tão fácil comprar maconha na cidade, mas a enorme quantidade da droga que inundou as ruas levou a uma queda nos preços da droga.

SOBROU PARA O COZINHEIRO

Toda aquela situação, poucos anos após o fim da ditadura, foi incorporada pelo imaginário carioca e se tornou o principal assunto nas rodas de conversa das areias de Ipanema ou nas mesas de bares. As latas foram parar em sambas de carnaval dos blocos Simpatia É Quase Amor e Suvaco do Cristo. Ricardo de Carvalho Duarte, o poeta Chacal, escreveu "Da Lata", que seria musicada por Fernanda Abreu. Em 1994, a cantora lançou "Veneno da lata", um de seus maiores hits.

A música "Melô do Marinheiro", lançada pelos Paralamas do Sucesso um ano antes, com o verso "Entrei de gaiato no navio", caiu como uma luva para descrever a situação Stephen Skelton, o cozinheiro do Solana Star. Único membro da tripulação preso por causa do episódio, ele foi condenado a 20 anos de cadeia, mas passou apenas um ano no xadrez antes de ser libertado e expulso do Brasil.





Drogas ao mar. O cozinheiro Stephen Skelton, único preso, dando entrevista com algumas latas de maconha, e policiais saindo da praia com outros recipientes



Hospital São Vicente de Paulo

Tudo em um só LUGAR

• Consultas • Exames
• Emergência 24h • Cirurgias

Aceitamos convênios e atendimentos particulares

(21) 2563-1107

Rua Dr. Satamini 333, Tijuca

A gente sabe, ninguém passa décadas dividindo a mesa com o brasileiro sem ter credibilidade.

O Globo, parabéns pelos **100 anos de história.**

GPA Grupo Pão de Açúcar | Pão de Açúcar | minuto | Pão de Açúcar Queijos | extra MERCADO | mini



HISTÓRIAS DO COTIDIANO

DOIS CRIMES PARA 'LIMPAR O PASSADO' DA NOIVA

Como Vanderley e Maria de Lourdes mataram os ex-namorados da moça a tiros na Praia da Barra, em 1974, e depois passaram a trocar acusações

Movidos pela informação de que havia um homem baleado na orla da Barra da Tijuca, na Zona Oeste do Rio, os policiais chegaram ao local indicado, perto do antigo quiosque Via 11, e encontraram Almir da Silva Rodrigues estirado na praia, próximo à pista de trânsito, coberto com o próprio sangue. "Foi a Lou", disse o motorista de táxi de 25 anos, agonizando. "Foi a Lou", repetiu ele, antes de não conseguir mais falar, devido aos tiros na garganta. Em estado grave, a vítima foi levada para o Hospital Miguel Couto, na Zona Sul.

Na época, a Barra da Tijuca era uma região pouco habitada. Naquela noite de terça-feira, dia 3 de dezembro de 1974, não havia quase ninguém no cruzamento da Avenida Sernambetiba (atual Lúcio Costa) com a Via 11 (atual Avenida Ayrton Senna), agora um ponto bastante movimentado.

Dias depois, o detetive Ubirajara dos Santos encontrou, na casa de Almir, uma gaveta com cartas e fotos de Maria de Lourdes Leite, estudante da Uerj que tinha sido namorada dele. O policial, então, levou o material ao quarto do taxista no hospital. O rapaz não podia falar, mas, gesticulando, contou que, após ser convidado por Lou para um encontro, os dois foram de carro até a Praia da Barra. Lá, pararam ao lado de um Volkswagen, de onde saiu um homem que atirou nele juntamente com a moça. Almir morreria no dia seguinte a esse relato.

Quando Maria de Lourdes foi chamada à 16ª DP (Barra da Tijuca) para depor, houve uma surpresa. Ao se identificar, a mãe da estudante perguntou se a filha tinha sido convocada para falar sobre a morte de Vantuil, outro ex-namorado da moça. Imediatamente, os policiais se lembraram de Vantuil de Matos Lima, assassinado 13 dias antes de Almir. O corpo dele fora encontrado no dia 20 de novembro, a cem metros do local onde, no dia 3 de dezembro, Almir seria baleado. Não foi difícil para os detetives imaginarem que os casos estavam ligados.

LUIS ALBERTO/8-5-1975



ACERVO



Crimes rumorosos. Wanderley (acima), namorado de Lou (à esquerda), depõe em investigação sobre homens baleados e mortos na Barra (abaixo)

Maria de Lourdes tentou negar a participação nos crimes, mas as versões dela dando conta de onde estava nos momentos dos assassinatos foram desmentidas pelas investigações. Até mesmo a cobertura da imprensa, que se debruçou sobre o caso, revelava testemunhas e pistas que apontavam a moça como a principal suspeita. Em entrevista ao GLOBO, dois amigos de Almir relataram que, horas antes de morrer, ele disse que sairia com a "filha do coronel", referindo-se a Maria de Lourdes, cujo pai era do Exército.

O GLOBO contratou até o detetive particular Bechara Jalkh, um dos investigadores mais conhecidos do país, para levantar informações. Foi ele quem achou uma testemunha chave do primeiro assassinato. Nelson do Espírito Santo trabalhava e dormia num trailer na Avenida Sernambetiba. Nelson contou que ouviu os tiros e que, ao abrir a janela, um homem de arma em punho olhou para ele e gritou: "Quer morrer também?!". Era Vanderley Gonçalves, cartógrafo do Observatório Nacional e noivo de Maria de Lourdes, que tinha acabado de matar Vantuil.

No início das investigações, o casal Van-Lou manteve versões combinadas. De acordo com os relatos, eles estavam em outros locais nos momentos dos crimes. Mas, diante de furos nos depoimentos, os dois romperam a relação e passaram a trocar acusações. A moça entregou à polícia o revólver calibre 32 do pai usado nos crimes. Ela disse que a arma fora emprestada a Vanderley. De acordo com a estudante, o cartógrafo de 33 anos decidira matar seus ex-namorados por ciúmes. Lourdes contou que ele falava o tempo todo em "limpar o passado" dela.

Na versão da "filha do coronel", Vanderley queria se casar com ela, mas ficara decepcionado quando soube que Lou não era virgem. Segundo ela, o namorado não admitia que outros homens pudessem dizer por aí que já haviam dormido com a sua mulher. Por isso, disse a moça, o cartógrafo decidiu matar os dois.

JULGADOS E CONDENADOS

Vanderley negava a participação nos crimes. Mas o depoimento de Nelson do Espírito Santo o desmentiu.

Lourdes confessou ter atraído as vítimas, mas alegava que tinha sido enganada. O namorado teria dito que queria "conversar" com os dois e que, apenas por isso, a moça concordara em chamá-los para sair.

A investigação, porém, mostrou como, além de levar os ex-namorados para o encontro com a morte, ela atirou em ambos (duas armas foram usadas nos crimes).

Van e Lou só foram julgados em janeiro de 1979. A estudante foi condenada a 20 anos de prisão, enquanto Vanderley recebeu pena de 18 anos de cadeia. Os dois conseguiram liberdade condicional em 1982.

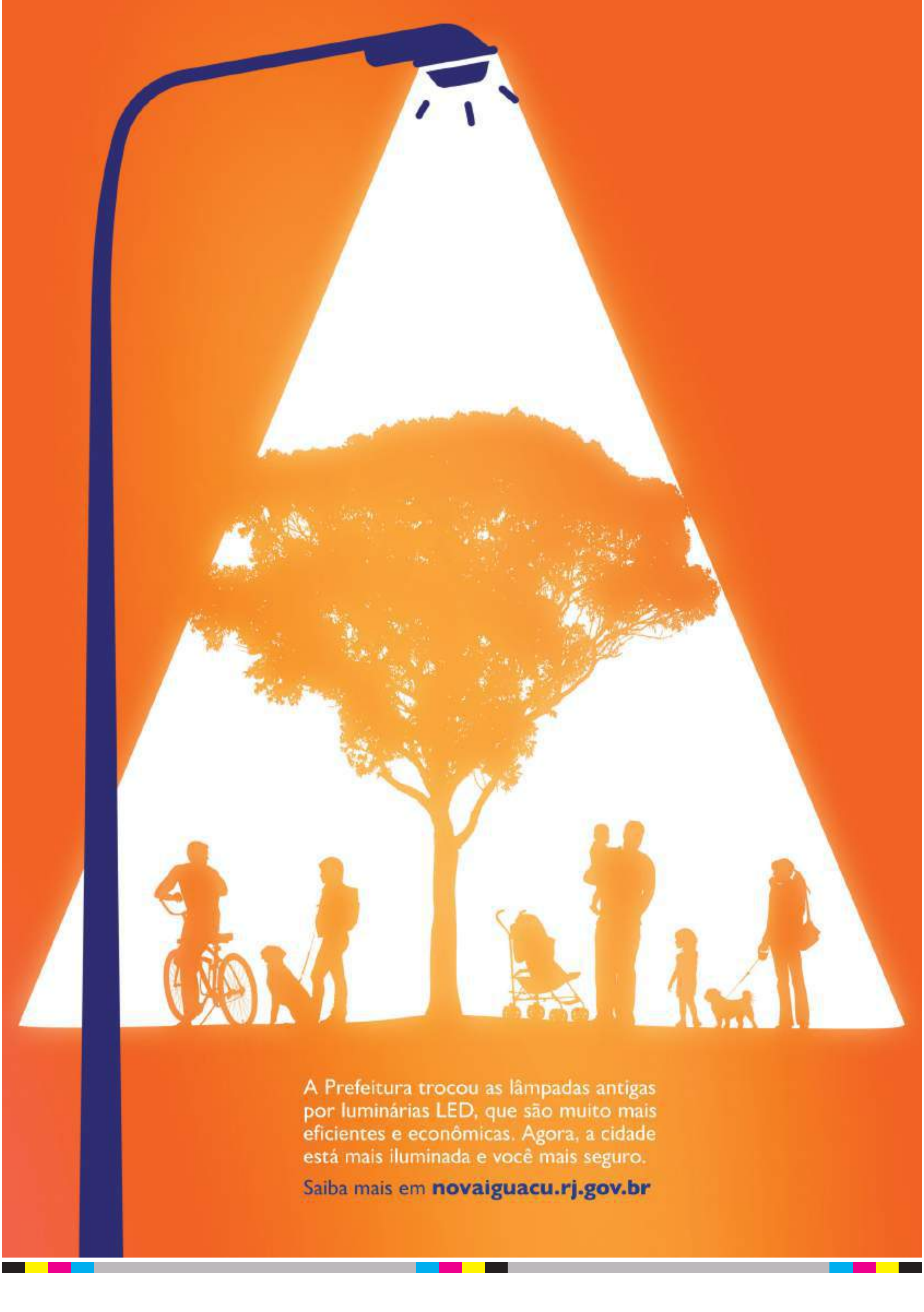
O crime foi reconstruído no livro "O caso Lou", de Carlos Heitor Cony, lançado em 1975. O episódio também inspirou o filme "Beijo na boca" (1982), dirigido por Paulo Sérgio Almeida. E, em 2003, foi tema de uma edição do programa "Linha Direta Justiça", da Rede Globo.

JOSE VIDAL/29-5-1975



NOVA ILUMINAÇÃO PÚBLICA.
RUAS MAIS CLARAS,
POPULAÇÃO MAIS SEGURA.

PREFEITURA
NOVA IGUAÇU



A Prefeitura trocou as lâmpadas antigas por luminárias LED, que são muito mais eficientes e econômicas. Agora, a cidade está mais iluminada e você mais seguro.

Saiba mais em **novaiguacu.rj.gov.br**

HISTÓRIAS DO COTIDIANO

GENTE DO GLOBO

Histórias de alguns dos milhares de profissionais que fazem parte da trajetória centenária do jornal



Carmen Verônica
Assistente-executiva

"Fiz prova em 1990 para substituir a secretária da editoria Rio, que estava grávida. Substituí as titulares na editoria de Economia e na Chefia da Redação, e em 1991 a secretária do Segundo Caderno pediu demissão e fui contratada. Comecei com os barulhos da máquina de escrever, fax, cada editoria com sua televisão ligada em um canal diferente, telefones em cada mesa tocando sem parar, rádio ligado na Polícia e Corpo de Bombeiros. Ninguém ainda tinha notícia da morte do Renato Russo e consegui com um contato da gravadora confirmar a morte — e a Agência Globo foi a primeira a ar a notícia. O que adoro aqui é um dia não ser igual ao outro. Hoje atendo às várias editorias da Redação Integrada, com marcação de férias, reuniões, viagens, carros, recebimento de notas."



Cora Rónai
Colunista

"Quando Evandro Carlos de Andrade me chamou para O GLOBO, demorei muito para aceitar, porque no Jornal do Brasil, onde eu estava, não precisava ir à redação diariamente. Mas decidi vir, em 1991, para criar o InformáticaEtc, caderno pioneiro na área. Eu e minha equipe passávamos o dia inteiro na Redação, reclamando. Era um estresse, a gente trabalhava sob pressão violenta, sempre lutando contra o tempo, mas ao mesmo tempo era o melhor lugar do mundo porque adorávamos o que estávamos fazendo. E no caso do Informática, que chamávamos de 'caderninho', tínhamos a vantagem de escrever com uma liberdade incrível. Falávamos com o leitor como se fôssemos colegas, e esse foi o grande sucesso."



Mariza Tavares
Editora-executiva (até 2002)

"Minha história no GLOBO é longa. Começou em 1989, quando deixei a Veja para assumir o cargo de chefe de reportagem do Segundo Caderno. Nos anos seguintes, ocupei posições nas editorias Rio, País, Jornais de Bairro e Agência O GLOBO. Quando era chefe de reportagem da Rio, era função da editoria registrar as visitas que o Doutor Roberto recebia, quase todos os dias. O desafio era achar um repórter vestido mais formalmente para cumprir a tarefa. Fui a uma loja popular e comprei um blazer folgado o suficiente para servir (dentro do possível) para todos. Durou uma década! Saí do jornal em 2002, mas não do Grupo Globo. Fui diretora de jornalismo da CBN até 2016. Desde então, sou colunista do g1, onde assino o blog 'Longevidade: modo de usar'. São 36 anos — e contando..."



Ubiratan Oliveira, o Bira
Coordenador de Tecnologia em Brasília

"Comecei no GLOBO com 21 anos, quando fui dar um curso de editoração eletrônica. O jornal ainda estava ampliando o uso de internet, que nem estava em todos os computadores. Um dia, em 1998, me chamaram para ir à sucursal para corrigir uma foto em photoshop, que tinha acabado de ser adotado pela empresa junto com as fotos digitais. Quando cheguei, tinha uma vaga para operador de telecom, que cuidava do telex. Nunca mais saí. Passei pelo bug do milênio, pelas atualizações de sistemas, as mudanças no site do jornal. Hoje, a novidade é a inteligência artificial. Muita gente acha que vai acabar com funções, mas eu vejo como ganho, vai facilitar muito nossa vida. A gente já consegue corrigir áudio, texto, o que pedir ela faz".



Paulo Totti
Editor (1938-2024)

Gaúcho de Veranópolis, Paulo Totti começou a carreira aos 14 anos como redator numa rádio em Passo Fundo (RS). Aos 19, estudante de Direito, elegeu-se vice-presidente da UNE, o que provocou sua mudança para o Rio, cidade onde brilhou em outro ofício — o jornalismo. Chegou ao GLOBO em 1976, e foi repórter e editor, passando por Política e Nacional. Firmou-se como dono de um dos textos mais elegantes de sua geração. No Valor, recebeu um Prêmio Esso pela série de reportagens "China, o império globalizado", em 2007. Ponto alto de uma carreira global — Totti também ficou famoso por decifrar outros países para os leitores brasileiros, como correspondente em Buenos Aires, Washington e Cidade do México.



Lauro Jardim
Colunista

"Iniciei minha carreira no GLOBO em 1989. Comecei no Jornais de Bairro, onde fiquei três meses; e, em seguida, fui para a editoria de Economia como repórter e chefe de reportagem. Depois, passei por IstoÉ, Jornal do Brasil, Exame e Veja. Em 2015, voltei ao GLOBO. Tive um convite para fazer um blog diário e uma coluna na edição impressa de domingo e achei que era a hora de encarar um novo desafio, embora já estivesse num patamar da minha carreira em que estava tudo muito consolidado. Só que foi neste retorno ao jornal que vivi o momento mais intenso no jornalismo. Publiquei em 2017 a bombástica delação de Joesley Batista. A repercussão da matéria foi estrondosa e dividiu o governo Temer entre antes e depois dela."



Tânia Oliveira Batista
Analista de treinamento de RH (até 2010)

"Trabalhei no GLOBO de 1978 a 2010 e vivi intensamente todas as atualizações da área de tecnologia deste longo período. Comecei nos Classificados, setor que ficava na Avenida Rio Branco, e depois fui para a sede. Fiz cursos na área de tecnologia da época, e acabei chamada para trabalhar na Redação, em análise de sistemas. Lá, tive a possibilidade de treinar os jornalistas para manejar os equipamentos. Foi uma ótima oportunidade que me foi dada de conhecer muitos profissionais importantes do jornal, e também de me aprimorar. Tenho amigos do GLOBO até hoje e me orgulho do que vivi. A grande importância do jornal é oferecer uma cobertura aprofundada e confiável dos acontecimentos, além do forte impacto social, cultural e histórico."



Luiz Paulo Vasconcelos
Diretor (1924-2021)

No início dos anos 1950, a distribuição dos jornais era aleatória pela cidade. Roberto Marinho decidiu convidar um primo, que tinha conhecimento de logística, para decifrar a delicada ciência de n ão faltar — nem sobrar — exemplares em nenhum lugar. Chegava ao GLOBO o capitão da Aeronáutica Luiz Paulo Vasconcelos, que se inspirou nos aprendizados da caserna e criou um método pioneiro, a partir do mapeamento das demandas e características de cada região. Além de otimizar trabalho essencial para o negócio, a criação da diretoria de distribuição permitiu descobrir os maiores potenciais de venda a cada dia. Até a previsão do tempo influenciava — dias nublados eram os melhores, porque os leitores iam na banca comprar o jornal e voltavam para casa.



Elio Gaspari
Colunista

Gaspari começou na coluna de Ibrahim Sued uma carreira inigualável de editor em veículos como Jornal do Brasil e Veja. Mudou de função, mas não esqueceu a reportagem, escrevendo sobre temas de grande repercussão, mas variados, como a quebra do Banco Barings e o velório dos Mamonas Assassinas. Seus cinco livros sobre a ditadura de 1964 são uma obra de referência do período. Em sua coluna, criou as personagens Madame Natasha, para ironizar declarações empoladas, e Eremildo Vianna, o Idiota, inspirado no diretor da Faculdade Nacional de Filosofia, que o expulsou do curso de História por suspeita de comunismo.



Vera Magalhães
Colunista

"Já são 32 anos de cobertura de política. No GLOBO, cheguei em 2021, dentro do projeto do jornal de se firmar em São Paulo, com colunistas da cidade. Foi um período de grande renovação, aposta de que poderíamos ser marca do jornal e fidelizar leitores. Coincidiu com a pandemia e a loucura que vivíamos naquele período. Foi um momento de grande embate entre a imprensa e o ex-presidente Jair Bolsonaro, que me atacou muito fortemente. Para mim, foi tudo muito turbulento. Mas O GLOBO saiu muito rápido em minha defesa, no repúdio àquela atitude e na reafirmação da importância da liberdade de imprensa para a democracia brasileira. Eu me senti muito acolhida, e esse amparo foi muito importante."

Cansado de ler notícias ruins?

A Prefeitura de Volta Redonda e o Governo do Estado mostram que outra realidade é possível

Volta Redonda está há quatro meses sem roubo de carros

Roubo de celular fica zerado em junho

Roubo de rua cai 70% no mês de junho

Volta Redonda tem segundo mês seguido sem roubo de carga





A receita para uma cidade cada vez mais segura é:

- ✓ Integração das **forças de segurança**
- ✓ Investimento em **tecnologia**
- ✓ Investimento na **tropa e viaturas**
- ✓ **União** entre **Prefeitura e Governo do Estado**

#MAISSEGURANÇA PARATODOS

VOLTA REDONDA | ORDEM PÚBLICA | SEGURANÇA PRESENTE | GOVERNO DO ESTADO RIO DE JANEIRO | GOVERNO FEDERAL BRASIL

A MAIOR CONSULTA CIDADÃ ESTÁ LANÇADA. PARTICIPE!

CONSTRUINDO, JUNTOS, A NITERÓI QUE QUEREMOS.



O **NQQ 2050** é o plano de médio e longo prazos para a cidade que a Prefeitura organizará a partir de ampla consulta à população de Niterói, e convidamos **você** a ser protagonista desse movimento. Sua voz será fundamental para decidirmos as prioridades, como vamos evoluir e onde queremos chegar nos próximos 25 anos. **Juntos**, vamos criar uma Niterói cada vez mais saudável, escolarizada, próspera, inovadora, vibrante, sustentável e segura.

Acesse o site

nqq2050.niteroi.rj.gov.br

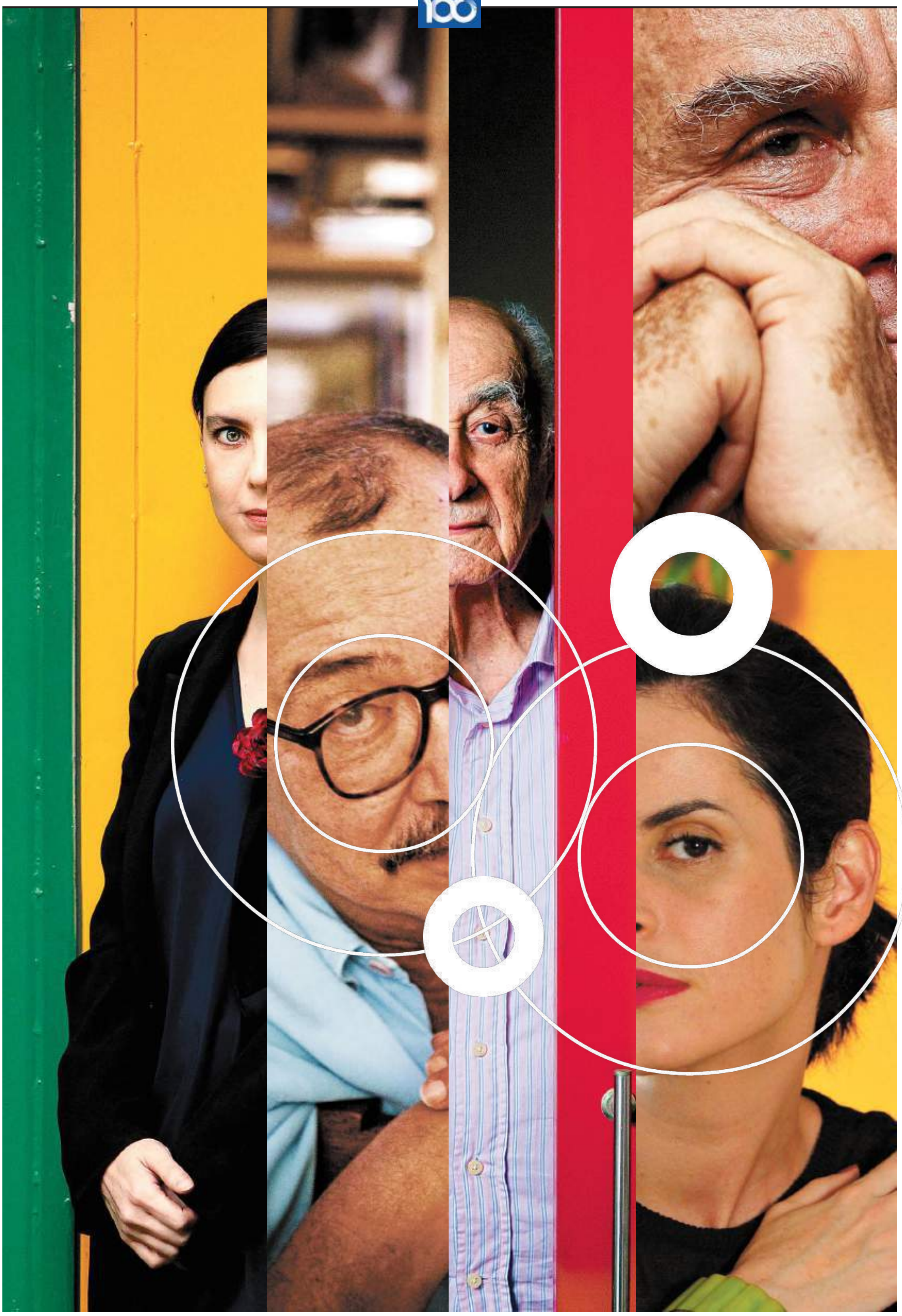
PARTICIPE E ACOMPANHE A AGENDA DE EVENTOS PRESENCIAIS.

Prefeitura de Niterói | niteroipref

OU APONTE A CÂMERA DO SEU CELULAR PARA O QR CODE.

PREFEITURA DE Niterói
TEMPO DE AVANÇAR

Niterói QUE QUEREMOS
NQQ2050



NOSSOS CRONISTAS

Não haveria crônica se não houvesse jornais — e, para a popularização do gênero literário, nenhum outro veículo tem a importância do GLOBO. Grandes escritores brasileiros desenvolveram seus estilos com textos publicados em nossas páginas, alguns selecionados neste caderno.

NOSSOS CRONISTAS

UM LONGO FLERTE COM A LITERATURA

Na história do GLOBO, a crônica marca presença em textos assinados por autores como Guimarães Rosa, Elsie Lessa, Rubem Braga e Jô Soares, entre muitos outros nomes ilustres

MARIA AMÉLIA MELLO
Especial para O GLOBO

Em julho de 1925, quando O GLOBO colocou o primeiro exemplar à venda, o Rio de Janeiro contava com pouco mais de um milhão de habitantes e enfrentava profundas transformações urbanas e sociais: becos e vielas desapareciam, avenidas eram abertas para o fluxo da modernidade que se impunha com seus automóveis de buzina fanhosa e metálica, bondes elétricos corriam vibrando som nos trilhos, cafés e confeitarias apinhados, um vai e vem nas ruas, jornais e revistas circulando, a vertigem e a velocidade em cada esquina. Enfim, um sentimento, explícito e carimbado, na expectativa de que o século XIX ficasse, de uma vez por todas, para trás.

O Rio era um anúncio luminoso para o Brasil e para o mundo, cosmopolita, com acontecimentos à flor da pele. Mas era, também, uma urbe que já se evidenciava complexa, trazendo na bagagem problemas cruciais — e adiados — do século anterior. Era o centro do poder, capital, com políticos confabulando ao pé do ouvido.

O GLOBO nasceria marcado, desde sua fundação, por uma década que imprimiria suas digitais nos enredos dos anos seguintes. A crônica, com sua capacidade de falar do cotidiano, da vida ao rés do chão, esteve sempre presente nas páginas do jornal, construindo um arco histórico, dos principais fatos, do país e do exterior, até nossos dias. O GLOBO é, assim, testemunha e contemporâneo da crônica moderna.

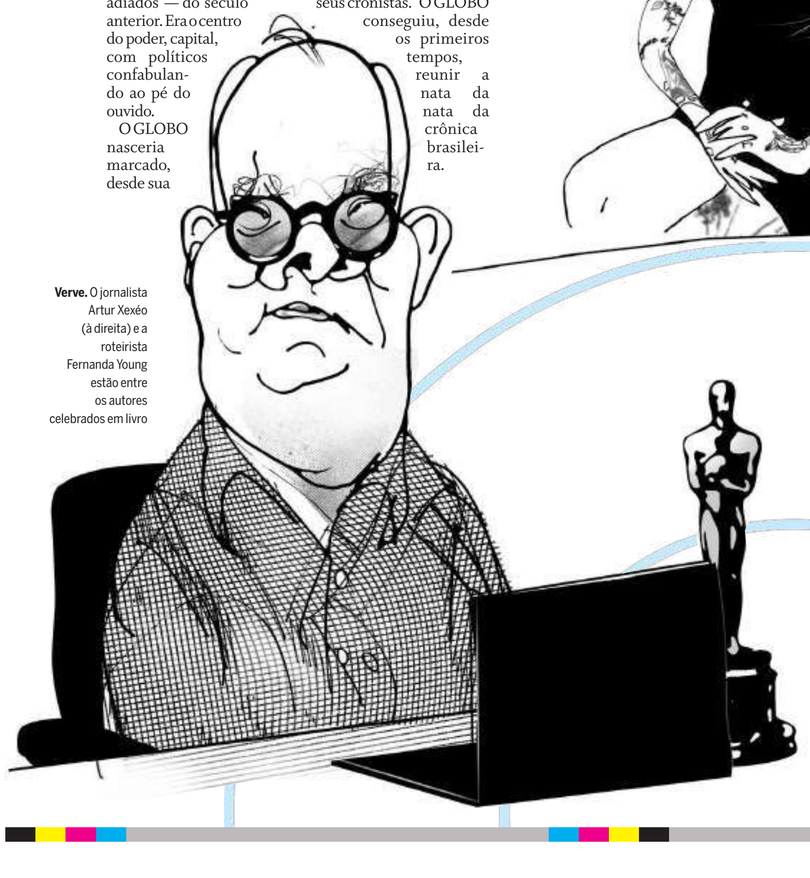
Foi pensando em tudo isso, na emblemática data redonda (1925-2025), que imaginei "Um século de crônicas — Cronistas que fizeram história no GLOBO", recolhendo nos arquivos do jornal — e somente neles — os textos que o leitor encontrará no livro sob este título. O trabalho resultou em cem textos de 32 autores, todos "encantados", como diria Guimarães Rosa (cuja presença foi uma surpresa guardada nas páginas do passado). Todos transferindo o bastão para os que viriam em seguida — até os hoje na ativa. Esse legado da mais alta linhagem, em seu conjunto, nos oferece a percepção sensível das mudanças ocorridas em cem anos. Como bem observou Otto Lara Resende, em texto escolhido para o livro: "Quem quiser saber como era o Rio de ontem, ou de anteontem, procure ler seus cronistas." O GLOBO conseguiu, desde os primeiros tempos, reunir a nata da nata da crônica brasileira.



Eis o time de craques presentes no livro, que entra em cena por ordem de chegada no GLOBO: Henrique Pongetti (assinava, também, como Jack), Antonio Callado (sob o pseudônimo de Anthony), Mario Filho, José Lins do Rego, Orígenes Lessa, Eloy Pontes, Thiago de Mello, Antonio Maria, Elsie Lessa, Rubem Braga, Augusto Frederico Schmidt, Guimarães Rosa, Nelson Rodrigues, João Saldanha, Jota Efegê, Marisa Raja Gabaglia, Sérgio Cabral, Chico Anísio, Jô Soares, Gustavo Corção, Artur da Távola, Fernando Sabino, Maria Julieta Drummond de Andrade, João Ubaldo Ribeiro, Otto Lara Resende, Mauro Rasi, Arnaldo Jabor, Artur Xexéo, Aldir Blanc, Danuza Leão, Fernanda Young e Cacá Diegues. Além dos textos, os cronistas estão representados nas caricaturas do artista visual Cavalcante, que também fez longa trajetória no GLOBO.

As histórias — engraçadas, líricas, comoventes, tristes ou reveladoras — atestam o talento desses escritores. Tudo foi se confirmando sem aviso prévio, um autor pisando nas pegadas do anterior. Os temas e os estilos são muitos: do prosaico à seriedade da guerra; das alterações urbanas ao crepúsculo que nos fascina, embora aconteça todos os dias; da aceleração do tempo à celebração das perenes amizades; das questões sociais às conversas corriqueiras num lotação; das praias cariocas ao frio de Paris; do imbróglio desafiador com o chefe de polícia à invenção de um samba; do desamparo do menino de rua à ilusão de pegar Papai Noel; das considerações sobre cinema e televisão às escapadelas rocambolescas dos amantes; da procurada beleza aos tropeços da condição humana; do futebol-arte à solidão do homem de meia-idade; do asfalto duro ao passeio dos botos no rio Solimões; da elegância de gestos e palavras ao mau gosto de um bando de cafonas.

CARICATURAS DE CAVALCANTE



Verve. O jornalista Artur Xexéo (à direita) e a roteirista Fernanda Young estão entre os autores celebrados em livro



Nomes históricos. A pioneira Elsie Lessa, o escritor Guimarães Rosa e o dramaturgo Nelson Rodrigues

Os autores apresentam um panorama de diferentes épocas, com suas características e dicção literária. Destaca-se o ingresso das mulheres cronistas na redação, desde os anos 50, com a pioneira Elsie Lessa, que assinou a coluna "Globetrotter", de 1952 a 2000, e foi a presença ininterrupta mais longeva do jornal.

Mas as surpresas não param por aí: Guimarães Rosa estreou no GLOBO no mesmo dia que Carlos Drummond de Andrade, em janeiro de 1961. Como poeta, Drummond exerceu seu ofício por poucos meses no jornal. O ficcionista Rosa, porém, publicou textos que entrariam em seus livros "Primeiras estórias" e "Ave, palavra". Entre eles, a crônica "Além da amendoeira" — que integra a coletânea — um diálogo imaginário de Rosa com seu vizinho de bairro, o próprio Drummond.

Outro grande nome, Nelson Rodrigues, assinou quatro colunas — entre 1962 e 1980, ano de sua morte — e de cada uma delas selecionamos textos que, mais tarde, formariam alguns de seus livros. Claro que não ficou de fora o enigmático Sobrenatural de Almeida, personagem que agourava o Fluminense, time de adoração do cronista e dramaturgo.



Em papel ou na versão digital, o GLOBO sempre foi a casa dos cronistas. Um luxo ter reunido, ao mesmo tempo, Zuenir Ventura e Luis Fernando Verissimo, colaboradores de longos anos. E ainda ter contado com a participação de Miguel Falabella, Caetano Veloso, Arthur Dapieve, Arnaldo Bloch, Mauro Ventura, Fred Coelho, para citar apenas alguns.

Esse luxo continua quando abrimos o jornal e encontramos, entre outros, Cora Rónai, Bruno Astuto, Martha Medeiros, Leo Aversa, Nelson Motta, Ruth de Aquino, Joaquim Ferreira dos Santos, Martha Batalha, José Eduardo Agualusa, autores que seguem fazendo a história da crônica no GLOBO.

As boas crônicas adormecem no jornal e amanhecem nos livros.

MARIA AMÉLIA MELLO
é editora, jornalista e escritora. Idealizou e organizou o livro "Um século de crônicas — Cronistas que fizeram história no GLOBO", com a colaboração da historiadora Cláudia Mesquita, publicado pela Globo Livros.

NOSSOS CRONISTAS

‘AMIGOS, NUM DIA...’

1. Amigos, num dia inspirado, escrevi uma frase que ia sofrer todas as variações possíveis. Eis a frase: —“Só os profetas enxergam o óbvio.” A princípio, era uma frase engenhosa. Mas não imaginei, jamais, que corresse todo o território nacional.

2. Vocês entendem? No dia seguinte, eu saí de casa, bem cedo, tão cedo que esbarrei, quase tropecei no leiteiro. Vejam o sucesso fulminante de uma frase bem nascida. Assim que me viu, o homem ergueu o braço e declamou: —“Só os profetas enxergam o óbvio.” Recuei dois passos e avancei outro tanto. Perguntei: —“Onde é que você leu isso?” Ele puxou o recorte do bolso. —“Li na sua crônica, na sua coluna, ora, pois!” Estendi-lhe a mão, o leiteiro a dele, e assim nos despedimos. Isso foi há uns cinco anos (ou dez?). O fato é que, durante todo o dia da primeira audição (e era uma primeira audição), eu vivi às custas da frase. A alma encantadora das esquinas e dos botecos amou a frase.

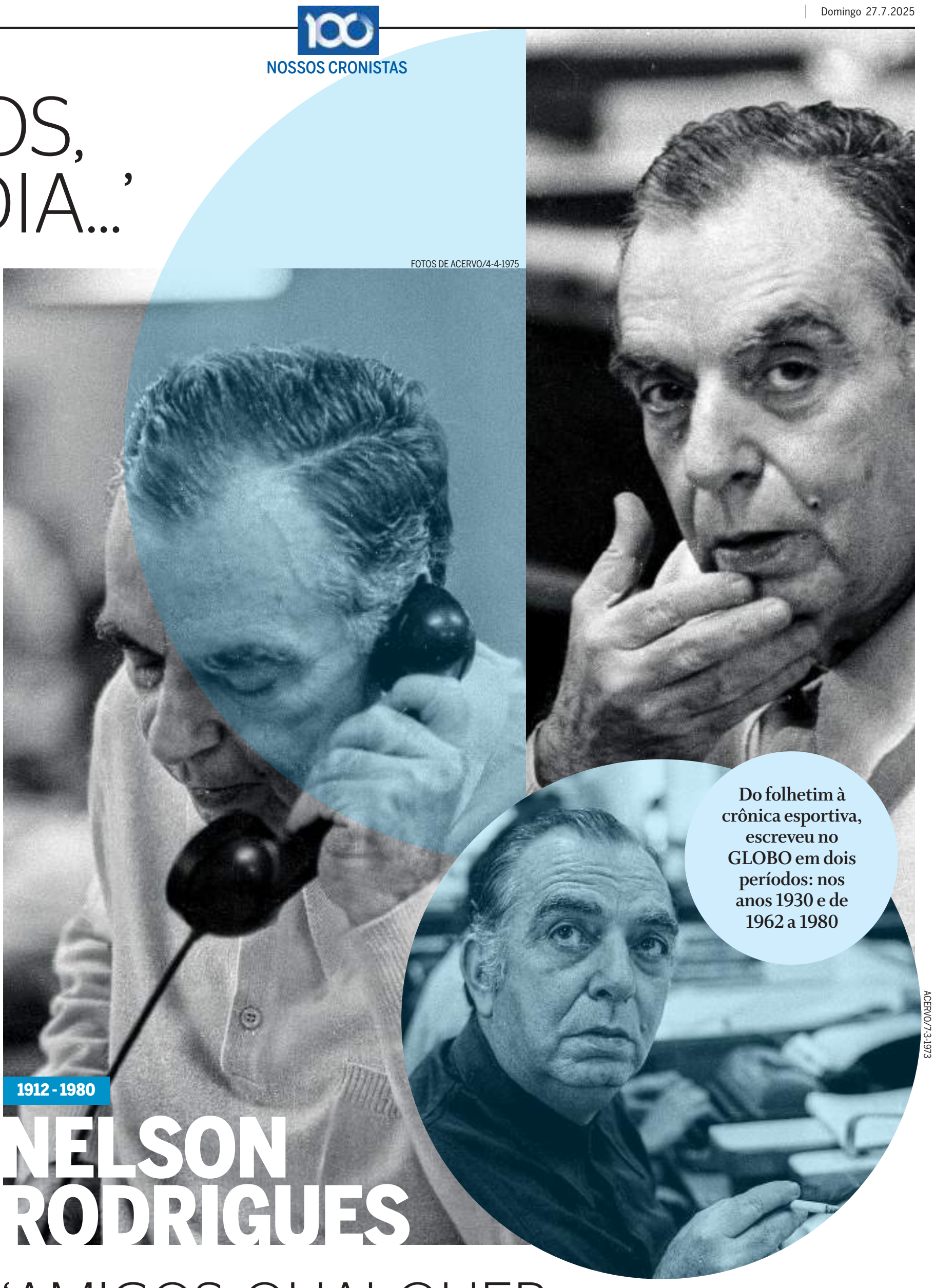
3. E, por um momento, pensei que eu podia viver de uma frase se eu a tratasse com o necessário carinho. De um dia para outro tornei-me o poeta do óbvio. Impressionado, criei, em seguida o óbvio ululante. Repercussão instantânea.

4. Não quero me gabar, mas tenho comigo a ideia de que tudo o que fiz de original, de interessante, são as variações do óbvio. Mas diz a minha vizinha, gorda e patusca: —“A gente vive aprendendo.” Quanto a mim, aprendi mais esta: —apesar de minha frenética promoção, o óbvio, simples ou ululante, continua invisível.

5. As pessoas enxergam tudo, menos o óbvio. Vocês querem, sem dúvida, um exemplo concreto. Vamos lá. Exemplo nº 1: A nossa crônica esportiva. Vamos ressalvar alguns colegas que são os cegos do óbvio. Claro que nem todos os cronistas têm essa cegueira. Mas a maioria se comporta como os cretinos fundamentais. Ora, não há óbvio mais espetacular que este: —“O futebol europeu não chega aos pés do nosso.” É só fazer o retrospecto de ambos os esportes. Se resultado vale alguma coisa, a estatística mostra e demonstra o nosso futebol como o maior do mundo. Por exemplo: —nunca houve na Terra um futebol como o brasileiro. Somos tricampeões do mundo e não basta? Devia bastar. Mas há os que soluçam: —“Não somos mais os melhores, não somos mais os reis.” Eis aí, como diria Vitor Hugo: —um soluço imortal. Dirão vocês que Vitor Hugo não é infalível. Mas se ele não é infalível, o óbvio o é. E, além disso, os poetas existem para isso mesmo, ou seja: para descobrir um soluço eterno. Se o óbvio está certo, há soluços piores.

17 de agosto de 1977

FOTOS DE ACERVO/4-4-1975



Do folhetim à crônica esportiva, escreveu no GLOBO em dois períodos: nos anos 1930 e de 1962 a 1980

ACERVO/7-3-1973

1912 - 1980

NELSON RODRIGUES

‘AMIGOS, QUALQUER MULTIDÃO...’

1. Amigos, qualquer multidão é triste. Juntem 150 mil pessoas no Maracanã e vejam como imediatamente o estádio começa a exalar tristeza e depressão. Assim foi ontem. Primeiro de maio. Dia do Trabalho, seis portões abertos para todo mundo. Aquilo foi tomado de assalto. E quando soou o apito inicial, tinha gente até no lustre.

2. Mas o que eu queria dizer é que, como qualquer multidão, aquela massa estava triste, fúnebre, inconsolável. E só mesmo o meu personagem da semana, Mané Garrincha, conseguiu arrancar do Maracanã entupido uma gargalhada generosa total. Vocês se lembram de Charlie Chaplin, em “Luzes da Ribalta”, fazendo o número das pulgas amestradas? Pois bem. Mané deu-nos um alto momento chapliniano. E o efeito foi uma bomba.

3. Na primeira bola que recebeu, já o povo começou a rir. Aí é que está o milagre: o povo ria antes da jogada, da graça, da pirueta. Ria adivinhando que Garrincha ia fazer sua grande ária, como na ópera. Como se sabe, só o jogador medíocre faz futebol de primeira. O craque, o virtuose, o estilista, prende a bola. Sim, ele cultiva a bola como uma orquídea de luxo.

4. Foi uma das jogadas mais histriônicas de toda a vida de Mané. Primeiro, pulou por cima da bola. Fez que ia, mas não foi. Pula pra lá, pra cá, com a delirante agilidade de 50. Lá estava a bola, imóvel, impassível, submissa ao gênio. E Garrincha só faltou plantar bananeiras. Três ou quatro gaúchos batiam uns nos outros, tropeçavam nas próprias pernas.

5. O importante, porém, é que a multidão, neurótica como toda multidão, ria, finalmente ria. E o som de 150 mil gargalhadas saiu do Maracanã e rolou por toda a cidade. Era mais uma ressurreição do Mané. Digo “ressurreição” porque o meu personagem da semana já teve vários atestados de óbito. Sabemos que ele está jogando no Corinthians e fazendo “gols” fantásticos. Não contente de fazer os próprios, tem sido, com seus passes magistralíssimos, o coautor de não sei quantos “gols” alheios.

6. Pois bem. Mas há, na crônica, quem o trate como um defunto do futebol. Chega a ser patusca a insistência com que vários colegas anunciam a morte do Garrincha de 58 e de 62. E Mané tem quer ser exumado. Só o povo é que, na sua imaculada boa-fé, não acredita no fim do ídolo. Sempre que ele recebia a bola, a multidão caía em estado de graça plena.

7. E vamos e venhamos: para um defunto, o Mané parecia ontem salubérrimo. Cabe então a pergunta: por que certos confrades teimam em não enxergar o óbvio ululante? Há várias explicações. Em primeiro lugar, os colegas alvinegros ressentidos contra o abominável ex-botafoguense. E há também a falta de bondade. Amigos, eu sempre digo que, sem um mínimo de ternura, não se chupa nem Chicabon. Os que negam Garrincha têm uma aridez de três desertos.

8. Mas o que importa, para nós, para o “scratch”, para o Brasil, é que Mané voltou a ser ele mesmo. Ainda ontem nós verificamos, mais uma vez, como é importante, como é decisiva a sua presença. Antes de mais nada, o adversário dá-lhe uma cobertura histérica de três e até quatro marcadores. Imaginem lá fora. Imaginem na Inglaterra. Sempre que ele receber a bola, Lord Nelson há de tremer na tumba e a “Divina Dama” há de chorar lágrimas de esguicho.

2 de maio de 1966

Coordenação: Flávia Barbosa e André Miranda. **Editoras:** Gabriela Goulart e Mànya Millen. **Editores assistentes:** Gustavo Alves e Pedro Tinoco. **Redatores**: Aydano André Motta, Bernardo Araujo, Carolina Morand, Lucila de Beaurepaire e Lucila Soares. **Direção de arte**: Alvim. **Projeto gráfico:** Alvim e Télio Navega. **Diagramação:** Ana Scott, Gustavo Amaral e Télio Navega. **Coordenação fotográfica:** Paulo Moreira. **Infografia e arte:** Renata Amoedo, Renato Carvalho, Vinicius Machado e William Mur. **Pesquisa:** Luciana Barbio Medeiros e Paulo Luiz Carneiro.



100 ANOS DE INFORMAÇÃO QUE MOVIMENTA MERCADOS.

Ao longo de um século, **O Globo** tem sido mais que um jornal. Tem sido bússola
para o mercado financeiro, para o investidor, para o país.
A **ANCORD** homenageia este centenário com reconhecimento e respeito.
Porque, quando a informação é clara, os caminhos se abrem.
E, quando há imprensa forte, o mercado é mais transparente, mais justo, mais confiante.

**Parabéns, O Globo, por 100 anos de compromisso
com o Brasil e com o futuro.**

Ancord
INOVANDO PARA FORTALECER O MERCADO

Associação Nacional das Corretoras e Distribuidoras de
Títulos e Valores Mobiliários, Câmbio e Mercadorias

NOSSOS CRONISTAS

LEO MARTINS/7-9-2016



‘IN ENGLISH’

Já consagrado como mestre do texto de humor, o escritor teve uma coluna com seu nome entre 1999 e 2024

I am writing this in English to set an example. I think the Brazilian press has the patriotic duty to start publishing news and opinion in English so the people at IMF can know what is going on here on a daily basis without having to wait for reports and resumes. With the troublesome Portuguese out of the way, they can assess our situation directly by reading our newspapers and make the necessary decisions more quickly. Mr. Stanley Fischer won't have to shout "Terezinha!", like the late "Little Farm", every time he wants Teresa What's-Hername to make a bad translation or clarify a language point for him, before telling us what to do. (Sorry, Stanley. Inside joke. "Little Farm", or "Chacrinha", was a TV personality who... Forget it. It has nothing to do with our present fix or with you). A good part of our newspapers is already printed in English anyway, specially the real-estate advertising sections ("Manhattan Business Flats" etc.) and it is a well known fact that the Economy sections have been written in Greek for years. Most people in Brazil won't understand what they are reading but that will be for their own good, as the news gets worse and worse, and it will help to avoid panic. I plan to write in English from now on, reverting to Portuguese only in the case of untranslatable words like "marketing", "currency board" etc. and hope that the responsible press will follow my lead.

(Resumo para quem ainda usa língua obsoleta. Estou escrevendo em inglês porque acho que a imprensa brasileira tem o dever patriótico de passar a usar uma língua que o FMI entenda, para o Stanley Fischer não ter que gritar "Terezinha!", como o Chacrinha, toda vez que precisar daquela Teresa Qual-Quercoisa para uma má tradução ou para esclarecer uma dúvida do português, antes de nos dizer o que fazer. Boa parte dos nossos jornais já é escrita em inglês, com o os anúncios de imóveis ("Manhattan Business Flats" etc.) e todos sabem que as seções de economia são escritas em grego há anos. A maioria dos brasileiros não entenderá o que está lendo mas isto será para o seu próprio bem, já que as notícias tendem a ficar cada vez piores, e ajudará a evitar o pânico. Pretendo escrever em inglês daqui por diante, só recorrendo ao português no caso de palavras intraduzíveis como "marketing", "currency-board" etc. e espero que a imprensa responsável siga meu exemplo. Perdão, revisão).

23 de fevereiro de 1999

LUIS FERNANDO VERISSIMO

100 anos de credibilidade.
Não é sobre tempo,
é sobre impacto.

realpublicidade.com.br



Quando a gente começou, o mundo era outro.
Mas lá estavam vocês, fazendo manchete,
formando opinião, marcando presença
na rotina de tanta gente.

Hoje é dia de celebrar um século
de jornalismo sério.

E nós temos orgulho de fazer parte dessa
trajetória como parceira, admiradora e,
claro, leitora fiel.

Parabéns, O Globo.
Que venham muitos anos de boas histórias,
em papel e pixels.

E que a gente continue juntos, transformando
resultados financeiros em comunicação
para investidores.

21 2544.0607
rj@realpublicidade.com.br

11 3078.8699
sp@realpublicidade.com.br

Publicidade Legal e Financeira | Mercado de Capitais | Comunicação para Investidores

REAL PUBLICIDADE



Parabéns,
Grupo **Globo**

100 anos

de uma
história grandiosa!

A **Inter TV** aplaude esse legado e tem orgulho de fazer parte dele nas últimas décadas.

Porque há coisas que o tempo não muda: a coragem de informar com propósito, a vontade de emocionar com verdade e o compromisso de representar o Brasil em cada rosto, em cada sotaque.

De **"oito" a "trem bão" e "maneiro"**, seguimos ao lado, construindo essa história no Rio Grande do Norte, em Minas Gerais e no Rio de Janeiro, levando a Globo a mais de 12 milhões de brasileiros, em 518 municípios.

Conectando o Brasil que se vê com o Brasil em que se vive.

O Grupo Globo constrói um século de confiança. E nós seguimos juntos, com o mesmo brilho nos olhos e a mesma paixão pelo que importa.

Parabéns, Globo. Que venham os próximos 100 anos, para que juntos possamos continuar conectando cada brasileiro às suas histórias.

INTER TV | conectando cada um às suas histórias

NOSSOS CRONISTAS

FERNANDO GOMES/3-12-1985



ELSIE LESSA

1914 - 2000

Jornalista, revisora e tradutora, Elsie foi a primeira mulher a assinar uma coluna no GLOBO, de 1952 a 2000

‘OU EU OU ELA...’

Dizer que fui eu mesma quem a recolhi, quem a trouxe para casa. Aquela vira-lata de olhos tristes que acabou sendo minha inimiga. Vi-a machucada, ganindo, em pleno Rossio, em Lisboa, naquela esquina movimentada, arrisquei a vida, ouvi xingos, levei multa, mas parei o carro, trouxe-a comigo. Os olhos de doçura com que me olhava, no banco ao meu lado, o focinho meigo. Se a gratidão tivesse cara, teria a cara da Macunaíma.

— O quê?

— Macunaíma é o nome dela. Um livro de Mário de Andrade que me fascinou na juventude: Nunca ouviu falar? Macunaíma é o herói sem nenhum caráter.

— O autor?

— O personagem. E esta cadela que também é dona de muita personalidade. Feia como você está vendo. Raça passou longe dela. Mas ficou sendo a dona e rainha desta casa. Come na mesa, se duvidar no meu prato, sobe na minha cama à hora que bem entender, arrasou com minhas plantas, roeu meus tapetes persas. Fiquei sendo a melhor freguesa de seu Lauro, ali da Parede. Não há uma semana que não lhe leve um tapete, chame para acolchoar um braço de poltrona. Perdi uma empregada de anos, um jardineiro que tinha sido de minha mãe. Deixei de fazer uma excursão pela Europa.

— Manda embora esse bicho. Dá pra alguém, há tanta gente que gosta de cachorro. A vida é uma só...

— E eu não sei disso? Essa vira-lata não estava há um mês em minha casa quando vi tudo o que ia ser o meu futuro. Soube a que ponto chegariam as minhas agruras com essa cadela de focinho triste. Vai longe com esse focinho.

— E o Luiz não implicou?

— Ameaçou sair de casa no dia em que a viu aqui dentro. Quis mudar para o clube. Cachorro em casa? Era o que faltava! O pior é que era mesmo e eu, burra, não percebi. O homem acabou criando carinho pelo bicho. Achei graça, logo o Luiz que não é dessas coisas. As caras que ela fazia quando ele chegava. Deu de esperar no portão, latindo quando o carro ainda estava longe. De manhã o acompanhava, fazendo festa até desaparecer na esquina, fazendo focinho triste quando o via descer a escada.

— Cheia de truques?

— O truque, minha filha. O próprio. Uma bastarda dessas, quem diria. Se o Luiz me escutasse! O homem deu de chegar em casa mais cedo. Quietarrão como você sabe, ficava lendo o jornal na poltrona, o raio desse bicho, muito quieta, encostada na barriga da perna, seguindo-lhe cada gesto com esses olhos mansos. Às vezes que ficou chorando baixinho na porta do nosso quarto.

— Até que ele abriu.

— Como é que você sabe? Nunca mais dormiu noutro lugar. Só come da mão dele. Jejua se ele fica resfriado. Emburra comigo se tenho a veleidade de discutir com seu amo e senhor. Ficou dois dias sem comer, chorando perto da porta, quando ele foi para o Algarve sem ela. A empregada contou tudo quando ele chegou. E isso a instalou nas profundas do seu coração.

— Aí você começou a implicar?

— Não aguento mais a cara desse bicho. Olha o focinho, o jeito de nem-teligo com que me olha, a descarada. Queria que você visse o Luiz entrando pela porta. A gritaria...

— Os latidos?

— Os latidos, seja. Os abraços e beijos. A festa. A lua de mel daqueles dois. Nasceram um para o outro. São almas irmãs, inseparáveis. Passei a acreditar na transmigração das almas, na metempsicose, nessas esquisitices todas. Meu marido está irreconhecível, é outro homem. Vi-lhes as lágrimas correndo pela barba no dia em que foi atropelada. Uns arranhões à toa. E o homem queria tirar revólver, chamar a polícia.

— É... O negócio está grave... Eu, no seu caso, tomava uma resolução.

— Tomei. Ele que decidisse. Eu não aguentava mais esta senhora dentro da minha casa, seus estragos, prejuízos, caprichos. Aquela lamechice toda. Ele que escolhesse, ela ou eu.

— Você tinha todíssima razão. Quando é que ela vai embora?

— Acho que só a morte nos vai separar. Ele escolheu ela. E de desaforo, fiquei.

23 de setembro de 1996

‘A BALCONISTA’



ACERVO

MARISA RAJA GABAGLIA

1942 - 2003

Jornalista, atriz e escritora, publicou suas crônicas sobre o cotidiano da Zona Sul do Rio nos anos 1970

As balconistas sempre me comoveram. Muitas vezes, olhando-as assim, de saia e blusa, o riso comercial costurado no rosto, as olheiras e as mágoas disfarçadas por detrás dos olhos pintados, as pernas doídas de ficar em pé, senti sempre por elas muita ternura.

Por isso tive curiosidade de passar um dia numa grande loja de Copacabana, sondando o coração, as angústias, as alegrias, do pequeno-grande-mundo de vendedora de loja.

Encontrei fossas, esperanças, realizações e frustrações. E em todas um denominador comum: coragem, garra de viver e uma grande, desesperada, avassaladora solidão.

Na seção de vestidos, reparei em Célia: olhos pintados de sombra verde, meia peruca castanha amarrada com um lenço preto, 37 anos, solteira. Ela veio meio assustada conversar comigo.

— Você tem namorado, Célia?

Ela riu, meio constrangida:

— Não.

A gente começa a sair com um rapaz e, em vez de falar de amor, ele pergunta logo quanto é que a gente ganha.

— Se um namorado seu propusesse casar com você, rachando as despesas de casa, você aceitaria?

A resposta veio compulsiva, quase indignada:

— Não. Eu trabalho pra mim.

Depois seus olhos se ameigaram. Veio um riso manso, quase dolorido:

— Acho que, com um superamor, eu rachava, sim...

Célia ganha uma média de 800 cruzeiros por mês, mora com uma amiga em Copacabana. Não se lembra nunca de ter tido uma grande alegria.

Maria vende maiôs. É morena, miúda e seus 40 anos estão em torno dos olhos, nas rugas mansas que se abrem como um leque em torno deles.

Maria tem uma filha de 15 anos. O marido abandonou-a, grávida, no Maranhão. Os 700 cruzeiros do salário de Maria são gastos em viagens todos os anos para ver a filha. Carente de amor, um dia Maria conheceu alguém: falador, boa pinta, carteiras falsas, gestos macios que caíram na terra árida do coração de Maria como uma chuva de verão. O amor durou o que duram as rosas. Junto com ele acabaram as economias de Maria. E os sonhos também. Três anos de doença, duas operações e a filha, que ela não pôde ver porque, na mágoa e na enfermidade, também fora o dinheiro das passagens.

Quando falei com ela, debruçada sobre os maiôs coloridos espalhados no balcão, seus olhos estavam de novo acesos como balões de São Jorge:

— Minha filha chega hoje, Marisa.

Procurei um cigarro na bolsa para que ela não percebesse o quanto eu me comovi.

Margarida é loura, bonita, realizada e tranquila. Com 40 anos, casou duas vezes e, com apenas 6 meses de casa, dirige 4 seções na loja. O marido trabalha na Varig. Eles têm automóvel, um bom apartamento, dois filhos rapazes e seu riso claro e doce salvou um pouco da minha fossa. Ela e Dona Serafina, gerente do 3º andar, com seus 45 anos, e também casada duas vezes. Ajeitando o vestido de Jersey discreto, ela diz:

— Nunca tive problemas com homem.

Dona Serafina tem apartamentos, dinheiro aplicado na Bolsa, ganha 2.500 cruzeiros por mês, “só para ela”, e possui um Aero Willys.

— Qual a sua maior alegria, Dona Serafina?

— As duas vezes que casei.

Vera Lúcia trabalha na butique de gente jovem. Morena, uma graça, rosto lavado, cabelo Pigmaleão, usa um cordão de ouro pendurado no pescoço, com uma figa. Mora com a mãe e quatro irmãos, num quarto-e-sala. Tem um namorado, ganha 500 cruzeiros por mês, tem o curso primário e nunca soube o que é uma fossa. Se casar, aceita rachar a despesa.

— Qual seu maior sonho, Vera Lúcia?

— Um carro.

Eu jurava que ela ia dizer que era um marido.

“Seu” Davi trabalha há 25 anos na seção de tecidos. Português, bem-humorado, tem um tremendo senso de humor.

— “Seu” Davi, é fácil lidar com as mulheres que compram?

— É preciso muita paciência. Sobretudo porque elas nunca sabem o que querem.

— “Seu” Davi, no fim do dia ainda sobra paciência para sua mulher?

Ele ri e coça a cabeça:

— Olha, estou casado há 30 anos e pra mim a melhor hora é a de vir para o trabalho.

— O senhor tem automóvel?

— Tenho: CTC e outros bichos.

— Qual a maior alegria da sua vida, “seu” Davi?

— Dizem que o homem tem apenas duas grandes alegrias na vida: uma quando casa, outra quando a mulher morre. Eu infelizmente até agora só tive uma...

Quando saí da loja, na esquina da Santa Clara, anoitecia. De saia e blusa, as balconistas, os olhos mais pisados, a pintura mais desfeita, as pernas mais doídas, saíam, uma a uma, pela porta iluminada. Fiquei ali parada olhando, muito tempo. Depois andei pelas calçadas de Copacabana com todo o peso bêbado de ser humano dentro de mim.

UM FLAGRANTE DA VIDA REAL

3 de dezembro de 1971

NOSSOS CRONISTAS



LEONARDO AVERSA/27-4-2005

JÔ SOARES

1938 - 2022

Jô Soares estampou sua verve humorística e seu flerte com o gênero policial no jornal entre 1972 e 1975

'DA DIFÍCIL ARTE DE REDIGIR UM TELEGRAMA'

Uma coisa é incontestável: a linguagem telegráfica só surgiu depois do telegrama. Nunca ninguém escreveu uma carta assim: "Viagem boa. Nós bem. Tempo maravilha. Beijos fulano." O "Beijosfulano" numa palavra só é um expediente para economizar no telegrama. Não. Quando as pessoas só escreviam cartas e não havia crise de papel, o negócio era escrever laudas e laudas. Quanto mais páginas tinha uma carta, mais bonita era. Inventaram até o P.S., que é uma maneira de se escrever uma carta depois da carta.

Depois, veio o Morse, com seus traços e pontos e todo mundo teve que se virar para escrever mais coisas em menos palavras. Fica aqui uma pergunta: o que será que Morse inventou primeiro? Das duas uma; ou ele inventou a telegrafia e depois quebrou a cabeça até achar um alfabeto que se prestasse para sinalizar palavras ou então criou um dia o código, assim de brincadeira e depois ficou pensando: "Como é que eu posso transformar isto aqui num troço útil?" E aí bolou o telégrafo.

Seja como for, com ele surgiu o estilo telegráfico, muito usado hoje em dia não só nos telegramas, mas também nos recados e até nos lembretes que às vezes nós deixamos para nós mesmos: "Dar banho no cachorro", "passar banco pegar dinheiro", "cancelar dentista" etc.

Os telegramas devem ser curtos, não só por causa do preço, mas também para poupar o telegrafista que fica o dia inteiro sentado, batendo monotonamente numa única tecla. Um telegrafista é como um pianista que só tocasse o samba de uma nota só a noite inteira. Além disso, o telegrama tem seus próprios códigos dentro do código Morse. Por exemplo: ponto é escrito ponto mesmo, por extenso, porque se o telegrafista em vez de escrever ponto, sinalizar apenas um ponto, estará escrevendo a letra "E". Viram como é simples? Quanto à vírgula, nem se fala. Ninguém manda vírgula por telegrama.

Resumindo: o estilo telegráfico deve ser sucinto, claro, rápido e preciso, qualquer que seja o motivo mandado. Há uma história famosa a respeito de uns parentes que tinham que comunicar por telegrama, a uma senhora que estava viajando, o falecimento de uma irmã. Reuniram-se em volta de uma mesa e toca a escrever. Primeiro foi o primo quem redigiu a nota. Depois de alguns minutos mostrou o resultado do seu trabalho: "INTERROMPA VIAGEM E VOLTE CORRENDO. TUA IRMÃ MORREU." Todos leram e um dos tios fez o seguinte comentário:

— Eu acho que não está bom. Afinal de contas, vocês sabem que ela é cardíaca, está viajando e um telegrama assim pode ser um choque.

Todos concordaram, inclusive outro primo afastado que era meio sovina e achou o telegrama muito longo:

—Depois, com o preço que se paga por palavra, isso não é mais um telegrama, é um *telegrana*.

Ninguém riu do infame trocadilho, mesmo porque, velório não é lugar para gargalhadas. Foi a vez de o cunhado tentar redigir uma forma mais amena que não assustasse a senhora em passeio. Sentou-se e escreveu: "INTERROMPA VIAGEM E VOLTE CORRENDO. SUA IRMÃ PASSANDO MUITO MAL." Novamente o telegrama não foi aprovado. Um irmão psicólogo observou:

— Não sejamos infantis. Se ela está viajando pela Europa e recebe esta notícia, não vai acreditar na história de "passando muito mal". Sobretudo com "volte correndo" no meio.

— Também concordo — falou o primo afastado sempre pensando no custo.

Então o genro aproximou-se:

—Acho que tenho a forma ideal. —Pegou no bloco e rabiscou rapidamente: "INTERROMPA VIAGEM E VOLTE DEVAGAR. TUA IRMÃ PASSANDO MAIS OU MENOS."

Todos examinaram atentamente o telegrama. A filha reclamou:

— Vocês acham que mamãe é boba? Se a gente escrever que a titia está passando mais ou menos e que ela pode voltar devagar, ela vai adivinhar que todas estas precauções são pelo fato de ela ser cardíaca e que na realidade a irmã dela morreu!

— Concordo plenamente —disse o facultativo da família que era também sobrinho da senhora em questão. Resolveu, como médico, escrever o telegrama: "PACIENTE FORA DE PERIGO. VOLTE ASSIM QUE PUDER. PACIENTE TUA IRMÃ."

De todas as fórmulas até então apresentadas esta foi a que causou mais revolta.

— Que troço imbecil — gritou o netinho que passava pela sala no momento em que a mensagem era lida. Puseram o menino para fora da sala, mas no íntimo a família concordava com ele.

—Não, isso não. Se a gente manda dizer que ela está fora de perigo, para que vamos pedir que ela interrompa a viagem? —argumentou o tio.

—Também acho —responderam todos num coro de aprovação. O filho mais velho resolveu tentar. Pensou bem, ponderou, sentou-se, molhou a ponta do lápis na língua e caprichou: "SE POSSÍVEL VOLTE. TUA IRMÃ SAUDOSA. PASSANDO QUASE MAL. POR FAVOR ACREDITE. CUIDADO CORAÇÃO. VENHA LOGO. SAUDADES SURPRESA."

—Realmente, esse bate todos os recordes! —disse uma nora professora.— Em primeiro lugar, não é "se possível", ela tem que voltar mesmo. Em segundo lugar, "saudosa" tem duplo sentido. Em terceiro lugar, ninguém passa "quase mal". Ou passa mal ou bem. "Quase mal" e "quase bem" é a mesma coisa. "Por favor acredite" é um insulto à família toda. Ninguém aqui é mentiroso. Depois, "cuidado coração" não fica claro. Como telegrama não tem vírgula, ela pode pensar que a gente está dizendo "cuidado, coração", já que a palavra coração também é usada como uma forma carinhosa de chamar os outros. Por exemplo: "oi coração, tudo bem?" E finalmente a palavra "surpresa" no telegrama chega a ser um requinte de crueldade. Qual é a surpresa que ela pode esperar?

—Ela pode pensar que a titia está esperando neném — falou um sobrinho.

—Aos 90 anos de idade?

Abandonaram a ideia rapidamente. Seguiu-se um longo período de silêncio em que a família andava de lá para cá, pensando numa solução. Pela primeira vez estavam se dando conta de que não era tão fácil assim mandar um telegrama. Serviu-se o costumeiro cafezinho, enquanto cada qual do seu lado procurava uma maneira de escrever para a senhora em viagem sem que isto tivesse consequências desastrosas. De repente o irmão psicólogo explodiu num grito eurekiano de descoberta:

—Achei!

Escreveu febrilmente no papel. O telegrama passou de mão em mão e foi finalmente aprovado por todo mundo. Seu texto dizia: "SIGA VIAGEM. DIVIRTA-SE. TUA IRMÃ ESTÁ ÓTIMA."

26 de outubro de 1975





PAULO MOREIRA/23-9-1982

1940 -2022

ARNALDO JABOR

Cineasta, dramaturgo, comentarista político e polemista... Jabor era isso tudo na coluna que teve entre 1996 e 2016

'AMOR VEM ANTES E SEXO VEM DEPOIS, OU NÃO'

Quando contei, na semana passada, que a Rita Lee tinha feito uma música com letra de um artigo que escrevi sobre "amor e sexo", choveram e-mails pedindo o texto. Fiquei feliz com a música (que é linda) e porque me senti coadjuvante dessa luz que ela acendeu na cultura brasileira.

Rita é um caso sério. Ela brilha, purpurina, avermelha, cintila, se traveste, cresce e diminui, incha e emagrece, mas, no fundo, ela é um caso sério. Ela faz essa visagem toda para nos fazer engolir uma dourada pílula: sua importância cultural e política no país.

Rita tirou São Paulo da caretice, foi a guerreira da alegria durante a ditadura pois, em 1968, ela estava de noiva, florida, com caras e bocas, mutante, provando que, marchassem ou não os soldados, sua metamorfose continuaria e que sua alegria, alegria, era mesmo a prova dos noves. Rita não é só para ser ouvida; seus shows são um comício. A liberdade fica ali na cena, de backvocal, enquanto a Pátria, de botas e cabelo punk, dança rock, seguindo-a pelo palco como um Pluft. Eu não entendo de música, mas vejo a Rita aprontando há 30 anos, menina teimosa, sozinha, atacando o óbvio. Mas seu protesto nunca foi chato, sua superficialidade é profunda.

Como Rita é original... ninguém é como ela no Brasil... Me lembro de quando ela criou uma marca no braço, sei lá, "Rita Lee", como um "chevrolet", "shell", pois ela sabe que não somos um "sujeito único", muito antes dessas pós-modernidades aí. Ela é uma "pré-Bjork". Ela nunca cantou de um só ponto de vista, porque Rita são várias; no palco, ela parece um conjunto. Rita é a mina das minas de Sampa, frágil e corajosa, do balacobaco.

Por isso, orgulhoso, atendendo aos e-mails que pedem explicação sobre esses estranhos tremores, gemidos e espumas que chamamos de amor-sexo, copidesquei o antigo texto e o republico, com petulante jeito de quem sabe das respostas —ai de mim, pobre pierrô fingindo de arlequim!...

Aí vai o flashback:

"Amor é propriedade. Sexo é posse. Amor é a lei; sexo é invasão. O amor é uma construção do desejo. Sexo não depende de nosso desejo; nosso desejo é que é tomado por ele. Ninguém se masturba por amor. Ninguém sofre com tesão. Amor e sexo são como a palavra farmakon em grego: remédio ou veneno — depende da quantidade ingerida.

O sexo vem antes. O amor vem depois. No amor, perdemos a cabeça, deliberadamente. No sexo, a cabeça nos perde. O amor precisa do pensamento. No sexo, o pensamento atrapalha.

O amor sonha com uma grande redenção. O sexo sonha com proibições; não há fantasias permitidas. O amor é o desejo de atingir a plenitude. Sexo é a vontade de se satisfazer com a finitude. O amor vive da impossibilidade — nunca é totalmente satisfatório. O sexo pode ser, dependendo da posição adotada. O amor pode atrapalhar o sexo. Já o contrário não acontece. Existe amor com sexo, claro, mas nunca gozam juntos.

O amor é mais narcisista, mesmo com entrega, na 'doação'. Sexo é mais democrático, mesmo vivendo do egoísmo. Amor é um texto. Sexo é um esporte. Amor não exige a presença do 'outro'. O sexo, mesmo solitário, precisa de uma 'mãozinha'. Certos amores nem precisam de parceiro; florescem até na maior solidão e na saudade. Sexo, não — é mais realista. Nesse sentido, amor é uma busca de ilusão. Sexo é uma bruta vontade de verdade. O amor vem de dentro, o sexo vem de fora. O amor vem de nós. O sexo vem dos outros. 'O sexo é uma selva de epilépticos' (N. Rodrigues). O amor inventou a alma, a moral. O sexo inventou a moral também, mas do lado de fora de sua jaula, onde ele ruge.

O amor tem algo de ridículo, de patético, principalmente nas grandes paixões. O sexo é mais quieto, como um caubói — quando acaba a valentia, ele vem e come. Eles dizem: 'Faça amor, não faça a guerra.' Sexo quer guerra. O ódio mata o amor, mas o ódio pode acender o sexo. Amor é egoísta; sexo é altruísta. O amor quer superar a morte. No sexo, a morte está ali, nas bocas. O amor fala muito. O sexo grita, geme, ruge, mas não se explica.

O sexo sempre existiu — das cavernas do paraíso até as 'saunas relax for men'. Por outro lado, o amor foi inventado pelos poetas provençais do século XII e, depois, relançado pelo cinema americano da moral cristã. Amor é literatura. Sexo é cinema. Amor é prosa; sexo é poesia. Amor é mulher; sexo é homem — o casamento perfeito é do travesti consigo mesmo. O amor domado protege a produção; sexo selvagem é uma ameaça ao bom funcionamento do mercado. Por isso, a única maneira de controlá-lo é programá-lo, como faz a indústria da sacanagem. O mercado programa nossas fantasias.

Não há 'saunas relax' para o amor, onde o sujeito entre e se apaixone. No entanto, em todo bordel, finge-se um 'amorzinho' para iniciar. O amor virou um estímulo para o sexo.

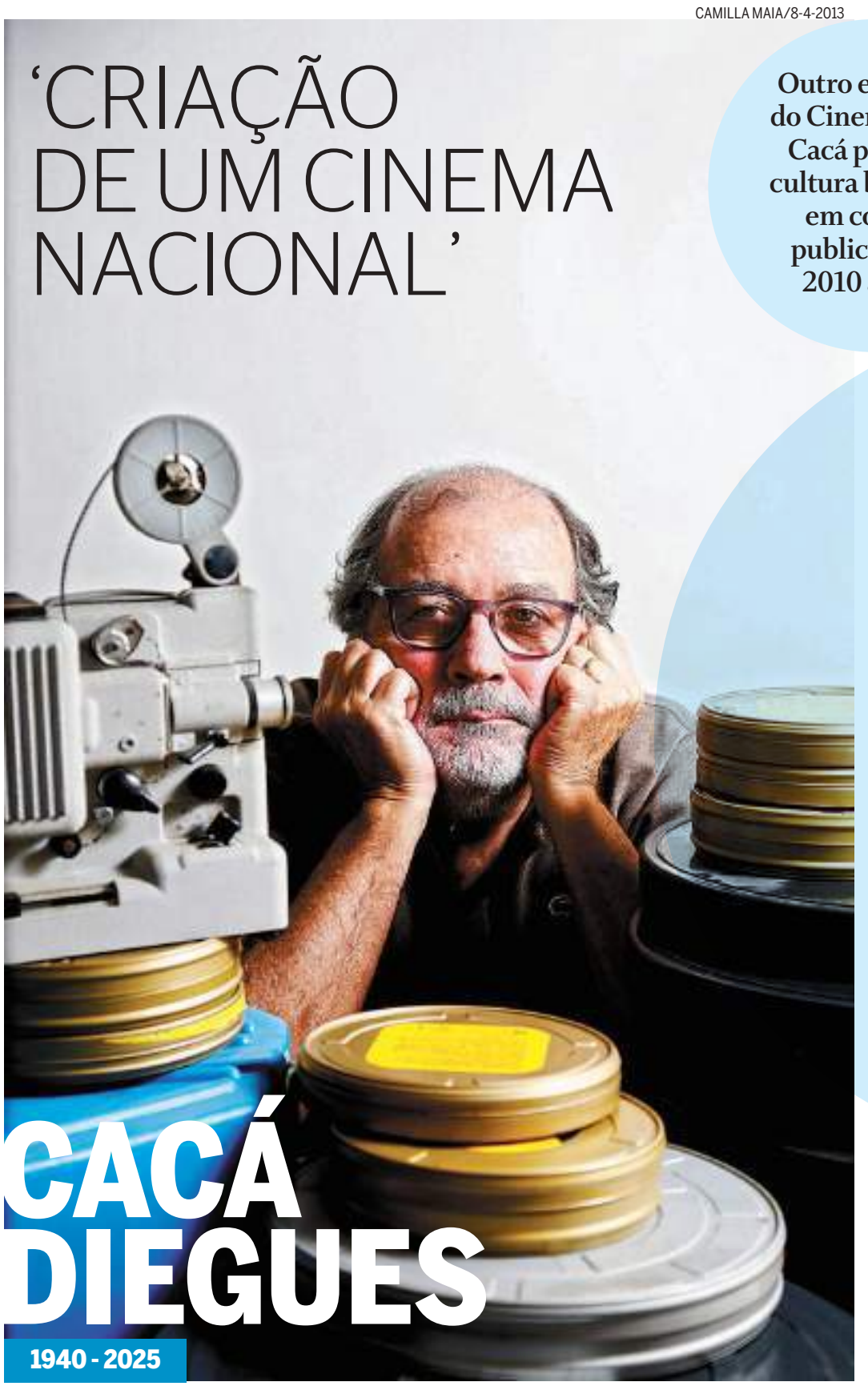
O problema do amor é que dura muito, já o sexo dura pouco. Amor busca uma certa 'grandeza'. O sexo é mais embaixo. O perigo do sexo é que você pode se apaixonar. O perigo do amor é virar amizade. Com camisinha, há 'sexo seguro', mas não há camisinha para o amor.

O amor sonha com a pureza. Sexo precisa do pecado. Amor é a lei. Sexo é a transgressão. Amor é o sonho dos solteiros. Sexo, o sonho dos casados.

Amor precisa do medo, do desassossego. Sexo precisa da novidade, da surpresa. O grande amor só se sente na perda. O grande sexo sente-se na tomada de poder. Amor é de direita. Sexo, de esquerda — ou não, dependendo do momento político. Atualmente, sexo é de direita. Nos anos 1960, era o contrário. Sexo era revolucionário e o amor era careta.

E, por aí, vamos. Sexo e amor tentam mesmo é nos fazer esquecer a morte. Ou não; sei lá... E-mails de quem souber para a redação."

23 de setembro de 2003



CAMILLA MAIA/8-4-2013

1940 - 2025

CACÁ DIEGUES

Outro expoente do Cinema Novo, Cacá pensou a cultura brasileira em colunas publicadas de 2010 a 2025

'CRIAÇÃO DE UM CINEMA NACIONAL'

O cinema brasileiro de qualidade nunca se impôs no próprio país, a não ser no final do século XX, durante o curto período em que os filmes eram feitos pela geração do Cinema Novo, produzidos e distribuídos pela Embrafilme, a empresa do Estado então comandada por Roberto Farias, um cineasta daquela geração.

O Cinema Novo criou uma "linguagem nova para dar expressão a um realismo crítico da situação nacional e à revelação de uma poesia até agora escondida. Essa síntese é a nova arte cinematográfica brasileira, manifestação do mesmo idealismo combativo que hoje se insurge contra a infame opressão estrangeira e contra o apoio a essa opressão dentro do país", como escreveu Otto Maria Carpeaux na época.

É difícil dizer quando isso começou, mas podemos lembrar de filmes que se impuseram com qualidade, além de valor cultural, histórico ou político, como foi o caso de "O assalto ao trem pagador", realizado pelo mesmo Farias anos antes de ele se tornar uma "estrela" de nosso cinema, com a participação na produção de gente como Glauber Rocha e Luiz Carlos Barreto.

Mesmo antes do "Assalto", tínhamos em nossa produção filmes como "Rio, 40 graus", de Nelson Pereira dos Santos, ou, mais antigo ainda, o famoso "Ganga Bruta" de 1933, dirigido pelo mítico Humberto Mauro. Isso tudo era o nosso cinema nacional, representava um cinema nacional cujas características já tinham sido exploradas por outros filmes mundo afora.

Na verdade, minha geração não queria mais falar de um Brasil que nós conhecíamos através de uma cultura formal (poesia, música e audiovisual, sobretudo), mas tentar abrir o horizonte para falar de um Brasil que ninguém conhecia, iniciando um papo com o pobre do espectador, trocando ideias com ele que estava absolutamente prisioneiro de uma visão sobre nós estabelecida por filmes e realizadores que não tinham nada a ver conosco.

Em vez de falar de um país mitológico, de um povo que muito provavelmente jamais existiu, tínhamos resolvido falar de nossa decepção com tudo o que o Brasil já tinha representado para nós.

Num certo sentido, passávamos a crer mais nesse herói cotidiano do que no herói acima de todas as coisas, como eu vinha tratando, por exemplo, o Zumbi de Palmares, modelo do heroísmo popular que eu, mesmo sem ter muita consciência disso, estava tentando demonstrar nas histórias que tinha contado até ali, nos filmes que havia feito para revelar a capacidade que nós tínhamos de sermos aqueles cavaleiros que mudavam nossa história.

Eu tinha que me contentar com a observação do que se passava e de como se comportam nossos heróis de verdade no seio dessa sociedade que existia de fato, com todos os defeitos deles no coração dessa engrenagem social que denunciava nosso fracasso como povo.

Quanto a mim, estava muito mais próximo de um debate com as favelas e com os eventuais heróis de momentos dolorosos vividos nelas, do que de heróis que se tornam heróis por nada. Era isso o que eu pretendia botar nos filmes que ia fazer a partir dali: minha contribuição ao que se passava tinha que conter uma espécie de alvorada com um sol mais poderoso, porque afinal de contas era o único que tínhamos ao alcance de nossas mãos cinematográficas.

E isso só seria possível se conseguíssemos completar o outro lado da figura bendita que havia de nos conceder esse direito. Só poderíamos inventar e assegurar esse momento do nosso cinema se fôssemos capazes de construir um novo cinema para o Brasil. Só teríamos capacidade para isso se houvesse um retorno à ideia capaz de consagrar uma economia nacional em que coubesse o cinema.

Os filmes estavam ficando cada vez melhores, era preciso construir então a economia nacional que os iria expandir. E essa economia, como hoje, não poderia existir sem uma participação decisiva do Estado.

14 de janeiro de 2024

RG

O MINISTÉRIO DA CULTURA, GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA, ATRAVÉS DA LEI ESTADUAL DE INCENTIVO À CULTURA, PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO E SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA APRESENTAM

RIO GASTRONOMIA 15 ANOS

Apresentado por

Sesc | Senac

100 ANOS DO GLOBO E 15 ANOS DE RIO GASTRONOMIA. ESTE ANO É AINDA MAIS ESPECIAL.

No ano em que O GLOBO completa 100 anos de história e o Rio Gastronomia, 15 anos de sucesso, preparamos uma edição muito especial. Garanta logo o seu ingresso e prepare-se para viver momentos deliciosos, com uma programação repleta de atrações e muita diversão, no maior evento de gastronomia do país.

RESTAURANTES PREMIADOS E ESTRELADOS
AULAS COM CHEFS RENOMADOS
SHOWS TODOS OS DIAS
FEIRA DE PRODUTORES REGIONAIS
RODA-GIGANTE
ESPAÇO KIDS

1ª SEMANA	2ª SEMANA	3ª SEMANA
14 a 17 agosto	21 a 24 agosto	28 a 31 agosto

Pião do Prado
Jockey Club Brasileiro

Confira a programação e adquira seus ingressos:
riogastronomia.com
@riogastronomia











Lei Rouanet
Incentivo a Projetos Culturais

Apresentação: Sesc | Senac
Estado Anfitrião: Governo do Estado Rio de Janeiro
Cidade Anfitrião: Prefeitura Rio

Patrocínio Master: Naturgy, Banco do Brasil, ourocard, VISA, visit RIO, Rio Capital Mundial da Gastronomia

Patrocínio: Stella Artois Pure Gold, Maturatta, I ♥ PRIO, Prefeitura Rio Cultura, Governo do Estado Rio de Janeiro

Apoio: Rio de Janeiro, RioTur, Governo do Estado Rio de Janeiro, Rede D'Or, Enerbras, Caprafaria, Polisabor, Chandon, Andorinha, Président, cielo, Britânia, Seara Gourmet, Governo do Estado Rio de Janeiro Amigos, SEBRAE

Participação: Senac, Granado, ION, riosul

Shopping Oficial: riosul
Cia Aérea Oficial: GOL
Hotel Oficial: Fairmont
Parceiro de Energia Sustentável: tyr
Parceria: SindRio

Produção: RKF, Lanka
Rádio Oficial: rádio Globo, CBN
Parceiro de Mídia: eletromídia
Assessoria: InPress Porter Novelli
Realização: O GLOBO 100, Ministério da Cultura, Governo Federal, Brasil

BEBA COM MODERAÇÃO. PRODUTO DESTINADO A MAIORES DE 18 ANOS.

NOSSOS CRONISTAS

‘A DIFÍCIL MORAL DA HISTÓRIA’

LEO MARTINS/16-5-2021



Jornalista premiado que ocupa a cadeira de número 32 na ABL, Zuenir Ventura foi colunista do GLOBO de 1999 a 2022

ZUENIR VENTURA

Quando o conheci, ele tinha 9 anos e acabara de escapar da chacina de Vigário Geral, em 1993. Era uma das cinco crianças sobreviventes de uma família de evangélicos que teve oito pessoas fuziladas por um grupo de policiais militares que invadiu a favela atrás de traficantes. Vítor Carlos, suas duas irmãs e dois primos acabaram sendo poupados e saíram pelos fundos da casa pulando de laje em laje. A mãe, o avô e a avó, quatro tias e um tio foram executados.

Há dias, a advogada Cristina Leonardos me ligou para dizer que Vítor, agora com 20 anos e pai de uma filha de 15 dias, tinha sido preso vendendo maconha e cocaína numa boca de fumo da Maré. Foi um choque para todos. Sua maior preocupação era com Vera Lúcia, a tia que criou os meninos sobreviventes e que é uma espécie de mãe-coragem. Há quase doze anos lidera os parentes das vítimas na luta por justiça e para receber uma indenização do Estado.

Decepcionada, essa mulher de fibra e de princípios que procurou transmitir aos filhos de criação sólidos valores morais não consegue entender o que aconteceu. Vítor alega — como fez na entrevista ao repórter Leslie Leitão, do Extra — que entrou para o tráfico, onde faturava até R$ 100 por dia, porque “estava sem dinheiro e precisava sustentar a família”. Vera não é de aceitar como álibi as adversidades da vida e por isso tem dificuldade em desculpá-lo. “Sempre disse que não é porque perdi minha família na chacina que vou sair por aí fazendo besteira.”

Não é fácil tirar uma moral dessa história. Não se trata de fazer a defesa prévia de Vítor, mas ele não parece ter a “vocação” irreversível para o crime : ao que tudo indica, nunca pegou em armas e considerava a atividade ilícita como um “emprego”. A desagregação familiar causada pela violência policial, o desajuste emocional, a revolta (ele ainda não recebeu a indenização que o Estado foi condenado pelo Tribunal de Justiça a pagar), a necessidade de dinheiro, alguma coisa enfim de sua história de vida pode ter pesado no seu desvio de conduta.

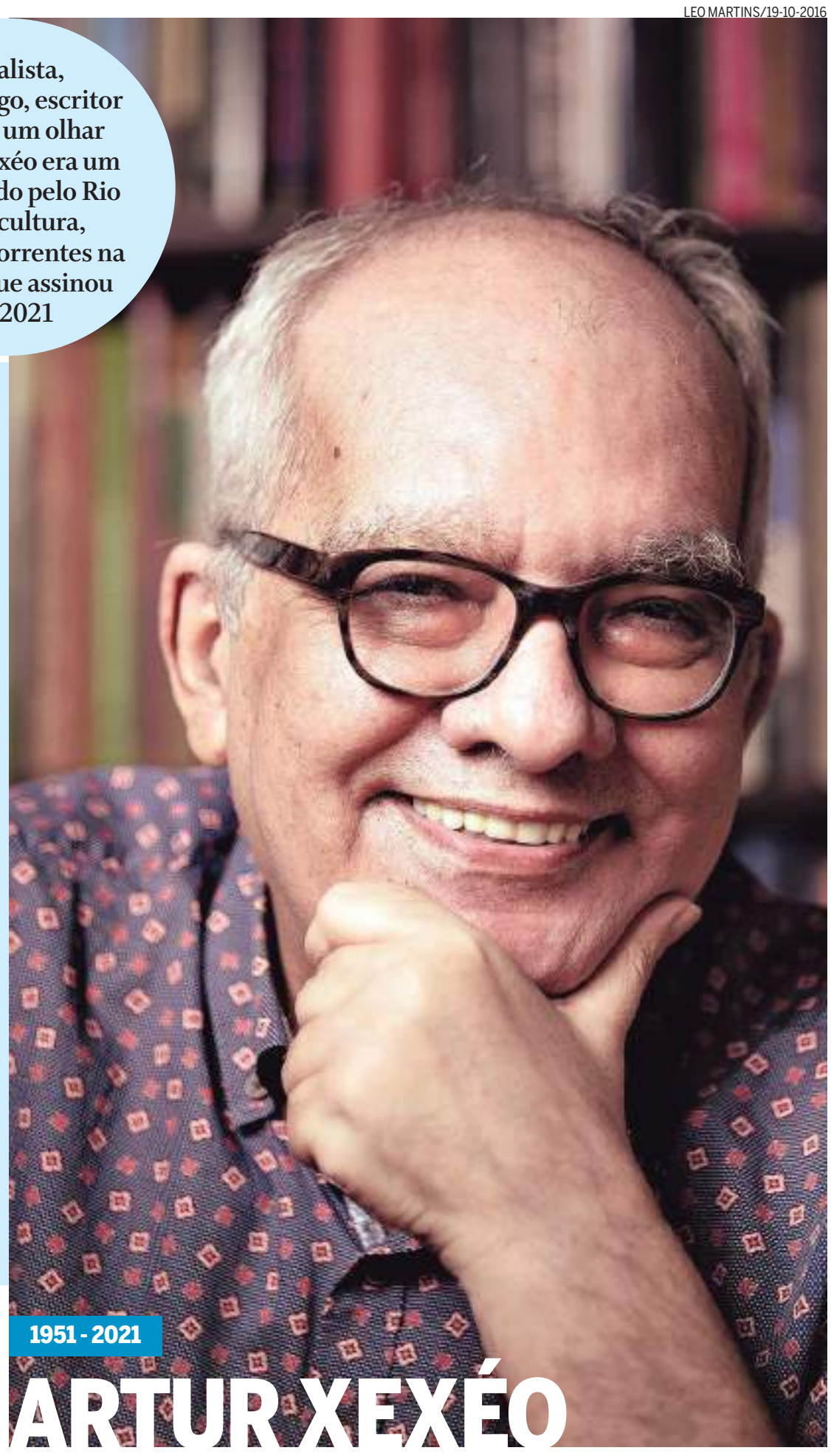
Por ironia, Vítor está no mesmo prédio da Polinter em que se encontra preso o último dos PMs da chacina. Foragido desde 1993, ele se entregou quando sua foto apareceu recentemente no programa “Linha direta”.

Segundo Vera, “arrependido e envergonhado”, o seu sobrinho pede uma segunda chance. Não cabe a mim dizer se ele merece. Mas o Estado e a sociedade que não tiveram pressa em fazer justiça (dos 50 acusados da execução de 21 inocentes, só seis foram condenados até hoje) nem em reparar os danos causados a essa família, talvez devam refletir com calma antes de condenar Vítor Carlos.

11 de maio de 2005

‘DE VOLTA À CANÍCULA’

LEO MARTINS/19-10-2016



Jornalista, dramaturgo, escritor dono de um olhar único, Xexéo era um apaixonado pelo Rio e pela cultura, temas recorrentes na coluna que assinou até 2021

1951 - 2021

ARTUR XEXÉO

O e-mail chegou de forma inesperada e foi direto ao ponto com perguntas objetivas: “Você foi à inauguração do Bob’s em Copa? Foste no Cine Leme e na Furna da Onça? Frequentavas o Sereia do Leme?”

Percebo que, desde que passei a ocupar este espaço com lembranças do Rio antigo, comecei a ser visto como uma espécie de Matusalém do jornalismo. Em plena era do jornalismo na internet, às vezes acho que as pessoas pensam que fui contemporâneo de Gutenberg. Deixa eu esclarecer: não fui testemunha da chegada de Dom João VI à Praça XV, que, na época, aliás, se chamava Largo do Carmo; não estava na plateia quando Yolanda Pereira foi eleita Miss Universo; não acompanhei o relato do naufrágio do Titanic por meio de telegramas da internet. Não sou broto, é verdade. Mas revelo agora que de muita coisa que falo apenas ouvi falar. Não sou nostálgico ou saudosista. Sou apenas um colecionador de fatos, personagens e marcos culturais que ajudam a contar a História de uma cidade que eu amo.

E para que as perguntas que originaram este desabafo não fiquem sem resposta, volto a cada uma. Não fui à inauguração do Bob’s em Copa. Para mim, o Bob’s sempre esteve ali na Domingos Ferreira. Era o ponto de esticada preferido após a sessão das 4h no Rian. Era o lugar onde um sanduíche de queijo com banana seguido de um hot fudge tinha um sabor que, posteriormente, não foi igualado pelo mais estrelado dos restaurantes franceses. Cine Leme? Nunca acreditei que ele realmente tivesse existido. Só entreguei os pontos quando vi uma foto sua no livro de Alice Gonzaga sobre as salas de cinema do Rio. O Leme tinha cadeiras de palhinha! De cinema, no bairro, só peguei o Cineclube Leme com sessões de clássicos em 16mm às 20h de domingo. Foi ali que vi, pela primeira vez, “A fonte da donzela”, “O Informante” de John Ford”, “O bandido Giuliano”... Mas ele nunca vai fazer parte de um livro como o de Alice. A tela era um lençol estendido na parede, as cadeiras eram escolares e o ar-refrigerado... ah, alguém pode imaginar ar-refrigerado num local que era dividido com as reuniões dos Alcoólicos Anônimos?

Furna da Onça? Mas o que é isso? Já que estamos falando do Leme, será que essa Furna da Onça tem algo a ver com o Beco da Fome? Desse eu me lembro bem. Frequentei pouco, mas me lembro. Era um lugar garantido para se encontrar um caldo verde nas madrugadas do Rio, depois que todos os restaurantes da cidade já tinham fechado. Da lista enviada por e-mail, o que conheci mesmo era o Sereia do Leme. Era ali que se tomava um chopinho... meu Deus, alguém ainda chama chope de chopinho?... depois da praia e se comia uma casquinha de siri honestíssima depois das sessões do cineclube.

Não acho que aquele Rio do cineclube, do Bob’s, do Beco da Fome e até mesmo da Furna da Onça fosse melhor que o de hoje. Nem pior. Só queria que ele não desaparecesse de vez. É por isso que volta e meia pareço nostálgico ou saudosista. Se bem que, no verão daqueles tempos, o calor era mais suportável.

24 de janeiro de 2010

NOSSOS CRONISTAS

‘O HOMEM SÓ’


ACERVO

1921-1964

ANTONIO MARIA

Reflexões sobre paixão, solidão e melancolia se misturavam à observação da vida noturna carioca na coluna Mesa de Pista, que assinou entre 1954 e 1959

Deixo-me ficar no canto mais refrigerado da boate, sozinho, ansioso por continuar sozinho. À minha direita, um cidadão exageradamente magro, com os ombros em desenho de âncora e uma dessas bocas que, em certos rostos, envelhecem antes dos olhos e dos cabelos. Conheço-o de ouvir dizer e sei que o seu maior empenho é passar por ex-perigosíssimo gangster. Examino-o. Não tem nada de Bogart ou de Raft. Nem sequer teve parecença com Hercule Poirot, dos “policiais” de Agatha Christie. Tira a cabeça do prato e elogia o cantor, puxando conversa. Concordo, com um gesto de cabeça. Anima-se e diz uma frase, em espanhol, definindo a vida. Gostaria de ter-lhe avisado que sua definição ainda não era irrevogável definição de tudo isso que estamos fazendo ou fingindo fazer. Mas não lhe disse nada e o desesperanço de qualquer entendimento entre nós, pelo menos naquela noite. Essa coisa de a gente ficar sozinho é, de vez em quando, muito importante. O convívio distrai muito, abstrai muito. E é preciso que a gente se fixe, ao menos uma vez por dia, no exame de certas pessoas. Nós somos muito atacados. Ninguém se livra da campanha constante de um inimigo medíocre e desonesto. E é preciso pensar nele um pouquinho, porque a perseverança dos medíocres é, no fim das coisas, uma adição de certa força. Então, penso nos meus possíveis inimigos, não com vontade de destruí-los, mas desejoso de que eles sejam menos inquietos e mais amáveis, mais tranquilos e decentes. Penso em construí-los, então. Não por ambicionar que eles resolvam amar-me, de um momento para outro. Mas para que ao menos eles durmam sem sobressaltos, suas noites de medo, em companhia de sua vigente insegurança.

Noutra mesa mais distante, há uma senhora de óculos. Fala e ri livremente, numa espécie de simpatia além de qualquer modelo de bons modos, comum e invariável nas mulheres do “Society” diário. Bate nas costas do companheiro ou lhe acende o cigarro na brasa do seu. Mas em tudo isso muito bonita, de óculos, prendendo-me a atenção pela beleza dos seus maus modos. Depois, um pouco mais à esquerda, formou-se uma mesa de políticos. O político brasileiro, numa boate conversa de um jeito especial como quem já sabe de todas as coisas apuradas ou ocasionalmente futuras. Não sei se posso descrever-lhe o ar. Mas fala com a cabeça baixa e os olhos levantados, existindo certo mistério e grande convicção. Há coisas que são ditas entre dentes. Outras não são ditas, mas entendidas, num simples manejo lateral de cabeça. No fundo, eles não sabem de nada, nem vão resolver coisa alguma, porque, na maioria, são políticos de conquistas, apoios e oposições pessoais. Mesmo assim, convencem-me de sua autoridade sobre mim, por exemplo, que sou povo, da maneira mais lírica possível —povo! Continuo sozinho, preservado por uma série de acasos. Bastaria que entrasse um conterrâneo, um colega de jornal, um credor, e teria eu que sair da intimidade que estava tratando a mim mesmo, para dividir-me ou compartilhar, para fazer concessões e, certamente, constranger-me. Lembro-me de um amigo que morreu e da minha falha em não ter improvisado certa coragem de abraçar sua família. Penso numa conhecida, de quem imaginei vir a ser um convívio útil, leal, bom. Mas ela, sem se aperceber disso, não me quis para nada. A seguir, vou-me tornando ambicioso. Agita-me a ideia de viajar outra vez e de poder descansar de tudo quanto venho fazendo sem tréguas, escrevendo, escrevendo... As certezas que tenho de mim mesmo sobrevivem às suposições que de mim fazem. Mas é preciso que o homem se realize dentro de suas certezas e não à base do que dele se pensa ou se diz. Eu só tenho dado o que de mim esperaram. E recebido, sempre gratamente, sem medir ou pesar. O homem está sempre além e aquém do juízo e da confiança do seu próximo. Nunca foi pensado ou dito exatamente de mim. Na maioria das vezes, pensaram demais. Em tristes e resignadas ocasiões, pensaram de menos. Mas é bom que nunca acertem a fim de que o homem se mantenha irrevelado para, naquela rara intimidade de si mesmo, sentir-se consolado ou perdido, morto ou vivo, mas irrevelado e intenso.

O pianista toca uma canção desconhecida. O homem à minha esquerda (o que não se parece em nada com Bogart) mastiga com algum barulho. A moça de óculos tira os óculos. Os políticos começam a comer. E no rosto do cigarreiro que, à esquerda de mim, recebe uma gorjeta, descubro uma ingênua melancolia. Mais nada.

MESA DE PISTA
28 de janeiro de 1956



NOSSOS CRONISTAS

1970 - 2019

FERNANDA YOUNG

SIMONE MARINHO/10-4-2011



‘O DESEJO DA MULHER’

Provocativa, como ela, era a coluna que a escritora, redatora, roteirista e atriz assinou entre 2018 e 2019

Trinta anos após o mais profundo estudo sobre os desejos humanos, Freud se questionava: “Afinal, o que querem as mulheres?” Os homens sabem nada sobre as mulheres, isso é certo. Mesmo porque a mulher é esperta o bastante para esconder o que faz dela diferente.

Revelar para quê? Colocar tudo em jogo? Dar o ouro ao bandido? Com tantos homens escritores, imaginem o quanto custa, para uma escritora, guardar um segredo como esse.

As mulheres sabem o que os homens querem. Simples eles são, muito simples. E como opções de um harém lotado, nas quais as transformaram, mulheres sabem também tudo sobre as outras —e são muitos e muitos quereres.

Mas caso fosse necessário escolher um desejo, que todas pudessem partilhar, creio que seria: descansar.

Todas estamos cansadas. Porque cansa a arte de dissimular tensões, ser adestrada a sair-se bem em tantas camadas de obrigações e contingências, das mais simples cólicas mensais, aos mais absurdos abusos diários. Cansadas da luta pela beleza, da disputa por uma voz, de tudo ser tão delicado e importante.

Cuidar das crianças, cuidar da casa, ser econômica. Saber que seus sonhos, muitos deles, por fim, serão sabotados pelo tempo. E elas terão de fingir que alguma sabedoria foi adquirida, em troca da juventude, para fazer a ansiedade virar paz de espírito.

A mulher quer descansar, mas o que ela sente não é cansaço, é raiva. Por ter sido tão tonta em gastar a vida atrás de sutilezas. Quando poderia ser menos carente e exigir logo algo grande, como não precisar fazer nada, por exemplo. Que ideia louca da mulher, que, num movimento de conquistas, cisma que precisa trabalhar. E lá vai ela, munida de sua teimosia e disciplina, por 10, 20, 30 anos, até poder dizer: agora sou ouvida. Agora sou independente.

Mas ela foi entendida? Ela contou as suas cicatrizes, debochou de suas falhas, fez declarações de amor, atingiu os que amava. Mas alguém a entendeu? Não.

A mulher, sobretudo essa aqui, quer dormir por 11 horas seguidas. Quer um descanso, porque pensou demais, e em assuntos de sobra.

25 de fevereiro de 2019



NOSSOS CRONISTAS

‘FIM DE CASO’

1933 - 2022

De 2017 a 2019, Danuza traduziu em palavras sua observação sobre o comportamento e a sociedade



ACERVO/9-4-1968

É fácil saber quando se está apaixonada. Os olhos brilham, os cabelos ficam mais bonitos, a pele respira e a alegria de viver é tão grande que dá vontade de andar pela rua sorrindo e contando o que está acontecendo a quem passa.

Tudo é motivo para viver gloriosamente cada momento do dia: se o trânsito na ida para o trabalho está ruim, ótimo —mais tempo para pensar nele; se chove, ótimo —que bom vai ser namorar à noite com o barulho da água caindo; se faz sol, ótimo —que maravilha vai ser ir à praia no fim de semana; se a gripe te pega, ótimo —como vai ser bom ficar deitada com ele ao lado paparicando e fazendo todas as vontades. Enfim, para os apaixonados, a vida é sempre linda, e a única coisa a fazer, quando não se está junto, é arranjar uma amiga paciente para falar, o dia inteiro, do que se está sentindo.

Os apaixonados precisam contar tudo que acontece, o que pensaram, o que imaginaram, o que temeram —ou você já ouviu falar de uma paixão serena e silenciosa?

É fácil saber quando se está apaixonada. Não dá para se concentrar em nada, a não ser nos próprios sentimentos —e nos dele, claro. Nada mais interessa, e só quem entende verdadeiramente um apaixonado é outro apaixonado. Pense um pouco nas vezes em que você caiu de quatro por alguém.

É, o amor não se confunde com nada; ele cega, e lucidez e amor não nasceram para conviver. Difícil mesmo é reconhecer os sintomas do fim de uma paixão.

Um sábado você acorda meio assim, com um enorme desejo de paz e silêncio —para ser sincera, de ficar sozinha. Não, não é aquela vontade desesperada de que ele saia porta afora, imagina; você gosta dele, e muito, não tem nada a ver. Mas se naquela noite tivesse jogo da seleção, seria o ouro sobre o azul.

Ninguém vai achar que por isso o amor está acabando, claro. É só uma bobagem, até porque uma paixão não acaba assim. Só que é assim mesmo que ela começa a acabar, coisa que ninguém gosta de reconhecer.

O fim das coisas é sempre triste, e para viver um grande amor muito se luta: ou porque um dos dois não era livre, ou porque foi preciso enfrentar um ou uma ex, ou porque os filhos eram pequenos e complicados etc. As coisas nunca são simples, sobretudo quando se passou dos 30 e já se viveu várias vidas. Mas esse amor pelo qual tanto se lutou pode acabar assim, por nada, sem motivo? Não devia e é injusto —só que pode.

Quando isso começa a acontecer, qualquer marido acredita quando ela, na hora de dormir, diz que está cansada. Por duas, cinco vezes passa, mas na oitava até o mais distraído vai ficar grilado. Nada de grave, apenas uma pequena crise? Talvez.

Ou se conversa ou se espera que passe, mas quando o amor começa a acabar não há solução possível, e o mais que se pode fazer é tentar que ele morra sem muita dor —há quem diga que isso existe. É duro: afinal, a relação com um homem que a gente amou, a quem fez juras de amor, com quem sonhou, por quem chegou não só a deixar de fumar como a torcer pelo mesmo time de futebol, pode acabar assim sem motivo?

Os fins de semana são um bom termômetro para avaliar nossos sentimentos. Se as tardes de domingo estão cada vez mais longas e antes de escurecer você já está pensando, feliz da vida, que a segunda já está chegando, atenção. Atenção e não tente se enganar pensando que essa alegria é porque segunda é dia de retomar a vida, a vida real. Aliás, o que é mesmo a vida real?

23 de junho de 2019



‘ALÉM DA AMENDOEIRA’

ACERVO/1-1-1961

1908-1967

GUIMARÃES ROSA

Vai, vez, um fim de tarde, saía eu com o Sung, para nosso passeio, que era o de não querer ir longe nem perto, mas buscar o certo no incerto, a tão bom esmo. Só me esquece a data. Cumprindo-nos, também, conferir as amendoeiras.

Seria em março — as frutinhas do verde já baladas? Pode que em abril: as folhas birutas, com lustro sem murcho, dando ponto às sanguíneas e às amarelinhas de esmalte. Se em maio, aí que, por entre, frequentam e se beliscam um isto de borboletas, quase límpidas, e amadurecem as frutas, cheirando a pêssego e de que os morcegos são ávidos? Talvez em junho, que as drupas caídas machucam-se de ilegíveis roxos. Também julho, quando se colorem ainda mais as folhas, caducas, no enrolar-se, vistosas que nem as dos plátanos de Neuilly ou de San Miníato al Monte, e as amêndoas no chão são tantas? Seja em agosto — despojadas. Ou em setembro, a desfolha espalhando nas calçadas amena sarapueira, em que feerem ainda árduos rubros. Sei não, sempre é tempo de amendoeira.

Mas, pois, descíamos a rua nossa vizinha e simpática, eu a considerar na mudável imutabilidade das coisas, o Sung a puxar-me pela trela, quando, eis senão, passávamos rente a uma casa, inusual, tão colocada, suposta para recordar as da outra idade da gente, no Belorizonte. Dita que era uma aparição, conforme se ocultava, às escuras, o que dola se abrindo sendo só uma varanda do arco, perfeita para o escuro, e que se trazia de estórias — a casa na floresta, da feiticeira. Sob cujo efeito, sorte de adivinhamento, refiz-me fiel ao que, por onde ando, muito me aconselho: com um olho na via, o outro na poesia.

A relação com a natureza e com os amigos, como Carlos Drummond de Andrade, foram temas das crônicas assinadas pelo escritor durante o ano de 1961

De de-dentro, porém, e reta para a varanda, pressentia-se tensa presença. Súbito, com elástico pé-ante-pé, alguém avançara de lá, a furto. Já de noite, às pardas, à primeira não se distinguia: sombra ou resumo de vulto. Se bem que entre luz e fusco o vulto avultasse, permanecendo, para espreita; apenas lobrigável, não visório. Até que por viva alma decifrei-o — ao bruxo de outras artes. Drummond. E só então deve de ter-me reconhecido. Ele morava ali, à beira da amendoeira.

Sabia-o adicto e professo nessa espécie de árvores, seu mestre de fala. Mas, a que se via que havia, entre calçada e varanda e o fementido asfalto, e que era o objeto que ele cocava, não passasse de uma varinha recém-fincada, simples e débil caule, e por isso amparada, necessitando uma estaca de tutela. Drummond de tudo me instruiu, e de como não fora de mero recreio, agora, aquela sua tocaia. E, como eu não pudesse aceitar de entrar, que o Sung discordava, confabulamos mesmo assim, ele no âmbito de seu rincão, semilunar, eu à sombra futura da menos que amendoeira.

Era que, no lugar, falhara uma, sucumbida ao azar ou aos anos, e ele arranjara que plantassem outro pé, no desfocado. Mais de uma vez. Porque vinham os vadios e malignos, a criançada ingrata, e destruíam demais, sendo indispensável acautelá-la contra essa gente de ralo juízo ou de iníqua índole. Para o mister, Drummond já requererá a prestança de um guarda. Por enquanto, porém, velava-a ele mesmo, às horas, dali de seu promontório de Sagres.

Sendo que falávamos, um pouco sempiternamente, unidos pelo propósito de tão estimável circunstância, isto é, da amendoeira-da-índia ou molucana, transplantada do Malásia ou de Sequimeca, quer dizer, árvore aventurada, e, pois, de praia e areia, de marinha e restinga, do Posto 6.

Elas pintam bem, têm outono. Dão-se com frente e perfil. Abrem-se a estórias e hamadríadas. Convêm, sem sombra de dúvida, com as beira-atlânticas cigarras. Despeito das folhas graúdas, compõem-se copas amabilíssimas, de donaire. Prezam-se de folhagem sempre a eldorar-se, em alegria e aquarela. E também ensinam acenos. São de sólita serventia.

Ultra que a amendoeira é a que melhor resiste aos ventos, mesmo os de mais rojo, sob o tiro de qualquer tufão ela sustenta o pairo. Nem se dizendo que seja uma árvore castigada. Sua forma se afez a isso, desde a fibra, e no engalhamento, forçoso flexível, e nos ramos que se entregam com eficaz contravontade. Se ao vendaval, as grandes amendoeiras se entornam, desgrenham, deploradoras, ele roda-as, rodopia-as, contra o céu, baço, baço. Mas há uma técnica nesse renhimento, decerto de aquisição milenar: no que temperam o quanto de sustentação de choque com a cessão esquiva ou o dobrar-se submisso, o volver os eixos para furtar-se ao abalo. E fingem a mímica convulsiva, como quando cada uma se estira, vai, volta, voa; isto, sim: a amendoeira procelária.

Bem, a nossa conversa não se copiando talvez precisamente esta, pode mesmo ser que falássemos de outras coisas; mas o substrato de silêncio, que insiste por detrás de todo palavreado. Só a fim de recordar. Eu com o Sung à tira, conforme ele já se estendera chato no chão, desistente. E Drummond de constantes olhos em seu fiozinho de amendoeira-infante. O amor é passo de contemplação; e é sempre causa.

Afinal, a vigilância da amendoeira se exerce indefinida, e volve-se sem intervalos sua desconfiança. Veja-se como responde, pendulativo, à aragem mais fina, só zéfiro. Toque o primeiro leve e ligeiro sopro, e já as folhas estremecem, apalpando o que haja, o tronco ensaia um balanço preventivo, os ramos a sacudir-se, diversamente, para o equilíbrio: e fazendo face. Nada apanha-os de surpresa. Fio, e me argumentei, que devem de trocar sinais entre si, e manter uma sempre de sentinela, contra o ar e o mar, Drummond concordaria comigo. Ou vice-versa, pois. Era uma célebre noite. E, se esmorecíamos, era pelos inadiáveis deveres do introvertimento.

Mas, de longe, ainda as amendoeiras, que mútuas são, e pertinentes. Isto é, Drummond não ficara sabendo que moro também entre elas, íntimas, de janela; no verão suas sombras comovem-se nas venezianas do quarto, conforme jogam, de manhã. Vejo uma, principalmente, a um tempo muda e loquaz. Ela fez oito anos. Digo: que ele morreu, uma noite fria, de um julho, ali debaixo dela o enterramos, muito, muito. Um gato. Apenas. Chamava-se Tout-Petit, e era só um gato, só um gato, um gato... Além. Ah, as amendoeiras. A de Drummond, amendoeirinha de mama, ainda sem nem sussurros. A minha, a quem, então, às vezes, peço: — Cola, amendoeira…

PORTA DE LIVRARIA
21 de janeiro de 1961

LEO AVERSA/8-2-2012

1923-2004

FERNANDO SABINO

Dito e Feito era o nome da coluna em que o escritor virava o cotidiano do avesso, misturando realidade e imaginação. Foi publicada entre 1977 e 1988

‘E TUDO VAI INDO...’

E tudo vai indo muito bem, até que, de súbito, sem que se saiba por que, arma-se o complô da máquina contra o homem. Esta onde escrevo, elétrica, começa a emitir sons esquisitos, a bolinha de tipos se recusa a correr sobre o papel, a tábua de espaços dispara como uma metralhadora, a folha sai aos pulos do rolo e é atirada longe. Paro um instante para acender o cigarro e o isqueiro emite uma chama de um palmo, por pouco não chamuscando o meu nariz. O telefone já dá sinal de ocupado antes que eu disque o número desejado. Lá no quarto o despertador elétrico aciona fora de hora o rádio a todo volume. A televisão, em vez de som ou imagem, começa a emitir um cheiro esquisito de queimado. A essa altura, as roelas, os pinos, molas, fios e parafusos da engrenagem maldita que nos envolve concertam o ataque final a ser desencadeado: em pouco a geladeira poderá estar quente, fazendo água sobre os alimentos; o aspirador poderá estar expelindo pó em vez de aspirá-lo; o aquecedor poderá explodir na minha cara em vez de esquentar o meu banho; e o ar-condicionado começará a soltar fumaça em vez de ar frio e a vitrola a soltar faíscas em vez de música. De senhor da máquina e seus mistérios, o homem passa insensivelmente a seu escravo.

Tinha razão o casal de velhos que, no “cartoon” de uma revista americana, fazia uma imensa fogueira de máquinas em frente à sua casa: geladeira, rádio, televisão, aspirador, enceradeira, torradeira, batedor de bolo, e toda essa parafernália com que vamos diariamente aumentando o nosso inferno cotidiano. E ante o pasmo dos vizinhos, explicavam, sorridentes:

Resolvemos simplificar nossa vida.

DITO E FEITO
7 de maio de 1978

ALBERTO JACOB/16-1975

1913-1990

RUBEM BRAGA

Especialista em ver o simples com outros olhos, escreveu para o jornal em 1947, com crônicas da Europa do pós-guerra, e entre 1959 e 1961

‘NÃO SOU EU’

Confesso que achei graça na primeira história que me contara: um bêbado usava o meu nome em um bar, tomando grande uiscada à custa de um meu admirador — a quem agradeço a intenção. Depois passei a achar menos graça: o falso Rubem Braga aparecia chorando na estação das barcas, ou gritando dentro de um lotação, ou fazendo comício na Rua Farani. Volta e meia ouço outras proezas desse cavalheiro que perambula pela cidade, dando vexames em meu nome — e agora parece que está agindo pelo Bar Vinte e Leblon.

Ora, eu já posso ser culpado legitimamente de tanta coisa que não me agrada acumular os pecados de outrem. Peço às pessoas que me não conhecem pessoalmente que, quando aparecer um Rubem Braga falando alto, citando crônicas e dando alteração, tenham a fineza de chamar a polícia. Não quero que maltratem o rapaz, mas uma noite de xadrez deve lhe fazer bem, e talvez ele perca essa mania insensata de assumir a personalidade deste apagado cronista.

Com este pedido estou correndo o risco de ir eu mesmo em cana, como se fora um falso eu. Em todo caso, o vexame ficará entre mim e eu, ou entre eu e mim — tudo em família…

A CRÔNICA DE RUBEM BRAGA
17 de abril de 1961

MONICA IMBUZEIRO/29-9-2009

1941-2014

JOÃO UBALDO RIBEIRO

‘INCRÍVEL, FANTÁSTICO, EXTRAORDINÁRIO’

Como todos sabem, aqui em Itaparica acontece de tudo. Em matérias sobrenaturais, por exemplo, acho difícil encontrar terra tão feraz e exuberante. Todo itaparicano já viu pelo menos uma alma, não necessariamente penada. Aliás, alma penada mesmo, das que ficam ululando na porta do cemitério ou assombrando por trás de jaqueiras velhas nas encruzilhadas, fazendo cada careta de arrepiar o espinhaço do mais valente, dessas até que temos poucas. A maior parte das nossas assombrações é muito pacífica, familiar até. Cuiúba mesmo já viu o finado Cuiúba, pai dele (toda a família é Cuiúba e saíram com a cara de um pássaro chamado cuiúba, não dos mais belos com que nos dadivou a Natureza), assim passando pela cozinha ou encostado na mesa da sala. Foi Cuiúba quem nos salvou, ou, aliás, salvou meu livro mais recente, através de seus conselhos sobre coisas do Além.

Eu tinha interrompido o livro algum tempo e, agora que me via sozinho em Itaparica, com todo o tempo do mundo para escrever, não saía mais nada. Começou a me dar uma porção de maluquices e cheguei a ter visões de um futuro de absoluta decadência, tornando-me um ébrio e rolando na sarjeta, incapaz de escrever mais uma palavra e mal recebido pelas pessoas de bem. Um dia, tomando umas cervejinhas com Cuiúba em comemoração da sua dentadura nova, confessei-lhe minha triste condição. Ao que ele replicou, com muita naturalidade, que já esperava por isso.

— Seu avô — disse ele — era um homem sério, só escrevia coisas sérias, coisas históricas, belas palavras, bonitas declamações e letras finas. Você é um escritor tipo descarado, que uma pessoa não pode ler numa escola o que você escreve.

— Que é isso, Cuiúba, como é que eu sou escritor tipo descarado?

— Você sabe que é. Eu não sou contra, eu até aprecio uma descaraçãozinha, tem seu lugar. Mas seu avô não, seu avô era um homem sério que não admitia essas coisas. Ele podia fazer, mas nunca que escrevia, isso nunca!

— Está certo, mas o que é que meu avô tem a ver com meu livro?

— De vez em quando me admira você: tanto estudo e tanta ignorância da vida. Dona Madalena, sua professora, sempre disse que…

— Não interessa o que Dona Madalena disse, você vive repetindo isso.

— Ela disse que você era uma grande capacidade, mas tinha muitos problemas na ideia. O estudo demais amolece a ideia. O estudo demais…

— Cuiúba, eu não estou interessado nisso, eu já sei o que você vai dizer. Eu quero saber é dessa história de meu avô com meu livro.

— Mas é claro! Seu livro não se passa aqui em Itaparica?

— Se passa.

— Então? Seu avô também escrevia sobre Itaparica, mas sobre coisas heroicas, coisas belas. Então você acha que ele ia concordar com as coisas que você escreve?

— É, talvez ele não gostasse muito. Mas ele já morreu.

— E a alma? Ele não tinha alma, não, é?

— A alma? Você acha?

— Acho não, tenho certeza! Você acha de escrever na casa dele, na mesma sala onde ele trabalhava, e pensa que ele não vai querer que você escreva do jeito que ele acha certo? Você não conhece seu avô, não, rapaz? Um homem brabo daqueles, cheio de opinião? Naquela casa você só escreve do jeito que ele quiser, duvido que ele desgrude de você.

— Quer dizer que…

— É, meu amigo, ali é na lei dele. Se você não arranjar outro lugar para escrever, ele não larga seu pé.

Fui para casa, sentei diante da máquina, tentei continuar, não saiu coisa nenhuma. Olhei por cima do ombro para ver se via meu avô, mas não via nada. Mas será que Cuiúba não tinha razão? Olhei para o canto onde o velho costumava ficar escrevendo em pé seus artigos e declamando tudo numa voz regulada que só ele entendia, cumprimentei-o e pedi-lhe, muito delicadamente, que me deixasse continuar o trabalho, eu tinha um contrato a cumprir, tinha responsabilidade, vivia daquilo, ele por favor não ficasse espiando meu trabalho que eu não conseguia trabalhar assim etc. etc. Não adiantou nada. Consultei-me com Cuiúba novamente. Ele riu.

— Só mesmo na sua cabeça querer discutir com alma. Alma é o bicho mais teimoso que existe e, se seu avô já era teimoso em vida, imagine agora. Não vai adiantar nada, rapaz, eu já lhe expliquei que só você procurando outro lugar para trabalhar.

Procurei o lugar, arranjei meu saudoso escritório da praça, o velho deixou de se meter no meu livro, consegui terminar tudo como havia planejado. Minha mulher, que não é baiana, ficou impressionadíssima e passou a se assessorar com as melhores fontes da ilha. Hoje, modéstia à parte, estamos cobertos por todos os lados. No jardim, temos dois pinhões roxos, necessários para afastar maus olhados e outros eflúvios negativos. No pátio, temos a cágada Lili, que exerce funções semelhantes, acrescidas da responsabilidade de “chupar” as doenças da casa — pois é fato notório (Cuiúba ficou escandalizado quando descobriu que eu não sabia disso, acho que, se pudesse, dava um jeito de Dona Madalena cassar meu diploma do curso primário) que as doenças não fazem mal nenhum aos cágados, que assim podem chupá-las à vontade, que a doença quebra a cara. No setor de serviços, contamos com duas rezadeiras de absoluta confiança. No dia em que me rezaram pela primeira vez, foi um horror. Eu estava tão carregado que sequei vários ramos de arruda e botei duas para bocejar e se arrepiar que foi um espanto. Coisa difícil mesmo, trabalho para vários dias de descarrego. Foram recomendados banhos de sal grosso, banhos de folhas e outras medidas complementares, seguidas à risca. Os meninos também foram rezados, a mulher idem e, finalmente, tomamos a última providência, que foi descarregar a casa toda. Muita produção, coisa completa mesmo, até com efeitos especiais provocados pela queima de montinhos de pólvora nas soleiras das portas — minha mulher exigiu absolutamente todos os serviços, o kit integral.

A ironia, o humor e a versatilidade do escritor, jornalista e tradutor marcaram presença nas páginas do GLOBO em dois períodos: de 1981 a 1987, e de 1993 a 2014

Deu certo, claro. Estamos ótimos e Cuiúba garantiu que a cobertura ficou perfeita. O que bons especialistas não conseguirem, ninguém consegue. Até meu avô melhorou de humor, apareceu outro dia na sala muito sorridente, disse que estava bastante satisfeito comigo, elogiou os bisnetos e declarou que leu meu livro.

— Ah, é mesmo? — sorri eu. — E gostou?

— Também não vamos exagerar — respondeu ele, dando um acenozinho de despedida e desvanecendo junto da porta da varanda.

20 de outubro de 1985

NOSSOS CRONISTAS

‘CONVERSA DE INTERIOR’



LEO AVERSA/14-3-2011

ADRIANA CALCANHOTTO

A cantora e compositora escreveu sobre música, política e cariocas que não gostam de dias nublados, no Segundo Caderno, entre 2013 e 2015

“Mas como assim, Adriana Calcanhotto, você a partir de agora vai escrever para O GLOBO? Melhor dizendo, a que horas você poderia escrever para O GLOBO? E as pilhas de clássicos na bancada, por ler? E a correspondência atrasada? E as encomendas das cantoras, de canções novas para seus novos discos? E o prometido show para as meninas do Orfanato Santa Rita adiado para o Dia de São Nunca?”

— Nunca aprendi a dizer não.

— E, por conta desse detalhe, uma coluna quinzenal vai ser produzida por uma não escritora, até o pescoço de trabalho, em plena turnê mundial de voz e violão?

— Posso chamar a coluna de “Eu ando pelo mundo” e fazer dela uma espécie de diário de bordo, revelando a falta de glamour total que é uma turnê nos seus bastidores.

— Você vai dar como nome da coluna uma frase, um verso que seja, que começa com “eu”?

— Na verdade, acho que não preciso de um nome. Minha editora disse que posso fazer o que eu quiser.

— Com a pontuação inclusive? Sua editora por acaso sabe que você não sabe pontuar, que escolheu escrever letra de música porque não sabe o que fazer com as vírgulas, querendo crer que letras de música estão isentas dessa norma?

— Ela disse que tem um pessoal que cuida disso, que faz o trabalho sujo. Devem ser tipo aqueles que mexiam nas vírgulas da Clarice Lispector, e ela ficava fula da vida. Então, se mexiam nas dela, que começava livros com uma vírgula, por que motivo não mexeriam nas minhas? Para facilitar, posso já mandar os textos sem vírgula nenhuma, que algum aplicativo ou estagiário faz o resto. Minha editora me deixou muito à vontade para não pontuar se não quiser.

— Se não puder, você quer dizer. A propósito, a sua editora está a par da sua agenda?

— Não, ela só me convidou para escrever para o prestigioso periódico.

— Ah, só? No prestigioso periódico onde escrevem o Verissimo, a Cora Rónai, o Francisco Bosco?

— Exatamente.

— Minha nossa, e agora?

— Como eu ia dizendo, vou escrever no Segundo Caderno do GLOBO de domingo quinzenalmente.

— E sobre que assunto?

— Como assunto? Moro no Rio de Janeiro, o que não falta é assunto. O prefeito se engalfinha com um cidadão inconveniente, as pessoas acham que chegar atrasado e jogar lixo no chão é sinal de poder, os motoristas cariocas em dias nublados trocam de pista sem parar num zigue-zague de tontear. E tem o Brasil, onde Renan Calheiros é presidente do Senado, o governo brasileiro demonstra simpatia pelos ditadores africanos riquíssimos, que não cuidam de seu povo, ora, assunto.

— Bem, e quando começa?

— Já começou, na verdade. Daqui a 15 dias publico um texto me apresentando aos leitores, e estará iniciada a jornada.

— Com tanto assunto, pretende iniciar com um texto falando de si mesma?

— Minha editora acha delicado que eu me apresente aos leitores.

— Se houver. A propósito, em que estado de consciência estava a sua editora quando ela propôs esta temeridade, sabe dizer se ela tinha tomado alguma coisinha, uma substância alucinógena qualquer, algum remedinho, ou um coquetel de fármacos para gripe ou algo do gênero?

— Não me pareceu. Ela bebeu um mate e tinha uma resposta na ponta da língua a todas as questões que levantei, como meu medo do compromisso, prazos, assuntos, vírgulas. De qualquer modo, nunca aprendi a dizer não.

— Então, mesmo não acreditando muito, só me resta dizer seja lá o que Deus quiser...

16 de junho de 2013



NOSSOS CRONISTAS

‘SOU LEITORA’



LEO AVERSA/9-6-2009

Zélia costuma falar de seu fascínio pela palavra desde a infância, que ela demonstrou nas páginas do GLOBO de 2015 a 2018

Escrever é uma farsa. Todos sabem e assumem seus papéis, como tem que ser. Desconfiei disso ao desabar pra dentro de um livro de Clarice Lispector e me deparar com uma vírgula, antes de qualquer palavra. Como assim? A história começou, antes que eu abrisse o livro? Ninguém me esperou? Depois entendi que era uma quebra fundamental na minha inocência de leitora. Tudo já estava acontecendo, antes de se revelar. Claro, claríssimo, Clarice? Mas houve ainda o golpe fatal. Na última página do mesmo livro, depois da última palavra, lá estavam eles, dois pontos! Mas o começo me ensinou a aceitar o fim. Eis a minha participação. O deleite daquela leitura, enquanto ela durou, contida entre pontuações, que indicavam continuidade e nunca conclusão, me levou por caminhos que aceito e procuro. Caminhos sem fim.

Quando criança, orgulhosa de ter aprendido a formar palavras, desvendava umas placas de rua que diziam “Quem não lê, mal fala, mal ouve, mal vê”. E fui entendendo que ler é decifrar os dias, é ter pra sempre companhia, é guardar o melhor pro final, é descobrir e inventar entrelinhas, é esquecer o medo de avião, é sorrir para amigos invisíveis. É relevar o atraso nos consultórios, o desconforto dos aeroportos. É pedir altas. É um puxadinho improvisado na alma. Ler, pra mim, é cantar em silêncio.

Quando já em Brasília, ganhei um livrinho com rimas e animais, parti para decorá-lo. Eu falava aqueles versinhos que pareciam ter caído do céu assim, prontos pra mim. Era “A arca de Noé”, de Vinicius de Moraes. Ainda hoje sei alguns de cor : “O mundo é tão esquisito, tem mosquito.”

No primário (eu sei, palavra obsoleta!), reservei um caderno inteiro só para ditados, de preferência lindos e românticos. E saí pedindo pras pessoas que me dissessem os que sabiam de cor, que eu anotava concentrada, com minha letra sempre feinha. Um dia, caí na asneira de pedir na sala de aula, para um grupo de colegas que estava reunido, algum versinho fofo. Um menino mais distante, portanto, falando bem alto, mandou, pra arrasar com minha coleta : “Zélia, anota esse, beijo é que nem ferro elétrico, liga em cima e esquenta embaixo!” Todos riram, eu esbocei algo parecido, abaixei a cabeça, mas nunca anotei o deboche. Não me deixei abater, e meu caderno teve, enfim, relativo sucesso em seu conteúdo. Muitas alegrias inventadas e até um acróstico, a partir do meu nome, que ganhei de Dedete, meu tio dos olhos verdes d’água, olhos que contavam histórias. Ele era um leitor voraz, talvez o mais voraz que eu tenha conhecido. Estava sempre com um livro nas mãos e, mesmo que fosse trash, era trash clássico. Dedete era nosso herói, tudo com ele virava grandeza. Estava sempre atrás do épico, hoje eu sei. A primeira vez que ouvi falar em ficção científica foi através dele. Descreveu a cena em que um personagem futurista, privado de tudo, consegue tomar um banho frio. Apenas isso, a felicidade de um banho frio. Ele amava histórias fantásticas e, quando me alertou dizendo “Zelinha, um dia, pra irmos até a esquina comprar pão, teremos que nos juntar e um dar cobertura pro outro”, aquilo me assustou, mas entrou na conta de uma fantasia, coisas de quem lia demais. Dedete se foi, e cada vez mais estamos vendo a ficção virar profecia. Estávamos distantes quando partiu, ele nem sabia o quanto dele e de suas leituras estariam em mim até hoje, enquanto vasculho o tempo e o que ficou de tudo que andamos vivendo sem saber. “De tudo, sempre fica um pouco”. E tinha ainda a poesia, vagando pela casa... na voz principalmente de minha mãe, com saudade do meu avô e da casa onde fora adolescente. Para eles, Olavo Bilac era o cara. Os modernistas que nos perdoem, até hoje sei vários de seus versos de cor. Manuel Bandeira, Augusto dos Anjos, Cecília Meireles, Drummond, Florbela Espanca. Por conta própria, virei Pessoa, só tinha olhos pra ele. Mas olhar é coisa que se estica, se inventa, se aprende. João Cabral, Quintana, Hilda Hilst, Ana Cristina Cesar, Leminski, Manoel de Barros, Prévert e tantos mais. Nem vou, por enquanto, falar de música, que é pra mim instrumento de rastrear poesia.

Tudo pra começar dizendo que não sou escritora. Sou leitora, esta é a minha farsa. Por isso estou aqui e bem feliz com essa possibilidade de exercitar o que não sou, ou não tenho sido, tão descaradamente. “Te explicando, pra te confundir”. E eu não sei mesmo nada o suficiente pra sair explicando, ou me levando tão a sério. Porém, a viagem me interessa e tem espaço de sobra. Sobe aí, vai!

—

Um beijo para Hermano Vianna!

—

Perdi há muito meu caderno. Das sublimes palavras que colhi, nada ficou. Em compensação, as feias, que eu nem tinha anotado, nunca esqueci. Por que será?

1º de maio de 2015

Temos um compromisso
com a comunicação feita
com transparência e ética.
O Globo também.

Buscamos relações comerciais
sempre justas e saudáveis.
O Globo também.

Existimos para promover
o desenvolvimento sustentável
de uma sociedade livre.
O Globo também.

Temos 25 anos.
O Globo é assim há 100.

Homenagem do Cenp ao centenário
de um dos jornais mais importantes
do mundo.

O Pacto Cenp celebra
essas boas práticas
e convida você a adotar
o mesmo compromisso.

Saiba mais em:
www.cenp.com.br

cenp
Fórum da
Autorregulação
do Mercado
Publicitário

NOSSOS CRONISTAS

‘OS MELHORES MOMENTOS’

LEO AVERSA/12-7-2011



CHICO BUARQUE

Apaixonado por futebol e jogador ocasional, o cantor e compositor tricolor escreveu no caderno especial da Copa do Mundo de 1998, na França

Hospedou-se no Hotel Fraternité, perto da Estação do Norte. Quarto de dez metros quadrados, televisão vinte polegadas, pia, frigobar, banheiro no corredor, estava de bom tamanho. Dia dez de junho foi a Saint Denis, misturou-se aos brasileiros na porta do estádio, gritou “ah, eu tô maluco”, tomou o metrô de volta e no Hino Nacional já estava sentado na ponta da cama, a janela escancarada. Vitória do Brasil, e ele ali respirando o clima da copa. Tão logo terminou o jogo ligou para Naná, mas caiu na secretária eletrônica. Naná odeia futebol.

Chegou com dois mil dólares costurados por dentro da calça de moletom, que não tira do corpo. Na bagagem trouxe as cuecas, as meias, doze camisas amarelinhas e o terno xadrez para ocasiões especiais. Descobriu a dois passos do hotel um bar chamado 44 e simpatizou com o garçom tunisiano, pinta de cearense. Almoça ali todo dia por quarenta e quatro francos, gorjeta incluída, prato completo, doce, café expresso, tudo muito bom. Mas também não é lá dessas coisas que ouvia falar. Dá direito a um copo de beaujolais, que é o que ele mais aprecia. “Vinho nacional!”, fala, e o tunisiano ri muito, ri além do necessário, deve entender outra piada.

Foi a Nantes, respirou o clima, gritou “ah, eu tô maluco”, viu a goleada num telão, voltou de madrugada no TGV, coisa de primeiro mundo. No bar repleto de brasileiros tocando corneta, bebeu vinte latas de cerveja com uma japonesa de Tupã, meio barriguda porém meiga. Na chegada a Paris ela disse “foi um prazerão”, entrou num ônibus com seu grupo, e era ele o único brasileiro sem grupo. Voltou a pé para o hotel, chegou às cinco da manhã, meia-noite no Brasil, achou que era uma boa hora para pegar Naná em casa. Secretária eletrônica. De certa forma foi ótimo, porque ele estava assim eufórico e ela era capaz de nem saber quem jogava. A viagem à França é vapt-vupt, foi o que lhe disse no Galeão, porque esse timeco não passa da primeira fase, e Naná com voz mole respondeu “Deus te ouça”.

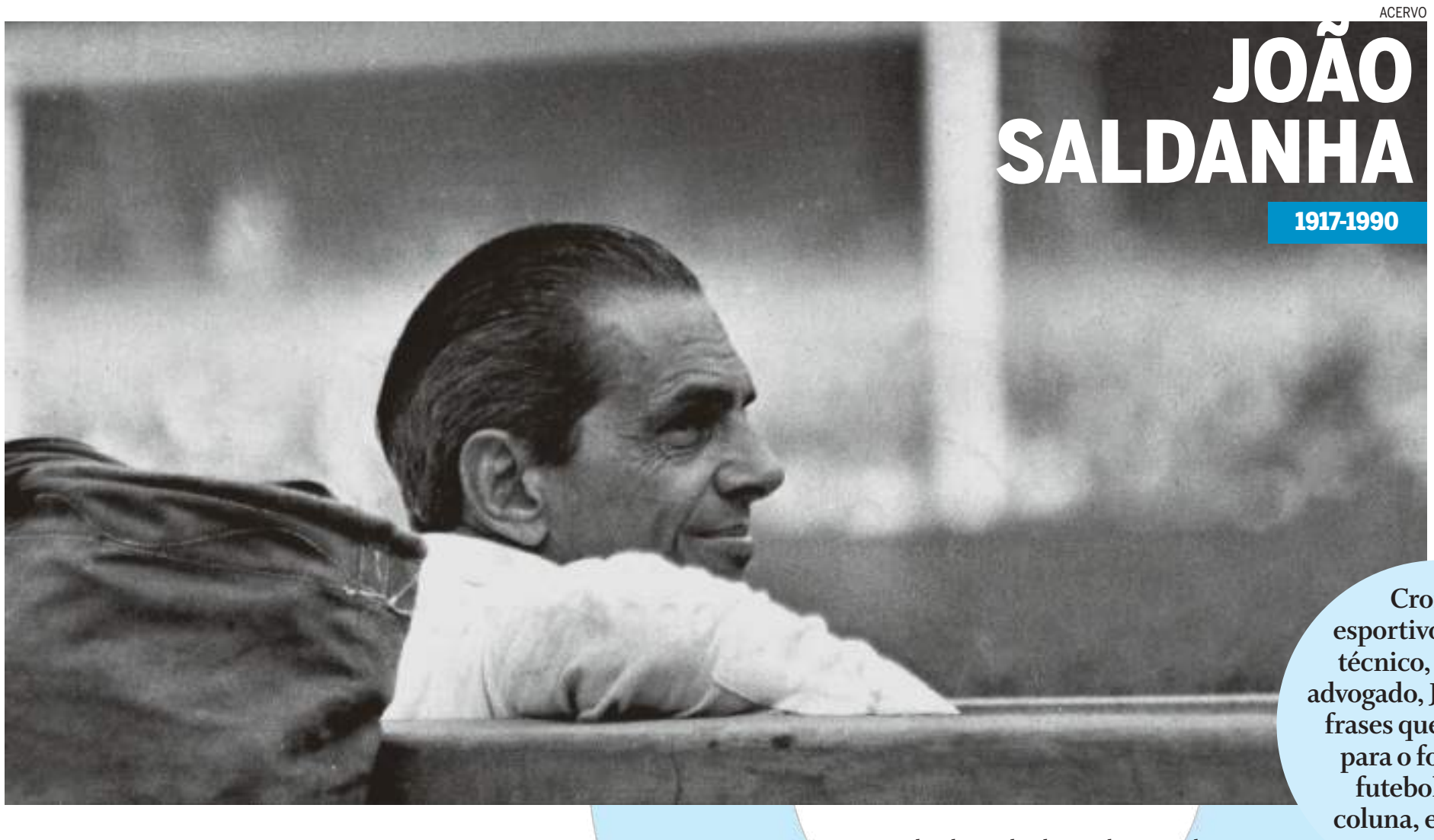
Entre um jogo e outro, dá tempo de ver o Louvre, Notre Dame, adquirir conhecimentos, mas com duas semanas não restam grandes atrações. Vitrines, passa longe, já tendo escolhido o perfume de Naná, um frasco tamanho família imitando a taça Jules Rimet. À noite compra um sanduíche de presunto e leva para comer na cama com o vinho, que encontra barato no supermercado. Vê a partida, qualquer partida, estuda a tabela, adormece assistindo a uns debates confusos, sonha com o matemático Oswald de Souza, acorda de madrugada com a garganta seca e o aparelho chuviscando. Aí toma água do frigobar, faz xixi na pia, torna a se deitar, apaga tudo. Custa a dormir porque tem pensamentos, e o quarto é abafado, os farelos da baguete pinicam a pele. Mulher, até agora não rolou. Também é verdade que não são dessas coisas que ouvia falar. A melhor que viu, na estação do metrô, era morena e talvez fosse carioca, vista de costas até lembrava Naná. Aproximou-se, quis puxar algum assunto, tossiu, de repente falou “nasceu o bebê da Xuxa”, mas a moça nem piscou, continuou olhando os trilhos com cara de doida.

Para ir a Marselha, o orçamento andava curto. Viu a derrota da ponta da cama e achou mesmo que voltaria mais cedo para casa, pois aquele timeco não ganhava nem do Chile. O hindu que manda no hotel talvez pensasse a mesma coisa, e solicitou em péssimo espanhol que ele pagasse sem embargo a quinzena vencida. Esgarçou o moletom ali na cara do hindu, sacou quinhentos dólares e quitou a conta. Era alta, por causa dos quinze telefonemas internacionais, e ele nem ao menos falava com Naná. Se bem que, só para deixar um beijo no coração e o telefone do hotel — que Naná pode ter perdido quinze vezes — tinha de ouvir umas músicas lentas que ela agora punha na máquina antes do bip. Jurou que nunca mais ligaria, mas não aguenta quando Cesar Sampaio abre o placar contra os chilenos. Secretária. É depois desse lance que, sem mais nem menos, dá pane na televisão, a imagem rateia, fica impossível ver o jogo. Muda de canal, e na tela só vê Naná. Dá um cascudo no aparelho, arranca o fio da tomada e continua a ver Naná na tela, corada, exuberante como em seus melhores momentos. Só que ela evolui num apartamento esquisito, e usa boné, usa short azul e camisa amarela, e grita que está maluca nos gols do Brasil.

Na noite de sexta-feira despiu a camisa para o exercício de torcer contra o Brasil, e era exatamente como se tivesse uma adaga enfiada entre as costelas. Porque a cada arrancada da seleção, sorria sem querer com o corpo inteiro, e se doía todo. Se era a Dinamarca que atacava, falava baixinho “dá-lhe, Dina”, e com isso a adaga se mexia ali dentro. Corria o segundo tempo, o jogo lá e cá, e ele já era um ser contorcido. Mas quando Rivaldo marcou o terceiro gol, saltou contra a vontade, deu um murro no teto, uivou, caiu prostrado na cama e pensou em Naná. Respirou fundo. Tomou um banho no fim do corredor e vestiu o terno xadrez. Saiu em direção a Pigalle, entrou numa boate chamada Les Chiens, pediu uma garrafa de champanhe em balde de gelo e convidou a garçonete para um brinde. Superpintada, voz grave e sensual, peitos grandes, a saia que era um lenço, quando cruzou as pernas parecia a atriz americana, exceto pelos joelhos que eram de jogador de futebol. Entornou três garrafas, deixou a espelunca chutando o balde, rodou pela cidade, voltou ao hotel dia claro. Sentiu culpa por ter feito mau juízo de Naná, telefonou para escutar os boleros e deixar um beijo no coração, mas foi Naná em pessoa quem atendeu, falou “viva o timeco”, soltou uma gargalhada e desligou sem esperar explicação. “Alô!, alô!, alô!”, gritou, e o hindu da portaria respondeu “si?”. Então mandou chamar um táxi para o aeroporto. Amontoou na mala as camisas imundas, as meias, as cuecas, o perfume de Naná, desceu as escadas, meteu as unhas no moletom, jogou os dólares na cara do hindu e saiu batendo a porta do Hotel Fraternité.

5 de julho de 1998

ACERVO



JOÃO SALDANHA

1917-1990

Cronista esportivo, jogador, técnico, político e advogado, João cunhou frases que entraram para o folclore do futebol em sua coluna, entre 1970 e 1974

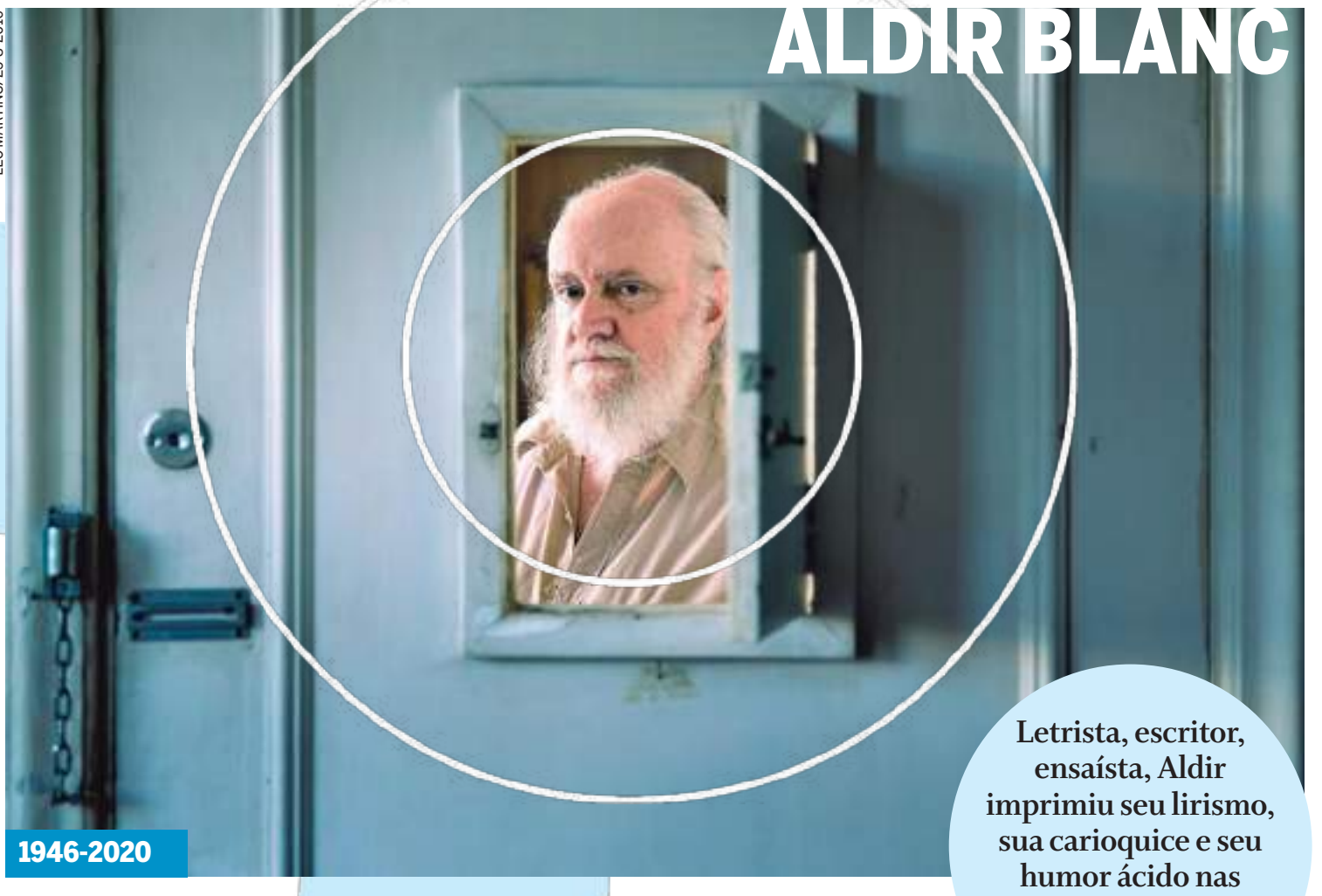
‘BOLEROS X CANCIONES’

O futebol está meio parado e as festas de fim de ano fazem aparecer em maior plenitude as escolas de samba como divertimento popular de primeira grandeza. Em nosso país o futebol é perfeitamente integrado ao samba. Quer dizer, em uma parte de nosso país. Sérgio Porto dizia muito bem: “O samba começa na Bahia e acaba em São Paulo.” Certo, é de chorar o ritmo do samba de São Paulo para “baixo”. É meio sobre o “caretê”, meio “xaxado” e, quando tem na bateria, um crioulo do Norte, nota-se, de leve, um ritmo que “mexe”. Mas o caso é o seguinte: a união que existe entre samba e futebol está provada no fato que todas as grandes escolas de samba do Rio de Janeiro tiveram sua origem em clubes de futebol. Quer dizer, nas horas de folga, ou futebol ou samba. Não é por outra razão que o Brito tira a camisa número dois de campeão do mundo, pega o tamborim, sobe no palanque da Mangueira no dia do ensaio e entra no grande desfile. O Jair também, se puder não perde o “forró”. Nunca fui a ensaio importante de “escola”, sem encontrar muito os jogadores de futebol, sambando na maior simplicidade. É que eles são “dali”. E ainda por cima aparecem os tais críticos severos, que talvez não tenham tido na infância e nunca roubaram uma fruta, com baboseiras de “desgaste”, “irresponsabilidade” e outras hipocrisias do gênero. Sem lembrar que os jogadores passaram o ano inteiro jogando de três em três dias e concentrados em quase todos os outros. Por outro lado, não conheço ninguém de escola de samba que não goste de futebol. Do Rio de Janeiro para cima, Sérgio Porto tem razão: futebol e samba estão perfeitamente integrados. Nas duas coisas, precisa muito ritmo e “malemolência”. Por isto andaram muito animados os ensaios das grandes. Portela, Mangueira e Salgueiro. Não vi Império nem a Vila mas garanto que também andaram por cima. Agora, depois do dia seis, e até a primeira semana de fevereiro, cai um pouco o ritmo. Depois, até o carnaval, “arrebenta para a frente”. E é de se ver a tristeza e frustração dos jogadores, que na hora do “Grande Forró” estão lá pela América Central escutando “boleros y canciones”.

15 de janeiro de 1971

NOSSOS CRONISTAS

ALDIR BLANC



LEO MARTINS/25-8-2016

1946-2020

Letrista, escritor, ensaísta, Aldir imprimiu seu lirismo, sua carioquice e seu humor ácido nas colunas que assinou entre 2010 e 2018

‘O BAR DOS SONHOS’

Meu amigo Fefê, filho do grande Isaac (várias vezes detentor do galardão “Mãe do Ano”), está no ramo de bares. Fechava as contas do Portão Vermelho com a mulher Lina, quando uma ideia genial o deixou paralisado.

Deu uma golada na Boazinha para se refazer e explicou o plano:

— Lina, vamos ficar ricos. Vou abrir outro bar.

— Você está maluco?

— Não. Vai se chamar Ao Bar e Não Bebi.

— ???

— Imagine aquele sujeito que sai domingo de manhã para comprar frango de padaria e volta na segunda, só com uma asa estragada. O pau come, com meu novo bar, essas crises conjugais acabarão.

— Fê, devo chamar o médico?

— Centenas de biriteiros voltarão para o lar triscados. A patroa: “Onde você esteve?” O cara: “Fui Ao Bar e Não Bebi.” Ora, vai ser chamado de mentiroso, pulha, canalha, alcoólatra, até a prova definitiva: “Você jura pela vida de nossos filhos?” E o bebum, solene: “Juro pela vida de nossos filhos, e pode botar a de mamãe nisso, que fui Ao Bar e Não Bebi.”

Querido Fê, os atletas do copo agradecem!

4 de dezembro de 2011

‘O GRANDE RATINHO’

As palavras da hora são inserção social. Vamos fazer uma aqui — infelizmente, póstuma.

Morreu Alcino Correa, o Ratinho, um dos maiores compositores do Brasil. Urge colocá-lo no lugar que merece. Português de nascimento, Ratinho era o mais carioca de nossos compositores. Esse homem de vontade férrea, revoltado com a situação caótica do direito autoral, preconizada pelos profetas (em causa própria) das “janelas para o futuro”, transformou sua casa na “Toca do Rato”, onde fazia shows, sempre privilegiando os amigos. Na reta final da vida, voltou a estudar para formar-se em Direito e “poder contribuir”. Ouvi estas palavras na minha casa quando gravava um depoimento sobre ele para um canal de TV da Terrinha. Também vi quando ele interrompia os papos comigo, tirava um pequeno gravador da bolsa e cantarolava. Não tocava instrumento algum. Inspiradíssimo, vivia compondo na condução, na rua, nos momentos mais inesperados, melodias, letras, ideias para o futuro. Deixa dezenas de sucessos entre centenas de composições, divididas com parceiros do calibre de Monarco, Zeca Pagodinho, Wilson Moreira, Guilherme de Brito, Noca da Portela, Arlindo Cruz e tantos outros que não caberiam no artigo. Venceu sete vezes o concurso para samba-enredo da Caprichosos, todos antológicos. Artista de fina inteligência, interpretava, com seu jeito modesto, o cenário da música popular de forma lúcida e original, com a percepção aguda de um Nei Lopes ou de um Caetano Veloso. É preciso lembrar que samba faz parte da música brasileira e que não vive, como querem alguns, num gueto metidinho na hora da premiação fajuta. Havia um toque de ferocidade na modéstia de Ratinho. Ela agredia a pompa dos pretensiosos feito bofetada de mão aberta em cara de vagabundo. Eu tinha verdadeira adoração por essa mistura de simplicidade aparente e criatividade imbatível. Fico pensando se Ratinho não era um de nossos raros artistas dotados da tal “força estranha”.

Eu gostaria de, por um segundo, acreditar que Ratinho encontrou as portas do céu abertas, cheirinho de rabada com agrião vindo lá de dentro, e ouviu de um São Pedro já meio triscado pelas caipirinhas:

— Luiz Carlos da Vila, Anescarzinho do Salgueiro, Guilherme de Brito, Candeia, a turma toda tá esperando na segunda nuvem à esquerda. Você deu um duro danado na vida, meu filho. Agora, entra e vai vadiar!

14 de novembro de 2010



UM SÉCULO QUE A ANJ TEM ORGULHO DE ACOMPANHAR, LINHA POR LINHA.





















A ANJ homenageia O GLOBO por transformar fatos em história, páginas em legado e jornalismo em futuro.

ANJ ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS

NOSSOS CRONISTAS

GENTE DO GLOBO

Histórias de alguns dos milhares de profissionais que fazem parte da trajetória centenária do jornal



Karolayne Guimarães
Técnica em segurança do trabalho
(última profissional contratada antes do centenário)

"Eu me formei em segurança do trabalho aos 18 anos. Passei por outras empresas e é a primeira vez que estou num jornal, uma experiência que não imaginava passar, que daria para ingressar aqui como segurança do trabalho, aos 26 anos. Foi uma surpresa boa. Estou no universo que eu adoro. Tenho muito interesse porque também faço Letras. Tenho acesso a livros e é uma honra fazer parte do grupo. Sempre quis estar em um grupo sólido, que me desse a tão sonhada estabilidade. Tenho muitas expectativas na Editora Globo. É tudo muito novo, ainda estou conhecendo as pessoas, mas estou aqui somente há duas semanas e já me sinto parte da casa."



Maria Eduarda Araújo
Estagiária da Diagramação

Este é meu primeiro estágio e, antes, participava de uma Bolsa de pró-docência na ESDI-Uerj. Soube do estágio por um professor. O processo seletivo durou menos de um mês e entrei no GLOBO em junho. Hoje dou auxílio à diagramação, cuido de demandas enviadas por editores. Alguns vão à nossa mesa para desenhar as páginas do jornal impresso, com escolha de posição de foto e arte. Precisamos pensar em como a página vai ficar boa esteticamente e com conteúdo de texto. Desde muito nova já consumia produtos do Grupo Globo, como a TV, e foi uma surpresa conseguir entrar aqui. Sempre gostei muito de diagramação e de editorial, coisas feitas à mão, de revistas e livros. Pretendo seguir por essa área e esse estágio só me faz ter mais certeza de que quero continuar seguindo."



Eurico Dantas
Repórter fotográfico (1938 - 2016)

Antes de virar mestre na arte de retratar a notícia, Eurico entrou em seu primeiro veículo de imprensa, O GLOBO, para ser contínuo, em 1953, aos 15 anos. O contato com craques da imagem o levou a iniciar a carreira de fotógrafo do jornal em 1962, aos 24 anos. Foram 48 anos de uma relação de amor com as lentes, e inúmeras premiações nacionais e internacionais. Eurico se orgulhava de ser o recordista de gols fotografados. Foram mais de 2,5 mil. A aposentadoria veio na década de 1990, mas ela não foi suficiente para tirá-lo de atividade. Ele foi para O Dia, onde comandou a equipe de fotógrafos por seis anos. Em seguida, foi convidado pelo Extra para ser editor de fotografia. Deixou o jornal em janeiro de 2011, aos 73 anos.



Antônio Carlos Miguel
Crítico de música e editor assistente (até 2011)

"Entrei no GLOBO em março de 1992. Já era crescidinho; tinha 38 anos e passagens por diversos veículos, como o Jornal da Tarde, de São Paulo, e as revistas Manchete e Fatos & Fotos. Sempre fui apaixonado por música, e por não ter capacidade de compor ou tocar, tornei-me um jornalista especializado no assunto. Embora já tivesse experiência, acho que foi no GLOBO que me tornei um jornalista de verdade. Antes, o que fazia era mais próximo de um fanzine, uma visão de fã. Na Redação, tive a oportunidade de trabalhar com grandes nomes do jornalismo e pegar gente nova e talentosa chegando à profissão. Como editor, pude ler textos de várias lavras, alguns muito melhores do que os meus, e crescer como jornalista."



Priscila Félix
Gerente do Departamento Jurídico

"Ingressei no GLOBO em janeiro de 2009 como estagiária do departamento jurídico e fui efetivada com menos de um ano, como advogada, atendendo a Redação. Para mim, foi uma grande conquista, pois sempre li O GLOBO de domingo. Eu prestava apoio em eventuais consultas para coberturas jornalísticas de temas mais complexos, e ver isso materializado em matérias era muito gratificante. Passei por todas as áreas e tenho muito orgulho de estar aqui, acompanhando essa evolução toda, ver como a gente se reinventou, com toda a evolução tecnológica. E demos suporte aos novos meios de negócio e plataformas. Hoje vejo o quanto O GLOBO continua com sua missão, de forma imparcial, levando para os leitores o que realmente importa."



Neusa de Sousa
Telefonista

"Através de uma agência de emprego, consegui um serviço temporário no GLOBO em 1994, como telefonista. Trabalhei três meses e, logo em seguida, abriu uma vaga definitiva, aí voltei no mesmo ano e fiquei até 2002. Nessa época, com internet ainda começando, atendia telefones da central de recados. Saí, trabalhei em telemarketing para um banco. Aí tive a oportunidade de voltar, em 2010, como terceirizada, ainda como telefonista, mas desde 2016 sou auxiliar administrativa na central de serviços do prédio. O que sempre me marcou muito foi a simplicidade do Doutor Roberto e de Rogério Marinho. Eles eram tão simpáticos, eram pessoas simples que tratavam os funcionários de igual para igual. Nunca pareceu que eles eram os donos."



Lygia Mello
Assistente-executiva de Roberto Marinho (1925-2009)

"Entrei na Revista Rio em outubro de 1949, até 1956, quando Doutor Roberto resolveu acabar com a revista, cuja circulação era pequena. Em 1957, eu estava livre, desimpedida, Doutor Roberto ligou para Henrique Pongetti e disse: 'Essa moça que trabalha aí, será que ela pode ser minha secretária?' Pongetti disse: 'Pode sim'. E então fui falar com ele. Um dia, tive de falar, numa palestra, sobre minha atuação como secretária. E descambei para falar de Doutor Roberto. E disse a eles que todo mundo acha que, por ser Roberto Marinho, ele consegue tudo na vida. Não é assim, não. Ele encontrou muitos obstáculos justamente porque era o Roberto Marinho. Mas ele nunca parou, sempre pulou por cima de tudo."
(Em depoimento ao Projeto Memória Globo em 2001)



Sergio Roxo
Repórter da sucursal de Brasília

"Entrei no Diário de S.Paulo em 2005, mas já sentava perto do GLOBO, pois os jornais dividiam a redação. O Diário foi vendido, a redação foi separada e fui chamado para trabalhar aqui na virada de 2009 para 2010. Eu trabalhava em jornal regional e mudar para um de expressão nacional foi a realização de um sonho. Aqui, cobri todos os acontecimentos políticos marcantes do Brasil, que já se estendem por mais de uma década: as manifestações de 2013, toda a Operação Lava-Jato, a prisão do Lula em Curitiba, as Eleições de 2022 e, nos últimos dois anos e meio, vim para Brasília cobrir o atual governo. Já estou há quinze anos no jornal. Conheci minha esposa aqui e hoje temos um filho que praticamente nasceu no GLOBO."



Bety Orsini
Repórter e colunista (1951-2016)

Com humor, carisma e delicadeza, Bety foi uma das grandes responsáveis por manter o sexo, os relacionamentos e a psicanálise em pauta. Começou a carreira no O Fluminense e trabalhou 14 anos no Jornal do Brasil, estando à frente de uma das colunas de maior sucesso da época, o Perfil do Consumidor, um ping-pong com perguntas irreverentes a celebridades. Começou no GLOBO em 1994, onde passou pelo Segundo Caderno, Prosa & Verso, trabalhou com Zózimo, na Coluna do Swann, de Alessandro Porro, e no caderno Ela. Também foi colunista do Jornal de Bairros Niterói. Paralelamente, manteve um programa na Rádio Globo, uma espécie de correio sentimental moderno.



Francisco Graell
Diretor (1928-2012)

"O Rogério Marinho, que era meu amigo desde os 13 anos, me pediu para conversar com o Roberto. Logo que me formei, fui trabalhar na Usina Hidrelétrica de Avanhandava, no Rio Tietê. Era o único engenheiro. O Rogério se entusiasmava com isso e contava para o Roberto. Um belo dia, o Roberto disse para ele: 'Mande esse gênio falar comigo, quero conhecê-lo'. O Rogério disse: 'Graell, vá devagar, não fale muito, não, o Roberto quer convidá-lo para ser gerente'. O Roberto daquele tempo, vocês não sabem a fera que era. Era de uma garra, de uma força. Tinha uns olhos enormes, quando olhava para a gente, quase nos magnetizava."
(*Em depoimento ao Projeto Memória O GLOBO*)

NOSSOS CRONISTAS



Marcelo Pontes
Repórter especial (até 1984)

"Vivi no GLOBO uma experiência de 11 anos (1973 a 1984), período de três ditadores: Médici, Geisel e Figueiredo. Comecei como repórter especial, no início da reforma do Evandro *(Carlos de Andrade)*. Havia incentivo para reportagens bem escritas e ousadas. Por exemplo: consegui na OAB depoimentos de dois presos políticos descrevendo torturas. O GLOBO os publicou na íntegra. Uma pancada na ditadura. Mas o jornal nada publicava sobre a volta do movimento estudantil. Uma matéria minha abriu uma brecha: contou em página inteira o que pensavam das manifestações os políticos importantes de então, que no passado haviam sido líderes estudantis. Título: 'Aos 18 anos foram incendiários; aos 40 são bombeiros'. E assim, nas entrelinhas, o movimento estudantil ganhou as páginas."



Cleide Carvalho
Repórter da sucursal de São Paulo (1962-2025)

A curiosidade pela informação sempre foi o combustível de Cleide Carvalho, repórter que trafegava com desenvoltura por diferentes áreas do jornalismo . Tinha interesse especial pelos indígenas e, em viagens pelo país, relatou a luta desse povo pela sua terra e contra exploração ilegal de madeira e garimpo. Escalada para cobrir a Operação Lava-Jato, dividiu seu tempo entre São Paulo e Curitiba, onde buscou novas fontes e escarafunchou bastidores, sempre à procura da notícia exclusiva. Cleide era generosa ao dividir suas fontes e ao ensinar o caminho das pedras aos colegas. Fez muitos amigos por onde passou, que sempre exaltaram seu amor e dedicação pelo jornalismo. Diagnosticada com câncer, enfrentou o tratamento sem perder o interesse pelo trabalho, mantendo o bom humor. Faleceu aos 63 anos.



Eliane Oliveira
Repórter especial em Brasília

"Quando entrei no GLOBO, há 34 anos, não tinha internet nem telefone celular, a gente brigava para pegar o orelhão primeiro e ligava a cobrar para a Redação. Em 1991, a gente saía com um computador que chamávamos de 'marmita', basicamente um teclado movido a pilha. Como não tinha internet, a gente enviava a matéria desmontando o bocal do telefone e plugando o que chamávamos de 'jacaré' para transmitir os dados. A outra grande mudança foi que a gente apurava o dia inteiro e só à noite parava para escrever e enviar a matéria, que sairia no dia seguinte. Hoje, não podemos mais sentar em cima da notícia, temos de disputar cada segundo. O jornalismo continua, nunca vai acabar, mas a forma como a gente transmite a notícia sofreu uma revolução."



Samantha Duarte
Diagramadora de Publicidade

"Entrei no GLOBO em 2000 como digitadora (freelance) na Área da Composição de anúncios. Em 2001, surgiu uma vaga na Área do Tráfego de anúncios. Disputei a vaga com seis pessoas, e graças a Deus fui selecionada. O que fez a coordenadora na época me escolher foi que, no teste de perguntas, havia uma questão que não dava bem para entender, pois o texto estava com as letras quase apagadas e eu deixei em branco. A coordenadora me chamou e questionou por que eu havia deixado de responder essa questão. Expliquei: 'como eu poderia responder se o texto estava ilegível?' Isso que fez a diferença para eu ser escolhida. Desde então estou há 25 anos no GLOBO. Sou muito grata e tenho muito orgulho de fazer parte deste time".



Elcio Braga
Repórter de videojornalismo

"Entrei no GLOBO a partir de 2014 por ter acreditado no jornalismo do futuro. Mas como assim? Desde 1988 trabalhava em jornais diários. Vivi os grandes momentos da imprensa escrita, com coberturas como as das chacinas da Candelária e de Vigário Geral. No entanto, a euforia das grandes tiragens dos jornais começou a ceder espaço para uma incógnita. No fim dos anos 1990, já se especulava sobre a extinção das edições impressas. Foi aí que pensei que precisava me adequar. Tornei-me um especialista em vídeos. O jornal em que trabalhava não quis apostar na área, e acabei deixando o emprego em 2012. Aí entrou O GLOBO. Fui convidado a participar de um novo e envolvente projeto de videojornalismo, onde permaneço até hoje, sempre — como defende O GLOBO — conectado com os novos tempos."



Luiz Fernando Manso
Diretor comercial de publicidade

"Cheguei na área comercial do GLOBO em setembro de 2006, poucos meses após o nascimento do meu segundo filho, Guilherme. Me surpreendeu a vibração do time de vendas: Classifone, classificados, noticiário, todos comprometidos e empenhados, saindo cedo e voltando no final da tarde com os pedidos dos clientes. Muitos pedidos! O tempo passou, mas viver essa pulsação faz o nosso dia a dia ser especial. Somos especialistas em contar histórias, preferimos as boas, mas aprendemos muito com as demais. E o GLOBO sabe contar todas elas com qualidade. O nosso mercado anunciante comprova isso. Pelo jeito, essas histórias inspiraram o meu filho, que hoje faz jornalismo, para, quem sabe, fazer parte da história dos próximos 100 anos do GLOBO."



Aldivo Canesso Neto
Coordenador de Operações Comerciais

"Com quase cinco anos de empresa, é interessante como é possível sentir a presença do Doutor Roberto Marinho. Sempre me chamou a atenção como funcionários mais antigos, que conviveram com ele, contam suas histórias com carinho, admiração e saudade. Em todas as passagens, o lado humano do Doutor Roberto vem à tona. Outro ponto é seu legado profissional no ambiente de trabalho. O apetite pela informação, a paixão pela comunicação, o olhar inovador e o amor pela empresa são perceptíveis nas ações do grupo. O Doutor Roberto está dentro de cada um dos profissionais do GLOBO e estar aqui, ainda mais participando da produção desta edição histórica de 100 anos, me traz muito orgulho e gratidão."



André Machado
Repórter (1962-2021)

Especialista em rock e em tecnologia, André Machado, ou André Barba, como chamavam os amigos, começou na carreira cobrindo o Rock in Rio. Em janeiro de 1985, na primeira edição do festival, tentava conter o entusiasmo nas entrevistas do grupo australiano AC/DC e de outros ídolos do rock. No fim dos anos 1990, voltou-se para a tecnologia e jogou luz sobre um assunto que era dominado por termos estrangeiros. — André conseguiu levar muito da visão dele de tecnologia e fazer com que O GLOBO tivesse o olhar do impacto social, cultural, transformador das tecnologias muito antes que isso se tornasse evidente. Foi um precursor — ressalta Carlos Afonso, professor da Uerj. André morreu vítima da COVID-19 em 2021, aos 58 anos.



Nelson Motta
Colunista

Uma das personalidades mais ativas e longevas da cultura brasileiras, o jornalista, escritor, letrista, produtor musical, teatrólogo e dono de outros predicados começou a escrever no GLOBO em 1973, com uma coluna que levava seu nome: "Devido ao *big-su* causado por suas primeiras aparições em Paris (*canjando* no show dos Etoiles e de Nazareth), Alceu Valença prolonga por mais uma semana o show que está em cartaz desde fevereiro, no Teatro Campagne Première, acompanhado do guitarrista Paulo Rafael" — escreveu ele em 27 de março de 1979. No último dia 15 de julho, sua coluna, sob o título "Tralhas e tranqueiras", falava do desapego de objetos como livros, LPs e CDs. Aos 80 anos, sempre um homem de seu tempo.



Luiz Ernesto Magalhães
Repórter

"São 22 anos e meio de GLOBO, e houve uma transformação em relação à maneira como você cobre os fatos e como a tecnologia impacta nosso trabalho. Se, por um lado, ela facilitou muito a apuração, por outro se tornou um desafio separar o que é *fake news* do que é assunto sério. Isso exige muito mais que o repórter cheque as informações, especialmente para quem cobre administração pública, como eu. São três gestões do Cesar Maia, uma do Conde, uma do Crivella e quatro do Eduardo Paes. O convívio com o poder é ao mesmo tempo respeitoso e conflituoso, porque o objetivo é mostrar se há falhas e problemas, e diversas vezes eles acabaram voltando atrás em decretos e projetos de lei depois que mostramos que estavam errados".

O Globo nos inspirou. O jornalismo nos uniu.

Homenagem do Grupo RBS aos 100 anos do jornal O Globo.

Sempre à frente do seu tempo, o jornal **O Globo redefiniu o papel da imprensa no Brasil**. Hoje, depois de um século de história, continua inovando, antecipando tendências, contribuindo para o debate público e acompanhando a evolução da sociedade.

A sua trajetória também nos inspirou e segue nos motivando a fortalecer, todos os dias, o **jornalismo profissional, plural** e **independente** que nos une. **Temos orgulho em viver juntos grande parte dessa história**.

Parabéns, O Globo!

Primeira capa do jornal O Globo, em 29/07/1925

Grupo RBS
A gente vive junto.